



Silvio Meira

Os Náufragos do Carnapijó

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

359

ism Instituto
Silvio Meira

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Este livro apresenta, através do colorido da ficção, uma realidade histórica.

O extremo-norte do país sempre viveu isolado dos centros de decisão e de governo. Nos tempos coloniais, a região amazônica se comunicava com mais facilidade com Lisboa do que com a Bahia ou o Rio de Janeiro. A Independência, alcançada em 7 de setembro de 1822, ali só chegou em 15 de agosto de 1823. Sem fácil comunicação, a Amazônia teve que viver a sua vida. Durante o Império e as duas primeiras repúblicas (quantas são, afinal, as repúblicas?), sua atração, sua fonte de civilização, era a Europa, especialmente Paris. O Teatro da Paz é um exemplo arquitetônico dessa fase. Isolada, abandonada, às vezes desprezada, o único meio de acesso era o marítimo, em longas e penosas viagens, do Rio de Janeiro a Belém. O insulamento provocou muitos males: a carência de recursos, o comércio ilícito com as Guianas e o Caribe, o caciquismo político, com a dominação estúpida do homem pelo homem, a criação de figuras grotescas de líderes violentos e, às vezes, desumanos. A história revela vários. Correu sangue, incendiaram-se jornais, mataram-se inocentes, violentaram-se direitos. No interior, os fatos se repetiam anonimamente. A região oferece um campo vastíssimo para a literatura de ficção, ainda não explorado totalmente. A Amazônia não é apenas lenda: há um mundo de temas históricos, sociais, políticos, morais e econômicos a explorar, especialmente por escritores que ali tenham vivido e sofrido.

Os náufragos do Carnapijó



Senado Federal

Mesa

Biênio 2025/2026

Senador Davi Alcolumbre

Presidente

Senador Eduardo Gomes

1º Vice-Presidente

Senador Humberto Costa

2º Vice-Presidente

Senadora Daniella Ribeiro

1ª Secretária

Senador Confúcio Moura

2º Secretário

Senadora Ana Paula Lobato

3ª Secretária

Senador Laércio Oliveira

4º Secretário

Suplentes de secretário

Senador Chico Rodrigues

Senador Styvenson Valentim

Senador Mecias de Jesus

Senadora Soraya Thronicke

Conselho Editorial

Senador Randolfe Rodrigues

Presidente

Esther Bemerguy de Albuquerque

Vice-Presidente

Conselheiros

Alexandre de Souza Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flavia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Caichiolo

Esmeraldina dos Santos

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Vaz Chervenski

Victorino Coutinho Chermont
de Miranda

Silvio Meira

Os naufragos do Carnapijó



Edições do Senado Federal
vol. 359

Brasília, 2025



Edições do Senado Federal, vol. 359

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Arquivos cedidos pelo Instituto Silvio Meira (ISM)

Organização e revisão: Cristiano Ferreira

cedit@senado.leg.br

<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1>

Todos os direitos reservados

Secretaria de Editoração e Publicações

Capa: Leonardo Matoso

Projeto gráfico: Eduardo Franco e Leonardo Matoso

Diagramação: Eduardo Franco

Revisão: Mariana Sanmartin, Rebeca Siqueira e Rodrigo Barreto

Revisão técnica: Bárbara Tavares

© Senado Federal, 2025

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

Meira, Silvio A. B., 1919-1995.

Os naufragos do Carnapijó / Silvio Meira. — Brasília : Senado Federal, 2025.
483 p. — (Edições do Senado Federal ; v. 359) (COP 30)

ISBN: 978-65-5676-666-9

1. Conservação da natureza, Brasil. 2. Literatura, Brasil. 3. Romance, Brasil.
I. Título. II. Série.

CDD 333.72

Aos amigos
Professor Deolindo Couto,
General Olívio Vieira Filho e
Dr. Oswald Moraes de Andrade,
grandes estudiosos,
na qualidade de médicos,
dos dramas humanos,
objeto deste livro.

Sumário



Apresentação da Coleção COP 30	9
Prefácio	13
Nota do Instituto Silvio Meira	19
Primeira parte	29
1 Aurora para um naufrago	31
2 Entre o céu e a terra	37
3 Destino sobre as ondas	49
4 As filiais do inferno	57
5 Crepúsculo	83
6 Veredas de um outro mundo	107
7 Entre a alma e o corpo	121
8 A liberdade, La Belle	145
9 Províncias de um submundo	159
10 Regresso à pátria	165
Segunda parte	173
11 A volta ao lar	175
12 As forças do mal	183
13 O alegre submundo	199
14 A ascensão	213
15 Novas aventuras	229
16 A hora do adeus	235
17 Outros horizontes	245
18 Tentação, tentações	263
19 Os heróis e a heroína	279
20 Viva o Chefe!	305
21 Sob o manto da noite	315

22	Têmis cega	323
23	As pedras do xadrez	331

Terceira parte	341
-----------------------------	------------

24	As veredas do inferno	343
25	Os marginais	351
26	Os insensíveis	361
27	O bem e o mal	369
28	Até as cigarras querem a liberdade	385
29	Sangue e fogo na antemanhã	399
30	A romaria	413
31	Mundo, vasto mundo	433
32	Ressurreição e vida	451
33	Os alegres suicidas	457
34	Antes morrer na aurora	471

O autor e sua obra	483
--------------------------	-----

Apresentação da Coleção COP 30



A realização da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30), pela primeira vez sediada na Amazônia brasileira — em Belém, no estado do Pará —, representa um marco histórico e uma oportunidade singular para o Brasil reafirmar seu compromisso com a preservação ambiental e com a construção de um futuro sustentável e justo. Em um mundo cada vez mais impactado por eventos extremos, como secas prolongadas, inundações, incêndios florestais e avanço do nível dos oceanos, a conferência desponta como espaço crucial para reverter trajetórias de destruição e reafirmar o compromisso global com a sustentabilidade. Esta cúpula multilateral carrega a responsabilidade de transformar promessas em ações concretas. O que está em jogo não é apenas o futuro das próximas gerações, mas o presente de milhões que já enfrentam os efeitos da degradação ambiental.

É nesse contexto que o Conselho Editorial do Senado Federal lança a Coleção COP 30, um conjunto de obras que expressa o esforço do Parlamento em contribuir com o debate climático a partir de múltiplas perspectivas: científica, literária, educativa e política.

Destaco, com especial alegria, que Macapá — a capital do meu amado estado — será subsede dessa conferência histórica. Para nós, amapaenses, que vivemos no estado mais preservado do Brasil, trata-se de uma ocasião ímpar para apresentar ao mundo nossas riquezas naturais, nossa cultura vibrante e o valor da nossa gente. Somos guardiões de parques, de unidades de conservação, de rios que alimentam a terra e o espírito. Somos prova viva de que é possível manter a floresta em pé e, ao mesmo tempo, construir um modelo de desenvolvimento baseado nos frutos da floresta e nas potencialidades do território. Aliás, quem nunca viu o Amazonas não conhece o Brasil em sua inteireza. Ser banhado por esse rio é um privilégio imensurável. A COP 30 será também o momento de mostrar nossas urgências. Nosso povo precisa de dignidade, de oportunidades, de justiça



social. Preservar a floresta é inadiável; garantir justiça para quem nela vive é igualmente essencial.

A coleção apresenta reflexões sobre a Amazônia em toda a sua complexidade humana, cultural e ambiental. Reúne narrativas que resgatem memórias e vivências das populações tradicionais, análises profundas sobre a realidade socioambiental brasileira e textos voltados à educação e à sensibilização das novas gerações. Essas obras revelam os desafios enfrentados pelo país diante das mudanças climáticas, ao mesmo tempo que apontam caminhos possíveis para uma transição justa, com metas efetivas de redução das emissões de gases de efeito estufa, ampliação do uso de energias renováveis, preservação de ecossistemas e fortalecimento de políticas públicas voltadas à adaptação dos territórios e à proteção das populações mais vulneráveis.

A emergência climática impõe também a mobilização de recursos financeiros para que países em desenvolvimento possam implementar medidas concretas de mitigação e adaptação, de forma justa e equitativa. Como alertou o Papa Francisco, em sua memorável encíclica *Laudato Si'*, “o impacto mais grave das mudanças climáticas recai sobre os mais pobres”. Por isso, qualquer solução ambiental verdadeiramente sustentável deve estar comprometida também com a superação das desigualdades sociais entre pessoas e entre nações.

Nesse sentido, os livros da Coleção COP 30 dialogam com as discussões mais atuais sobre financiamento climático e sobre a urgência de mecanismos internacionais mais eficazes e solidários. Ao mesmo tempo, reforçam a centralidade da justiça climática, compreendida como a garantia de que nenhuma comunidade seja deixada para trás, especialmente aquelas que, historicamente, mais contribuíram para a preservação dos ecossistemas: povos indígenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas e demais grupos tradicionais.

A COP 30 convida o mundo a escutar a floresta e seus guardiões, a considerar o saber ancestral em diálogo com a ciência e a construir pactos justos e eficazes em defesa da vida no planeta. A escolha da Amazônia como sede não é apenas simbólica: representa o reconhecimento da centralidade dos biomas tropicais e da urgência em protegê-los. Afinal, o que acontece na Amazônia repercute em todo o planeta.

Com títulos como *Estudos da Amazônia Contemporânea*, *Cuidando da Nossa Terra*, *30 Anos de Floresta*, *Os Balateiros do Maicuru*, *Os Naufragos do Carnapijó*, *O Ouro do Jamanxim* e as versões adulta e infantil da *Carta da Terra*, a coleção propõe uma visão ampla, plural e engajada do papel do Brasil — e de suas instituições — no enfrentamento da crise climática. Inclui ainda a *Coletânea Chico Mendes*, com seis volumes dedicados à vida, à luta e ao legado de um dos maiores defensores da floresta e dos povos amazônicos, além da *Coleção Amazoniçidades*, que valoriza os saberes locais e a diversidade cultural da região.

Mais que um conjunto de publicações, a Coleção COP 30 é uma contribuição concreta do Senado Federal para a construção de uma consciência climática pautada na ciência, na democracia e nos direitos humanos. É a expressão de um compromisso com o futuro — um futuro que precisa ser construído agora, com responsabilidade, coragem e solidariedade.

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal

Prefácio



Soa para minha alma, como se fosse um galardão, o honroso convite de prefaciар esta reedição histórica do romance amazônico *Os naufragos do Carnapijô*, de Silvio Augusto de Bastos Meira, a mim dirigido por seu neto André Augusto Malcher Meira, presidente do Instituto Silvio Meira – Academia de Direito. Louve-se a decisão do Senado Federal em reeditá-la.

Apraz-me o convite a construir estas palavras introdutórias porque se trata de romance cuja trama se passa na minha região, no meu solo-mãe – a Amazônia! Esse lugar tão misterioso, lendário, poético e recôndito de segredos é espaço fecundo para narrativas literárias. Muito já se produziu tendo a Amazônia como cenário, e muito ainda há de se produzir.

A cena literária desenhada para inaugurar a obra é viva realidade experimentada na região. O romance, que se situa nas décadas de 1940, 1950 e início da de 1960, tem na personagem Estêvão o maior protagonista e personifica uma realidade existente desde sempre até os dias correntes, pois o enredo da trama é um câncer social que a obra denuncia – o comércio de contrabando e entorpecente.

O primeiro capítulo – “Aurora para um naufrago” – expõe uma condição muito comum. É que Estêvão tem o barco pesqueiro *Nova Esperança* naufragado, devido a uma tempestade, e quase morre, sendo resgatado por três americanos. A partir daí, a evolução dos sucessivos acontecimentos e ações destinam Estêvão a passar a viver em negócios do submundo do crime.

Esquecida e abandonada pelo poder central brasileiro, no romance e na realidade, sendo um o espelho da outra e vice-versa, a Amazônia é palco livre para o trânsito do crime de tráfico de drogas, hoje em dia com conexões com máfias internacionais de droga.

Esses aspectos são retratados por Silvio Meira no romance. A sombria realidade contemporânea do crime internacional vivenciada na região amazônica vem contemplada em *Os naufragos do Carnapijô*.



No enredo ficcional, o naufrágio é o ponto fulcral porque a partir dele foi dado rumo ao destino da personagem central, Estêvão, após seu salvamento, num misto de evidências que a vida dos amazônidas está umbilicalmente vinculada à vida dos rios e que estes são também meio de morte dos amazônidas.

As passagens de descrição geográfica regional no romance mostram contornos da exuberância amazônica revelada pela natureza, mormente os caudalosos rios navegáveis e sua força, o intricado recorte geográfico com furos e igarapés, como sói acontecer na narrativa da foz do rio-mar Amazonas com suas particularidades, que o olhar perspicaz de Silvio Meira traduz através de um personagem que demonstra ter profundo conhecimento de navegação na área quando, por exemplo, o comandante da embarcação explica que a foz do Rio Oiapoque (extremo norte) é cheia de bancos de areia, cercada de lamaçal. E acrescenta que tem lama no Rio Cassiporé e no próprio Rio Amazonas, além de pedras no fundo, bem como alerta para os canais na área.

Carnapijó, Cassiporé, Oiapoque e tantos outros rios, riachos, igarapés, lagos, lagoas, ao lado do rio-mar Amazonas, compõem um potencial de água que constitui o maior reservatório de água doce do mundo, porquanto 13% da água doce do planeta está na Bacia Amazônica.

Ficção construída em espaço de realidade, a obra não deixa de reconhecer que os rios permeiam a densa floresta ornada de versáteis plantas típicas e com seus coloridos e variados pássaros e animais selvagens, conjunto natural vitalizado pelo ar purificado que flui de mãos dadas com o sol a desvirginar a floresta, cuja riqueza empresta à humanidade fonte de saúde e beleza.

O isolamento da Amazônia é histórico. A região sempre foi e é invisível aos olhos do centro de decisões do país. Enquanto Brasil-Colônia, Império, República e até hoje, a região amazônica tem o caráter de colônia: de início, subjugada ao reino de Portugal; após a Independência, ao poder imperial brasileiro; e, na República, ao poder central. É um vício histórico inarredável!

Esta condição de “distância”, resultado da invisibilidade do poder central, guarda problemas autóctones com delicados contornos. A Amazônia segreda muitos objetos de desejo, mas os maiores são o minério e a madeira.

A fantástica riqueza mineralógica regional representada pelo ouro não é a única a atrair cobiça, pois há em abundância, ainda, o ferro, o manganês, o alumínio, a bauxita, entre tantos outros.

Na região, vigorosa é também a exploração madeireira. A cobertura vegetal é formada de madeira de lei de excelente qualidade. A ganância faz o homem praticar a exploração predatória de corte raso de madeira, com consequente desaparecimento de animais que habitam o local, dando lugar a pasto e caça inadequados ao meio ambiente, e alterando o regime de chuvas tão característico da região, vindo, ao cabo, trazer desequilíbrio ao ecossistema. O desmatamento e a queimada continuam a ser a principal fonte de impactação ambiental na maior floresta tropical do mundo.

E muitos outros males sociais são experimentados na Amazônia, a exemplo da invasão de terra indígena, do trabalho escravo, da grilagem de terras, sendo que esse quadro contribui para nefastas consequências de destruição ambiental sentida na degradação da qualidade de vida da geração presente com comprometimento para as gerações futuras, o que promove, então, crise ambiental intergeracional.

O crime de contrabando retratado em *Os naufragos do Carnapijó* é praticado no tráfego rotineiro entre Belém, capital do estado do Pará, situada na foz do Rio Amazonas, Guianas, Caribe e Miami. Nas décadas de 1940, 1950 e 1960 do século 20, o contrabando grassava no Norte do Brasil em negócios com esses países. Do Pará, seguiam castanha-do-pará, café, cacau, couro, pedras preciosas, gado em pé ou até mudas de pimenta-do-reino, afora o tráfico de mulheres, em especial para Caiena e Paramaribo; de fora do país, vinham bebidas, perfumes, eletrodomésticos, cigarros, roupas, automóveis. Tal realidade não fugiu aos olhos de nosso prestigiado autor ora homenageado.

A obra ilustra significativa farsa para mostrar o embarque do contrabando de produtos brasileiros saídos de depósito situado em Belém, no bairro da Sacramenta: saem caminhões, sendo dez abarrotados de produtos amazônicos contrabandeados destinados, por estrada, a um porto soturno e longe da fiscalização ou da polícia, mas um caminhão, sem carga alguma, serve para vedar o caminho, ficando no início da estrada, atravessado, como se estivesse no *prego*, impedindo qualquer circulação de veículos. Enquanto

isso, os demais dez caminhões seguem para o porto, onde já se encontra ancorado o barco de grandes proporções que levará a muamba ao destino final, comandado por um libanês que gostava de pronunciar nomes pornográficos.

Nessa cena, as mercadorias eram duas mil sacas de café desviadas de algumas firmas que recebiam legalmente do Instituto Brasileiro de Café para distribuir pelo interior do estado, quinhentas sacas de cacau do Tocantins e Baixo-Amazonas, duas mil mudas de pimenta-do-reino para plantação e maleta com pedras preciosas.

O comércio do contrabando estava irmanado de outra prática criminosa mais grave: o tráfico de drogas. No romance, Silvio Meira protagoniza Estêvão narrando que seu leque de negócios prosperava a galope: eram empresas de turismo com fretamento de aviões e navios para temporadas na Europa e Caribe, sendo que, mascarado pelo turismo, praticava crimes de contrabando, tráfico de drogas e de mulheres para as boates de Caiena; em suas drogarias, era comercializada heroína, a droga usada na época, que seus empregados julgavam ser vitamina B12.

A argúcia de Silvio Meira não deixou de tratar da fragilidade humana através da personagem principal, em muitas passagens. Um exemplo é o drama em sua alma que lutava entre dois Estêvãos que abrigava: um, quando foi seminarista, na juventude, puro crente em Deus e que, volta e meia, recordava a vida modesta e escorreita que levava; e, agora, o outro Estêvão que apostava nos riscos que o diabo lhe apresentava, mas gozando vida luxuosa e nababesca. Em outro momento, o romance revela a dualidade do comportamento de Estêvão, na medida em que, na sua vida faustuosa, tinha amante e muitas mulheres em Caiena e por onde andava, mas só se sentia seguro e em paz consigo mesmo ao lado da mulher, Linda, e de seu filho, no aconchego do lar, em Belém.

Endinheirado, Estêvão se lança na política, até porque a política apoiaria os seus negócios espúrios, seja através do tráfico de influência, seja pela corrupção, triste realidade comum até os dias de hoje. Mas todas as passagens envolvendo esses e tantos outros assuntos que enriquecem a trama do romance conduzem o leitor a um ponto: a força das águas amazônicas simbolizada pelo Rio Carnapijó.

Os contrabandistas que salvaram Estêvão do naufrágio serviram, paradoxalmente, como alçapões de seu suicídio, levado pelo abandono de sua família, apesar de toda a luxúria que ostentava. *Os naufragos do Carnapijó* é ficção, mas entrega, com muita propriedade, um autêntico documento sobre a vida do crime nos rios amazônicos.

Com mais esta obra, Silvio Meira fortalece sua qualidade de romancista amazônico, sendo sua segunda nesta condição por ter publicado a primeira, *O ouro do Jamaxim*, pela qual recebeu, em 1972, o prêmio Menção Honrosa no Prêmio Nacional de Ficção do Instituto Nacional do Livro, o que não admira por ter sido Silvio Meira detentor de dezenas e dezenas de conquistas literárias, como o Prêmio Odorico Mendes, da Academia Brasileira de Letras, pela tradução direta do alemão do clássico *Guilherme Tell*, de F. Schiller, conquistado em 1970.

O leitor que iniciar a degustar *Os naufragos do Carnapijó* o fará de uma única sentada, pois não conseguirá deixar de lado a trama desenvolvida na narrativa ficcional por não conter a curiosidade de saber o próximo desenrolar das ações.

A conferir!

Antonio José de Mattos Neto

Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo (USP), professor titular da Universidade Federal do Pará (UFPA) e da Universidade da Amazônia (Unama), jurista, membro da Academia Paraense de Letras, da Academia Paraense de Letras Jurídicas, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, do Instituto Silvio Meira – Academia de Direito e da Associação Portuguesa de Escritores (APE).

Nota do Instituto Silvio Meira



Apresentar esta magnífica obra, *Os naufragos do Carnapijó*, escrita pelo meu avô Silvio Augusto de Bastos Meira, que compõe a premiadíssima *trilogia de romances amazônicos*, é, ao mesmo tempo, tarefa fácil, mas também tarefa difícil, pela ligação familiar e, ainda, profissional. Um agradecimento especial ao Conselho Editorial do Senado Federal, por ter abraçado este projeto e este sonho com tanto carinho.

Este livro representa o lado romancista do autor, amazônida de coração e nascerça, já consagrado jurista e romanista, pesquisador indelével, quando decidiu romancear os problemas oriundos da navegação nos rios da Amazônia.

O autor desta obra, o saudoso professor Silvio Augusto de Bastos Meira, nome literário Silvio Meira, advogado, professor catedrático e emérito da UFPA, jurista, jurisconsulto, humanista, germanista, romancista, escritor. Homem de todas as letras. Filho do senador Augusto Meira com Anésia de Bastos Meira, nasceu em Belém do Pará no dia 14 de maio de 1919. Em 1924, iniciou os estudos primários no Instituto Vieira, concluindo em 1929. No ano seguinte, aos 11 anos, ingressou no Gynásio Paraense (Colégio Paes de Carvalho), onde organizou um jornal intitulado *Nihil*, com seis exemplares. Em 1935, aos 16 anos, termina o curso ginásial e realiza o curso pré-jurídico, quando inicia os estudos na língua alemã com a professora Otilia Müller Schumann. Aos 18 anos, escreve seu primeiro livro, *A conquista do Rio Amazonas*, em que conta a história do navegador Pedro Teixeira, e, aos 19, escreve seu primeiro romance, *Mato Grande*, inédito até hoje, quando, também, teve publicado no importante *Jornal do Commercio* um trabalho sobre Frederico Schiller, de sua autoria. Em 1937, ingressa na Faculdade de Direito do Pará. Em 1940, ainda acadêmico de Direito, realiza concurso para o Ministério do Trabalho, conquistando o primeiro lugar entre 400 candidatos, assumindo como secretário do Tribunal Regional do Trabalho. Gradua-se em Direito no ano de 1942, com o título de “laureado”, sendo o



orador oficial da turma. Em 1943, desliga-se do Tribunal do Trabalho e é nomeado diretor da Junta Comercial do Estado do Pará. Inscrito na OAB-PA sob o nº 305, foi advogado militante por mais de 30 anos. Completou seus estudos humanísticos em bolsa de estudos na Alemanha, França e Itália, nos anos de 1957 a 1962. Em todas as missões ao exterior, manteve contato pessoal com eminentes romancistas, tendo várias de suas obras traduzidas para vários idiomas.

Projetou-se no Pará como legislador (constituente de 1946), presidente da comissão que elaborou o projeto da Constituição Política do estado em 1947 e membro da que elaborou a de 1967. Presidente da Comissão de Constituição e Justiça, contribuiu para a redação do Código Civil de 2002. Foi presidente do Instituto dos Advogados do Pará (IAP) e vice-presidente da OAB-PA na gestão de Daniel Coelho de Souza e Eglydio Salles. Silvio Meira também foi deputado estadual (líder da maioria), consultor-geral da Prefeitura de Belém, consultor-geral do estado, membro do Conselho Estadual (desde a sua fundação em 1969) e do Conselho Federal de Cultura (1971 a 1977), bem como 1º suplente de deputado federal e de senador da República.

Além dos inúmeros cargos que exerceu, era membro de várias entidades culturais, nacionais e estrangeiras, tais como a Academia Brasileira de Letras Jurídicas (fundador, na cadeira nº 5), Academia Brasileira de História, Instituto dos Advogados Brasileiros (do qual foi orador oficial por muitos anos), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (e de vários estados, como o do Pará), Academias de Letras (Carioca, Pará, Acre, Paraíba, Alagoas e outras), Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, Sociedade Brasileira de Romanistas, foi presidente da Associação Interamericana de Direito Romano, bem como membro honorário da Academia Paraense de Letras Jurídicas. Com mais de 50 títulos e diplomas honoríficos, entre eles o diploma “Al Mérito” da Universidade Autônoma e da Universidad Veracruzana do México; “Palma de Ouro”, da UFPa; “Ami de Paris”, do Conselho Municipal de Paris; “Medalha do Mérito”, da Universidade Federal de Pernambuco; “Medalha Osvaldo Vergara”, da OAB-RS; “Medalhas do Centenário de Rui Barbosa”, do Centenário de Plácido de Castro; Cidadão Carioca, pela Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara; “Medalha José Veríssimo”, da Academia Paraense de Letras; “Medalha Cultural Augusto Meira”, do Conselho Estadual

de Cultura; Diploma de Cidadão Petropolitano e “Prêmio Clio”, da Academia Paulista de História (1991), entre tantos outros. Recebeu quatro prêmios da Academia Brasileira de Letras (Odorico Mendes, Aníbal Freire, Alfredo Jurzikowsky e a mais alta comenda cultural brasileira, a “Medalha Machado de Assis”, pelo conjunto da obra). Nas Letras Jurídicas, é o único paraense a receber as três maiores comendas do país: o “Prêmio Pontes de Miranda”, da Academia Brasileira de Letras Jurídicas (1980), o “Prêmio Teixeira de Freitas”, do Instituto dos Advogados Brasileiros (1971, indicado por 36 juristas) e o “1º Prêmio Brasília de Letras Jurídicas”, do Clube dos Advogados do Distrito Federal (1977). Nos anos 1970, cursou a Escola Superior de Guerra, sendo orador da turma.

Como professor, em 1947 foi contratado para lecionar Direito Civil e, em 1955, começou a lecionar Direito Romano, conquistando a cátedra da disciplina em 1958 com a tese “A Lei das XII Tábuas – Fonte do Direito Público e Privado”. Em 1989, foi elevado a professor emérito da UFPA. Silvio Meira, sobretudo, era um germanista. A convite do governo alemão, estudou e visitou as universidades de Bonn, Hamburgo, Berlim, Munique, Bochum, Heidelberg, Constanza, Instituto Max Planck, entre outras. Traduziu, do original, a obra-prima *Fausto*, de Goethe, em versos rimados (5 edições), merecendo por essa tradução os aplausos de eminentes homens de letras brasileiros. Traduziu, também, o drama *Guilherme Tell*, de Frederico Schiller (2 edições), sendo premiado pela Academia Brasileira de Letras. Sobre a cultura tedesca, ainda publicou a bela obra *Estudos camonianos e goethianos*. Pelas suas realizações no campo germanístico, recebeu a mais alta comenda cultural alemã, a medalha “Verdienstkreuz”, a Cruz do Mérito da antiga República Federal da Alemanha, em 1ª classe. Sobre a tradução do *Fausto* feita por Silvio Meira, escreveu o saudoso Carlos Drummond de Andrade: “Não preciso dizer-lhe do interesse que me despertou a recriação, em vernáculo, da obra-prima alemã, interpretada com tanto escrúpulo intelectual e conhecimento de particularidades literárias, que tornam esse trabalho realmente digno de admiração”.

Silvio Meira publicou inúmeras obras nas áreas do Direito, literatura, poesia, ensaio, biografia, tradução e romance, mais de 200 monografias, artigos e conferências por todo o mundo e mais de 15 mil pareceres jurídicos.

Já tratamos, por exemplo, das obras germanistas, abordando a tradução do *Fausto*, de Goethe, e o drama *Guilherme Tell*, de Schiller, ambas premiadas como as melhores traduções para a língua portuguesa. Aliás, sobre o caráter germanista de Silvio Meira, assim pronunciou-se a saudosa escritora Rachel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras: “Silvio Meira é um goethiano, cultor e tradutor do Poeta. Isso se compreende, pois as afinidades entre ambos são evidentes, como a multiplicidade de facetas intelectuais, que no paraense descobrimos na cátedra, na ciência, na linguística, na poesia, no romance. E cada qual tão merecedora de aplausos quanto a obra”. Mas Silvio Meira era, também, um romancista. Sua famosa trilogia *Os naufragos do Carnapijô*, *O ouro do Jamanxim* e *Os balateiros do Maicuru*, que retratam a vida na Amazônia, eram obras obrigatórias nas escolas públicas do país pelo Instituto Nacional do Livro (INL). Aliás, sobre *O ouro do Jamanxim*, pronunciou-se o grande Carlos Drummond de Andrade: “...belo e vigoroso romance *O ouro do Jamanxim*. Ele nos permite visualizar, de forma dramática, a terra e o homem amazônico, através de uma história que cativa o interesse do leitor. Ficção que reflete a vida em movimento e que, por isso, a par do mérito literário, tem o valor de documento social e humano”.

No campo da história, Silvio Meira escreveu *A conquista do Rio Amazonas*, *A epopeia do Acre*, *Fronteiras sententrionais: 3 séculos de lutas no Amapá*, *Fronteiras sangrentas*, *Meditações sobre o Fausto de Goethe* (separata) e *Mato Grande* (inédito). Sobre a obra *Fronteiras sangrentas*, assim comentou o saudoso intelectual Gilberto Freyre: “...o erudito admirável, cujo alto saber nunca se desprende das coisas mais nacionais do Brasil, que é o Prof. Silvio Meira”. No campo da poesia, publicou *Antologia poética*, *Antologia de poetas alemães* (26 poetas), e os ensaios *Estudos camonianos e goethianos* – onde faz uma profunda análise comparativa entre o pensamento de Goethe e Camões –, *Andrés Bello e Teixeira de Freitas* e *A missão do orador*. Sobre as Antologias Poéticas, assim escreveu o saudoso escritor Octávio de Faria, imortal da Academia Brasileira de Letras: “Silvio Meira é um ser vivo e pulsante, ao mesmo tempo um romancista, e um poeta, um jurista e um ensaísta, um ser que vibra como todos ante tudo o que existe e se faz sentir no tremendo mundo em que vivemos. Apenas, e antes de

mais nada, é um ser voltado para o que há de mais belo e de mais nobre, para o passado mais clássico em cujo culto foi educado – e, digamos assim, esplendidamente educado”.

Na área do Direito, foi autor de inúmeras obras, artigos, conferências e trabalhos científicos ao longo da vida, especialmente na área romanista, os quais destacamos: *Curso de Direito Romano* (reeditado em 1996 pela LTr Editora em edição comemorativa), *História e fontes do Direito Romano*, *Instituições de Direito Romano* (um tratado, reeditado em 2017 pelo IASP), *Direito Tributário Romano* (reeditado em 2013 pela Ed. UFPA), *A Lei das XII Tábuas: Fonte do Direito Público e Privado* (sua tese de Cátedra), *Novos e velhos temas de Direito*, *O Direito vivo*, *Noções gerais de Processo Civil Romano*, *Processo Civil Romano*, *Temas de Direito Civil e Agrário*, *A vocação dos séculos e o Direito Romano*, *Alguns casos forenses*, *Direitos de ontem e de hoje*, *Rui Barbosa na Constituição de 1988*, *O Brasil e o Direito Romano*, *O tribunato da plebe em face do Direito Romano*, entre tantos outros. Suas obras foram publicadas pelas melhores editoras do Brasil e do exterior. Notabilizou-se com o lançamento das biografias dos dois maiores juristas do Brasil: *Clóvis Beviláqua: sua vida, sua obra* e *Teixeira de Freitas: o jurisconsulto do Império*, ambas premiadas, deixando, ainda, a obra *Couto de Magalhães, o último bandeirante* (inacabada). Sobre a biografia de Teixeira de Freitas, assim escreveu o saudoso Afonso Arinos de Melo Franco, titular da cadeira 25 da Academia Brasileira de Letras: “Agora, com este livro monumental sobre Teixeira de Freitas, o humanismo de Silvio Meira adquire nova dimensão, a de biografia, no seu sentido abrangente de ensaio jurídico, pesquisa histórica, reflexão social e compressão humana”. Silvio Meira compôs inúmeras bancas de mestrados, doutorados, cátedras e livres-docências em diversas universidades da Europa e da América Latina, muitas delas na USP. Em 2017, a Universidade da Amazônia batizou a biblioteca do curso de Direito com o seu nome.

Silvio Meira casou-se com Maria José Martins Meira (*in memoriam*) e teve sete filhos, Aluisio, Maria Silvia, Arnaldo (*in memoriam*), Heloisa, Celso (*in memoriam*), Fernando (*in memoriam*) e Henrique. Dedicou-se também à arte, especializando-se em pintura na França. A música, que ele tão bem retratava no piano Essenfelder de cauda longa, também fazia parte

dos seus hobbies desde a infância. Falava e escrevia fluentemente mais de oito idiomas, entre eles o latim, alemão, francês, espanhol, italiano, inglês e grego. Silvio Meira faleceu no dia 31 de dezembro de 1995, em Londres, na Inglaterra, depois de retornar de uma conferência em Bruxelas. Foi toda uma vida dedicada à cultura, ao trabalho, à família e à pátria.

André Augusto Malcher Meira
Presidente do Instituto Silvio Meira (ISM). Titular da Cadeira nº 2,
ex-presidente e presidente honorário da Academia Brasileira de
Direito (ABD). Titular da Cadeira nº 27 da Academia Paraense de
Letras Jurídicas (APLJ). Mestre e doutor em Direito. Membro do Ins-
tituto dos Advogados do Pará (IAP). Professor adjunto da Universi-
dade da Amazônia (Unama). Advogado no Brasil e em Portugal.

Foz do Rio Amazonas...

Farolete Carnapijó, nas pedras do mesmo nome, lat. 01°22' e long. 48°39';
exibe luz numa altitude de oito metros, em uma haste cilíndrica sobre coluna
de concreto armado, pintada de encarnado com uma faixa branca.

Há três canais de acesso ao porto de Belém: o primeiro canal, o de Mos-
queiro, passa entre a ilha do Mosqueiro e a ilha de Cotijuba, e é utilizado
pelas embarcações de longo curso e grande cabotagem; o segundo canal,
o de Cotijuba, entre a ilha de Arapiranga e a ilha de Cotijuba, se destina
aos “gaiolas” ou embarcações de pequena cabotagem; o terceiro canal é o
Carnapijó, por trás da ilha das Onças, que faz comunicação com a baía de
Marajó somente por ocasião da preamar das marés.

Roteiro de navegação da marinha

Este livro procura apresentar, através do colorido da ficção, uma realidade histórica.

O extremo norte do país sempre viveu isolado espiritualmente dos centros de decisão e de governo. Já nos tempos coloniais a região amazônica se comunicava com mais facilidade com Lisboa do que com a Bahia ou o Rio de Janeiro. A Independência, alcançada a 7 de setembro de 1822, ali só chegou a 15 de agosto de 1823.

Sem comunicações fáceis, a Amazônia teve que viver a sua vida. Durante o Império e as duas primeiras repúblicas (quantas são as repúblicas?), sua atração, sua fonte de civilização era a Europa, especialmente Paris. O Teatro da Paz é um exemplo arquitetônico dessa fase.

Isolada, abandonada, às vezes desprezada, o único meio de acesso era o marítimo, em longas e penosas viagens, do Rio de Janeiro a Belém.

O insulamento provocou muitos males: a carência de recursos, o comércio ilícito com as Guianas e o Caribe, o caciquismo político, com a dominação estúpida do homem pelo homem, a criação de figuras grotescas de líderes violentos e às vezes desumanos. A história revela vários. Correu sangue, incendiaram-se jornais, mataram-se inocentes, violentaram-se direitos. No interior os fatos se repetiam anonimamente.

As personagens principais deste livro são fictícias. As semelhanças com pessoas vivas ou mortas constituem feliz acaso. Apenas um ou outro, cujos nomes reais vêm citados, como o padre Florêncio Dubois e o médico Acilino de Leão, correspondem integralmente a homens dignos de figurarem abertamente, pelo bem que fizeram.

A região oferece um campo vastíssimo para a literatura de ficção, ainda não explorado totalmente. A Amazônia não é apenas lenda, cobra-grande, nem o drama dos seringueiros. Há um mundo de temas históricos, sociais, políticos, morais e econômicos a explorar por escritores que ali tenham vivido e sofrido.

Esse romance pretende também chamar a atenção para problemas que merecem ataque, como o ameaçador uso de entorpecentes pela juventude. Esse é um drama da época, objeto de estudo por parte de eminentes médicos, razão da dedicatória a três de alta competência. O livro visa a construir, nunca a destruir. *A ficção, em todos os tempos, sempre ajudou a criar um mundo melhor.*

O Autor



Primeira parte

“O inferno e a perdição nunca
Se fartam, e os olhos do homem
Nunca se satisfazem.”
(Provérbios, 27:20)

*“Guai a voi, anime prave!
Non isperate mai veder lo cielo.”*
(DANTE, *Inferno*, 3, 85)



Aurora para um náufrago



O corpo mergulhado na água salgada, o vento frio da madrugada cortando as faces, ondas altas: Estêvão se sentia perdido em pleno mar. A boia subia e descia com a força das águas, céu negro, muitas estrelas. Tantas horas assim, depois do naufrágio, não sabia de onde lhe vinham energias para resistir, agarrado à primeira boia que alcançou, o pensamento a reverter lembranças, entremolhadas de espumas, que o chamavam à realidade. Vinha-lhe tudo ao pensamento. A vida. A infância. As alegrias. As tristezas. Os pecados. Ah, os pecados! Ouvira histórias de náufragos que num relance repassam toda a existência. Assim estava ele, numa luta quase inconsciente com as ondas. Água muita bebera. Salgada. Já longe da foz do Amazonas, agora em pleno oceano. E o barco! Seu barco! Tudo o que possuía! Seu meio de vida, com um nome tão expressivo, *Nova Esperança*, atividade que escolhera, forçado pelo destino, a pesca no alto-mar, profissão lucrativa e que seu pai sempre lhe aconselhara:

— A pesca, meu filho, deixa muito dinheiro. O mundo tem fome. Observe os americanos, os japoneses, os dinamarqueses, os franceses, vêm de longe para a costa do Brasil. A riqueza está no mar.

Estêvão, menino ainda, seu pai lhe falava assim, mas a mãe pensava diferente. Nada de luta no mar, arriscada, sujeita a imprevistos. As mães temem pelos filhos. Para elas são sempre crianças. Querem-nos em vida tranquila. Nada de perigos. Gostaria de vê-lo padre, rezando missa, apascentando o rebanho, vida sossegada e de bem com Deus. Já havia tantos padres e freiras na família! Era uma vocação. Tias irmãs de caridade. Tios cônegos. Primos rezando missa por esse mundo de Deus, pregando religião na selva, uns mais sortudos, com carreira feita, outros trabalhando duro em hospitais, mas cumprindo o dever. Se juntasse toda a família daria para organizar um convento.



E assim foi Estêvão, menino ainda, para o seminário. Acabara se acostumando com a disciplina. Acordar cedo. Meditar. Rezar. Estudar latim, no tempo em que padre ainda sabia latim. Dia todo cheio, se não de estudo, ao menos de reza, caminho para o céu. Mas com o hábito Estêvão se sentia envolvido pela vocação. Tudo lhe parecia bem. A solidão. O ermo do seminário. Invadia-lhe grande paz durante a missa, paz interior, que lhe inundava a alma. O canto sagrado o desligava da terra, pairava no ar, como se não fosse de carne e osso. Quantos anos assim! Depois a juventude, já de batina preta, embora ainda não ordenado, mas avançando sempre nos caminhos da religião. Até o toque dos sinos, na antemã, lhe enchia o coração. A juventude rebentava por todos os lados, a força do sexo, as alegrias da vida, duas forças contrárias agindo sobre a alma. Via passarem as meninhas do grupo escolar, algumas de pernas grossas. A natureza o chamava. Pecado. A prece vinha balbuciada, aos pedaços, o sangue fervendo, uma corrente elétrica lhe percorrendo todo o corpo, com descarga certa. Mesmo assim se dominava. Sentia-se bem no ambiente do claustro. A mãe acertara com a vocação do filho. Aquilo já vinha de longe, era de família, se transmitia no sangue.

Uma onda forte cortou o pensamento de Estêvão. O céu se mostrava menos denso. Um vago clarão no horizonte, sinal da aurora. As águas, aparentemente negras, se acalmavam com a aproximação do dia. Pouco a pouco o furor do oceano parecia ceder a forças superiores que o tranquilizavam. Estêvão reza, a cabeça recostada sobre a boia dura, o corpo trêmulo de frio, o cansaço querendo dominá-lo. Mas a alma está desperta. Reza, e a prece lhe traz ao vivo o tempo do seminário. E continua a devanear. Depois o golpe terrível, inesperado, a morte do pai, quando pouco faltava para a ordenação. Sim, terrível. Não apenas a perda. Chega outra notícia do alto. Era o filho mais velho de viúva. Contrariava o regulamento. Arrimo de família. Teria de cortar o curso. Deixar o seminário. Desculpa esfarrapada. Devia haver outro motivo. Procurou o reitor, o bispo, pediu, implorou. A mãe soluçava. Precisava de arrimo, mas deixassem o filho ser padre. Era o seu desejo e a vocação do rapaz. A resposta veio fria como fio de navalha: primogênito de viúva não pode ser padre. Há problemas. Bem pensa na missa, bem pensa na mãe. Irmãos menores precisando de ajuda. Era o mais velho. Teria que

deixar a batina preta. Entrar na vida mundana, isso o apavorava. Até mesmo quando ia passar as férias em casa, estranhava tudo. Os hábitos dos irmãos, a linguagem, as brigas, os modos na mesa. Tiravam confiança. Chamavam nome feio só para ver o efeito na cara do futuro sacerdote. E puxavam conversa pouco decente, a que não se acostumara. Agora teria que enfrentar tudo aquilo. Nova vida. Céu aberto. Mas céu diferente daquele com o qual sonhara. Um céu que a todos cobria, com suas lutas, pecados, ambições, desesperos. Depois veio a adaptação. Achava horrível o terno novo (o *fato*, como dizia o alfaiate português), desajeitado, a gravata, o blusão, não se acostumava com aqueles trajes profanos. Ficava dias inteiros em casa, sem coragem de sair à rua. Olhava-se no espelho. Não via mais a batina escura, solene, austera, tão de acordo com a sua alma. E lembrava o vexame do padre Clodoaldo, ao abandonar a batina. Notícia e fotografia nos jornais. O povo o seguindo nas ruas, comentando, achando graça, vaiando. E o padre de paletó e gravata, humilhado, mas precursor inconsciente de um movimento mundial.

Estêvão, a pouco e pouco, teve que reagir. Saía de manhã cedo, quando havia pouca gente na rua. Os vizinhos queriam ver o padre de roupa civil. Olhavam curiosos. Horrível! Imaginava olhos por trás das janelas. Espreitando. Vozes baixas fazendo pouco. Olha o padre! Lá vai o padre! Não, não ia mais ser padre. Quando muito sacristão. Ajudaria na missa. Estaria perto daquele ambiente ameno e acolhedor, que tanto bem fazia à sua alma. A mãe chorava duplamente. Duas desgraças. A perda do marido. A saída do filho do seminário. Estêvão também chorava. No começo. Depois começou a abrir os olhos, ainda molhados, e através das lágrimas via passar Arlinda e Mariana, as filhas da vizinha, quase da sua idade. Era um oásis no deserto de sua vida, uma vez por dia, quando as duas mocinhas se dirigiam para a escola. No primeiro momento ainda começou a rezar um “creio em Deus padre”, mas depois se lembrou que estava sem batina. Não era mais seminarista. Talvez não fosse pecado. Aquele calafrio na espinha, agude alvoroço no sangue e na alma, o pensamento vivo, o dia todo mais com Arlinda do que com Mariana, circulando da alma para o coração e do coração para a alma. Lembrava do primeiro encontro, a visita que as duas fizeram à mãe, depois da morte do pai. Seu aperto de mão, na hora dos pêsames, lhe transmitira

alívio. Um encontro oportuno, daquelas duas mãos. As carnes parecem que se chamavam. A mãozinha macia, como nunca tivera oportunidade de acariciar no tempo do seminário.

Arlinda fora para Estêvão como uma porta aberta para a vida. Tinha paciência. Sabia dos seus problemas morais. Ajudara-o a refazer-se do golpe. Arrastara-o para o mundo, as duas mãos unidas, primeiro em casa, depois no altar.

E a nova vida. A pequena herança. O barco de pesca. A luta. O primeiro filho, ainda tenro. Poucos meses. E quando tudo parecia normalizado, depois de tantas viagens felizes, uma tempestade, logo ao regressar pela baía; a plena foz do Amazonas colhe o barco de surpresa, ondas imensas, vento violento, chuva, muita chuva, a batalha heroica. Estêvão, Balbino o motorista, Pedro, Carmelo e Jacinto, os cinco em alvoroço, o vento, a espuma do mar cobrindo a pouco e pouco o barco trêmulo, o naufrágio. Boias soltas. Àquela hora, onde andariam os companheiros de infortúnio? Mar. Só mar. Silêncio. Só silêncio. Solidão.

Estêvão lembra-se bem de Carmelo, em desespero, agarrado a um objeto qualquer. Pedro e Jacinto atracados à mesma boia. Balbino ainda sobre o barco, lutando. Depois nada viu. Quando abriu os olhos estava sobre as ondas. Nenhum sinal de embarcação. Nem dos náufragos. Céu negro. Ondas negras. Vento. Chuva. Depois a chuva foi amainando. O firmamento aclarando. O mar se desfurecendo. Raios tênues de luz no horizonte. Aurora! Aurora para o náufrago! Era como se a vida recomeçasse e já estivesse salvo, embora o perigo o rondasse por todos os lados. Perigo de afogamento, perigo de tubarões vorazes, perigo de desfalecimento, as forças cada vez menores, o frio nas pernas, o sangue quase congelado, a visão perturbada, como se relâmpagos rasgassem o céu turvo. Que estaria fazendo Arlinda àquela hora? Talvez dormindo. Talvez cuidando do filho tenro: Rigoberto, nome que ela mesma escolhera; Betinho, dizia ela. Tinha a mania dos diminutivos. Isso o agradava tanto! Fora uma atração. Para ela o marido era Estevinho. A irmã Naninha, gato se chamava Diquinho. Uma voz macia, sempre o carinho nos olhos grandes, o primeiro e único amor de um ex-seminarista, que abria os olhos surpresos para o mundo.

Horas de expectativa. O céu cada vez mais claro. O mar, cada vez mais sereno, tornou-se liso, qual se força misteriosa o domasse. O sol! Pouco a pouco rebenta no horizonte, como um imenso olho enfermo, sanguinolento, que se levantasse das águas. O mar brilha, de ofuscar. O vento tornou-se tênue. Quase imperceptível. Estêvão mal resiste, abraçado à boia. Agora consegue ler as letras vermelhas, o nome do barco, que mandara gravar em pintura recente: *Nova Esperança*. Cheiro de tinta nova, a face colada à boia, o olhar indefinido, desacostumado da luz, busca o horizonte sobre as águas. Parece ver algo, estranha massa negra, que se desloca, em sua direção. Algo que aos poucos cobre o verde mar. Tenta ver. O sol de frente, o sal nos olhos lhe impedem a visão. Sente que as forças se perdem. Estêvão estremece todo. O frio e o sol, o cansaço e o desespero o aniquilam. Não vê mais nada. Sonha talvez. Algum pesadelo. Ouve vozes estranhas. Delira. Quanto tempo assim permaneceu não havia meio de calcular.



Estêvão retoma a si aos poucos. Ouve vozes desconhecidas. Não sente mais aquele frio entranhado nas pernas. Mas o corpo todo ainda treme. Faltam-lhe forças. Sente algo macio sob o dorso. Não, não é o mar. Abre os olhos lentamente, como quem tem medo. Vê sombras apenas. Vultos. Parecem seres humanos. Vozes. Mais vozes. Um imenso torpor o domina. Pouco a pouco adormece como quem sucumbe. Pesadelo. Sonho. Vê-se novamente na infância, antes de entrar para o seminário. Os irmãos pequeninos. A mãe mandava vender flores, aos domingos, à porta do cemitério. Dava os preços. Estêvão se juntava com os outros colegas de profissão, meninos velhacos. Ensinar a cobrar mais, pedir caro, o que devia custar um cruzeiro pedia dois, todos pagavam. Um ou outro comprador refogava. Gente triste, que entrava no campo-santo, não fazia questão de preço, era homenagem a defunto. Valia tudo. Ficava até feio regatear. Estêvão ganhava, assim, escondido. Não dizia à mãe. Aquilo lhe vinha agora à tona. Depois via a imagem da mãe zangada, o pai zangado. Pecado. O seminário. As rezas. Um crucifixo, o sangue escorrendo das chagas de Cristo. Como aquilo impressionava! Passava a mão pelo rosto. Havia sangue. Nos braços. Sangue. Nas pernas. Sangue. Mão delicada lhe enxugava o sangue, um lençol branco. Era Arlinda, sim, as mãos de Linda, via bem em sonho seus olhos grandes e negros, que não cansava de contemplar. Aos poucos se desvanecem as imagens, Linda não está mais presente. Não há mais sangue. Um suave langor se espalha sobre o corpo. Cessa o delírio, como quem volta de um outro mundo. Reabre os olhos. Ouve vozes. Não está mais na água. Três pessoas em redor. Homens louros e altos, um muito jovem, o contemplam. Não entende. Aos poucos a luz lhe penetra pelos olhos, vê melhor. Uma cama, armário. Um sacolejo lhe dá ideia de embarcação. Quer falar, faltam-lhe forças. Enjoo terrível lhe revolve as entranhas. Vômito. Mais vômito. Depois alívio, suores, e adormece



sem forças. Leve sonho se insinua pouco a pouco. É Linda, de novo, sempre a mesma, os olhos grandes, os dois de mãos dadas, uma região florida. Não vê mais sangue. Nem figuras estranhas. Tudo é suave. Mas a pouco e pouco a figura de Linda se afasta, Estêvão quer segui-la, em vão, torna-se sombra, quase voa. Estêvão tenta agarrá-la. Escapa de suas mãos como se fora espuma. Não, não é mais Linda, é uma nuvem tênue que esvoaça vagarosamente e desaparece, levada pelo vento. Estêvão procura em vão. Chama. Grita. Sua voz não ressoa. Sente-se preso ao chão. Quer andar. Não pode. Onde está Linda? Seus olhos sondam o horizonte, um horizonte nebuloso, indefinido. Onde estão os olhos de Linda, tão grandes? E os seus cabelos, tão longos e negros, perfumados? Sente dores. Num esforço imenso grita, grita, grita, chamando por Linda. Desperta. Grossas mãos o agarram. Mal vê em redor. São os mesmos, aqueles homens louros. Como se fossem mudos. Contemplam-no, olhar suave e confortador. São amigos. Lutam contra a morte. Os vultos passam à sua frente como sombras bailando no ar. Estêvão quer falar, balbucia. Num esforço tremendo berra, diz algo que os circunstantes não entendem. Em sua cabeça as ondas do mar ainda deixaram o balanço. Joga-se sobre a boia, perdido. Pede socorro. O corpo treme como se estivesse submerso. Depois serena. Mergulha em torpor. Silêncio. Sono, efeito de tranquilizantes. Sonha. É o pai que revê. Pergunta pelo barco, o seu pescueiro, o *Nova Esperança*. Estêvão relembra a tempestade, a figura do pai, primeiro calmo, depois exasperado, querendo defender o barco das ondas, do vento, da chuva, agarrado às cordas, e ao mastro, como se fosse um gigante, com braços enormes. Pesadelo.

Estêvão agora está semiacordado. Ouve o ruído das ondas de encontro ao casco da embarcação. Os vultos humanos começam a tomar forma ante seus olhos. Eram três sombras, agora são três homens, que se movimentam à sua frente, às vezes param, o contemplam, socorrem, mais um do que os dois outros. O que parece mais jovem se mostra solícito. Falam inglês, observa Estêvão, sotaque americano, deturpando e nasalando a língua, falando mais pelo nariz do que pela boca. Tudo gira, gira, em torno. É ainda o enjoo, o resto da terrível crise orgânica, resultado de tantas horas em pleno oceano, salvo não sabe como, abraçado à boia que encontrara na hora maior do desespero. Vê nítido, agora, um clarão. É uma vigia, mais dois pequenos

beliches, objetos pendurados que fazem ruído contra a parede pintada a óleo branco. Algumas letras, mal pode ler, se embaralham ante seus olhos. O ruído do mar lá fora se mistura com a conversa dos três homens, um deles corpulento, braços cabeludos, grande abdômen, fala com aspereza, quase com violência, dirigindo-se ao mais jovem, a quem chama de Bob. Discutem algo que Estêvão não consegue perceber. Aquelas palavras em inglês ecoam na alma de Estêvão, que recorda o seminário, as primeiras aulas, há muitos anos, o regime duro, os padres fiscalizando tudo, oito horas de estudo diário, entremeadas de rezas, dez matérias a meter na cabeça, desde latim a teologia. Não davam tempo para nada mais, nem para pecar. Só de madrugada. E o inglês, ensinado por um padre velhinho, que, quando adoecia, era substituído por outro, pau para toda obra. Lecionava desde matemática e desenho a línguas. E fazia qualquer serviço, até de pedreiro. Depois que saíra do seminário, ainda frequentara curso de língua inglesa, professora burra, apelidada Dirula, porque na sua pronúncia brasileira assim dizia *the rule*, a regra. Os alunos logo a apelidaram: lá vem a Dirula! Amanhã é aula da Dirula! Depois haverá prova da Dirula! Tudo se misturava na cabeça do naufrago, as lembranças do seminário, a mulher distante, o filho pequeno, o inglês da Dirula, e o dos americanos, não muito melhor, aflautado, como se fossem estranhos ventríloquos.

Bob dispensa atenção maior, quase carinhosa, a Estêvão, dando-lhe algo para cheirar, depois comprimidos para engolir, com um pouco d'água. Dirige-se ao americano corpulento, que chama de Bruce, parece apavorado. O terceiro vulto, que Estêvão agora enxerga melhor, magro e alto, quase não fala, limitando-se a observar. Estêvão aos poucos vai entendendo retalhos da conversa. Bruce repreende Bob por dar tanta atenção ao naufrago. O barco, lá fora, diz ele, requer assistência. Bob responde algo que Estêvão não percebe. Bruce se retira impetuosamente, fala gritando, bate a porta com ímpeto: o motivo é Estêvão, um hóspede importuno, ali jogado pelas ondas e pelo destino. Uma boia pendurada à parede acompanha o sacolejo do barco. Algumas palavras em tinta vermelha: "FFC, Florida Fishing Co.". Estêvão agora compreende, dá acordo de si, sente que a vida e o calor lhe voltam aos poucos, como se regressasse de uma longa viagem, de um outro mundo. Onde está? Que gente estranha aquela?

O balouço e o cheiro de maresia lhe revelam o mar alto. Num barco de pesca, moderno, o cheiro do óleo a entrar-lhe pelo nariz, sonolência com intervalos de plena lucidez. E aquele inglês fanhoso nos ouvidos. Bruce sempre volta ao aposento, grita com Bob, dá ordens, funga, expõe os braços cabeludos cheios de tatuagens exóticas. O pensamento de Estêvão vagueia, deixa o presente, se alça nos ares, penetra no passado. A vida antiga. A meninice, o seminário. Sempre o seminário. A mulher. O filho, o barco de pesca, o mar, vento, tempestade, naufrágio. Onde andarão os companheiros, largados, em noite escura, em plena foz? A intranquilidade volta com a vida. Renasce com a luz que lhe penetra nos olhos. O vento zune na vigia. Bob se retira. Ouve ruído de cordas, ordens, gritos, Bruce diz algo, querendo que Estêvão se levante, venha ajudar no trabalho, ao que interfere o homem alto e magro, que pela primeira vez fala, sereno e enérgico, dirigindo-se a Bruce:

— *This man is ill. Can't work...* (Este homem está doente. Não pode trabalhar.)

Bruce mira com furor o interlocutor, contempla Estêvão, seus olhos chispam, dá de ombros e solta irado uma pornografia em inglês, uma das primeiras que Estêvão aprendeu na hora do recreio no seminário:

— *A son of...*

Num relance Estêvão tudo percebe. Um barco de pesca americano o salvara. Bruce não gosta do intruso. Vai perturbar os seus planos de trabalho. Bob se apieda. Peter, a distância, defende Estêvão, mas todos temem Bruce. Outras vozes se ouvem lá fora, homens no trabalho.

— Ainda mais esse trambolho — diz Bruce em inglês, que Estêvão entende regularmente e traduz mentalmente.

— É nosso dever salvá-lo — fala Peter.

— Que vamos fazer com ele? — retruca Bruce. — Não pode ir para a América. Vai dar trabalho. Não tem documentos. Antes tivesse morrido no mar...

— Não seja perverso — ousa dizer Bob.

Bruce aplica violenta bofetada em Bob, que desaba sobre um dos beliches, apavorado.

— Assisti morrer muita gente na guerra! — grita Bruce. — Muitos compatriotas, todos afogados, no Pacífico! Estouravam com as bombas ou eram

comidos pelos tubarões! Vi torpedearem o *Independence* em Pearl Harbour. Ninguém salvou milhares de americanos. Deixa morrer esse patife...

Bob se levanta calmo, parece estar habituado às manifestações de furor de Bruce, neurótico de guerra. Oferece dois comprimidos a Estêvão, sedativos que farão adormecer lentamente. Gritos lá fora, o ruído das ondas, vento, muito vento. Estêvão adormece, como quem morre, mas renasce. Renasce em sonho, agora tranquilo. Revê a mulher, o filho, este lhe estende os bracinhos tenros, o brilho no olhar, balbuciando vivaz as palavras mais tenras do mundo: “papá”, “mamã”. E depois o abraço longo da mulher parecendo real, tudo tão nítido, tão claro, tão vivo, como se outra vida paralela existisse, fora do desespero em que seu corpo mergulhava.

Saudades de Linda maltratam Estêvão, mesmo em sonhos. Ela lhe aparece de diversas maneiras. Ora sorrindo, com Betinho nos braços, ora zangada, por qualquer coisinha à toa, mas parece mais bela, os olhos até mudaram de cor. Longe de casa há tanto tempo, por que não volta?

Longas horas, muito longas, sob efeito de sedativos, levam Estêvão a regiões agradáveis, ouve músicas suaves, vê flores, entre elas Linda, sempre linda.

Quanto tempo assim ficou não poderia saber. Talvez toda a tarde, entrando pela noite, até o amanhecer. A aurora penetra pela vigia, espantando a penumbra. Raios de sol se projetam sobre as coisas. Ruídos. As ondas, sempre as ondas. O vento, sempre o vento. O balouço, sempre o balouço. O mar, sempre o mar, lá fora, enfurecido uivando contra o vento, como se ambos travassem luta de gigantes, vivos, indomáveis.

Bruce entra no camarote, sem dar bom-dia ao menos. Vai logo falando áspero, dirigindo-se a Estêvão.

— *You must work.*

Sim, “você precisa trabalhar”. Quer que Estêvão levante do leito para ajudar lá fora, pagar com serviços a assistência que teve, a comida que come, o leito em que dorme. Pagar, em suma. Bob, logo depois, penetra sorrateiro e tímido. Não tem coragem de discordar.

Estêvão tenta levantar. Procura sentar-se no beliche. Tudo gira em redor. Bob lhe oferece um pouco de café quente, que sorve com avidez. Levanta-se, consegue pôr os pés no chão, caminha meio trôpego até a porta, sob

os olhares de Bruce, que funga, a respiração ruidosa agitando os pulmões e o abdômen. Lá fora tudo é sol. O vento lambe o rosto de Estêvão, frio e reconfortante. Enche os pulmões. Sente-se melhor agora. Estende os olhos pela distância. Mar, muito azul, as ondas se elevando em bico, como se todas tivessem vida e cada qual se obstinasse em subir mais alto, numa aposta sem fim. Passa a mão pelo rosto. A pele tornou-se úmida, pegajosa. Homens no tombadilho trabalham incansáveis. Todos americanos, rudes, homens do mar, alguns tatuados, barba loura ao vento. Em torno as águas inconstantes e azuis, nenhum sinal de terra. O horizonte é um fio tênue entre o céu e o oceano.

Estêvão, habituado à vida do mar, reconhece logo, na embarcação, moderna, destinada à pesca, o que há de melhor. Barco-frigorífico de ferro, oitenta toneladas aproximadamente, calcula Estêvão num relance. Mas oitenta toneladas brutas, umas quarenta líquidas. Já visitara barcos semelhantes de empresa estrangeira, com ecossonda, radiotransmissor, para comunicação com terra. Duas redes, uma a bombordo e outra a boreste, para pesca de arrastão. Pelo menos oito redes constituem o estoque para pescaria de trinta dias. Rasgam muito, em contato com objetos estranhos, ou com peixes grandes a forçarem a saída na amargurada luta pela vida. Com o ecossonda medem a profundidade. Mas verifica, logo, que o barco se destina à pesca de camarão. Cada rede é capaz de arrastar cerca de trezentos quilos de camarão em apenas três horas de trabalho. E possui radar com que observa o fundo do mar; o piloto automático, que dirige sozinho, sem timão, substituto infalível do ser humano no comando. Estêvão pensa, num dado momento: quantos outros comandos no futuro poderão ser substituídos por pilotos automáticos? Quantos? Comando não só de barcos, mas de trens, de veículos de toda a natureza, no mar, em terra e no ar; comando de organizações, repartições, corpos de tropas, tudo com piloto automático, seria bacana, o mundo funcionando na base da eletrônica. Braços desempregados. Todos os homens de papo para o ar, sem trabalho duro. Uma ideia maluca, fruto da perturbação física e mental, do sono intranquilo, dos sedativos, do enjoo, ideias doidas que brotavam e desapareciam no cérebro cansado.

A tripulação se movimenta em várias direções. Vários homens, o patrão de pesca, comandante de todos, Bruce; o motorista de pesca, Peter,

o cozinheiro Patrik, gorducho, rosto redondo, vermelho, tostado pelo sol, e os chamados pescadores de convés Claus e Lyndon e o guincheiro, Ted, musculoso, barba hirsuta, figura estranha de marujo. Bob ajuda em tudo apavorado com os gritos de Bruce.

O barco navega com segurança. Novo. Aparelhagem moderna. Cheirando a tinta fresca. Um dos pescadores, com violência, lava o convés, esguichando água por todos os lados.

Na frente, parte superior, a casa de comando com timão, bússola, ecossonda. Embaixo, no pavimento inferior, a sala de máquinas e as câmaras frigoríficas, repletas de camarão.

— Falta pouco para completar a carga... — explica Bob. — Mais uma ou duas noites e a missão estará terminada.

— Para onde viajam? — Pergunta Estêvão.

— Para Miami e Tampa, na Flórida.

Estêvão sabia que pescadores de camarão preferem trabalhar à noite. Distância da costa de sessenta a cento e oito milhas, em grande profundidade. Para isso, o pesqueiro estava bem-preparado. Ecossonda, devassando o fundo do mar, o radar varando as profundezas como um olho mágico. Quanta diferença! pensava ele, ao lembrar o seu barco de pesca, construído de madeira, exposto às intempéries, em pleno oceano. O *Nova Esperança* não possuía câmaras frigoríficas modernas, nem podia se aventurar a longas distâncias, limitando-se a vinte milhas da costa, pesca de piramutaba, peixe de terceira, mas substancial, muito procurado pelos americanos. Às vezes se enganava, jogava a rede em águas claras onde só apanhava carigatá, parecido com piramutaba, um pouco menor. E o peixe, ao seu barco, se depositava em urnas, uma camada de gelo, outra de pescado, cobertas de tábuas. Nada de frigorificação elétrica. Na proa, o paiol, a amarra do ferro da âncora, e depósito para guarda de material de pesca, redes, linhas, agulhas, cravos.

Ainda havia gente de pior sorte. Os donos de geleiras. Pequenas canoas, repletas de gelo, não pescavam, compravam peixe, geralmente no Pacoval: entreposto na costa da ilha do Marajó.

Modestas embarcações, de vinte toneladas brutas, dez líquidas, se tanto, transportando peixe para Belém, Macapá e outras cidades, algumas com motor, outras com velas coloridas, abertas ao vento, umas amarelas, ou-

tras marrons, algumas verdes, ou sem cor, velas desbotadas, batidas pelo vento e pela maresia do ar alto. Entravam assim, pela foz do Amazonas, em bando, cinco, dez, vinte, velas soltas, em original cortejo, carga de gelo e peixes, prontas para ancorar no Ver-o-Peso e abastecerem a cidade. Eram os pobres da profissão. A segunda classe. Nada de embarcações velozes, de ferro, com frigoríficos ecossondas, radares e conforto.

Tudo isso passava pela cabeça de Estêvão, contemplando o pescueiro americano, de nome *Florence*, a tripulação robusta, as câmaras repletas, em direção à Flórida. Que iria fazer da vida? Como poderia desembarcar nos Estados Unidos, sem documentos, sem roupas, naufrago perdido em pleno oceano?

Acorda de seu devaneio com um grito de Bruce dando-lhe um balde e escovão. Combalido embora, lança-se ao trabalho, não pode resistir. Bob e Peter lamentam. Os demais são indiferentes, parecem homens de matéria plástica, sem nervos. Estêvão aprende a suportar as brutalidades de Bruce. Sofrera na guerra, explica-lhe Bob, na véspera, num momento de trégua. Era preciso muita paciência. Bruce fora capitão na marinha americana, estivera em batalhas no Pacífico, uma longa cicatriz na testa, bem disfarçada pela cirurgia plástica, sinal da refrega.

E é preciso calma. Suportar em silêncio. Nada de reagir, seria pior. Bruce se enfurecia ante qualquer resistência. Era capaz de agredir e matar. Todos o temiam. Ameaçava lançar ao mar os rebeldes. O tempo corre, os trabalhos de faxina realizam-nos durante o dia, limpeza, arrumação das câmaras frigoríficas com os camarões bem acondicionados, consertos de redes, refeições, repouso à tarde, pois o serviço pesado seria à noite. Toda a noite. O olho eletrônico devassando as águas. As redes lançadas no arrastão, toneladas de camarões enchendo as câmaras. A noite toda. Vento, um pouco de chuva, o mar iluminado, o guincho zunindo, arrastando, arrastando, as redes abarrotadas. O motor, de tanto martelar, já ninguém o escutava. Estêvão ajudava como podia, as pernas ainda fracas, mas precisava trabalhar, até cair exausto sobre o tombadilho, ajudado por Bob e insultado por Bruce.

Levado ao camarote, se joga sobre o beliche. Tudo gira em torno. Os pés estão frios. Um peso lhe cobre o peito, como se estivesse soterrado. Já vira amigos morrerem assim, as mãos geladas, os braços gelados, as pernas e

pés gelados, o sangue coagulando nas veias, e o moribundo gritando, no minuto final:

— Me tirem esse peso das costas! Me tirem esse peso das costas!

Não havia peso algum. Era o sangue gelado que não mais circulava. O coração forçado a parar. Logo caíam para o lado, mortos, irremediavelmente mortos.

Vira muitos finarem dessa forma, em pleno mar, olhando para o alto, mas sem qualquer possibilidade de socorro, quer do céu, quer da terra.

Toda a noite a tripulação se manteve em plena atividade. Zunido de guincho aliado ao zunido do vento, as redes cheias, o ecossonda em funcionamento, as câmaras abarrotadas de camarão, mais e mais.

Estêvão, exausto, não resistira. Recolhera-se ao camarote, prostrado, e dormira profundamente. Novamente Linda lhe aparece em sonhos, desta vez aflita, chorando muito, depois tudo se desvanece, para reaparecer como no dia do casamento, véu e grinalda emoldurando o rosto claro e luminoso. Tanta gente em redor, os padrinhos, os parentes, os amigos, uma igreja, mal divisava os círios, tudo lembrando o dia em que, na Basílica de Nazaré, casaram. Fora numa tarde de sol, o templo iluminado, os vitrais reluzindo, ambiente acolhedor e ameno, o altar, os mármore das colunas e do piso matizado, o teto de madeira polida, com enfeites dourados, o órgão, o canto sacro, a extensa passadeira de veludo vermelho até a porta, os convidados, os dois anjinhos, asas brancas, com a pequena bandeja das alianças. Casamento que parecia de rico, sem ser. Mas de remediado que se preza, ex-seminarista, com boa vontade do padre, conhecido antigo. As mãos de Linda estavam geladas. As palavras do sacerdote repercutiram na alma de Estêvão, por muito tempo, invocando o apóstolo São Paulo e os deveres da solidariedade recíproca e do espírito de sacrifício, no matrimônio. Quanta coisa vivida em tão pouco tempo! Quantos rumos incertos, destinos desviados como barcos de vela ao sopro dos vendavais. Mudava a paisagem, o cenário, as pessoas eram outras, cena sobre cena, como numa película em ritmo acelerado. Morrer, dormir, nunca mais... lembrava os versos aprendidos de cor na aula de inglês, *To die, to sleep, no more...* Shakespeare estava presente na sua memória, tão mal acompanhado, com a sombra da professora indesejada. *To be or not to be/that is the question... ser ou não ser, existir ou não existir,*

esse o grande problema, a eterna questão. Estêvão, quando dormia, tinha a impressão de que vivia, ou revivia. Parecia morto, sim, quando acordado, tudo monótono, seres humanos tão diversificados, uns bons, como Bob, mansa e ingênua criatura, outros ferozes e violentos, como Bruce, monstro em pessoa. E perguntava em silêncio: por que todos os homens não têm a natureza de Bob? Poderiam, os maus, ser natimortos, mas dizem que estes se transformam em anjos, Deus os chama depressa para a sua companhia, não são dignos da terra, ou melhor, a terra não é digna deles.

O casamento para Estêvão fora como a passagem para um outro mundo, a imaginação construindo castelos, jardins floridos, surgiu qual dia em que só houvesse aurora, como se o tempo parasse na antemanhã.

Não sentia mais saudades do seminário, nem da batina preta, tudo se transfigurava, das vestes exteriores até os adornos interiores da alma. Nova vida, prenúncios de progresso, a pesca, sim, a pesca, tão do agrado do pai. Deixara de ser pescador de almas para ser pescador de peixes e camarões (o inverso de São Pedro), não pescador grã-fino à moda americana, de empresas internacionais, cada uma em um país, todas elas ligadas pelos fios invisíveis dos *trusts*, dos *pools*, dos *leasing*, e outras engrenagens diabólicas, cada qual com uma sigla especial: Pescanorte, Pescaleste, Pescasul, Pescamar, Pescabrás, tudo com o mesmo objetivo, arrebatar os pescados e mariscos do litoral, levando-os para o exterior. Estêvão, no seu sonho, revia tudo, desde o casamento até a figura do pai, a empresa florescente, o barco pintado de novo, as primeiras viagens, bom resultado. Depois o naufrágio, a perda dos companheiros, o frio, o vento, Bruce, Peter, Bob e a solidão. As ideias se embaralham, e com elas, as recordações, leves sombras que povoam os sonhos.

Manhã. Aurora. O sol dissolve a penumbra e a neblina que paira no ar. Estêvão, sentado no beliche, olha pela vigia. Divisa ao longe uma sombra sobre o mar, manchando o horizonte. Que será? O barco balouça, rangem os beliches, o teto, as paredes. Prepara-se para sair, tomar ar, olhar de frente o céu e as distâncias.

Bruce, na sala de comando, dirige o barco, chama aos gritos por Peter, e, apontando para o horizonte, exclama:

— É um barco! Segue a rota de Caiena. Corre menos que este. Ainda vamos alcançá-lo.

O mar permanece agitado. Vez por outra as ondas se lançam contra a embarcação e se levantam inundando o tombadilho. Todos já estão habituados aos sacolejos, o corpo acompanha naturalmente os altos e baixos do jogo marítimo.

A mancha no horizonte se avoluma. Um barco. Possivelmente de pesca. Bruce com o binóculo identifica:

— É barco brasileiro. Nome: *Santo Izidro*... a vela e a motor.

Mais e mais se aproximam as embarcações.

Peter chama Estêvão em separado:

— É embarcação brasileira, Bruce quer que se transfira para ela. Vamos para os Estados Unidos. É melhor atender. São seus compatriotas.

Estêvão não tem outra alternativa. Faltam-lhe recursos, até roupa. Veste calção emprestado de Bob, que lhe cedeu duas camisas e uma calça, um tanto apertadas.

O destino o levará a outros caminhos, agora. Caminhos que jamais sonhara percorrer, arrastado pelas correntes da vida tumultuária, semelhantes às correntes marinhas invisíveis.

Destino sobre as ondas



Era um barco a motor e a vela, de boas proporções, cada vez mais perto. Bruce punha em ação a sirena estridente. O som ensurdecedor tentava subjugar os rumores do mar.

— Barco brasileiro — diz Bob, dirigindo-se a Estêvão.

— Umas quarenta toneladas — afirma Peter. — Não é de pesca.

O vento zune nos mastros. As ondas se elevam, grossas. O sol reflete-se nas vidraças das vigias. Bruce continua acionando a sirena, intermitentemente, como um louco. Respondem do outro barco, agora mais perto, uma buzina rouca, bem diferente do estridor da sirena americana. A espuma das águas se choca ante o casco e se eleva, lavando o convés.

— É perigosa a abordagem — pondera Estêvão, habituado à vida do mar.

— Mas não é impossível — responde Peter. — Além disso, Bruce não quer vê-lo mais a bordo. É bom passar para a embarcação brasileira.

E sorrindo, a mão espalmada sobre o ombro de Estêvão:

— Mude de barco antes que Bruce o lance no oceano...

Agora já está visível o nome: *Santo Izidro*. Os ruídos do mar não impedem os devaneios de Estêvão. Ex-seminarista não conhecia aquele santo. Lembra-va, ainda dos tempos escolares, nas aulas do Padre Giscard, grande número deles. Estudara na obra de Guérin, quatro volumes. Sabia da existência de muitos santos com o mesmo nome, como Santo Isidoro, pelo menos três, um mártir, outro arcebispo de Sevilha, outro trabalhador. O primeiro fora soldado, vivera ao tempo do Imperador Décio, foi denunciado como cristão por um centurião romano. Estêvão recordava bem o episódio, narrado por Padre Giscard, em cores vivas. Aprisionaram-no, cortaram-lhe a língua e em seguida o decapitaram. O segundo Isidoro não queria nada com estudos, na infância. Rapaz travesso, fugiu de casa e, estando em frente a um poço observou como as gotas d'água cavavam a rocha dura. E compreendera,



dizia o padre, que, assim como as gotas furam a pedra, da mesma forma o estudo contínuo poderia penetrar no seu cérebro (ou na sua *cuca*, pensava Estêvão, fazendo ironia mental). Aplicou-se tanto que acabou sendo um sábio. Presidiu concílios em Sevilha e Toledo. Teve uma morte bonita, se é que ela pode ser assim chamada, a maldita. Deu a bênção ao povo, em frente à igreja, todo mundo chorando. Desfez-se de seus hábitos, distribuiu esmolas, recebeu a comunhão e morreu.

Uma onda forte se esbate contra a embarcação. Estêvão desperta de suas lembranças. Logo recomeça. O terceiro Isidoro (que parecia mais simpático a Estêvão) foi lavrador do campo. Seus pais eram tão pobres que lhe deram por herança um arado e arreios. Lembrava ainda as palavras do velho Giscard (que decorou como castigo), lendo texto francês, numa aula que era, ao mesmo tempo, de religião e língua francesa: *“Les parents de Saint Isidore étaient si pauvres, qu’il ne reçut d’eux que le soc et la charrue”*. Casou com uma pobretona, mas virtuosa mulher. Um filhinho caiu ao poço (sempre um poço na vida dos Isidoros), horrível, teria morrido, mas as preces dos pais fizeram a água subir, subir, a criança boiando, milagre! Estupefação geral! Eram as virtudes dos pais. Milagre. O poço, diz-se, ainda existe em Madri, numa casa antiga. Pai e mãe, gratos a Deus, resolveram dedicar a vida à religião, separaram-se com voto de continência perpétua (Estêvão se envergonhava quando se lembrava dessa passagem. Ele ainda no seminário gostava de mirar as pernas grossas das menininhas da vizinhança). Morreram santificados, ele Isidoro, ela Sancta María de la Cabeza, pelos milagres realizados. Esses os Isidoros famosos, seus conhecidos. Mas Izidro, e ainda com Z? Quando regressasse a casa iria consultar o velho exemplar da *Vidas dos santos* de Guérin e tirar as dúvidas. Ou será que Izidro era forma contraída de Isidoro? Não, não podia ser. Ou algum santo de macumba, dos tais cassados pelo papa?

Uma onda forte rebentou contra os sonhos de Estêvão, jogando-o longe, de encontro ao mastro. Estava meio aparvalhado, pensando em Santo Isidoro naquela hora difícil. Agarrou-se ao cordame para não cair. O *Santo Izidro* já estava mais perto, viam-se homens a acenarem, as ondas revoltas, o vento silvando de mistura com o ruído do mar. Bruce gesticulava, como se fosse

mudo, não dava para escutar o que dizia. Apontava para o barco brasileiro, apontava para Estêvão, fazia gestos bruscos, como quem espanta cachorro.

— Se prepare para pular — diz Peter, dirigindo-se a Estêvão. — Vai passar para o outro...

Em um momento os dois barcos estavam lado a lado, os motores diminuíram a força e o ruído. Os solavancos também diminuíram, já quase paradas, as embarcações pareciam porfiar. Bruce grita para um homem corpulento, moreno, no convés do *Santo Izidro*, com um alto-falante ajustado à boca:

— *Brazilian shipwreck...*

E aponta para Estêvão. O homem logo entendeu. Levantou, com os braços, uma boia, onde se lia, em cores vermelhas: *Nova Esperança*. Era uma boia do barco de pesca de Estêvão, encontrada sobre as ondas, e recolhida pelo *Santo Izidro*.

Os barcos se aproximam cada vez mais, há perigo de choque, é preciso aproveitar o impulso da onda para Estêvão saltar. Bruce se impacienta. Voci-fera. Diz nomes feios para Estêvão. Gesticula. Fracassa a primeira tentativa. Num momento de sorte, Estêvão, mais apavorado com Bruce do que com os tubarões, se lança para o outro barco quando as bordas quase tocavam. Dois homens o seguram fortemente. Bruce acelera os motores e manobra com rapidez. A pouco e pouco o *Florence*, da Florida Fishing Co., se afasta. Peter e Bob fazem adeus, os braços estendidos. Bruce, no comando, contempla o horizonte, indiferente à sorte do naufrago. Nem sequer olha para trás.

Estêvão observa com rapidez o *Santo Izidro*. Barco de madeira. Bom de carga. Motor martelando a solidão. Seis homens a bordo. O corpulento parece ser o comandante. Dirige-se a um homem ainda jovem, cabeludo:

— João, controla o motor.

Chama Estêvão para um pequeno camarote.

— Como se chama? — pergunta.

— Estêvão.

— Meu nome é Farid. Sou o comandante. Vamos para Caiena. Recolhi a boia do seu barco, o *Nova Esperança*. Pesca?

— Sim — responde Estêvão. — Pesca. Naufragou de noite. Não teve jeito.

— Vou lhe apresentar ao pessoal. Não faça muitas perguntas.

Chama pelos nomes:

Jaime (alto e ruivo), Rufino (caboclo e escuro, baixo), Calil (magro e pálido, quase esquelético), Pierre (negro).

João, distante, controla o motor. Estêvão percebe logo que Pierre não é brasileiro. Fala atravessado. Crioulo da Martinica a serviço de brasileiros, explica Rufino.

Farid recomenda mais uma vez a Estêvão:

— Não faça muitas perguntas. Este é um barco comercial. Vai carregado de mercadorias. Destino: Caiena.

E remata com ironia:

— Vai ter que trabalhar para pagar a comida. Depois de amanhã, de madrugada, chegaremos a Caiena. A viagem é lenta. Isso não é barco americano... Quer ir conosco ou prefere ficar no mar, com a sua boia?

Nesse momento, passam a pouca distância dois pesqueiros, emparelhados.

Estêvão explica, como se os outros não soubessem:

— É pesca de parelha, com os dois barcos. Técnica japonesa. Os americanos e mexicanos só pescam com um. Os japoneses usam dois, um ao lado do outro, com as redes no arrastão. Só serve para pegar peixe. Para camarão não dá resultado. Passam tão perto que se podem ler os nomes: *Kioto* e *Osaka*.

Rufino exclama, apontando para os pesqueiros:

— Esses salafras levam todo o peixe e o camarão do mar. Vai tudo para o Japão e América do Norte.

— E para a França — completa Calil. Em Caiena eles têm a Pideg, internacional...

— Estamos a cem milhas da costa — explica Farid. — É preciso não afastar muito.

Ordena a João que se aproxime mais do litoral, ao longe se debrua a mata espessa, a costa do Brasil, já nas imediações da foz do Oiapoque, além do Cabo do Norte.

— Essas águas são muito agitadas. Está perto do Oiapoque — explica Farid. E remata:

— Já viajei de avião por aqui, lá em cima há muita turbulência. Cabra frouxo é capaz de morrer do coração.

Mar e céu. Céu azul, quase sem nuvens. Estêvão, repentinamente, ficou alegre. Parece ter pisado em chão brasileiro. Aquele barco, embora mais modesto do que o americano, era como um pedaço da pátria em pleno mar. Aquelas madeiras, tábuas grossas, calafetadas, foram extraídas das matas da Amazônia. É Brasil O *Santo Izidro* possuía registro em Belém. Esquece por um momento a própria sorte. Pede trabalho. Quer fazer alguma coisa, nem que seja cozinhar, lavar pratos, escovar o convés, fazer a faxina, amarrar cordas, se preciso abrir as velas, tão suas conhecidas, ver a bujarrona inchar com o vento, levando aquele estranho santo a destino. Santo Izidro! Como a desgraça é boa, quando menor, pensa Estêvão. Por isso se diz no Nordeste que “desgraça pouca é princípio de vida”. No luxuoso pescueiro americano, comendo comida enlatada, sentia-se como um exilado. No *Santo Izidro* julgava-se em casa, embora com gente desconhecida.

— Vamos aproveitar o vento — diz Farid. — Largar as velas.

Em momentos as cordas rangem, homens hábeis, os pés apoiados na borda dos porões, as mãos grossas controlam o cordoame, enquanto a bujarrona se abre um pouco, se enrugam e logo depois se distendem, prenhe de vento. Cessa o motor. A ventania arrasta a embarcação. As ondas, agora mais altas, se chocam ante o casco. Tomam a direção do litoral.

— Não podemos viajar muito longe de terra — explica Farid. — Há problemas. É preciso, às vezes, afastar por causa dos baixios e canais.

Durante todo o dia sempre há o que fazer. Controlar as velas. Baldear água. Cozinhar. Pela tarde surgem nuvens escuras. Chuvisca um pouco, depois chove. O horizonte negro como que se desloca em direção do barco. É a chuva, despejando água doce do céu sobre as águas salgadas inquietas. Com o temporal, torna-se mais difícil a navegação. Farid ordena que se recolham as velas. Manda acionar o motor. Todos estão encharcados. A faina é sobre-humana. Mas alegre e diverte a Estêvão, tão saudoso estava da pátria e do convívio com brasileiros. Desce a noite negra. A ventania se transforma em leve brisa. O mar se acalma à proporção que a noite avança, só o ruído do motor, constante, sempre igual, perturba o silêncio do mar. Noite cheia de estrelas.

— Já passamos a foz do Oiapoque — explica Farid. — É preciso cuidado. Essa costa é toda de bancos de areia, cercados de lamaçal. É lama do Oia-

poque, lama do Caciporé, do Carapaporis, do próprio Amazonas, que chega por aqui. O fundo do mar é quase só lama. Há algumas pedras também.

— É preciso conhecer os canais. Os rios despejam toda a sua sujeira no mar. Talvez por isso há muito peixe e camarão. A costa do Amapá e Guiana possui poucas praias. O Pará tem mais sorte. As águas do Amazonas se desviam para o norte.

Navegam a noite toda. Estêvão exausto se acomoda no pequeno camarote, com Rufino e Calil. O barulho do motor nos ouvidos, insistente, é de ensurdecer. Sonha com Linda, alegre, os dois abraçados, como se estivessem realmente juntos. João e Farid velam, de duas em duas horas se revezam na tarefa de dirigir o barco pelas tenebras do mar costeiro. A viagem se tomou mais lenta. Perigo de bancos de areia, ou de lama. Todo o lodaçal do Amazonas emporcalha o litoral até grande distância, levado em direção do norte, impulsionado pela corrente oceânica do *Gulf Stream*. Farid controla a profundidade. Conhece como poucos a navegação litorânea.

Exclama:

— Não quero chegar a Caiena de dia. Temos que viajar devagar durante a noite ou então ancorar. Na marcha em que vamos chegaríamos a Caiena pelas dez da manhã. Do Kouru à *crique* são cem quilômetros. Avançaremos até as ilhas da Salvação.

Antes de raiar o sol veem-se ao longe três blocos escuros, quase de mistura com a penumbra da madrugada.

— São as ilhas da Salvação — diz Farid. — A São José, a do Diabo e a Royale. Já foram prisão francesa. Conheço bem. Vamos para a Royale, a maior, tenho um amigo lá.

— É melhor aguentar por aqui — pondera Calil.

Estêvão não entende por que ancorar na ilha Royale, tão perto da costa. Duas horas, se tanto, de viagem até o litoral, no Kouru, ou quatro horas para Sinnamary e pouco mais para Caiena.

Farid queria chegar de noite. Em conversa com Rufino soube que a carga era café e cacau, embarcados em Belém. Algumas toneladas. A entrada pelos canais tomava-se difícil. As ilhas da Salvação são protegidas por bancos de areia e pedras, o acesso só é possível a marinheiros com a experiência de Farid, bom navegador.

Estêvão observa aqueles homens estranhos, num barco estranho, com nome estranho. Uma mistura de raças. Farid e Calil, tipos libaneses abrasi-leirados; Jaime, judeu ruivo; João e Rufino, caboclos da Amazônia; Pierre, negro da Martinica. Uma variedade de tipos. Com exceção de Pierre, todos são brasileiros. As mesmas conversas, os mesmos hábitos.

Estêvão já ouvira falar muito a respeito da ilha do Diabo. Lera mesmo livros impressionantes sobre o presídio francês, a história de Dreyfus, oficial acusado de espionagem, processado, condenado, remetido ao degredo na famosa ilha. E estava inocente! Jamais pensara que o destino o arrastaria até ali. Sempre navegara na foz do Amazonas, quando muito até o Amapá, as ilhas do litoral, especialmente a Curuá, a Bailique e a Maracá, nunca tentara além do Rio Caciporé. Há sempre vento, muito vento, temporais, e mesmo para a pesca, a que se dedicava, em pequena escala, parecia preferível a foz do Amazonas, com espécies muito procuradas: o filhote, a piramutaba, a gurijuba (os chamados peixes de pele). No alto-mar encontraria o camorim, a corvina, a pescada, peixes de escama, mas muitos cardumes de tubarões, os afamados cações, que às vezes cercavam a embarcação à procura de vítimas. Só se viam os dorsos lisos e brilhantes. Os caboclos gostavam de comer cação, quando novo, sabiam tirar-lhe o mau cheiro de urina, processo especial. Só eles o conheciam. Nunca se aventurara à navegação tão distante, e o destino o trazia, agora, como um forçado, às três ilhas de tristes tradições. Lembranças da pátria a roer-lhe a alma. Um sentimento estranho se insinuava. Sempre ouvira falar em nostalgia. Só agora a sentia de verdade.

Ainda estava escuro o céu, com laivos de aurora, quando o *Santo Izidro* ancorou numa pequena enseada, na ilha Royale. Visão paradisíaca.

Farid explicou:

— Vamos dar uma parada aqui. Não posso entrar em Caiena de dia. Vocês não se exponham muito. Nada de conversas com estranhos. Possuo um grande amigo aí, o Tarquínio, é cearense. Mantém amizade com gente de terra.

As filiais do inferno



A âncora desceu pesada. Farid mostrava-se hábil navegador, observava Estêvão. Penetrara pelos canais perigosos. Evitara os baixios. Difícil tarefa para quem não fosse bom no mar. A natureza defendia aquelas ilhas. Do outro lado via-se o continente, uma faixa de selva mal definida no horizonte, distância para duas horas de viagem, naquele tipo de barco, calculava Estêvão. Embora jamais tivesse navegado por ali, conhecia as rotas, estudara nos mapas. Curso de seminário não é brincadeira. E fizera depois exame para navegação no alto-mar, com carta de piloto registrada na capitania.

— Ficam Rufino, João e Calil a bordo — ordena Farid. — Jaime e Pierre descem comigo. Pierre quebra o galho no francês.

— Posso ajudar também — pondera Estêvão. — Estudei francês e inglês.

— Vem também — responde Farid. E pondera: — Nada de falar inconveniência. Se perguntarem alguma coisa, diga que não sabe.

Farid dá sinais para terra, com uma lanterna, três vezes, rompendo a penumbra. Do alto da ilha respondem três focos de luz.

— É Tarquínio — explica Farid. — Está espetando. Vamos descarregar alguma mercadoria, enquanto é escuro.

Dentro de momentos ouve-se ruído de pequeno barco que se aproxima. Aborda o *Santo Izidro*. Tarquínio, moreno, magro, o olho direito vazado, tipo irrequieto, saúda a todos, um tanto nervoso, fixa o olhar em Estêvão, surpreso, e pergunta:

— Quem é?

— Um naufrago, Estêvão. É da pesca. O *Nova Esperança* afundou.

E Farid aponta para a boia vermelha, jogada no convés.

— Merece confiança? — indaga Tarquínio.

— Até agora, sim — responde Farid. — Caso se faça de besta, jogamos ele n'água.



Todos os homens trabalham com rapidez e desembaraço. Estêvão ajuda. Carregam fardos, os porões abertos. Café.

Estêvão sente nas narinas o cheiro do café brasileiro. Vontade de tomá-lo. Lembra a casa. Manhã cedo. A mesa posta. Café quente preparado por Linda. As xícaras com as gravações “Eu” e “Você”. Tudo agora tão distante.

É preciso cooperar. Obter a confiança de Farid.

Ajuda. Descarregam alguns sacos, dez apenas, suficientes para lotar a canoa, com pequeno motor elétrico silencioso próprio para caça, impulsionado a bateria.

Em terra, uma camioneta velha está a postos, pronta para transportar a carga. Tudo se faz com destreza. Tarquínio sempre nervoso, mas com gestos rápidos e seguros, comanda em terra.

— Vamos ficar aqui hoje — explica Farid. — Partiremos à noite.

O dia rebenta. Sol. Estêvão lança o olhar em redor. Nunca pensara que aquelas três ilhas fossem tão lindas. Royale, a maior, cercada de pedras escuras, milhares de cocos secos ao chão, sob coqueirais agitados pelo vento, pequenas enseadas com minúsculas praias, o mar verde em torno. Eleva-se no centro, coberta de palmeiras. Veem-se ruínas, restos das antigas edificações do presídio. No alto uma grande construção, ainda sólida, habitada, transformada em hotel, quase sempre vazio, nos dias úteis.

Defronte as outras duas ilhas. São José, com características semelhantes, e a do Diabo, pequenina, toda revestida de coqueirais, como um buquê em pleno oceano. E em volta o mar. Veem-se tartarugas-marinhas através da água limpa, de mistura com as pedras. Cinco tonalidades de verde e azul. Ao longe, no litoral, uma faixa amarelada. É a influência do Rio Amazonas, tão longe, cujas águas se dirigem para o norte, levadas pela correnteza oceânica, empurradas para a costa. Depois uma outra faixa esverdeada. Outra verde-clara. Mais outra verde-escura. Uma azulada. O mar se desdobra em fatias de cores com várias tonalidades, que não se confundem vistas a distância. Depois o oceano aberto, verde e azul, conforme as horas. Sol. Muito sol. Vento. Ar fresco, seco, puro.

Tudo lhe parece um paraíso. E Estêvão lembra as imagens e pinturas dos livros do seminário. A ilustração, representando o paraíso terreal, um lugar muito bonito, vegetação abundante, céu claro. Adão e Eva nus, expulsos,

coitados! O diabo da serpente tentando, chateando dia e noite, se mostrando, convidando Eva para o pecado, a comer o fruto das árvores do jardim. Adão, pobrezinho, humilhado, envergonhado, cobrindo as feiuras com folhas de figueira, mais inibido do que os índios que Pedro Álvares Cabral encontrou no Brasil, todos despidos, mostrando inocentemente as *partes fanadas*, descrevia Pero Vaz de Caminha. Estêvão lera a descrição na carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão sabido, que ficou na história com uma simples missiva. Enquanto outros escrevem tratados e são esquecidos!

A ilha do Diabo lembrava a Estêvão o paraíso terreal, o jardim das árvores, as figuras dos livros do seminário. Igualzinha. Não via nenhuma Eva nua por ali. Tudo lhe vinha vindo ao pensamento, sem medida, ante aquele novo paraíso que acabara de descobrir. A história sagrada se misturando com a lembrança dos condenados, as torturas, as correntes presas aos pés e braços, os guardas franceses intransigentes, todos armados, prontos para a defesa e o ataque. E o Senhor, que expulsara Adão e Eva do Paraíso? Estêvão ainda acreditava. Nele, embora se apresentasse duro e cru na velha narração do Antigo Testamento. E a primeira má-criação, o primeiro desaforo da história, naquela outra passagem, quando Caim mata Abel, e o Senhor lhe pergunta: “Onde está Abel, teu irmão?” Ao que Caim responde atrevido: “Não sei, por acaso sou guardador do meu irmão?” Resposta desaforada, desrespeitosa, a primeira má-criação do homem sobre a terra. E logo contra quem: o seu Criador! Tudo vem vindo assim ao pensamento de Estêvão, sem ordem, provocado pelo que vê, levado de fora para dentro de sua alma, para um outro mundo interior, que só ele conhece, mais ninguém. Um mundo rico de cores e sensações.

Farid dirige tudo. Enérgico. Falando pouco. Habitado à vida rude, ao perigo. Os homens o acompanhavam. Não discutiam ordens, pronunciadas secamente. Vez por outra se abria mais, contava alguma anedota ou falava de sua vida.

Todos sobem por uma estrada que margina a ilha Royale. Estrada bem-feita, coberta de pedras trabalhadas lisas, arrumadinhas, tudo colocado pela mão do homem, os pobres presidiários franceses durante anos e anos! Muros enormes, feitos de argamassa e pedras, protegendo o barranco alto, casas também com paredes de pedras, pedras transportadas a muque, algu-

mas construções em ruínas, só se vendo a estrutura, o mais o tempo roera, dentro só mato, cipós coisas fedorentas. Lá em cima, um templo. Uma igreja muito antiga, ainda meio conservada. A presença de Deus. Boa de uso, a igreja, mas abandonada. Paredões sujos, inscrições à mão, a pintura velha, desbotando, frases latinas, que Estêvão entendia. Uma Nossa Senhora de madeira, bonita, de grandes proporções, os braços abertos, acolhedora.

— Tudo isso foi realizado pelos condenados — alguém explicou. — Até a imagem da santa, de madeira.

— Não sei como não roubaram a imagem. De madeira, desse tamanho! Vale uma nota... — pondera Jaime com faro comercial.

Do alto, divisa-se toda a paisagem. A escarpa se projeta para o mar. As pequeninas praias, pedras de todos os tamanhos, lisas, negras, bordando o litoral, coqueiros olhados do alto, encobrendo a vista do solo, que deve estar revestido de folhas, buchas e cocos ressequidos. Na pequena enseada, mal encoberto pela vegetação, vê-se o *Santo Izidro*. Balouça um pouco ao vento.

Estêvão aventurou uma pergunta a Jaime:

— Por que se chama *Santo Izidro*? Nunca ouvi falar nesse santo.

Jaime sorri. Ele também conhece todos os santos mais do que muito bispo. É especialista em imagens, as de madeira antigas, podendo distinguir num olhar se é de fabricação portuguesa ou brasileira, feita pelos índios e missionários, se é barroca ou arte popular, quantos anos tem de fabricada. Seus olhos percucientes identificam logo as falsas, obras de santeiros alguns da Bahia, que jogam um pedaço de pau ao relento, dão banho de ácidos, expõem ao calo e fabricam santos de qualquer século, para venda às velhotas ricas e beatas das grandes cidades. Os turistas se encantavam com certas imagens: esta é do século XIX, aquela do XVIII, esta é barroca, aquela da época tal, tem os olhos de contas, ou não tem olhos de conta, aquela outra se reconhece pelo resplendor. Tudo antigo. Antigo nada! Tudo falso!

Por isso Jaime sorri ante a pergunta ingênua de Estêvão.

— Que santo que nada! Izidro é o nome do dono do barco. Mora em Belém.

— No dia da inauguração a mulher dele fez questão. Tinha promessa. Deveria chamar-se Santo Izidro. E assim ficou. Izidro Pessoa da Anuncia-

ção Baptista. E fazia questão do *p* antes do *t*, Baptista, que Batista não tem *pedigree*.

Só faltou mandar fazer uma imagem do marido, em madeira polida, com uma inscrição embaixo: “Santo Izidro, o maior”.

— E por que o Izidro não veio? — indaga Estêvão, ansioso por identificar aquela gente estranha.

— Izidro freta o barco para Salomão. Recebe a renda e nada mais. O dono da muamba é o Salomão, meu caro. Salomão não para em lugar algum. Vem de avião para Caiena via Bogotá, Caracas, Miami *etc*.

Jaime fala demais. Farid está distante. Estêvão começa a compreender alguma coisa. Quer saber tudo. Pergunta aos poucos. Não adianta pressa.

Quando saem do templo passa perto um homem magro, ainda jovem, tipo francês, agitado, meio maluco, que indaga:

— *Qu'est-ce que vous faites ici?* (Que fazem aqui?)

— *Nous sommes amis* de Tarquínio — responde Pierre com a má pronúncia, forçando o “ô” final em Tarquiniô.

— *Oui, oui, oui, ça va bien*.

— É meio alopchado — diz Jaime. — Mas inofensivo. Trabalha no hotel. Não gosta de brasileiros.

Estêvão a pouco e pouco conquista a simpatia e a confiança de Farid e demais companheiros. Não entende, porém, por que ficarem ancorados na ilha Royal, perdendo tempo, em vez de prosseguirem viagem para Caiena, dia claro, sol forte, muito vento, bom para navegar a vela. Alojaram-se provisoriamente na parte baixa da ilha, prédios antigos, malconservados, dois pavimentos, um deles com mirante próprio para perscrutar o mar. Uma inscrição em grandes letras na parede, feita à tinta. Tarquínio esclarece: é palavra russa. Nome de um navio que esteve por aqui, teve problemas, fez abordagem, os tripulantes escreveram o nome na parede, letras enormes, visíveis à grande distância. O prédio, à entrada, fedia. Devia ser valhacouto de animais ou de vagabundos. No primeiro andar, salas amplas. Ordem de ficarem ali, Estêvão e Jaime, este sempre falando, contando histórias e estórias. Estêvão suspeitava que Jaime, muito sagaz, fora escalado para vigiá-lo. Era gente nova na embarcação, desconhecido. Ainda não inspirava a confiança. Mas Estêvão despertava a simpatia de todos. Fazia boa cama-

radagem. Topava qualquer serviço. Afeito à vida do mar, podia colaborar. E possuía disciplina de seminário. A uma pergunta de Estêvão, Jaime informa:

— O barco traz quatrocentas sacas de café e cem de cacau. Ficam dez aqui, apenas. É arranjo de Farid com Tarquínio. A metade vai para Caiena e a outra metade para o Suriname.

— Parece ser bom negócio — sonda Estêvão.

— Como não? Melhor que pesca. Sai café do Brasil pra burro. E cacau. Os americanos compram tudo.

— Por que os americanos e não os franceses e holandeses?

— Meu caro, — explica Jaime — as Guianas são apenas um entreposto para o mundo. E quem controla o Ocidente são os Estados Unidos. Este café e esse cacau são comprados por firmas americanas com representantes em Caiena e Paramaribo. Os navios vêm buscar, transatlânticos. Daqui sai tudo legal. Há despachantes intermediários que preparam a documentação em ordem. Quando entra nos *States* está tudo OK.

— E como sai do Brasil? — pergunta Estêvão curioso.

— Sai na marra. Com toda facilidade. Não há problema.

— Mas não precisa manifesto?

— Ora, meu caro, o manifesto o comandante da embarcação faz, num papel qualquer. As autoridades aqui aceitam. É bem verdade que ultimamente estão dando bronca, e já houve casos de apreensão.

— Não tem controle, então?

— Há uma lancha-patrolha nesse litoral. Vasculha do Oiapoque ao Maroni. Mas como é só uma embarcação, a gente aproveita quando ela passa para o norte. Ao regressar, a mercadoria já está em Caiena. Tarquínio dá as informações. Essas dez sacas parecem que são gratificação para ele. Ajuda no negócio. Informa. Manda até mensagem pelo rádio.

— Agora entendo a razão desta parada aqui — diz Estêvão.

— É lógico, meu chapa. Ninguém vai se arriscar de dia.

— E como consegue café no Brasil? — investiga Estêvão.

— É muito fácil. As firmas do ramo têm as suas quotas. Há muito café que vem com destino oficial para cidades do interior, Santarém, Cametá, Bragança ou mesmo Manaus e Rio Branco. Mandam apenas uma parte para

essas cidades. O grosso vem para Caiena e Paramaribo. Dá mais lucro. Agora o IBC está tentando controlar, mas parece que ficou até melhor.

— Como assim?

— Resolveram tingir o café cru. Fica vermelho, para ver se o estrangeiro condena. Mas americano não é burro. Examinou o café e viu que é de primeira. Compra vermelho mesmo. Depois resolveram torrar, para não sair cru. Americano examina de novo. É bom, compra todo. Mas em vez de comprar no Brasil, vem buscar em Caiena. É mais perto e sai mais barato para ele. E para nós é bom negócio. Todo o mundo está rico. Não vê como Farid ficou barrigudo? É dinheiro...

Jaime parece boquirroto. Ou então passou a confiar em Estêvão, conta tudo, sem vacilações.

— Meu negócio é peixe — diz Estêvão. — Cuido do almoço. Ainda não cheguei na sobremesa, nem no cafezinho...

— Você precisa entrar para a nossa muamba homem — aconselha Jaime.

— Fica rico depressa. Pega o dinheiro do peixe e aplica em café, cacau, e leva de volta perfumes, uísque, rádio, geladeira, automóvel. Só num automóvel dá para ganhar o valor de várias toneladas de pescado. Carro que aqui custa vinte mil cruzeiros no Brasil dá oitenta, quatro vezes mais. E como entra...

— E o café?

— Há vários tipos. Os tipos 7 e 8 não prestam. Americano não quer. Bons, para exportação, são os tipos 3 e 4, Santos ou Paranaguá. Há ainda o Moquinha, miudinho, muito procurado.

E prossegue:

— Cada torrefador tem uma quota de duzentas sacas. Desvia cem ou cento e cinquenta. É por isso que de vez em quando falta café em Belém. Mesmo assim misturam com milho e arroz torrado. Dá aquele café preto, horrível, que o brasileiro bebe e ainda diz que é bom...

Jaime, professor na matéria, discorre com desembaraço. Esquece o tempo. Lá fora, o vento agita os coqueiros, as ondas se esbatem contra as pedras, o sol rebrilha sobre as águas. E continua:

— Quando o governo resolveu tingir o café, ou semitorrar, tivemos grande prejuízo, uma partida inteira foi refugada. Pensavam que estava estragado. Enchemos um saquinho e mandamos para a América, de amostra. Foi de

avião. Lá examinaram. Veio ordem para comprar. Deram o golpe no nosso pessoal...

— E o cacau?

— Ah! Meu amigo, esse vem do Tocantins, Cametá, ou do baixo Amazonas, Santarém. Há muita mercadoria que procede de São Paulo, Paraná e até da Bahia. O contrabando está espalhado por toda parte. O Pará é que leva a fama. Está vendo o nosso barco? O dono do negócio não é o Farid, nem o Izidro, coitado, que só recebe o frete e arrisca o nome. O chefe mesmo é o Salomão. Esse quase não aparece, enquanto nós enfrentamos o mar. Ele vem de avião fazer o negócio, já apalavrado, e embolsa a gaita. Recebemos as nossas quotas. Temos também liberdade de trazer alguma coisa e comprar uma certa quantidade. Além do pagamento, porcentagem, ainda fazemos o nosso. Vale a pena. Quer experimentar?

— E automóvel, Jaime? Como é que vocês conseguem?

— Ora, um barco como esse, de quarenta toneladas, pega até quatro automóveis, dos grandes. Quando saem de Caiena já estão vendidos em Belém, Rio ou São Paulo.

— E a documentação?

— Já desembarcam com quarta via. É falsa, mas ninguém diz. Há mace-te para tudo. Quando a gente desconfia que vai ser apreendido, tira uma peça. Na hora da venda em leilão ninguém quer comprar. De que serve, por exemplo, um carro americano sem uma porta? Onde se arranja outra igual? Ninguém entra na concorrência. Aí a gente vai e compra barato, quase de graça. Coloca a porta, que estava escondida. Você não sabe a história dos baralhos, aos milhares?

— Não. Conta lá.

— Embarcaram em Paramaribo dez mil baralhos americanos, de plástico, bacanas. Mas o Tufic, dono da muamba, mandou tirar os ases de ouro. Foi apreendida a mercadoria. Na hora da venda em leilão ninguém queria comprar. Para que serve um baralho sem ás de ouro? Deu quase nada. O próprio Tufic arrematou, mandou colocar o ás de ouro e remeteu tudo para São Paulo. Cabra inteligente, vivaldino...

Estêvão ia a pouco e pouco penetrando nos segredos do contrabando, que se realizava maciçamente. Indaga mais:

— E como desembarcam os automóveis? São grandes, pesados...

— Ora, seu besta! Há jeito pra tudo. Há muitos locais onde ele desova. Perto e longe de Belém. Muitas ilhas: Marajó, das Onças, Caviana, Mexiana, furos e paranás por todos os lados. Perto de Belém tem Maracacuera, Arapiranga, Arrozal, nunca ouviu falar? No rio Guamá há vários pontos, no bairro da Condor, passando o Arsenal de Marinha. Tem serrarias, açougues, porto de lenha, o diabo, é só atracar e desovar. Faz como a tartaruga quando larga os ovos na praia. Não precisa nem cavar buraco como as tartarugas, já tem gente esperando, tudo combinado. E ainda mais, os donos do “ponto” de desembarque cobram uma taxa, varia de cinco a cinquenta cruzeiros por volume. Esses ganham na sombra.

Estêvão escuta aquilo tudo, estupefato. Ouvira falar de contrabando, mas desconhecia os detalhes. Agora compreendia porque Farid havia alojado os dois naquele sobrado velho, abandonado. Era para Jaime sondar Estêvão, convidá-lo para entrar no negócio. Convite oficial. Um gato preto sobe pela escada e, arisco, atravessa a sala. Lá fora, o vento, o mar, o sol. Dentro, penumbra, e a conversa tenebrosa:

— A gente negocia tudo — explica Jaime. — Traz para a Guiana, além de café e cacau, peles de veado, caititu, as chamadas fantasias, muito procuradas, crocodilo, gato-maracajá, onça, e ainda redes do Ceará, gado, balata, até carne enlatada (*corned beef*). Vende tudo, tudo. Há quem traga pedras preciosas, entorpecentes, maconha...

— E onde arranjam isso? — pergunta Estêvão.

— A maconha? Na zona bragantina. Há muita produção por ali. A planta é pouco conhecida. Parece vassourinha. Já vem seca, em cigarros, enfardada. A gente esconde até nas velas do barco, enrolada. Desova tudo aqui. Leva de volta automóvel, bebidas, o diabo. O negócio é bem-organizado. Quando a coisa é séria, Salomão vem de teco-teco controlar o *Santo Izidro* e outros barcos. Todos têm o nome de santo...

— Não tem nenhum *São Salomão*? — pergunta Estêvão irônico.

— Tem não. Mas tem uma *Santa Ester*. Esse negócio de nome é besteira. Sai com um nome de Belém e chega com outro em Caiena e Paramaribo. É só aparafusar uma placa por cima. Você vai ver mais tarde. O *Santo Izidro* já está batizado com outro nome. Agora é *Santo André*... gozado.

— E o fisco? — pergunta Estêvão. — A fiscalização? Vocês não têm medo de cadeia?

— Qual cadeia qual nada, seu bobo! Você não nega que é comerciante de peixe. Está todo o mundo em cima da carne-seca.

E explica:

— Tem muito fiscal posudo, honesto. Mas há os que pegam bola. A gente divide com eles. Dão cobertura. O negócio é evitar que outros saibam. Agem em grupo. É preciso que um grupo não saiba das transas do outro. Quando a gente chega com o barco carregado, o fiscal já está esperando, conhece tudo, dá cobertura. Outro dia, levamos quatro automóveis. O fiscal levou cinquenta mil cruzeiros. E custou a pegar. Achava pouco. Ria amarelo. Queria mais, oitenta. Meu chapa é o Epaminondas, mais conhecido como Bolachinha. Bochechudo. Cara bom. Valente. Enfrenta tempo.

— Mas são todos assim?

— São não. Há uns crentes. Mas você compreende, questão de coleguismo, sabem de tudo mas têm medo de denunciar. A corda rebenta do lado mais fraco e hoje em dia o lado fraco é o do pessoal honesto. Você não sabe a história do cachorro do milionário?

— Como é?

— Um milionário tinha um cachorrão de raça. Portão grande aberto, passa um sujeito distraído na rua, cachorro avança, morde ele todo, rasga a roupa, quebra os óculos, derruba, parte a perna.

— E daí?

— E daí? Um amigo aconselhou: entra com ação na Justiça. Um mês de hospital, dois meses sem trabalhar, defeito na perna, andando capenga. Pede uma indenização. Pois bem. Ação correu, juiz julgou, tribunal confirmou tudo.

— Qual foi o resultado?

— Ficou provado que o tal sujeito é que mordeu o cachorro. Ainda teve que pagar as despesas do processo. É a mesma coisa no contrabando. Se o sério denunciar o sábio, está roubado...

Jaime solta uma gargalhada.

— Que história de sábio é essa, homem?

— Ora, isso é para mexer com Farid. No contrabando dá de tudo. Paraense, cearense, paulista, crioulo, francês, judeu, sábio. É uma salada mista. E os

grandes não aparecem, só andam de avião, têm banco financiando. Nós é que somos os bestas, nesta vida arriscada, sujeitos a levar chumbo. Mesmo assim, é divertida e dá lucro.

— Que é que rende mais? Qual a mercadoria melhor para contrabandear?

— Bom mesmo é entorpecente e vitamina B12. Não a maconha produzida no Brasil, leve, bem empacotada. Mas o que vem de fora. A cocaína. Dizem que a maior produção é da Bolívia, não pesa muito. Um quilo custa uma fortuna. É universal. Durante a Guerra do Vietnã, vieram cadáveres de americanos para os Estados Unidos, embalsamados. Quando chegaram, um médico, amigo-da-onça, foi ver se o serviço estava bem-feito. Desconfiou dos cadáveres. Vinham cheios de cocaína chinesa. Li isso numa revista americana. Tenho ela lá no barco. Vou te mostrar depois. Dá fotografia dos caixões, muito bacanas, cobertos com bandeiras americanas cheias de estrelas. Lembro até o título: *Coffins and corruptions*. Tinha um subtítulo ou legenda mais ou menos assim: *Flag-draped coffins of servicemen coming home*. Que imaginação! Não respeitam nem os mortos.

E remata:

— Mas esse negócio de coca não é pra nós. É pra gente grande... tem até autoridade envolvida. É preciso ir devagar.

Estêvão nunca pensara em viver tal momento, longe da pátria, da mulher e do filho, o coração remoendo saudades e amarguras. O barco perdido. Algumas reservas no banco em Belém, mas inatingíveis. Não tinha a quem recorrer. À primeira vista, simpatizara com aqueles homens, que lhe salvaram a vida. Falavam a sua língua. Eram gente de sua terra. Quase todos. Mergulhava em regiões de um submundo que jamais julgara existir. Não, não aceitaria aquele convite, feito de maneira tão intempestiva. Tivera outra formação. Fora quase padre. Rezara tanto, tanto, no seminário! Não era possível, agora, aceitar os caminhos do inferno, levado pela mão de Satanás. E lembrava a passagem bíblica, decorada de tanto ouvir, repetida pelo Padre Giscard: “O inferno e a perdição nunca se fartam, e os olhos do homem nunca se satisfazem”, do livro dos Provérbios 27:20.

O dia avançava, breve chegaria a noite. Largariam daquelas ilhas, tão belas, e tão sinistras ao mesmo tempo. Farid manda alguém chamar Estêvão e Jaime. Sobem rapidamente pela estrada larga, toda pavimentada com pedras

grossas, sombreada de vegetação tropical. Precisa de intérprete. Sala ampla. Construção antiga. Possivelmente da administração do velho presídio. Mais dois homens presentes, um negro e um tipo chinês. Só falam holandês, um mau inglês e *taki-taki*. De todos, apenas Estêvão poderia *quebrar o galho*. Falar algo em inglês. Era negócio de contrabando. Farid recomenda sigilo, olhar feroz, como quem pede e ameaça ao mesmo tempo. O negro, alto, pele limpa, bem-tratado, dentes bons e amarelados, é exuberante. Fala muito, mas pouco se entende. Estêvão transmite o que pode. O negro quer comprar café e cacau. Pede, porém que não levem a Paramaribo. É arriscado. Prefere a região do rio Maroni, que separa a Guiana Francesa do Suriname. Em Saint-Laurent do lado francês e Albina do lado holandês. Ali é mais fácil, explica o negro, de nome Booker. O chinês, franzino e cabeludo, pouco fala, faz sinais com a cabeça, de assentimento. Ri pouco, depois mergulha em silêncio. Chung tem casa de comércio no Maroni, matriz em Paramaribo. Todos o tratam de Chim. Já é conhecido. O comércio da região, explicam a Estêvão, está na mão dos chineses: joalherias, mercearias, restaurantes, hotéis, exportação e importação. São os judeus do Oriente. Para eles não há domingos nem feriados. Suas casas comerciais permanecem sempre abertas. O Chim fala mal inglês. Ninguém entende o *taki-taki*, mistura dialética de inglês, holandês, francês, português, língua indígena e africana. Uma algaravia dos diabos. Booker é apenas intermediário, empregado, seu patrão quer duzentas sacas de café e, se possível, cem de cacau. Negócio certo, Estêvão traduz para Farid. Este acerta o negócio. Para daí a dois dias a entrega. Local rio Maroni, em Saint-Laurent. O negro e o chinês se despedem, aliados no negócio, embora não se entendam, as duas raças, em outros assuntos políticos e religiosos.

Estêvão sente que cada vez mergulha mais naquele submundo. Precisa sair dali. Livrar-se de tal ambiente. Regressar a Belém, seu pouso. Ao seu negócio. Mas que negócio? O barco afundou! Está com o campo aberto para outra vida! Saudades de Linda, como nunca, o que redobra a sua aflição. Farid manda chamar novamente Booker e Chim, antes que partam. Já desciam a encosta rumo do litoral.

Pensou melhor. A entrega em Maroni não lhe convém. Precisa trazer o *Santo Izidro* carregado e em Maroni pouco há para comprar. Prefere

Paramaribo. Porto livre, cidade maior, de um tudo para adquirir, desde eletrodomésticos a perfumes e bebidas. E lá tem antigos conhecidos: o velho Schlanger, o Van Kraus, o chinês Ming e o indiano Kirpalin. Booker e Chim conversam em *taki-taki*, ninguém entende nada, o negro reluta, Chim parece aceitar, finalmente Booker apresenta a resposta final. Pode ser a entrega perto de Paramaribo, defronte, em Nova Amsterdã. Para Farid era a mesma coisa. Negócio fechado.

Todos saem. O sol brilha no alto. O mar é verde-esmeralda. Vontade de entrar naquelas águas, pensa Estêvão. Lavar-se de todos os pecados. Farid avisa:

— Tem muito tubarão, cuidado! Andam por aí rondando a embarcação e chegam perto da praia. Quando o francês levantou presidio nestas ilhas, sabia o que estava fazendo. Quem cair n'água vira comida de tubarão.

Estêvão medita: tubarão por todos os lados, no mar e em terra. Não há outro jeito senão acomodar-se. E é o que faz. Lança-se a uma rede no velho casarão à beira-mar, as janelas abertas, o vento zunindo, e dorme até que chegue a noite. Sonha com o seminário, Padre Giscard, o livro na mão, lendo trecho da *Imitação de Cristo*: “Por mais perfeito e santo que alguém seja, não há quem não tenha, às vezes, tentações e nem há quem possa, inteiramente, eximir-se delas”. Padre falava mansinho, voz suave, como se os seminaristas fossem todos crianças, e invocava o Livro de Jó: “A vida do homem na terra é contínua tentação” (7:1). Tentação de mulheres, tentação de dinheiro, tentação de poder, tentação de luxo, de prazeres, de vida suave, num mundo que não se sabe para onde vai. Guerras. Revoluções. Morticínios. Crimes. Crianças imoladas. Velhos decapitados. Coreia. Vietnã. Oriente Médio. Bomba atômica. Desespero. Mundo onde parece não mais existir lugar para orações. Estêvão sonha com Padre Giscard. Dos porões do subconsciente, emergiam os textos bíblicos ou de obras sacras, tudo bem arrumadinho, em camadas superpostas durante os anos em que frequentou a velha escola de padres. Depois esquecia a figura do professor. Surgia a de Linda, ora alegre, ora maldisposta, toda a vez em que tentava abraçá-la sumia, como por encanto. Estêvão despertava intranquilo, sentindo ainda em torno algo imponderável, o perfume da mulher distante. Parecia-lhe presente, fazia segundos. Com ela conversava. Seus olhos negros. Seus lábios finos.

Sua pele branca e limpa. Seus cabelos grandes, negros e ondulados, de cair pelos ombros. Linda até no nome. Cada vez mais, com o passar dos anos.

Estêvão não se apercebe de que tudo aquilo é sonho. Um ruído estranho o desperta lentamente. E o vento batendo nas janelas abertas, balançando as trancas, e o barulho orquestral da natureza, uma chuva fina dedilhando sinfonias no telhado. Como lhe faz bem dormir! Fugir do mundo! Esquecer tudo menos Linda, que lhe aparece em sonhos, companheira de todas as horas mesmo distante. Mais uma vez lhe vem à memória os versos de *Hamlet* decorados há tanto tempo, mas sempre lembrados, como se fora uma obsessão permanente!

“Morrer... dormir... nada mais... Pensar
que um sono põe fim a padecimentos
do coração e às intermináveis agitações naturais
da carne, qual solução ardentemente desejada
Morrer... dormir... dormir... talvez sonhar...”

Lembra o tempo de estudos. Forte vinco na alma. Sulcos inesquecíveis como as veredas que a natureza cria nas matas, feitas não se sabe por quem, mas veredas, caminhos, abertos por feras, ou por seres humanos, na sua migração de todas as horas. A alma também tem veredas. E prossegue rememorando, ora em português, ora em inglês, o solilóquio de Hamlet:

*“To die, to sleep;
To sleep! perchance to dream: ay there’s the rub;
For in that sleep of death what dreams may come,
When we have shuffled off this mortal coil,
Must give us pause...”*

Não sabemos quais os sonhos que poderá apresentar-nos o sono da morte quando lançarmos fora essa crosta mortal. Ai teremos paz.

A religião lhe deixara marcas profundas. Era preciso viver, era conveniente sofrer, carregar seu fardo, até o fim, sem desfalecimento. E reviver, renascer com a dor.

Pensava na morte. Essa região desconhecida, a morte, de onde ninguém jamais regressou... *The undiscovered country from whose bourn, no traveller returns...*

Quantas vezes Estêvão meditou sobre a morte, desejou-a mesmo... Não fora Linda e o filhinho tenro e nenhum interesse teria mais em viver. Tão bom o sono, mesmo em sonhos, melhor que a vida com sonhos diferentes. Dormir e sonhar, esquecer que estava neste mundo, tantas atribuições, desassossego, angústias.

Agora mesmo, naquela ilha, onde jamais pensara chegar um dia, encontrava gente estranha, e as ruínas de pedra que guardavam tantos sofrimentos passados! Que fazer da vida, agora? Como regressar à pátria? Quem o ajudaria, sem documentos, sem roupas, sem dinheiro? Aqueles homens que encontrara em pleno mar foram a sua salvação, não pareciam maus, embora desviados dos rumos que a lei cria para a vida em sociedade. Soubera por Jaime que Farid tinha alguns estudos, chegara ao curso comercial, bom aluno da Fênix Caixeiral, primeiro lugar da turma, admirado pelos colegas. Pai comerciante. Rufino fora marítimo, possuía medalhas, naufrago de navio mercante, o *Ariranha*, torpedeado nas costas da América. Quase morrera de frio em pleno mar. João fora pracinha, embarcado por gosto ou por dever, não tinha jeito, convocado, sem pistolão, não fez como seu primo, Modesto, que para fugir ao serviço de guerra deu um golpe: respirou fumaça de cigarro, encheu os pulmões, no exame médico a chapa acusava sombra enorme do lado direito. Fora tuberculoso, dissera ao médico. Dispensado. Tão forte e corado, o médico burraldo não deu pela farsa. João, não. Nada de golpes. Sinceridade. Amor à pátria. Queria servir mesmo. Foi para a Itália, ficou dias e dias na linha de frente, viu cadáveres em redor, passava por cima deles, ainda em estertores.

Não foi ferido no corpo, mas na alma. Uma agitação, um nervosismo, o assaltava. Vez por outra, acordava à noite soltando gritos, era a bomba, a bomba, a granada, a metralhadora, os alemães no alto da montanha, ele subindo, subindo, se arrastando, companheiros feridos, por terra, o sangue jorrando, tudo aquilo em nome da liberdade. Comandante Valente queria tomar à unha a posição do inimigo, de baixo para cima, discípulo de Causewitz. Depois, as cartas chegavam na Itália, das esposas, das mães, das

noivas, dos filhos. Alguns destinatários já estavam mortos. Que fazer com elas, as cartas? Eram guardadas, junto com capacetes furados, para o museu de Pistoia, cartas sofridas, amarguradas, transpirando saudades, queixas e amarguras. João agora estava ali, uma ruína. Não conseguira emprego honesto. Ninguém queria. Tinha neurose, diziam. Certos dias de lua ficava excitado, arregalava os olhos quando falava, provocava brigas à toa. Mas sabia trabalhar. Fazia-lhe bem. Quem pode viver sem emprego, sem trabalho? Roubar não estava no seu feitio. Ainda mais, ficava feio um ex-pracinha ser flagrado em furto. Nem enganar o próximo, ou fazer marretagem. Tinha experiência do mar. Farid, amigo velho, da época em que ainda morava no bairro do Jurunas, rua de barro batido, João garoto, Farid rapazinho mais velho, vizinhos, boa camaradagem, desde o tempo em que jogavam pedra em mangueira ou empinavam papagaio dos telhados das casas.

— Corta, não corta, empina, dá uma cabeçada, entra por cima, revira, china! Chinou! — era a linguagem usual, os papagaios ao vento e ao sol, vento geral, forte, soprando em certas horas da tarde, esperadas com impaciência e angústia. Chinavam os papagaios e cangulas, isto é, iam para a China... Criaram o verbo “chinar”, inexistente nos belos dicionários de Holanda, nem em qualquer outro.

Farid cresceu, ganhou dinheiro, João cresceu, foi para a guerra. Ainda bem que se lembrou do amigo, agora pobre, expracinha, precisando de ajuda. Emprega João no barco, conhece os segredos do mar, é valente, embora meio doido, pois valentia e doidice às vezes andam juntas. Não viu como foi na guerra a tomada de assalto, debaixo de fogo inimigo? João assim não morria de fome. Fizera a loucura de casar-se sem poder, sim, sem dinheiro, pois essa história de amor na miséria é coisa de poeta, como nos versos de Bandeira, viver de brisa, Anarina, só vale na literatura. Tinha que dar duro. Comprar o pão de manhã cedo, e café, e açúcar, e manteiga (da margarina barata, pois a de leite de vaca custava os olhos da cara), comprar carne, e mais isso e mais aquilo, não havia dinheiro que bastasse, trabalhar para comer, poder ficar de pé, com o corpo rijo, antes que a idade chegasse. E criar os filhos, que criança e mulher não querem saber de onde vem dinheiro. Querem pão, sapato, roupas, na hora, nada de esperar. Com o contrabando, João já amalhava algo, comprara uma barraca para o lado do bairro da Condor,

que alguns dizem Côndo, outros Condor, nome tirado da antiga empresa de navegação aérea alemã, a Kondor, de saudosa memória. Ali desciam os aviões anfíbios, para espanto dos caboclos. Mas *com dor* ou *sem dor* a verdade é que o contrabando fora a salvação de João. Já tinha um teto, modesto embora. Podia vestir bem a mulher, fazenda chinesa, comprada a cinco cruzeiros o metro nas Guianas, e que custava mais de cinquenta no Brasil, chinela e Hong Kong, macia, tão macia que a sua vista lembrava os pés delicados das mulheres do Oriente, pele limpa, fina como pêssego, cabelos grossos e negros de azeviche. Quando chegava em casa era uma festa! Perfumes, calcinhas de náilon, vestidos, meias de seda, para mulher; rádio de pilha para o filho, pois João já tinha o seu, um grande *Made in Japan*, parecendo japonês, mas fabricado por americanos no Japão, eis que apenas o nome era oriental, e o local da fabricação, mas o capital dos *States*. E nos aniversários bebia champanha francês, nada de cachaça. João até ficava melhor da neurose, quando voltava para casa, bebendo champanha Veuve Clicquot, tanta novidade, presente para todo mundo, até para o cachorro, uma coleira com enfeites prateados, igual às que as francesas colocam no pescoço do cãozinho de estimação, em Paris, quando vão com eles ao restaurante comer no mesmo prato. Sim, João ficava admirado, ouvira falar, mas depois vira, no restaurante La Frégate, em Caiena, uma francesinha loura, linda de morrer, comendo no mesmo prato com o cachorro, um bruto, negro, orelhudo, feio pra cachorro. E um garçom, cara safada, vendo a surpresa estampada nos olhos do freguês ainda comentou com ironia: — *C'est vrai. Ils dorment dans le même lit.* — É verdade, dizia ele, dormem no mesmo leito. Ah! Isso João não acreditava! Cachorro fede demais, e além disso, aquela teteia de mulher devia ter algum marido, ou companheiro, ou coisa pareada, desses bem fornidos, de braço grosso cabeludo, barba azul e cara amarrada.

Aquela era a história de João. E a de Jaime? Este a contara a Estêvão, com muito orgulho até, sem esconder certas minúcias impressionantes. Não era marginal, não. Pelo contrário, de boa família, com tios em Nova Iorque, primos em Marrocos e Argentina, um irmão em Israel, adorando a vida do *kibutz*. O irmão sempre escrevia para Jaime, dando notícias, contando como eram as coisas por lá, uma espécie de paraíso terreal. As mães não precisavam ter cuidado com os filhos, havia creches organizadas pelo governo,

escolas bacanas, todo o mundo trabalhava. Ambiente sadio, aberto. Vinha dinheiro de todos os continentes, menos da Rússia. Uma experiência de que participavam pessoas originárias de todas as partes do mundo. Mas Jaime preferia ficar no Brasil. Ganhava o que queria e vivia livre. Estudara medicina até o segundo ano. Pensou bem. Ter que estudar mais quatro, fazer estágio, procurar hospitais, pelo menos mais dez anos de aprendizado, depois abrir consultório, realizar operações, cheirar sangue, ver barrigas abertas, aturar parente de defunto reclamando, dizendo que o médico errou, que matou o marido, matou o filho, matou a nora e depois aqueles honorários pingados, pingados, como água de biqueira. Afinal de contas “para bom morredor meia operação basta”, dizia um médico seu amigo, especialista em *mortis-causa*. Não, seu pai teria paciência. Queria por força ter um filho médico, seria o cirurgião da família, a abrir barriga de toda a parentela, de graça, e ainda levar desaforo pra casa. Nunca. Preferia a vida ao ar livre. Mar. Aventura. Céu aberto. Dormindo ao relento. Não precisava de gravata nem paletó. Bastavam dois blusões, alguns calções, pouca roupa. Preferia dormir no tombadilho, o camarote era quente demais, enrolava-se num cobertor, o vento frio na cara, as estrelas refulgindo no céu, a zoadá do mar fazendo dormir, como quem nina criança. E ainda havia o balouço, como num berço. Vida boa. E rendosa. Cada viagem deixava-lhe bom saldo. Era sócio menor de Salomão. E fiscal dele junto a Farid e os demais, fiscal disfarçado, muito humilde, mas de olho em tudo, para evitar roubalheira. Ah! Isso não admitia, não era da filosofia de Salomão permitir desonestidades. Tudo tinha que ser muito certo correto, afinal de contas ele possuía nada menos do que seis barcos naquelas linhas, para cima e para baixo, e precisava de gente honesta. Jaime ganhou em um ano no contrabando o que levaria dez para amealhar na medicina. Era o que sempre dizia. Tinha um parente médico, coitado, vivia num miserê danado, cobrando consulta de vinte cruzeiros, trabalhava com muitos colegas, um ninho de esculápios, onde deviam dividir o bolo por muitos. O parente usava um velho Aero-Willys, caindo aos pedaços. Jaime esnobava com um Impala, daqueles grandes, todo negro, igualzinho ao que vendera para o gabinete de um governador. Vejam só, dar-se ao luxo de ter um carro particular igual ao do governador! Era chique. Todo mundo olhava. Chapa invejada: 0001, comprada por bom dinheiro. Profissão doce aquela.

Casa farta. Viagens ao exterior, pelo menos duas vezes por ano. Estação de águas. E no carnaval era aquela farra! Champanha e vinho franceses, dos melhores. Uísque em caixa a escolher a marca, desde o Royal Salute, o Ambassador, o White Label e o President. Lembrava as palavras de um velho professor do ginásio, vozeirão de meter medo em criança: “Vivam a vida, meninos! Vivam a vida, que tudo isso passa! Não fica nada!” Estêvão ouvia calado e pensativo a estória de Jaime. Bom rapaz. Delicado. Tranquilo. Com regular preparo. Podia estar em outra atividade, ganhando bem, mas sem arriscar a reputação ou a vida.

— Que reputação, que nada! — responde-lhe Jaime. — Já se foi o tempo em que contrabando era proibido e ficava feio ser contrabandista. Pois se todo o mundo está nele! O pessoal do governo também! Já levei automóveis para deputados e prefeitos. Você pensa que o uísque que bebem nas recepções é legal? Careca, meu filho, careca, todo ele. Não tem selo na cabeça da garrafa, não. Vem até avião particular, grande, se abastecer em Caiena. Todo o mundo está dentro. Dizem que o contrabando é um fator de desenvolvimento econômico da região. É constitucional.

Estêvão não queria discutir. Aceitava os fatos. Mas o convite para participar do negócio, esse, de forma alguma, aceitaria. Um quase-padre travestido em contrabandista! Essa não! Jaime insistia, prometia levar Estêvão às boates de Caiena, principalmente a Las Vegas, a Chicago, ou a Maison qui Bouge, muita mulher crioula, misto de francês e preto, brasileiras disputadas pelos da terra, mulatas do Suriname e da Guiana, falando inglês? Algumas de Martinica, usando língua francesa. Estêvão ouvia tudo e pensava no Demônio. Era uma reação natural, a que se acostumara, desde o tempo do seminário. Mas afinal de contas, tanta coisa que lhe ensinaram ser pecado depois ficou provado o contrário! Tudo mudara! Agora, tudo quanto era padre andava de blusão ou de paletó e gravata encarnada. Faziam a comunhão à tarde, algumas horas depois de boa refeição regada a vinho e cerveja. E largavam batina para casar. O que era proibido passara a ser permitido. Que prejuízo, pensava Estêvão, para os que foram fiéis e cumpriram à risca as determinações superiores! Afinal de contas, uma festinha alegre a vida e na própria Bíblia, em passagem que mal recordava, o Senhor recomenda a: “Goza da vida, com a mulher que amas, por todos os dias da

tua vida instável, os quais te foram dados debaixo do sol, por todo o tempo da tua vaidade; porque esta é a tua parte a vida, e no trabalho com que te afadigas debaixo do sol” (Ec. 9:9). Talvez Jaime tivesse razão. Pelo menos estava disposto, corado, sempre bem-humorado, dinheiro nos bancos, casa boa, automóvel de luxo, apartamento no Rio de Janeiro. Quem o via assim, naquela vida, não dizia ser o mesmo que, no Rio e São Paulo, frequentava altas-rodas, casamentos grã-finos, festa no Municipal, *réveillon* no Copa, recepções de toda ordem. Jaime era melíflu, andar macio, balançando os braços soltos como se fossem de mola. E o que lucrava no contrabando emprestava a juros, a muitos por cento ao mês, tudo bem colocado, nas mãos de exportadores de madeira, castanha ou borracha, bons fregueses, da linha internacional. Costumava dizer:

— Comigo é só a linha internacional. Não quero negócio mixuruca com taberneiro. Dou cinco milhões a um exportador de castanha. Basta um vale. Um mês depois recebo sete ou oito milhões. Ele também ganhou, com os meus cinco milhões apurou dez ou doze ou quinze. Depende do valor internacional. Negócio se faz com a escuta ao ouvido, telefone para Nova Iorque, fecha ou não fecha. Também quando desce o preço, o prejuízo é geral. Mas há meios de saber com antecedência. Bergstein informa de Nova Iorque.

Estêvão aprendia também. Afinal de contas aquela gente era muito esperta. Segura de si. Alguns com família, mulheres até grã-finas, filho nos melhores colégios, parentes de boa posição. Jaime parecia ser o braço direito de Salomão Abinador Begossian, o chefe de todos, o homem que só viajava de avião e se hospedava no Hotel Montabo, em Caiena, ou no Torarica, em Paramaribo, ambos de luxo, com piscina e cassino. Jaime tentava Estêvão. Que entrasse na muamba. Era divertido. Enricava depressa. Daria conforto à mulher e ao filho. Risco por risco, em última análise, havia também, e muito maior, na pescaria. Estêvão mesmo já naufragara perdendo o barco, as instalações e a mercadoria. No contrabando tinha assistência. Quase todos os dias, vinha um avião teco-teco dar uma olhada, verificar se tudo corria bem, jogar mensagens em latas, que ficavam boiando sobre as águas, enquanto Farid as recolhia, curioso e apressado. E além do mais, havia a camaradagem, a lealdade recíproca, um código de honra, nada de esperteza

um com outro, pois gente falsa ou desonesta não tinha vez naquele negócio. A primeira condição era a probidade.

Estêvão, em certos momentos, se sentia tentado pelas palavras de Jaime. Mas logo se lembrava das aulas de religião, do Demônio com mil faces, tentando, tentando, e o preceito do livro sagrado, lido pelo Padre Giscard e incrustado nos refolhos da alma como pérola no âmago da ostra: “E não é de espantar, porque o mesmo Satanás se transforma em anjo de luz”, na Epístola aos Coríntios, 11:14. Jaime queria tentá-lo como Satã, arrastá-lo para o Mal, a ele que mantinha vida tão regular, tudo certinho, dentro e fora de casa, desde que deixara o seminário. Mas reconhecia que Jaime, afinal, não era má pessoa, maneiras finas, com um desejo indomável de enriquecer, via negócio em tudo, não falava noutra coisa.

O pobre Calil não possuía a exuberância de Jaime. Discreto, silencioso, olhos negros sob grossas sobrancelhas, a revelar o tipo libanês. Seu pai, imigrante, viera do Líbano ainda novo, fora primeiro *teque-teque*, vendendo linhas, botões, alfinetes, renda, e um mundo de quinquilharias pelas portas das casas. Calil, pequenino, brigava com os moleques da vizinhança. Gostavam de chamar o velho de *turco*. “Papai não é *turco*. É *libanês*” gritava. Nicolau não se importava. Depois, melhorou de vida. Em vez de *teque-teque* passou a vender apenas tecidos. Era melhor, menos cansativo e não precisava andar com aquelas duas tabuinhas na mão, parando nas portas das casas para anunciar a presença: *teque-teque, teque-teque*. Batia grosso, com as duas mãos pesadas. Um negro carregava a mala na cabeça, cheia de cortes de vestido, que vendia às madames, à prestação, pelo dobro do custo.

— *Não gusta nada bra ucê* — costumava dizer.

Depois, montou loja, uma portinha, Casa Flor do Líbano, com o que desejava demonstrar não ser *turco*, mas *libanês*.

Mesmo assim, passaram a chamá-lo de *sírio*, do que não gostava muito. Afinal de contas, a sua nacionalidade era outra. Deviam respeitar. O velho era um herói no trabalho. Economia de todas as horas. Acendia uma luz, apagava outra, para não aumentar a conta. Só passeava aos domingos e a pé. Mas tinha visão. Queria os filhos na escola, todos inteligentes, vivacidade que já vinha de longe, correndo nas veias, de geração a geração desde Senaquerib. Calil, menino ainda, ficava na loja do pai, quando não ia à aula,

medindo fazenda. O metro na mão criara calo nos dedos de tanto cortar pano, freguesia modesta. A mercadoria saía em metros e centímetros, o dinheiro entrava em cédulas e moedas. De noite, os dois velhos — pai e mãe — contavam a receita do dia, uma a uma, as notas amarrotadas. A velha costumava dizer que dinheiro gosta de ser agradado, precisa de carinho. E passava a mão por cima das notas, alisando-as, arrumando-as em pacotes, com destino ao cofre. Compraram a casa, com duas portas. Briga com o vizinho. Despejo. Aumenta a loja. A garotada não chamava mais de *turco*, nem de *sírio* a Nicolau, agora era *libanês*, velho bom, amigo de todo o mundo, a palavra de Deus sempre na boca e na alma as saudades das neves do Líbano, no inverno. Tudo parecia ir bem, mas o destino arma ciladas. Os negócios pioraram. As fornecedoras de fazenda queriam pagamento à vista. Muito imposto. Nicolau, para aumentar as reservas, colocara dinheiro a juros nas mãos de Salim, patrício e do mesmo ramo. Salim faliu, não tinha nada, estava tudo no nome da mulher. Separação de bens. Não adiantava pedir concordata, nem requerer falência, fraudulenta ou não, pois dinheiro que é bom não havia. E toda a economia de Nicolau foi arrastada na falência de Salim. *Eben charmuta*, dizia o velho, indignado, se referindo ao patrício. Calil já avançado nos estudos, quase guarda-livros, teve que se lançar na vida como náufrago em pleno mar.

Procura daqui, procura dali, velho Nicolau sempre assinava as listas do partido em véspera de eleição. Pede emprego ao prefeito, só havia no jogo do bicho, como banqueiro, no bairro do Umarizal. Emanuel Melchior, o banqueiro-mor, barriga grande de tanto dinheiro, atendia pedidos, ou melhor, ordens do Chefe. Coloca o jovem Calil numa banca de jogo. E assim começou nova estória. Jogo e contrabando andavam unidos, irmãos gêmeos. Num passe de mágica, Calil se vê em pleno mar, metido em contrabando, aplicando as últimas reservas do velho e probo Nicolau, herói de muitas batalhas.

Calil não estava ali por gosto, como Jaime. Fecharam-se muitas portas à sua frente. Afinal de contas procurara trabalhar para o governo. Este o encaminhara ao jogo, alavanca poderosa que elegia deputados, senadores, prefeitos e governadores. O negócio deveria ser honesto, e legal (julgava ele), pois do contrário governo não ofereceria cobertura. Tanta banca de bicho por todo lado, divertido, havia gente maluca jogando tudo o que recebia no

trabalho, cozinheiras, operários, donas de casa, ricos mesmo, fanáticos pela bicharada. As grã-finas, mulheres de advogados, médicos, engenheiros ou grandes comerciantes, mandavam as cozinheiras ou serventes bancarem o jogo. Uma delas, a mulata Marcelina, não fazia segredo:

— Joga pra mim no leão e para a patroa na vaca...

O marido de uma delas fazia propaganda contra o jogo pelos jornais, o médico dr. Serapião Parreiral. Atacava governo dia e noite, entrevistas na televisão, retrato nos periódicos, era feroz contra o vício, invocava Rui Barbosa, que num momento de lucidez costumava dizer: “O jogo é o grande putrefator”. Outro, Dr. Sombra, de manhãzinha, mal virava as costas, a patroa, Dona Serafina, mandava a empregada casar no carneiro. É que sonhara com o bicho. Toda a fauna aparecia em sonhos, de noite, em competição. Ora era leão, ora era touro, ora era galo, ora era avestruz, este sem justificativa segundo Freud. Vida tranquila aquela! Calil enchia as pules, o dinheiro entrava. De noite era a grande farra: a prestação de contas. Emanuel arrecadava milhões, milhões; uma parte, de direito, pertencia ao partido, vinte por cento; outra ao governador, vinte por cento; outra ao prefeito, outra para auxílios a amigos da situação, o restante ao banqueiro. De noite toda a turma contava dinheiro, contava, contava, os filhos (dos que os tinham) em volta da mesa, só conferindo dinheiro, como num conto que Calil lera em criança num livro da escola, *Contos pátrios*. Todo o mundo contando dinheiro até só ficarem os esqueletos. Calil lembrava sempre esse episódio fantástico do livro escolar. E se faltava um cruzeiro, um dos filhos reclamava logo: “Olha, papai, aqui tá faltando dinheiro. Esse bicheiro parece que não é honesto”. Calil ganhou alguma coisa, o suficiente para jogar em lance maior, no contrabando. A vida melhorou. Ajudou o pai, já alquebrado. Tudo sorria, eis que dinheiro não traz felicidade, mas traz alegria. Essa era a história de Calil, bom rapaz, inteligente, ajudando o irmão a se formar, haveria de ser um doutor, dos bons. Fora empurrado para o contrabando e esperava ainda tirar o pé fora, mais cedo ou mais tarde.

Sempre tentara antes, quando estudante. Ainda não estava naquela vida, sua preocupação era o estudo. Faz concurso para autarquia federal, Valorização do Vale, sua esperança. Primeiro lugar. Toma posse, chefe ameaça: “Ou bem estuda ou bem trabalha”. Sim, ou bem estuda ou bem trabalha. Não

dava licença para assistir às aulas. Cortava o ponto. Entre perder as aulas e perder o emprego Calil preferia perder o emprego. Chefe lhe apresenta petição já pronta, pedindo exoneração, a ele que tirara o primeiro lugar entre setenta candidatos. E ainda pondera, compassivo: “Conheço seu pai, boa pessoa, mas não posso dar jeito”. E o diabo daquela repartição tinha por finalidade valorizar a região, impedindo que seus funcionários, jovens, estudassem! Não adiantava reclamar para o presidente. Sempre ocupado, não ia perder tempo com coisinhas. Novo concurso, comunicações, a repartição, sede nova, o Brasil ligado por telefones e outros meios. Novamente: primeiro lugar. Calil exultava quando vinha com o resultado. Depois da posse, a mesma recomendação: “Ou bem estuda ou bem trabalha. Tem que deixar a faculdade se quiser vir para as comunicações”. Porcaria de serviço, pensa Calil, estudava tanto, fazia concurso, era o primeiro da classificado e depois tinha que largar tudo. Já deixara pequenas atividades na casa comercial do pai, um pouco de escrita das lojas Florzinha e Samaritana e agora perdia tudo, o novo e o velho. Verdade pura, tudo isso. Calil tinha que apelar para outros meios. E assim foi para o jogo do bicho, depois para o contrabando, embora a sua alma pedisse melhores atividades e o seu coração aspirasse a outros caminhos. Fora empurrado, sim, empurrado. Depois a mesma força que lhe fechara a porta de duas repartições federais, autarquias com sedes luxuosa, pesar dos primeiros lugares, ainda tinha autoridade para fisgá-lo no contrabando? Nunca!

Estêvão meditava na história de todos aqueles homens. Desviados voluntária ou involuntariamente para aquele comércio. Vigorosos, jovens, serviços prestados, gratidão de permeio com ressaibos, amargura na alma por injustiças sofridas.

A noite desce lentamente. A chuva amaina. Não se ouve mais o tamborilar das biqueiras. O vento desapareceu como por encanto. As árvores paradas, os coqueiros imóveis suas copas se estendem sobre as três ilhas como um tapete áspero de verdes fibras. Alguém sobe a escada do velho casarão. É Tarquínio:

— Farid manda avisar que devem ir para o barco. Vão partir esta noite.

O *Santo Izidro* se mostra ao longe, no lusco-fusco do poente, os mastros eretos. Homens a bordo. Estêvão observa o nome: não é mais *Santo*

Izidro, agora é *Santo André*, a tábua aparafusada sobre o nome antigo. Em qualquer relatório, aquele nome, vindo a Belém ou Amapá, é desconhecido. Nos registros está *Santo Izidro*, homenagem ao pobre Izidro Pessoa da Anunciação Baptista, brasileiro, casado, de profissão marreteiro, vez por outra convocado como jurado, nos grandes processos de homicídios, ou como presidente de mesa eleitoral, no tempo quente da eleição. E membro do partido, com lugar de destaque no Diretório Municipal.

5

Crepúsculo



A noite desce. *Santo Izidro* mudou de nome. Agora é *Santo André*. Todos a bordo, mais Tarquínio, o homem de um olho só. Farid manda acionar o motor, que estronda, ecoando os estampidos sobre a escarpa irregular da ilha Royale. No alto, as luzes do velho hotel. Pichon, o francês amalucado, aparece na praia, faz adeus com os dois braços agitados. Farid, imenso, o abdômen saliente, camisa branca, mangas curtas, investiga o horizonte, observa o canal com olhos de mestre, enquanto João verifica a profundidade, para evitar encalhe. É preciso navegar com cuidado, vagarosamente, o mar está mais calmo, por sorte, uma lua cheia se insinua no horizonte, espantando a penumbra, como se fora um imenso fanal aclarar as rotas perigosas daqueles mares. A superfície das águas brilha e rebrilha. Bem perto sobressai a ilha São José, bloco verde-escuro sobre o mar e, do outro lado, a ilha do Diabo, coberta de coqueiros, cercada de pedras negras e enseadas minúsculas, com traços de praias alvacentas.

— Só se soltam as velas lá fora! — ordena Farid.

— No canal é perigoso. Pode encalhar num banco de areia. Velho lobo-do-mar, Farid conhecia os segredos da navegação litorânea. Quando saía de Belém, costumava fixar uma reta da ponta do Maguari nos confins do Marajó em direção ao cabo de Orange. Navegação franca, embora perto da costa houvesse muitos bancos de areia e lama. Mas era mais fácil de navegar em certas horas, apesar de agitado e com muitos ventos. Conhecia os momentos propícios. Guiava-se pela direção da brisa, pelas nuvens, até pela temperatura. A partir do cabo de Orange, passando a foz do Oiapoque, só um perito poderia navegar tranquilamente. A corrente oceânica do *Gulf Stream* poderia arrastar a embarcação para o golfo do México. Os inexperientes muitas vezes tiveram essa surpresa. O mar forte, a corrente rápida



empurrando os barcos para o mar alto e depois aproximando-os do litoral, já longe, muito longe das Guianas, em pleno Caribe, na direção do golfo.

Farid explica:

— Estas ilhas são cercadas de bancos de areia. Há canais por todos os lados. E muita pedra. Lá fora existe outro perigo: a corrente oceânica puxa o barco para longe. Quando chegarmos fora do canal teremos que abrir as velas e regressar para a costa, do contrário vamos bater no México. De Belém a Oiapoque faço em quarenta e oito horas, e do Oiapoque a Caiena em doze, quando o mar está bom.

Os homens, já experientes, se acomodam como podem. João continua controlando a profundidade. Farid na casa de comando. Grita ordens para uns e outros. Na cozinha o braseiro aceso espalha fagulhas como vaga-lumes, com a trempe para assar peixe e a chaleira de água quente, para o café. Ninguém pensa em dormir. Só alta hora da noite. Assim mesmo dispensam geralmente os camarotes, muito incômodos, além de abafados, com a zoadada do motor castigando os ouvidos. Deitam-se no chão, cara exposta ao vento, no tombadilho alguns se enrolam em redes grossas, outros em cobertores, peitos nus, a vida ao ar livre, que os enrijece. O alojamento fica no toldo, com a casa de comando, a cozinha e quatro camarotes.

Farid conhece todos os segredos, desde a foz do Amazonas até as ilhas do Caribe.

Sabe a hora exata em que deve aportar ao cabo do Maguari, na ponta extrema da ilha de Marajó; ou no Pacoval, onde, nas marés baixas, só entram embarcações pequenas. É ponto de convergência da piramutaba. Conhece bem o banco Maçarico, perto de Soure, lugar propício para derramar contrabando. O Arrozal, mais dentro da goela escancarada do Amazonas, o Carnapijó e os meandros do estreito de Breves. Percorreu todas aquelas localidades. Às vezes foi perseguido pelo navio *5 de Outubro*, da fiscalização do Estado, feroz na apreensão de contrabando e, às vezes, no recebimento de propinas, dependendo do fiscal de plantão.

Logo mais Farid ordena que se soltem as velas. A bujarrona se abre na proa, como se fora uma asa, as ensalças (que os caboclos chamam enxachas) esticadas, depois a vela grande, ao meio, com uma asa maior, noutra direção; e o traquete, atrás, perto da popa, várias velas que se completam,

controladas pelos braços fortes daqueles homens, afeitos ao sol, à chuva e aos perigos do mar. A embarcação balouça, treme, muda de rumo; Farid comanda, dá ordens. A velocidade aumenta. O *Santo André* toma a direção do litoral, agora semivisível, com o clarão da lua a mostrar em frente um risco escuro no horizonte, denunciador de terras. O essencial é sustentar o rumo, a rota fixada, em direção do rio Cayenne, em cuja foz se localiza a ilha, sede da capital da Guiana Francesa.

Há mais um passageiro a bordo: Tarquínio. Embarcou com Farid, fazendo-lhe companhia durante a saída do barco pelo canal. No mar aberto Tarquínio se aproxima dos demais tripulantes, especialmente de Estêvão. Puxa conversa; já nem parece o mesmo, da primeira impressão, pouco simpático. E Estêvão pensa como nem sempre as pessoas são em realidade como se mostram à primeira vista.

Estêvão inicia a conversa. Pede informações a Tarquínio. Que faz ali, naquela ilha, perdida no mar, tão longe de tudo? Tarquínio explica. Saíra jovem do Ceará, alto sertão, em busca da Amazônia. Belém o atraía. Trabalhara, ainda novo, para exportadores. Viajara para a Inglaterra e Alemanha no serviço bruto, virando castanha a bordo de navios da Booth Line Co. ou da Norddeutscher Lloyd. Era um trabalho pesado, passar toda uma viagem, de Belém a Liverpool ou Hamburgo, com uma pá na mão, virando, virando, remexendo sempre montanhas de castanhas.

— E para que essa viração toda? — indaga Estêvão.

— Para não apodrecer. A castanha era exportada com casca. Se não fosse movimentada, arejada, chegaria podre na Inglaterra. Geralmente iam vários homens, brasileiros, nesse serviço, com a garantia da volta.

Tarquínio, com um olho só útil, concentra todo o brilho da alma nesse olho. Mira Estêvão, atraído pela pergunta, e prossegue:

— Era divertido! A gente chegava na Inglaterra e passeava um bocado, nos dias de espera do outro navio, para regresso. Belém-Liverpool e Liverpool-Belém fiz várias vezes. Corri mundo. Em algumas viagens o navio ia pelo Caribe. Foi numa dessas ocasiões que me seduziu o Caribe. Desci em Barbados. Lá conheci uma crioula, que me virou a cabeça. Larguei navio e tudo e fiquei com a mulata. Depois deixei essa mulher e saí por esse mundo de Deus. Vim acabar em Caiena, com um pequeno negócio e agora nesta

ilha. Pelo menos tenho sossego, o ar é puro, se come bem. Trabalhei na companhia de pesca. Bom negócio, a pesca, aqui. O americano compra tudo: peixe, camarão, tudo. Mas as grandes empresas não deixam os pequenos levantarem a cabeça. Até pouco tempo a gente pescava livremente, fazia-se a chamada *barreira chinesa*.

— Que é isso? — indaga Estêvão.

— Barreira chinesa era uma espécie de barragem com redes submersas. Usava-se também a tarrafa. Pesca individual, mas de bom resultado, para consumo local. Mas depois entraram os grandes. Os americanos queriam camarões, *crevettes*, como dizem aqui, ou *shrimps*, como dizem eles. Vieram duas grandes empresas: a Cocomá, que antigamente se chamava Mano Shrimp, capital americano. Tinha sede em Saint-Laurent, mas a matriz era na Flórida, Estados Unidos, em Tampa. Possuía uma frota de trinta barcos e produção de oitocentas toneladas.

— E exportava tudo?

— Ainda era pouco. Por isso veio outra empresa, a Pideg, Pêcherie Internationale de Guyane. Tem nome francês, mas dizem que o capital é quase todo americano. Se estabeleceu em Larivot. Exporta mais de mil toneladas de camarão por ano.

— E os homens da terra, que fazem?

— Organizaram uma companhia guianense, a tal Pêcherie Guyanaise. Faliu, não podia competir com os americanos. Agora há uma outra, a Sicom. Grande mesmo é a Pideg.

Estêvão se interessa pelo assunto, sua atividade primordial, pesca. Lembra o pai aconselhando-o a se dedicar à vida do mar. O mundo tem fome. Fome de tudo. Os americanos, os ingleses, os japoneses, os franceses estavam todos devassando os mares. Fome de peixe e de camarão.

— Só para os grandes — pondera Tarquínio. — Gente de pouco dinheiro não deve se meter nisso. Se estrepa. Não pode competir.

Tarquínio aponta para o mar:

— Toda essa zona, meu amigo, tem camarão pra burro. Em geral o camarão não vive mais do que dezoito meses, mas se reproduz assombrosamente na proximidade da costa.

Estêvão contempla o oceano indócil, agora mais agitado, o vento a lam-ber-lhe o rosto.

— Hoje até está calmo — diz Tarquínio. — Este trecho aqui costuma ser brabo.

E apontando na noite:

Estamos nos aproximando da costa. Ali em frente é o Kouru, uma base espacial de foguetes. Tudo moderno. Prédios de concreto, ruas asfaltadas, creches para crianças, supermercado (Prisunic), escolas. Parece que a gente está em Paris.

No horizonte se estende uma sombra negra, com pontos faiscantes de luz. Com o balouço do barco, as luzes se agitam como se fossem vaga-lumes distantes.

— Julguei que isso só tivesse mata e onça — pondera Estêvão.

— Qual nada, meu amigo. Você compra nessa cidade tudo que há em Paris, desde perfumes, bebidas, comidas, roupas, aparelhos. Tudo e do melhor. E encontra brasileiros por todo lado. Vieram aos milhares para a base espacial de foguetes.

Tarquínio, de tanto conviver com os guianenses, já esqueceu algumas palavras portuguesas. Apresenta sotaque, falando mal as duas línguas, a materna e o francês. Já não diz perfume, mas *perfan*, deturpando as duas línguas.

A enorme lua aclara o céu e o mar. Farid sempre no comando. Alguns adormeceram, enrolados em cobertores ou redes, deitados por ali mesmo no convés. Um deles ronca, é Rufino.

Tarquínio pergunta a Estêvão:

— Que vai fazer quando chegar a Caiena?

— Tentar voltar para Belém. Para casa. Quero saber dos companheiros. Se estão mortos ou vivos. não aguento mais as saudades de casa. Deixei mulher, filho pequeno.

— Esse barco não vai voltar agora. De Caiena deve seguir para Suriname.

— Vamos ver amanhã. Espero que o cônsul me ajude. Hei de dar um jeito.

— Salomão deve ter chegado hoje. É o chefe. Talvez ele possa cooperar. É boa-praça. Fica no Hotel Montabo, ou então na casa de Monique.

— Quem é Monique? — pergunta Estêvão.

— É uma crioula. Mulher danada. Trabalhadora e virada. Está rica. É bonita de valer. Salomão tem muito ciúme dela. Morena clara, olhos verdes...

Estêvão contempla o rosto de Tarquínio, que pisca o único olho de que dispõe, a lua como fundo de paisagem, o vento a agitar-lhe os cabelos lisos.

— Há quanto tempo está neste lugar, Seu Tarquínio?

— Vim por uma semana, estou há dez anos. E não pretendo sair mais, a não ser para ver minha terra: o Ceará. Ganho bem. O diabo de uma mulher me prende. Tenho filho com ela. O garoto só fala francês. Não quer saber do Brasil. Por amor dele vou ficando. E tem muita gente como eu aqui. Alguns não sabem mais nem falar nossa língua. Fazem até serviço militar. Você vai ver de tudo. Há brasileiro rico e brasileiro na miséria. Um bairro inteiro dos que fracassaram, perto das docas, a *crique*. Só dá marginal.

A embarcação navega menos agitada. Aproxima-se da foz. As águas se mostram quase sem ondas, o vento constante e brando a impulsionar as velas.

O Kouru está em frente. As luzes, na distância, se confundem com a claridade lunar.

— Temos mais duas horas de viagem. Da Royale ao Kouru são mais ou menos uma hora e meia a duas horas, dependendo do barco e do tempo. Até Caiena, *crique*, temos mais duas horas de viagem. A distância de Kouru a Cruena é de cem quilômetros mais ou menos. Não se pode correr muito, vai-se só com o motor, quando entrar na foz.

Tarquínio vai dando explicações a Estêvão:

— Essa costa toda é cheia de rios: o Maroni limita com Suriname, depois vem o Hana, o Iracoubo, o Sinnamary, o Kouru, o Caiena, o Harury, o Approuague e o Oiapoque, já no limite com o Brasil. Todos se lançam diretamente no mar.

Estêvão escuta curioso todas aquelas descrições de Tarquínio, homem experiente, vivido e sofrido, filho do sertão do Ceará, largado pelo mundo, ora em Belém, ora no interior, ora nos navios transatlânticos, conhecedor de portos famosos como Liverpool, Hamburgo, Amsterdã, Leixões, Barbados e outros. Contava aventuras da mocidade, ainda forte, em pleno viço, em Hamburgo, grande cidade, enfeitada de lagos, onde também estivera na viração da castanha, vendida para a Alemanha. E Tarquínio não dizia

“castanha-do-pará”, mas *paránuss*, como a denominam os alemães, apreciadores da amêndoa, que é vitamina só. E falava de um bairro famoso, em Hamburgo, o Sankti-Pauli, cheio de luzes, cabarés, teatros, cinemas, bares, jogatina de todo tipo, gente de muitas raças de mistura com os alemães, uma farra maluca, nunca vista, mas tudo com ordem e limpeza. Nada de sujeira como nos portos da América Central ou do Sul, mulheres bonitas de todos os padrões — francesas, alemãs, russas, japonesas, espanholas, cada qual mais bacana, de endoidecer o sertanejo. E tudo muito discreto: de dia o comércio funcionando em ordem, bancos abertos, as mães com crianças pelas mãos em caminho da escola, a vida normal; de noite era aquela babel de raças na maior bacanal a que já pudera assistir na vida. Luzes acendendo e apagando. Música. Tentação. Narrou que andava tranquilo, nenhuma preocupação com assaltos, a polícia inflexível, nenhum mendigo; entrou numa espécie de galeria, tudo iluminado, caixas de cigarros e bombons nas paredes, queria comprar algo. Foi andando, vendo vitrines, pensando que era apenas uma galeria comercial, mas no fim havia uma grande área penumbrosa, vasto pátio luz vermelha, tudo muito bonito e limpo, dezenas de mulheres de biquíni, cada qual mais bela, quase não falavam, sussurravam, era uma tentação. A luz vermelha sobre a pele branca realçava a beleza e escondia os defeitos.

Estêvão jamais saíra do Brasil. Conhecia o mundo através de viagens mentais, estudando geografia, cabeça inclinada sobre os mapas, tudo em pequena escala, parecia-lhe tão perto e bem traçado, os oceanos separando os continentes e os homens. Imaginava então como poderiam ser todas aquelas nações! França, Itália, Inglaterra, Espanha, Japão, Portugal de seus avós. Um deles, o paterno, muito gordo, baixo, rosto vermelho, óculos de aro dourado, falava sempre na apanha das azeitonas, em Albergaria Velha, um lençol sobre a grama, mulheres, homens e até crianças subindo em escadas, as azeitonas verdes caindo, depois o depósito, com sal e água. Ou a colheita das uvas, as vindimas, o lagar, a portuguesada com as calças arregaçadas, pisando as uvas com os pés, até escorrer o vinho, mais saboroso assim, do que se fosse feito com as mãos. E as sopas, lembrava o avô, com olhos no passado, as sopas de repolho e batatas, em que os meninos, faces rosadas, ainda colocavam pedaços de broa para ficarem mais suculentas, temperadas

com fragmentos de presuntos retirados do borralho. Estêvão também viajara muito, mas em pensamento. Imaginava como seria a Noruega e a Suécia, irmãs siamesas, as mulheres muito brancas, as peles macias, as carnes tenras como se fossem de coelhos, mal comparando. E o Japão, a natureza em flor, as japonesinhas com vários tons de peles, algumas muito alvas, lembrando leite coalhado, olhos negros, voz macia, todas macias da cabeça aos pés. Viajar! Fora sonho de Estêvão ainda entre as grades do seminário.

Mas aquilo só lhe vinha na hora da aula de geografia. Depois passava. A ideia de viagens trazia sempre consigo a ideia de pecado. E no seminário era proibido pensar em mulheres, mesmo aliadas a viagens inocentes, como aquelas que via anunciadas em estampas nas revistas ou nas casas de turismo, como propaganda, uma japonesa de quimono, mas de tal forma graciosa, que mostrava uma das pernas até acima do joelho; a saia, cheia de flores, levemente arregaçada, em posição de provocar até um frade de bronze, desses que se veem em estátua na praça pública. E lembrava aquelas alemãs de cabelo curto, nariz grande e arrebitado, lindos dentes, uma com flores, outra com enorme copo de cerveja na mão, para o alto, e a legenda:

“Visite Munique na primavera!” Bacana, tudo aquilo! Estêvão muita vez pensava e repensava, dentro daquelas paredes escuras, como seria a vida lá fora, sob aquele céu tão azul, prometendo tantas coisas agradáveis? Depois caía em si, era o Demônio, o Demônio, o Demônio, apertava a cabeça com as mãos, vinha a reza ao pensamento, primeiro, depois aos lábios, numa arritmia entre a alma e o corpo:

“Pai nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome...” e enfiava a prece até cansar, esquecer as pernas da japonesa, o sorriso das alemãs, a pele alva das suecas, a carne de coelho, branca, macia, molhada em leite. “Diabo de tentação!”, resmungava mentalmente. Dizia desaforos mentais, depois se arrependia. Era o Demo que instigava, o Cão, o mesmo que tentara São Francisco e Santo Antônio.

Afinal de contas, pensava, se Deus nos fez assim, com essa carne nervosa vibrando ao menor sopro, foi porque o quis. Se deu mãos para o trabalho, olhos para ver, tato para sentir, ouvidos para ouvir, todas as coisas expressavam a vontade divina. O amor devia ser uma réstia da vontade divina, o

amor sob todas as formas, puro ou não, eis que o conceito de puro varia de lugar a lugar, de pessoa a pessoa.

Como dizia o Dr. Menestrel, advogado irônico, seu amigo: “Em matéria de amor, o que no Brasil é recurso extraordinário, na França é petição inicial”.

Era o Demônio que estava soprando no ouvido de Estêvão aquelas coisas, aquela contestação imunda, procurando justificar o amor carnal com a vontade divina. Mas afinal de contas, não estava escrito no Gênesis, logo na entrada do edifício bíblico, como num pórtico soberbo: “Crescei e multiplicai”? Como poderia multiplicar, pensava Estêvão, sem agarrar Linda com todas as forças dos braços, e possuí-la em toda a plenitude, no arranjo final que a natureza engendrou em paroxismos de prazer?

Não podia gerar sozinho. Era preciso a outra metade. E por que só alguns tinham esse privilégio? Ele devia recalcar toda a força de suas entranhas, dos seus nervos e transformá-la em sermões, no púlpito, a igreja cheia, os círios chorando, os fiéis, uns acreditando na palavra do sacerdote, outros desacreditando; muitos nem acreditando nem desacreditando, porque dormiam ou estavam com o pensamento longe, na casa de comércio mal fechada, no pernil no forno para que não queimasse ou na mulher do vizinho, que lhe parecia mais bonita que a sua.

Estêvão sempre fora assim, um vulcão de forças contrárias se destruindo mutuamente. Um Vesúvio por dentro com céu azul por fora. Uma vocação que se derretia ao contato do calor, como cera de vela acesa. Derretia mesmo, as tentações o perseguiram. Eram o seu braseiro. Estava escrito: “Antes casar que esbrasear, pegar fogo”. Gostava de ler sobre a vida de Santo Antão, no deserto, aquele sopro de vozes aliciantes no ouvido do velho, aquelas imagens de mulheres selecionadas como concurso de misses. O velho resistindo, resistindo, fazendo jejum, jejum, o sol escaldando, o suor escorrendo, *tudo isso para quê?* Sim, tudo isso para quê? Aí se interceptou no pensamento de Estêvão a imagem do poeta Ascenso Ferreira, chapelão na cabeça, autor de um poema ao gaúcho, este descendo arrogante no cavalo árdego, bombachas, facas enormes, no tempo em que gaúcho usava faca, a coragem no olhar, “tudo isso para quê?” Sim, aí Estêvão misturava no pensamento: Santo Antão, o gaúcho e Ascenso Ferreira, valores heterogêneos, e dos três fazia um só: imaginava Ascenso de bombachas, num

cavalo malhado, esporas de prata de roseta, ou então o gaúcho no deserto, comendo sol, fugindo das tentações, as mulheres bacanas o perseguindo, deviam ser argentinas, as tais que os tentavam e ele arrogante, não querendo, não querendo, não querendo, e a sede o ressecando, vontade doida de beber todo o rio Guaíba, só de vingança. Recordava então a estória que lhe contara um vizinho de quarto, em pensão barata, gaúcho também, o homem se afogando no Guaíba, lutando com as águas, e ainda assim gritando arrogante: “Te aguenta, Guaíba, senão te bebo todo!” Ameaça danada essa que deve ter metido medo ao bonito rio, água demais para um gaúcho beber. Depois imaginava Santo Antônio nas coxilhas, cavalcando um alazão, comendo churrasco. Será que estava ficando doido?

Estêvão não tinha a experiência de Tarquínio, mas possuía muita teoria, que abria caminho à prática, no Bem e no Mal. No mar, sentia-se como na pátria; o mar era a terra de todos — pensava — depois balançava a cabeça para jogar fora a ideia idiota. Como é que mar podia ser terra? Então lembrava a aula de português, o Padre Bernardo, falando em figuras de pensamento de linguagem, como quando se diz “Esse homem é um gigante”; ou “Sua cultura é uma montanha, ele é um Adamastor”. Portanto, dentro da mesma linha, o mar podia ser a terra de todos, a pátria, o torrão; sim, o torrão, não de açúcar, mas de barro e pedra, ninho imaginário onde se nasce abrindo os olhos para a luz do mundo. Já não lera um livro *O Torrão Maranhense*? A água virava terra e rocha, por força do pensamento. No mar se sentia bem. Não sentia nostalgia, apenas, às vezes, enjoo, vômito amarelo, cheio de bÍlis, mas isso nada tinha a ver com saudades da pátria; noutras ocasiões, sentia, quando recordava certos tipos, daqueles que põem pedra no caminho dos outros, e que deviam ser vomitados. Lera nos Evangelhos, em passagem que não recordava bem: “Os mornos, eu os vomito”. Toda vez em que Estêvão vomitava se lembrava de Enagres, sujeito que só faltava deitar no chão para os outros pisarem, quando precisava; e depois, arrogante, metido a besta, só porque fora nomeado delegadozinho de polícia de Ferro Velho num lugar que nem figurava no mapa, de tão ruim. Sim, Estêvão às vezes vomitava as pessoas, mas isso era contra a religião, que mandava perdoar, dar a outra face para a bofetada, a mão estalando na bochecha: “Toma mais essa, seu...”, e Estêvão se imaginava oferecendo o outro lado da cara, duro de amargar.

Preferia mostrar o outro lado da face, o que lembrava faca, pensando no cabo, e responder à bofetada com a facada, que até rimava bem, à maneira de alguns poetas. Por falar em saudades da pátria, também se lembrava de alguns versos, aquela estória bonita do passarinho, longe da terra-berço (terra-berço mesmo, porque mar-berço não dava pé). O passarinho levando as saudades do poeta, um bilhete no biquinho amarelo, o filho adormecido, papo cheio de mingau, ingerido dormindo mesmo, os olhinhos fechados, só a boquinha chuchando o pipo, inocentemente.

Quando Estêvão botara o pé na ilha Royale sentira de verdade a nostalgia. Sentimento danado, parece que vem da terra como corrente elétrica, entra pelos pés, sobe pelas pernas, vai até o coração e o cérebro, domina todo o ser. Nostalgia da pátria. Naquele dia na Royale, Estêvão não aguentava mais. Se pudesse voava. Abriria as asas, daria uma volta no ar, como fazem os pom-bos-correios, depois tomaria com os olhos o rumo da pátria, no horizonte, e viria numa reta só, até o chão querido, úmido embora, terra-berço, vestida de verde, tão pobrinha que fora, agora mais riquinha: a casa, o lar, Linda, o filho, o seu mundo. Quando o barco largara, ainda no canal, parecia-lhe que o vento do oceano espantava as saudades, limpava e lavava a alma, penetrava até no coração. O vento vasculhava tudo, levava para longe as saudades, os tormentos, a nostalgia. Expulsava-o do coração, como de um templo, à maneira do chicote de Cristo, na hora exata, vibrando contra os vendilhões. Por isso pensava: “O mar é igual à pátria. É a pátria de todos”. E passava a mão pelo rosto frio, melado de maresia, enquanto Tarquínio piscava o olho reluzente e contava estórias de Sankti-Pauli, Leixões, Liverpool e outras filiais do inferno, disfarçadas em céu.

Já se insinua no coração de Estêvão uma certa estima por Tarquínio, homem de luta, nascido no sertão, a correr mundo, arrastado pelos acontecimentos. Como ele, milhares de outros sertanejos têm igual sorte, dispersos pelo globo, numa diáspora digna de estudo e compreensão. O corpo ainda rijo, o olho vazado, Tarquínio revela em todas as suas atitudes decisão, energia, disposição para a batalha. Confiando em Estêvão, abre de par em par as portas de sua vida.

— Não tive sorte em Barbados, confesso. Aquela mulher...

Seu único olho brilha, como se fosse de gato.

— Não trouxe a mulher de Barbados para Caiena? — indaga Estêvão, com certa prudência.

— Qual nada! A atual é daqui mesmo. A de Barbados era outra: Bárbara. Foi a minha desgraça.

E completa:

— Mulher bárbara até no nome...

Estêvão gostaria de saber mais a respeito daquele homem. Perguntava com cautela. Podia enfurecer-se. Sertanejo áspero, sempre armado, era preciso ir devagar.

Tarquínio passa a mão pelo rosto congesto, contempla o mar trêmulo, noite clara, a lua imensa prateando as ondas refulgentes.

— Não gosto de me lembrar... Foi terrível o que aconteceu. Mas às vezes preciso reviver, para desabafar.

— Faz bem... — pondera Estêvão. — É como a confissão, descarrega a alma...

Estêvão fala como ex-seminarista, quase padre. E sabe perguntar, vai pouco a pouco abrindo caminho na alma, desvendando veredas no subconsciente. Tudo vem à tona, os fatos, bons ou maus, as alegrias, as tristezas, mais estas do que aquelas, de tanto recalçadas, custam a subir à superfície, como objeto arrancado à força do fundo do mar.

— Vivi com Bárbara dois anos, mais ou menos... — narra Tarquínio. — Mulata simpática, alegre, desviou a rota da minha vida... Larguei o navio inglês... sujeito a ser punido... felizmente era na volta da Inglaterra, não tinha maiores compromissos. Se fosse na ida, com o navio cheio de castanha, a encenra seria grossa... Trazia dinheiro... nesse vira-vira da castanha dava para fazer economia. Recebia em libras... Era chegar em Barbados e esnobar...

Estêvão observava Tarquínio. Este falava como quem contorna o assunto principal. Chegava perto e recuava. “Que teria havido de tão grave com aquele homem?”, perguntava mentalmente. Deveria ter sido coisa séria, do contrário contaria logo.

Tarquínio prossegue, com dificuldade:

— Eu gostava muito de Bárbara. Fiz conhecimento com ela na primeira viagem, na ida. Trabalhava numa boate. Mulata boa, simpática... Ela gostou de mim também. Na volta da Inglaterra estivemos juntos o tempo todo. Não

tinha compromissos. Morava só. Fiquei maluco por ela, esperando outra viagem. Na segunda foi de novo aquele apego, a crioula me dominou completamente. No regresso de Liverpool, larguei navio, larguei tudo. Eu também era livre, não tinha a quem dar satisfação. Vivia por esse mundo de Deus...

Uma luz surge no horizonte, parecendo algum barco de pesca, àquela hora, em busca do oceano. Tarquínio contempla o horizonte noturno, esbranquiçado pela lua, e continua:

— Vivemos bem dois anos. Quis que deixasse o serviço da boate. Havia muita gente safada por ali. Eu queria casar com ela. Tudo ia bem, até que um chinês começou a entrar no nosso destino. Era comerciante, o cão, homem rico, em geral esses chineses têm dinheiro. As lojas abrem até dia santo, domingo, feriado, de dia e de noite. Foi o azar dele e meu. Meter-se com mulher de jagunço. Era doido por ela.

Respira fundo. Explica:

— Eu trabalhava nas docas. Às vezes fazia plantão, quando chegava navio cargueiro, serviço bruto, como carregador. Não havia nada melhor naquele tempo. Quando terminava o serviço, ia buscar Bárbara na boate, a Penthouse, famosa, conhecida de turistas. Ela vendia flores para estrangeiros, de mesa em mesa... Numa noite o navio atrasou a chegada. Não houve descarga, voltei de surpresa. Pensava que Bárbara já estivesse na boate. Mas a negra ficara em casa. Vi luz acesa. Alguma coisa diferente. Abri a porta devagar. Havia pessoa estranha, pressenti. Coração não engana. Evitei barulho. Estava lá o chinês. Ele não me via. Olhei pela fechadura do quarto, nesse tempo tinha os dois olhosãos. Era ele, o Chang-Ming, só percebia a cabeça dele, beijava Bárbara, deitado, o ladrão. Olhei de novo, noutra posição, vi as pernas dele, gordas, entrelaçadas nas dela, como se fossem quatro cobras. Não me contive. Num minuto decidi. O quarto estava com pouca luz. Abri a porta de surpresa. O chim era forte, baixo e grosso, parecia um porco.

— Mas como ela foi desprezar você por esse bicho? E ainda mais chinês...

— Homem, você não conhece mulher safada, não? O cabra era rico, tinha loja, dinheiro muito... a crioula não valia nada... Quando a mulher é boa, é boa mesmo, sincera, leal. Mas quando não presta, tem parte com o Demo. Finge que presta, você pensa que ela está olhando pra você e está dando bola pra outro. Julga que ri e está chorando, “magina” que está chorando

e está rindo por dentro, achando graça de você. Não adianta tratar bem, agradar, dar tudo... Não se satisfaz nunca. Mulher falsa não devia nascer... Só matando...

E fazendo uma pausa.

— Mas escuta lá! Eu me atraquei com o bicho, ele nu, parecia um leitão. Sabia lutar, o danado. Me deu trabalho. Bárbara gritava como criança. No primeiro encontro dei-lhe um murro no peito que o deixou tonto, sem ar. Mas o china era forte mesmo. Avançou rugindo, quase me quebra, se atracou, me levou no chão. Aquele monstro por cima de mim, já pensou? Ia me matar, as duas mãos no meu pescoço, a ponto de me esganar... Eu lutava, me estorcia, por baixo. Aquele peso de porco por cima de mim. Não tive outro jeito. Estava com a mão direita livre. Tirei devagar a faca da bainha. A “doninha”, nunca largo ela...

E Tarquínio passou a mão pela cintura, acarinhando a faca escondida por baixo da blusa rala. Seu único olho brilhava mais, a face se fazia vermelha, visível mesmo no lusco-fusco noturno, noite clara, lua enorme. O barco balançava. A luz no horizonte aumentara, parecia um barco maior do que os pesqueiros comuns. Estêvão mal deu atenção. A luz do olho de Tarquínio prendia mais a sua curiosidade do que aquele luzeiro ao longe, no meio do mar.

Tarquínio prossegue:

— Puxei a faca e o sanguei. Tinha prática, no Ceará, de sangrar leitão. Meu pai foi açougueiro. Na hora de sangrar me chamava, dava aula, fura aqui, que é melhor, ali não, custa a morrer. Desse jeito a faca entra mais macia, o animal não grita muito, morre logo, a cabeça pro lado, o sangue escorrendo. Assim foi com Chang-Ming. Soltou um urro de porco e caiu pro lado. Um esguicho de sangue sujou toda a cama.

— E Bárbara? — pergunta Estêvão.

— Bárbara, a essa hora, já ia longe. Fugiu, como doida. Isso foi sua sorte. Senão matava ela também. Matava mesmo, que mulher que faz isso não tem direito de viver. Tem não. Saí não sei como. Era tarde, ninguém viu. Havia um barco de pesca no porto, da Guiana. Bandeira francesa. Conhecia o comandante e um dos tripulantes, brasileiro, por sinal do nordeste, Severino, creio que da Paraíba. Sempre me convidavam para trabalhar com eles. Corri

para o porto, disfarçando, antes procurei tirar qualquer marca de sangue. Me acolheram, o barco estava de saída. Vinha para Caiena. Me trouxeram para o meu destino e por aqui fui ficando, na pesca...

— E não deu cadeia, processo, confusão?

— Só ouvi falar depois... Saiu no jornal, vários dias. Pegaram a negra, a Bárbara. A polícia dizia que foi ela. Não havia testemunhas. Alta hora da noite, quem ia provar?

— E Bárbara, não contou tudo?

— Contou não. A negra não me acusou. Nem falou no meu nome... Nesse ponto foi cem por cento. Mas não foi por nobreza. Pode ser que, falando no meu nome, ela se complicasse mais, levasse apelido de adúltera. Saísse retrato, no jornal, dizendo embaixo: *a traidora*. Ela não queria isso. A mulata era briosa. Preferiu inventar uma estória diferente, em que ficou muito bem. Disse que o china quis invadir a casa dela, abusar, sabe como é, e ela, muito honesta, o matou, defendendo a honra... Os jornais deram muita notícia, elogiando a mulher honesta, corajosa, que defendia o lar, capaz de matar até... Seu nome foi citado como exemplo nas escolas, nas aulas de moral e civismo...

E continua, afogueado:

— Pode ter sido também invenção do advogado. O certo é que se livrou... Tive informação de que anda solta... ganhou cartaz... Mas não pensei mais em matá-la. Afinal de contas me poupou, meu nome não surgiu, não havia casamento entre nós. Quando perguntaram por mim, na Justiça, ela disse que tinha acabado tudo, eu a abandonara há muito e por isso o chim quis abusar. Uma estória bonita, essa. Todo o mundo acreditou... e ela foi absolvida.

E colocando a mão sobre o ombro de Estêvão:

— Agora, meu amigo, veja de que é capaz mulher falsa... Você é mais novo do que eu. Cuidado com elas...

— Nessa luta você perdeu um olho? — indaga Estêvão.

— Foi não, essa é outra história... Fica para depois...

Nunca mais Tarquínio voltaria ao assunto. A perda do olho deveria ligar-se a alguma tragédia...

A luz sobre o oceano agora se mostrava mais intensa, não era uma apenas, mas um feixe de luzes, formando um foco maior. Barco de regular tamanho, veloz, se aproximando, se aproximando. A noite clara facilitava a

navegação. Dois holofotes poderosos se projetavam sobre o *Santo André*, ofuscando a todos os tripulantes.

— É o barco-patrolha? — grita Farid.

Ante o foco de luz, e o ruído, os que dormiam ao relento despertam.

O patrulheiro navega em círculo em torno do *Santo André* para obrigá-lo a parar.

Farid chama Estêvão. Explica e ordena:

— É a patrulha francesa do litoral. Nunca me aconteceu isso. Aqui só quem fala bem francês é você. Pierre é analfabeto, pode dizer besteira. Você vai servir de intérprete. Diga que está tudo legal no *Santo André*!

Determina em altas vozes que recolham as velas e façam parar o barco. João, Rufino, Pierre e Jaime, agitados, se lançam à tarefa. Rangem cordas, o barco sacoleja. Farid, dirigindo-se a Estêvão, prossegue:

— Se pedirem documentos, me chame. Você precisa saber que este é um barco de contrabando. Café e cacau. Destino: Caiena e Paramaribo. Você diz que a mercadoria foi despachada em ordem em Belém. Tenho o manifesto, eu mesmo fiz ontem em Royale. Esses gringos aceitam qualquer papel. Se começarem a chatear abre o jogo: diz que a mercadoria é para Mr. Crooks, americano de prestígio em Caiena, da firma Tampa Steam Navigation Comp. Basta dizer Tampa Steam, todo mundo conhece.

— OK — responde Estêvão. — E se perguntarem pelo comandante?

— Diga que sou eu. Mas ficarei mudo. Não sei francês, apenas algumas palavras. Só você vai falar. Veja bem. Não vá dizer asneira! Lembre-se que Mr. Crooks, em último caso, resolve...

As velas descem. A marcha diminuiu. O patrulheiro francês fecha o círculo, cada vez mais perto, lê-se agora o seu nome, bem visível, *Lyon*. Homens fardados, farda azul-escuro, bonés rasos, nervosos, se movimentam. Os facho de luz dos holofotes aclaram tudo. Estão armados. Um deles, parecendo o comandante, grita em alto-falante:

— *La douane! Arrêtez!* (Alfândega! Pare!)

Tudo parou enfim.

O *Lyon* se aproxima cada vez mais do *Santo André*, os dois holofotes cegam os homens, o barco brasileiro diminui a marcha, dançando sobre as ondas gelatinosas. Farid manda arriar a âncora, tentando, quanto possível,

evitar que a embarcação se projete contra o patrulheiro francês.

Em momentos, três homens fardados estão no convés do *Santo André*, dois armados de metralhadoras e um com pistola, parecendo o comandante.

— *La douane!* — grita o homem da pistola. Alfândega a bordo! É o grito já conhecido, convencional. Alfândega a bordo!

Estêvão avança, seguindo instruções. Cumprimenta o comandante. Fala pausadamente, num francês regular, bem aprendido na escola.

— *Les documents...*

Os documentos. Estêvão estende para o desconhecido uma pasta de papéis, que Farid lhe entrega. São papéis ali colocados por Farid. Um manifesto feito à sua maneira. Outros papéis referentes a registro da embarcação, agora *Santo André*, todos falsos, mas impecavelmente trabalhados. No camarote Farid possuía outra pasta semelhante com documentos referentes ao *Santo Izidro*, os verdadeiros. Estêvão explica que o destino do barco é Caiena e Paramaribo.

— *Vous êtes arrêtés...* — diz com firmeza o francês. — *Contrebande...*

Estêvão retruca:

— *Les marchandises ne sont pas contreband* (as mercadorias não são contrabando). *C'est du café et du cacao pour Tampa Steam Navigation Comp., de Mr. Crooks* (São café e cacau para a firma Tampa Steam Navigation Comp., do Sr. Crooks). *Iront pour les États-Unis. Tout en ordre avec votre pays* (Vão para os Estados Unidos. Tudo em ordem com o vosso país).

O francês fita atentamente Estêvão e exclama:

— *Je ne suis pas ici pour discuter avec vous* (Eu não estou aqui para discutir com o senhor). *Vous êtes arrêtés!* (Estais presos!)

E remata:

— *Dans la douane à Cayenne, vous avez occasion de présenter vos explications et nous nous excuses* (Na alfândega em Caiena tereis oportunidade de apresentar vossas explicações e nós nossas desculpas).

Em minutos, o francês dá ordens aos dois soldados, Louis e Hugo, para que se coloquem em pontos extremos da embarcação, um na popa e outro na proa, as metralhadoras engatilhadas. E determina, dirigindo-se a Estêvão:

— *Suivez-nous* (Segui-nos).

Pula para o barco-patrulha, onde, por sua vez, outros soldados armados

davam apoio ao comandante. Levanta-se a âncora, os motores estrondam, e em breve os dois barcos navegam em direção da foz do rio. Caiena surge pouco a pouco à vista, iluminada, parecendo a Estêvão com algumas cidades do litoral brasileiro, talvez Salinópolis, um pouco maior, talvez Natal, embora bem menor. Semelhava a topografia, o contorno do litoral, as enseadas, os barrancos, os coqueiros, o vento que sopra do mar, insistentemente.

Navegam lentamente, sob os olhares atentos das duas sentinelas. Pierre e Jaime resolveram deitar-se no convés, dormiram. João no leme, Farid no comando. Estêvão como se fora o dono do barco, ou da carga, o pensamento em alvoroço, surpreso consigo mesmo, com o seu sangue-frio, uma experiência nova e imprevisível. Que fazer, em tal emergência? Trair os companheiros que o salvaram da morte, que o tiraram daquele barco americano, com Bruce vociferando o dia inteiro? Além do mais eram compatriotas...

Não havia outra saída. Tarquínio se mantinha sereno, homem habituado a mil vicissitudes, contemplava, com o único olho, o mar prateado. Só teve tempo de dizer a Estêvão:

— Você se saiu muito bem. Quando falou no Mr. Crooks o francês mudou de tom. Com esses gringos é assim. Nada de se acachapar. É falar duro que eles amolecem. Se fraquejar eles pisam e cospem em cima. Meu pai sempre me dizia: “Quem muito se abaixa algo aparece”.

Rufino deitou no tombadilho, a cabeça apoiada na rede embolada. Canta baixinho e sua voz se dissolve na noite:

“Taí...

Eu fiz tudo pra você gostar de mim,
Mas você não faz assim comigo não,

Você tem!

Você tem!

Que me dar seu coração...”

Uma gaivota passou no alto soltando gritos estridentes, logo mais outras surgiram como se nascessem da noite, e acompanhavam as embarcações, enviadas do céu... O ruído das ondas cortava o canto de Rufino.

“Essa mania... de gostar de alguém...
Que a gente tem...”

Caiena à vista. A *crique*, a doca, o porto, a cidade de tantas histórias tenebrosas, que Estêvão lera nos livros e que jamais pensou em conhecer, de maneira tão aventureira. Caiena! Terra, pelo menos, mas terra onde, já pensa Estêvão, iria sentir aquele sentimento estranho subindo pelas pernas, entrando pelos nervos, pelas veias, dominando o corpo todo, como uma serpente que se alojasse no coração: a nostalgia, misto de amor, de saudade e de tristeza. Nostalgia, em suma.

“Taí...
Eu fiz tudo pra você gostar de mim...”

Nada existe a fazer a não ser cumprir ordens. O pensamento de Estêvão muda de rumo. Ora pensa em Linda. Que estará fazendo àquela hora? Acordada, talvez, com insônia, a alma em desespero, julgando Estêvão morto no naufrágio, já noticiado na primeira página dos jornais. Estêvão imagina, então. Parece ver as manchetes do *Rebate* e da *Folha do Povo*: NAUFRÁGIO NO CARNAPIJÓ. E o subtítulo: “Não há notícia de sobreviventes”. E no noticiário, mais ou menos assim: que o proprietário da embarcação era Estêvão da Conceição Penafortim, benquisto comerciante, filho do inesquecível Bernardino da Conceição Penafortim, sócio da Federação Nortista de Desportos, antigo presidente da Caixa Mutuária *etc. etc.* O retrato de Linda, com legenda: “A viúva de Estêvão da Conceição”. Inconsolável. Vestida de preto. Horrível aquilo! Palavra que não devia existir, pensava Estêvão, “*viúva*”, deviam retirá-la de todos os dicionários, arranjar outra mais simpática, palavra tenebrosa. Até na maneira de tratar as pessoas isso influía, na apresentação: — Fulana de tal, viúva... — Ah! A senhora é viúva? Mas ainda é tão jovem! tão bonita! — E Estêvão começava a imaginar toda aquela gente conhecida com pena da viúva, querendo consolar a pobrezinha, passar a mão na cabeça, dar uma beijoca sobre os olhos, coitada, bem merecia. Não. Não era possível! Precisava quanto antes telegrafar para Belém, se houvesse telégrafo em Caiena, mandar mensagem bem bonita, dizendo por

exemplo: “Estou vivo, querida. Eu te amo. Teu Estêvão”. E a surpresa dela quando recebesse o telegrama, já o dava por morto, enterrado, ou melhor, afogado, comido dos peixes, se sentindo viúva, se acostumando. Será que ela ia ficar alegre ou triste? Não, triste não! Daria um pulo de satisfação, um grito que toda a rua escutasse e sairia correndo, com o telegrama na mão, mostrando para a empregada, para o filhinho, para as vizinhas, para o desconhecido que passasse à porta: “*Estêvão está vivo, está vivo, está vivo!*” E depois os preparativos para a chegada, um bolo inglês de vinte ovos, chocolate e fios d’ovos na mesa bem-arrumada, com toalha de bordados do Ceará, talheres do faqueiro novo, lembrança do casamento, o mais bonito, presente de padrinho; Betinho se rindo à toa, como se entendesse, e o pai chegando, Estêvão vivo, vivo, vivo! Mas como ia aparecer assim, com aquela triste figura, sem roupas, sujo, barbado, feito um mendigo? Teria que arranjar dinheiro, comprar presentes, aliviar a dor, fazer do limão uma limonada!

Estêvão olha em redor. Rufino não canta mais. Adormeceu. Quase todos adormeceram, com exceção de Farid, olhos acesos, e João controlando o motor. Os dois guardas nos seus postos, sentinelas da França em terras, ou melhor, em mares equatoriais. Um baixo e grosso, sardento, outro franzino, tipo enfezado de pilão-fardado.

E aquele barco com nome de santo! Agora *André*. Recordava o seminário, as aulas do velho padre. André, qual deles? Lembrava-se de pelo menos quatro com esse nome: um era o mais idoso dos apóstolos; outro, bispo de Fiesole; o terceiro clérigo, mais conhecido por Santo André Avelino; e o quarto, Santo André de Creta, mártir, coitado! Todos bons, vidas heroicas, de sacrifício. Não sabia qual admirava mais. O primeiro, mais velho dos apóstolos, era um velhinho bonzinho, discípulo de São João. Foi o primeiro que se uniu a Cristo. São João, ao vê-lo, exclamou: “Eis o cordeiro de Deus!” Era pescador, no mar da Galileia, pescador como Estêvão, homem do mar... E aquela palavra bonita de Jesus, vendo André pescando no mar da Galileia: “Segui-me e eu vos farei pescador de homens”. Todos deixaram seus barcos, André e os outros, suas redes de pesca, seus empregos, e se dedicaram à tarefa sagrada de pescar homens para o rebanho do Senhor. A história de André era longa. Estêvão a repassava no pensamento, ora lembrando o Padre Giscard, o dedo magro apontando para o céu, e falando, falando,

sobre a vida dos santos. O outro André, chamado Corsino, fora bispo de origem nobre, em Florença. Chamou-se André justamente porque veio ao mundo no dia de Santo André, o apóstolo! Na juventude, bem maroto, caiu na farra, gostava de jogos e caçadas. Fez muita má-criação para o pai. Mas a voz materna o trouxe ao caminho de Deus, a palavra suave, carinhosa, da mãe Peregrina. Teve uma vida cheia, bonita, dedicada ao serviço da religião, até que lhe apareceu a Virgem e anunciou a sua morte. Morreria no dia de Reis. A aparição da Virgem se deu na noite de Natal, quando André celebrava... O terceiro André, chamado Avelino, foi clérigo regular, nasceu perto de Nápoles. Terra boa de santo, a Itália! Teve uma vida farta de realizações pias.

Viajando certa vez a cavalo, caiu, o pé preso no estribo, logo arrastado, sangrando, quando lhe aparecem São Domingos e Santo Tomás de Aquino, que chamou em socorro, os quais livraram seu pé, enxugaram-lhe o rosto sanguinolento e o curaram milagrosamente. O último era Santo André de Creta, mártir, vivia num mosteiro; o Imperador Constantino Coprônimo proibira culto às imagens e punia com torturas os cristãos. André não teve dúvida, foi a Constantinopla e, vendo o imperador sentado no trono, passou-lhe uma grande descompostura. O imperador mandou que os guardas o prendessem e o chicoteassem nu. Era só sangue. André dirigia palavras ao Senhor. Os guardas chicoteavam mais, com umbigo de boi. Foi posto em prisão e condenado à morte. No dia da execução, um pescador piedoso, desejando evitar suplícios maiores, cortou-lhe um pé... tirando-lhe a vida. Seu corpo foi exposto aos abutres, depois foi enterrado com malfeitores.

Horríveis e ao mesmo tempo belas essas histórias, pensava Estêvão, que às vezes se arrependia de ter deixado o seminário, ou melhor, lamentava ter sido forçado a abandoná-lo. Quanto sofrimento! Quanta dor! A história da humanidade parecia-lhe banhada em sangue. Estêvão se via naquela nova situação, já se comparando com os mártires. Tinha que passar por aquilo. Era o destino. E ainda mais a coincidência, o barco se chamar *Santo André*...

Rezava às vezes, os olhos fechados, a cabeça baixa, os companheiros pensavam que estava dormindo, não supunham sequer que pudesse alguém rezar em um barco de contrabando no alto-mar, transportando café e cacau.

Na véspera ousara perguntar a Calil:

— Essa vida dá resultado? Não é melhor trabalhar honestamente?

— Você quer vida mais honesta do que a nossa? Todos aqui somos chefes de família, deixamos mulher e filhos estudando nos melhores colégios! Alguns são alunos de freiras e padres. E quando assinamos as listas de contribuições é logo com uma nota grande. Cinco mil cruzeiros para cima. É vida arriscada, perigosa, para homem!

E rematava:

— Muito pior é assaltar bancos, furtar, matar para roubar... Não acha? O contrabando dá boas oportunidades. Tem muita gente gráuda se elegendo deputado e senador à custa dele. Você duvida? Bancos financiam. E não é contrabandozinho mixuruca, de quatrocentas sacas de café, não. São automóveis, perfumes, relógios, eletrodomésticos, tecidos, entorpecentes, vitaminas, armas, navios cheios de café...

E colocando a mão sobre o ombro de Estêvão, amistosamente:

— Entra para a muamba e você vai gostar. É divertido. Nunca mais larga. Leva logo uma televisão japonesa para a mulher, uma geladeira americana das grandes, um toca-fitas daqueles que viram seis horas, seda chinesa e tua patroa vai adorar. Para o garoto dá um gato de corda com música, feito em Hong Kong. Vai dar pulos de alegria.

Estêvão se lembrava que a mulher há muito lhe pedia uma televisão nova, de preferência japonesa... E como gostaria de usar perfumes franceses, *Fleurs de Roccaille*, *Cabochard*, *Jean Patou* e outras marcas que só via nas vitrinas, caras. Ele mesmo desejava comprar umas loções para homem, *M. Rochas*, *M. de Givenchy* ou cremes *Drakkar*, e outras... Mas aquilo era luxo. Contrabandista tinha tudo. Relógio de todas as marcas. Conhecia um, de nome *Apolinário*, que só na sala de visitas pendurara quatro relógios, um de corda, outro elétrico, um despertador e outro regulador enorme, o pêndulo balançando lentamente, batendo as horas delicadamente. Quatro, um em cada lugar, nunca chegava atrasado em nada com tanto relógio funcionando e dando as horas. De noite a vizinhança não podia dormir, pois, quando um acabava de bater doze badaladas da meia-noite, o outro começava, de propósito, eram quarenta e oito batidas, seguidas, cada qual com um tom. No começo os vizinhos reclamavam, depois até gostavam. *Apolinário*, quando os outros achavam ruim, ameaçava:

— Vendo os relógios e compro quatro cachorros! Aí é que vocês vão ver o que é latido!

Os reclamantes se aquietavam. Relógio é bem melhor que cachorro. Não late, não morde, nem suja a calçada.

Havia um relógio de som forte, grosso, Apolinário brincava:

— Esse é machão.

Um outro de som débil, franzino, fanhoso:

— Esse não — dizia Apolinário —, esse se fosse gente era falso à pátria...

Estêvão olhava o oceano, mas seu pensamento voava para longe. Seminário. Amigos. Vizinhos. Naufrágio. Linda. Betinho. Passado. Futuro. Presente, aquela coisa horrível, preso em altomar como contrabandista, bancando o pirata, ele, Estêvão, o quase padre! E colocava as duas mãos sobre o rosto como quem tem vergonha.

Veredas de um outro mundo



A mais longa das noites. Estêvão há dois dias preso, como um criminoso, na Delegacia de Polícia de Caiena, que os franceses, com toda elegância, chamam Hôtel de Police. Nunca esperara aquele desfecho violento. Farid assegurando que Mr. Crooks quebrava o galho; que Salomão, o dono da mercadoria, estaria no Hotel Montabo, vinha de avião; que Mônica, ou melhor, Monique, resolvia qualquer problema com as autoridades! Lembrava quando o *Santo André* entrou no porto, as luzes da cidade ainda acesas, o lusco-fusco da madrugada, os guardas franceses falando pouco, em tom enérgico, como quem enxota cão vadio. Todos presos. Recolhidos às grades como contrabandistas, bem tratados, pensava Estêvão, até onde um preso pode ser bem tratado em Caiena. A comida dava engulhos. Os guardas não falavam, faziam grosseria só com o olhar. Parece que tinham vontade de surrar, mas os tempos haviam mudado, não existiam mais torturas, nem galés, nem trabalhos forçados e, afinal de contas, não fizeram nada tão grave, e ainda mais, sendo estrangeiros, deviam ser recebidos de acordo com as normas que regem os Direitos da Pessoa Humana. Ah!, ironizava mentalmente Estêvão, os sagrados Direitos da Pessoa Humana, como eles são bonitos nas *Declarações Universais*, várias, uma delas filha acarinhada da Revolução Francesa, quando se gritava, a plenos pulmões, nas ruas de Paris: “Liberdade! Igualdade! Fraternidade!” Nas igrejas da França, dissera-lhe certa vez o Padre Giscard, no seminário, levantando a mão trêmula, a voz cavernosa, nas igrejas da França estavam esculpidas nas paredes e nos pisos as três palavras mágicas: “*Liberté, Égalité, Fraternité*”. Ao lado da inscrição, sobre o mármore, os mendigos pediam esmola.

A primeira delas girava na cabeça de Estêvão, como uma bola de fogo, e recordava Tiradentes, os heroicos inconfidentes, com sua bandeira e seu lema, “*Libertas quae sera tamen*”, que os seminaristas, de molecagem, tradu-



ziam de várias formas, “liberdade que serás também”... Não, antes chegasse, embora retardada... Mas se ela demorasse demais, viesse tardia, Estêvão estourava. Até que o seminário o preparara psicologicamente para a prisão, embora lá não houvesse grades materiais. Mas lhe dera a paciência, o recolhimento, a resignação, a vontade de rezar, então se sugestionava: não, não estava preso, voltara ao seminário, aquilo era um retiro espiritual, ouvindo a voz dos anjos sussurrarem no ouvido cantos do outro mundo. Só faltava escutar a sineta da hora do recreio, ou a do almoço, todos em ordem, sentadinhos direito na mesa, conversa alegre mas séria, nada de anedotas, nem molecagens, que ali era casa de respeito. E a prece antes da refeição, em pé, a cabeça baixa, doido para avançar no feijão, mas o pensamento no alto, no céu, e o coração também. *Sursum corda!* Alto, bem alto, os corações! Diabo de destino gozado esse, pensava. A vida arrasta as pessoas como se fossem todos náufragos, boiando, boiando sobre as águas imaginárias, as águas do mundo, arrasta como se correntes espirituais, tipo *Gulf Stream*, também levassem as almas humanas para os golfos do México da amargura ou da felicidade, conforme o caso. Estêvão preso, recolhido a um xadrez fedorento, felizmente lhe deram um separado, não queriam que os brasileiros se comunicassem antes do depoimento e, de qualquer forma, era consideração, pois sempre ouvira dizer que em Belém nunca foi assim. Ah! Belém! Não a de Judeia, por onde andou Cristo, não, mas a outra, a da foz do maior rio do mundo, “Belém, Belelém, mulata cheirosa eu te quero bem”, do poeta que passou um dia lá e escreveu um poema e ficou famoso. A Belém da Rua Generalíssimo Deodoro, de tantas saudades, mangueiras copadas se abraçando por cima, os namorados por baixo, a chuva desabando com estrondo no lombo de verdura, mangas caindo por todos os lados, às centenas, os moleques correndo atrás e nenhuma acerta na cabeça dos transeuntes. Na polícia do Pará, lembrava, havia um famoso pátio interno. Ali se colocavam ladrões, vagabundos, toxicômanos, prostitutas, tudo de mistura. Dez, vinte, trinta, conforme o dia. No carnaval e na festa de Nazaré, o pátio ficava repleto. E se alguém entrava bem vestido, ao menos com blusa boa e relógio de pulso ou carteira de dinheiro era assaltado por todos. Um assalto em regra. Roubavam tudo e ainda surravam, se havia reação. Os guardas olhavam, olhavam, olhavam. Vez por outra morria um.

— É enterrar — dizia o Delegado Segismundo. — Enterrar. E dava um risinho nervoso. Enterrar, senão fede.

Até um subdelegado foi posto lá dentro, na marra, de ordem de um chefe de gabinete metido a besta. Foi recolhido, bufando, os ladrões avançavam com caras medonhas. Tiraram-lhe até a cueca. Depois... ficou por isso. Fato consumado!

Quando morria um preso, saía no jornal que o coitado sofria do coração, fora colapso cardíaco. E o pior era se prendiam um inocente, pois acontecia. Erro policial, a polícia também erra.

Estêvão não estava ali, preso e inocente? Perdera a embarcação, as roupas, o dinheiro, tudo, e estava assim, coitado, preso, sem culpa. Quem acreditaria? Onde estava o cônsul? O próprio representante do Brasil, quando soubesse da notícia, era capaz de dar de ombros: “Deixa ficar preso! Dá muito malandro por aqui! Contrabandistas! Um xadrezinho de vez em quando não faz mal a ninguém”.

Ah! A liberdade! pertence ao rol das coisas a que a gente só dá valor quando perde. Por exemplo, a juventude. Os jovens não dão valor nenhum à idade que têm, se prejudicam, estragam a saúde, não aproveitam, nem poupam. O tempo passa. Quando ficam velhos começam então a gemer: “Ah! A minha juventude!” Alguns fazem versos, lembrando a infância, as brincadeiras na rua, os namoros no porão com a filha da vizinha, o primeiro aperto com medo.

E Estêvão pensa que a gente devia ser menino com experiência de adulto. Mandar brasa. Então começam os poemas:

“Quantas vezes, a sós, aos poucos relembro,
O tempo que passou da minha infância boa...”

A infância! Ter um anjo com o nome de mãe, as asas sempre abertas, as mãos delicadas afagando os cabelos, a atenção, o zelo, o cuidado noturno, tudo isso sem interesse, por amor, vindo do coração, incapaz de falsidade. Aqueles homens presos, pensa Estêvão, também foram gerados, nasceram, colocados num bercinho, os que tiveram essa sorte, mãos afetuosas os acarinhando, o regaço materno... E agora! Só se ouviam os desaforos em francês, língua fértil para dizer o que não presta:

— *Vidangeur!... Connard!... Voyou!...*

A Guiana deve ter prestado duas grandes contribuições à França: uma em ouro das minas, outra em jargão. Palavras fortes, bonitas até de pronunciar, enchendo a boca: *Mec, voyou, connard, cons, pote, bobard*.

Tudo vinha vindo ao pensamento de Estêvão, ele, agora com direito a chamar-se Santo Estêvão, quem sabe? Jogado naquela masmorra francesa, sorte igual à de Dreyfus, inocente. Tendência danada dessa gente para cometer erros judiciários e ainda falando com arrogância em liberdade, igualdade e fraternidade! Igualdade às avessas, que a igualdade estava na desigualdade de coisas desiguais, já disse alguém, talvez Rui Barbosa ou o Conselheiro Acácio. Estêvão estava ficando irreverente, revoltado, com vontade de dizer palavras feias, xingar, falar calão. Quando saísse dali iria ver o mundo e as pessoas com outros olhos. Dois dias preso, onde já se viu? E inocente! Pensava então como deve ser duro, terrível, alguém ser condenado a dez ou vinte anos de reclusão, olhando a luz do sol por um óculo, os outros lá fora, rindo, pulando, vivendo a vida, gozando-a, pois basta estar vivo e solto para ser feliz! Cruéis, esses homens que fazem as leis, os códigos! Bastava um ano de prisão para arrasar com o homem, mas vinte, trinta! Os dias passando lentamente, as noites mais lentas ainda, aquele desenrolar do tempo sem finalidade. Cruel. Cada comissão que organiza um Código Penal deveria ficar um mês presa, não num xadrez — pensava — mas num quarto de hotel de luxo, com piscina, telefone, televisão, mas proibida de sair para ver quanto dói perder a liberdade. Ninguém aguenta. Uma semana privado de sair do quarto do hotel, tomando sempre banho de chuveiro, sabonete de luxo, toalha linda da Artex, cheia de florinhas, rádio, televisão, empregados fardados trazendo o café na cama, no primeiro dia muito bom, no segundo chateia, no terceiro ninguém resiste, no quarto e no quinto dá insônia, neurose, vontade de pular a janela, arrombar a porta, o rádio não interessa, a televisão cansou, o banho já é demais, cinco por dia para matar o tempo e sempre a mesma cara do garçom, da arrumadeira, não ter com quem desabafar, falar, trocar ideias. Nada de mulher! Horrível! Isso num quarto de hotel, tipo Holiday Inn, ou Hilton. E o mais engraçado é que termina em “ade”, rima com maldade, fealdade, burriedade, lembra Estêvão as aulas de português, o Padre Gerônimo de Albuquerque, explicando o valor e o peso das desinências, as palavras que findam em “udo”, às vezes pejora-

tivas, como barrigudo, cabeludo, chifrudo; em “eira” e “aira”, abundância, bananeira, amoreira, movelaria, padaria; mas as em “ade” eram pau para toda obra, tanto davam fraternidade, irmandade, caridade, como ruindade e bestidade. Talvez excesso de alguma coisa. Por causa de desinência os campinenses não queriam mais ser campineiros... Bem que podiam mudar o nome da cidade para Carlos Gomes, seu berço ingrato.

Estêvão então se lembrava de Rui Barbosa, falando tanto em liberdade, tudo de palanque, morando numa casa bacana na Rua São Clemente, com jardim, empregados, carruagem, lenço perfumado, livro por todo lado; queria ver o velhinho ali, preso da silva, metido num xadrez de Caiena, olhando o sol pelas grades enferrujadas... Querendo sair e não podendo, desejando uma tribuna, não tendo, tinha que discursar para as paredes, falar sozinho, ou para os detentos, na hora de apanhar sol, que é o recreio de presidiário. Pobrezinho dele, tão franzino, só a alma grande, a força do pensamento, da imaginação, rompendo grades, atravessando os muros de pedra, repercutindo lá fora, como um trovão. Pensava então em Dreyfus. Pobre Dreyfus! Como deve ter sofrido!

Um rato passa à frente de Estêvão. Logo depois outro, ambos se insinuam por um buraco junto à porta de ferro. Estêvão cala o pensamento. Depois volta: será que rato tem nacionalidade? Como pode, naquele quarto, lembrar coisas tão distantes e veneráveis? Piam em francês? O poder da mente, talvez, força estranha, danada, que vem de dentro para fora, não vê resistência. E se lembra dos grandes supliciados. Que maldade, prender um Cardeal Mindszenty, acostumado a orar, conversar com os anjos, viver em ambiente limpo, e jogá-lo numa pocilga, torturado, obrigado a falar o que não sentia, dizer bobagem, já sem acordo de si, mas resistindo, resistindo, resistindo, uma luz acesa ante os olhos, os braços magoados, da posição incômoda, talvez, talvez de pancadaria. Ruim, a espécie humana, reflete Estêvão, mas por outro lado há tanta gente boa, assim como Bob, desprendida, desambiciosa, sem vaidade na alma, só mel no coração. Quanta!

Saudades de Linda e Betinho. Naquela hora queria ter um passarinho como o de Vinícius, colocar no biquinho um bilhete e soltá-lo em direção da pátria. Queria ver o bichinho pousar na janela Linda na cama, na alvorada, depois pular dentro do quarto, o bilhete no bico: *piu, piu, piu*, acordando Linda, ainda estremunhada.

Já noite, quase abrem a porta do xadrez. É um guarda atarracado, vermelho, cara de bebedor de vinho do Loire (sendo sóbrio, apenas um litro por dia). É o que lhe contava Bernardino, depois de uma viagem à França, campanha contra as bebidas alcoólicas, anúncio feito pelo governo, em Paris, grandes letras, nas lojas, no metrô, na Pigalle: “Seja sóbrio, beba apenas um litro por dia”. Com um litro por dia, pensava, já teria rebentado o fígado e os rins. O guarda, puxando a palavra a gancho, apenas disse, como quem urra:

— *Allons!*

Logo agora, que Estêvão estava se preparando para uma noite de insônia. Nada para ler, ocasião propícia para devorar um grande romance, se tivesse à mão, por exemplo, o da *Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, bom de vera. Lá fora não tinha tempo para tanto, mas ali naquele degredo, seria uma delícia, em vez de passar a noite olhando as paredes, contando os mosquitos, somando as peças das grades da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. Estêvão devia estar meio abestalhado, pois só saiu do seu devaneio quando escutou, de novo, outro urro:

— *Allons!*

E mirou a cara aparvalhada do guarda, quando, em resposta, se lembrou de cantar como um lunático:

“— *Allons enfants de la patrie!*
Le jour de gloire est arrivé!...”

O guarda até gostou. Riu de um lado só, dando a impressão de ter paralisia facial, derrame talvez, porrada provável, murro de algum cearense emigrado.

Pela terceira vez repetiu, já mais delicado, talvez por força do hino:

— *Allons, monsieur.*

Estêvão respondeu, já se movimentando para sair, as calças na mão, abotoando a cintura apertada, pois não eram dele, mas de Bob:

“— *Contre nous de la tyrannie!*
L'étendard sanglant est levé!...
Aux armes! citoyens!...”

Hino bonito, pensava Estêvão. Quando era menino aprendeu a letra, gostava de cantar no banheiro. Entre uma ensaboada e outra, e a cuia de água fria, gritava:

“— *Marchons! Marchons!*”

Nessas horas tinha vontade de ser francês. Povo educado, olhado de perto ou de longe. E cantava mais baixo, alterando a letra do hino, para que o guarda não escutasse:

“— *Égorgeons ces féroces soldats...*”

O guarda parece que simpatizou com Estêvão, olhava com complacência, agora, querendo fazer boa a cara ruim, vermelha como um tomate, ou como um sol de Van Gogh, vermelho e amarelo ao mesmo tempo, oleoso... lembrava Junqueiro: “o vermelho oleoso do seu rosto tornava-se amarelo dia a dia...” Seguiu o guarda, este com as chaves na mão, tilintando, algemas prendendo agora a mão esquerda de Estêvão no pulso direito, como se fosse um Al Capone. Sobe escada, desce escada, e penetra no corredor da direita, torce para a esquerda, depois em frente até a sala do Chefe. *Hôtel de Police*, hotel gozado, com guardas armados e hóspedes contra a vontade. Na França tudo é pretexto para fazer hotel. A prefeitura é *Hôtel de Ville*, turista estrangeiro antes de entrar em hotel de verdade tem que olhar bem, ver se não é de mentira, ficar na butuca, para saber se é hotel de hóspedes ou hotel de outra coisa. Toda cidade grande é igual. Tudo tem o mesmo nome, as mesmas placas. Estêvão já lera muito sobre isso. Era viajado em pensamento. Conhecia por ouvir dizer as malandragens da época, debaixo daquela mansidão de olhar, aquela cara de quase-padre, brasa encoberta.

Chegam ao gabinete. Estavam todos lá: Farid, barrigudo, Tarquínio, imperturbável, Calil, Jaime (este sentado, gozava de privilégio), Pierre encolhido no fundo, Rufino, João, todos lembrando ratos em ratoeira, quando bate a porta, querendo sair sem poder, agarrados com o focinho no queijo.

Uma mulher falava com o delegado. Nova. Bonita. Atrevida. Monique, dizia o delegado muito respeitoso, já estava quase tudo resolvido, faltava

apenas a confirmação de Mr. Crooks, ficasse tranquila. Monique olhou em redor, fixou em Estêvão, que encontrava pela primeira vez. Estêvão nunca vira olhos assim, sóis em fundo de paisagem moreno-clara. Pensou, com ideias de fazendeiro do sertão: se fosse novilha seria três-quartos, isto é, três partes de sangue de raça e um comum. Mistura de europeu com negro, talvez um pingo de sangue índio, café com leite, ou como se diz no Brasil, cor de jambo. Mas uma pele limpa, como céu de lua cheia, o céu de dois dias atrás, quando foram surpreendidos pela patrulha do *Lyon*. Mas os olhos, novamente se lembrava da patrulha, pareciam holofotes. Aquilo não eram olhos, eram dois faróis acesos, semelhava os de raposa nas estradas, noite escura, quem vê de longe pensa que são faróis de automóvel. O cabelo grosso, negro e liso, caindo do lado da testa com graça. A mulher gostou de Estêvão, do seu jeito acanhado, só faltou engoli-lo com os olhos. Falava arrogante com o delegado. Este pedia desculpas. Fora um engano, talvez... a prisão do barco.

Estêvão se sentiu mais seguro. O delegado mandou que sentassem. Não havia cadeira para todos. Gentileza de gringo. Só para quatro. Monique sentou logo, chamou Estêvão, falando brasileiro atravessado.

— Oh! senhor nosso amigo. Como vai... Foi bem tratado?...

Estêvão ficou meio confuso. Aquela mulher era fascinante. Nunca vira coisa assim. Por isso montava banca. Sabia o seu valor. Mandava em todo o mundo, diziam. Salomão era apaixonado por ela, mas não aparecia, ficava na toca, deixando os companheiros no perigo.

— *Salomon* vai *gostarr* muito do *senhorrr*... Apareça lá em minha casa...

— E frisou bem aquele *minha casa*, assim como quem diz que Salomão lá não mandava...

Todos aguardam as ordens do delegado.

Estêvão vê sobre a mesinha ao lado um pequeno livro. Oh, um livro! Que falta lhe fizera, à noite, mesmo que fosse um relatório da Secretaria de Obras e Viação... um livro que parecia interessante, intitulado *Les Grandes Étapes de L'histoire de la Guyane Française*. Abre ao acaso, na página 116 e lê:

“A 1895 — Mai.

Combat de Mapa, mort du Capitaine Lunier.

Dix heures, le Capitaine Lunier a été abattu par le chef des bandits: Cabral, à Mapá. Ont aussi trouvé la mort: le clairon Pinson, te soldat Saintaigne, le second Maître Arthure, les quartiers Maîtres Rose et Tissier, le matelot Donatien Pinson et 20 blessés.”

(Dez horas, o Capitão Lunier foi abatido pelo chefe dos bandidos: Cabral, no Amapá. Também encontraram a morte: o clarim Pinson, o soldado Saintaigne, o segundo-maquinista Arthure, os cabos Rose e Tissier, o marujo Donatien Pinson e 20 feridos do Amapá.)

Que diabo era aquilo! Cabral, o Cabralzinho, herói nacional, que recebeu as honras de general do governo brasileiro, o homem que defendeu o Amapá, apoiado pelo Barão do Rio Branco, recebido pelo presidente da República, aplaudido em todo o país! Ser tratado assim... como se fora um bandido?!

Monique interrompe docemente:

— Que é que o *senhor* está lendo?... Não *perrde* seu tempo... olha para mim... é *mieux*...

Ela queria dizer *é melhor* e falava *é mieux*... Aquele *mieux* lembrava a Estêvão o verbo *miar*, miar lembrava gato, gato de telhado, telhado a anedota do estrangeiro que deixou um gato de estimação em sua terra, a Espanha. Recebeu a notícia. O gato morreu. Pronto. Carta brutal. Por que não mandaram dizer que o gato estava doente... ou então que subira no telhado, levara uma queda, estava de perna quebrada, noutra carta dava notícia da morte do bichano... Não doía tanto... preparava o espírito. Reclamou... no mês seguinte recebeu outra cartinha muito delicada comunicando: “Rodrigo, tua mãezinha subiu no telhado...” Droga de anedota, gente tão boa, irmã. Ele mesmo era neto de estrangeiros, de Ponte Vedra, na Espanha, pois não se chamava Estêvão da Conceição?... Estêvão em homenagem ao santo de igual nome, Conceição promessa para Nossa Senhora assim chamada. Fora parto difícil, atravessado, não queria nascer, teimava em ficar lá dentro, achava melhor, mais confortável, garoto safado. Foi preciso fazer junta médica. Abrir a barriga materna, cesariana, como se diz que nasceu Júlio César, o homem de todas as mulheres e a mulher de todos os homens...

Entra um guarda apressado, nervoso, bate os calcanhares, faz continência, entrega um envelope ao delegado.

— *Monsieur...*

O delegado lê rapidamente e, dirigindo-se a Monique, afirma que tudo está bem, a carta é de Mr. Crooks, o incidente foi bem esclarecido, com as escusas da polícia os amigos de Monique estão livres.

Farid diz baixinho no ouvido de Estêvão:

— Eu não lhe disse? Mônica resolve qualquer parada. Se quiser continuar conosco, apareça.

— Não, não posso — responde Estêvão. — Tenho que voltar. Estou sem dinheiro.

Farid retruca:

— Dinheiro, só se entrar para o grupo.

E ameaça, entre amistoso e rude:

— Só leva se aderir... Do contrário é melhor não aparecer. Estaremos no barco, nas docas, perto do mercado...

Mônica se despede de Estêvão, aperta-lhe a mão de lado, disfarçadamente, com calor, deixa-lhe algo, um pequeno embrulho, que ele logo coloca no bolso, para que os outros não percebam.

— *Messieurs. Au revoir* — exclama o delegado, despedindo-se de todos, agora com cara alegre. O guarda baixote e vermelho se despede também, eufórico por ter-se livrado daqueles hóspedes trabalhosos, rindo de um lado só, lembrando a Estêvão o seu amigo Childerico Barbosa, de Abaetetuba, que se diz ficara com a face paralisada do lado esquerdo quando olhou para Nossa Senhora. Cabra sabido, consta que emigrara do Líbano, rapazinho, o nome de batismo era Checrala; o de família Aboud. Mal chegou no porto foi logo perguntando:

— Qual o homem mais importante do Brasil?

Alguém respondeu:

— Rui Barbosa...

Daí em diante passou a assinar Checrala Barbosa, nome bonito, todo mundo perguntava se era parente de Rui, dizia que sim, os filhos foram nascendo, era tudo Barbosa, Antoniano, Pergentino, Modestino, Vicentina, tudo levando aquele sobrenome famoso do Águia de Haia. Eram todos filhotes de águia. Ele mesmo traduziu Checrala para Childerico, nome que lhe parecia simpático.

Estêvão volta à realidade.

Quando saem à rua, o grupo se divide. Vão quase todos para o barco, menos Estêvão, que abraça carinhosamente um a um os companheiros. Jaime lhe sussurra ao ouvido: “Vem conosco, seu besta”; Farid confirma:

— Se vier tem tudo. Vai ser o nosso relações-públicas... Capital se arranja. Você mesmo tem. Conheci seu pai, o velho era boa-praça. Negócio de pesca até ajuda contrabando, pode fazer as duas coisas, dar cobertura. Tem crédito nos bancos. Todo mundo em Belém sabe que você é da pesca, não vai desconfiar nada. Entra pro grupo.

Estêvão agradece. Não está nos seus planos. Mas ao dobrar a esquina sente o peso da solidão e saudades daquela gente. Mete a mão no bolso. O embrulho de Mônica abre curioso, duas notas de cem francos, um cartão: “*Monique Beauregard, Rue Général de Gaulle, n° 1666, 2e étage. Fone 9944*”. Escrito à mão: “*Je t’attends, mon amour. Eu te espero, meu amor.*”

Nossa mãe do céu!, pensou Estêvão, e agora? Balançou a cabeça para ver se lançava fora Mônica, ela saiu mas voltou logo para o mesmo lugar. Bem pensava em Linda, tão longe, em Belém, bem pensava em Mônica tão perto, em Caiena. Tantos dias de aventura, no mar, sem ver sombra de mulher e logo lhe aparecia aquele demônio, pele limpa, voz macia, cabelos negros, olhos de fogo, um vulcão... tão diferente de Linda, calma, tranquila, olhos grandes e negros, a suavidade em pessoa. Não! Não queria nada com Mônica. Iria localizar o telégrafo. Passar logo um telegrama para a mulher, devia estar aflita, dando o marido por morto. Depois procuraria o consulado, já obtivera os endereços, cidade pequena, tudo fácil de achar. Primeiro o telégrafo, perto da praça, prédio velho de esquina, muitas negras no trabalho, um fedor de rato podre; não, não eram ratos, eram as pretas, fediam mesmo, não tomavam banho, ou se tomavam não adiantava, bodum horrível e com tanto perfume nas lojas, Moment Suprême Nuit d’Amour, Cabochard e muitos outros. Fediam mesmo. Mas o importante era o telegrama:

“QUERIDA
ESTOU SALVO EU TE AMO
ESTEVÃO”

Já pensava na alegria de Linda recebendo a mensagem, com atraso embora, o telegrama tinha que ir primeiro a Paris, depois Rio e finalmente a Belém. Se bem andasse, só dois dias depois. E agora? O consulado, foi direto no endereço dado, na Praça das Palmeiras.

Não, não era mais ali. O cônsul se aposentara, estava vago, aguardavam a nomeação de outro. Consulado honorário, falavam em vários nomes, nenhum confirmado. O antigo cônsul não estava, fora para a fazenda, muito longe, no interior, não trabalhava mais. Não havia a quem recorrer. Muitos negros pelas ruas, chineses, lojas, restaurantes, quase tudo de chinas e crioulos, uma mistura de casas velhas de madeira e zinco, com edificações novas, de alvenaria, sinal de renovação e progresso, ruas sendo asfaltadas, uma outra cidade que surgia, bem melhor do que a imaginara Estêvão.

— Foi o Kouru — explicara-lhe Calil. — Caiena antes era uma droga. Mas a construção da base espacial trouxera progresso, uma nova cidade surgia no litoral, outra Kouru, a estrada fora asfaltada até Caiena, construía-se o hotel, no alto, moderno, o Montabo, dominando a foz e o mar.

Muitos brasileiros nas docas, a *crique*, junto ao mercado, lojas em que se misturavam crioulos, chineses e brasileiros, todos realizando os seus negócios, caixas e caixas de uísque escocês, do bom e do falso, perfumes, rádios, televisões, geladeiras americanas, relógios de todas as marcas e tamanhos, brinquedos, artigos do Japão, da China, da Holanda, da Inglaterra, dos Estados Unidos, de todo lado, à disposição de quem os quisesse adquirir.

Farid lhe dissera:

— Há uma casa onde se concentram os brasileiros. Casa Vermelha (Maison Rouge). Fica na esquina da Rua Malouet, perto do mercado. Lá se fala português, francês, inglês, espanhol, *patois* e até *taki-taki*... ou então me procura no Canal Laussat.

— Que é *taki-taki*?

— O *patois* do Suriname, uma mistura de inglês, espanhol, português, indiano e tupi. Dá de tudo.

— Esperanto — diz Estêvão, irônico.

Aproxima-se a noite. Estêvão precisa repousar. Está com uma calça e blusão que foram de Bob, pequeno embrulho com outra muda já suja, um

troco de oitenta francos no bolso. Precisa repousar, dormir para recobrar energias. Busca o bairro de brasileiros do outro lado da doca...

Quando passa pela Rua de Lallouette ouve uma barulheira infernal, música, canto, foguetes, latas usadas como instrumento musical:

Um popular grita:

— *Mi-carême!*...

Carnaval, pensa Estêvão. Sabia que a expressão “*mi-carême*”, meio de quaresma, equivale ao carnaval no Brasil. Mas não estava disposto a enfrentar tal festança naquele dia, amargurado com saudades da pátria, saudades de Linda, saudades de Betinho, preocupação com os companheiros naufragos, afogados talvez, sem recursos, sujo, e ainda mais numa cidade repleta de negros e chineses, falando língua estrangeira. Vez por outra voltava o pensamento para Linda, mas em seu lugar aparecia Mônica, diabo de mulher tentadora, e logo com esse nome, o de uma santa, mãe de Santo Agostinho, que tanto admirava! Os santos, ao que parece, o perseguiam, depois que deixara o seminário. Aquela mulher, tão diferente, uma grande pecadora, pelas aparências, trazia um nome tão respeitável. Santa Mônica rezara tanto, implorara tanto pelo filho, na idade perigosa da juventude, que conseguiu ser ouvida. *Ce cher enfant ouvrit enfin les yeux aux verités de la. Foi ajudado por Santo Ambrósio*, mas mesmo assim o rapaz travesso só se batizou aos trinta e quatro anos! Era como ensinava o Padre Giscard do seminário, consultando, a toda hora, a obra de Guérin. Estêvão guardava de memória alguns trechos, gravados como inscrições no mármore, jamais se apagam.

Gritos, cantos desafinados, caminhões com galhos de arbustos, folhas de palmeiras, mascarados sem graça, uma mistura racial estranha passa na esquina. Os caminhões buzina. Mulheres negras cantam, os rostos pintados de branco. Crianças riem e gritam ao mesmo tempo. Num dos caminhões uns músicos tocam algo. Todos cantam. Bagunça, pensa Estêvão, isso de carnaval não tem nada. Ele que lera muito sobre o carnaval em Veneza, em Marselha, em Colônia... o de Marselha e o de Nice com aquelas máscaras enormes, cabeções, as orelhas para o lado, pulando, rodando, engraçadas mesmo, não aquelas criações que “a estufa escura da moda cria, tortas e enfezadas”. Quando deu de si verificou que estava pensando em versos, e que esses versos tinham dono. E por lembrar Marselha, os figurões, deu uma

gargalhada em plena rua, um negro que passava ao lado olhou surpreso, julgando, talvez, que Estêvão estivesse doido, rindo sozinho, sem mais nem menos! É que se lembrara de um conterrâneo, antigo seminarista, colega de turma, bom sujeito, mas com um cabeção grande e que todos apelidavam de “Carnaval em Marselha” ou “*Mi-carême*”. Sim, mas agora estava no carnaval em Caiena, carnaval em preto, regado com vinho francês, *jambon* parisiense, uísque da Escócia, e do bom, mas cadê o dinheiro para se distrair? Estêvão mete a mão no bolso e apalpa quatro notas de vinte francos, saldo do telegrama, graças à generosidade de Mônica. De qualquer forma, era grato àquela criatura e, por que não confessar? (para que hipocrisia?), gostara dela, gostara mesmo, a mulata era atraente demais. A língua francesa emprestava-lhe uma graça especial, devia ter alguma instrução, pois não falava *patois*, mas francês puro, algo de inglês e algum brasileiro arrastado. Mas falava bonitinho, misturando as duas línguas, dizendo, por exemplo, *eu te amo, mon amour*, ou *ven me verr chez moi*, ou ainda *eu te quero baiser*, fechando a boquinha, e abrindo os olhos, duas brasas.

Passa um caminhão com gente mais agitada. Cantam:

“O teu cabelo
não nega, mulata,
mulata eu quero o teu amor...”

São brasileiros, contrabandistas sem dúvida, tripulantes em férias, bêbedos, abraçando as crioulas pintadas de vermelho e branco e escorrendo suor...

Entre a alma e o corpo



Estêvão andava pelas ruas como se vivesse duas vidas, uma real e outra imaginária.

Passou pela Praça des Palmistes, cheia de palmeiras, bar afreguesado, gente bebendo cerveja nas bancas, na calçada, tentando imitar Paris, passam os carros da *mi-carême*, carnaval subdesenvolvido (pensa Estêvão), segue pela Avenida Roosevelt, até a Avenida Pasteur, retrocede pela Boulevard Jubelin até a esquina da Avenida Voltaire, entra pela Rua de Lallouette, passa a Travessa Felix Eboue, a Justin Catayée até a Rua Arago, toma a esquerda até atingir a segunda esquina, contempla a placa, no alto da parede velha, quase se assusta: Avenida do General De Gaulle... é nesta! Pensa, é nesta que ela mora, a danada, a condenada, aquela mulher infernal, olhos de gato. Observa a numeração. 1666 é mais adiante, automaticamente caminha, ouve ao longe os gritos dos foliões daquele carnaval de araque, mas de qualquer forma carnaval, se fosse noutra ocasião tomaria até umas doses de rum da Martinica e cairia na farra. Eis ali, 1666, casa grande, meu Deus, três andares, um depósito embaixo, de esquina, entrada para carros, até caminhão, pelo outro lado uma loja, portas fechadas, vitrines cheias de perfumes, a placa enorme “La Belle Monique”. Bem que tinham avisado a Estêvão que Mônica era muito rica, tudo aquilo devia ser dela, aquele portãozinho fechado parecia esconder depósito de mercadorias, muamba grossa. Dois carros na frente, um grande, americano, outro pequeno, francês, franzino, enfezado, se é que carro pode ser enfezado. Mas dá a aparência.

Estêvão mete a mão no bolso, retira o cartão já amassado e relê: *Je t'attends, mon amour; eu te espero, meu amor*, sem querer recordou o tango argentino, de que tanto gostava: “Fumando espero aquela que mais quero... embora eu fique dentro de um alambique...” Contempla o segundo andar, é ali, ali que ela mora, um andar inteiro, olhando o negócio de perto. Não



tem coragem de entrar, subir a escada, nem de bater na porta, fica mirando da esquina, observa as suas calças, apertadas, a blusa, suja, dois dias de cadeia com a mesma roupa, passa a mão no rosto, a barba grossa, sandálias havaianas, aquilo é figura? Afinal de contas, pondera, todo o mundo anda assim ali, parece que ninguém sabe o que é paletó nem gravata... Mas está sujo, não pode aparecer com aquela cara de defunto, tem que arranjar um lugar onde fazer a barba, tomar banho, talvez uma pensão barata, oitenta francos no bolso, uma de trinta francos, só a dormida, que no dia seguinte é outro dia. Estêvão se afasta apressado, como um ladrão, com medo de ser flagrado, quase corre. E ainda mais, se aparece o tal Salomão, que nem sequer conhece? Imagina logo uma cena de sangue, bofetada para todo o lado, ele tendo que reagir como homem, afinal de contas já era tempo de viver como homem, esquecer o seminário, a batina, viver a vida, luta renhida, viver é lutar. E recitava mentalmente: “A vida é combate, que os fracos abate”... Sim. Que diabo de burrice era aquela, ele um homem com H maiúsculo, viril pra burro, levando fama de maricas! Ah! Essa não! Afinal de contas, no barco já fora obrigado a mentir, dizer que era comandante, dono da carga *etc.* e tal, saiu-se bem no papel. Pecara. Abrira a porta do inferno. Agora era só entrar. Pelo menos teria o que contar, mais tarde. Escrever até as suas impressões do purgatório... as memórias, um baú cheio!

Estêvão enfia pela Rua Arago, em busca do bairro perto das docas onde, segundo o informaram, há muito brasileiro. Pergunta aqui, pergunta acolá, acaba descobrindo o caminho certo, o mercado, as docas, barcos atracados, o *Santo André*, e outros mais, várias nacionalidades, todos desertos, os tripulantes na *mi-carême*, nos bares, bebendo rum, cerveja e champanha Veuve Clicquot a preço de banana.

Pergunta a uma transeunte, em francês, onde é o bairro dos brasileiros.

— O senhor é brasileiro? — fala a mulherzinha, alegre, os olhinhos brilhando, moreninha.

E remata:

— Eu também... sou de Belém... de Icoaraci... E o que mais dá por aqui é brasileiro.

— Que faz aqui? — indaga Estêvão.

— Vim aventurar a vida... agora estou casada com um cabo da Guarda Francesa... isto é, vivo com ele... já tenho um filho... ele tem um ciúme de mim danado...

— Está bem, está bem — diz Estêvão. — Onde fica o tal bairro em que há muitos brasileiros?

— É ali defronte, passando a *crique*, isto é, a doca. Mas tome cuidado de noite. Acontece muito crime...

— Não tem nenhuma pensão barata, por lá, só para passar a noite?

— Tem sim, perto da boate Las Vegas... É duma senhora chamada Simone... Pergunte que todo o mundo informa...

— Obrigado, obrigado. Se não lhe encontrar mais, felicidades e um abraço no cabo...

Estêvão segue o caminho, refletindo, e se fosse dormir no barco, no *Santo André*? Não! Não! Protesta logo o anjo da guarda dentro do seu peito... Se voltar ao barco, cai nos braços do contrabando! Nunca mais sai... Além disso, precisava tomar um banho, fazer a barba, repousar um pouco. No barco não teria sossego, algum dos tripulantes havia de chegar bêbado, tirar brincadeira, querer arrastá-lo para a farra. *Mi-carême!*

Estêvão atravessou a pequena ponte sobre a doca, um navio maior, *Almirante Rolando*, outro menor, *N. S. de Fátima* (lá vem santo, pensou ele), depois outro, talvez do Suriname, o *Roterdam*, mais barcos menores, alguns a vela, outros a motor, um atrás do outro, coluna por um, sem intervalo. Lembra então o quartel. Serviço militar. Ordem-unida. O sol queimando a cara e o Sargento Pedrosa, dobrando a língua: “Pela direita! sem intervalo! Perfilarrrr!”

A rua é só poeira. As casas velhas, de um ou dois andares, cobertas de zinco ou telhã, quase todas de madeira. Negros, chineses, mulatos, poucos brancos, ruas estreitas, casas acachapadas, sem intervalo, janelas baixas, pinturas antigas, desbotadas, tudo muito sujo, aspecto de pobreza. Na segunda quadra, divisa uma placa LAS VEGAS (a boate), placa mal-arranjada, pintura precária. Pergunta a alguém por Simone, mais adiante, dobrando a esquina, informam, é a pensão, com nome pitoresco, Hôtel des Enfants. Casa escura, marrom, tudo nela é marrom, poeirenta. Aparece Simone, gorducha, quarentona, diz ter um pequeno quarto disponível, trinta francos, nele se

hospedara na véspera um brasileiro, bom *garçon*, diz ela, de um barco que zarpara para o Araguari. Transportava gado.

Estêvão se recolhe ao aposento, a porta mal fechada, madeira grossa, ferrolho quase solto, cama velha, pior que a de qualquer hospital de terceira classe. Na parede retratos coloridos de mulheres nuas, em todas as poses, recortes de jornais, no canto do aposento um fragmento de revista, ali colocado por algum brasileiro maroto, escrito em português:

“Por que preocupar-se?
Há somente duas coisas com que se preocupar:
— Ou você obtém sucesso ou será malsucedido.
Se você obtiver sucesso,
Você não tem nada com que se afligir;
Se você for malsucedido,
Há somente duas coisas com que se preocupar:
— Ou você mantém sua saúde ou fica doente.
Se você mantiver sua saúde,
Você nada tem com que se aborrecer.
Se você ficar doente,
Há somente duas coisas com que se preocupar:
— Ou você se recupera ou morre.
Se você se recuperar,
Você não tem nada com que se afligir.
Se você morrer,
Há sempre duas coisas com que se preocupar:
— Ou você vai para o céu ou para o inferno.
Se você for para o céu,
Você nada terá com que se aborrecer.
Se você for para o inferno,
Você vai estar tão ocupado cumprimentando
velhos amigos,
que não terá tempo para se preocupar...
— Então por que preocupar-se???”

Estêvão lê pausadamente. Afinal de contas o malandro que ali colocou o recorte tinha suas razões! Por que se preocupar? Deixaria as preocupações para o dia seguinte. Tomaria um banho, banho de lara com bacia de alumínio, os pés escorregando no chão liso, mau cheiro de sanitário ao lado, porta aberta, toalha desbotada, meio rasgada. Lembrou as suas, tão limpinhas, Lindinha oferecendo pela porta semiaberta, o braço muito branco. Imaginou então como seria o braço de Mônica, mais delicado, talvez, cor de café com leite, macio, a pele lembrando pêssego maduro.

Mônica entrava forte no pensamento de Estêvão. Seus olhos iluminavam-lhe a alma. Linda tinha olhos bonitos, também, pretos, mas os de Monique eram claros, ora azuis, ora verdes, ora cinzentos, dependendo da luz e do estado d'alma. Os cabelos de Linda eram ligeiramente ondedados, comparava mentalmente Estêvão, e os de Mônica, lisos e negros, com aquela graça de cobrir o rosto de um lado só. Dentro da alma de Estêvão, começou o desfile das duas, como em concurso de Miss Universo. Primeiro vestida, depois só de biquíni, Estêvão imaginava apenas, pois ainda não vira Mônica de maiô, desbarrigada, as pernas bem-formadas, duras e cor de romã. Balançava a cabeça de vez em quando para expulsar Mônica do pensamento. Ficava só Linda. Logo mais Mônica voltava, sem sentir tomava o lugar da outra, montava banca, sentada no coração.

— Que está me acontecendo? — perguntava Estêvão em voz alta, se olhando no espelho, enquanto fazia a barba, aparelho emprestado de Simone, que o usava em outros sítios. — Que está me acontecendo, meu Deus?

E se lembrava da Bíblia: “Não invoques o nome do Senhor teu Deus em vão”.

Estêvão se sente como se estivesse enjaulado. Como sair daquela terra? A quem recorrer? Procurara a companhia de aviação. Apenas Air France, nenhuma linha Caiena-Belém, as comunicações todas via Paramaribo, Caracas, Nova Iorque, Paris. Nenhuma atenção na companhia francesa, tratamento grosseiro, gerente bruto, não quis recebê-lo, talvez devido ao aspecto pouco interessante de Estêvão com as roupas de Bob. Ele mesmo se olhava desconfiado. Que vira de extraordinário Mônica, para querer tentá-lo de toda forma? Procura nas docas barcos brasileiros. Vários. O *Santo Ildefonso*, transportador de gado em pé do Marajó, contrabando livre (pensou Estêvão),

aliando o substantivo ao adjetivo contraditório. Gente estranha. Brasileiros de todos os tipos. Aventureiros. Mulheres muitas, especialmente caboclas paraenses preferidas dos soldados franceses e dos crioulos.

— Há milhares de brasileiros aqui — explicou-lhe Simone. — Trabalham no Kouru, constroem a base espacial. Mas também há muitos desempregados, vagabundos. As mulheres fazem a vida.

Estêvão não tinha mais para quem apelar. Um saldo, agora, de cinquenta francos no bolso, pensava, daria para comprar ao menos uma corda para enforcar-se. Caíra a noite, um ligeiro chuvisco impertinente ameaça a coisa pior. Não podia ficar muito tempo naquela pensão barata, o afamado Hôtel des Enfants, hotel das crianças, só podiam ser crianças celeradas, vindas de todas as partes do mundo. Seu pensamento fervia e refervia. Mas, ponderava, para que tanta agonia? Estava são e salvo. Os pés em terra. Vivinho. Linda iria receber a boa nova. Para que preocupar-se? Saiu pela rua poeirenta, soltando antes um *bonsoir madame* para Simone, que grunhiu qualquer coisa ininteligível, do fundo da sala. As luzes frouxas da cidade mantinham-na em penumbra. A lua ainda não nascera, começaria a minguar. Só mais tarde apareceria com todo o seu fulgor. Cães latiam pelas esquinas. Homens embuçados, falando *patois* passavam por Estêvão, cada qual carregando o fardo de seu destino. Enxerga ao longe uma pequena placa iluminada! Boate Chicago, tosca, prédio baixo, fachada marrom, era ali, pensava, o antro da vida fácil, na porta poucas pessoas, cedo ainda, mas com muita gente no interior, os mais apressados, geralmente marítimos, sôfregos de aventuras e bebedeiras. Na Las Vegas, a farra deveria ser maior.

Estêvão penetra. Ambiente de penumbra, luz avermelhada. Mesas rústicas, pouco espaço, fumaça no ar, música negra, monótona, calipso talvez, eis que Estêvão não era bom entendedor das artes do Caribe. Poucos pares, negros, mulatos, chineses, brasileiros, mulheres desavergonhadas, provocando, enlaçando, dançando, pulando, fumando, bebendo, mirando os que entravam, da cabeça aos pés, assim como quem pergunta:

— Você tem dinheiro? — ou então alongando os olhos como quem pede:

— Ei, me dá o dinheiro aí!

Estêvão se lembrou da musiquinha brasileira e cantou mentalmente:

“Ei! você aí!
me dá o dinheiro aí!
me dá o dinheiro aí!”

Ele, coitado, com apenas cinquenta francos, que iria fazer naquele lugar? Olhar, distrair as ideias, senão estourava naquele quarto infecto da pensão de Simone.

Fixa os olhos em alguém que parece conhecido, ah! É Jaime, como se fosse dono da casa, o qual logo o reconhece, exclamando em voz alta:

— Você por aqui, Estêvão! Ora viva! Deixa eu te apresentar a um amigo, é patrício.

— Samuel...

Estêvão tinha ideia de já conhecer aquele tipo, magrinho, sardento, cara de vendedor de muamba, falando fino.

Jaime completa:

— Se quiser comprar relógios, uísque, rádios, é com ele... Vende tudo abaixo do preço. Loja Dalila, na Rua Arago...

— Está bem. Está bem — responde Estêvão. — Quando puder vou lá.

— Vai mesmo. Ele fia, para pagar em Belém. Está por lá todo o mês no Ver-o-Peso ou na Rua 28 de Setembro... E boa-praça. Você tem crédito. Compra, rapaz. Ganha a gaita que o dinheiro é a mola do mundo.

Samuel era de pouca conversa, meio gago, quando falava piscava os dois olhos, num esforço tremendo para enunciar as palavras:

— Também arranjo automóvel... rabo-de-peixe... Chevrolet, Chrysler, Dodge, tudo americano, zero-quilômetro, entrega em Caiena...

— E como vou descarregar isso lá? — pergunta Estêvão.

— Ora, seu trouxa, há dezenas de entradas e saídas: o Carnapijó, o Arapiranga, a Ponta do Mulato, o Arrozal, o Pacoval, o Guamá, Icoaraci, a Tijoca, Maracanã, Salinas. Homem, você nem parece que é da pesca?

Estêvão sabia daquilo tudo. Conhecía bem os furos, paranás, rios, lagos e demais acidentes geográficos da região. Queria colher. Obter informações. Seu pai possuía propriedade perto do Carnapijó, um bonito sítio em Barcarena, com casa de comércio, moradia, algum gado; muitas vezes Estêvão, quando era menino, se distraía olhando o farol, distante, acendendo e

apagando, nas noites escuras. Carnapijô! Quantas saudades daquele nome, ligado à sorte do barco, pedaço de seu ser que afundara. Sabia perfeitamente que na ilha do Carnapijô se desovava muito contrabando. E mais para dentro, em toda a parte, no estreito de Breves, em Abaetetuba, em Cametá. Desembarcava e embarcava. Saía também do Brasil muito couro de crocodilo, óleo de pau-rosa, café, cacau, pedras preciosas (já vira tantas de Marabá, colocadas num vidrinho, que lhe mostrara certa vez o Deputado Cerdeiro). Saía tanto quanto entrava, até maconha da região bragantina, para Paramaribo e pimenta-do-reino para Caiena, à busca de outros portos do mundo. Os fiscais, contava seu pai, andavam por ali, às vezes pegavam, apreendiam, outras vezes soltavam logo. Dividiam o lucro, “metâmetá” era a expressão da gíria mafiosa do contrabando.

Samuel pensava que Estêvão não conhecia certos aspectos do contrabando. Prosseguia falando, entre dois goles de rum, Estêvão bebendo também:

— Se você quiser, fazemos o seguinte negócio: eu lhe forneço a mercadoria aqui, até um certo limite. Você me dá um vale para receber em Belém. Lá, se tiver mercadoria para exportação, não precisa pagar em dinheiro. Paga em gêneros. Couros, por exemplo, jacaré, capivara, onça, maracajá, o que quiser. Tem muita aceitação na América e na Venezuela. Em Caracas, há curtumes enormes. Compram tudo. E pagam em dólar. Outra coisa. Não precisa trazer para cá. Há várias maneiras de sair de Belém. Uma delas é de avião. Direto para Nova Iorque. Você faz documentação para dez couros e empurra cem, vai tudo. Me procura, Estêvão, insistia Samuel, amistososo, quase carinhoso. Me procura, que você vai se dar bem.

O rum sobe violentamente para a cabeça de Estêvão. Sente-se alegre. Tem até vontade de dançar. Uma negra ainda nova, cabelos como casa de arapua, passa-lhe a mão pela nuca, desce-a pelos braços, e lhe diz no ouvido:

— Vem *dançarr, chéri*.

Estêvão se desconhece. Já está nos braços da preta. O calipso meloso, um cantor vestido de seda cor de laranja melífluo enorme, a negra rebolando, Estêvão também. Higiene mental, pensa Estêvão, enquanto pula com a negra. Depois volta ao lugar.

Jaime graceja:

— Você hoje está bom, Estêvão. Estou gostando de ver. Está machão. Você precisa ir à Maison qui Bouge... barra pesada...

Um momento de lucidez faz Estêvão pensar no pouco dinheiro que tem, passa a mão pelo bolso da calça, apalpa... ué? Sumiu o dinheiro, o bolso está vazio, foi alguém, naquele aperto talvez a negra, na hora da dança, meteu a mão, tirou. Não adiantava reclamar, ninguém iria acreditar. Sairia pancadaria grossa, principalmente depois que muitos se embriagassem.

Estêvão sussurra ao ouvido de Jaime:

— Preciso sair... estou sem dinheiro.

— Está bem, Estêvão. Deixa que eu pago a bebida...

Estêvão lembra Mônica. Não tem mais ninguém a quem recorrer. Aqueles homens não lhe adiantarão numerário. Mais facilmente entregam-lhe mercadoria do que dinheiro. Além do mais, se pedir por empréstimo eles recuam e acabam não entregando nem mesmo mercadoria. É da psicologia do contrabandista, ou daqueles dois judeus amistosos, em volta da mesa, discutindo negócios e bebendo rum, enquanto a negritude se diverte, de mãos dadas com chineses, holandeses do Suriname, brasileiros, gente de toda espécie e raça.

No outro bolso, estava o cartão de Monique Beauregard, Rue Général de Gaulle, 1666, 2^e étage, fone 9944. Estêvão, de tanto ler o cartão, já decorara os números, o nome da rua em homenagem ao grande general, que acabava de visitar a Guiana, retratos por todos os lados, em um grande cartaz as expressões de De Gaulle, saudando os caienenses:

“Nous avons à réaliser, vous sur place et la France avec vous, une grande œuvre française telle qu’on s’aperçoive dans toutes les régions du monde ou se trouve ce département.

Charles de Gaulle”.

Ouviu narrar que os guianenses começaram a chatear muito o general, durante a visita reivindicando isso, mais aquilo, mais aquilo outro, alguém falou em independência, ao que o velho se enfezou e solene ameaçou: “Se a França largar vocês agora, vão todos morrer de fome”. Seria verdade? Estêvão escutara aquilo em conversa de bar, ou de rua, mas o certo é que

o velho general era respeitável, durão, não dava o braço a torcer. Por isso, o cartaz reproduzia o discurso ou manifesto, falando em grande tarefa a realizar, na ação conjunta da França e da Guiana. Ali se via o Kouru, em construção, prova do que dissera o velho.

Mas por que estava Estêvão agora a pensar no general, um homem, quando naquela rua morava a mulher mais linda que já conhecera, capaz de competir com a sua Linda, que o era mesmo no nome?

Um telefone, pensa Estêvão. É melhor. Boate sempre tem. Pergunta onde é, faz a ligação, nervoso, já está ficando tarde, dez horas, uma voz maviosa responde:

— *Oui... c'est Monique...*

— Sou eu, o Estêvão... o brasileiro...

— *Oh là là! C'est vous, mon amour... quel plaisir... Viens ici... Vem aqui, chez moi.* Eu te dei o *adresse*...

— Quando? — indaga timidamente Estêvão.

— Agora mesmo... a cidade é *petite*...

— E Salomão?

— Oh, *chéri*, Salomon partiu, este *matin*, está longe... Caracas... de lá vai para Nova Iorque... Só volta fim do mês, se *Dieu* quiser...

— Vou já, querida...

Estêvão desliga, passa a mão pelo rosto. Nem acredita. Será ele? Com toda aquela coragem? O rum ajudando, bebida boa, da Martinica, o melhor de todos, superior ao de Cuba, o tal Merino, já fabricado no Brasil. E tomara puro, nada de cuba-libre, bebida ruim, queria Cuba escravizada mesmo, sem Coca-Cola... pensou, meio irônico, meio tonto... mas consciente, atravessou a doca, procurou a Rua Malouet, até a Général de Gaulle, apressado, o coração aos pulos, o sangue fervendo, nem vendo os cachorros latindo atrás dos calcanhares, ou latindo para a lua, que agora se mostrava, quase cheia, como uma bola furada, no começo da decadência luminosa, num céu azulado... Nunca pensara em aliar uma aventura amorosa ao nome do grande general...

Número 1666, porta entreaberta. Mulher esperta.

Estêvão chega até a soleira. Retrocede. Seu anjo da guarda parece ter-lhe dado um puxão de orelha, que o levou até a esquina. O Diabo sopra no ouvido: “Estás bêbado! Não tens para quem apelar! Como vais voltar ao

Brasil? A mulher é linda! (Despe-a mentalmente.) E vai te ajudar ou preferes a ajuda dos homens, seu maricas? Maricas! Maricas!” Assim falava o Demônio... nunca Zaratustra.

Estêvão volta ao número 1666. Sobe a escada, a luz fraca, segundo andar, Monique, dois faróis acesos, aqueles olhos na semiescuridão *robe de chambre* de seda chinesa, chinelinha de Hong Kong, cabelos negros soltos, perfume francês, do melhor, no rostinho tenro, nas orelhas, nos ombros, nos braços, nos seios túmidos, tudo como ele imaginara, as pernas grossas, pele limpa parecendo de pêssego da Toscana, nenhuma ruga, o busto saliente, a barriguinha lisa e plana, como nunca vira igual... A de Linda, depois do nascimento de Betinho, ficara um pouco tufada (pensou). E já tinha rugas.

Estêvão esqueceu tudo. Não sabe mais o que está fazendo. A noite parece que passa depressa, jamais conhecera mulher como aquela, um vulcão, talvez o Vesúvio (imagina), talvez o Etna em erupção, não, outro melhor, o Chimborazo, que é das Américas, vulcão mestiço, caboclo, equatorial...

Já começava a clarear o dia quando deu acordo de que estava nos braços de Monique, ela sempre querendo mais, o sol a se insinuar levemente pelas cortinas rendilhadas da janela, um ruído fino de chuva fraca, Estêvão também querendo, lembrando os versos que aprendera nos livros de literatura:

“Ouves? É o vento! é um temporal desfeito.
Não me arrojés à chuva e à tempestade!
Não me exiles do vale do teu leito!
E ela abria-me os braços. E eu ficava...”

Ficava mesmo, bêbado agora, não de rum, mas de Monique, cheirando a perfume Moment Suprême...

Que diferença! Pensava Estêvão, entre Mônica e aquelas negras do telégrafo, gás asfixiante ainda não usado nas guerras.

Como era bom o amor! Os padres não sabiam o que estavam perdendo, um prejuízo danado, até o dia em que forem liberados, tarde demais talvez, para muitos, já ressequidos de jejum. E que maldade, por que não deixavam os pobrezinhos amarem, amarem um pouco, a coisa mais inocente do mundo, afinal de contas, era o amor! Amor a dois, que se gostassem, que não

tivessem nojo um do outro, que se atraíssem como duas metades jogadas no mundo e que se encontravam. E se cumpria o preceito bíblico: “Crescei e multiplicai!” E Santo Tomás de Aquino não afirmava na *Summa Theologica* que “os prazeres sexuais são tão legítimos quanto os da mesa. Assim como estes acompanham naturalmente as funções necessárias à conservação do indivíduo, aqueles se associam, com a mesma naturalidade, aos atos necessários à conservação da espécie”?

Mônica morde de leve a orelha de Estêvão e confessa, baixinho:

— Gostei de você... à primeira vista... Não penses que faço isso com todo mundo... Jamais... Ninguém botou a mão neste umbiguinho a não ser *Salomon* e você, meu *chéri*... Gostei mesmo. Não sei explicar o *raison*... Não gosto mais de *Salomon*. Depois explico.

E passando a mão pelos cabelos de Estêvão:

— Esses cabelos tão bonitos... tem a pele bacana... gostei de tudo teu... *mon amour*...

Estêvão não falava. Sonhava. Dormitava um pouco. Despertava com os dedos macios de Mônica acariciando, aquele perfume, sempre aquele perfume, e os versos de Bilac:

“Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! Deixa que amanheça!
E ela abria-me os braços. E eu ficava...”

O dia já estava clareando quando a imagem de Linda entrou forte no pensamento de Estêvão. Sacudiu a cabeça, como quem se assusta.

— Que foi, *chéri*? — perguntou Mônica. — Você tremeu todo...

— Não é nada... são as preocupações...

— Momentinho, vou mandar buscar uma xicrinha de café *brésilien* para você...

Estêvão observa em torno. O quarto é luxuoso, atapetado de novo, cor azul muito claro, belos móveis franceses com espelhos biselados, janelas com cortinas brancas rendilhadas, finalmente dispostas, quantidade enorme de vidros de perfumes sobre o toailete, tudo muito limpo, abajures chine-

ses. Rádio, ao canto um grande vaso de porcelana oriental enfeitado com mulheres risonhas de cabelos negros, presos por pentes pontiagudos. O ar refrigerado não permitia sentir calor.

Gostaria de conhecer melhor Mônica, sua vida, seu passado. Vive quase só. Uma velha governanta, Eugénie, cuida das coisas da casa. Pouco aparece, a não ser para atender alguma ordem ou trazer café. Vida estranha, a de Mônica!

O café quente parece refazer-lhe as forças. Os abraços de Mônica também, naquela tepidez de ninho, leito amplo e macio.

“Espera ao menos que desponte a aurora!
Tua alcova é cheirosa como um ninho...
E olha que escuridão há lá fora!”

Estêvão cautelosamente indaga:

— Você nasceu em Caiena? Gostaria de saber um pouco de sua vida...

— Por que não? — responde Mônica. — Não tenho segredos.

E narra, amaciando com as mãos os cabelos densos de Estêvão:

Era filha de um oficial francês, que viera servir na Guiana. Sua mãe, nascida em Caiena, descendia de holandeses do Suriname, com alguns pingos de sangue negro e indígena. Provinha de várias raças, predominando, na cor dos olhos, o sangue europeu; na pele moreno-clara, as tonalidades africanas e nos cabelos, o negro encorpado dos índios. Vivera muitos anos em Paris. Estudara em bons colégios de freiras, o Sainte-Geneviève, em Vincennes. Seu pai, Capitão Beauregard, morrera durante a guerra, já nos finais, quando os alemães realizaram o avanço desesperado sob o comando de Von Rundstedt, nas Ardenes.

Mônica levanta, abre a gaveta da mesa de cabeceira e mostra a Estêvão uma caixa de madeira polida, no interior várias medalhas, condecorações coloridas. Era o que restava da memória paterna. Seu pai deixara muitos bens na França, que foram vendidos e lhe propiciaram meios para sobreviver e enriquecer comerciando. Na parede um belo retrato, o pai fardado, ar arrogante, agressivo.

— E Salomão? — pergunta Estêvão.

— Ah! *Salomon!* Conheci numa das viagens, no avião quando regressava de Paris. Faz comércio por todo o mundo: Nova Iorque, Londres, Paris, Roma, Rio de Janeiro. Já gostei muito dele. Mas agora não gosto mais. Me maltrata muito. É bruto.

E Mônica mostra a Estêvão uma cicatriz, disfarçada pela plástica, no braço esquerdo.

— Foi *Salomon!* Violento. Não *querro* mais saber dele. Achei o que *procurrava*. Você...

Estêvão contempla aqueles olhos claros, aqueles braços levemente morenos, acredita no que ela diz. Os olhos de Mônica se enchem de lágrimas.

— Não *querro* mais saber de *Salomon!* Quero você, *mon amour*...

Mônica acaricia e beija o rosto de Estêvão, as lágrimas escorrem-lhe pela face, fica um momento imóvel, a cabeça apoiada em seu ombro. Contempla sobre a cama a caixa com medalhas. Retira uma delas e explica:

— Esta meu pai ganhou com a morte. Na batalha das Ardenes, na floresta. Os alemães fizeram contraofensiva violenta. Morreu muito soldado.

E após uma pausa, prossegue:

— Depois da morte mandaram essa medalha e um diploma. Quando olho *parra* ela, parece que vejo meu pai no chão, ensanguentado, morrendo aos poucos, sem socorro. Pobre *papá!* *Mamã* se foi logo depois, aqui. Que podia eu *fazerr* da vida?

Estêvão contempla aquela criatura aparentemente forte e perigosa, agora parece-lhe frágil e indefesa, as lágrimas pingando em gotas pelo rosto delicado. Os olhos mais esbraseados ainda, os cabelos desfeitos.

— Não *querro* mais saber de *Salomon*. *Querro* você, você, você...

As palavras repercutem sobre a alma de Estêvão, como agulhadas. Nunca pensara passar por aquele transe, aquela cena, aquelas emoções, naquele quarto. Distante da pátria. Penúria. Desamparo. Vez por outra a lembrança de Linda remoendo o seu coração. Sente-se perdido. Um crápula. Tem nojo de si próprio. Lembra o seminário. Vê e revê a cara do Padre Giscard, dando aulas de teologia e de moral, o dedo em riste, apontando os caminhos da salvação. Como sair daquela situação, agora? Quanto mais conhecia Mônica mais seu coração a aceitava. Mais afundava no pântano. Não lhe tinha

amor. Seu amor era Linda, tão distante. Fora arrastado. O Diabo soprando no ouvido de um lado, do outro, o anjo da guarda.

Avançava e recuava. Ora ouvia o anjo, ora escutava o Demônio. Cada qual a atraí-lo, a desviá-lo num sentido. Os caminhos que o levaram a Mônica eram como um desfiladeiro em que não houvesse retrocesso. Sentia-se empurrado. Sem dinheiro, sem documentos, sem roupas, sem amigos, longe da pátria, a única pessoa generosa que encontrara era aquela mulher. Não lhe exigia nada, antes se entregava, totalmente, como se ela, sim, fosse o anjo que viesse salvá-lo na hora da desgraça: aquele gesto carinhoso ao passar-lhe o cartão, os mirrados duzentos francos que gastara logo, e que abriram a porta do telégrafo para comunicar-se com Linda. Quem o socorreria? Aqueles homens mercenários, habituados ao perigo, ao comércio ilícito, teriam compaixão de sua desdita? Estêvão procurava justificar-se perante a sua própria consciência! Como é difícil saber até onde se estendem os seus domínios! Como julgar? Sua consciência era como um tribunal, onde um atacava, o anjo da guarda, censurando aquela atitude pecadora, caminho do inferno; outro, o Demônio, tudo justificava, voz macia, sussurrante, estava certo, estado de necessidade, irremediável, somos seres humanos, não santos, para resistir a tanta tentação! Que seria melhor para Estêvão? Pedir esmola em Caiena? Nem ao menos um cônsul existia para oferecer amparo! Nenhuma linha de navegação aérea. Promessa apenas. Lá estivera avião comercial brasileiro da Braseiro do Norte S.A., diziam, mas voltara cheio de muamba, havia proteção, gente boa no meio. Fora-se o avião. Brasileiros por ali eram mal reputados. Traficantes. Prostitutas. Operários famintos. Pedreiros e carpinteiros para as obras do Kouru. Nada mais. E o sol. O calor. A poeira. A pobreza. Estêvão acabaria preso por vadiagem, forçado a abrigar-se no bairro pobre, fazer trabalhos brutos, ou regressar ao Brasil em barco de contrabando, de favor, sujeito a ser preso. E levava a fama sem proveito. Mesmo assim seria difícil obter carona. Contrabandista tem os seus segredos, não gosta de conceder passagem a ninguém. Viera no *Santo Izidro* coagido pelas circunstâncias, em pleno mar. E recorda as palavras bíblicas: “Não julgarás!” Se fosse julgado seria forçosamente condenado. Cair nos braços de uma mulher que mal conhecia, ligada a Salomão contrabandista, grande pecador!

Mônica interrompe os pensamentos de Estêvão:

— O que tenho não foi Salomão que me deu. Meu pai era rico, de boa família na França. Minha mãe, filha de comerciantes. Deixaram fortuna... *Salomon* muito rico só agora, chefia quadrilha internacional. Viaja todo o tempo... Não se mostra muito... Vou deixar *Salomon*... Ele começou no contrabando de perfumes. Agora só quer saber de entorpecentes...

Estêvão escutava aquele estribilho: *Vou deixar Salomon, quero você. Vou ajudar você. Salomon é bruto!*

Estêvão lutava contra os escrúpulos. Precisava de auxílio, mas o suficiente para safar-se daquela situação. Algum empréstimo, que pagaria quando chegasse ao Brasil, nem que fosse em dobro. Mas o seu pensamento se alongava para o futuro. Não possuía mais o barco. Seguro pequeno. Iria lutar bravamente para sobreviver. Mal dormia pensando nas responsabilidades que o esperavam em Belém, ao regressar. Receberia a ajuda daquela mulher, à qual ficaria imensamente grato. Por isso receava magoá-la, ela que agora lhe mostrava uma outra face, tão diferente da primeira impressão. Mônica estava à procura de um ponto de apoio, Salomão falhara. Não encontrara talvez em Caiena o que almejava. Estêvão, mesmo mal vestido e tresnoitado, revelava na expressão do olhar o homem de boa formação, probo, até aquele dia, lançado em desgraça.

— Eu preciso de um homem como você, honesto. Estou cansada de lidar com bandidos. Recebi educação religiosa, no Sainte-Geneviève. E narrava episódios do colégio das freiras, em Paris, entre-menina-e-moça.

Confidenciava-lhe coisas ao ouvido, Mônica, ou o Demônio por ela, enquanto Estêvão despertava subitamente de suas meditações. Tudo em volta era conforto, segurança material, riqueza, mesmo, mas sentia, por trás daquela aparência de fortaleza, uma frágil criatura.

— Tenho muito para viver. Não preciso de *Salomon*. Duas casas de comércio. Freguesia certa. Duas fazendas, uma perto de Saint-Laurent du Maroni outra em Sinnamary. Muitas joias. Moedas de ouro. Dinheiro no banco, meu. Os barcos *Monique 1* e *2*. Vou comprar mais um barco, o *Monique 3*.

E Mônica ia abrindo de par em par as portas da sua vida.

— Você não acredita. Mas eu é que fiz *Salomon*. Financiei os negócios dele. Agora está rico e me maltrata. Dizem que tem uma mulher em cada cidade.

E depois de um minuto de silêncio, o olhar distante:

— A esta hora deve estar com Isabel, em Caracas, ou com Mercedes, no México.

O dia clareia. Estêvão precisa sair. Mônica pressente a sua inquietação.

— Vou te emprestar dinheiro. Estás duro. E te dou crédito no comércio. Leva da minha loja a mercadoria. Deixa documento se quiser. Na outra viagem paga. Divide o lucro.

— Na outra viagem? — pergunta Estêvão.

— Sim, você vai voltar. Tenho certeza.

Em poucos momentos, Estêvão se vê em plena rua, a caminho do Hôtel des Enfants, um pacote de francos guianenses no bolso, carta do punho de Mônica para uma grande firma à Rua Arago, destinada a Mr. Roger Pichon... rádios... televisores... gravadores... relógios... quanto a perfumes e bebidas a loja La Belle Monique lhe abria as portas.

— Eu confio em você — dizia Mônica, fitando-o nos olhos. — Você não engana.

Estêvão caminhava pela rua em diálogo com o anjo da guarda e o Demônio. O primeiro o aconselhava a não aceitar aquela oferta. Tentação. Receber pequena ajuda, para pagar depois, vá lá! Obter passagem em algum barco, pequeno embora, e voltar para Linda, sua mulher e Betinho, tão bonito, os olhinhos vivos, o risinho aberto, o primeiro dentinho à mostra, pulando à vista do pai. O Demônio entrava forte. Besteira! Ser honesto demais! Sinal de burrice! Tanta gente boa metida em contrabando! Até deputados, senadores, advogados, médicos, engenheiros! Carros americanos servindo o palácio, motocicletas contrabandeadas no Serviço de Estradas fizeram sucesso em Brasília. Toda festa em Belém era à base de uísque contrabandeado à vontade, grã-finos com automóveis rabo-de-peixe, exibindo pelas ruas, retrato nas colunas sociais, todo o mundo se enchendo, e o bestalhão do Estêvão, ali, maltrapilho, jogado às baratas, encontrava uma beleza de mulher que lhe abria as portas do sucesso e jogava fora! Poderia enriquecer! E enriquecendo ampararia Linda e Betinho. Estavam muito longe. Quem não vê cara, não vê coração. E o Demônio ia a pouco e pouco dominando o anjinho da guarda, cortando-lhe as asinhas, assustando-o com seu bafo de enxofre. Estêvão fora vizinho de um deputado, lembrava, recebia caixas e caixas de

uísque escocês, desembarcado no Maracacuera, alta noite, ninguém via, nem mesmo os fiscais. E fora, certa vez, à festa de aniversário na casa de um fiscal. Champanha francês era como água, Veuve Clicquot, tudo sem selo, contrabando brabo. De tudo. Perfumes, relógios, bonecas, brinquedos de corda, falavam que faziam contrabando até de aviões. O piloto comercial ia aos Estados Unidos num avião da linha internacional. Lá comprava aparelho pequeno e vinha pilotando. Pousava em Caiena, fugindo de Belém. Depois... o sertão é muito grande, fazendas, campos de pouso, tudo muito fácil. Tirava o prefixo do avião velho, já usado ou batido, imprestável, colocava no novo. Tudo legal. Se precisava pousar de emergência, a fiscalização queria saber se a aeronave trazia bagulho, só via o recheio, nunca se lembrava de conferir a documentação do aparelho. E assim entravam aviões comerciais, pacificamente, pelo ar. Ninguém pegava. E Estêvão agora ali com *faniquito*, fazendo *charminho*, com medo de dar uma direta na sorte, que lhe aparecia de surpresa, depois de imensa desgraça! “Era ser muito besta!” Gritava-lhe o Demônio no ouvido, tão forte, que ecoava no coração. Era ser muito besta! Anjinho da guarda, coitado, já ia perdendo as forças. Nada tinha a oferecer. Depois se recuperava de repente, vinha com as duas asas brancas para junto de Estêvão. Passa pela praça. A velha igreja aberta, ao nascer do dia, ainda iluminada, muitos fiéis, quase todos negros, o padre estrangeiro, em linguagem clara, pregando, pregando pausadamente, em puro francês do Loire:

— *Dieu vous regarde...* Sim, Deus observa todos os passos do homem e o segue em todos os caminhos...

A prece dos fiéis mais logo subia para o alto, dominava as naves, todo o cenário grandioso, invadindo a alma. Estêvão sentiu um aperto no coração. Não encontrava coragem para entrar no templo, nem de contemplá-lo, desviava o olhar. Só os ouvidos escutavam, primeiro a pregação, depois as preces. Apressou os passos, como se fosse perseguido por vozes que o acusassem, terríveis, vociferando, a ele ex-seminarista, um grande pecador.

Demônio volta ao ataque. Os sons das preces se perderam ao longe, ao dobrar a esquina da Rua Malouet. Conversa fiada, tudo aquilo! Era preciso viver a vida, olhar o sol de frente, bebê-lo com os olhos, usar as forças da natureza, todas elas, vigorosas! Deus lhe dera instintos! Não podia desviá-los! Isso, sim, a fuga da natureza que era anormal e pecado! Maldita dúvida! Maldita educação rígida, antinatural, que obrigava o homem a dobrar o

corpo às vociferações da alma, a pecados inventados pela mente, quando os animais eram tão inocentes na sua natureza! Ditadura! Que seria melhor? Chegar a Belém faminto e sujo, as mãos vazias, ou consolar Linda com ricos presentes, uma televisão em cores (tão desejada), brinquedinhos de Hong Kong para Betinho, um gatinho de molas que andava e miava, um cachorrinho que latia, como se tivesse vida, e não dava trabalho nem sujava o chão? Ao menos uma vez, faria um negócio daqueles. Uma só. Aproveitaria a viagem. Como dizia seu tipo Mingote, “para alguma coisa serve a desgraça”. Deus, na sua imensa bondade, haveria de perdoá-lo.

Tudo perdoava. E ele, antes de praticar o ato, já estava arrependido, por antecipação. Sacava no futuro.

Mônica lhe garantira a volta. Barco maior, atracado na *crique*, o *Monique 1*, capacidade para quatro automóveis e várias toneladas de muamba, desde relógios a bebidas e perfumes. Faria uma pequena viagem a Paramaribo, porto livre, para deixar mercadoria e trazer outra coisa. Um dia a mais de viagem, em três dias estaria em Belém, são e salvo. O *Monique 1*, com outro nome, desovava em vários pontos do Brasil, conforme a mercadoria. Para automóveis, era boa a costa do Salgado ou a foz do Amazonas, no continente, em Maracacuera, nos furos da Vigia, em Maracanã, Marapanim, ou Salinópolis, com rios que se alongam para o mar, entradas fáceis, o Maracanã, o Arapepó, o Marapanim, o Pirabas e muitos outros.

Os carros eram desembarcados de noite. No dia seguinte, rodavam pela estrada, entravam sem atropelo em Belém, a mala cheia de mercadoria, a chapa colocada no local de desembarque. Logo depois, na oficina, se mudava a numeração. A quarta via falsa bem preparada, pronta para enfrentar a fiscalização e a Justiça. Ah! A Justiça! Pensou Estêvão. Contavam velhas histórias que agora iria pôr à prova.

— Mandado de segurança resolve — dizia Farid. — Tenho bom advogado. O juiz pega mole.

E prosseguia:

— Nunca perdi um automóvel. Já desembarquei uns cinquenta. Está tudo rodando no Brasil, no Rio, em São Paulo, Minas, Goiás, por todo lado. Onde menos existe é em Belém. Estêvão ia aos poucos aprendendo muito sobre contrabando. Belém era uma das muitas portas de saída e entrada. Havia, no entanto, outras, pela costa do país, no Maranhão, Ceará, Bahia, São Paulo.

Uma rede armada em toda parte. Café de São Paulo. Cotas certas para firmas da praça. Carimbo do me. Tudo controlado. Chegava a Belém e seguia logo para Caiena. O povo na capital, coitado, fazendo filas enormes em frente aos armazéns, filas de enrolarem pelos quarteirões, à procura de café que faltava, em doses minúsculas, as cotas desviadas para Caiena e Paramaribo.

Monique 1 seguia carregado de café para Paramaribo. Barco bonito, enorme. Oitenta toneladas. Comandante Ezequiel, preposto de Mônica, a terrível mulher que a todos dominava.

— Barco tem oitenta toneladas — dizia Mônica. — Você pode levar até uma tonelada, para começo de negócio. Não prejudica *Salomon* nem a mim.

Era a pequena cota de Estêvão, que em silêncio raciocinava: uma tonelada de relógios, meu Deus, é relógio pra burro. Como vender, depois?

Zeveiras, cara de malandro, meio calvo, baixinho, ensina:

— Leva em tamborão de óleo, Estêvão. Compra um tambor vazio. Enche de relógio. Quem vê diz que é óleo diesel para o motor do barco. Coloca dentro mais de mil relógios. Ganha uma nota. O que compra aqui a cem cruzeiros vende no Brasil a quinhentos. E não falta comprador. Leva coisas pequenas. Perfume. La Belle Monique tem de tudo. Depois manda couro de crocodilo de avião, para a América e Venezuela. Ganha pelos dois lados.

Estêvão começava a se interessar pela aventura. Vontade de sair dali. Conhecer Paramaribo, que só vira no mapa, um ponto escuro. Telegrafaria logo à Linda, assim:

“Estou bem, querida. Regressarei nos próximos dias. Aí explicarei. Eu te amo. Beijos, Betinho. Saudades do teu

Estêvão”

“Beijos, Betinho”. Aquilo mordia-lhe a alma. Betinho, alminha à mostra, rindo de graça, fechando os olhinhos luminosos. Querendo andar e cair sentado, batendo o popô. Estêvão balançava a cabeça, torturado.

Como o filho iria gostar do gatinho que miava! Aplacaria um pouco os remorsos levando a televisão nova para Linda. “O melhor remédio para remorso é presente”, sussurrava-lhe o Demônio. O dinheiro que lhe adiantara Mônica não fora muito, mas dava para várias compras. De maior vulto era o crédito, que usaria na compra de relógios, e depois, como vender? Ezequiel

ensinava, freguesia certa, vai soltando aos poucos, para não dar na vista, para Marcos, de São Paulo, para Jorge, do Rio, para Albino, de Minas, para Glumemberg, de Brasília. Muitos levam para São Paulo, outros para o Rio, havia compradores seguros, honestos, bons pagadores, incapazes de uma falta. Podia desembarcar perto do Carnapijô, lugar seu conhecido. Bom para a aventura. Ou no Arapiranga, ou em Ponta de Pedras, no furo do Mulato, muito procurado. Mas ali tinha o problema da distância. Era melhor na estrada nova, rio Guamá, tranquilo, em cima da cidade, além ou aquém do Bar da Condor. Ou na zona do Salgado, portas escancaradas, como o Abade, em Curuçá.

O José Tranquilino Veras, mais conhecido como Zeveras ou Zé de Vera, contramestre do barco, lhe apresentara várias alternativas. O *Monique 1* iria a Paramaribo, cheio de café, depois rumaria para Belém, com quatro automóveis, perfumes, bebidas, relógios, cada qual com a sua cota. Os automóveis pertenciam a Salomão. Desembarcariam perto do Porto-Grande em Salinas, por serem veículos. Cada qual se virava como podia com a sua cota.

Estêvão, aos poucos, aprendia, penetrava nos segredos do comércio ilícito. Muita história ainda iria ouvir. Contrabando de tudo, de coisas inocentes, como perfumes, e de coisas perigosas, como os entorpecentes e armas. Sim, entorpecentes e armas. Enquanto isso, a pátria, lá longe, dormia tranquilamente o sono da inocência.

A natureza, na Guiana, parecia-lhe igual à da sua terra. O rio, as florestas como molduras naturais, a selva, o mar, o vento, o céu. Só se sentia estrangeiro quando ouvia alguém falar.

Estêvão remoía saudades da pátria. A sua cidade, o seu bairro, a sua rua, a sua casa. As árvores frondosas. O rio barrento aberto à navegação, as florestas debruando o horizonte, as manhãs claras, o sol ardente, o vento. Quando saía para a pescaria, gostava de postar-se à proa da embarcação, pela manhã, contemplando os barcos-geleiras, as velas abertas, cada qual de uma cor, como borboletas coloridas que houvessem pousado sobre as águas esverdeadas, na foz. A noite se distraía mirando as estrelas, ou os faróis, acendendo e apagando, que eram estrelas da terra: o de Colares, o Simão Grande, o Carnapijô, olho aceso na escuridão, que indicava o rumo certo de casa. Na noite do naufrágio, o Carnapijô estava apagado. Na *Hora do Brasil*, o locutor dera aviso aos navegantes: “*Carnapijô farolete apaga-*

do, com defeito”. Não escutara. Daí esboroar-se ante um banco de pedra, empurrado pela tempestade. Todos os companheiros jogados nas ondas, cada qual com um destino, talvez mortos àquela hora.

Foi com esses pensamentos que entrou no Hôtel des Enfants, Simone atarefada. Farid lá estivera à procura de Estêvão. Tinha um recado de Roger Pichon, da casa Cayenne Electronique. Estêvão não poderia ir lá naquele estado, com as roupas de Bob, mal ajustadas, sujas. Monique lhe recomendara tanto que passasse na Maison Moderne, artigos para homens, e comprasse roupa nova, bem bonita. Com o endereço de Roger no bolso, Estêvão procura antes a casa de roupas. Não tem coragem de jogar fora a calça e a blusa de Bob. Levará consigo, mandará lavar e guardará como recordação. Em poucos minutos, é outro homem, outra aparência, a barba feita, calça azul, blusa creme de tricoline, parece ouvir a exclamação de Monique, ao avistá-lo:

— *Oh là là! C'est joli, está bonito, mon amour!* — E aquele abraço de estalarem as costelas.

Na *crique*, o *Monique 1* sobressaía sobre os demais barcos. À frente, o *Almirante Rolando*, atrás, o *N. S. de Fátima*, pequeno. Ezequiel o recebeu bem, já estava avisado por Monique, camarote minúsculo, apertado, só para trocar de roupa, que dormir mesmo era bom ao relento, olhando as estrelas, vento na cara, no alto-mar. Partida marcada para a noite, vinte horas, todos a bordo. Do *Santo Izidro* só iam Farid, Jaime e Rufino. Tarquínio ficaria em Caiena, devendo contactar com a ilha Royale. João e Pierre permaneciam no *Santo Izidro*.

Ezequiel lembra a Estêvão:

— Você pode trazer até uma tonelada de bagulho. Cuidado com o que vai fazer. Aconselho a levar coisas pequenas, relógios, perfumes, bebidas. Pode comprar também alguns rádios e televisões, de preferência manuais. Dá menos trabalho. Estêvão se desconhece. A troca de roupas, o dinheiro no bolso, lhe deram alma nova, movimentos mais ágeis, parece outro homem. Por isso dizem que “o hábito é que faz o monge”. Na Cayenne Electronique, comprou, deixando apenas a assinatura, com a garantia de Monique, muitos rádios e televisões pequenos, embalagem apropriada para a viagem perigosa. Quinhentos relógios de pulso, de várias marcas, japoneses e suíços, de preferência, colocados num tambor de óleo diesel vazio. E ainda sobrava espaço.

Monique mandara acondicionar perfumes, dos melhores, mais fáceis

de transportar, uma grande mala conteria considerável quantidade. Tudo funcionava normalmente. Não precisava se preocupar. Havia quem levasse para bordo, quem “despachasse”. Estêvão via abrir e clarear o horizonte. Só pensava em Mônica, queria revê-la, de dia mesmo, despedir-se carinhosamente. Era a última vez que a veria. Pretendia, ao chegar a Belém, vender as mercadorias e enviar o valor de sua dívida a Monique, com sua parte no lucro, através de Farid. Não poderia aceitar aquele ramo de vida. Era contra a sua formação, contra os seus princípios. Fazia-o agora forçado pelas circunstâncias, o destino o agarrara pela gola. E assim pensando, já com as mercadorias compradas, as roupas bem ajustadas, dinheiro sobrando no bolso, cabelo bem penteado, Estêvão volta à Rua General de Gaulle número 1666, sobe ofegante a escada, o coração aos pulos. Monique o pressente, grita de dentro, antes de enxergá-lo:

— *C'est vous, mon amour*. Eu te *esperrava*... Tenho tantas saudades de ti, *mon chéri*...

Abriu os braços morenos e macios, num abraço de não acabar mais.

O dia parecia noite no quarto de Mônica, as cortinas fechadas, o ar refrigerado lentamente aliviava o calor, Estêvão pensando na partida, logo mais, Mônica, também, abraçava longamente, como quem não quer deixar partir.

— Tenho tantas saudades de ti, *mon amour*. Volta logo. Vem morar aqui.

Estêvão afastava os pensamentos que o levavam ao caminho do bom senso. Anjo da guarda lhe oferecera uma trégua, naquela tarde. Quando saiu da casa de Mônica a noite descia, passava das dezoito horas, deveria buscar a *crique*, que a partida seria às vinte, impreterivelmente.

Fim da tarde. A igreja novamente aberta, passagem obrigatória, aquela pequena praça, lojas em frente e ao lado, eletrodomésticos, roupas, o templo iluminado, a voz sonora do padre falando em francês que Estêvão traduzia mentalmente: “*O ferro é provado pelo fogo e o justo pela tentação*. Não sabemos, às vezes, o que podemos, e mostram-nos as tentações o que somos. Todavia devemos estar de vigia, máxime no começo da tentação, quando mais fácil é vencer o inimigo, se batendo-nos à porta da alma, de nenhuma sorte lhe permitimos a entrada; antes vamos ao encontro dele extraliminar, tolhendo-lhe o passo...”

Estêvão para um momento. Anjinho da guarda parece ter surgido de repente, vindo do céu, dá pulinhos na alma de Estêvão, que atentamente

escuta o padre falar:

“Assim, pois, quando tentados, não desesperemos, antes com maior fervor roguemos a Deus, para que, em nossas atribulações, se digne de ajudar-nos, ele, que, segundo o dizer de Paulo, *dar-nos-á, com a tentação, meios tais, de sorte a podermos perseverar*”.

“*Humilhemos, pois, as nossas almas, debaixo das mãos de Deus, em qualquer tentação ou tribulação, porque aos humildes salvará e exaltará.*”

Estêvão cria forças. Entra na igreja. O sacerdote continua a pregar, lê textos, comenta. Muitos fiéis, todos humildes, cabeça baixa, escutam respeitosamente. O templo iluminado, círios acesos. A voz sonora ecoa nos ares e penetra nas almas dos fiéis: “Pelas tentações e atribulações conhecer-se-á o progresso, que se houver feito; nelas é que maior mérito existe e se mostra melhor a virtude”.

O pensamento de Estêvão voa nos ares, sai da igreja, entra pela Rua Arago, passa para a Malouet, vai até a General de Gaulle, número 1666, sobe as escadas, vê Mônica ainda deitada, os cabelos negros esparramados sobre a colcha alva, os olhos fechados, ela também aflita, pensando em Estêvão, sentindo ainda o perfume de seus braços musculosos que a envolveram. O pensamento sobrevoa o corpo de Mônica, despe-a mesmo, beija-a no rosto. Mônica, naquele momento se espanta, estremece. Que foi? Teve a impressão de estar Estêvão presente, foi ele que a beijou, olha em redor, nada vê, nem sombra de Estêvão, àquela hora já longe, em plena igreja, absorto.

Estêvão volta à realidade. O padre terminara o ofício. Os fiéis levantam. Saem silenciosos, respeitosamente. Negros quase todos eles. Poucos mestiços. Impressionante a fé daquela raça de origem africana, crendo na palavra do sacerdote sem opor resistências, nem mesmo as do raciocínio. A noite desce. Sete horas. Estêvão se retira do templo. Em minutos se vê na *crique*, o *Monique 1* a postos, pronto para partir, homens a bordo, motor quente. Partir. *Partir*, verbo ambivalente, *quebrar*, *destróçar*, ou *seguir viagem*, fazer-se distante, partir, em suma. Eram duas maneiras de partir a alma e o coração. Estêvão recorda então a canção que ouvira na infância dos lábios maternos:

“Quem parte, parte chorando,
Quem fica morre de dor...”

A liberdade, La Belle



Vinte horas. O *Monique 1* parte da doca de Caiena, os motores roncando na noite escura, vagarosamente, em busca da foz. Ante os olhos de Estêvão se desenham os contornos da cidade semiadormecida, mal iluminada, com vida intensa apenas nas boates, como a Las Vegas, a Chicago, a Maison qui Bouge ou nos restaurantes baratos, cheios de bêbados de todas as procedências. Passam pelas enseadas do litoral, as pontas proeminentes de Macouria e Ceperon; ao longe, no alto, o Hotel Montabo, bem iluminado, dominando a distância, depois Bourda. Enquanto se encontra nas águas do rio Cayenne, o barco navega vagarosamente, pequenas ondas se quebram ante a proa. À proporção que se aproxima do mar as ondas crescem de volume, o vento se intensifica, o céu parece encher-se subitamente de estrelas. É que Estêvão, antes, contemplava as luzes da cidade, esquecera de olhar o céu, o coração apertado, o pensamento a bailar em torno de tantas recordações, boas e más, daquela aventura que jamais imaginara viver. Caiena! Ouvira falar tantas coisas daquela cidade, daquela gente! Lera mesmo, em livros de histórias, o que ocorrera no passado, com aquela região, aquele povo sofredor, última colônia europeia nas Américas, ditas livres.

Estêvão associava ideias: porque se lutava tanto contra as colônias europeias na África, o mundo se movimentara em oposição a Portugal, deixando-o sozinho na liça; organizações internacionais, como a ONU, se lançavam contra o chamado imperialismo luso e, no momento, ali estava, encravada no coração da América, olhando de cara para o mundo, a Guiana Francesa, vergonha histórica ainda presente! A vida da Guiana fora um desenrolar permanente de misérias. O governo francês, no século XVIII, em 1763, idealizara colonização em massa, a “Operação Kouru”. Elites foram atraídas da Europa, através de propaganda luminosa, com mapas e cartazes, na França, Suíça, Alemanha e outros países. Conseguiram enviar, de uma só vez, dezesseis mil emigrantes, que chegaram a Caiena embalados pelos sonhos do Eldorado e



as promessas oficiais. Caiena era apresentada nos cartazes como os arredores de Paris *avec maisonnettes fleuries et guinguettes*. Foram jogados, os pobres imigrantes, na região do Kouru. Selva. Indígenas. Mosquitos. Doenças, especialmente a malária, o beribéri, a febre amarela. Gente selecionada: homens, mulheres, crianças, faces rosadas, vindas dos campos e das cidades da Europa central, embarcaram nos portos de Marselha, Havre Rochefort e La Rochelle. Veio o inverno. Chuvas torrenciais. Calor. Falta de instrumentos de trabalho, de medicamentos, de assistência, em suma. Morreram em massa, as faces maceradas, no exemplo mais triste de desassistência que já se viu no mundo. Faleceram de doença e fome cerca de dez mil europeus, em um ano. Deixaram a França em ambiente de euforia, desejosos de uma nova vida, no Novo Mundo, que lhes era descrito em cores rosa e azul. O Kouru ficou sendo uma região abominável, de triste memória. Quantos anos decorridos! A administração mandou abrir estradas de rodagem. Os nativos, indígenas pacificados, preferiam andar pela mata, nas suas veredas, do que pela estrada de barro, a que não estavam acostumados. Agora, comparava Estêvão, tudo estava ficando diferente. Uma monumental base espacial se achava em construção, justamente no Kouru, talvez para apagar a mancha do passado. Braços brasileiros contribuíam para a obra gigantesca.

Outros fatos tenebrosos enchiam as páginas da história da região, como os ocorridos com Collot-D'Herbois, em 1796, mal sepulto, propositadamente, e devorado pelos urubus. Uma história repleta de peripécias terríveis, entremeadas de riquezas passageiras, provenientes de *rush* de ouro, explorado em várias regiões, no Maroni, no Inini, no Oiapoque, e mais remotamente no Cunani e Calçoene, território brasileiro. Mesmo assim a Guiana prestara grande contribuição na Grande Guerra, seus heróis ficaram sepultos na França.

Enquanto rememorava tais acontecimentos, o vento cortava a face de Estêvão, em pé, junto à amurada. Barco grande, oitenta toneladas, carregado de café, com destino a Paramaribo, o *Monique 1* fazia-se digno do nome que ostentava. Muito maior que o *Santo Izidro*, as velas imensas sofriam o embate do vento violento, as águas cada vez mais agitadas, furiosas mesmo como se o quisessem devorar. Café! Estêvão lembra a história do café, produção inicial da Guiana, que o arrebanhara do Suriname, colônia holandesa,

depois levado para o Brasil, por um brasileiro, de nome Francisco de Mello Palheta. Visitara Caiena em vaso de guerra e se engraçara da esposa do governador local Gilbert d’Orvilliers. História encantadora. Madame d’Orvilliers se apaixonara pelo guapo brasileiro. Era toda atenções e carinhos com o jovem, burlando, sem dúvida, a vigilância do marido. O emissário brasileiro conseguiu dominar o coraçãozinho da dama francesa. Chegada a hora da despedida, deve ter havido lágrimas, beijocas, suspiros. Madame d’Orvilliers pergunta ao moço o que poderia ofertar-lhe como recordação. Esperava talvez outra resposta, como, por exemplo: “Um pouco dos seus cabelos encaracolados” ou “alguns beijos bem demorados” ou “uma fitinha que sempre tinha presa à cabeça”, “uma fotografia”, algo que revelasse carinho e amor. O Palheta pediu outra coisa: “algumas sementes de café, ou alguns pés já nascidos”, do grande viveiro que era Caiena, àquele tempo. Madame quase desfalece. Se o marido soubesse, a enforcaria. Se pedisse outra coisa mais romântica e sensual, talvez o perigo fosse menor! Mudas de café! Madame d’Orvilliers, burlando toda vigilância, conseguiu as mudas, as melhores, selecionadas, entregou às escondidas, entre dois suspiros de saudade. Assim surgiu o café no Pará, depois em São Paulo, filho gerado entre suspiros e soluços de amor.

— *Vous ne pourrez jamais me donner ce que je souhaiterais avoir de votre main.* (Jamais poderíeis me dar o que desejaria de vossa mão) — falou Palheta, maroto.

— *Je vous donne ce que vous désirez rien n’est impossible à celui qui aime.* (Eu vos dou o que desejais, nada é impossível àquele que ama) — respondera a mulher apaixonada.

A má fama da Guiana se espalhou pela Europa. Região insalubre. Em 1852, desencadeia-se uma epidemia de febre amarela. O governo da França, por volta de 1853, resolveu transformá-la em presídio. As ilhas da Salvação receberam, só em 1855, três mil setecentos e oitenta condenados. As prisões de Saint-Laurent de Maroni deixaram páginas negras na história da humanidade. Presidiários acorrentados, guardas ferozes, as três ilhas foram o cenário de sofrimentos atrozes. No continente, só se viam matas, baixadas, lagos, rios auríferos, regiões belas, às vezes, restos de indígenas

migrando pela floresta para o Brasil. Só o que atraía os aventureiros era o ouro, carregado durante muitos anos para a Europa.

Estêvão via agora surgir uma nova Caiena. A antiga, de casas de zinco e madeira, era substituída lentamente por outra, de alvenaria; pavimentavam-se as velhas ruas, cheias de poeira. O contrabando fazia da região o seu Eldorado, a guerra mundial criara novas necessidades de intercâmbio, que se realizava irregularmente. Caiena não deveria morrer de fome. Carne só poderia vir de Marajó ou do rio Araguari e regiões adjacentes. Por outro lado, os traficantes brasileiros ali se abasteciam de tudo: vinhos, licores, perfumes, uísque, tecidos, veículos, motores, e uma infinidade de produtos, desde condimentos a eletrodomésticos. Tudo. E os entorpecentes, de lado a lado. E mulheres, recambiadas de Belém para Caiena, com promessas mirabolantes de bons empregos, entregues a boates, prostituídas, devoradas na carne pelos crioulos e soldados. Viajavam por mar, em pequenos e grandes barcos, e consta que até por terra, atravessando a fronteira no Oiapoque, próximo a São Jorge e outros lugares mais propícios. Caboclas, de preferência, contratadas para trabalharem como atrizes, ou como domésticas, acabavam no *bas fond* próximo às boates Las Vegas, Chicago e La Maison qui Bouge.

Estêvão aprendera muitas coisas naqueles poucos dias de Caiena. Quão diversificado lhe parecia o ser humano, que estudara nos livros do seminário, feito à imagem de Deus, e o ser humano solto no mundo, como se não tivesse alma, se entredevorando! Sentia a necessidade de defender-se, adaptar-se ao meio para sobreviver, ser fera, também. Em tão poucos dias, já pecara muitas vezes, primeiro mentindo para a patrulha francesa, depois se envolvendo com Mônica e, agora, atolado, até o pescoço, no contrabando. O céu continua negro. Noite sem lua. O vento cada vez mais intenso. Os companheiros, a não ser Ezequiel e Zeveras, dormem, em pleno tombadilho, uns envolvidos na própria rede, outros de peito para cima, como se preferissem adormecer contemplando as estrelas. Jaime, na hora do embarque, lhe entregara envelope fechado, que ainda não tivera oportunidade de abrir. Aproxima-se do candeeiro trêmulo, pendurado na base do mastro, e lê. É um bilhete de Mônica:

“Querido:

Quando voltar quero me traga duzentos couros de crocodilo, do melhor que encontrar. Não demore. Morro de saudades. *Au revoir*,

Monique.”

Como é que Mônica se atrevia a pedir que voltasse! Estava lutando para sair daquele inferno, para nunca mais regressar! As palavras de Mônica bailavam ante seus olhos acompanhando o balouço da embarcação. *Morro de saudades*. O papel ainda trazia o seu perfume. Estêvão deita sobre o tombadilho, tentando dormir, imitando os companheiros, como se estivesse abraçado ao bilhete. Suas mãos, seus braços, seu corpo todo ainda cheiravam a Mônica. É o perfume da mulher que se mistura com o Moment Suprême. Tudo fizera para perder aquele leve odor, que lhe fazia recordar e vibrar, o pensamento voando na noite negra e entrando de mansinho na alcova de Mônica, que àquela hora também desperta, na entreluz, pensando em Estêvão.

Nem Estêvão no barco, nem Mônica no segundo andar da Rua General de Gaulle número 1666, conseguiam adormecer. Seus pensamentos estavam longe, se buscando no espaço, sem se encontrarem. Estêvão ainda sentia muito perto a presença dela, aqueles olhos brilhantes, como se estivessem sempre molhados, aquela pele limpa e ligeiramente bronzeada, os cabelos negros extensos, e a sua voz, como se sussurrasse ao ouvido: “Eu te amo, *chéri*”. O negrume do céu começa suavemente a clarear no horizonte, já avançando pela noite, uma lua minguante se insinua ao longe. Estêvão lembra a máxima que lera, ao tempo dos estudos, de um grande poeta alemão, e que tenta reproduzir mentalmente, soterrada no subsolo da memória: “É delicioso o desabrochar no coração de uma nova paixão quando ainda não deixaram de vibrar os sons da antiga; como nos agrada mirar o sol no crepúsculo, vendo nascer do outro lado a lua e ficamos maravilhados com os fulgores dos dois extremos do céu”. Assim estava ele, a alma inquieta, querendo pensar em Linda, mas com a presença de Mônica dominadora contrariando a própria vontade.

Estêvão lentamente adormece. Vê Mônica em sonhos. Não, não é Mônica. Agora é Linda, parece soluçar, os olhos muito abertos que lembram os de

Mônica, quanto mais se aproxima, mais se transmuda, ao longe era Linda, perto é Mônica, roçando o seu corpo, o perfume forte denunciando a sua presença os cabelos longos e negros, os olhos, sempre os olhos, como se fossem faróis na noite densa.

Madrugada. Alvorada se insinuando sorratamente no horizonte, o ar frio enrugando a pele, os olhos se abrem a pouco e pouco. O ruído dos motores se mistura com o ruído do mar. É como se Estêvão ressuscitasse, depois de uma noite de sonhos agitados. Seus olhos se alongam pelo céu cinzento, na semiescuridão da antemanhã. Jamais contemplara um céu assim, de olhos escancarados, nem mesmo quando fora quase padre. Não tinha tempo de olhar para o alto. Pelo contrário. Quase sempre de cabeça baixa, rezando, marchando, caminhando, incessantemente, não via o céu. Agora não mirava o firmamento na pureza de sua imensidão e lembrava os versos do poeta inglês:

*"There are more things in heaven and earth...
Than are dreamt of in your philosophy."
(Hamlet, I, V)*

Sim, há muito mais coisas no céu e na terra do que poderia sonhar a sua filosofia! Que forças misteriosas o arrastavam por aqueles mares revoltos, raivosos? Ainda não surgira de todo o sol e já se mostrava inquieto, agitado por forças incontroláveis.

Ezequiel, muito alto, anguloso, avermelhado, explica a Estêvão:

— Durante a noite, passamos pela foz de vários rios: o Kouru, o Sinnamary, o Iracoubo, o Mana, e agora atravessamos ao largo da foz do Maroni, que divide a Guiana Francesa da Holandesa, o Suriname.

E apontando em direção do Maroni:

— Lá dentro fica Saint-Laurent, antigo presídio. Do outro lado, Guiana Holandesa, a povoação Albina. Passa muito contrabando ali. Quando havia presídio em Saint-Laurent, os evadidos atravessavam para Albina e se embrenhavam na mata. Ninguém pegava mais.

Estêvão indaga:

— Você conheceu o presídio?

— Conheci. Meu pai trabalhava em Saint-Laurent no tempo em que ainda funcionava. Veio do Brasil muito novo. Horrível, o presídio... É por isso que chamam à Guiana *la poubelle* da França, isto é, a “lata de lixo”. Vinham criminosos aos montes, de toda espécie. Alguns fugiam. A fuga era o seu ideal.

E mirando Estêvão nos olhos:

— Você sabe como chamam a liberdade?...

— Não...

— *La Belle*... a Bela. Ficavam anos e anos recolhidos, às vezes acorrentados ou em celas, quando perigosos. Sonhavam com a sua Bela, a liberdade! Faziam até versos para “La Belle”.

Ezequiel, rebuscando na memória, recita lentamente:

*“Tes amants t’appellent
Tout net, la Belle, tout court.
Le boiteux, l’aveugle, le sourd,
En pensant à toi, mon amour,
Ont des ailes!”*

“Teus amantes te chamam
Puramente, a Bela, apenas.
O aleijado, o cego, o surdo
Pensando em ti, meu amor,
Têm asas!”

Ezequiel prossegue:

— Conheço todas as histórias desse presídio e das ilhas da Salvação. Muitos condenados fugiram. Um deles foi Marcheras, frequentador de prisões desde os dezoito anos, em Paris. Evadiu-se, veio para a América, meteu-se em revolução no México, passou pelos Estados Unidos, voltou para a França, onde esteve novamente preso. Foi recambiado para Saint-Joseph, em frente à ilha do Diabo e depois para Saint-Laurent. Em três ocasiões fugiu de Saint-Laurent. Da última vez, morreu de febre na Venezuela.

Ezequiel para um pouco, como que revolvendo nos desvãos da memória outros acontecimentos importantes:

— Ah! e o Peau-de-Pêche (pele de pêssego), depois de fugir várias vezes, é reenviado a Saint-Laurent. Por ser muito forte, mandaram-no trabalhar, como forçado, na balsa de madeira amarrada à margem. Peau-de-Pêche deu um laço falso na amarra, para que a balsa se desligasse, sendo arrastado pela correnteza, com tanta sorte, que foi para o outro lado.

— Conseguiram prendê-lo? — indaga Estêvão.

— Nunca mais. Desapareceu na floresta, perto de Albina.

— Teve muita sorte.

— O caso mais impressionante foi o de *Léon* Taner, como diziam aqui, um duro, *un dur*. Estava nos campos de Charvein, lugar horrível, próprio para torturas. Taner fugiu nu. Soltam cães treinados em sua perseguição. O presidiário consegue alcançar a margem do rio Maroni, que atravessa a nado. Os cães o perseguiram até a margem. Só o medo ou o amor à liberdade fariam um homem atravessar aquele rio, dessa forma. Do lado holandês, abrigou-se numa tribo de índios, os *boschs*, onde permaneceu durante quatro meses. Consegue captar a confiança dos indígenas, que lhe cedem uma canoa. Viaja dias e noites até alcançar o rio Orenoco, refugiando-se na Venezuela, na localidade Bolívar. Daí vai a pé até Caracas e depois a Bogotá. Homem inteligente na Colômbia consegue ludibriar o próprio cônsul da França. Mesmo assim foi recapturado, reenviado à Guiana, fica preso dois anos e se vê condenado a mais quatro anos de reclusão. Com habilidade consegue fazer parte do grupo de condenados que trabalharia na abertura da estrada KouruCaïena, de onde foge novamente.

— E o pegaram?

— Nunca mais. Sumiu. Em geral, os presidiários tentam a fuga inúmeras vezes. Querem a Liberdade: La Belle. Eugène Dieudonné (que nome!), Dado ou Doado por Deus ou Deodato, em português, fugiu muitas vezes. Preparava a fuga lentamente, em meses e meses de paciente expectativa. A estória de Dieudonné é a mais longa e cheia de aventuras. Fugiu muitas vezes.

Condenado à morte por homicídio, a pena foi comutada pelo Presidente Raymond Poincaré. Mesmo assim se evadia. A terceira fuga teve lances originais. Permitiram que trabalhasse, em semiliberdade, como marceneiro e entalhador. Com cinco presidiários, concebeu a fuga. Reuniu três mil francos para remunerar o pescador Acoupa, que deveria transportá-los à outra

margem do rio Mahury, na doca Fouillé, nos arredores de Caiena. A fuga se deu em dezembro de 1927, pelas cinco horas da tarde. Dirigiam a canoa o pescador Acoupa e um chinês, que recebem antecipadamente os três mil francos e levam muito tempo contando o dinheiro. Retardaram a partida, que se deu à noite. A embarcação perdeu a força do vento. Acoupa não sabia dirigi-la bem, e foi arrastada pela maré, em alta. Passaram a noite toda em luta com as águas. Quando surgiu o outro dia, ainda estavam em frente a Caiena. Todo o dia passam naquela luta, a maré empurrando a embarcação para um lado e outro, só no segundo dia atingem o mar. Vão dar num banco de areia, onde atolam. Tentam alcançar a margem, a nado e a pé. Faltava um, de nome Venet, atolado até quase a cintura, lutando desesperadamente contra a lama gulosa. As águas subiam. Tentam ainda alcançá-lo. Mas há perigo para todos. As águas sobem mais, Venet grita, movimentando os braços. A pouco e pouco seu corpo vai desaparecendo, puxado pela lama e coberto pelas ondas. Os sobreviventes vagam desesperados. Não têm água doce para beber. Usam uma velha jangada abandonada para alcançar a outra margem. Passam um mês nas matas. Conseguem atingir o rio Oiapoque, na margem direita, do lado do Brasil, onde são bem recebidos e daí se transportam a Belém, *havre de grâce auquel révent tous les bagnards*. Sujos, maltrapilhos, saltam em terra. Era tempo de carnaval. Misturaram-se com os foliões, dando a entender que também brincavam o carnaval. Procuram localizar um outro evadido, de nome Rondiêre, que se achava em subúrbios de Belém. Dieudonné possuía o endereço. Um dos fugitivos sente-se mal. Rondiêre o transporta à Santa Casa de Misericórdia. Dieudonné apanha um bocado de confete do carnaval e joga sobre o corpo coberto de farrapos para dar a impressão de que era folião. O enfermo morre no dia seguinte. Dieudonné e outro fugitivo, Jean-Marie, obtêm identidades falsas. O governo francês pleiteia a extradição dos dois. Enganam as autoridades brasileiras, vão para o Rio de Janeiro, onde Dieudonné é recebido festivamente, com noticiário nos jornais. O ministro da Justiça manifesta o desejo de vê-lo pessoalmente. Isso em julho de 1927. Viajara no navio *Itaberá*, de Belém para o Rio, com um agente especial, o comissário Zignano. Consta que passaram o dia 14 de julho no porto do Recife, comemorando a Queda da Bastilha. Uma farra! Recebido no Rio com fotógrafos e jornalistas os jornais estampam manchetes

anunciando que Dieudonné é inocente. O governo francês acabou abrindo mão do pedido de extradição e assim se viu livre. Consta que findou os dias em Paris, já velho, com uma oficina de entalhador, especialidade em que era mestre.

Estêvão ouve aquelas histórias tenebrosas. Serviram para afastar do pensamento as suas próprias desgraças, bem menores do que as de Dieudonné e outros forçados, tratados como feras. Ele ao menos tinha o campo livre, a Belle, a liberdade era sua aliada. Num dado momento, se apavora. E se perdesse a liberdade? E se fosse preso como contrabandista? Que seria de Linda? e de Betinho? Tão inocente, sorrindo com os olhinhos fechados?

O ruído do mar, agitado naquelas paragens, aumenta com violência, ondas descomunais se lançam contra a proa da embarcação vigorosa, que geme, levanta na frente e desaba como se fosse afundar, para logo depois elevar-se até onde as vagas o permitem.

Ezequiel, olhando o litoral, informa a Estêvão:

— No Maroni, há um velho estabelecimento aurífero chamado Maripa-soula. Saiu muito ouro dali, no passado. Hoje é atração turística.

Passado! Tudo é passado! As coisas boas e as más, as aventuras e as épocas de euforia, o ouro brotando da terra levado para longe.

O sol inundara o céu, refletia nas águas instáveis, queimava a pele e os olhos. Céu azul, algumas nuvens. Vento. Muito vento. As velas redondas, bem controladas, Ezequiel atento, João e Rufino na azáfama da vida do mar. Zeveras chama Estêvão para ajudar a puxar um cabo, ajustar melhor a vela, muito aberta, o que poderia levar a embarcação a desequilíbrio. Ezequiel olha para o alto e mostra a Rufino algo no céu. É um pequeno avião entre nuvens. De um ponto apenas, no azul se avoluma à proporção que chega perto. Sobrevoa o *Monique 1*, sem que Estêvão entenda a razão desse voo circular, depois rasante. O aviador, já a pouca altura, passando próximo ao mastro, tanto quanto podia, faz sinais com o braço e lança um objeto, que se projeta na água.

Ezequiel explica:

— É Petrônio. Trabalha para nós. Jogou alguma mensagem.

O *Monique 1* diminuiu a sua marcha, recolhida a bujarrona, depois as outras velas, é preciso manobrar, só com o motor, posto a movimento, faz

um giro sobre as águas, onde boia, bem visível, o objeto lançado do avião: um botijão de plástico.

João, experiente no serviço, recolhe o objeto, que passa a Ezequiel. Dentro um bilhete:

“Devem desembarcar o santo em Nova Amsterdã no porto do Chim. Há uma corveta francesa em Paramaribo, perto das docas do mercado. Seguir para Paramaribo. Tudo combinado embarque quatro frades porto livre local Van Loon rio Afobaka. Americano Hotel Torarica aguarda encontro procurem Paterson pt. Enviarei novas notícias rádio pt avise Estêvão não esquecer pedido carta

Mami”

Estêvão não entendia nada daquilo. Quem era Mami? Era Mônica, explica Ezequiel.

O bilhete vinha codificado. Santo era o café, que se destinava a Paramaribo, mas deveria desembarcar em Nova Amsterdã, defronte, porque havia uma corveta no porto de Paramaribo. Frades eram os automóveis a serem entregues no porto fluvial de Van Loon. Chim, o chinês comerciante em Nova Amsterdã, que ia receber o café, uma casa perto do litoral, com trapiche. Seu nome era Jon Tung. Paterson era um americano ligado à venda de automóveis a serem contrabandeados para o Brasil. O nome de Salomão nem sequer aparecia, estava muito alto, no escalão superior, não podia ser visto, mas todos sentiam a sua presença através de Mônica, Farid e outros subchefes.

Mônica insistia no pedido: queria duzentos couros de crocodilo, do melhor. Onde Estêvão ia conseguir essa mercadoria? Ezequiel aconselha, tem amigos que vendem, uns vêm do baixo Amazonas, outros de Marabá. Marajó já quase não produz, mataram quase todos os grandes jacarés da ilha. Quase só tem jacaretinga. Acabam tudo. Duzentos couros seriam fáceis de obter e mais fácil ainda de transportar, não sujavam, não derramavam, não quebravam; mercadoria boa de contrabandear. Ruim era eletrodoméstico, gerava problema, quebrava com qualquer pancada, não dava certo na voltagem, nem havia peça sobressalente. Café e cacau requeriam cuidado para não molhar nem passar do prazo. Americano era rigoroso. Só comprava o

bom, e de primeira. Ezequiel aprofundava nas explicações a Estêvão. Bom mesmo, do Brasil para as Guianas, eram as pedras preciosas e semipreciosas de Minas Gerais. Qualquer maleta cheia de ametistas, turmalinas, águas-marinhas, berilos e outras pedras passa com a maior facilidade no aeroporto. Os diamantes podem vir em vidros pequenos. Tudo passa. Os melhores compradores são os ourives chineses. Fazem joias que vendem para todo o Caribe, para os Estados Unidos e Europa. Viagem a Minas Gerais sai quase de graça e deixa muito lucro. Uma pequena maleta com roupa e outra com pedras. Bastam duas viagens por ano, para não dar na vista. Governo só não pega porque não quer. Há fiscais que dão cobertura. Mas é preciso cuidado, porque eles se dividem em grupos. Há o grupo do Malaquias e o grupo do Sinfrônio. Quando o pessoal do Malaquias pega no contrabando dos protegidos de Sinfrônio, o *“pau come”*. Sai prisão. Multa. Apreensão. Retrato no jornal. E o povo acredita que a fiscalização está sendo eficiente. Pois não apreendeu cem caixas de uísque em Barcarena? E automóveis no Abade? Mal sabe o público que a luta às vezes é entre os próprios fiscais, cada grupo com a sua clientela. Ao fim de tudo, o fiscal fica bem e o contrabandista *“paga o pato”*. Mas há os honestos, que não fazem parte de grupos e cumprem o dever. São os mais educados, às vezes.

— E os automóveis? — pergunta Estêvão.

— Vamos apanhar no Suriname. O desembarque ainda não está certo. Pode ser no Maracacuera, perto de Icoaraci, ou no Abade, em Curuçá, ou em Pirabas, município de Salinópolis. As instruções vêm em mensagens, quer por avião, quer pelo rádio, no programa das nove horas para o interior. O diabo é que a estação nem sempre se ouve bem. Há dias em que em Paramaribo se escuta perfeitamente a Rádio Clube.

Dia todo naquele ritmo. Vento, muito vento. Ondas, muitas ondas. Sol, muito sol. Todos trabalham. O horizonte, do lado de terra, com a moldura irregular das matas distantes. O fogão a gás butano sempre aceso. Chaleira fervendo, café. Comida grossa, peixe frito, farinha-d'água, nada de bebidas alcoólicas em viagem. Ezequiel era rigoroso. Só em terra, quando vão buscar a diferença, nas boates do Suriname. O dia segue o seu curso. O sol abrandando, aproxima-se a noite. Nova Amsterdã à vista. Tudo surpresa e emoção para Estêvão, que jamais andara por aquelas paragens.

Enquanto a noite desce, envolvendo em sombras o barco pirata, Rufino canta baixinho:

“Quando eu morrer,
Não quero choro nem vela,
Quero uma fita amarela,
Gravada com o nome dela...”

Chegam a Nova Amsterdã. O barco navega lentamente, as velas recolhidas, o motor batucando, batucando, no silêncio noturno. Algumas luzes tremeluzentes à distância. Um trapiche. É o porto do Chim, que já espera. Há que aproveitar a noite indevassável. Até isso estava previsto. Chegar em noite sem lua, tudo escuro, fácil de descarregar, sem perigos de fiscalização. Todos trabalham, os de terra principalmente, empregados de Jong. O trapiche, com tabuado longo de madeira, leva ao depósito. Vários homens, negros e chineses, transportam as sacas de café nos ombros, rapidamente. Um atrás do outro. Os do barco ajudam como podem. Estêvão contempla aquele espetáculo e lembra um quadro de Portinari, que vira reproduzido em uma revista qualquer: *Café*. Os negros suados com as sacas cobrindo os ombros e as cabeças, gemendo sob o peso da rubiácea. Café para o Suriname, para a Holanda, para os Estados Unidos talvez...

Enquanto isso, em Belém, em frente à fábrica Juçara, uma fila enorme de brasileiros fazia voltas, como serpentes, em dois quarteirões, cada pessoa com direito a duzentas gramas de café. Outros torravam milho, que misturavam com café fora do prazo, horrível de tragar.

Missão cumprida. Todos os tripulantes descem até a casa de Jong, uma loja de quinquilharias, roupas, malas, eletrodomésticos, ao lado o bar, bebidas estrangeiras, uma confusão infernal de artigos, de toda espécie. Todos falando sem que Estêvão compreendesse: *taki-taki*. E se entendiam, mesmo assim.

Jong, baixinho, olhos vivos, ri sempre. Ri para todos. Pouco fala. Mandava servir café, bolos, queijo. Oferece comida chinesa, em molho escuro, camarões, galinha, pimentão, arroz, algumas iguarias que Estêvão jamais vira, em molho negro, e que Ezequiel, irônico, diz ser rabo de gato assado, acompanhado da cerveja Parbo, fabricação local.

Missão cumprida.

Províncias de um submundo



Pela manhã, Paramaribo. A entrada. As águas verdes. O rio, na foz, aos poucos se estreitando. Um navio alemão afundado mostra o casco, como se fora um rochedo. Foi na guerra, explica Ezequiel. Era um belo barco. Os próprios alemães o afundaram, afirmam uns, para não se entregarem. Outros dizem que não. Fora vítima de submarino, que penetrara de mansinho e torpedeara o cargueiro da Alemanha, perto do porto. Ali, estava agora o casco imenso, à mostra, batido pelas águas.

Depois a cidade. O porto. Casas de madeira pintadas de branco, lembrando a Holanda. A cidade. Raças variadas, muito chinês e indiano, de mistura com negros. O encontro com Paterson no Torarica, hotel grã-fino, piscina de água límpida, cassino, jogatina desenfreada, à noite. Um luxo, o hotel. Paterson, americano sardento, falava pouco. Acerta a entrega. Quatro automóveis novos. Impala. Cada um de uma cor. No porto Van Loon, no rio Afobaka, lá estaria Hendrick, o encarregado, já conhecido de Ezequiel, para o embarque, tudo à noite, quando os gatos são pardos e os homens também. Dia livre para Estêvão correr a cidade. Casas velhas de madeira, mal aspecto, em alguns bairros, no centro até bonita, muitos prédios novos, modernos, Hotel Krasnapolski, podia ornamentar qualquer grande cidade. Luxo. Refrigerado. Piscina. Bares. Lojas boas. Estêvão gastando o resto do dinheiro, que lhe adiantara Mônica, comprando nas lojas Kirpalani, ao que Ezequiel o adverte:

— Não compra nada em loja, Estêvão. Tudo é mais caro. Vamos aos atacadistas. Tem aí um indiano no Julianastraat (Rua Juliana), chamado Nehru, vende tudo. Entrega no porto, no local que se indicar. Tem também chineses, o Chung Fa, o Kai Ming, o Tse Lao, vendem barato, até fiam, para pagar na volta em dinheiro ou em gêneros. Nunca vi tanto relógio na vida.



— Relógios já levo muitos — pondera Estêvão. — Tenho aí um tamborão quase cheio.

— Compra tecidos. Fazenda chinesa, é leve, aqui custa cinco cruzeiros o metro, no Brasil vende a cinquenta, ganha dez vezes mais. Não pesa. Não quebra. Compra as peças inteiras. Lá prepara os cortes de dois ou três metros, vestido curto ou longo. Não manda cortar aqui. Fazem a medida em jardas, dá confusão. Uma peça de cada padrão.

E Ezequiel levou Estêvão à loja do chinês Tse Lao, na Watermolenstraat. Nome complicado. Comprido. Ao que Ezequiel explica, como se Estêvão não soubesse: *straat* é rua em holandês, como *street* em inglês. E *Strasse* em alemão, responde Estêvão. Isso mesmo.

Estêvão comprou cem peças de seda chinesa, cada uma com cinquenta metros. Fazenda muita, a cinco cruzeiros o metro, mais dez por cento de desconto. Chinês atraía a freguesia. Fazia descontos. Oferecia vantagens. Convidava até para almoçar, restaurante grã-fino, Ezequiel agradecia, preferia comida indiana, no The Taj Mahal, ali perto, na mesma rua, número 39.

Estêvão telegrafa para Linda. Está bem. Com saúde. Dentro de poucos dias chegará a Belém. Não sabe ainda onde vai desembarcar e mesmo que soubesse não poderia revelar em telegrama. É segredo. Só quando o barco estiver navegando na costa do Amapá, na altura da ilha Bailique, pelo rádio, virá a confirmação do ponto de desembarque, se em Marajó, na ilha das Onças, no Arapiranga, em Barcarena, no Maracacuera, em Curuçá, Maracanã, Marapanim ou Salinas, agora chamada Salinópolis.

Estêvão se regala. Já esqueceu o seminário, os pecados. As resistências morais que o anjinho da guarda vinha opondo, desabaram de todo, dentro de sua alma. Quer levar presentes para Linda, para Betinho, escolheu um cachorrão de veludo que late, pula, fica sobre dois pezinhos, tudo à base de corda, invenção de chinês. Sandálias delicadas, quinhentas para revenda, calcinhas, meias e porta-seios, mercadoria leve, aconselha Ezequiel, não faz volume, compra a um e vende a dez no Brasil, noventa por cento de lucro, sem imposto. Estêvão acomoda tudo numa grande caixa, mantém-se dentro do limite que estabeleceu Mônica, até uma tonelada, só mesmo muito amor. Ezequiel parece que recebera recomendação especial de Mônica. Trata bem a Estêvão. Enxerga longe. Na certa, já descobriu que Mônica está caída por

Estêvão, facilita tudo, não quer problemas. Também tem suas mágoas de Salomão, bruto com todo o mundo, o chefão não corre risco, só viaja de avião, em grandes centros, frequentando os melhores cassinos da América e Europa. Se os fiscais flagram os contrabandistas, o nome de Salomão não aparece. Só os pequenos é que respondem a processo e pegam cadeia.

À noite, no cassino do Torarica, entre uma cerveja Parbo e outra, Estêvão se inicia no jogo. Cassino cheio. Vendedor de fichas frio, calculista. Gente muita, de todas as raças, principalmente americanos. Fumaça no ar. Euforia. O ruído das fichas, a roleta, as máquinas caça-níqueis estridentes, as moedas desabando uma vez ou outra, entre gritos de alegria do que teve sorte.

Estêvão também teve sorte, não nos caça-níqueis, aparelhos numerosos, em volta do salão, quase todos ocupados com moedas de um quarto de dólar ou níqueis, mas na roleta, jogo pesado, muito dinheiro. Arriscou primeiro cinquenta dólares, cambiados em florins, foi ganhando, ganhando, depois de uma hora de jogo, já estava com cerca de novecentos dólares em fichas, hora de sair, dar o fora, antes que a sorte o abandonasse e viesse a perder tudo. Novecentos dólares! Largou a mesa, ante os olhares de censura dos demais jogadores, que aquilo não estava certo, pouca ética sair assim à francesa, só porque estava ganhando. O crupiê já estava acostumado a tudo. Só queria dar florins. Acabou cambiando em dólares, com vantagem. Velho no ofício, contemplava serenamente Estêvão ao se retirar, novecentos dólares bem ganhos, ou mal ganhos, mas de qualquer forma ganhos, davam para comprar muito bagulho para revender em Belém. Pena que não estivesse aberto o comércio. Deveriam partir à meia-noite, já era hora de ir para bordo. Levaria o dinheiro para o Brasil, dava para ajudar a comprar as peles que lhe pedira Mônica. Bem que sua mãe costumava dizer:

— Esse menino nasceu empelcado!

Chegara quase nu e sem dinheiro à Guiana e regressava com mercadorias e novecentos dólares!

Uma desgraça vinha sempre acompanhada de uma felicidade. Fora assim quando saíra do seminário contra a vontade, logo depois encontraria Linda, seu refúgio. Agora, com o naufrágio, quando tudo parecia perdido, aparece-lhe Mônica, aquela oportunidade de ganhar dinheiro, embora a troco da alma. Já calculava mentalmente o valor da mercadoria que levava, abatido o

que devia a Mônica, lucraria, líquidos, pouco mais de cem mil cruzeiros. Isso numa viagem atribulada, sem método. Poderia negociar na ida e na volta. Trazer couros, pedras preciosas e outros produtos. Café e cacau só para quem tivesse barco grande. Haveria de comprar um. Quinhentos relógios, que levava, comprados a duzentos cruzeiros, vendidos a quatrocentos, lucro de cem mil cruzeiros. Isso só nos relógios. Somando com os rádios, televisões e perfumes. Agora mais os tecidos, sua vantagem era grande, abatida a dívida de Mônica, mais de cem mil de lucro líquido. E os dólares do jogo!

Nos automóveis, a vantagem seria maior, comprados a vinte mil cruzeiros, eram vendidos para Rio e São Paulo a oitenta. E as malas dos carros iam recheadas de mercadorias. Valia a pena o risco, raciocinava Estêvão. Afinal de contas, havia tanta gente boa metida em contrabando, todo o mundo sabia. Respeitavam só porque tinham dinheiro. Bem que o cantador nordestino tinha suas razões, quando versejava:

“Há quatro coisas no mundo,
Que faz o homem fagueiro:
Saúde, mulher bonita,
Caminhão novo e dinheiro...”

E fazia mesmo. Via cabra, que só servia para carregar peso, feito deputado, senador, se elegendo com dinheiro de contrabando ou do jogo-do-bicho. O chefe do partido fechava os olhos, queria a quota de cada, que dinheiro não tem cheiro nem prova a origem. Só não aceitava o falso e, assim mesmo, o mal falsificado, que dava logo na vista. Estêvão começava já a fazer cálculos mentais. Não pretendia envolver-se mais em contrabando, no entanto, não custaria nada tentar só mais uma viagenzinha, uma apenas, sussurrava em seu ouvido o Demônio, uma viagem a mais dobraria o seu lucro e poderia aguentar-se das pernas, comprar outro barco de pesca e retornar à vida normal de outrora. Não queria mais nada com Mônica. Linda voltara a dominar todo o seu pensamento e o seu coração. Mônica fora um episódio apenas, uma aventura carnal, forçado pelas circunstâncias. Linda, mãe de Betinho, parecia-lhe insubstituível. Estava doido para vê-la, abraçá-la; tê-la de novo, ela, a mulher que escolhera perante o altar. Mônica começava a desvanecer-

-se na lembrança de Estêvão à proporção que seu perfume se apagava de seu corpo. Só à noite investia, forte, querendo dominar Linda, mas, mesmo assim, já estava perdendo terreno. Afinal de contas Linda vinha de mais longe, fora aquela que lhe abrira as portas da vida quando tudo parecia perdido. — Mônica também! Grita o Demônio no ouvido. Mônica também te abriu portas na hora da desgraça! — Sim, mas Linda (agora era o anjinho da guarda que balbuciava) era a esposa e a mãe. Coisa séria! Esposa e mãe.

Estêvão calculava mentalmente o lucro de seus companheiros naquela aventura. O de Salomão e Mônica devia ser enorme, pois lhes pertenciam não apenas os automóveis. Caixas e caixas de mercadorias foram embarcadas em Caiena, no Cais Laussat e no Suriname, em Nova Amsterdã, no trapiche de Jong. Agora, em Paramaribo, novos carregamentos, de tudo: bebidas, perfumes, brinquedos, ventiladores, televisões, rádios, tecidos para homem de fabricação inglesa, e para mulher, produção oriental, só um grande armazém podia acolher aquilo tudo. Muitos milhões de cruzeiros. Estêvão manifestou os seus receios a Ezequiel.

— Há depósito por todo o lado. Você vai ver — explicou Ezequiel. — Quanto aos carros, as quartas vias estão bem-feitas. As oficinas mudam o número. Em cada cidade há quem faça o serviço.

O barco de oitenta toneladas navegava repleto. A percentagem de Estêvão era insignificante, fruto da generosidade de Mônica. Cada qual levava a sua parte. Em alguns artigos os lucros seriam repartidos em porções iguais. Muita gente ilustre estava metida no negócio.

— O Impala preto — explica Ezequiel — é para o gabinete. Os outros três, dois vão para São Paulo e um para o Rio. São do gerente de um banco. Dinheiro adiantado.

Regresso à pátria



Regresso à pátria, mesmo em viagem acidentada, em barco de contrabandistas, é sempre o regresso à pátria. Ao lar. Aos amigos. Às pessoas conhecidas, aquelas que se veem a vida inteira e com as quais às vezes não se troca uma palavra, mas que parecem amigas, como se fossem parentes. Os que todos os dias passam pela porta à mesma hora, dão “bom dia” ou “boa tarde”. Os que moram perto, de tão vistos, se tornam familiares, embora não se visitem, e às vezes nem mesmo se falem. Um dia, a solidariedade os faz estarem presentes. Na desgraça ou na alegria. Quando morre alguém. Vêm todos, aqueles que passam sempre à porta, as caras conhecidas, ficam solidárias, apresentam pêames e se vão embora. A pátria é assim, como uma grande família humana: a mesma língua, os mesmos hábitos, os mesmos ideais. Com o tempo, todos ficam parecidos. São irmãos. Estêvão relembra a canção do tempo do serviço militar:

“Todo o vigor que nosso corpo encerra
É teu, só teu, Brasil amado...”

Exultava intimamente. O *Monique 1*, agora *Santo Antão*, cortava o mar agitado, ondas altas, muito vento, principalmente de noite. Os companheiros dormiam sobre o tombadilho, os corpos enrolados, como caracóis, envolvidos em mantos ou redes grossas. Ezequiel acordado no comando, os olhos acesos. Rufino também, observando o horizonte. O vento cortava as faces, o ruído do mar, aliado ao da ventania, não permitia que se ouvisse bem. A alma se recolhia no íntimo, só os olhos estavam abertos para a vida, contemplando a noite salpicada de estrelas. Estêvão se concentra e lembra os tempos do seminário, a reclusão, os chamados “retiros”. Nada melhor para um retiro do que a viagem pelo mar alto, a alma se reencontra, tudo repassa



no pensamento, o presente e o passado, o homem se revê por dentro, com mais pureza do que se estivesse trancado em um mosteiro. E tem, sobre a cabeça, o céu arqueado, às vezes límpido, às vezes soturno, coberto de nuvens, escuro ou aberto como lençol nas noites enluaradas. Não havendo com quem comunicar-se, a alma se ensimesma, vai muito fundo, revolve escaninhos antes esquecidos, tudo vem à tona, boia, como se fosse um mar em que as vegetações ou depósitos do fundo se alçassem até a superfície, em busca de luz e sol.

Ezequiel observa o litoral, ao longe, na noite sombria, o risco negro da mataria definindo o horizonte.

A ansiedade que domina Estêvão não lhe permite dormir tranquilo. Sempre Linda lhe aparecendo em sonhos, a volta o grande abraço, as histórias contadas às pressas, quase todas ao mesmo tempo. Betinho sorrindo, os olhinhos vivos, depois o retorno à realidade, tudo era sonho e ilusão.

Ezequiel está sempre atento em seu pequeno camarote às nove horas, quando a Rádio Clube do Norte transmite as notícias para o interior. Aguarda com ansiedade ordens para desembarque. A costa do Suriname e da Guiana Francesa ficaram para longe, foz do Oiapoque também já fora ultrapassada na última noite, a embarcação viajava normalmente em direção ao Cabo do Norte, afastando-se do litoral, perigoso, cheio de lama, em grande extensão, despejada pelos numerosos rios que convergem para o mar. Mais um dia de viagem. Noite. Ezequiel escuta a mensagem pelo rádio, em código:

“Alô, alô, Ezequiel! Alô, alô, Ezequiel! Território do Amapá. Médico recomenda férias em Salinópolis. Sua família seguiu para São João de Pirabas. Salim”

Ezequiel explica:

— Salomão manda que se desembarque em São João de Pirabas, município de Salinópolis.

— Em que altura estamos? — indaga Estêvão.

— Já passamos a ilha de Maracá, entre a foz do Amapá e o Cabo do Norte, separada do continente pelos canais Carapaporis e Turluri.

E apontando para o horizonte:

— Lá dentro fica o igarapé do Inferno, que separa a ilha em duas partes. Tem uma enseada boa para ancorar e desembarcar mercadoria. O canal de Carapaporis possui de duas a cinco milhas de largura e é muito fundo. Já o Turluri é cheio de lama, perigosíssimo. Na entrada, se vê a ilha Jipioca, quase toda coberta de mangue.

— Por que se afastou tanto de terra? — indaga Estêvão.

— Isso aqui é raso, há um alto-fundo de quarenta e cinco milhas. É tão raso que até o vento cava a terra submersa. Dá no máximo nove metros de profundidade. É preferível contornar. Quando enche a maré, a força da correnteza é enorme nesses canais, atingindo às vezes a velocidade de sete nós, principalmente perto das sizíguas. A correnteza arrasta no sentido noroeste. Vamos fugir disso aqui e seguir no rumo nordeste, atravessar a foz do Amazonas.

— A foz conheço bem — informa Estêvão —, era minha área de pesca.

— O Amazonas enche durante seis meses. Nos outros seis as águas descem. O degelo dos Andes, todos os anos, provoca as enchentes. O mar avança ou recua e se faz sentir a influência da maré até Óbidos. O interessante é que quando os afluentes da margem direita estão enchendo, os da margem esquerda se encontram em vazante, e vice-versa. Coisas da natureza.

Estêvão quer testar os conhecimentos de Ezequiel e pergunta:

— Até que distância a água barrenta do Amazonas penetra no oceano?

— Até setenta milhas da foz, mais ou menos — responde Ezequiel com segurança. — Tudo isso é relativo. Há trechos em que a água, na superfície, é verde-azulada, e, no entanto, embaixo, é barrenta. A hélice revolve o mar e a água amarela sobe onde tudo parecia azul...

A foz do Amazonas, a essa altura (pensa Estêvão) lembra a alma de certas pessoas: muito azul vista de longe, ou por fora, mas lamacenta, em realidade, por dentro. Basta revolver um pouco a superfície e as impurezas vêm à tona, rapidamente. Só os navegadores experimentados conhecem esse fato, observável à longa distância da foz.

Começam agora os bancos de lama. Depois, virão os bancos de areia, no sentido nordeste, que se avolumam no litoral do Pará, especialmente o imenso banco do Espadarte, cemitério de muitas embarcações. Só os práticos sabem contornar as dificuldades e encontrar os canais de acesso. Na

direção sul, penetrando na imensa foz, até o rio Pará, em busca de Belém, há vias de acesso, por três canais: o do Mosqueiro, para os barcos de grande calado; o de Cotijuba, entre a ilha do mesmo nome e a de Arapiranga; e o do Carnapijó, por trás da ilha das Onças, em comunicação com a baía de Marajó, na preamar. Lembrava Estêvão:

— Ali, se desgraçara o seu barco de pesca, em noite tenebrosa.

Ezequiel, muito embora reconhecendo existirem muitos pontos bons de desembarque de contrabando, mais perto da capital, prefere seguir as ordens recebidas, rumo de Salinópolis, em pleno oceano. O *Santo Antônio*, com suas oitenta toneladas e a sua carga valiosa e abundante, exige cuidados especiais.

Estêvão parece reconhecer aqueles mares, a proximidade da foz, a água às vezes barrenta, outras vezes verde, outras azul, conforme a profundidade, aquele vento constante soprando para terra, o céu coberto de nuvens em movimento, sempre em direção do continente, aviso de chuvas à tarde, talvez de tempestade à noite, no mesmo local em que o barco americano o recolhera sobre as ondas.

Sabia que naquelas áreas a corrente das marés varia, a da vazante puxa para oeste e a da enchente para leste, tornando-se cada vez mais forte quanto mais raso é o fundo do mar. Conhece também os fundeadouros. A ilha dos Guarás, com grande profundidade no canal, próprio para navios de grande calado, ótimo para o ponto terminal de exportação dos minérios da serra dos Carajás. Aquela costa toda oferece bons locais para fundear, de preferência nas marés de vazante, pois nas enchentes o mar se encrespa, acossado pelos ventos. Da ponta da Tijoca à ilha do Marco, já nas proximidades de Salinópolis, o mar é raso, numerosas dunas de areia se apresentam no horizonte, nas pontas da Tijoca, Piraquembaua, Algodual e Marieta. São pontas que se projetam para o oceano, como se fossem dedos de mãos grossas, a areia muito alva brilhando ao sol, de vista fácil ao longe. Só a ponta de Curuçá é baixa, recoberta de mangue, lamaçal viscoso, morada de caranguejos, que o caboclo arranca dos orifícios expostos à superfície. Há que meter a mão quando o sol está fraco, de manhãzinha ou no entardecer, ou mesmo à noite, quando o caranguejo está com a pata grande para baixo; à proporção que o dia avança, o sol sobe no firmamento e a temperatura

aumenta, o caranguejo muda de posição, e na defesa instintiva coloca a pata grande para cima, pronto para atacar a primeira mão que penetrar em sua loca. Tudo isso relembra Estêvão, olhando o horizonte, a ilha cinzenta emoldurada pelo branco das dunas. A sua terra! O seu lar! A sua pátria! Pobrinha embora, mas a pátria! Pobrinha, pensa, já era, só nos bonitos versos de Moraes, porquanto agora se agiganta de verdade, não apenas no hino. Relembra o tempo de escola, o livro de corografia do Brasil afirmando que na costa do Pará não há praias, apenas mangues e tijuco, aquele areal imenso doendo nos olhos, expelindo faíscas de luz, o Algodual, beleza de praia, de fazer inveja a São Conrado; Marudá, aberta e alva, não inferior a tantas do sul; a do Atalaia, em mais de vinte quilômetros de areia branca batida numa largura de mais de um quilômetro, mais bonita que a Praia Grande de São Paulo, por ser mais natural, não corrompida de pés e devastações humanas. E as pontas! Primeiro a Tijoca, depois Piraquembaua, Algodual, agora a Marieta, e os rios que desembocam por ali, o Curuçá, o Cajutuba, o Marapanim e o Maracanã, entradas naturais para barco de contrabando, tudo bem seguro, amigos por todo o lado, que garantiam a retaguarda. A ponta do Camará, na baía de Marapanim, muito baixa, contrastando com as outras, recoberta de vegetação morta, avermelhada. E as barreiras vermelhas da Mocoóca, na baía de Maracanã, se estendendo até o furo também chamado de Mocoóca, bom para deitar contrabando, a qualquer hora do dia e da noite, que fiscal ali não chega nunca, salvo quando vem dar cobertura. E a ponta da Marieta, de um lado, e a do Maçarico, do outro, demarcando a baía de Salinópolis, antiga Salinas, nome alterado para fazer a vontade do Sul, que tem outra de igual denominação. Perigosa a travessia ali, fundo raso de areia, capaz de enganar quem não conhece, nunca a Ezequiel, velho lobo-do-mar o olhar atento sobre as ondas, conhecendo banco de areia ou de pedra a distância. E depois do Atalaia, o velho mastro dos tempos coloniais ainda à mostra, o farol velho em ruínas, praia extensa, algumas pedras negras, distante o monte Pirauçu, a oito milhas ao sul da ponta que fura o mar. Estêvão contempla o horizonte: ficou para trás a ponta da Marieta, e se lembra da infância, uma vizinha Marieta, menina enfezada, jogava pedras nos garotos que cantavam versinhos malfeitos, com rimas de Marieta, e que muito a enfezavam. Gostava de gritar e correr: Marieta!

Capeta! E... outras coisas mais de que tem vergonha de repetir, mesmo de memória. A menina se vingava jogando pedras, uma delas alcançara Dezinho na testa, muito sangue, choradeira, bofetadas. Ali, estava agora aquela outra Marieta, imortalizada naquela pinça de terra que desafiava o mar. Outros nomes pitorescos vinham à memória de Estêvão, naquela mesma região, como o “furo da Laura”, tão conhecido dos pescadores. Ao entardecer, ao longe, já rebrilha nos olhos de Estêvão o farol de Salinópolis, o mar e o vento favoráveis, avançam sempre, contornando a costa cheia de bancos de areia, procurando os canais, ao longe, a cidadezinha montada sobre o barranco. Os grandes transatlânticos lá fora esperando o práctico, a uma distância de sete milhas e meia, os grandes; os navios menores em fundos de dez a catorze metros, lama só a uma distância de três e meia a quatro milhas e meia, marcando o farol de Salinópolis entre cento e setenta e cento e noventa graus. E a lancha vermelha da praticagem para cima e para baixo. Perigoso é o chamado banco de Galinas, com seis a nove metros de areia cascalho e pedras, cemitério dos imprevidentes.

Passando o Atalaia surge a ponta do Cueiral, na boca do rio Arapepó, barreiras à margem, depois a ponta do Areão, a quinze milhas do Atalaia, extremidade leste da baía de Pirabas, entre as duas pontas, a do Cueiral e a do Areão. Muitos bancos de areia, a ponta do Castelo, mais adiante a ilha da Japerica e as baías de Japerica e Quatipuru, desaguadouros de rios de igual nome. Japerica! Toda cercada de praias alvíssimas, muito peixe. Ezequiel comanda a embarcação rumo a São João de Pirabas, local designado para desembarque. Todos estão a postos, os olhos bem abertos, fitando o horizonte, o vento frio agitando os cabelos, na margem, algumas luzes, são velas votivas, uma grande massa de pedra, parecendo a figura de um negro, que os pescadores chamam de Pai Tomás, outros de Rei Sabá, e lhe levam oferendas, presentes de toda ordem, velas, roupas, comidas, enfeites, misto de macumba e superstição. De perto é um rochedo negro, ao longe semelha um homem sentado, como se fora um rei no trono, divisando-se a cabeça, o tronco, as pernas. Os navegadores respeitam a velha rocha, desafiadora dos temporais, iluminada, àquela hora, por algum crente que lhe deixara velas acesas, protegidas do vento por latas ou paneiros.

São João de Pirabas se apresenta no horizonte, algumas luzes fracas, o cheiro de maresia na noite clara, as areias abrindo brechas na penumbra, o porto do Foguete, indicado para o desembarque à espera, homens a postos, o trapiche alto, a casa de madeira, pintada de branco; o grande armazém atrás, aberto para receber a carga, menos os automóveis, que saíam logo rodando, destino certo: Rio e São Paulo! Um apenas ficaria em Belém, os três mais bonitos rodariam pela estrada Belém-Brasília, rumo ao seu destino, no Rio e na Pauliceia desvairada.



Segunda parte

“Quem incendeia as paixões e seu louco tormento?

E as luzes do poente acende em firmamento

Da alma amargurada?”

(Goethe, *Fausto*, prol.)

“Conheço as tuas obras, que não és nem frio nem
quente; oxalá foras frio ou quente; mas, porque és
morno, e nem frio nem quente, começar-te-ei a vomitar
da minha boca, porque dizes: sou rico e cheio de bens,
de nada tenho falta; e não sabes que és um infeliz e
miserável, e pobre, e cego, e nu.”

(São João, Apocalipse, 3:15-17)



A volta ao lar



A chegada. A atracação. O barco carregado de mercadorias, todos nervosos, os estranhos tripulantes, ansiosos por entrarem em casa, reverem as mulheres, os filhos, os amigos, tudo. Uma longa ausência gera saudades enormes, até de pequenas coisas insignificantes, materiais, como o rádio da sala, a televisão do quarto, o som das badaladas do velho relógio, a cerca do quintal, o galinheiro, ou das pessoas, os amigos, os vizinhos, os indiferentes. Tudo parece novidade. É um reviver. A embarcação, conduzida habilmente por Ezequiel, atracou no trapiche de madeira negra, as águas correndo por baixo, marulhando, um leve vento vindo do mar, a lua propícia aclarando tudo. Noite suave. A casa de comércio em frente, uma tabuleta: *Solar de Pirabas*. Um barco de pesca atracado do outro lado: *Japerica*. A pequena canoa: *Dengosa*. Nomes pitorescos. Manelão já esperava, em cima do taboadó, caboclos ajudando, agarrando as cordas para atracação, todos avisados por Salomão, pelo rádio, em código. Três caminhões enormes aguardando a carga preciosa. É preciso agir depressa. Desembarcar o suficiente para encher aqueles transportes. Rádios, televisões, perfumes, uísque, as caixas saem do barco com rapidez. Todos trabalham. Ezequiel, João, Estêvão, Manelão, seus empregados, mais os motoristas dos caminhões, Salaminho, Deodoro e Cantídio. Desembarcam também os automóveis. Quatro. Os motores pegam logo. Esquentam. Nova ordem. Dois ficarão em Belém. Dois se destinam ao sul. Salaminho explica que os fiscais não vão criar caso, nem os guardas. Estão todos *falados*. E, enquanto conversa, passa os dedos unidos da mão direita sobre os lábios:

— Estão todos *salivados*. Não há problema. Precisa apenas trocar os números na oficina do Jamil em Capanema. Emplacar do ano. Para isso está tudo pronto.

Os automóveis rodam lentamente pela rampa de madeira para terra.



— Não adianta esconder os automóveis na mata — diz Manelão. — É melhor rodar logo, enquanto é noite.

Os três caminhões são insuficientes. Só de uísque cada um comporta duzentas e cinquenta caixas. Abrem-se as portas do depósito, atrás da casa comercial. As turmas se revezam na descarga, de meia em meia hora. Estêvão ajuda. Vai retirando a sua mercadoria. Coloca-a no depósito. Manelão tranquiliza:

— Vêm mais caminhões. De três em três. Estão para chegar. É para não dar na vista.

— Quais são as instruções de Salomão? — indaga Ezequiel.

— Os perfumes vão para a Rua Manuel Barata, o depósito da Luna. Os rádios e televisões para o do Jorginho. Os tecidos para a loja do Marino, na Pedreira.

Estêvão não sabe o que fará de tanta mercadoria. Nem tem experiência. Seu pensamento se bifurca entre o contrabando e Linda, a vontade louca de chegar em casa, abraçar Betinho, matar as saudades. Sente-se estafado. Meia hora de folga. Outros homens entram no serviço. A vila é perto. São João de Pirabas, povoado de pescadores, barracas de palha, o céu claro, a lua enorme, ainda cedo, ao longe um arremedo de praça, a pequena igreja, muito alva, mal amparada nas suas paredes precárias. Toda aberta. Ofício religioso noturno. Estêvão se aproxima. Ouve preces. Caboclos, homens, mulheres, crianças, de pés descalços ou de alpercatas, as roupas ralas, cantos, círios, a vila não possui iluminação elétrica, o vento balança lá fora as copas dos coqueiros. Por todos os lados coqueiros. Vento. Muito vento. Dentro da igreja um sacerdote, baixo, rotundo, feições magoadas, a batina de pano grosso e claro, velho conhecido de Estêvão, desde o tempo do seminário. Um santo. Padre francês, de sobrenome Dubois, quarenta anos de Amazônia, andando pelo interior, pregando para o povo, angariando recursos para os leprosos. Um santo. Padre Florêncio Dubois, da ordem dos barnabitas. Culto e humilde. Por isso, Estêvão se sentiu revoltado quando se lembrou da campanha contra o velho sacerdote. Campanha de políticos. Qualquer coisa relacionada com as esmolas para os leprosos. Uma transferência para a Bélgica, no inverno, agora, já velho e enfermo, depois de uma vida dedicada à Amazônia. Transferência para morrer, já anunciada, de cortar o coração.

Estêvão se sentia atraído pela igreja, pela voz baixa e rouca do velho sacerdote. A iluminação das velas, os caboclos rudes, o telhado vão, o vento, tudo aquilo constituía moldura para a figura do sacerdote, como um pequeno santo, oficiando para gente tão pura e simples. Estêvão tenta se afastar. Uma força desconhecida parece arrastá-lo. Quer levá-lo para o interior do pequeno templo. Pescadores. Cheiro de peixe em tudo. Nos cabelos das crianças, nos braços das moças, nas roupas, o cheiro forte inundando o ar. Estêvão se esconde para não ser visto. Seu pensamento voa para Linda. Depois se transfere para Mônica. As mesmas obsessões de Caiena, na igreja. O pecado, a infração. Procura afastar Mônica do pensamento, ela se insinua lentamente, toma o lugar de Linda, brigam as duas na sua alma, a toda hora.

Estêvão volta ao trapiche do Manelão. Cães ladram para a lua. A areia fina range sob seus pés. As barracas cobertas de palha se acachapam como se fossem seres vivos. Adiante, o rio Pirabas suave. O trapiche. A estrada de areia, ramal para a de asfalto, distante alguns quilômetros, cerca de duzentos e cinquenta até Belém.

O *Santo Antão*, atracado ao trapiche, parece repousar da viagem, aliviado, aos poucos, de seu numeroso carregamento. Os primeiros caminhões já partiram, outros chegaram. Parte da carga é recolhida ao depósito. Durante toda a noite, prosseguem os trabalhos. Surge uma camionete grande. Ezequiel convida Estêvão para seguir até Belém. Pode levar alguma coisa. O grosso da carga ficará no depósito de Manelão. É de confiança. Pode vir buscar depois. Basta pagar uma taxa por volume descarregado, à razão de dez cruzeiros cada um, é o lucro do depositário. O aluguel do trapiche para descer a muamba. A estrada asfaltada. A guarda rodoviária sonolenta. Manda parar, depois ordena que sigam. A noite parece cada vez mais clara. A estrada lisa, a mata em torno, tudo plano. Os lugarejos passando ante os olhos de Estêvão, como num *écran*: Santa Luzia, Capanema, Quatro Bocas, Tacioteua, Castanhal, Benevides, Marituba, Ananindeua, cada vez mais perto de Belém, Estêvão com o coração inquieto, a vontade de chegar, rever tudo, depois de tanta aventura no mar e em terra. Nunca pensara viver tão agitamente, ele, que usufruía a vida plácida do seminário e depois a atividade rotineira da pesca. Sempre as mesmas viagens. O mesmo barco. Os mesmos negócios. Fazia planos para o dia seguinte. A venda da mercadoria. Encontro

marcado com Ezequiel. Conheceria gente nova. Reveria Jaime e os demais companheiros da primeira viagem. Apuraria bom dinheiro. Ressarciria Mônica, mandaria tudo por Ezequiel, com uma carta de agradecimento e o caso estaria acabado entre os dois. Sim, só queria saber de Linda, a esposa, mãe de Betinho, a eleita do seu coração, recebida no altar. A chegada. A casa fechada. Tudo escuro. A batida na porta. As mãos trêmulas. Movimento por dentro. Uma voz que grita no silêncio:

— Quem é?

Estêvão responde quase a medo:

— Sou eu, Estêvão.

As portas se abrindo, a da casa primeiro, depois a do coração. O abraço, longo demais, Betinho acorda com o barulho. Julga-o mais crescido, ainda de colo, já engatinha, diz a mãe, mais um dentinho à mostra. Parece com o pai, quando está sério, e com a mãe, quando sorri. Linda não sabe se ri ou se chora. Quer saber de tudo ao mesmo tempo. Como foi o naufrágio, como se salvou, como sobreviveu durante tantos dias. E quer narrar tudo rapidamente, inclusive o noticiário dos jornais. A morte de Pedro, Carmelo e Jacinto, sobrevivente apenas Balbino, o motorista, bom nadador, homem forte, que conseguiu chegar à costa, arrastado pelas ondas, agarrado a um objeto qualquer. Os jornais publicaram tudo. Retratos das vítimas. Das viúvas, coitadas, a de Pedro cheia de filhos, a de Carmelo em desespero, com crianças pequenas e a de Jacinto, quase louca. Todas três esperavam notícias. Sabiam que Estêvão sobrevivera, ou disso tinham pressentimento. Pressentimento de mulher, que não falha.

E as novidades. As boas e as más. Falta de recursos. Os amigos, nessas horas, aparecem para apresentar pêsames, depois somem. Linda aguentou firme, horas de inquietação, notícias desencontradas, no início davam Estêvão como morto. Ela já se via viúva, tão nova. Muita gente telefonando, perguntando, querendo consolar, alguns até atrevidos. Felizmente o destino lhe trouxera o seu Estêvão de volta, são e salvo, o pai de Betinho. E os presentes, como gostara! Uma televisão japonesa, como há tanto desejava, rádio transistor, máquina fotográfica, relógios de vários tipos, nunca vira tantos e tão lindos, até coloridos. Estêvão narra à mulher: fora ajudado por

um velho amigo, colega de infância, que encontrara em Caiena, por acaso. Coincidência do destino.

— Dedo de Deus! — dizia ele. — Encontrar esse homem agora, depois do naufrágio, o Agostinho!

Sim, tinha que mentir. Era o jeito. Não podia falar sobre Mônica a Linda. O primeiro nome que lhe veio ao pensamento foi o de Agostinho, filho da santa. Associação de ideias. Que heresia! Pensava Estêvão, mas que fazer? Narrar toda a aventura, destruir a sua vida, tudo, a troco de uma verdade? Não, uma mentirinha não fazia mal. Bastava a boa intenção. Já lera um livro intitulado *As mentiras convencionais*, de Max Nordau, aquelas que não fazem mal, todo o mundo emprega, fazem parte da vida. Se Linda soubesse da existência de Mônica, sairia briga, logo agora que regressava com as mãos cheias de presentes, esperança de dias melhores. Precisava cuidado para não deixar escapar o nome da crioula, inadvertidamente.

Estêvão às vezes ficava com a consciência pesada. Estava pecando demais. Vinha-lhe a prece aos lábios, lembrava o seminário, as missas, o padre austero apontando-lhe o dedo nodoso ameaçador: — Pecado! Pecado! Pecado! Mas como fugir de Mônica, naquela emergência? Voltara para Linda, a sua querida, jamais regressaria a Catena. Varreria da lembrança aqueles dias.

E assim tentou fazer. No dia seguinte, bem cedo, já na porta, estava a viúva de Carmelo, com dois filhos pequenos pela mão. Depois chegou a de Pedro, um garoto de colo e dois seguros na saia. Mais tarde, surge a de Jacinto, toda de preto, zangada, como se Estêvão tivesse culpa do ocorrido. As três viúvas se queixavam da sorte. Estavam passando necessidades. Não saíam das filas do Instituto de Previdência Social, filas enormes de dobrar na esquina. Os papéis não andavam. Pensão minguada. Estêvão dá logo uma ajuda a cada uma, dinheiro vivo. Promete interferir junto ao instituto. Precisa procurar advogado. Prestar depoimento na Capitania dos Portos, lidar com autoridades e com contrabandistas, vender a mercadoria toda. Um pouco para Luna, outra parte para o Jorginho, outra para Levinski, comprador de São Paulo, leva tudo pela estrada, rumo desconhecido. A pouco e pouco Estêvão vai penetrando nos meandros do submundo. Nunca pensara existir uma infraestrutura tão bem montada, elementos e ligação, em vários pontos do país e do estado, no Marajá, no baixo Amazonas, em Abaetetuba, por

todo o lado, e na capital e arredores, locais propícios a embarque e desembarque de mercadorias, sem que ninguém suspeitasse. Em poucos dias, apura considerável quantia com a suspeita de todos os artigos, comprador apresentado por Ezequiel recebia os gêneros em São João de Pirabas, no depósito de Manelão, não precisava nem trazer para Belém. De lá seguia pela estrada, via Santa Maria, pela Belém-Brasília, em busca de centros maiores. Benaiol, sócio de Levinski, levou tudo. Pagou parte em dólar. Ezequiel ensinou como comprar couro de crocodilo do baixo Amazonas e do Tocantins, especialmente de Marabá, vinha tudo bem acondicionado, fácil de transportar até de avião. Uma mina. E o cacau da Bahia escoava pela estrada. E mais as pedras semipreciosas e preciosas de Minas Gerais pela Belém-Brasília, boas de transportar para Caiena. Estêvão se apressa em comprar as duzentas peles de crocodilo que Mônica lhe pedira. Já pensava em levá-las pessoalmente. Afinal de contas, Mônica se fizera amiga, o salvara. Não fora ela e estaria agora na miséria. Poderia regressar a Caiena, embora sem intenção de abrigar-se nos braços da crioula. Por vezes, curti saudades. Aqueles olhos enormes, claros, como de gato na escuridão, aquela pele morena e lisa, muito limpa, aqueles cabelos longos, brilhosos e negros. E a desenvoltura, a personalidade forte, dominadora, quase arrogante. O ambiente, a casa da Rua General de Gaulle. Aquela estatueta de chinês ou indiano — talvez Buda — sentado sobre as pernas, mirando sempre a cama de Mônica, como um fiscal permanente e mudo. Mas que diria a Linda? Como justificar o retorno a Caiena? Não ir seria ter que lutar muito para sobreviver. O que apurara naquela primeira experiência ainda era pouco. Agora, já mais enfrornado no negócio, ganharia dez vezes mais. Levaria dólar. Conduziria além de peles outros gêneros. Como especialista em pesca, poderia até transportar peixe, muito procurado nas Guianas, o tamuatá, mais conhecido por cascudo, peixe feio, preto, pele dura, considerado de terceira categoria no Brasil, mas reputadíssimo em Caiena. Muita vitamina. Amarelo de cor, bom paladar. Mas esse era um negócio que lhe parecia meio sujo. Melhor seria conduzir outras coisas. Peles, pedras, maconha não, essa não, negócio do Demônio, apesar da procura enorme no exterior. Tinha que se especializar em negócio limpo, nada de boi em pé, saía muito de Araguari,

os barcos para cima e para baixo, especialmente o *Almirante Rolando*, veterano na empresa temerária.

Os dias passavam e Estêvão cada vez se inquietava mais. Todos os dias, de manhã cedo, as três viúvas em sua porta. Queriam dinheiro. Queriam comida. Queriam escola para os filhos. Queriam casa, sim, uma casa para cada uma, não deixavam por menos, pois quanto valia um marido?

— E se eu tivesse morrido? — indaga Estêvão. — Onde vocês iam bater?

As mulheres resmungavam, entravam na casa sem cerimônia, tomavam café, abriam a geladeira, os filhos pequenos rastejavam pelo chão, urinavam em tudo, desde o sofá até o tapete chinês, que trouxera de Caiena.

— Não aguento mais! — desabafa Estêvão para Linda.

— Só há um jeito: é sair um pouco, viajar para Caiena, tentar novos negócios e me livrar dessas mulheres.

Encontrara o pretexto para regressar à Guiana.

As três viúvas de preto eram a ameaça de todos os dias. INPS, pronto-socorro, farmácia, loja de ferragens, queriam de tudo como se Estêvão fosse o marido das três. Não tinham de onde tirar, diziam. Balbino apareceu sorridente, alegre por estar vivo, o gesto largo, o riso aberto, uma bela dentadura à mostra:

— Dá cá um abraço, compadre! — foi logo dizendo para Estêvão.

Era a alegria de sentir-se vivo depois de olhar a morte de perto. De frente. Cara a cara. A malvada com a foice na mão, o manto diáfano, a caveira à mostra, pronta para arrastar Balbino. Este sobre as águas frias, agarrado a um fardo qualquer, o vento e as ondas o empurrando para o norte, depois para oeste, até atingir a margem lamacenta, já em pleno dia, as pernas geladas, o olhar turvo.

— Fui dar na ilha de Bailique — explicava a Estêvão. — Não sei como foi. Mas aqui estou são e salvo.

Estêvão recordava o *Florence*, Bob sempre bondoso, Bruce cruel, os momentos amargos vividos na embarcação americana, depois o *Santo Izidro*, a prisão, Caiena, Mônica. Todos os pensamentos terminavam em Mônica, embora comesçassem em Linda.

O inquérito apurara que o naufrágio ocorrera na altura do farol de Carnapijô, monte de pedras, canal perigoso, especialmente à noite. O seguro da

embarcação fora pequeno. A carga se perdera toda. Apetrechos para pesca e algumas toneladas de pescado no gelo. Nada mais. A grande perda foram os homens. Todos fortes, em pleno vigor da existência, deixando aquelas viúvas amarguradas e com filhos menores.

Até Linda já estava de acordo com a viagem de Estêvão a Caiena. Afinal de contas, todo negócio é negócio, principalmente quando oferece lucro. E assim Estêvão se viu, novamente, engajado no *Santa Isabel*, barco veloz novo, sob o comando de Vidal, a mercadoria de Mônica bem acondicionada, mais a dele próprio, Estêvão, porquanto reinvestira todo o lucro em peles silvestres, café e cacau. Já se sentia sócio. Comandante Vidal era um novo amigo. Veterano do mar, robusto, tostado de sol, a pele do rosto precocemente enrugada, conhecia todos os segredos da navegação litorânea.

As forças do mal



A segunda viagem

Comandante Vidal era uma figura incomum. Oriundo do Nordeste, cara fechada, discreto, parecia homem de poucas conversas. Passava horas contemplando o mar, na amurada, os olhos apenados ante o vento e o sol, o que lhe dava, à distância, um aspecto de nipônico. A tez bronzeada se tornara curtida pelo vento marinho, recoberta de pequenas e numerosas rugas, que mais sobressaíam quando fechava os olhos ou sorria.

O *Santa Isabel* era propriedade de Leonídio Cantuária, velho comerciante, dono de muitas embarcações, afeito ao contrabando, mas nunca viajava. Rico, frequentava a alta sociedade, negócios com os Estados Unidos e a Europa palacete, contavam histórias esquisitas de que enganara a mãe, passando em seu nome um navio que fora comprar, com dinheiro da velha, na Holanda. Daí em diante, a sorte lhe sorria, muito dinheiro, até que um dia sofreu pequeno derrame, que paralisou a face esquerda, o olho repuxado.

— Derrame nada — diziam as más-línguas. — Foi no dia do Círio. Leonídio olhou de frente para a imagem de Nossa Senhora e ficou com a cara assim. Parecia a estória do peixinho de olho torto porque levantou a vista para a Santa Senhora que lhe aparecera à margem do rio.

Salomão fretara o barco, através de Ezequiel, com ordem de Mônica para transportar as mercadorias de Estêvão. Couros, café, cacau. Acertariam as contas depois. Embarque em Icoaraci, no furo do Maguari, local abrigado das vistas e dos fiscais. Muita mata, rio franco.

Saudades de Linda, vontade de rever Mônica sem segundas intenções. Uma atração estranha, como se fosse amarrado, levado, empurrado. A vontade ali não funcionava. Mesmo que quisesse resistir, faltavam-lhe forças. O vento levava, e as ondas. O pensamento também.



O *Santa Isabel* navegava com galhardia, barco novo, motores silenciosos, boa tonelagem, saindo de Icoaraci, à noite atravessara a baía de Marajó, águas agitadas, muito vento vindo do mar, havia que tirar uma reta da ponta do Maguari na imensa ilha, até o cabo de Orange, e depois mudar de rota para oeste, a fim de evitar as correntes oceânicas, rumo a Caiena.

O nome do *Santa Isabel* trazia recordações ao pensamento de Estêvão. A sua sorte. Deixar o seminário, cair naquela vida, vendo nomes de santos por todos os lados. Primeiro Santo Isidro, depois Santo André, Santo Antão, e agora aquela Santa Isabel, de história tão linda, a de Portugal, não a da Hungria, sua tia. De noite, deitado no beliche estreito, relembra o seminário, as aulas do Padre Giscard, a vida dos santos; se emocionava quando imaginava Santa Isabel cuidando dos pobres, desde a mais tenra idade. Princesa, embora desprezava as roupas suntuosas, fazia jejuns. Sua fama correu mundo. Príncipes de toda parte pediam-na em casamento. Mas Dom Diniz de Portugal levou a melhor, conquistando o seu coração. Ainda recordava algumas frases, retalhos da história de Guérin: *“Sa joie était modérée par ses larmes; toutes ses actions étaient accompagnées de la prière”*. Uma santa. Protegia os órfãos. Toda Sexta-Feira da Paixão lavava os pés de treze pobres, beijava-os humildemente e lhes ofertava roupas novas. Consta que, quando cuidava dos pobrezinhos, entre eles havia uma mulher com horripilante úlcera. Isabel lavou-lhe os pés, beijou-os e logo a chaga cicatrizou. Procurava sempre pacificar as pessoas que estavam em dissensão, inimigos, casais desavindos, contendores de toda espécie. Reconciliou seu marido com o irmão, Afonso. Restabeleceu a paz entre Pedro, rei de Aragão, e Fernando, de Castela. Dedicou toda existência aos pobres, aos doentes, aos inválidos, assistindo-os com dedicação inexcedível.

Estêvão lembrava tanta humildade, mas logo balançava a cabeça, lançando fora tais pensamentos. Calculava mentalmente os lucros dos novos negócios. O café e o cacau. O primeiro extraído das quotas do IBC para a região; os atacadistas, que deveriam enviá-lo para o interior do Estado, o vendiam para o exterior, clandestinamente. Habitante do interior da Amazônia não precisa beber café. Pra quê? Basta o açaí, mais bonito de cor, arroxeadado, ironizava mentalmente Estêvão.

Em outros tempos, Estêvão não teria realizado tais negociatas. Escrúpulo muito, medo da punição inexorável. Pecado. As dificuldades o arrastavam. Vez por outra, pensava em recuar, mas onde buscar forças para tanto?

O mar o atraía. Fizera novos conhecimentos. No *Santa Isabel*, ia novamente Jaime, representante de Salomão nessa viagem e Rufino, o caboclo baixo e forte, naufrago do *Ariranha*.

Eram os únicos da primeira viagem ali presentes. Farid regressara no *Santo André* a Caiena. Calil se engajara em expedição para Curaçau. Pierre e João deviam estar em outro barco rota diferente, talvez levando gado da região do Araguari. As tripulações se revezavam. Agora vinha o Américo, meio esquivo, falando pouco. Como motorista, o Terêncio, homem de Abaetetuba, cara larga branco, bom bebedor de aguardente.

Mar e vento. Dois dias. Noite escura, céu estrelado.

Para passar o tempo, Rufino narra, talvez pela centésima vez, como naufragou no *Ariranha*. Era noite, dizia. Vento frio, mar gelado, a mais de duzentas milhas da costa dos Estados Unidos. O navio ia carregado de carvão. De madrugada, ouvem um estrondo, o cargueiro todo balança, voam objetos pelos ares. Era o torpedo. Morre logo um maquinista. A água penetra rapidamente. Confusão. Fumaça muita. Só têm tempo de lançar as baleeiras. Em poucos momentos, Rufino se vê numa delas, as ondas altas, o navio em frente, levanta a proa, em posição vertical, imenso, negro, e rapidamente submerge. A água entrando pelo furo no casco atrai a baleeira. A muito custo, os homens conseguem afastá-la, libertando-se do redemoinho que se forma no local do naufrágio, engolindo tudo. Holofotes iluminaram a cena noturna. O submarino ainda veio à tona, alguns marinheiros louros aparecem para ver o espetáculo. Jogaram umas boias no mar. Depois se apagaram os holofotes e o submarino se afastou submergindo lentamente. Silêncio.

Muitos morreram. Poucos se salvaram. A baleeira sem víveres. Noite. Frio. Sede. Amanhece. Nenhuma esperança de socorro. Um dos tripulantes se queixa de peso nas costas. Sede. Quer água doce. Grita. Curva o corpo para a frente, lentamente, enquanto morre. Nada mais a fazer senão lançar na água o cadáver. Dois dias naquele desespero, até que são localizados por aeronave americana. Em breve foram recolhidos, levados para Nova Iorque. Conduzidos para o hospital. Depois, com alta, aguardam instruções,

um se rebela contra a desassistência. Afinal vem a ordem de regressar ao Brasil, a pátria, a verdadeira, sem igual. Rufino guardou na alma a cicatriz da desgraça. Contava e recontava o episódio impressionante. O navio em vertical sobre as águas, largando carvão e fumaça, a água entrando. Depois silêncio, nada mais.

— O pior de tudo — enfatizava Rufino — eram as alucinações. Olhando o mar, dia e noite, aquele deserto, o sol do meio-dia queimando a cara, a sede, saudade de casa, da família, era de enlouquecer. A gente tinha visões: monstros saindo da água, gaviões enormes imaginários, batendo as asas, negros. Às vezes parecia enxergar um navio que nos vinha salvar. Era tudo miragem, ilusão. O sangue gelava nas veias, doía o corpo todo. Horrível, a solidão. Ainda mais a força do vento frio, sem agasalhos. Foi sorte não metralharem a baleeira.

Estêvão bem compreendia a aflição do amigo. Passara por experiências semelhantes, seu barco perdido nas pedras do Carnapijó. Preferia mudar de assunto para não recordar.

Terêncio possuía também a sua história, tão agitada quanto a de Rufino. Vida inteira como marítimo, em vários barcos, muitos patrões, de todos os tipos. Alguns bons, generosos; outros maus, grosseiros. Lutara muito. Arriscara a vida, no rio Amazonas e no Tocantins, neste vencendo as corredeiras, desviando com habilidade o barco das pedras, em perigo de vida. Vez por outra uma embarcação se espatifava nos trechos semiencachoeirados, as rochas encobertas, a água marulhando por cima, veloz, arrastando tudo. O motorista, que não fosse seguro, não possuísse golpe de vista, nunca devia aventurar-se a atravessar as famosas corredeiras, onda e pedregulho de mistura, perigo permanente, morte à vista.

De todas as histórias narradas por Terêncio, a mais empolgante era a do tempo da guerra. Mar alto. O patrão Leovigildo nada explicara. Falava pouco. Dava as missões sem esclarecer bem. Arriscava toda a tripulação. O barco chamado *Africano* fazia a rota Belém-Caiena semanalmente. Todo mundo dizia que havia ameaça de afundamento. Tempo de guerra. Muito submarino lá fora. Em geral, todos os comandantes se aproximavam o máximo da costa, receio de torpedo no mar alto. O *Africano* fugia da rota, se distanciava do litoral até perder de vista os horizontes da pátria. Geralmente partia em reta

da altura do cabo do Maguari em direção ao de Orange, mas ao avistar a ilha Bailique mudava de rumo, para leste, em busca do oceano. Numa noite escura Terêncio se assustou. Parece que saía um monstro do fundo do mar. Não, não era monstro, mas um submarino. Terêncio, nesse tempo, fora um simples moço de convés. Tinha que cumprir ordens. O comandante do barco era sempre Eufrosino — pessoa de confiança de Leovigildo. O submarino focava holofotes enormes sobre o *Africano*, facilitando a abordagem. Depois a ordem era passar tambores de gasolina e óleo para o submarino. Os marujos apareciam no toldo, muito louros, falando arrastado uma língua que Terêncio não entendia.

— Ninguém pergunta nada! — ordenava Eufrosino ameaçador. — Vamos tratar de fazer o transbordo dos tambores com toda rapidez!

Todos os tripulantes se movimentavam. Os homens louros cooperavam. Usavam uma espécie de guindaste. Tudo se fazia com muita agilidade, tendo como testemunha as estrelas. Depois era aquele espetáculo! O submarino submergindo, submergindo, ondas e espumas batendo no casco, até desaparecer totalmente. O mar tudo cobria.

Eufrosino, enquanto se fazia o transbordo, passava rapidamente para o submarino, depois voltava com uma bolsa na mão. Devia ser o pagamento, em dólar.

Ninguém tinha coragem de indagar nada. Certa vez, um auxiliar de motorista fez pergunta indiscreta e Eufrosino quis largá-lo em Caiena, para onde o *Africano* depois viajava, a fim de trazer contrabando. Dias arriscados aqueles, comentava Terêncio. Em uma das viagens, o submarino atrasou, só chegou de madrugada, o sol já começava a raiar. Passou um avião, sobrevoando baixo, na certa o aviador suspeitou de ato criminoso e bateu fotografias. Era voz corrente, voz de Deus.

Estêvão escutava a história de Terêncio e contemplava o mar.

Caiena à vista. O litoral recortado. Coqueiros. As pontas de terra avançando para as águas, a Pointe des Amandiers, atrás a Praça Auguste Horth, a Pointe Saint-Joseph, a Pointe Saint-François, depois o porto, as docas, a Chaussée Laussat, pequenos barcos atracados, as luzes refulgindo na noite escura, as ruas desertas àquela hora, a não ser nas proximidades das boates Chicago e Las Vegas, ou de um ou outro restaurante, na Place des Palmistes.

A ansiedade, o alvoroço no sangue, vontade de rever Mônica, a sua salvação e a sua desgraça ao mesmo tempo.

O *Santa Isabel* já era esperado. Pula no barco um emissário de Mônica, crioulo baixo e rotundo, M. Clochet, acompanhado de um tipo raquítico, funcionário, M. Pinon.

— Tudo está bem com a alfândega — diz ele para Comandante Vidal. Fala um português arrastado, de mistura com *patois*.

— Tudo em ordem com *la douane*. M. Pinon vem ver *documentation*.

E que Mônica movimentara com antecedência a sua máquina, composta de engrenagens como Mr. Crooks, o americano comprador de café e cacau, M. Bassat, autoridade com força bastante para resolver problemas, M. Pinon, com uma assinatura e um carimbo que resolviam tudo.

Dirigindo-se a Estêvão, diz-lhe Clochet:

— Monique vos *esperra*. *Elle vous attend*. Quer falar hoje *même*.

Vidal já trazia um manifesto da carga pré-fabricado. Qualquer papel servia para resolver problemas, à guisa de manifesto, quando não havia equívocos como o da viagem do *Santo Izidro*, aprisionado. Dias antes, em pleno mar, Vidal recebera mensagem pelo rádio, de Belém, em que Salomão dava conta da segurança da viagem:

“Alô, alô, Vitalino, Amapá. Mensagem para Vitalino: Leve santa direto cidade. Tudo preparado para procissão”.

Ora, Vitalino era o nome combinado, em vez de Vidal. Santa era o barco, o *Santa Isabel*, com ordem de atracar na cidade de Caiena, sem necessidade de procurar outro local, como às vezes acontecia. A procissão era a descarga do barco, tudo preparado.

M. Pinon passa uma vista pelo *manifesto*, carimba, assina e entrega-o a Vidal:

— Está tudo *en ordre*.

A ansiedade. Estêvão atravessa as ruas desertas por onde peregrinara um mês antes, em desespero. Passa pela praça do mercado, o monumento com um galo em cima, galo simbólico, de pedra, representando talvez a Gália gloriosa, a liberdade, a coragem, mas afinal de contas, pensa Estêvão,

há animais muito mais apropriados para simbolizar tais sentimentos do que um galináceo. O leão, por exemplo, como em Judá; a águia, como entre os astecas, devorando a serpente; o tigre. O próprio galgo, símbolo da nobreza, com a língua para fora, seria mais aconselhável, muito embora receba às vezes o nome de cachorro. Mas galo? Onde já se viu isso, um galo de pedra fingindo que canta em cima de uma coluna, em plena praça pública! Galináceo foi feito para a panela, prossegue Estêvão pensando, fazendo ironia mental, enquanto atravessa a rua deserta, a Malouet, com destino à General de Gaulle. Afasta a imagem do galo do pensamento, eis que só admitiria tal presença se fosse para comê-lo assado, *poulet rôti*, nunca em cima de coluna feito estátua de praça pública. Caiena, coitada, fora heroica no passado, contribuindo com o seu sangue para as duas grandes guerras. Voluntários ou involuntários, ficaram muitos heróis seus nos campos de batalha, alguns feridos de morte, heróis mesmo, como um certo Capitão Bernard, homem notável, bravo, herdeiro das gloriosas tradições gaulesas. Esse sim fora herói, e ali, naquela praça, devia haver um monumento dedicado a ele, ser humano, que derramara o seu sangue pela pátria. Ou o lugar-tenente Becker Léon, *officier d'une bravoure légendaire*.

Tais elucubrações se afastam do cérebro de Estêvão ao penetrar na Rua General Charles de Gaulle, seu coração pula como se fora o de uma criança, chega a ter vergonha. Ele, homem feito, casado, marido de Linda, pai de Betinho, fazendo aquele papelão, pelas desoras, em plena rua, à procura da casa da mulher amada. Ou melhor, em busca da amante, mas seria amada ou amante, ou amada-amante, como canta o Roberto Carlos em várias línguas? Amada era Linda, amante era Mônica. O perigo estava em juntar os dois vocábulos e formar um substantivo composto: amada-amante. Para que tal acontecesse, era preciso que Linda deixasse de ser amada e o fosse Mônica; como tudo indicava, haveria de acontecer. Aquele longo abraço. Aquele esquecer-de-tudo. Aquele deixar-que-o-mundo-se-acabe e que tudo-vá-para-o-inferno. Era só Mônica que dominava, mais do que nunca, pele limpa e suave lembrando pêssegos de Tívoli, aqueles dentes alvos e uniformes, aqueles olhos sempre em brasa, os longos cabelos, o ambiente, o quarto luxuoso, a estátua do chinês abelhudo, olhando sempre, sentado sobre as pernas, os braços caídos, as mãos entrelaçadas.

— Vira a cara desse china para o outro lado! — recomenda Estêvão a Mônica. — Parece que está vivo, me olhando.

— É um Buda — diz Mônica. — Foi presente de Salomão.

Salomão, maldito Salomão! Um estranho ódio penetra no coração de Estêvão. Nunca sentira aquilo. Sempre fora tranquilo. Nem mesmo quando conhecera Mônica lhe fazia mal escutar aquele nome. Mas agora percebia que algo se passava em sua alma, já não era o mesmo, queria fugir daquela mulher e não conseguia e o nome de Salomão, antes inofensivo, agora lhe soava mal aos ouvidos, como se fora o de um inimigo, um rival.

— Onde anda ele, o tal Salomão? — indaga.

— Estava em Belém. Agora viajou para Miami. De lá, vai a Paris e Nápoles.

— Por que Nápoles?

— Negócios de pérolas. Você não sabe que o comércio de Nápoles domina e controla o mercado das *perles* no mundo? Muita gente pensa que é o Japão, por causa das famosas *makimoto*. Japonês cultiva, italiano manda no preço, faz baixar e subir quando bem entende.

— E quando regressa?

— Não sei ainda. Vai trazer muitas pérolas, daquelas róseas, tem muita procura no Brasil e nos países da América. Na França preferem a pérola branca, desbotada, feia.

— E como consegue passar na alfândega?

— *Orra, orra!* Vem pelo Brasil, traz também pedras de Minas Gerais. Às vezes viaja por outros caminhos. Mas direto de Paris a Caiena é perigoso. Na França, *fiscalizaçom* muito *rigorrosa*.

Estêvão aprende mais algumas lições. Mônica pede:

— Na próxima viagem, *querro* que você traga uma maleta com pedras de Minas Gerais. Vão lhe entregar em Belém, na sua casa. Não pergunte quem mandou.

Estêvão se apavora. Não pensava mais em regressar a Caiena. Mas ali estava. A perspectiva de uma terceira viagem seria a perdição total, nunca mais sairia daquele abismo em que fora precipitado pelo destino. Abismo mesmo. Toda vez que pensava em abismo, vinha-lhe à lembrança a história do brasileiro Silva Jardim, que caíra na cratera do Vesúvio. Horrível. Devia ser a mesma coisa. Cair na cratera de um vulcão. Isso lhe acontecera, mas não

para falecer fisicamente, como Silva Jardim, mas para morrer na alma, aos poucos, querendo subir as escarpas do interior da cratera, sem conseguir sair do lugar. Terrível. Sua imaginação fértil encontrava outros espetáculos similares. As gravuras da edição de luxo do Inferno de Dante, os condenados, mergulhados em lava ardente, uns roendo as cabeças dos outros, os pecadores, sem salvação. *Lasciate ogni speranza ó voi ch' entrate!* Deixai toda esperança, ó vós que entraís! — era a inscrição na porta do Inferno, exposta aos olhos dos dois poetas: Dante e Virgílio. Como sair daquela situação? Indagava mentalmente Estêvão. Ao mesmo tempo, calculava os lucros com a segunda viagem. Pela venda do café e do cacau a Mr. Crooks receberia gorda quantia em dólares, alguns milhares. Na pesca levaria muitos meses ou anos para amearhar o que, de uma só vez, arrebanhava numa viagem com contrabando. Dinheiro fácil. Parecia-lhe que uma cornucópia despejava dinheiro — não moedas de metal, mas cédulas — como folhas ao vento, uma colheita caída do céu (ou do inferno). Assim devia se espalhar o maná na cabeça dos hebreus no deserto.

Um mundo de planos e projetos ambiciosos fervilhava no cérebro de Estêvão. Só os esquecia quando em companhia de Mônica, desejo de ficar mais. Ela insistindo sempre.

Os vínculos que uniam Estêvão a Mônica se tornavam cada vez mais fortes. De parte a parte. Novos negócios. Casas comerciais abrindo as portas, fornecendo tudo. Crédito. Regresso em outro barco: o *Marigny*, carregado de geladeiras, rádios, perfumes, cigarros, dois automóveis, quase toda a carga de Estêvão e Mônica, lucros repartidos, a maior percentagem de Mônica e Salomão. Os automóveis para um cliente do Salomão em Minas Gerais.

— Eu me entendo com *Salomon* — dizia Mônica. — Ele lucra comigo.

Jaime, nesta viagem, representava Salomão. Este não aparecia nunca. Estêvão não conseguira conhecê-lo pessoalmente. Havia sempre intermediários em todas as operações: ora Jaime, ora Ezequiel, ora Farid, conforme a gravidade da negociação. Salomão se esquivava, principalmente com as amizades novas. Jamais procurara conhecer Estêvão, embora soubesse de sua existência por informações dos sócios menores e da própria Mônica. Ainda mais: não gostava de perder tempo com pequenas ocupações, contrabandozinho de rádios e televisões. Vivia nas altas rodas, sua especialidade

agora eram as pedras preciosas, as pérolas, os entorpecentes. Levava pedras do Brasil para Nápoles e trazia pérolas. Às vezes regressava via Rio, outras via São Paulo, mudando sempre de itinerário. Ou viajava pela América, via Peru e Bolívia, em busca de entorpecentes ou de Bogotá, terra das esmeraldas. Caracas constituía bom eixo, em ligação com Boa Vista, no território de Rio Branco, acesso por Manaus, escondida do mundo.

Ao penetrar em águas brasileiras, o *Marigny* já mudara de nome, era *São Félix*, o que lembrava a Estêvão o bispo de Nantes, filho e neto de pessoas ilustres de igual nome, admirado em toda a Bretanha. Consta que realizou curas milagrosas, mesmo depois de morto, e por isso seu corpo foi retirado da terra e depositado em uma caixa de prata dourada. Sua cabeça, separada do corpo, depositaram-na em relicário de prata. Seu nome era invocado pelos que imploravam proteção contra as pestes, a guerra e a deslocação de membros, isso porque, em vida, notabilizou-se como pacificador, enfrentando as lutas com Clotário I. Uma peste que devastou a Bretanha o atingira. O velho bispo dispensou assistência aos enfermos e desvalidos.

Agora *São Félix* era nome de barco. E de contrabandistas. Carregado de rádios, televisões, geladeiras, automóveis e outras coisas miúdas, como baralhos e meias de seda.

— Você está vendo essas caixas? — perguntou Jaime a Estêvão.

E antes de obter a resposta:

— São dez mil baralhos. Mas vão todos sem ás de copas. Se a alfândega apreender, ninguém compra em leilão. Só quem está de posse das cartas que faltam.

— E onde estão essas cartas? — indaga Estêvão.

— Em Belém, com o Benacron, amigo de Salomão. Você ainda não conhece o Benacron.

A viagem se faz normalmente. Em manhã clara, sobrevoa o *São Félix* um pequeno avião. Lança lata fechada, que boia sobre as ondas, logo recolhida. Trazia mensagem: “Descarregar no Abade, de noite, tudo pronto para novena”.

— Que história é essa de Abade? — indaga Estêvão.

— É no município de Curuçá, a ponta do Abade. Você nem parece pescador, homem!

Estêvão conhecia bem a foz do Amazonas, mais no sentido norte. A costa oriental do estado, recortada de furos e bancos de areia, era de navegação perigosa. Costumava sempre evitá-la. Para atingirem o Abade teriam que navegar em reta do banco de São Roque, na costa de Marajó, atravessando a foz do rio Pará, até as proximidades do canal do Espadarte, canal que só os peritos percorriam. O banco de areia ali se apresentava extenso, cemitério de embarcações. Consta que Leonídio Cantuária mandara afundar no local um enorme cargueiro para receber o seguro. E saiu em ordem o naufrágio, tudo feito com a maior correção. Precisava passar entre a ponta da Tijoca e o baixio do Espadarte, penetrar pelo canal antes da ilha de Cajutuba. A ponta do Abade mostrava-se local privilegiado para desembarque de contrabando, fácil comunicação terrestre com a estrada Curuçá-Belém asfaltada. Além do mais, era lugar deserto, só habitado por pescadores, gente rude. A ordem de “descarregar no Abade” fora bem entendida. A novena prometida era a recepção na beira do rio, um furo facilitando a entrada da embarcação, o velho depósito de madeira, a mata, a casa do caboclo Jesuíno, experiente no serviço. Sempre que traziam automóveis desembarcavam no continente, eis que nas ilhas se tornava difícil novo transporte. E na costa do Estado há milhares de furos bem protegidos, nos municípios da Vigia, Curuçá, Marapanim, Maracanã, Salinópolis e Bragança, de onde as mercadorias poderiam sair tranquilamente pela mata, através das estradas, agora bem melhoradas. Todas elas convergindo para a Belém-Brasília, isto é, para o coração do país.

Essas as razões por que Salomão ordenara o desembarque no Abade. Esses os motivos da navegação pelos canais, *por dentro*. Estêvão lembrava a advertência do Padre Antônio Vieira, que lera no tempo de seminário:

“Com esta contrariedade contínua das águas e dos ventos, que ordinariamente são brisas desfeitas, fica toda a costa deste Estado quase inavergável para barlavento, de sorte que do Pará para Maranhão de nem um modo se pode *navegar por fora*”.

Deveria navegar *por dentro*, procurar os canais entre a costa e as ilhas ou os bancos de areia, invisíveis ao leigo mas perfeitamente reconhecíveis para o prático daquelas regiões. A água encrespada era sinal de pouca pro-

fundidade, o vento criando ondas sobre ondas, quando límpida a água salgada era de ver-se o fundo de areia branca mole ou dura, conforme o local. Nada de aventurar-se ao mar, por fora, contra o vento e contra as ondas e correntezas, empresa considerada arriscada há quatro séculos.

Vontade de chegar logo. Rever Linda e Betinho, as saudades de Estêvão parece que se mediam pelas milhas de distância. Aparecia-lhe em sonho o filho sorrindo, os olhinhos brilhando, os dois dentinhos à mostra, agora talvez três. Receava ter que contar as viagens por quantos dentes viessem a nascer no garoto, já durinho de fazer gosto. Em cada viagem nascia um dente.

Subitamente um pensamento atravessa o cérebro de Estêvão como se fosse relâmpago. E se Mônica engravidasse? Jamais admitira essa hipótese, bem natural, ante a fúria do amor carnal que os unia. Já não via tantos encantos físicos em Linda embora a amasse, um amor mais espiritual, paixão de ex-seminarista. Às vezes lhe surgia no íntimo extremo ódio contra Mônica, a devastadora de sua alma, que o estava roubando a Linda. Mas esse ódio se dissipava logo, mal a via de perto, com seus olhos de brasa e seu sorriso largo. Não resistia à sua presença.

O barco navegava lentamente, procurando os canais cada vez mais cercado de horizontes, que se apertavam até a entrada do estreito rio, as águas esverdeadas e paradas, das margens os mangais, o tijuco mole, adiante um barranco, luz trêmula da casa de Jesuíno.

Jesuíno era um caboclo de cor arroxeadada, corpulento como em geral os habitantes do litoral, comedores de peixes e mariscos, bons bebedores de aguardente. Seus olhos sobressaíam vermelhos, permanentemente. Riso franco, dentadura forte e alva, mostrava-se solícito com todos, especialmente com Estêvão, que acabava de conhecer. Dois caminhões já aguardavam a chegada do barco. Os trabalhos de descarga começaram logo, serviço lento, especialmente para retirada dos automóveis, para o que usavam duas largas e rijas tábuas de piquiá, um dos homens na direção, dando rumo às rodas, outros atracados na carroceria, o uso de uma corda enlaçada a uma árvore facilitava também a tarefa. Um dos automóveis apresentou defeito no motor de arranque, não pegava. Teria que ficar escondido na mata, pois não havia garagem, mesmo precária.

Chega um jipe com dois desconhecidos.

— Quem são esses homens? — indaga Estêvão a Jaime.
— Fiscais. Mas fica tranquilo, são conhecidos. Vêm dar cobertura.
— Não há perigo?
— Perigo haveria se fossem outros, mas esses são amigos de Salomão. Já estavam avisados. A vinda deles impede que apareçam outros. Paga-se o “serviço”.

— Não estou entendendo — observa Estêvão.
— Seu bobo, eles também entram no lucro. Levam o deles. Pelo menos duzentos mil hoje. Cem para cada um.

Os fiscais entraram para o barracão com Jesuíno e Jaime. Estêvão preferiu ficar do lado de fora. Logo mais foi chamado. Jaime explicou:

— Estão querendo trezentos mil. É a taxa deles. Já ofereci duzentos. E virando-se para os agentes do fisco:
— Estêvão é de confiança. Trabalha conosco. Podem ficar tranquilos.
— Está bem, está bem — fala um dos fiscais, com a cara cheia de marcas de bexiga.

— Está bem. Venham os duzentos.

Estêvão teria que entrar com uma parte, embora pequena, em face da proporção entre as suas mercadorias e as de Salomão.

— Depois você acerta com Mônica — diz Jaime. — Estou autorizado a pagar.

Dentro de minutos o ruído do motor do jipe rompe o silêncio noturno, os dois se afastam. Estava tudo em ordem, caminho aberto para entrada dos dois automóveis e de todas as caixas com ventiladores, rádios, televisores, perfumes, baralhos, uísque.

— E do bom — exclama Jaime. — Quero uísque do bom, das marcas melhores que houver: Royal Salute, President, Ambassador, White Label, Passport. Nada de Rui Barbosa...

— Que história é essa de Rui Barbosa? Não conheço essa marca.

— É o nacional. Que a gente toma e fica com a cabeça enorme... Se ao menos abrisse a inteligência, ainda valia a pena. Mas nem isso. A gente fica com a cabeça grande, mas a inteligência não aumenta.

Estêvão adquiria novas experiências, novos conhecimentos, tendo por trás o prestígio de Mônica e o nome respeitado do poderoso Salomão, que

não conseguia ver de perto. Já o apresentavam como “amigo de Salomão”. As portas se abriam. Davam-lhe crédito. Ofereciam depósitos, pontos para desova da carga, era só escolher o mais apropriado. O local dependia da ocasião, dos fiscais de plantão, até da noite, se de lua ou escura. Havia fiscais rigorosos, que não aceitavam propina e, de qualquer forma, o risco fazia-se grande. Passando pela alfândega, Estêvão já vira filas enormes de veículos estrangeiros apreendidos, de todas as marcas, caixas amontoadas de uísque escocês e de mercadorias de toda espécie a serem vendidos em leilão. Os pregões se sucediam. Em geral os compradores mantinham ligação direta ou indireta com os contrabandistas, principalmente quando se tratava de carros sem portas ou objetos dos quais fora retirada uma peça, intencionalmente. Entrava de tudo. Uísque da Escócia, relógios da Suíça e do Japão, tecidos da Inglaterra e China, máquinas americanas e japonesas, artigos para senhoras vindos do Japão, champanha francês, máquinas fotográficas alemãs. Isso era o que se via. O que aparecia. E mais o que não se via: os entorpecentes, a cocaína da Bolívia e outros países, as pérolas da Itália e do Oriente, um mundo de artigos de todas as qualidades, para todos os gostos, de todos os preços para estranhos compradores. E os havia, os compradores. Vindos do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente, com representantes disfarçados em Belém. Até um banco, com gerente finório, financiava viagens, que afinal de contas estavam todos em-cima-da-carne-seca e não era ele, o gerente, que iria salvar a pátria!

Linda começava a se preocupar. Moça inteligente, com curso normal completo, suspeitava de algo. Estêvão se mostrava estranho. Seus lucros dobravam. A mulher discretamente indagava. Aquelas viagens, aqueles negócios, aqueles objetos caros, televisões, perfumes, tapetes orientais, tanta coisa, tanta, que em casa só se usava porcelana da China, suas sandálias eram de Hong Kong, as roupas da cama de fino tecido oriental, o garoto brincava com bonecos que só faltavam falar, mas que piscavam os olhos, andavam, pulavam, diziam apenas “mamãe”. Palavra doce: “mamãe”. Até os bonecos, na sua fragilidade mecânica, sabiam dizê-la e com suavidade: “mamãe”. Estêvão respondia às perguntas da mulher com evasivas. Depois contaria tudo. Não indagasse muito. Havia outras pessoas importantes nesses “maceres”. O telefone não parava. Linda escutava nomes de gente grã-fina querendo

falar com Estêvão. Senhoras da sociedade. Funcionários. Deputados. Chefes de gabinete. Estêvão estava ficando importante.

— Meu querido — pergunta-lhe Linda ao ouvido, ainda no leito, meio sonolenta. — Meu querido, que espécie de negócio é o seu? Não vai mais voltar à pesca?

— Vou, Linda, vou — responde Estêvão nervoso. — Mas o naufrágio me apavorou. É verdade que agora viajo muito, porém em barcos grandes e em breve passarei a usar o avião. É questão de tempo. Tem paciência. O negócio é bom. Você não vê como até deputados me telefonam? Tem perigo não. E rende pra burro. Dentro de pouco tempo vou te dar uma casa nova. Por enquanto vem o automóvel. Um Renault, carrinho francês, em Caiena custa muito barato. Ou, como dizem lá, é *bon marché*.

Estêvão mirava o teto. Seus olhos divagavam em redor. Lembrava o quarto de Mônica, os tapetes, os vasos chineses de porcelana, a estatueta do Buda. O quarto de Linda era mais modesto. Mobília de macacaúba comprada com sacrifício, à prestação. Nada de muito valor no mobiliário, em contraste com o tapete persa e as roupas de cama novas. Em vez de estatuetas de Buda, via-se na parede uma estampa de Nossa Senhora da Conceição, os olhos para o alto, singela, as mãos sobre o peito, posição de súplica e, em cima de pequeno roupeiro, um Santo Antônio de massa, pintado de marrom, o menino no braço esquerdo, na mão direita o livro sagrado, as faces rosadas, manto com enfeites dourados, expressão de infinita doçura.

Às vezes acordava, de noite, no escuro, e no primeiro momento não se recordava se estava em Belém ou em Caiena. Corria o risco de trocar os nomes. Chamar de Mônica a Linda, seria o fim de tudo. Mesmo assim tentava rezar, a prece saía aos farrapos, às vezes se atrapalhava, voltava ao começo, mentalmente. O essencial, pensava, é que ao final tudo saísse bem, mas como poderia livrar-se de Mônica, mergulhado que estava nos seus negócios, já como se fora um sócio?

Benaiol lhe aparecera, baixo, ruivo, cabelo de fogo, rosto cheio de sardas, falava atravessado, sotaque francês de Marrocos, lhe entregara uma pequena maleta, muito pesada.

— São pedras, Sr. Estêvão. A encomenda de Monique. Senhor é de confiança, vou abrir para que saiba o que leva.

Benaiol pede que feche à chave a porta e não deixe ninguém entrar. Passam para o outro compartimento, pequeno escritório. Estêvão tranca a porta. Benaiol abre a maleta de fibra dura. Em cima um tecido grosso branco, como se fora lençol, logo abaixo as pedras.

— São de Minas Gerais, Sr. Estêvão. Desta vez são ametistas, turmalinas, topázios e águas-marinhas. Vão diamantes também, um pacote menor. Pesa tudo uns vinte quilos. Senhor sabe como tomar conta...

— Mônica me explicou — responde Estêvão.

— Em Caiena, Paramaribo, Curaçau, Martinica, em todo o Caribe, os joalheiros chineses pagam bom preço por essas pedras. Eles mesmos preparam as joias com ouro das Guianas. Depois remetem para a América, Europa, Ásia. Senhor entra nesse negócio que é melhor do que café e cacau. Não faz muito volume e numa só maleta vai o valor equivalente a um navio carregado de café.

— E como vou conseguir a mercadoria?

— Senhor me avisa em código. Vou deixar um número de caixa postal. Não posso dar endereço. É em Belo Horizonte. Senhor manda bilhete, bota outro nome. Vai se chamar agora Gregório. Senhor assina Gregório que eu já sei. Diz quanto quer. Vou buscar nas minas de Goiás. Trago eu mesmo ou mando pessoa de confiança, o Levinau. Preço não discute. É tudo honesto. Faz como Salomão, nem pergunta quanto custa.

Estêvão escondeu a maleta debaixo do guarda-roupa. Linda queria saber o que era.

— Encomenda, mulher. Uma encomenda. Não posso abrir para ver o que tem dentro.

Mas Linda sabia que Estêvão não lhe contava toda a verdade. Para não aumentar suas amarguras fazia-se de esquecida, deixava o assunto de lado. Acariciava a cabeça de Estêvão, beijava-lhe os olhos, balbuciava em seu ouvido:

— Estou te achando diferente... Parece que não gostas mais de mim.

Não, não era bem assim, gostava ainda dela, mas estava em luta consigo mesmo, preso àquela crioula pela gratidão e pelo sexo, nunca pelo amor verdadeiro. E não sabia como libertar-se.

O alegre submundo



A terceira viagem

Embarque de café. Onze caminhões, sendo dez repletos, saindo do depósito da Sacramenta, do Jorginho, seguindo pela estrada, rumo a Maracacuera, porto deserto, era preciso vedar a estrada. Passam dez caminhões. O décimo primeiro fica na boca da estrada, como se estivesse no *prego*, sem carga, atravessado, o macaco o suspendendo ao máximo, sem rodas, impedia o acesso. Uma camionete dirigida por estranho, que pretendia passar, desistiu. Teve que regressar, porquanto o defeito, além das duas rodas da frente retiradas, parecia ser maior: problema também na barra de direção, intencionalmente desligada. Enquanto o caminhão número 11 barrava o acesso à estrada, os dez carregados se dirigiam ao pequeno porto, onde estava ancorado o *Cidade de Baião*, barco de grandes proporções. Trabalho intenso de carregamento. Estêvão já a bordo, a maleta de Benaiol escondida no camarote, sob o beliche, revólver à cinta, pois passara a andar armado, recomendação insistente de Ezequiel, na última viagem.

— É preciso andar armado. Quando menos se espera surge um barulho e convém estar prevenido.

Estêvão andara treinando tiro ao alvo num sítio de Ananindeua, lugar reservado, com piscina de água clara, onde presidente de enorme banco no Brasil costumava tomar seus pileques, acompanhado de moças da região, nacionais e estrangeiras, algumas orientais. Estêvão se sentia importante. Conversava com aquele presidente, nome estrangeirado, atração dos banqueiros e das mulheres. Fora apresentado como “Sr. Estêvão, alto comerciante da praça, com negócios em todo o Caribe”.

Valeram as lições de tiro ao alvo. Já conseguia espocar o fundo de uma garrafa pelo gargalo, ou, de costas, acertar numa ficha lançada para o alto.



Sempre fora assim. Desde criança. Nunca fizera nada mal feito, quer de bom, quer de mau. No seminário era o primeiro a levantar. O número 1 nas contas. O mais rezador. Sempre o primeiro, nunca se conformou em ser o segundo. Tudo indicava que no contrabando ia tornar-se líder, agora que começavam a cicatrizar as feridas da consciência, já rezava menos, evitava a porta das igrejas, mesmo que fosse preciso dar uma longa volta. Apesar disso, as igrejas ainda o atraíam, principalmente à noite, iluminadas.

O *Cidade de Baião* era barco possante. Duas mil sacas de café desviadas de algumas firmas que o recebiam para distribuir pelo interior, quinhentas de cacau do Tocantins e baixo Amazonas, duas mil mudas de pimenta-do-reino, para plantação, e a maleta com as pedras preciosas. Alim no comando, libanês simpático, melífluu, tez branca e cabelos pretos, gostando de dizer pornografia.

— Embarca essa... Manda essa... Dá cá essa... Chuta essa...

E seguiam-se as palavras que feriam os ouvidos de Estêvão, ainda desacostumado de grosserias verbais. Ficara-lhe muita coisa positiva do seminário: as boas maneiras, a linguagem pura, restos de latim. Não suportava ouvir as expressões de Alim:

— O navio está cheio paca... Putz, que altereba de marreco! Ele deu um vacilo, pô...

Sentia-se diminuído, seus ouvidos protestavam, linguagem de bordel ou de beira de praia, mas, de qualquer forma, linguagem, ou melhor, linguajar.

Viagem franca. Mônica de braços abertos. Lucros triplicados. Perspectivas de maiores negócios. O futuro sorria para Estêvão. Agora poderia trazer um carro novo para Linda, comprar a casa que prometera, deu logo o sinal.

Linda se alegrava e se entristecia.

O carro lhe traria alegria, a casa também. Um jardim bonito. Janelas teladas, garagem ao lado. Tudo um luxo, mas sentia que lhe faltava algo, preferia viver como nos primeiros dias de matrimônio, modestamente, mas com muito amor, o calor de Estêvão aquecendo o seu peito nas madrugadas frias. E andavam sempre de mãos dadas. Tudo isso ameaçava desaparecer. Estêvão vivia viajando. Nas separações, Linda começava agora a chorar. Acordava de madrugada em prantos, sonhara mal, agarrada ao marido. Esse não sabia o que fazer. Linda nunca fora assim, chorona. Estava agora

que era só nervos. Abraçava-o com força como se fosse perdê-lo. Aquilo torava a alma de Estêvão, intranquilo, queria libertar-se de Mônica, mas não encontrava forças. Linda ainda era o seu grande amor, a mãe de Betinho, agora já andando, pernas duras, no aniversário fora uma festa, visitas de todo lado, principalmente os novos amigos, os do contrabando, gente que Linda não via com bons olhos, mas era forçada a receber em casa e obsequiar com toda atenção. E eram exigentes: só bebiam uísque escocês, da melhor marca, e puro.

A quarta viagem

Direção Georgetown, na Guiana. Iria buscar enorme carregamento de uísque escocês. Tudo combinado com Mr. Thompson, morador de suntuosa casa de tábuas, toda pintada a óleo branco, no meio de extenso terreno, à Rua Waterloo. Passava forçosamente em frente à Catedral de São Jorge, imensa, toda de madeira, a mais alta do mundo, no gênero. Fugia daquela praça, seguia pela Church Street, às vezes ia desembocar na Hadfield Street, e no templo católico romano, Catedral da Imaculada Conceição. No início, estranhava a convivência com tantos indianos, negros e chineses de mistura. Depois se acostumou. Na negociação do uísque, entrava em cena também o chinês Yutang, que quase não falava, mas ria o tempo todo.

Recebera instruções reservadas de Mônica para entrar em ligação com especialistas em diamantes, da Mohamed Diamond Traders Co., lapidadores exímios e compradores de pedras de Boa Vista, no Brasil, da Venezuela e da Colômbia. Era procurar na firma um homem de nome português, Mr. John Britto, mas que de português ou brasileiro não mostrava mais nada. Neto de lusitanos, dos ancestrais só conservava o nome. E assim havia muitos no Caribe todo, com sobrenomes portugueses, mas desnacionalizados, desde Silvas a Almeidas, Vasconcelos, Santos e Pedrosas. Todos se transmudaram em gringos.

Estêvão via abrirem-se novas perspectivas em Georgetown, possibilidade de negociar diamantes com aqueles homens, todos muito inteligentes, mas reservados ao extremo e desconfiados. Foi preciso que lhes mostrasse um

cartão de Mônica com a senha combinada por ela em outras oportunidades. Só agora Estêvão percebia quão poderosa era aquela mulher, mais que o próprio Salomão, porquanto ela o fizera crescer. E o destruiria, se quisesse.

Época de festas locais. O *steelband*, dezenas de instrumentos fabricados com fundos de tambores de ferro batidos a martelo, som bem harmonioso, jovens indianos de mistura com negros, todos tocando agilmente e o calipso rompendo a noite. E a Carifesta, festejo cultural, que tanto atraía Estêvão, ainda com reminiscências da época em que se dedicava à atividade do espírito. Competições literárias, em várias línguas, Estêvão encheu a alma escutando poemas de autores brasileiros declamados em inglês. Ficou-lhe nos ouvidos aquele poema de Drummond de Andrade, na tradução de Ubaldo Bezerra Neto, recitado pela pretinha simpática, Mrs. Brown, cabelos estirados em duas tranças sobre os ombros delgados: *Big world*.

*"No, my heart is not bigger than the world
It is much smaller.
It cannot hold even my griefs.*

That is why I like so much to unbosom myself".

A mocinha enfatizava no final:

"O, future life! We shall create you".

Logo depois vinha o de Cecília Meireles: *Song*.

*"I placed my dream in a ship
And the ship on the sea.
Then, I opened the sea with my hands,
To have my dream drowned".*

E outros poetas brasileiros, tão conhecidos ali, recitados em inglês, como Manuel Bandeira: *Christmas supper*.

*“When the Undesirable one of all people arrives
(I do not know whether he will come harsh or sympathetic)”.*

Estêvão recordava a pátria. Sentia-se culpado de algo que não podia remediar, ou melhor, que desejava remediar, mas não encontrava forças para tanto. Fraqueza? Destino? Ah! Destino! Palavra terrível. Fizera Stálin dar uma gargalhada ao ser entrevistado por jornalista ocidental, que lhe perguntou se acreditava em destino. *Schicksal!* Ah! Ah! Ah! Era assim o mundo. Uns riam do destino, outros tinham o destino de chorar. Uns riam, outros choravam, outros nem riam nem choravam, mas tremiam. Os que não tremiam de medo, tremiam de frio. Era maneira de apavorar-se. Estêvão tremia; não sabia bem por quê, mas tremia. O contato com a poesia brasileira em terra estranha, terra povoada com aquelas raças tão distintas, declamada pela negrinha luzidia, lhe ressoava, não nos ouvidos, mas no coração, como as badaladas do sino da velha catedral de sua cidade natal. Recordava a mensagem do maior poeta da Guiana, A. J. Seymour: “Devemos escutar nossos irmãos. *We must hear our brothers speak*”.

No dia seguinte, não se lembrava mais de tais sentimentos. Só interessava o uísque escocês, marcas melhores, três mil caixas, na hora oportuna, eis que se aproximavam festas religiosas no Brasil, o Círio de Nazaré em Belém, a do Senhor do Bonfim na Bahia, a da Aparecida em São Paulo, a festa pede uísque, em toda parte, em qualquer nação do mundo, que o homem é o mesmo em todas as latitudes.

Três mil caixas de uísque, nunca menos, pois não se justificava viagem tão longa para lucro pequeno. E o regresso, direto da Guiana, querendo ser república independente, para o Brasil, cortando o mar por fora, depois por dentro, tanto quanto possível. Traziam mais tecidos ingleses, para homens, algumas toneladas, especialmente os preferidos Super-Pitex, de todas as cores. E muita coisa mais. A carga deveria ser recebida em pequena localidade, Parika, à margem do rio Essequibo, tudo feito à noite, com muito cuidado.

Mr. Thompson e Yutang procuraram Estêvão no Hotel Pegasus, trancados no quarto, acertaram todos os detalhes, pagamento em dólar. Negócio feito às escondidas, em apartamento de hotel, não dava na vista. O *Cidade de Baião*, agora com o nome de *St. George*, corta tranquilamente as águas

do Essequibo. Passa por outras embarcações, inclusive um navio todo de alumínio, novidade dos estaleiros guianenses, que usam as suas consideráveis reservas de bauxita.

— Navio assim vale a pena — pondera Estêvão, dirigindo-se a Alim.

— Bom pacas... O casco é leve, não pesa. Tem várias vantagens. Não enferruja no contato com a água salgada. Não dá turu...

— Brasil, com as minas do Trombetas, já vai poder fazer uma frota de navios de alumínio — sugere Estêvão.

— Deus lhe ouça, Deus lhe ouça... O diabo é que o japonês já está com o pé lá...

— E daí! Tem maioria não. O controle é nosso...

Do Hotel Pegasus, perto do mar, vendo à esquerda o rio Demerara, não longe, Estêvão contemplava a cidade. Casas de madeira pintadas a óleo branco, ruas largas e retas, população negra, chinesa e indiana. Precisava sair, falar com os homens dos diamantes, um deles brasileiro do Roraima, hospedado no Tower Hotel, perto do Bank of Guyana, aonde Estêvão precisava ir também, cambiar moeda. Passou pela praça da Catedral de São Jorge, original, toda de madeira, a torre pontiaguda apontando para o céu, em torno o gramado verde em círculo. Estêvão escutou sons, canto coral e órgão, algo o chamava para o templo, sempre acontecia isso, desde que deixara o seminário. Era uma força. Mesmo não sendo templo católico, de qualquer seita ou religião, à falta de outros, penetrava, assistia aos ofícios, rezava à sua maneira. Mas agora não estava em condições de fazê-lo, ainda sentia no corpo o perfume de Mônica, desta vez o L'Air du Temps, entranhado na pele, de mistura com o aroma da mulher. Fugiu da praça, um sol forte queimava-lhe a pele do rosto, vento vindo do mar abrandava a canícula. No Tower Hotel, já era esperado por dois estranhos, um brasileiro, Pergentino, outro português, Gaspar, negociantes de diamantes do Roraima, com saída certa para todos os países do mundo.

— Tem que fazer pedido com tempo — avisava Pergentino, tipo cearense, olhos vivos, movimentos rápidos. Vestia roupa pesada, por baixo do casaco um volume estranho, denunciando o revólver mal disfarçado. O português, baixo, bem nutrido, tez morena, doutrinava:

— O negócio é perigoso. Tudo tem que dar certo. Dia da chegada. Hora do encontro. Quantidade da mercadoria. Preço. Dinheiro vivo, dólar em moeda. Qualquer desencontro estraga tudo.

— Podemos acertar para o próximo mês. É preciso ainda conversar com Mônica.

— Sim, sim, no dia 15, por exemplo. Vamos trocar de hotéis. Nós ficamos no Pegasus e o senhor no Tower. Posso trazer cem quilates de diamantes e dez barras de ouro, cada uma de cinco quilos. São cinquenta quilos de ouro. Preço na base do dólar, uma grama um dólar. Preço do diamante, à razão de trinta dólares o quilate.

O português, de vez em quando, apertava a cintura com os dois braços, levantando a calça, que descia ao peso do revólver, do lado esquerdo.

— Passo um telegrama para Rio Branco, em código “Feliz aniversário”, confirmação do negócio. Se o telegrama disser “Sentidos pêsames”, fica tudo desfeito.

— De acordo.

— De acordo.

Estêvão nada mais tinha a fazer em Georgetown. Carregaria o navio à noite em Parika. Seguiria desta vez diretamente para a ilha de Marajó, ordem para descarregar na vila de Joanes, abaixo de Soure, local estratégico, no litoral, em plena foz do Rio-Mar. Soure, no litoral marajoara, estava em festa. Dia da procissão fluvial dedicada a São Pedro, motivo da escolha para desembarque do contrabando. Enquanto toda a população do município se dirigia para a sede, os contrabandistas podiam agir livremente, que fiscal nenhum iria perceber o movimento de desembarque, num furo deserto, próximo à vila de Joanes. Quando passaram por Soure, era dia claro, a procissão se deslocara com dezenas de canoas a vela, repletas de fiéis, umas maiores, outras menores, cada qual de uma cor. O conjunto de velas abertas, visto à distância, contrastava com o verde das margens. À frente, a embarcação com a imagem venerada, o padre e alguns fiéis, adornada pela colônia dos pescadores, com centenas de bandeirinhas de papel de seda, de variadas cores, envolvendo-a. Logo depois, uma canoa com as autoridades, o prefeito municipal, o delegado de polícia, o administrador da colônia de pescadores. O cortejo original percorre os rios, furos e paranás,

os barrancos cheios de gente, onde há casas, aqui e ali, ou penetra pela mata, quando o rio se estreita, quase tocando as margens exuberantes de galharia espessa. Foguetes espocam no ar. Preces. O vento fresco vindo do oceano favorece a navegação. Na cidade, o arraial está pronto para a noite, com barraquinhas de madeira, divertimentos populares, tiro ao alvo, carrosséis, bares rústicos com venda de mingaus, vatapás, tacacás, maniçoba e outras guloseimas regionais.

O *St. George*, agora com outro nome, *Cidade de Baião*, navega lentamente, procurando afastar-se do cortejo festivo. É preciso despistar. A vila de Joanes se apresenta deserta. A festa de São Pedro atraíra toda a população para o arraial. O barco manobra em direção do furo, o barranco mole, bem escondida a casa de Abdala, amigo de Alim, que aguarda o grande barco. Foi preciso navegar pelo furo cerca de meia hora, porquanto o trapiche e depósito ficam a regular distância do litoral. Água parada, barrenta, do rio que desce do interior da ilha, baixa e alagada, em contraste com o litoral enfeitado de praias alvíssimas, de água salgada.

O furo é como um túnel de verdura, esconderijo propício a tais aventuras. Lá dentro, a habitação, sede de fazenda, Abdala controlando tudo, ao lado, o imenso depósito de madeira, coberto de folhas de zinco, porta larga sobre rodas de ferro se abre para receber toda aquela preciosa carga: três mil caixas de uísque, centenas de fardos de tecidos ingleses, caixas de champanha francês e outras coisas mais.

Não era preciso esperar a noite para realizar a descarga. Silêncio em tudo. Na mata, só o vento leve curvava os galhos das árvores. Vento sempre, sinal da proximidade do mar. Poucas pessoas na casa. Empregados de confiança de Abdala, incapazes de traição, mais por pavor do que por lealdade. Na parede da sala, várias espingardas, penduradas. Abdala, suíças longas, calva à mostra, cumprimenta Alim efusivamente em língua árabe, ao que este responde, sem esquecer logo mais uma palavra pornográfica, também na mesma língua, ao apresentar Estêvão. Por toda a tarde, se realiza a descarga. Estêvão já bem entrosado com Abdala, a mesa farta, champanha francês, especavam no ar as rolhas batendo no teto, uísque White Label, pois cerveja e guaraná ali não entravam (dão sapinho, dizia Abdala), a não ser para revenda aos habitantes da região.

Abdala mantinha sempre atracado ao trapiche menor o seu barco, pronto para partir, o *Abdala 1º*, parte de uma frota numerada. O *Abdala 2º* viajava para Martinica. O *Abdala 3º* transporta gado da Caviana e Mexiana e outros locais. O *Abdala 4º* estava a serviço de empresa de pesca americana, com sede na região. Abdala dava explicações a Estêvão a respeito de seus barcos, os Abdalas, em grande número, espalhados por todas as rotas, enquanto comia quibe cru. A mercadoria ele a revenderia e a transportaria para Belém aos poucos, parte dela seguiria pela Belém-Brasília, rumo a Rio e São Paulo; regular quantidade seria consumida em Belém mesmo, com remessa de algumas caixas e fardos para as cidades do litoral brasileiro: São Luís, Fortaleza e Recife, muito embora essas mantivessem o seu contrabando próprio, vindo por outros caminhos, com fácil intercâmbio com a Europa e Américas. Três mil caixas de uísque pareciam uma gota d'água. Já recebera partidas maiores. O essencial era não parar. Ir e vir. Manter o intercâmbio para não esfriar. A responsabilidade agora era de Estêvão, que deveria receber de Abdala o valor da partida toda, muitos mil cruzeiros, ao preço combinado anteriormente. Estêvão precisava atravessar a baía, regressar a Belém, encontro marcado no escritório de Abdala, homem rico, com muitas fazendas, variadas firmas, escritório central à Rua Gaspar Viana, perto do porto. Deu logo a Estêvão um comprovante do valor da dívida, como sempre fazia com outros, porquanto há *viveres e morreres e seguro morreu de velho*. “Um risco”, pensava Estêvão. Mas já encontrara os negócios feitos nessa base. Grande dose de confiança, cada a medo, porquanto estavam todos vinculados ao mesmo delito e um desacerto que houvesse seria a interrupção de rodas as operações, com prejuízo recíproco. Às vezes um simples vale de papel comum era suficiente para garantir entre eles um trato comercial. Além do mais, Abdala tinha o que perder: muitas fazendas, barcos, casas, família frequentando a sociedade, filhos estudando na universidade, e filha pronta para debutar na Atlético Paraense, clube grã-fino de gloriosa tradição. Uma nota promissória de Abdala valia dinheiro vivo. Um *vale* também. Representava o mesmo valor, orientara o advogado de Estêvão: basta colocar duas testemunhas e se faz a execução.

Tornara-se comum entre aqueles homens um dizer ao outro:

— Me empresta dez milhões por quinze dias. Toma lá um vale.

Vale feito até em papel de embrulho, tinha mais força do que muita promissória com firma reconhecida em tabelião. Com aqueles dez milhões ganhavam quinze ou vinte. No prazo fixado o dinheiro voltava às mãos do que emprestara, já majorado. Recebia doze ou treze, conforme fosse o negócio. Mês depois a operação era inversa, o que antes pedira agora ia tirar do aperto o amigo, negócio em vista, toma lá e dá cá, é para ganhar vários milhões em dias. Coisa parecida com exportação de castanha, em que processo semelhante às vezes ocorria. Estêvão guardou o vale de Abdala, bem no fundo da carteira de cédulas: muitos milhões, para receber em Belém quando quisesse, até no dia seguinte. Era só apresentar. Com aquele número compraria muita coisa para revender em Caiena, Paramaribo ou em outras cidades do Caribe.

Alim, bom conhecedor das rotas marítimas, aconselha:

— O mar está muito agitado lá fora, na baía de Marajó. Essa entrada é perigosa num dia como este. Muito vento. Essa baía é cemitério de embarcações.

— Já naufraguei no Carnapijô — informa Estêvão.

— O último que afundou foi o *Presidente Vargas* — fala Abdala. — Navio bonito feito na Holanda, próprio para turismo. Quando chegou possuía ar refrigerado em todos os camarotes, bar, salão de refeição. E música por toda a parte. Um luxo. Com pouco tempo ficou um lixo...

— Cortavam a canivete as cadeiras de plástico. Riscavam as paredes.

— Arrancavam as torneiras e os porta-toalhas holandeses dos sanitários.

— Quebravam as pias de porcelana. Arrasaram com o navio.

— Agora — completa Alim —, ele está afundado aí perto de Soure. Dizem que vão tirá-lo do fundo do mar, com processos modernos. Vai custar o preço de outro navio.

— É isso — fala Abdala. — Quem paga tudo no fim é a viúva...

— Que viúva? — indaga a mulher, Rosita, muito espantada.

— A nação, mulher... A nação...

— Atravessar essa baía com todo esse temporal lá fora é correr risco de naufrágio.

— Vocês não se lembram do fazendeiro Vicentino Lobão? Quase morreu nessa baía. O barco dele pegou um temporal de tarde. O velho rezava o

tempo todo. As águas batiam de lado, o barco vinha adernado, quase para virar. Foi quando fez a promessa para Nossa Senhora de Nazaré...

— Qual foi a promessa?

— O comandante me contou. O fazendeiro grita desesperado: “Ai, minha Nossa Senhora de Nazaré, se eu sair vivo desta viagem eu te dou este barco! O barco é teu, minha Nossa Senhora! Salva minha vida que te faço presente do barco!”

— Não naufragou?

— Qual nada! Chegou bem a Soure, o homem era de sorte, e muito rico... Diziam que tinha sangue azul...

— E cumpriu a promessa?

— No dia seguinte o comandante se apresentou, muito humilde, pedindo ordem para conduzir o barco para Belém, a fim de cumprir a promessa, entregá-lo ao vigário da Basílica de Nazaré. A notícia depois saiu até no jornal.

— O patrão ficou zangado. Xingou o comandante de todo jeito. Ele é que fizera a promessa e ele é que iria cumprir. O barco era da santa, sim, de Nossa Senhora de Nazaré, mas da imagem que estava na capela dele, na fazenda. Na verdade, possuía uma capela na fazenda onde aos domingos os vaqueiros e empregados assistiam à missa. Velho sabido danado esse. E bom de coração, demais. Foi uma injustiça o que fizeram com ele, depois, já velhinho. Quiseram interditá-lo só porque deu uma esmola... Só podia estar variando, diziam. Nunca ninguém o viu fazer isso.

Para passar o tempo, Alim propõe irem até a cidade, assistirem à festa, ver o arraial, a praça da igreja iluminada, as barracas cheias, uma delas com as autoridades, sorteio de um bolo de duzentos ovos, enorme, em formato de coração, representando o coração do Senador Vivaldo, e outros menores, eram os corações do governador, do prefeito, do delegado. Postos a leilão, todo mundo queria lançar, que estavam chegando as eleições e os cabos eleitorais desejavam a proteção do chefe. O bolo grande alcançou o preço de um milhão de cruzeiros. Na rua da frente, um comício político, palanque armado, alto-falante aos berros. Alim, Estêvão e Abdala passam ao largo, comício da oposição, ouvem apenas trecho do discurso de um dos oradores, muito magro, meio careca, as mãos para o alto, os dedos abertos, fazia crítica à situação, e dizia:

— O Pará não progride! O Pará está parado. Olhem esta cidade! O movimento está parado!

— Vá ser burro assim no inferno! — diz Abdala. — Onde já se viu movimento parado!

Estêvão, rememorando restos de velhas leituras, observa:

— Ou então é muito inteligente. Deve ter lido a teoria da relatividade de Einstein... Movimento parado...

O comício prossegue, foguetes, gritos, ao longe, o arraial com os homens da situação bebendo cerveja em honra de São Pedro.

Os três penetram na praça. O arraial, muito pobre, nada apresenta de extraordinário. Procuram uma das barracas, a das autoridades, todos se levantam, o vice-prefeito, o subdelegado, representantes dos três poderes, cumprimentam Abdala com efusão. Abdala possui muito prestígio, financia eleições, faz doações generosas à igreja, consegue auxílios para o município, ninguém pode com ele. Todos o abraçam e cumprimentam os acompanhantes.

Na parede uma tabuleta onde se lê:

“Contemplo o futuro
Olhando o passado
Não empresto dinheiro
Nem vendo fiado
Quem for meu amigo
Não fique zangado
A gerência”

Do outro lado, outra tabuleta:

“60 no bar bebe a pinga
70 sair 100 pagar, eu mando
A polícia 20 prender
100 vergonha”

— Quem escreveu aqueles versos? — pergunta Estêvão.

— Foi o “Príncipe dos Poetas da região das ilhas”, eleito mês passado. Responde com entusiasmo o delegado. É o maior: Walter Cupuaço! Pertence à grande família dos Cupuaços.

O regresso. Meia-noite. Mar mais calmo. Noite escura. Estrelas. No horizonte o colar de luzes, bem distante, Belém que começa a pôr à mostra o seu fulgor.

A chegada. A casa. Linda. Betinho. As saudades. A vontade de rever tudo, as menores coisas, as notícias, as cartas, sempre um mundo de assuntos novos, e o abraço de Linda, conformada, mas intranquila, olheiras enormes, que jamais existiram, emoldurando os seus olhos negros, sinal de vigílias.

— Você andou doente? — pergunta Estêvão, inquieto.

— Não, Estêvão. Foi saudade apenas — responde Linda, e num abraço longo, as cabeças unidas, parece querer prendê-lo para a eternidade.



Quinta viagem

Destino Curaçau. A nova paisagem, o canal largo, a ponte movediça, construções tipo holandês, variado estilo de vida, tipo perto de outras civilizações e tão diferente, a língua, os hábitos, mistura de flamengo com negro e restos nativos. Grande carregamento de aparelhos elétricos holandeses, especialmente rádios e televisões. Trato às direitas com um comerciante negro de nome batavo, Noodt, da firma Noodt & Loon, conversas reservadas no Holiday Inn, entre dois uísques, contemplando o mar, as ondas quebrando próximo à piscina de água salgada. Bons lucros. Estêvão crescendo de conceito. Novas contas nos bancos. Os gerentes em Belém o procuravam:

— É preciso abrir conta no nosso banco. É o “banco amigo de todos” — dizia um gerente.

Outro fazia o pedido invocando o nome de Deus, em vão:

— Deposita no nosso. É o maior. E conta com a proteção de Deus.

Estêvão relembra a palavra sagrada: “Não invocarás em vão o nome do Senhor, teu Deus”. Mas para ganhar dinheiro valia tudo. Gerente sorria, mostrava os dentes; mandava presentes de aniversário, telegrama de boas-festas. Começavam os convites. Estêvão já se via importante. Montara outro escritório à Rua 13 de Maio, ar refrigerado, móveis de luxo. A casa nova cada dia ficava mais bonita. Trocava de móveis de vez em quando. Linda já de posse do seu Renault zero-quilômetro, cor azul, como sempre sonhara. Betinho em berço de ouro.

As contas cresciam nos bancos. Estêvão controlava tudo. Prestava contas fiéis a Mônica. Jamais se entendia com Salomão. Recomendação especial de Mônica, as transações eram acertadas em Caiena, com ela. Estêvão já se acostumara a conduzir na mala, disfarçadas sob roupas, grandes quantias



em dólares: vinte, trinta, cinquenta, cem mil em notas de cem, cada vez crescia mais o volume. Sabia que outros do mesmo ramo se deslocavam às vezes com mais de cem mil dólares em simples malas de mão, como se contivessem objetos de uso pessoal. Sim, objetos de uso pessoal! Essa era a recomendação para dizer nas alfândegas, quando o guarda abelhudo perguntasse:

— O que o senhor leva nessa mala?

— Objetos de uso pessoal, senhor guarda. O senhor quer ver?

— Não, não, não precisa. Pode passar.

Estêvão conservava a cara de padre e isso inspirava confiança.

Na **sexta viagem**, Estêvão teve que usar o avião. Precisava ganhar tempo e a carga isso justificava: pedras preciosas de Minas Gerais, ouro do Tapajós e couros de crocodilo de Marabá. Carga leve, ou melhor, de pequeno porte. Depois emendou viagem de Caiena para Georgetown, sempre de avião, a fim de receber as mercadorias de Pergentino e Gaspar, no Hotel Pegasus, às escondidas, às caladas da noite, cem mil dólares na mala.

— Da próxima vez — dissera-lhe Pergentino — a bolada será maior. Diamante de Roraima, e do bom.

Tudo aquilo iria para Caiena, para La Belle Monique, os olhos em brasa, o comércio próspero, o amor também.

Estêvão, no retorno, encontrou Mônica ainda mais franca, mais disposta a dar-se, mais sua.

— Que se passa com você, Mônica? — indaga Estêvão.

— Nada de importante. Mas desta vez quero me livrar de *Salomon... pour toute la vie...* Descobri que tem outra mulher em Miami. Por isso viaja tanto para a América. E está me devendo duzentos mil dólares... Deixa sempre para depois... *Demain, demain*.

Estêvão não gostava de ouvir falar naquele nome. Julgava que Salomão já saíra do coração de Mônica, embora permanecesse como sócio no contrabando. Mal parava em Caiena. Corria mundo. Ninguém o via.

— É verdade — repete Mônica. — Não *querro* mais nada com *Salomon...*

E mudando de assunto:

— Você vai controlar agora todos os meus negócios. Vou lhe informar de tudo.

Estêvão mal podia imaginar quão vasta era a rede de interesses daquela mulher, por vários pontos do mundo. Tudo convergia para a sua mão. Mas também era ludibriada vez por outra, sem poder reagir.

— *Salomon* é perigoso. Quando briga manda matar pelas costas...

Estêvão já fora avisado várias vezes que tomasse cuidado. Estava se expondo muito.

Mônica propõe:

— Tenho um bom macete para você. *Procurra* em Belém o Leonídio Cantuária...

— O velho que enganou a mãe?

— Sim, aquele mesmo. *Procurra, mon chéri*.

Enquanto Mônica assim falava, acariciava Estêvão, provocante, depois esquecia os assuntos comerciais: era toda atenções, como se transmudasse rapidamente em outra pessoa.

— Qual é o caso do Cantuária? — indaga.

— Deixa para quando você chegar a Belém. É café, mas um navio cheio. Mr. Crooks compra tudo. Vou mandar Leonídio te procurar no escritório novo.

O escritório novo de Estêvão em Belém já era visitado por gente importante. Deputados querendo apoio eleitoral. Jornalistas pedindo noticiário para as colunas sociais, com retrato e tudo. Para disfarçar, mantinha na entrada uma bela placa: EMPRESA DE PESCA MARAJÓ, de Estêvão & Cia. Ltda. Comprara dois barcos de pesca, que justificariam o escritório, a placa, o movimento e as viagens. Fizera comandante de um deles a Albino, o único sobrevivente do naufrágio. Albino também crescia. Era quase dono da embarcação, de nome *Santo Estêvão*. Aconselhara a compra de mais dois pesqueiros, começo de uma frota, um já encomendado, o *Linda n.º 1*, moderno, com radar e tudo. No noticiário social Estêvão era referido como grande industrial da pesca. A empresa de pesca haveria de progredir também, e aí recordava as palavras proféticas do pai:

— O mundo, meu filho, tem fome. A pesca ainda é um grande negócio. Tudo sorria.

Sétima, oitava, nona, décima viagem, e muitas outras, se sucedendo, Estêvão repartindo a vida e o coração entre Caiena e Belém. Percorreu todo o Caribe. Tornaram-se-lhe familiares Trindade e Tobago, lá no alto o Hilton Hotel, onde se hospedava à luz bruxuleante de velas e ao som de calipsos; Las Bahamas, Porto Príncipe, Panamá, nesta última a procura enorme de gêneros brasileiros, ponto de encontro de comerciantes de todo o mundo, armadores especialmente, com embarcação ostentando a bandeira panamenha, contratos fechados também entre dois tragos, no Hotel Granada, ou no Continental. Colón, porto livre, bom para a compra de tecidos, perfumes e bebidas de rodas as procedências, estava no roteiro.

Êxito completo, Estêvão nascera com sorte, diziam todos, “ainda não ter sido preso pela alfândega”. Mas aprendera todos os segredos, fugia dos fiscais honestos que os havia e muitos. Dispunha, no entanto, da cobertura de alguns fazendários, agora bons amigos, que ofereciam proteção, na hora exata. Se surgissem outros fiscais, os amigos simulavam apreensão, ou melhor, apreendiam apenas uma pequena parte da mercadoria, em geral aquela que ninguém queria comprar em leilão, como baralhos sem uma carta, veículos sem porta, televisões sem uma peça qualquer retirada de propósito. As peças retiradas eram remetidas para Belém, Ezequiel controlava essa parte, e muito bem.

Leonídio Cantuária residia numa bela casa, um verdadeiro palacete, estilo colonial mexicano, na Avenida do Timbó. Quem passava pela rua só via o muro alto e escutava o latido dos cães. Muita vegetação, parecia um lugar deserto. Ninguém podia adivinhar que, por trás daqueles muros, existisse verdadeira mansão, cercada de jardins, piscina aos fundos com mesas coloridas e guarda-sóis para os dias de verão. Dentro era um luxo: salão de fumar, *terraces*, biblioteca vasta, os livros muito luzidios, sem uso, arrumados de acordo com o tamanho e a cor, nunca por assunto. Diziam que Mme. Cantuária, quando ia às livrarias, costumava pedir:

— Quero dois metros de livro vermelho e um metro e meio de livros verdes.

— Que espécie de livro a senhora quer? — indagava o livreiro, um tanto surpreso. — Literatura? Romances, poesia, contos, crônicas? Ou prefere livros científicos?

— Qualquer um, qualquer um, contanto que sejam vermelhos e verdes. É para compor o conjunto. Não esqueça de pôr o *Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry. — Era o único que ela exigia, leitora habitual das lombadas dos livros.

No domingo seguinte saía fotografia na coluna social, Mme. Cantuária na biblioteca de sua mansão, por trás os livros luzidios, virgens de todo.

— São as vinte mil virgens — diziam os maldizentes. — A biblioteca de Cantuária possui vinte mil virgens. — Eram os seus livros. Porque as de verdade não lhe passavam na porta. Na mansão tudo era estrangeiro, desde os tapetes persas, os quadros assinados por pintores desconhecidos, mas estrangeiros, que gosto ali não havia. Na sala de visitas um enorme óleo, pôr do sol no mar, o que lembrava a Estêvão o velho Professor Angelino, mestre de pintura, que comentava, entre irônico e protestante:

— Os novos-ricos burgueses vibram com um pôr do sol! É só pintar e vender.

Mas para Estêvão aquele pôr do sol trazia outras recordações. Fora num fim de tarde assim que regressara a Belém com o seu barco *Nova Esperança*, espatifado nas pedras do canal Carnapijó... Era um sol parecido, feito de sangue coalhado, um céu amarelo por cima, manchado de nuvens negras. E aquele barco de velas apenas parecia com o seu, a bujarrona que os caboclos chamavam bijarrona, tufada como uma mulher grávida de oito meses. Cantuária era homem fino, nas aparências, de trato delicado, voz aflautada, quem não o conhecesse o acharia uma bela criatura, talvez com vocação para pastor tão bonzinho se mostrava na fala, nos gestos, na delicadeza em tudo. Tratava Estêvão com todo requinte, oferecia uísque, do melhor, salgadinhos, a empregada bem-vestida, touca branca na cabeça, avental colorido, enquanto enormes cães negros, lá fora ladravam em vão.

— Nosso acordo é para valer, Sr. Estêvão. Mônica deve ter-lhe falado — diz Cantuária.

— Sim, falou, mas não entrou em detalhes.

— Tenho um navio antigo, que comprei na Holanda, bom de carga. Está começando a ficar velho e preciso me desfazer dele.

— O negócio é com o navio?

— Não, não é bem assim. O negócio é café. Já tenho prometidas quarenta mil sacas de café, e do bom. Tem de ir buscar em Santos, vem despachado para Belém.

— Mas e o controle do IBC?

— Isso já está superado. O IBC não sabe de nada. Para ele o café vem para a Amazônia, são quotas. O Pará tem mais de oitenta municípios. E ainda mais a quota da capital, que é grande... O senhor vai no meu navio e faz o carregamento em Santos. Mas não vem para Belém. Segue direto para as Guianas...

— E a documentação? A descarga, não sendo em Belém, vai dar confusão grossa.

— Qual nada, homem! Você parece novato nesse ramo. Aliás Mônica me preveniu que você ainda não tinha muita experiência, mas que é de inteira confiança. É quanto basta. Eu só lido com gente honesta. Os safados comigo não têm vez.

— Quem vai comprar o café em Caiena?

— Mr. Crooks, seu conhecido. A empresa dele remete para a América.

— Sr. Cantuária, até aí vai tudo muito bem. Mas a documentação para Belém, como ficará? Se o café sai de São Paulo para o Pará, tem que chegar. Se não chega vamos ter problemas com o Instituto Brasileiro do Café, a alfândega *etc.* E eu estarei todo enrolado.

— Aí, menino, é que você vai aprender. Depois de descarregado o café na Guiana você traz o navio até a foz do rio Pará, em águas brasileiras, mais ou menos entre o cabo Maguari e a ponta da Tijoca. É região boa para naufrágio. Muito deserto. Mais para o norte, durante a guerra, nós abastecíamos submarinos. Até hoje ninguém descobriu nada.

Estêvão era todo atenção. Até onde iria chegar Cantuária? A voz de falsete prosseguia expondo o plano diabólico:

— Quando chegar a sessenta milhas do cabo Maguari, você afunda o navio perto do banco São Roque. Vão baleeiras a bordo... Dali se avista o farol Simão Grande. Boa referência para terra na costa norte de Marajó.

— O senhor quer se desfazer da embarcação?

— Comprarei outra nova, melhor, com o dinheiro que receber do seguro. Já fiz um seguro grande que vale duas vezes o navio...

— E como conseguiu?...

— Ora, Sr. Estêvão, amigos, amigos, amigos... mais valendo que dinheiro em caixa. Além do mais somos da mesma confraria. Um ajuda o outro. Na Companhia de Seguros consegui avaliação alta, há muito tempo, para não dar na vista. Quando estive em Caiena, ano passado, conversei a respeito com Salomão...

— Com Salomão?

Estêvão sentiu um tremor de alto a baixo. Com Salomão? Em Caiena? Pois Mônica dizia sempre que já não via Salomão, não queria saber dele, o infeliz se metera com outra mulher, em Miami, uma cubana com casa montada, casa mesmo, nos arredores de Miami Beach.

— Sim, acertei tudo com Salomão e Mônica. O lucro do café será repartido. O senhor terá sua parte, mas deve participar da compra. Meu maior interesse é a venda do navio, ou melhor, o afundamento do navio, para receber o prêmio. Todos vão ganhar, e muito. O senhor, Mônica e Salomão lucram com o café, e eu com o navio. Tem mais o seguro da carga...

Estêvão pensa um pouco. Não era hora para ciumadas. Negócio é negócio. Aprendera a decidir com rapidez.

Está fechado.

— O navio está pronto, fundeado perto do Porto do Sal. Vou telefonar para o Comandante Abdon, ele vem num tapa. É homem experiente, liquidou um navio no banco do Espadarte e tudo saiu às mil maravilhas.

Lá fora os cães negros latiam. Uma leve brisa agitava os arbustos do jardim, fazendo cair pétalas de jasmins junto à larga porta envidraçada. Nos jardins dos canalhas não deviam medrar flores, pensa Estêvão.

— Toma mais um uísque, Estêvão.

Cantuária passou ao tratamento íntimo. Não dizia mais “Sr. Estêvão”, mas “Estêvão”, a delicadeza em pessoa, incapaz (dir-se-ia) de fazer qualquer mal a alguém.

Não demora muito chega Abdon, corpulento, ventre saliente, barba densa azulada:

— Às suas ordens, chefe...

Vai logo saudando.

Em poucos minutos a viagem estava acertada para daí a dois dias: rumo Santos-Guiana e o fundo do mar. Abdon porém sugeriu que o naufrágio ocorresse mais para leste sem a influência da correnteza do Amazonas. O banco Hylas, à altura da ponta da Marieta, com acesso a Maracanã.

Surge outro desconhecido de Estêvão. Cantuária apresenta: — É o meu advogado, Dr. Sombra. Estêvão aperta-lhe a mão. Algo como um sapo, a mão do homem, parece que era molhada, mole, sem osso. Só os olhos negros brilhavam, enquanto as pupilas se agitavam, em meio a um rosto pálido, cabeça achatada, meio calva, nariz afilado.

— Dr. Emiliano Sombra foi quem me orientou sobre o seguro e a justificação em Belém.

E referindo-se às ponderações de Estêvão, quanto ao desvio de rota:

— Estêvão tem receio de desviar a rota com o manifesto para Belém.

— Não tem problema — afirma Dr. Sombra. — A mercadoria não chegou a Belém porque o navio afundou. Ora essa! Faço a justificação judicial, o protesto marítimo, com testemunhas e tudo, quem vai descobrir o local exato do afundamento? O mar ali é fundo, muito longe da costa, não fica nem ponta de mastro. O certo é dizer que o navio afundou na altura da ponta da Marieta, além da ilha do Marco, no oceano. O mais deixem comigo. Comandante vai depor, com tripulação. É preciso ninguém cair em contradição. Comandante faz o registro no diário de bordo...

— Além da ponta da Marieta, há as pedras de Manoel Luís, bom local. Não precisa bater nas pedras, é abrir as válvulas e deixar o navio encher d'água.

— Competente, esse Dr. Sombra — afirma Cantuária. — Da outra vez saiu certo. O navio afundou no Espadarte, fez protesto marítimo, tudo certinho, companhia de seguro nem discutiu. Pagou logo. Pois quem é que vai dar testemunho em contrário, no alto-mar, naquele corre-corre da hora do naufrágio? É dizer que deu nas pedras de Manoel Luís e afundou, ou caiu a hélice, penetrou água pela popa. Quem duvidar que procure no fundo do oceano.

— E o seguro da mercadoria? — indaga Estêvão.

— A companhia paga tudo, os dois seguros, o da embarcação e o da carga. É negócio da China.

Estêvão no apartamento de Mônica rememorava tantos episódios emocionantes. Quanta coisa vinha acontecendo, nos últimos tempos, com repercussão profunda na sua alma! Quanta! Já não parece o mesmo. A pouco e pouco o destino lhe foi arrancando do íntimo os melhores sentimentos, a pureza inicial. Enquanto mergulhava no abismo da perdição, se agigantava financeiramente.

Rememorara, narrando para Mônica, como fora a viagem a Santos, a descarga das quarenta mil sacas de café na costa da Guiana Francesa, em Sinnamary, cidadezinha na foz do rio do mesmo nome. Mônica escutava com atenção, a cabeça apoiada sobre o braço direito de Estêvão, no leito, os cabelos longos recobrimdo os ombros.

— A descarga se fez à noite — narrava Estêvão. — Felizmente não tivemos muito vento durante a tarde e navegamos bem até a foz do Sinnamary. Já havia outro barco aguardando a mercadoria. Foram duas noites inteiras de trabalho, os guindastes funcionando sem parar.

— Por que não escalaram em Caiena, na volta?

— Não havia condições — explica Estêvão. — O afundamento estava programado em local e hora exatos. Não se podia desviar a rota. Além disso o destino era Belém e não Caiena. Podia dar problema chegar de surpresa a Caiena mesmo com todo o teu prestígio e o de Mr. Crooks. Por isso é que ele preferiu a descarga em Sinnamary em vez de Caiena. Passamos ao largo no regresso, debaixo de um enorme temporal, que nos perseguiu até a foz do Oiapoque.

— E como foi o naufrágio?

— Chegamos dois dias depois, à noite, no local combinado, ao largo da costa do Pará, em pleno oceano. Há duas pedras chamadas Manoel Luís, e logo a seguir um canal bem profundo. Abdon propôs que se fundeasse, aguardando a madrugada, quando o mar está mais calmo. Naufragando pelas cinco horas da manhã teríamos o dia todo pela frente para chegar em terra. Combinamos que a tripulação encheria duas baleeiras, uma seguindo para Salinópolis, na altura da ponta do Atalaia, e outra para Maracanã, aquém da ponta da Marieta. É mar conhecido.

— E deu tudo certo?

— Foi horrível. O comandante abriu as válvulas e comportas e o navio foi enchendo, enchendo. Enquanto isso nós nos passávamos para as baleeiras, com víveres, cobertores, água doce, o necessário para enfrentar uma emergência.

Mônica contempla Estêvão bem nos olhos:

— Você tem muita coragem.

— Entramos nas baleeiras e com remos e a vela de emergência nos afastamos do casco do navio, que lentamente submergia. Já estávamos bem distantes quando desapareceu de vez, formando um enorme redemoinho. As baleeiras sentiram o efeito, pulando sobre as ondas.

— Como se chamava o barco?

— *Bom Destino...* Era um navio grande, até bonito, mas muito velho. A conservação não se justificava mais... Tornara-se antieconômico. Vivia dando defeitos de máquina. Conserto caro. Já era sucata.

— Cantuária me prometeu uma parte na indenização do seguro da carga. A do navio é toda dele — afirma Mônica.

— Está tudo entregue ao advogado, o Dr. Sombra.

— O valor do café já me entendi com Mr. Crooks, está tudo pago e tua parte à disposição, *mon chéri*. Um grande negócio.

Enquanto isso, Mônica passa levemente a mão direita sobre a cabeça de Estêvão e indaga:

— Por que você não deixa Belém e vem morar aqui? Vai lá só a negócio. Faz como *Salomon*, viaja por todo o mundo. Podemos ir juntos, às vezes: Nova Iorque, Paris, Londres, Roma.

Imediatamente Estêvão lembrou-se de Linda, os olhos negros pensativos, Betinho sorrindo, já andando, os braços abertos, querendo carinho. Balançou a cabeça.

— Que foi? — indaga Mônica. — Você ficou diferente. Disse alguma coisa ruim?

— Não, Mônica. Não é nada — redarguiu Estêvão. — Vamos falar noutra coisa.

— Como foi que vocês chegaram em terra, depois do afundamento? Estêvão narrava e revivia.

O navio desaparecera sob as ondas. Tivera bom destino: o fundo do mar. Navegaram vagarosamente, revezando-se nos remos, Estêvão, Abdon e mais três tripulantes. Os demais tomaram rumo de Salinópolis. À proporção que o dia avançava, a natureza ia revelando as suas forças. Primeiro a aurora, mar calmo, o sol rebrilhando sobre as ondas, as faces vermelhas ardendo, terra à vista. Ao meio-dia começou a soprar vento do mar para a terra, favorável, enquanto as águas se agitavam mais e mais. Atingiram a foz do rio Maracanã, por onde penetraram. Quando chegaram à cidade era quase noite, tempo suficiente para procurar o prefeito e o delegado. Comunicar o ocorrido. O *Bom Destino* naufragara na costa, navio velho, com excesso de carga, quarenta mil sacas de café destinadas a Belém, não resistiu, naufragou. Essa versão foi logo transmitida para a capital pelo telégrafo, enquanto o prefeito hospedava os naufragos, cansados, rostos rubros de tanto sol.

— Morreu alguém? — indaga o Prefeito Jovelino.

— Não sabemos ainda, pois há outra baleeira perdida no mar. Talvez não haja mortos. Tivemos tempo suficiente para largar o navio. O afundamento foi lento — explica Abdon.

— E não podia haver socorro? Tão perto da praticagem da barra de Salinas?...

— Chamamos terra o tempo todo, pedindo socorro, mas este não apareceu. O afundamento não foi rápido, mas em meia hora não havia mais sinal do *Bom Destino*. É pena tanto café perdido.

— Em Belém falta café. Está racionado, até nos hospitais.

Estêvão e os companheiros se refazem. Tratamento exemplar, por parte do prefeito. As eleições estão perto. Festas por todo lado. Arraial. Dança do carimbó, não a do boi, mas a do peru, as caboclas, pernas finas, rodopiando sobre a areia, e cantando:

“Chô perô
Chô perô
Chô perô”.

Enxotavam o peru, e dançavam, pronunciando *perô*. *Chô perô, chô perô,*

chô perô. A música franzina, mas com ritmo invulgar, facilitando os requebros; os caboclos, olhos vermelhos de cachaça, rodopiando também.

O vento agitava suavemente as copas dos coqueiros. Vento vindo do mar, frio e constante, varrendo a região plana, penetrava pelos roçados, chiando no palheiro das cabanas e alcançando a mata, à grande distância. Levava para longe os cantos daquela gente singela, de mistura com os ruídos da floresta, transformados em lenda e assombração:

“Eu fui numa mata escura,
Numa mata escura eu fui!
Fui, na mata, tirar cipó!
Tirar cipó! (*Coro*)

Pr’a fazer meu pandeirinho!
Meu pandeirinho! (*Coro*)
Pr’a tocar meu carimbó!
Meu carimbó! (*Coro*)

Coro:
Numa banda só! (*Solo*)
Numa banda! (*Coro*)
Numa banda só!
Só numa banda!”

Com pessoas desconhecidas na assistência, os caboclos caprichavam. Variavam, mudavam a letra e a melodia. Vendo que se retiravam os visitantes, prestaram homenagem especial, dançando e cantando *Mariquinha tu já vai!*:

“Mariquinha tu já vai,
Me leva qu’eu quero ir,
Me leva pr’a outras bandas,
Pr’apanh’açai!

Coro:

Pr'apanh'açai!

Pr'apanh'açai!

Pr'apanh'açai!

Pr'apanh'açai!"

Até altas horas da noite se alonga a festa, todos indiferentes ao que se passa no mundo, felizes na sua extrema miséria.

Mais adiante um comício político. Palanque armado na praça recoberta de capim, circundada de barracas de palha, uma ou outra casa coberta de telhas. Um orador afogueado, os olhos ferozes, exclamava:

— O Pará não tem tido nenhum progresso nos últimos vinte anos! Belém vai virar porto de lenha! Nem parece aquela mesma terra dos tempos felizes de Dom Fuas Roupinho!

Estêvão tomou um susto. Conhecia bem a história de Nossa Senhora de Nazaré, seus milagres. História linda, que começava em Nazaré, na Galileia, cidadezinha localizada ao norte da planície de Estraelon, na nascente de um pequeno rio, afluente do Nahr-el-Mokrat. Havia em Nazaré uma imagem bela, feita à vista da própria Virgem, cujos traços sagrados ficaram gravados definitivamente na obra de escultura. Essa imagem fora transportada de Nazaré, por um monge grego, amado Ciríaco, que a conduziu a Belém, ainda na Galileia.

Ciríaco tê-la-ia entregue a São Jerônimo, o qual, por sua vez, a passou às mãos de Santo Agostinho, na África, bispo de Hipona. Este a enviou aos monges do Mosteiro de Cauliana, na Espanha, como objeto sagrado, cultuado durante séculos por aqueles devotos. Com as guerras na Espanha e a invasão pelos mouros, comandados por Tarik, os monges tiveram que abandonar o Mosteiro de Cauliana, trazendo as suas relíquias, entre elas a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, para terras mais tranquilas, nas montanhas, especialmente no Monte Siano, região que mais tarde integraria Portugal. Os poetas antigos assim escreveram:

“Deserto fica o mosteiro,
Mosteiro de Cauliana;

Peregrinos rei e monge
Hão passado o Guadiana

Conosco vêm as relíquias,
Vós ficais às feras bravas...
Adeus, rouxinol dos hortos
Que às matinas acordavas...

Meu desvelo de trinta anos,
Minha lâmpada dourada,
Adeus, e adeus sepultura,
Que eu já tinha tão marcada!

Diz. Encomendam-se à Virgem,
Sua guia soberana,
E vão-se embrenhando à toa
Pela terra lusitana”.

Sabia Estêvão que Dom Fuas Roupinho fora fidalgo português da época da fundação de Portugal, no século XII, tido por uns como irmão e por outros como filho natural do próprio Afonso Henriques. Nas aulas de português do seminário, o professor costumava usar *Os Lusíadas*, onde estava escrito no canto oitavo, estância dezessete:

“He Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente
Com o fogo que acendeu junto da serra...”

Foi em manhã nevoenta do dia 14 de setembro de 1182 que se deu o milagre. Dom Fuas, bom caçador, perseguia a caça, um gamo, que se precipita do alto da rocha. O cavalo de Dom Fuas está prestes a cair também, quando o cavaleiro invoca a Virgem, que logo aparece. O animal se vê como preso ao solo, as duas patas traseiras no rochedo e as duas dianteiras suspensas, no ar. “Milagre! Milagre!”, exclamam todos. Milagre! Assim começou o culto

em Portugal, no lugar que recebeu o nome de Nazaré, consta que na rocha ainda se divisam, até hoje, as marcas das patas traseiras do cavalo de Dom Fuas. O culto se transferiu para Belém do Pará no ano 1700, cerca de quinhentos anos depois do milagre em Portugal. Estêvão vai rememorando aquilo tudo. Até as datas lhe voltam ao pensamento. Sente um aperto no coração. Recorda o seminário. As aulas do Padre Giscard, a história da santa, os seus milagres. Nem sequer teria coragem agora de invocá-la, tão pecador se sente, olhando em redor. Por essa razão tremeu quando escutou o orador político gritar do palanque, para humildes caboclos, quase todos pescadores, alguns lavradores, pés no chão, miséria no olhar magoado:

— O Pará não é mais o mesmo dos tempos de Dom Fuas Roupinho!...

— Esse cara é burro... — exclama Abdon, mal-humorado.

— Não é burrice não, Abdon — responde Estêvão. — É despreparo, coisa diferente. Pois já escutei um deputado afirmar que a primeira missa no Brasil foi rezada por Pero Vaz de Caminha...

— Já sei quem foi. Homem eleito com dez mil votos.

— Esse agora, com a história de Dom Fuas, já atraiu algumas centenas de votos. O pobre do povo acredita em tudo.

— Também pudera! Os pobrezinhos são analfabetos e pobres de tudo. Não têm nem roupa para vestir. Que se pode esperar disso?

— Já estão dando vivas a Dom Fuas Roupinho!

Manhã cedo surgem transportes de Belém para socorrer os naufragos. Até ambulância. A chegada, as visitas. Como foi, como não foi. Os repórteres. Noticiário nos jornais, primeira página, com títulos grandes: Os NÁUFRAGOS DA PONTA DA MARIETA. Não, não fora bem ali, explicava Abdon, fora mais distante, muitas milhas no mar, num canal fundo, perto das pedras de Manoel Luís. Os retratos de Estêvão e Abdon apareciam em primeiro plano. Os dois heróis, convidados para almoço em uma sociedade beneficente, com discursos, noticiário nas colunas sociais. O grande industrial Estêvão salvo da morte, felizmente bem, obrigado. Os telegramas se repetiam. Na Câmara Municipal um vereador propôs voto de congratulações pela salvação do homem ilustre. Missa de ação de graças. Mais propaganda para o grande industrial de pescados, agora com uma frota já bem aumentada.

Só um repórter muito vivo perguntou a Estêvão, de surpresa:

— Se o seu negócio é peixe, o que fazia o senhor nesse navio com café?

— Ora, meu amigo, minha firma cresceu. Veja o contrato na Junta Comercial, está operando agora em outros ramos, importação e exportação de gêneros em geral. Não é só peixe. Compra e vende gêneros em geral.

E fazendo humorismo:

— Antes eu fornecia o almoço... agora estou no cafezinho... também.

Na verdade, a conselho de seu advogado, o Dr. Elias Carvajal, modificara o contrato da firma. Agora se chamava Empresa Marajó, Importação e Exportação, Ltda. Sim, ainda acrescentara o *limitada*, para em caso de falência, não ver seus bens particulares sacrificados. Advogado bom, aquele.

Tudo isso Estêvão rememorava e narrava no ouvido de Mônica, entre intranquilo e sonolento, as duas faces quase coladas.

Logo depois adormecia, exausto, esparramado sobre o dorso da bela, enquanto lá fora chuviscava, salpicando os vidros das janelas.

Estêvão ia partir para nova aventura, há muito sonhada. As operações diretamente com Caiena e Paramaribo lhe abriram as portas para outras maiores, mais aventureiras, e com possibilidade de melhor lucro. Se recebia em Paramaribo automóveis vindos de Miami, através de intermediários, por que não iria buscá-los diretamente? Muitas vezes os carros contrabandeados eram usados, bem conservados, embora adquiridos em Miami nos imensos cemitérios de veículos. Sobras de americano. Nem sequer precisava, nesses casos, manipular dinheiro. Fazia-se a permuta direta por café ou cacau, em Paramaribo, porto livre, tudo muito facilitado. Americano, com sua alta técnica, transformava automóveis usados em aparentemente novos. E assim entravam os preferidos, os Chevrolet tipo Bel-Air, enormes, os mais estimados pelos negros americanos.

Mônica insistia sempre:

— Vamos a Miami. Tira umas férias. É unir o útil ao agradável.

Estêvão estava de posse de todas as indicações necessárias. Era entrar em ligação com Mr. Pavese, descendente de italianos, em Miami, *downtown*, Lincoln Str., providenciava tudo, a entrega seria em Paramaribo, mais simples de transferir para embarcações brasileiras, negócio franco, sem complicações alfandegárias. Mônica possuía outras referências em Miami, Mr. Marschall, negociante de bebidas; M. Picard, para perfumes franceses. E muitos outros, um caderno de endereços e telefones na bolsa larga. O propósito de Estêvão era iniciar negociações de forma que, no futuro, pudesse fazer ou confirmar pedidos em carta, telegrama, telefone, sem necessidade de deslocar-se. E os contatos novos abriam-lhe os horizontes. Já nem parecia o mesmo. Desembaraçado no trato, operações de vulto fechadas rapidamente, sem pensar muito, convicto de que, afinal, tudo daria certo.

Além dos automóveis, possuía outras encomendas, até semioficiais: motocicletas grandes, tipo polícia especial, como ainda não se fabricavam no Brasil, boas para serviços de estradas, organizações de guardas noturnas e de policiamento de toda ordem. Dr. Renildo lhe recomendara:

— Estão organizando uma nova demonstração em Brasília. Vai gente de todo o país. Quero que a nossa repartição se faça bem representar. Seria bacana todo mundo desfilando em motos americanas, iguais às que aparecem no cinema. Vê se me arranja umas vinte, pelo menos.

Que poderia obter mais em Miami? Muita coisa: artigos orientais, de Taiwan e outros lugares, muitos deles com inscrições *Made in Hong Kong*, *Made in Japan*, *Made in Taiwan*, mas era tudo capital americano espalhado pelo mundo. Japonês e chinês só entravam com a mão de obra e o nome.

Mr. Lorenzo, espanhol radicado em Miami, vendia de tudo. Até artigos brasileiros importados, com a etiqueta mudada, eram adquiridos pelos turistas, que os traziam de volta ao país de origem, pelo dobro do preço, principalmente tecidos e confecções.

E ainda comentava:

— *A los brasileños les gustan los productos extranjeros... Por eso cambio su nacionalidad en la etiquetita...*

Estêvão estava avisado. Mônica servia de mestra, habituada que fora a correr mundo. Aonde chegava surgiam amigos, uns sinceros, outros não. Comerciantes porto-riquenhos, cubanos, árabes, judeus, de todas as nacionalidades, a conheciam. Mr. Jobson, hebraico de cabelos crespos e ruivos, lhe oferecia de tudo: automóveis, perfumes, bebidas e, baixando a voz, entorpecentes e armas. Sim, armas, por que não? Revólveres, espingardas, metralhadoras de vários tipos, sobras de guerra. Negócio arriscado, pois se autoridade americana pegava o infrator, estava liquidado.

Estêvão não perdera seus hábitos de prudência:

— Armas não, Mônica! É muito perigoso. Fui sondado para levar algumas. Não me disseram bem para quem eram. Falavam apenas em corpo de bombeiros não sei de onde, mas isso só podia ser desculpa. Pois quem já viu bombeiro, que deve apagar fogo, usar armas?

Mônica ria do pavor de Estêvão e zombava:

— É que são armas de fogo, *mon chéri*. Eles não são soldados do fogo?

— Entorpecentes também, não, Mônica. Há tantas coisas que se podem levar: rádios, televisores, perfumes, automóveis, tantas, para que entorpecentes e armas?

— Está bem, está bem, meu medroso.

Mr. Pavese — especialista no ramo — ria também:

— Senhor está com *paura*.

O calabrês era de tudo. Fazia qualquer negócio, contanto que apurasse dinheiro. Vivera em São Paulo e falava português de mistura com italiano.

Mônica muito cansada, a viagem com parada no México, as longas caminhadas pelo Paseo de la Reforma, depois o trajeto aéreo com escala em Tampa, deixaram-na exausta. Repouso no próprio aeroporto, hospedagem de luxo para passageiros, depois o hotel já reservado por Mr. Jobson, em Miami Beach, um dos melhores. Foram dias inesquecíveis para Estêvão e Mônica, os conhecimentos novos, as maneiras estranhas de negociarem aqueles gringos, pedindo para reduzirem o preço até a metade, às vezes hipocritamente gentis, outras agressivos, os passeios, os cassinos, as noitadas. Estêvão nem sequer lembrava Linda, tão distante, nem Betinho, já crescido, envolvido pelos acontecimentos e emoções. Num momento apenas lhe mordeu a memória a figura de Betinho ao encontrar na rua um garoto parecido com ele, como se fosse irmão gêmeo, o mesmo rostinho redondo, o cabelo caindo liso sobre a testa, o riso brejeiro, duas covinhas na face. Estêvão chegou a parar na rua. Naquele momento teve vontade de voar, abraçar o filho, mas a passagem de um lindo automóvel cor de morango atraiu-lhe a atenção, fazendo esquecer a imagem querida. Mônica, por sua vez, puxava-lhe a gola:

— Que há com você, Estêvão? Parece que está fora do mundo. Nunca viu criança?

Fora um momento apenas de recordação, logo esmagada sob o peso dos eventos. O céu azul. Dia propício, nem quente nem frio. A avenida plana da cidade baixa para Miami Beach, os canais, as pontes, os viadutos, depois os hotéis, hotéis, hotéis, aos milhares, nomes franceses: Fontainebleau, Bel-Air, Beau Rivage, Belle Vue; os espanhóis, Barcelona, El Castelo, El Paso, Madrileno; ingleses, King George, Birmingham, Liverpool; gregos, Acropol, Corinthian; italianos, Milano, Tivoli, Venezia, todos se sucedendo,

cada qual melhor, repletos de velhos nas *terraces*, de bengalas, alguns de muleta, velhos às centenas, ou milhares, por toda a cidade, como se ali não existisse juventude.

— Credo, *mon Dieu* — fala Mônica. — Não se vê uma pessoa nova nesta cidade. Todo mundo tem mais de cinquenta anos.

— Creio que foi a guerra, Mônica — explica Estêvão.

— *Non, non*, no inverno ao norte as pessoas idosas fogem do frio e vêm para Miami. Por isso tem tanta velharada.

Mesmo assim Estêvão gostava, Mônica também, dias regalados, só não melhores com alguns pequenos aborrecimentos no comércio, gente grosseira, desfibrada, como se não tivesse alma.

— Esses gringos são brutos demais. Não admitem diálogo.

— É neurose de guerra — justifica Mônica. — Muitos desses homens estiveram nas guerras da Europa, da Coreia, do Vietnã e outras.

— Fui perguntar o preço de um artigo e o cachorro do gringo antes de informar só faltou me bater, dizendo: “O senhor se informa do preço aqui e vai comprar no vizinho! É isso? Se não tem dinheiro, para que pergunta?” E apontava o dedo na minha cara.

— Que você fez?

— Agradei a gentileza. No Brasil se trata essa gente com toda consideração. Puxa vida!

— Manaus está cheia deles... Colocam as mocinhas brasileiras nos balcões e ficam nos fundos da casa contando dinheiro...

Retorno. Estêvão aguardou a chegada dos primeiros veículos em Paramaribo, para permuta com mercadorias. Dez automóveis e vinte motocicletas, reembarcados no *Monique 2*, no Suriname. Ao atravessar a foz do Oiapoque, o barco foi emplacado como *São Nicolau*, seguindo depois rumo à costa do Marajó, foz do Amazonas e do rio Pará, com ordem de entrar até ao sul da ilha de Colares, baía do Sol, em busca do rio Tauá, ponto bom de descarga, silencioso e escondido, não muito longe de Santo Antônio do Tauá, na estrada Vigia-Santa Isabel-Belém.

O comando ficou entregue a Alim. Missão cumprida. E bem cumprida. As trabalhadeiras de sempre. A atracação altas horas da noite. O rio fundo permitia bom calado. Choupanas apenas por perto. E silêncio. O fiscal de cara bexigosa já estava esperando, a fim de dar cobertura. Mas desta vez se mostrava intranquilo e advertia Estêvão, entre as quatro paredes de madeira da casa de Estefânia, o dono do porto:

— É preciso cuidado. Veio ordem de Brasília para apertar. Parece que vão substituir o inspetor. O Estado também recebeu instruções, mas não há perigo, nessa área.

— Que aconselha? — indaga Estêvão.

— É mudar sempre de porto. Despistar. Se souber alguma coisa, avisarei, mas devem sempre dar a posição exata, quando viajarem.

— Vem mais carro aí — avisa Estêvão. — Deve estar saindo um carregamento de Paramaribo com Ezequiel. Não posso estar em todas.

— E onde vai desembarcar?

— Você aconselha...

— Se é só automóvel, quanto mais perto da cidade, melhor. No rio Guamá, passando o sítio Sernambi...

— Estão todos com a quarta via... — esclarece Estêvão.

— Mesmo assim eles prendem. Depois precisa requerer mandado de segurança, ou interdito, como está na moda...

— Dr. Renildo se mostra impaciente. Quer saber das motocicletas.

— Estão todas no barco. Vão descer já.

Dentro de momentos começam a explodir os motores de arranque das viaturas, primeiro os automóveis, depois as motocicletas, retirados facilmente da embarcação, atracada ao barranco como se fora num cais, amurada e solo nivelados, sem precisar sequer de prancha. Um cais de atracação feito pela natureza.

Pela estrada alva de areia rodam os veículos. Alguns para Belém. Outros ficarão em Castanhal, na oficina do Quaresma, recebendo retoques, trocando o número, para se ajustarem à quarta via e dali seguirão tranquilamente

para várias grandes cidades do centro e sul. Belém-Brasília é a *gran via* de acesso para as maiores cidades do país.

As motocicletas desfilarão em Brasília com extraordinário sucesso para a representação do Estado.

Logo depois chega o *São Vicente*, sob o comando de Ezequiel, com mais dez automóveis, dos que Estêvão comprara em Miami.

Fora aviso por avião, lançado ao mar, para que a desova se efetivasse no porto Sernambi, rio Guamá.

Vinte e duas horas, o barco se aproxima lentamente, como se já conhecesse a rota, tantas vezes percorrida. Com faróis, Ernestino, do trapiche de madeira, faz sinais convencionais. Ao longe divisa o bairro da Condor, mal iluminado. A embarcação atraca.

Repentinamente, como que surgindo da noite, aparecem quatro homens armados. Depois mais quatro. A seguir um jipe chapa-branca com elementos federais.

— Alfândega a bordo! — grita o que parecia chefe. Homem forte, rosto anguloso. Olhar duro. — Alfândega a bordo! Quem é o comandante?

— Pronto — apresenta-se Ezequiel.

— Documentos.

Em poucos momentos os fiscais passam à lavratura do auto de infração e apreensão. Ezequiel querendo telefonar. Chamar Estêvão. Chamar Farid. Chamar Dr. Elias Carvajal. Chamar Dr. Sombra. Os chefes, os advogados, onde estão? Meia-noite. Não se encontram. Saíram. Foram ao cinema. Foram ao teatro. Viajaram para as praias do Mosqueiro ou Salinópolis. Ezequiel não esperava por aquela surpresa. Carros apreendidos, tripulantes presos.

Trabalho para Dr. Carvajal requerer *habeas corpus*, logo concedido. E mandado de segurança, o Juiz Altino Camporal felizmente estava em exercício. A ordem concedida, os veículos apresentavam documentação regular, dizia a sentença. Eram as quartas vias falsas. O barco atracara no Sernambi apenas para pernoitar, por não haver local disponível no cais do porto...

— Pois eu já desembarquei automóveis em frente ao galpão do porto, nas barbas da alfândega, e não aconteceu nada — dissera certa vez Alim.

E era verdade. Sentinela observou tudo e nada fez para perturbar o trabalho pacífico dos contrabandistas, tão tarde da noite, cansados, coitados!

A hora do adeus

De que será feita a alma humana? Estêvão, vez por outra, caía em si, recuava no tempo, olhava-se no espelho imaginário do destino e sentia que já não era o mesmo. Tornara-se “outro”. Não deixava de curtir saudades dos tempos antigos, vida modesta, trabalho muito, mas a esperança no olhar e a fé tão intensa, que brilhava nos olhos. Sim, nos olhos. Quando estava no seminário acreditava em um Deus, força que obrigava a curvar humildemente o corpo, depositar os joelhos sobre a pedra fria, e orar. Mesmo depois que deixara o curso eclesiástico, mantinha viva a centelha da fé, aliada a outra centelha, a da esperança. As duas iluminavam a sua alma. Davam-lhe energias para resistir, para lutar, para viver, em suma, sem temer tempestades, nem adversidades. Por isso talvez enfrentara tantas barreiras com relativa calma. Mas agora... vez por outra Estêvão tremia, procurava desligar o pensamento. Era seu anjo da guarda, pensava, que, derrotado, ou quase derrotado pelo Demônio, não possuía mais forças para enfrentar a batalha. No entanto, perante a sociedade, Estêvão crescia cada vez mais. Os recursos financeiros aumentavam assustadoramente. O prestígio também. Eis que neste mundo, muitas vezes, o primeiro fator é o grande gerador do segundo. Ironicamente recordava uns versinhos que lera algures, soprados pelo Demo no ouvido:

“Dinheiro faz nego branco
Faz *cabra* Vossa Senhoria...”

E fazia mesmo. Fazia mais do que Vossa Senhoria, fazia doutor, deputado, senador, Vossa Excelência. Agora, que a sorte lhe sorria, havia tanta gente desconhecida que o saudava nas ruas! O retrato vez por outra na coluna social. Era “o grande industrial”. A frota pesqueira, aumentada para oito unidades, a compra e venda do sul e nordeste e a importação reduzida do

exterior mascaravam a imensa organização paralela, a grande fonte, fundada no contrabando.

Uma comissão já o procurara. Devia ingressar na política. Homem como ele, dinâmico, criador de poderosa empresa, e com tanta cultura adquirida no seminário (descobriram que Estêvão fora seminarista), não podia ficar à margem da vida pública! Precisava candidatar-se, primeiro a cargos na entidade de classe — a Associação Industrial — depois a vereador, deputado, senador da República, quem sabe? Talvez até a governador! As comissões o visitavam frequentemente, em nome do partido, ou melhor, do presidente do partido, o que era a mesma coisa.

Vez por outra um convitezinho para jantar, um auxílio para obra filantrópica no Clube dos Tigres (sociedade beneficente fundada recentemente). Mas para conseguir êxito havia necessidade de travar relações com alguns poderosos, além do chefe do partido. Assim, por exemplo, com Emanuel, o homem que mantinha o monopólio do jogo do bicho, instituição nacional, digna de toda admiração (diziam), porquanto carregava recursos também para a filantropia. Joventino, vizinho de Estêvão, e nova amizade, alto servidor público, e também alto de estatura, muita vez lhe ponderava:

— Não sei por que não oficializam o jogo do bicho! Afinal de contas é a coisa mais inocente deste mundo. A alegria do povo pobre que não pode frequentar cassinos.

— Pode não. Arrasta todas as economias do operário, que em vez de comprar pão para os filhos vai arriscar no avestruz.

Linda também levava a sua parte na colheita social do marido: convites para chás beneficentes, grandes listas a assinar, retrato em jornal nas colunas sociais, até proposta para ser uma das *dez mais* do ano.

— Não, não quero, não — dizia ela. — Uma das dez mais o quê? Pode ser das dez mais honestas, das dez mais bondosas, das dez mais trabalhadoras, das dez melhores esposas, das dez boas donas de casa, mas também pode ser o contrário. Já pensou?

— Bobagem, Linda — retrucava a mulher de Joventino. Isso dá cartaz, faz parte da vida, é bacana...

— Daqui a pouco começam a me chamar de *gostosoia*, *boazuda*, *cocadinha com pão*, *betezoca* e outras coisas mais.

— Não, minha filha. Essas palavras eles usam para as mocinhas solteiras. As casadonas são *panteras*.

— Ora, você já viu? Eu *pantera*! Só entrando para o Clube dos Tigres.

— Está na vez, está na vez. A proposta se encontra com Estêvão. Eu serei o padrinho — sugere Joventino.

Estêvão repartia a atividade entre o contrabando (a maior), a empresa de pesca e importação (sempre crescendo paralelamente) e a vida social. Cada vez mais envolvido. Convite para ser deputado.

— Vale a pena — aconselhava Alim... — Dá cobertura para o contrabando, *paca*. Pois quem vai prender um deputado? Putz...

Na verdade, com a vida arriscada que levava, Estêvão já estava ficando intranquilo. Aquelas duas existências, totalmente diferentes, uma em Belém, outra em Caiena. Aqueles dois amores, um puro, flor da juventude, outro carnal e corrupto. Começavam também as apreensões de contrabando. Fora feliz até ali. Seu nome não aparecia em nenhum noticiário. O naufrágio forçado do navio de Cantuária lhe trouxera até prestígio, porquanto ninguém descobriu a tramoia, indenização do seguro paga normalmente, tanto da embarcação quanto da carga, e nesta levou boa parte. Mônica sempre dizia:

— É preciso de vez em quando fazer um *naufrage*.

Linda, apesar dos progressos, não se mostrava alegre. A casa nova, os móveis novos, o automóvel, o conforto, conta recheada nos bancos, crédito no comércio para comprar o que quisesse, mais a promessa de uma casa de veraneio na praia, a escolher: Mosqueiro ou Salinas, água doce ou salgada, conforme a preferência, não a tornavam feliz.

Sussurrava frequentemente nos ouvidos de Estêvão, às vezes de madrugada, com insônia, olheiras enormes:

— Não consigo dormir. Vivo preocupada com tua vida, com a nossa vida.

— Bobagem, mulher! Agora que estou enriquecendo é que você vem com isso?

— Pois é! Quando éramos pobres dormia as noites inteiras. Não tinha preocupações. Agora, não durmo. Essas tuas viagens me deixam louca.

Estêvão às vezes ficava em dúvidas: Linda saberia da existência de Mônica e da origem de todo aquele progresso? E se viesse a saber? Qual seria a sua reação? Linda ainda era, para ele, o seu verdadeiro amor. A outra parecia

um ímã do qual pretendia libertar-se, um ímã de carne e osso, com estranha força psíquica, do qual se sentia prisioneiro, sem explicação. A distância inspirava-lhe ódio. Essa a verdade. Longe dela não lhe vinham sempre e sempre recordações doces, suaves. Ora sim, ora não. Em certos momentos, parecia-lhe amar Mônica e esquecer Linda, logo mais uma onda lhe invadia o coração, uma revolta que lhe exacerbava o sangue em suas veias, um desejo de não a procurar mais, nunca mais. Estudara tanto no seminário, até psicologia, preparando-se para ser pastor de almas, e agora se via naquela situação, como ovelha desgarrada de rebanho, precisando de guia, que não encontrava. Isso ocorria nos momentos de depressão, de desânimo, que os havia, surgindo quando menos esperava. A lembrança do filho, sempre longe, parecia um agulhão, um espinho que se cravasse fundo. Betinho (agora com três anos, preparando-se para o jardim da infância), fruto do seu amor com Linda, chamava-o à realidade, vez por outra. Balançava a cabeça para afastar a imagem. Mônica tornando-se cada vez mais absorvente, querendo presença prolongada de Estêvão em Caiena, a sua transferência definitiva, com propostas para irem residir noutra cidade, noutro país, talvez nos Estados Unidos, talvez em alguma localidade do Caribe; Barbados ou Haiti, com preferência por Haiti, por causa da língua. Estêvão resistia. Continuassem naquela situação, seria melhor, até que o destino, por si mesmo, os encaminhasse de outra forma. Mônica se mostrava absorvente, intransigente, quanto mais cresciam as operações financeiras e o poder de Estêvão, mais e mais ela o queria só para si. Por vezes dizia:

— Meias só *pour les jambes*.

Meias só para as pernas. Aquela era expressão muito comum entre portugueses, exportada para a Caiena. Além do mais, Estêvão, para ela — que estudara em colégio de freiras em Paris — possuía outras qualidades, que faltavam a Salomão. Era homem de instrução superior, a base das escolas religiosas, que ambos haviam frequentado, criava alicerce para a amizade, um elo quase imperceptível, mas real, que se revelava nos momentos em que mantinham as conversações íntimas. Mônica dizia que no início acreditava em tudo que as freiras ensinavam, mas não via motivação para tanta reza. Reza corrida, *emenda-que-te-emenda* mecânica, não vinha de dentro da alma. Ficava só nos lábios. Só muito mais tarde é que descobriu o valor da

oração — mas estava fora de tempo; saíra do Colégio Sainte-Geneviève, ou melhor, terminara o curso, com bom aproveitamento. O velho oficial francês, seu pai, eufórico no dia do recebimento do diploma, falava-lhe com ternura:

— Quero que cases com um grande homem! Bem mereces!

A vida a arrastara. As correntes inexplicáveis a levaram para um lado e outro, qual boia perdida. Quem via não poderia perceber, por trás de toda aquela encenação, uma outra mulher que se iniciara por diferentes caminhos, no passado.

Os pais sempre sonham com isso: ver as filhas casadas com grandes homens. Não grandes homens no sentido heroico da expressão, pois se pode ser grande sendo humilde. O conceito moral de grandeza nem sempre acompanha os conceitos vulgares. Grandes miseráveis homens! Pensava às vezes Estêvão, quando Mônica lhe contava aquelas estórias. O nome do pai lhe vinha sempre aos lábios com extrema veneração, arrancava-lhe lágrimas, caso raro, pois não era mulher de chorar. Herdara-lhe também a dureza aparente ante a realidade da vida, traços do caráter do Capitão Beauregard, herói de guerra. Mônica narrava que o “velho”, na caserna, se tornara temido pela sua disciplina de ferro. Mas em casa se desfazia todo, a filha pequena nos braços, não parecia o mesmo homem, guardava toda a doçura de seu coração para o lar. Certa vez, sendo visitado inesperadamente por um colega de farda, surpreendido com a filha nos braços, lançou-a ao solo e se perfilou. Tudo aquilo era aparente, explicava Mônica, que bem conhecia, nos seus meandros, a alma paterna.

— Meu pai foi um emotivo. Capaz de chorar sozinho. Mas na presença de colegas ou subalternos parecia uma fera. Por isso alcançou tantas medalhas na guerra. Suas promoções, conquistou-as por bravura. Tinha tanta força de vontade que dominava completamente qualquer fraqueza.

Para Estêvão tudo aquilo era novidade. Um outro mundo, com algum encanto, todavia. Uma mulher diferente, estranha, bela e audaz, arrastada pelas ondas da vida.

Dia a dia se sentia mais preso, mais envolvido, mais escravo daqueles braços, dos quais tentara se livrar tantas vezes. Novas e estranhas propostas surgiam. Agora era M. Planchard, proprietário da boate *Feu d'Enfer*, fogo do inferno, que desejava atrair mulheres brasileiras. E explicava:

— As mulheres que vêm do Brasil são disputadas aqui. Já mandei buscar muitas. Os soldados franceses adoram as caboclas brasileiras. Os negros também. São as preferidas.

Estêvão ouvira falar na existência desse tráfico clandestino, mas desconhecia minúcias.

— Preciso pensar, Sr. Planchard. Nunca lidei com esse ramo.

— É muito fácil, o senhor monta uma agência de viagens turísticas. Contrata as moças para *show* na boate. Sempre as bonitas. Nada de mulher feia. Elas vêm e acabam ficando.

— E financeiramente, qual a vantagem?

— Cada mulher, colocada aqui, vale vinte mil cruzeiros. Pago todas as despesas de transportes. Sua responsabilidade cessa com a entrega.

E explicando melhor:

— A coisa é tão fácil que muitas das que vieram antes não têm sequer passaporte. Entram de barco e até por terra, pela mata, na fronteira, as mais pobres. O senhor quer vê-las?

Seria interessante tomar contato com aquele submundo, ver de perto as patricias, trabalhando em boates, além-fronteiras.

Estêvão não se animava a tomar a frente de tal negócio. Mas não se recusava a aproveitá-lo, desde que produzisse bons lucros. Colocaria um testa de ferro. Alim, por exemplo, moralmente talhado para a tarefa, pornográfico até na maneira de falar.

Nos seus primeiros dias de Caiena frequentara algumas boates, conversara com brasileiras, quase sempre criaturas modestas, de origem humilde, providas do Pará. Aventuravam. Às vezes conseguiam safar-se da prostituição, amigando-se ou casando com franceses. Quase sempre vinham filhos. A maioria, no entanto, se conservava em extrema pobreza, todo o bairro além do Cais Laussat, habitado por milhares de brasileiros, homens e mulheres, eles atraídos pelas obras da base espacial do Kouru, elas pela aventura e a prostituição. A sorte, como sempre, variava, de pessoa a pessoa. Contam histórias de atrizes que foram para a França, casadas com franceses bem-postos na vida, e que escondiam sua origem. Quase sempre, ao chegarem a Caiena trocavam de nome, ou adaptavam o seu, afrancesando-o, quando se dedicavam à prostituição. Elisa era Lisette, Joana passava a ser Jeanette,

Gina fazia Ginette, Geralda, Geraldine, ou simplesmente Dine, e assim por diante, de acordo com o gosto e a vocação.

Na conhecida boate *Feu d'Enfer*, Planchard recebeu Estêvão com euforia. Dentro tudo era vermelho, o teto, as paredes, as cadeiras, as mesas, com enfeites pretos, desenhos imitando labaredas de fogo, com tonalidades várias de encarnado. Figuras diabólicas foram pintadas por todo lado. Bem merecido o nome da concorrida casa: Fogo do Inferno. E a música, à noite, deveria ser de acordo com o ambiente, isto é, quente e infernal. Os músicos todos vestidos de vermelho como se fossem diabinhos; tocando calipsos.

— *Oui, monsieur, nous sommes dans l'entrée de l'enfer... mais après vient le paradis.*

Gracejou Planchard com Estêvão, anunciando-lhe ser ali a entrada do inferno. Depois vinha o paraíso, isto é, atrás da boate, salão de jogo, e outras áreas que Estêvão não chegara a percorrer, com aposentos, pintados de azul, como ficaria bem num céu. Tudo sob a luz mortiça, também vermelha, que iluminava parcamente todos os recantos do extenso prédio.

— Vou lhe apresentar duas *meninas*... Claudette e Margot, são brasileiras. Curiosamente Estêvão indaga de onde vieram.

— Sou de Marajó — responde Claudette... — meu nome no Brasil é Cláudia.

— E você está satisfeita aqui?

— Como não? Faturei bem. No Marajó, vivia no trabalho duro, pegando em enxada. Meu pai era pequeno criador, já pensou?

O tipo de Claudette era da mulher cabocla e rija, olhos esverdeados, cabelos longos e negros. Marajoara.

Margot tinha a tez branca, cor de leite, sotaque nordestino, adulterado pela influência da língua francesa:

— Sou do Ceará — informou. — Vim com meu pai para o Kouru. Era operário. Morreu e eu fiquei. Meu nome é Margarida.

Aquelas duas amostras foram preparadas para a entrevista. Muitas outras havia, insatisfeitas, escravas brancas forçadas, atraídas com propostas para “trabalho”, depois jogadas na prostituição.

Estêvão aproveita um momento em que Planchard se afasta para dar ordens a alguém, e penetra em direção do céu. Pequenos quartos, paredes

e tetos pintados de azul-claro, mobiliário razoável, num deles, entreaberta a porta, alguém, uma mulher, muito jovem, sentada — duas mãos na cabeça, lápis entre os dedos, contempla uma folha de papel, com algo escrito. Chora. Suas lágrimas salpicaram toda a folha branca. Levanta a vista para Estêvão, expressão de menina.

Estêvão indaga:

— Você é brasileira?

— Sim, e o senhor?

— Por que está chorando? Que está escrevendo?

Ante essa pergunta parece tremer toda, e explica agitada:

— Escrevo para meu noivo, em Recife.

— Você é de Pernambuco?

— Sim, de Casa Amarela. Estou aqui enganada. Briguei com meu noivo e de pirraça procurei emprego. Vim para Belém, onde trabalhei dois meses com uma família...

— E depois?

— Depois me ofereceram trabalho em Caiena. Diziam que era de servente num hotel. Prometiam dois mil cruzeiros por mês...

— Você acreditou?

— Eu e outras. Vieram várias comigo, com promessa de trabalhar honestamente. Diziam que no Kouru havia muito brasileiro e precisavam organizar bar, restaurante, hotel. Aqui só pagam porcentagem...

— Quem lhe contratou?

— M. Planchard... aqui. Em Belém foi um tal de Vadico. Não querem que eu volte. Tenho saudade de meu noivo. É capaz de já estar casado com outra.

— Quantos anos você tem, menina?

— Dezoito... meu nome é Severina. Aqui me chamam Verine... Francês diz Verrine...

— Deixa ver o que você está escrevendo.

Estêvão toma o papel manchado e lê uma carta inacabada:

“André, meu amor:

Não aguento mais esta vida. Morro de saudades por ti. Quero voltar, mas não posso, não me deixam. Vem me buscar, querido, antes que seja

tarde demais. Isto aqui é um inferno e não posso descrever tudo numa carta. Tenho saudades de ti, dos meus parentes, de minha terra, de tudo. Agora só te peço...”

— Você estudou, menina?

— Fiz todo o primário com as freiras, no Recife... Estava no segundo ano ginásial...

Algo apertou o coração de Estêvão. Aquela não era uma mulher como as outras que por ali andavam. Gostaria de ajudá-la. Como fazê-lo, sem melindrar Planchard?

Pareceria até ridículo ser procurado para um negócio daqueles e depois transformar-se em “Irmã Paula”, bancando o bonzinho...

Nesse momento chega Planchard. Estêvão disfarça. Saem.

Já na rua, Estêvão observa:

— Havia uma mocinha lá dentro que estava chorando. Que seria?

— Não é nada não. No começo é sempre assim. Choram, depois se acostumam. Aquilo é fingimento. Pode ser também que haja morrido alguma amiga, ou que o seu preferido lhe tenha dado o fora. Isso é assim mesmo.

As luzes na cidade começavam a acender. Novamente o Cais Laussat. A Praça do Galo. A Rua Malouet. A General de Gaulle. A casa de Mônica, *La Belle Monique*, esperando-o, à meia-luz, os braços, como sempre, abertos.

Ao passar pela praça da igreja, ouviu sons seus conhecidos. O templo iluminado, repleto, quase todos os fiéis negros, católicos, orando e cantando, a palavra do sacerdote ecoando luminosa na nave e nos corações. “Belo”, pensava Estêvão, “um sermão em francês”. A língua parece que se presta para transmitir sentimentos e pensamentos superiores. As orações balbuciadas. A leitura dos evangelhos. “Oh, Senhor, disse-me uma só palavra e minha alma será salva!...” Pela primeira vez há muito tempo, Estêvão não sentiu arrepios diante do templo e da palavra do padre. Uma réstia de luz feita piedade entrara em seu coração ao ler aquela carta aflita de Severina para o noivo, André, tão distante, àquela hora, sem saber por onde anda a sua namorada, agora nos braços de crioulos e chineses da Guiana Francesa. Lembrou-se Estêvão dos dias de amargura que ali passara, só encontrando Mônica para dar-lhe a mão. Por que não auxiliar, então, aquela criatura

abandonada à sorte? Faria o possível para devolvê-la à sua terra e ao seu noivo. E o noivo? Aceitá-la-ia ainda, depois do gesto louco e repentino de abandoná-lo, por pirraça (dizia a mocinha), para ser arrastada à prostituição? Mentalmente Estêvão respondia “não” pelo noivo, balançando a cabeça, como se ele próprio fosse o André... “Pernambucano não vai perdoar isso, de forma alguma. Verrine está perdida, para sempre.”

Um outro sentimento rebentava em seu coração: deveria ser grato a Mônica. Fora uma tábua de salvação em meio à tempestade. Sem amigos, sem dinheiro, sem documentos, ela lhe oferecera oportunidades para enriquecer e proporcionar conforto à mulher e filho. Se abandonasse aquela vida transviada já seria um homem bem-posto na sociedade, sem precisar de lutar para sobreviver.

Mônica, todavia, se mostra intranquila e intransigente; exigia sua presença permanente, como se fosse propriedade particular. E deixava às vezes escapar pequenas ameaças veladas, entre um beijo e outro. Estêvão se inquietava se desconhecia. Seria um caso de dupla personalidade? Que mistério se passaria em sua alma, repartida assim, em duas metades, sem que pudesse libertar-se e tornar-se um só, como sempre foi?

Só se sentia seguro em Belém, Linda ao lado, o filho perto, as travessuras, aquele ambiente do lar tão ameno, oxigênio necessário à sua sobrevivência.

Por isso dava razão a Linda, quando, aflita, exclamava:

— Quando éramos pobres vivíamos mais felizes!



Estêvão resolvera aceitar fazer qualquer transação, contanto que ganhasse dinheiro, muito dinheiro, o seu novo deus, em torno do qual giravam planos e aspirações. Já não se conformava com apenas uma empresa de pesca, agora com dez embarcações modernas, atividade paralela. Fundou a Caribetur (turismo para o Caribe), com luxuosa sede em Belém, à Rua das Hortênsias, número 654, escritório amplo, janelões de vidro grosso, anúncios luminosos, cartazes internacionais por todos os lados, propaganda de viagens turísticas para Miami, Port of Spain, Curaçau, Barbados, Las Bahamas e outras localidades, fotos de imensos hotéis à beira-mar, ao lado das águas salgadas, piscinas azuis de água doce. Abriu filiais em Caiena e Paramaribo, a primeira entregue a Joseph Kuh, judeu alemão, e a segunda a Karl Voet, mestiço com nome holandês, rosto redondo, enxundioso, cor de jambo maduro. A Caribetur facilitava a ida das mulheres de Belém, redistribuídas de acordo com a beleza e capacidade de cada uma, para outros centros da região. As empresas de Estêvão, com vida legal, mascaravam todo

o comércio subterrâneo: a Caribetur, o tráfico de mulheres; a de pesca, o contrabando. Precisava de mais uma (a ideia não lhe saía do pensamento): farmácia, ou drogaria, que o grande lucro (lhe sussurrara no ouvido Marcial, apelidado “Professorzinho”) estava nas drogas, nos entorpecentes, no ópio, na coca boliviana; tudo passa bem, volume pequeno, sem problema.

— Pois você já pensou? — lhe disse Marcial, entre dois goles de uísque. — Você já imaginou o volume que faz uma televisão? E peso? Transforma o tamanho, o peso e o preço de uma televisão em um pacotão de cocaína, e você compra uma fábrica inteira de televisões.

— Mas o risco é maior! — pondera Estêvão. A televisão qualquer caboclo traz nos barcos, mas a cocaína requer cuidado, mais classe. E se a fiscalização pega, o cabra está liquidado.

— Que liquidado, que nada! Dinheiro compra tudo. No contrabando de televisões, você dá gratificação mixuruca. No de cocaína, distribui alguns milhões em gorjeta e passa tudo. Há quem compre, por todo lado, principalmente no Rio e São Paulo, grandes centros, população maciça. É negócio para metrópoles.

A conversa se desenrolava numa suíte do Hotel Montabo Caiena. Marcial de vez em quando contemplava o rio, lá fora, a água esverdeada da foz, céu nevoento, alguns salpicos de chuva sobre o janelão de vidraça transformavam a paisagem num quadro que lembrava os de Van Gogh.

— Organiza a firma: Drogaria Estêvão, Ltda.! Faz tudo sempre por quotas, de responsabilidade limitada. É melhor para você e para a família. Se estourar, a responsabilidade se circunscreve ao teto do capital registrado. Os bens particulares não respondem. Além do mais, oferece outras vantagens: você desdobra o capital em quotas de mil cruzeiros cada uma e assim pode negociar as quotas como se fossem ações, com mais facilidade. Basta um recibo particular de cessão. Não precisa de bolsa, de títulos, corretor, cotação. Você cede simplesmente quantas quotas quiser. Também, a firma não necessita de escrita complicada como nas sociedades anônimas, com publicação obrigatória no *Diário Oficial*.

— E o crédito? — indaga Estêvão. — Nas limitadas, o crédito também é limitado.

— Ora, Estêvão! Aí é que entra o crédito individual. A gente consegue o que quer com aval e gratificação. Percentagem.

Em breve, a Drogaria Estêvão, Ltda. se agitava em pleno funcionamento, prédio moderno, farmacêutico registrado responsável, Macário Montezuma, velhinho seco, engelhado, com uma filha para ajudar em tudo, inclusive na escrita. Localização privilegiada, na Avenida dos Cabanos, com bom acesso para o aeroporto.

Estêvão punha em prática toda a disciplina que aprendera na vida do seminário. Bem lhe valeram os ensinamentos colhidos, a matemática, em todos os seus departamentos, principalmente a aritmética e a álgebra, as línguas estrangeiras, a redação impecável, com base no latim, uma cultura a serviço da atividade rendosa, muito mais rendosa do que poderia alguém imaginar. Quanta gente preparada, com bons estudos (pensava), e marcando passo, vivendo Deus sabe como, sem eira nem beira, criando filhos com chibé de farinha ou cuias de açaí, no almoço e no jantar.

Gostaria que o pai estivesse vivo para alegrar-se com tanto progresso. O velho acreditava na pesca, mas não sabia que, por trás dela, poderia haver outra atividade disfarçada, muito mais lucrativa.

Estêvão, às vezes, sonhava com ele, muito zangado, sem saber a razão, depois tudo se transformava em fumo. Acordava intranquilo, conseguia dormir um pouco novamente e lhe apareciam, como num palco de teatro, as três viúvas de Pedro, Carmelo e Jacinto. Vociferavam. Entravam pela casa adentro sem pedir licença, mexiam em tudo. Xingavam. Estêvão despertava novamente desassossegado, sem saber mais o que fazer.

— Que é que você tem? — indagava Linda. — Não dorme...

— São aquelas mulheres, as três viúvas, me perseguem a noite toda.

— Por falar nelas, quando você viajou, estiveram aqui, pedindo roupa, dinheiro, mercadorias. Dei-lhes o que pude.

— O interessante é que os maridos não me aparecem em sonhos, eles que estão mortos. São as vivas que chateiam.

— Faz alguma coisa por elas, Estêvão, que te largam de mão.

— Largam nada! Aí é que vão querer sempre mais e mais. Meu amigo Genaro deu carona a um desconhecido. O caminhão ia muito carregado. O tal sujeito levou um tombo e morreu na estrada. A mulher não larga o

Genaro. Já conseguiu casa, escola para os filhos, mesada. Ameaça sempre com a Justiça. Muita gente tem tanto pavor da Justiça que dispensa qualquer luta. É melhor se entregar logo, mesmo tendo razão. Já fiz o que pude pelas três. Não posso é sustentá-las o resto da vida.

— Dizem que a mulher do Pedro, a que mais chorava, já está se arrumando com um sargento da base. Pintou os cabelos, passou a usar vestidos apertados e curtos, você não a reconhece. Anda toda liró... Mesmo assim pede...

— E as outras duas?

— Estão marcando passo. Até arranjam alguém.

— Só assim vão me largar de mão. De qualquer forma, quero ajudá-las. O melhor é oferecer dinheiro. Dá menos trabalho e agrada mais. Não vou dar propriamente, mas emprestar. Quando se sentirem devedoras, desaparecem. Mando assinarem promissória para fazer com aparato a coisa. Somem logo.

Mônica insistia com Estêvão para abandonar Belém. Fazer sede de seus negócios e de seu domicílio em Caiena. Seguir o exemplo de Salomão, agora homem internacional, vivendo mais em Miami do que no Brasil. “Largasse a casca”, dizia ela. A casca que a província cria sobre as pessoas e que só desaparece depois de muito convívio com gente “civilizada”.

— Que é civilização? — pergunta Estêvão, absorto.

— Conforto, progresso, cultura...

— Os homens ficam melhores? E os crimes de Nova Iorque, os homicídios, os assaltos da Itália, a guerra religiosa na Irlanda, as prisões da Sibéria?

Mônica mudava de assunto.

No apartamento da Rua General de Gaulle, o silêncio da noite amornava as palavras ternas de Mônica:

— Eu te *querro só parra* mim, *mon chéri*.

As investidas tomavam-se cada vez mais frequentes, a ponto de perturbarem um pouco as negociações de Estêvão, sempre às voltas com vendedores e compradores de gêneros, comandantes de barcos, tripulantes, uma engrenagem que dia a dia se agigantava.

E estendia as suas atividades a outros estados. Maranhão era, com suas reentrâncias na costa marítima, especialmente em Carutapera, bom de

desembarque, mas de difícil transporte por terra. Melhor o Ceará, com a facilidade das estradas para Recife e Salvador, Rio de Janeiro, Brasília, pelo sertão ou pela costa, conforme o destino.

A imaginação de Estêvão voava para Belém, entrava de mansinho na bela casa da Avenida dos Cabanas, penetrava sem precisar abrir a porta...

Linda, por sua vez, não deixava por menos.

— Abandona essa vida, Estêvão! Vamos ser felizes de novo! Já ganhaste muito, estás rico! Que queres mais da vida? Tens Betinho para criar, que mal vês, um dia ou outro...

O nome de Betinho aguilhoava seu coração. Relembra o garoto pequeno, os dentinhos nascendo, a covinha no rosto, agora já crescido, frequentando o primário, cheio de vida, sob os olhares de inveja dos colegas, que o viam chegar, com o chofer, em carro americano, ou com a mãe, em automóvel francês.

As professoras se desmanchavam em gentilezas. Era Betinho para cá, Betinho para ali, Betinho para acolá, o filho do Dr. Estêvão (fora promovido a doutor), menino inteligente como nenhum outro em todo o curso (diziam). As listas para festejos corriam de mão em mão, Betinho trazia sempre gorda quantia, num envelope azul, com recomendações de Linda para que não abrisse. “É falta de educação!”, dizia ela.

Na casa de Linda, o recheio mudava de seis em seis meses. As mobílias, os quadros, os vasos, os tapetes. Tudo sempre novo. No quarto, agora luxuoso, quase tudo era estrangeiro, exceção do mobiliário.

Mas os olhos de Linda continuavam com olheiras negras. As noites mal dormidas. Saudades de Estêvão quando estava distante, preocupações com Estêvão quando se achava presente. E aquela suspeita, que lhe roía a alma, de que outra mulher se atravessara no caminho dos dois.

Linda procurava fugir dos telefonemas, dos colonistas sociais, dos convites. Com a casa nova de Salinópolis, refugiava-se perto da praia, semanas inteiras, enquanto Estêvão viajava, só regressando nas vésperas da volta do marido a Belém.

— Não aguento mais essa vida! — exclamava inquieta. — Você sempre ausente. E as más-línguas, as insinuações. Vez por outra, me dizem coisas em que não quero acreditar.

— Isso é intriga dos invejosos. — respondia Estêvão. — Não podem ver ninguém progredir na vida.

Novos empreendimentos, novas empresas. A de pesca, a de turismo, a drogaria, já se insinuando para transformar-se no futuro em uma rede de drogarias em vários pontos da cidade. Pensava em investir em hotel, em televisão, em rádio, em outros ramos de comércio lucrativo, capazes de absorver tantos lucros.

Estêvão não viajava mais de barco. Entregava a tarefa aos prepostos. Só avião. Vez em quando Miami, agora Nova Iorque, aonde já fora algumas vezes, tratar de negócios com Mr. Levinsohn, negócios de verdade. Para valer!

Mr. Levinsohn tinha o hábito de conversar medindo as palavras, pausadamente, sem perder nenhuma. Dava a impressão de homem frio, calculista, econômico a ponto de poupar vocábulos. Não falava nada a mais ou a menos. E, para emprestar ênfase ao que dizia, costumava bater com o punho cerrado na mesa. Cada pancada correspondia a uma palavra, como um acompanhamento necessário.

Foi assim que fechou acordo com Estêvão, força da sugestão, as palavras e as batidas na mesa, não com grosseria, mas com energia:

— Em Bogotá, Sr. Estêvão. Em Bogotá, o senhor recebe a mercadoria. Dia 10, às dez horas, no Hotel Tequendama.

— Que quantidade?

— Crakowiasky. Sigmund Crakowiasky, meu amigo, de confiança.

— Que quantidade?

— Cocaína, vinte quilos. Preço... três mil dólares o quilo...

— Pagamento?

— Na entrega. Em dólar, moeda. Nada de cheques, nem outra moeda. Notas de cem e cinquenta.

— Qual a senha?

— Amigo do Caribe. Ele chama da portaria, pelo telefone, dizendo que é o *amigo do Caribe* que chegou. Mande subir logo.

— Por que preferiu Bogotá?

— É melhor para mim e para o senhor. Para mim porque com o dinheiro vou comprar esmeraldas. É fácil depois de transportar, via Panamá. Para o senhor porque Bogotá fica perto de Manaus e Manaus é Brasil...

Estêvão involuntariamente se lembrou de um *slogan* que escutara certa vez numa propaganda política: “Amazônia é Brasil!”, e agora via a realidade: Manaus é Brasil, embora escondida na selva, entre o abraço de dois rios que se repudiam primeiro para depois se amarem. Ali estava Manaus, a heroica, de altos e baixos, rica e pobre, pobre e rica, como certas criaturas que sobem e descem na vida. Nunca o nome de uma cidade lhe soou tão amavelmente aos ouvidos: Manaus. Sua esperança, seu entreposto, sua ponte para maior riqueza. Milionário. Essa palavra o vinha perseguindo há muito. Queria ser milionário, de verdade.

Mr. Levinsohn, além de bater ritmicamente na mesa, olhava nos olhos do interlocutor. Convencia logo. Fazia sempre os negócios como melhor lhe convinham, uma personalidade forte. O seu escritório em Nova Iorque, na Sétima Avenida, perto da Rua 46, era de fácil acesso a Estêvão, que se hospedara no Diplomatic, sem conhecer, por dizerem que era hotel onde só havia brasileiros.

— Hotel *porcarria* — disse-lhe Levinsohn. — Vai para o Waldorf Astoria, homem. Hotel de gente.

No Waldorf Astoria, Estêvão se sentia mais realizado, não tinha vergonha de receber visitas, grandes homens de altas finanças, que só davam um número de telefone, mais nada, não se sabia onde matavam, nem onde trabalhavam. Franck era o número 255 674 532; Caponi, o número 456 373 635; Hernandez, o número 282 726 256; uma gente estranha, que em cada dez palavras pelo menos uma era dólar. Ouvindo-os à distância, só se percebia, de vez em quando... dólar... dólar... dólar.

Levinsohn, além de vender o produto, ainda ensinava como transportar.

— O senhor coloca no meio da roupa, na mala. Leva sempre duas malas. Abre só uma na alfândega.

— E se a fiscalização mandar abrir a outra?

— Não manda se você conversar com o fiscal antes. Se ele for duro, você “dá um toque”, o sinal da nossa sociedade internacional, da qual você agora é sócio... E o Marcial, que faz lá?

— E se for outro fiscal?

— O melhor é conversar com um dos chefes... Em Manaus, tem o Gondebaldo, aquele gordão. Controla tudo e todos... Parece que não é do quadro, mas tem muita força. Manobra a todos... É gente do Marcial.

— Mas prefiro Belém... Tem saída mais fácil pela estrada para Brasília, Rio e São Paulo. Manaus é muito longe de tudo e de avião corre-se sempre grande risco. É preciso fazer o transbordo. Pela estrada não há controle nenhum...

— Você faz como quiser. Mas mesmo que deseje Belém, Bogotá parece o melhor local para entrega. Se não confia na fiscalização, amigo, combina com a tripulação e joga na cabeça da pista...

— Só se for o Comandante Musa...

— O Cornevaldo?

— Esse mesmo, boa praça... Quando o conheci era bancário... Faz muitos anos... No Rio... Depois entrou para a aviação... não sei como...

— Entorpecentes só dão resultado nas grandes cidades. De Belém, manda logo para São Paulo, para o Tanderini, ou para o Rio, onde o negócio é controlado pelo Schlegelman, o homem de nome mais comprido que já conheci, Karl-Ferdinand von Kratz Schlegelman...

— E a polícia?

— Ali há dois delegados amigos, dão cobertura... Quando você engrenar nesse negócio, não vai mais querer saber de perfumes, nem de automóveis...

Noite escura. O aeroporto de Val-de-Cães, em Belém, estava em obras. As manobras dos aviões às vezes demoravam. Alguns sobrevoavam durante muito tempo, fazendo voltas, sob as ordens da torre de comando. A tripulação avisava:

— Senhores passageiros. Vamos aterrissar daqui a vinte minutos. O aeroporto está interditado...

As voltas, o ronco alternado das turbinas, passageiros já apavorados, julgando que a aeromoça estava mentindo. Uma senhora gorda, muito nervosa, fala alto:

— Vinte minutos? Tudo isso? Quase que dava para chegar no Maranhão...

Os demais passageiros se entreolham, alguns tranquilos, experientes de viagens, outros desassossegados, embora experientes.

Lá embaixo a mata espessa, negra, se confundindo com a noite, ao longe as luzes espaiadas da cidade, as ruas bem traçadas, marcadas por numerosos colares de lâmpadas enfileiradas.

Estêvão procurava distrair-se identificando as ruas, pela extensão ou pela localização:

— Aquela é a Tito Franco, a outra, a Pedro Álvares Cabral, a Independência.

Imagina a rua dos Cabanas, a drogaria, lá embaixo, àquela hora com Macário indormido, aguardando Estêvão e, com ele, o contrabando valioso. Conseguira vinte quilos de cocaína boliviana em pó, bem acondicionados, dois pacotões fáceis de transportar em maleta de mão. O comandante cooperava, um dos tripulantes também, tudo seria feito com precisão, na hora em que o avião atingisse a cabeça da pista, para manobrar em sentido contrário, ao acelerar as turbinas. Com aquele ronco enorme, nenhum passageiro poderia suspeitar que, mal fazia a curva, os pacotes eram lançados na beira da pista, na orla da mata. Àquela hora, Ezequiel e Rufino estavam a postos, com jipe disfarçado no arvoredor, pronto para largar pela estrada de barro batido. Quem devia lançar fora os pacotes era a aeromoça Lana, loura dolicocefala, agitada, amiga de Estêvão e de Conrado, comandante. Para bem cumprir a missão, fechava a porta que comunica o comando com o salão dos passageiros.

Entre os arbustos, Ezequiel e Rufino se mostram nervosos, é a primeira vez que operam com aviões, estão mais habituados ao contrabando marítimo. Aquele tipo de trabalho os inquieta e apavora. Além do mais, julgam ser vitamina B12! Preferiam descarregar dez automóveis no barranco do que um ou dois pacotes com drogas no aeroporto. O avião desce normalmente, freando sobre a pista e perdendo a força, até atingir a ponta avançada do trecho asfaltado em que deveria manobrar; na cabeça da pista, as luzes projetadas sobre o chão encandeiam os homens, o ruído ensurdece, principalmente no momento de realizar a curva. Ezequiel e Rufino ouvem o baque surdo de dois volumes no chão, enquanto a aeronave, em sentido contrário, se afasta rapidamente, como uma ave imensa. Ezequiel se lembrava do

tempo do serviço militar, rastejando na areia e na pedra, como se estivesse na guerra. Recordava as histórias que lhe contava João, da guerra de verdade, na Itália, quando percorria grandes extensões de rastros, equipado, sem poder levantar a cabeça, porque a bala pegava. Por cima, só o zumbido dos projéteis. Apanharam os pacotes e os colocaram em duas malas de mão. Deslizaram sorrateiramente para o jipe, luzes apagadas, e em breve, trafegavam pela estrada quase deserta rumo à drogaria.

Antes, porém, passaram por imprevistos. Mudara a mão de trânsito em quase todas as ruas. Ezequiel penetra com o jipe em velocidade pela Avenida Senador Lemos, na contramão, involuntariamente. Abalroa com um enorme caminhão, repleto de carga, com chapa de São Caetano do Sul, São Paulo. Mesmo assim ainda se defendeu um pouco, amassando o para-lama traseiro, lado esquerdo, ao desviar para a direita, evitando o impacto de frente. O caminhão adernou com a violenta pancada. Sorte ser alta madrugada, senão juntava logo gente, vinha a polícia, queria fazer remoção, lavar auto.

Do imenso caminhão, desce um corpulento motorista, sotaque italiano, as mãos para o alto, vociferando:

— Maluco! O senhor está maluco! Por Deus! Está querendo morrer! Depois, culpa o motorista, só porque é de fora!

— O senhor foi culpado! — pondera Ezequiel, embora sabendo não ter razão, com o pensamento nos volumes de contrabando, receoso de qualquer outro incidente de maiores proporções.

— Mas podia ter morrido, senhor! Entrou na contramão, senhor!

O ítalo-brasileiro brandia os braços para o alto:

— *Mama mia!* Que perigo! Prejuízo! Metade da carga caiu!

Ezequiel teve vontade de xingar o paulista. Dizer que, em São Paulo, o trânsito é o pior do mundo, ninguém respeita sinal, nem mão ou contramão, estacionam em qualquer lugar. Os jornais estão cheios de noticiário de desastres, mortes, são uns irresponsáveis e, além de irresponsáveis, ainda se julgam donos do mundo... Mas os desaforos que Ezequiel imaginava ficavam apenas nas intenções, bem dentro da cabeça, a imaginação fervilhando, gritando por dentro da alma:

— Seu canalha! Seu patife! Volte para a sua terra! Ou se não quiser, vá para... a Belacap, a Novacap! Para o inferno!

Mas a lembrança do contrabando o tornava delicado, até covarde.

— Queira desculpar, senhor. Não sabia que haviam mudado a mão desta rua. É coisa recente.

— E como eu acertei? Eu que venho de longe, de *San Palo*? O senhor é da terra e não sabe nada?

Rufino chama Ezequiel e lhe sussurra ao ouvido:

— Tenho vontade de dar uns murros nesse italiano...

— Não pode, Rufino. Olha a nossa responsabilidade. Depois, Estêvão vem no nosso gogó. Tem que bancar o frouxo. O caminhão quase vira. Está apoiado na mangueira.

— Mas agora mesmo é que ele vai bancar o valente. Experimenta. Dá só um grito com ele, para assustar. Puxa uma faca.

Ezequiel medita um pouco. O italiano vociferava:

— Imprudente! Minha carga é de alto valor. Vem de São Paulo. Seu sa-laфра!

E apontava para o imenso veículo, recoberto de lona marrom, todo amarrado, com cordas grossas, parte da carga espalhada no leito da rua.

Ezequiel se aproxima do corpulento motorista e grita:

— Cala a boca, gringo! Eu te quebro a cara! Vai gritar na tua terra!

E com os punhos fechados, mais por farsa do que por intenção, levantou os braços, ameaçadoramente, uma faca na mão direita.

— Está bem. Está bem — responde o italiano, apavorado.

— Vamos embora, Ezequiel! — fala Rufino, impaciente. — Não cria mais problema. Olha o nosso negócio.

— O cara se acovardou.

Ezequiel aciona o motor. Tenta fazer marcha à ré para manobrar na esquina, em direção do bairro da Sacramento.

— Mudou tudo — explica Rufino. — Todas as mãos de trânsito.

— É para justificar serviço — responde Ezequiel, enfezado.

— Isso mesmo. Um tal Capitão Leonino assumiu a Delegacia de Trânsito e mudou tudo. Criou taxas sem lei. Cobra até para passar na porta da delegacia. Dizem que está se enchendo.

— Pará, terra boa! Essa turma vem para cá de mão vazia e sai rica.

— Mudaram também as placas. Deram concessão a um tal Godofredo, sujeito de fora, está se enchendo. Você já pensou quanto custam milhares de placas de trânsito, em toda a cidade?

— E são placas malfeitas, de acrílico, não vão durar nada.

— É só para justificar.

Começam a chegar pessoas estranhas, não se sabe de onde, nem como. São padeiros com cestas às costas, vendedores ambulantes na hora de irem para o mercado, farristas retardatários, varredores de ruas, com imensas vassouras improvisadas de folhas de palmeira, carros de leite.

Ouve-se um ruído estranho. Alguém grita:

— É patrulha!

— E agora? — balbucia Ezequiel para Rufino. — É a patrulha da polícia. Demoramos muito. Olha os holofotes e o barulho da sirena.

— Não adianta mais fugir. Segura a muamba! Cuidado!

Em minutos, estanca o carro policial blindado, descem guardas com cas-setetes à mostra, revólveres mal disfarçados, à cintura, um civil, parecendo comissário de polícia, vai logo indagando:

— Onde estão os motoristas?

— Pronto! — exclama Ezequiel.

— *Sinhore!* — grita o italiano. — Foi culpa *tuta* desse *sinhore*... Venho de *Lontano, San Palo!*

Aponta agressivo para Ezequiel.

O caminhão adernado estava com meia carga sobre a calçada, populares já começavam o saque, aproveitando o escuro da madrugada. Crianças, até crianças, àquela hora, surgiam como por encanto, talvez das casas próximas, as luzes acesas, as portas baixas dos porões abertas, se insinuavam, confundindo-se com as sombras dos galhos das mangueiras frondosas. Quatro policiais, apenas na viatura, eram insuficientes para conter a aglomeração, que cada vez aumentava mais, todos comentando, quem tem razão, quem não tem. Uns diziam que a culpa era do motorista do caminhão, vinha com as luzes apagadas, bastava ver a chapa (São Paulo-São Caetano do Sul), era gente que não conhecia as ruas, o trânsito, acostumada a puxar mais de cem quilômetros nas estradas e quando entravam pela cidade mantinham a mesma louca velocidade.

— Chofer cansado. — exclamou um. — Deve ter dormido na direção. Vem de São Paulo!

— O culpado é o do jipe. — falou um rapaz magrelo, vendedor ambulante. — Entrou na contramão.

— Contramão nada! O jipe estava apenas manobrando, não seguia na contramão. — justificava outro desconhecido, aventurando hipótese toda sua.

Ezequiel ouvia os comentários. Já tinha testemunhas a seu favor.

O caminhão, diziam alguns, vinha de faróis apagados. O jipe manobrava apenas contornando a rua. Não era louco de entrar numa contramão.

— É preciso chamar o advogado de Estêvão. — fala Rufino ao ouvido de Ezequiel. E se insinua no meio do povo, tentando afastar-se, na mão direita o pacote com cocaína, a preciosa carga.

— Eh, você aí! — grita o comissário. — Não pode ir não!

— Fica o chofer. — diz Rufino. — Eu sou passageiro.

— Vai não. — grita o comissário. — É testemunha. Estão presos. Todos. Vamos à delegacia.

Em poucos minutos, todos dentro da possante camionete da polícia, Ezequiel e Rufino de um lado, com um policial; o italiano e um acompanhante, magrinho, ruivo e sardento, em frente com outro policial. Vêm três testemunhas. O veículo percorre a cidade em alta velocidade, o ruído da sirena acordando os que dormem, sem respeitar sinal luminoso.

O italiano mostra-se nervoso. O outro aconselha, falando baixo:

— Tem calma, Giuseppe. Vai tudo sair bem.

— Mas a mercadoria, *signore! Le escarpe!* Tantos sapatos. O povo vai *rubar* tudo.

— Tem seguro, homem. Seguro paga.

— Mas que *voi dire a patrone*, *Senhore* Catalano, meu amigo, *buona gente! Buono patrone. Tanti ani fa nesta vita sem nessuno* acidente. Agora, acontece isso!

O pobre homem quase chora. Mistura as duas línguas. E dirigindo-se a Ezequiel:

— *Senhore* culpado! Entra na *contramano!*

Um dos policiais faz um gesto, sem falar, recomendando que o italiano se cale:

— O senhor fala na delegacia.

— *Tengo* que voltar para *San Paulo. Mama mia...*

No local do acidente, ficaram apenas dois policiais montando guarda, a fim de evitar saque. Mesmo assim, o povo tenta se insinuar. Dois homens são insuficientes para impedir que a massa humana, se crescer, venha a cometer desatinos. Nenhum telefone público nas proximidades. As casas de comércio da esquina fechadas. Uma padaria, apenas, com o paredão quente junto ao forno, está de porta aberta. Saem os padeiros, misturando-se com as sombras, as cestas nas costas ou na cabeça. É preciso desviar o trânsito. Só quando chegar reforço, difícil de conseguir com rapidez àquela hora da madrugada.

Na delegacia, há apenas alguns soldados. Aguarda-se o delegado de plantão, Dr. Revoredo, que foi tomar um cafezinho. Um velho relógio de pêndulo no alto da parede caiada bate às cinco horas.

Giuseppe olha agoniado para o relógio. Dirige-se ao comissário:

— *Senhore, per favore, a carga del camione...*

— Fique tranquilo, homem. Ficaram dois guardas lá. Vai reforço.

— *Son* muitos *miliones, senhore. Miliones* de sapatos. Artigo fino, marca Cacciatore.

— Aguarde o delegado!

Ezequiel e Rufino sentam num banco corrido. Falam baixo ao Comissário Souza:

— Precisamos telefonar.

— Não, não pode.

— É para falar com o Dr. Estêvão da Conceição.

— Com quem?

— Com o Dr. Estêvão...

— O que vai ser deputado?

— Isso mesmo. É do partido. O da empresa de pesca, do turismo, Caribetur, da Paranorte Tours, das Drogarias Estêvão, da Rádio Colombo...

O comissário baixa a voz, olha para os lados:

— É meu correligionário. Vou facilitar o telefone, na sala do lado. Vai só um, o outro fica.

Rufino se acomoda num banco tosco. Um guarda estremunhado cochila ao seu lado. A parede, outrora branca, agora amarelada de poeira, tem no alto um crucifixo muito velho, mais adiante o retrato do governador, no tempo de moço, fardado, desbotado pelo tempo. O relógio marca cinco e meia. Uma badalada sonora ecoa por toda a delegacia.

Rufino coloca debaixo do banco a maleta com o pacote de cocaína, dez quilos, enquanto Ezequiel não larga a sua, com igual carga. E agora, pensa Rufino, se abrirem a maleta? Ambos julgam tratar-se de vitamina B12, de alto custo. Estêvão jamais revelava, em tais casos, o conteúdo dos pacotes, fortemente amarrados.

Poucos minutos depois, regressa Ezequiel da outra sala:

— Telefonei. Falei com Estêvão. Está providenciando. Estava na drogaria, com o Macário. Aguardando.

Um estrondo na porta. É o delegado de plantão, Dr. Sebastião Revoredo, corpulento, pálido, um bigodinho negro à galã de cinema mudo (mais conhecido como Rodolfo Valentino), vai logo falando:

— Que é que há?

— Acidente na Senador Lemos. — explica o comissário. — Um jipe, conduzido por este senhor — aponta para Ezequiel — e um caminhão de São Paulo...

Enquanto isso, acerca-se do delegado e diz-lhe algo ao ouvido.

O delegado vai logo gritando:

— Esses caminhões de São Paulo são assim mesmo... Entram na cidade como se estivessem na estrada! Não respeitam sinal!

O corpulento motorista do caminhão protesta:

— *Senhore*, não é *vero*! Vinha certo. Na *mano*. Esse senhor com o jipe entrou na *contramano*. Foi culpado. *Tengo* trinta anos de motorista de Rio Grande do Sul ao Rio. Juro por Deus!

Ezequiel e Rufino se mantêm calados. O Comissário Souza deve ter soprado algo no ouvido do delegado, informando que o jipe era de Estêvão, o Dr. Estêvão, amigo de tanta gente, futuro candidato a deputado pelo partido da situação, como informavam os jornais.

— Que dizem as testemunhas? — pergunta o delegado. — O senhor aí, que diz?

E aponta para um dos mais exaltados na hora do acidente:

— O caminhão estava com a luz apagada...

— O quê? — ruge o delegado, mirando o motorista corpulento.

— Sim, vinha com a luz apagada.

— Com carga?

— Repleto.

— Qual é a carga?

— Sapatos.

— De onde vinha?

— De São Caetano do Sul. Fábrica Cacciatore, os melhores de *Brasile*. — explica Giuseppe.

— Vou mandar fazer a vistoria. Os carros não saem enquanto não chegar o pessoal da vistoria. Quero ver o laudo.

Toca o telefone. É com o delegado. Ezequiel observa a fisionomia do Dr. Revoredo. Os monossílabos.

— Sim, sim, certo, já sei; sim, o do rádio, sim, sim, ah! Sim, sim, do turismo, sim. Fique tranquilo.

Ezequiel e Rufino compreenderam tudo. Do outro lado da linha, deveria estar alguém em nome de Estêvão, talvez o advogado, talvez algum político influente, ou alguma autoridade superior.

— O senhor aguarda aí, vai prestar depoimento. — diz o delegado, dirigindo-se a Giuseppe.

E virando-se para Rufino:

— O senhor pode ir embora. O outro fica, vai depor também.

Ezequiel respirou fundo. Sua preocupação eram as duas maletas com cocaína, escondidas debaixo do banco, sob as pernas.

— Posso ir, delegado? — pergunta Rufino.

— Sim, pode. O senhor não vinha na direção. E seu depoimento não adianta nada, é suspeito, amigo do motorista do jipe. Ficam as testemunhas.

Ezequiel passa a sua maleta para Rufino, que a toma com a mão esquerda, porquanto na direita já estava com a sua. Vinte quilos, dez de cada lado, carga pesada. Havia que disfarçar.

Dirigindo-se ao delegado:

— Nós íamos para a estrada, a serviço do Dr. Estêvão.

E Ezequiel:

— Leva a minha maleta! Não preciso mais de bagagem. A viagem fica para amanhã.

A porta de mola bate atrás de Rufino, este com duas maletas nas mãos, rapidamente desce a escadaria e some pelo portão. Lá fora, é a aurora. Passa pela sentinela, à qual oferece um “bom dia”, com toda naturalidade. Um táxi. Que sorte! Surge logo um táxi. Em poucos momentos, estava chegando à Drogaria Estêvão, na Avenida dos Cabanos, onde Macário, impacientíssimo, perdera a esperança de receber a preciosa carga. Abre-se o largo portão do lado. Não, não precisa entrar o táxi. Só se fosse jipe, objeto de vistoria, àquela hora da madrugada, em plena alvorada.

— A vantagem — diz Macário a Rufino — é que a carga é pequena. Uns vinte quilos. Pode-se esconder bem. Já pensou se fossem caixas de uísque ou de perfumes? Dava logo na vista.

Fecha-se o portão. Macário, com instruções de Estêvão, guarda as duas maletas, sem abri-las, num imenso armário ao fundo da farmácia, no depósito empoeirado, repleto de garrafas vazias e caixas de papelão.

— Aqui ninguém vem. Nem mesmo a fiscalização.

É o seu pensamento que fala, sem que ninguém escute, porquanto está só. Vinte quilos de cocaína boliviana já eram uma boa reserva. A três mil dólares o quilo, seriam sessenta mil dólares, cerca de quatrocentos mil cruzeiros. Estêvão dar-lhe-ia o destino conveniente. Tanderini, em São Paulo e Schlegelroann, no Rio, seriam bons compradores. Já pensava em, na próxima vez, trazer trinta quilos, da peruana que, segundo diziam, era de melhor qualidade.

Comandante Musa facilitava o transporte. Levava a sua parte, também. Dependia muito dos dias de voos, os horários, a fim de evitar complicações. No mais, a sorte ajudava. Estêvão sempre fora homem de sorte, desde pequeno.

As coisas lhe vinham às mãos, com naturalidade, sem muito esforço.

Só não tivera êxito com o barco, naufragou à noite, no Carnapijô, desgraça irremediável.

— Você teve foi muita sorte! — disse-lhe, certa vez, Abdon. — Naufragar no Carnapijô e não morrer é ser sortudo. E depois ficar rico!

— É que a sorte, às vezes, se serve da desgraça, para despistar. Tem parte com o Demo. — ponderou Ezequiel, também presente.

A palavra “demo” provocava associações de ideias em Estêvão: demo, demônio, pecado, seminário, reza, o Padre Giscard, os evangelhos, Mônica, tentação, Linda, a esposa; o pensamento voava de um lado para outro, como pombo-correio perdido nos ares. Estêvão, às vezes, caía em si. Tinha a impressão de que sonhava e, vez por outra, despertava. O naufrágio. A ruína. Depois o sucesso. O imprevisto. Mônica. Tudo aquilo parecia sonho. A riqueza, o poder. Tantas empresas. Pesca em larga escala, drogarias por todo lado, turismo. Dinheiro nos bancos. Os colunistas sociais pedindo retrato e notícias. Até inventavam, só coisas boas. Mas tinha que pagar. Somente um jornalista, baixinho e gordo, implicava com ele, desde o naufrágio do navio de Leonídio com o carregamento de café. Dava-lhe alfinetadas discretas. Os demais, não. As notícias de aniversário saíam com destaque. Linda não gostava, era contra a sua natureza, mas não podia se opor. Fugia de repórteres. Salvo quando falavam no filho, Betinho, o seu fraco nos noticiários dizendo que era o garoto mais inteligente de toda a paróquia. E o mais bonito, parecido com a mãe e com o pai, para não desgostar nenhum dos dois.

Estêvão tinha a impressão de possuir duas almas. Vez por outra, caía em si como se passasse de um estágio a outro, de uma alma a outra. E que, no subconsciente, ainda permaneciam gravadas indelevelmente as impressões do seminário, a educação que recebera, aquilo que formava o alicerce de sua alma e que procurava soterrar com ideias e pensamentos novos.

Durante o dia, tudo estava bem. Mas à noite, principalmente em viagens, despertava inquieto. Vinha-lhe à tona todo o passado, o pensamento dividido, o coração também, como se fossem duas pessoas numa só. Isso ocorria por alguns momentos, apenas. A nova vida, sua alma, um novo panorama, uma nova paisagem colorida, alimentada pelas viagens, novas amizades, cassinos, praias, festas, conforto, tinha tudo nas mãos, aonde quer que chegasse.



— Oh, querido! Você está aí! Sonhei que estava viajando. Um sonho ruim.

Estêvão passa a mão direita sobre os seus cabelos, contempla-a longamente, relembando a primeira vez que a vira e se apaixonara. Em certos momentos, voltava ao passado, revivia as mesmas emoções. Sim, era ela, Linda, a sua Linda, a que escolhera, a que levava a um altar, seu primeiro amor, quando saíra transtornado do seminário, inexperiente de tudo, do mundo e do convívio com os homens. Em frente, o grande espelho biselado. Estêvão, mesmo sem o desejar, contempla sua figura refletida, seu rosto



agora começando a tornar-se enxundioso (excesso de uísque, disse-lhe o médico, é preciso beber menos), os olhos, não apenas os olhos, mas a expressão, a luz interior que vem de dentro da alma. Por vezes, se desconhecia, assustava-se ao mirar-se no espelho. Lembrava-se da juventude, o tempo do seminário, quando raramente se via no espelho, o rosto magro, pálido, chupado, os zigomas salientes, os olhos com um brilho natural, muito puros, expressando apenas inocência e bondade. Como se transformara! Julgava-se feio, naquele tempo. Mas os olhos o agradavam. Podia encará-los de frente. Não tremia. Agora não. O rosto tornara-se colorido, avermelhado, o cabelo bem tratado, as sobrancelhas, tudo revelando apuro e limpeza, a pele lisa, mas os olhos! Não, não eram os mesmos! Expressavam algo de velhaco, de diabólico, algo que não gostava de mirar. Era como se fosse outra pessoa, diferente, um estranho que ocupara o seu corpo, estranho para si próprio, habituado que estava, durante anos a fio, a contemplar a mesma figura, agora transformada.

— Eu me preocupo muito contigo, Estêvão. — falou Linda, os olhos semicerrados. — Rezo muito por ti.

— Bobagem, mulher! — exclama Estêvão. — Lê os jornais de hoje...

Mostra-lhe a primeira página da *Folha do Povo* e do *Radical*, dois jornais de orientações diferentes, ambos informando ao público que o Dr. Estêvão Conceição vai ingressar no Partido Reformador Democrático e ser candidato a deputado!

Era agora um homem poderoso. Dono de empresas de pesca, de drogarias, de dois escritórios de turismo, acabara de adquirir o controle acionário da Rádio Colombo S. A., já pensava em partir para outras atividades, o jornalismo, a televisão. Fizera um investimentozinho de alguns milhões na indústria de fibras, a Jutatex S. A. e, se as coisas prosseguissem com êxito, ingressaria no ramo bancário. Sim. Compraria um banco. Para evitar perigos, não viajaria mais com mercadorias. Mandaria prepostos. Bastaria o Comandante Cornevaldo Musa, ou o Conrado Parreiral. Se estourasse escândalo, não estaria presente, seria difícil de pegar. Além do mais, lucro de quinhentos milhões na viagem não interessava mais. Não pagava o risco. Escolheria seus homens a dedo, em vários escalões. Ezequiel e Rufino eram bons para contrabando miúdo, automóveis, rádios, perfumes, bebidas. Mas

para entorpecentes, era preciso gente mais habilitada, melhor apresentação. Já recebera ofertas valiosas, não só de coca da Bolívia, Peru e Colômbia, como de ópio da China e Japão, heroína da Turquia, negócio via México, nada de dez ou vinte quilos; centenas, sim, centenas, era o que lhe falara, entre duas pancadas com a mão na mesa, Mr. Levinsohn, nos Estados Unidos. Encontro marcado em Acapulco, no México, para breve. Ezequiel e Rufino não precisavam saber que estavam transportando cocaína, ou ópio, ou heroína, variante daquele. Vitamina B, remédio, não entorpecente, é o que dizia Estêvão. Há muita procura nos hospitais, nas farmácias, nas grandes cidades, vende-se tudo. E de permeio com os entorpecentes, podiam vir as vitaminas, de contrapeso e também um alto negócio.

Tinha, porém, um adversário poderoso, que jamais olhara de frente: Salomão. Sim, Salomão Abinador Begossian, o armênio, primeira paixão de Mônica (conforme ela mesma confessava), mas que abandonara pouco a pouco, à proporção que Estêvão foi se insinuando em sua vida. Salomão sabia de tudo. Acompanhava os passos de Estêvão. Viajava por todo o mundo nos mesmos negócios, já liberto financeiramente de Mônica, negócios em Europa-Estados Unidos-Brasil, com morada em Miami, um palacete, conforme se apregoava. Nem por isso, deixava de morder a alma de Salomão a inveja daquele novo concorrente, culto e mais jovem e, o que era pior, preferido de Mônica.

Estêvão sabia que corria perigo. Muitos avisavam repetidamente:

— Cuidado com Salomão! Ele o manda matar pelas costas!

Até alguns prepostos de Mônica, antes vinculados a Salomão, passaram a receber ordens de Estêvão, como Ezequiel, Rufino, João, Jaime, Tarquínio e muitos outros. Estêvão sentia que não podia cometer o mesmo erro de Salomão, que ao ver-se rico e envolvido no alto comércio das drogas, desprezara o pequeno contrabando marítimo e, conseqüentemente, os antigos colaboradores. Era preciso olhar os pequenos também, mesmo para evitar denúncias, inimizades. Sabiam de todos os segredos e poderiam arrastar à desgraça Estêvão, Mônica e Salomão, se assim o quisessem. Pelo menos, provocariam escândalo e necessidade de fuga. Contra eles, havia outros recursos: a poderosa engrenagem econômico-financeira montada, inclusive a publicitária. Recolheria ao hospício qualquer um que tentasse enfrentá-lo.

Pois não se vira, num casinho à toa, o dono do caminhão de São Paulo, embora com toda a razão, ainda ter que indenizar a batida do jipe? Laudo favorável, inquérito, relatório policial, tudo a favor, a sentença do juiz também. O italiano escapou de pegar cadeia, por crime culposos, negligência e imprudência, viajar de madrugada em alta velocidade, caminhão carregado de sapatos e ainda sem luz! Era o que ficara provado nos autos, sentença bonita, publicada em todos os jornais, firmando jurisprudência, confirmada pelo tribunal, com publicação certa na *Revista de Jurisprudência Brasileira*, do Rio de Janeiro. O seguro se recusara a pagar a indenização ao fabricante de São Caetano do Sul. O motorista, preposto do vendedor, agira com negligência e imprudência. O saque de cerca de dois mil pares de calçados fora consequência da negligência do motorista e da autoridade policial. Que acionasse o Estado, responsável pela omissão de seus prepostos! A Fábrica Cacciatore perdeu demanda em todas as instâncias, ainda pagou as custas. O ítalo-brasileiro Giuseppe Tarentino foi aposentado pelo INPS, afastado do serviço, coitado, negligente e imprudente. Caíra sobre sua cabeça todo o peso da Justiça. A espada da Justiça. Lembrara Estêvão umas grandes, imensas espadas que vira no Museu Militar de Santa Apolônia, em Lisboa, que teriam pertencido aos heróis portugueses do passado, talvez a Afonso Henriques ou a Nun'Álvares, algumas de quase dois metros de altura, muitos quilos de peso, eram necessários dois homens deste século para carregá-las. De que tamanho seriam as mãos de Afonso Henriques (pensava Estêvão) para brandir com desenvoltura aquelas armas, como se fossem punhais?

A espada da Justiça caíra sobre o pobre do Giuseppe, *mamma mia*. Estêvão ouvira narrar por Ezequiel toda a história do acidente, o gorducho motorista vibrando os braços, querendo salvar os sapatos, levado pela polícia, de madrugada, como um malfeitor. O juiz julga pelas provas dos autos, dissera-lhe, certa vez, o Dr. Carvajal. Só vê o que está escrito. Se as testemunhas afirmaram que o italiano estava com o caminhão em alta velocidade e luzes apagadas, bumba, ele perdeu a questão! Ainda mais, os passageiros do jipe iam sair da cidade, estavam na mão certa, com malas para viagem e a prova. Para ser correta, a decisão deveria ter condenado o italiano. Merecia cadeia. Crime culposos.

— Por que culposos? — indaga Estêvão.

— Sim, porque não agiu intencionalmente, de má fé, com dolo. Houve apenas culpa: imprudência, negligência, imperícia... A pena é menor, mas é crime. Dá cadeia.

Estêvão, rebuscando no subsolo da alma lembranças longínquas, balbucia, quase como um autômato, versos que gravara, do tempo do seminário:

“Giustizia mosse il mio alto fattore...”

— De quem é isso? — indaga o Dr. Carvajal.

— De Dante Alighieri, Dr. Carvajal. De Dante, no Inferno, canto terceiro, quando o poeta lê, companhia e Virgílio, a inscrição na entrada do Inferno, que começa assim:

*“Per me si va nella città dolente
Per me si va nell’eterno dolore”.*

— O senhor acredita em inferno, Dr. Estêvão?

Estêvão ficou mudo, olhando um ponto imaginário no horizonte. Sua alma, às vezes, se desligava do presente e reingressava no passado. Passava de um nível a outro. Subia. Descia. Era mau, insensível, frio, certas horas. Contemplativo, bom, consciente e generoso, em outras.

— O senhor acredita no inferno, Dr. Estêvão?

Desta vez, quem falou foi o próprio Estêvão, repetindo a pergunta do Dr. Carvajal, sem saber o que responder. Havia dois seres em seu ser. Um responderia:

— Não, não creio!

O outro diria, convicto:

— Sim, ainda creio!

Todos esses pensamentos assaltavam Estêvão naquele amanhecer ensolarado, lá fora a claridade em tudo no céu, nas fachadas das casas, nas fisionomias cheias de euforia. O sol parecia penetrar nas almas, dando-lhes vida e saúde, vontade de viver.

Linda passa o braço sedoso pelo seu ombro e diz-lhe ao ouvido:

— Preciso falar com você...

Não era a primeira vez que assim se expressava. Quando Estêvão indagava qual o assunto, Linda desviava os olhos, nada dizia.

— Falar o quê, querida?

Linda ficava muda, como se tivesse algo de grave a revelar, faltava-lhe coragem, baixava os olhos. Betinho quase sempre entrava em cena, agora vinha já crescido, pronto para a escola, a empregada preta, Susana, tomando-o pelo braço, enquanto o motorista esperava, lá fora, o carro lúcido, pronto para partir.

Toca o telefone. Alguém quer falar com Estêvão. É urgente. Do chefe do partido. Linda percebe apenas retalhos da conversa:

— Sim, Excelência. Pois não, com muito prazer. Hoje, às onze horas. Lá estarei. Muito obrigado pela atenção. Bom dia a Vossa Excelência...

— Que é, Estêvão?

— É o Senador Carivaldo. Transmitiu recado do Chefe. Devo procurar o senador hoje às onze horas, na residência de Emanuel Melchior.

— O concessionário do jogo?

— Sim, esse mesmo. É que o partido praticamente está funcionando lá. O Chefe dá expediente ali pela manhã e à tarde na sede do partido. Vêm as eleições e Emanuel é mola principal. Entra com o dinheiro.

— E o Senador Carivaldo?

— Esse é o braço direito do Chefe. Prepara o rodízio dos candidatos. Qualquer eleição depende dele.

Linda olha fixamente para Estêvão:

— Preferia ver você fora disso! É uma cachorrada!

Estêvão deu de ombros. Falava pouco. Pensava muito. A mulher tinha razão, mas havia outras razões que o empurravam para aquele destino.

Sentia-se, às vezes, arrastado pelos acontecimentos. A engrenagem que montara. O império financeiro que começava a projetar-se necessitava, para crescer, de um apoio político. Uma perseguição, àquela hora, poderia reduzi-lo a nada. Caminhava para o inevitável.

— Preciso sair, Linda.

— Vai antes enfrentar as três viúvas, parece que se combinam para vir aqui sempre pela manhã e à mesma hora.

A viúva de Jacinto continuava viúva, vestida de preto, olhos tristes, crianças pelo braço. A de Carmelo casara de novo. Queria apresentar o marido a Estêvão. Marcar hora. E sussurrava aos ouvidos de Linda: “Este é bem melhor que o outro. Não é ciumento e dá tudo que eu quero”. A de Pedro nem casara de novo nem parecia viúva. Rosto exageradamente pintado, cílios postiços, minissaia aquém da medida, queria ajuda financeira para montar um ateliê de manicure e cabeleireira: Ateliê Jacqueline, homenagem à pessoa que mais admirava em sua vida... Ela mesma mudara de nome, dizia-se *Jacqueline*, nome artístico e comercial.

— Esse nome, não! — disse-lhe Estêvão. — Há outros, brasileiros, melhores. Examine a lista das senhoras ilustres nacionais. Há várias, em evidência, com serviços prestados que bem merecem a homenagem.

— Isso não é nome para hospital, Seu Estêvão. É para ateliê, tem que ser atraente, simpático, psicodélico... algo que revele vontade de viver. É para atrair gente, não é para espantar.

Estêvão não insistiu. Atendeu-as no que pôde. Tinha hora marcada. Precisava sair enquanto, lá fora, os passarinhos cantavam nos fios elétricos e revoadas de andorinhas surgiam das copas das mangueiras, anunciando o fim do inverno e o desabrochar do verão equatorial.

Céu azul total. Coisa rara, na região, sempre recoberta de nuvens alvas-centas. As mangueiras formavam túneis verdes, lembrando arcadas góticas de catedrais antigas, medievais. Os troncos grossos e nodosos, caiados de branco, como se costuma fazer, todos os anos, quando se aproxima a grande romaria do Círio de Nazaré. Vendedores ambulantes, pregões, a azáfama dos que se dirigem para o trabalho, longas filas nas paradas de ônibus, estes repletos, passageiros sentados e em pé, sem nenhum controle, folhas de mangueiras pelo chão enxotadas pelo vento, crianças fardadas de azul e branco procuram os grupos escolares. A vida dos que lutam para sobreviver com dignidade...

O automóvel americano de Estêvão desliza suavemente pela Avenida Independência, dirigido pelo seu motorista particular, Apolônio Geraldo, sertanejo do Crato, em direção à Rua Coronel Fontoura, onde se localiza a casa de propriedade de Emanuel, concessionário do jogo do bicho, um dos homens mais poderosos do estado, na época.

Muitos carros à porta. Movimento. Entram e saem pessoas apressadas. O imenso prédio residencial, estilo palacete, ocupa regular terreno, jardim à frente, quintal murado, salas e mais salas, *terraces*, dois pavimentos na frente e três nos fundos, com uma dezena de quartos, agora transformados em subsede do Partido Reformador.

Logo à entrada, há uma grande sala, que antes deveria ter servido para refeições, duas enormes mesas repletas de pacotes. Pelo chão, nos cantos, outros pacotes empilhados, quase até o teto. Senador Carivaldo Pandolfo em mangas de camisa, afobado, atende a um e a outro, pessoalmente, vez por outra, vai ao telefone, a voz macia, o olhar inteligente, sem se fixar num ponto certo. Do outro lado da sala, Emanuel Melchior, também em mangas de camisa, calças e sapatos brancos, camisa de seda fina, coopera, é o dono da casa, afinal! Todos os demais são correligionários, à espera de uma oportunidade para falar com o Chefe. Prefeitos do interior, cabos eleitorais da capital e dos municípios interioranos aguardam pacientemente, enquanto o Chefe, na outra sala, separada por uma porta de mola, mantém importante entrevista.

Senador Carivaldo, vendo Estêvão, abre-lhe os braços:

— Ora viva, o nosso grande deputado!

Emanuel também se aproxima, não tanto eufórico, mas os braços abertos para saudar o novo e poderoso correligionário.

Entra alguém que anuncia ao Senador Carivaldo ter falecido a mãe do Deputado Vilhena, ao que ele, distraído, responde:

— Ótimo! Ótimo!

Uma gargalhada geral recebe as palavras do atarefado senador, para quem tudo estava sempre ótimo, mesmo nos momentos mais críticos.

— O Chefe está com alguns deputados. — fala Carivaldo a Estêvão. — Mas o seu caso é comigo. Tenho instruções.

Nesse momento, ouve-se um estranho ruído, como se fora um murro na mesa, na sala ao lado, e o vozeirão do Chefe.

— Não! Nunca! Mais depressa aumento vencimentos de um servente do que de um desembargador!

O Senador Carivaldo explica, em voz baixa:

— Hoje, o Chefe está brabo. Estão discutindo na assembleia o orçamento do Estado e pleiteiam aumento para os magistrados.

Volta o silêncio. Emanuel, o poderoso controlador do jogo do bicho, dirige-se a Estêvão:

— Esses pacotes são de chapas eleitorais e material de propaganda. Cada município recebe uma certa quantidade, de acordo com as necessidades. Estou mandando imprimir tudo na Gráfica Redenção. Quem paga as despesas, para alguns cabos eleitorais, é o jogo do bicho. Não para todos. O partido entra com parcela e os candidatos também. Dão sua quota. Mas esse assunto é com o Senador Carivaldo.

Dois rapazes e duas moças ajudam na colocação dos letreiros, nome dos destinatários e endereço: Deputado Hermenegildo Severo, Óbidos; Prefeito Regimundo Cabrinha, Marabá; Prefeito Orlandino Colaço, Bragança; e assim por diante. Na parede alva, Estêvão observa um enorme cartaz, o retrato do Chefe, fardado, escrito por baixo: O AMIGO DO POVO.

Emanuel, velho conhecido de Estêvão, prossegue:

— Em tempo de eleição, não chego para as encomendas. O amigo compreende, o dinheiro é a mola do mundo. Muita gente pensa que posso pagar tudo. Julgam que estou milionário. É engano. Basta dizer que o partido leva logo vinte por cento dos lucros. Outros vinte por cento são distribuídos por alguns correligionários de maior influência... (e fornece os nomes... fulano... sicrano... beltrano...); as despesas são grandes. Afinal, o que sobra para mim não é tanto quanto se julga.

Parando no meio da sala, fixa os olhos nos de Estêvão e fala, em voz baixa:

— E as facadas? É deputado que quer viajar, correligionário procurando hospitalização, parturientes do interior, passagens para clubes de futebol, taças, chuteiras, banquetes, presentes de aniversário, tudo jogam para cima de mim. Só na companhia de aviação tenho que pagar todo mês um dinheiro. Viagens para congressos, passeios, estação de águas... Não tem medida, Estêvão, não tem medida.

— Mesmo assim, ainda é bom negócio...

— Não deixa de ser, mas sou muito assediado. Olha, agora mesmo comprei a casa em que mora o Chefe. Quatrocentos milhões. A escritura está no cartório da Rua 13 de Maio. Tem o jornal também. Foi dinheiro do bicho.

Onde é que o partido ia buscar tanta grana para comprar um jornal? Já encomendei prelo e linotipos novos. São milhões. No final, não fica nada para mim.

— Para quem fica, então?

— O Deputado Amargosa, mais conhecido por Murucututu, já está correndo um abaixo-assinado para fazer doação ao Chefe. Doação muito justa, aliás... Estou de acordo. Merece.

Nesse momento, ouve-se outro murro na mesa na sala ao lado, o vozeirão do Chefe:

— Por que um dos nossos deputados não joga um tinteiro na cara do Deputado Clotino? Por que outro não chama de (solta um palavrão) para o líder da oposição, o Deputado Nicolau, aquele bestalhão? São uns ladrões...

Emanuel observa, a voz muito baixa, quase em sussurro ao ouvido de Estêvão:

— O Chefe hoje está com a *pissica*. Tem dias em que fica brabo. Fujo dele nessas ocasiões. Mas no fundo é uma grande alma, um coração de criança. Quando é amigo, é amigo. Mas não o queira como inimigo. O negócio é saber lidar, um jeitinho...

Outro murro na mesa:

— Mandeí o Deputado Viscoso a Alenquer! Era para cassar o mandato do Prefeito Rodoval! Foi e voltou sem cassar só porque eu não dei a ordem... Cabra inteligente pega no ar... Não era preciso dizer... Também esse deputado é um homem esquisito, ombro de garrafa...

Emanuel explica:

— O Chefe queria que cassassem o mandato do Prefeito Rodoval. Mandou a Alenquer o Deputado Viscoso para controlar os vereadores, a maioria, que é nossa. Voltou sem fazer nada. Parece que Viscoso não entendeu ou, então, queria uma ordem nesse sentido. Conhece pouco o Chefe. Ele, em certos casos, não diz o que quer, a gente adivinha... Faz a vontade... Por isso o Delegado Carlindo tem prestígio, pega no ar...

E sem que Estêvão perguntasse:

— Um tempo desses, o Chefe disse que o Calistrato merecia uns murros. Não deu nenhuma ordem. Falou, apenas, durante o almoço, por sinal uma

tartarugada... No dia seguinte, Calistrato estava de cara quebrada. Ninguém sabe quem foi que fez, nem quem mandou. Esse delegado é de morte...

— Qual é o Calistrato, o jornalista da oposição, o *Rebate*?

— Esse mesmo... Por sinal, um salafrário... Insulta todo mundo... Não respeita ninguém... Levou a dele... Merecia mais... O Chefe não mandou... Apenas disse, eu assisti, quando puxava um charuto, na sobremesa de açaí... “Esse Calistrato bem que merecia umas bordoadas”... Bastou... Todo o mundo achou graça... Carlindo fez porque quis, ninguém deu ordem. Onde você já viu um simples palpite ser ordem?

Na outra sala, prossegue a entrevista com os deputados. Não estão todos. Um deles, o Vilhena (cuja mãe falecera), anda ressabiado com o Chefe, tem faltado às reuniões, recolhe-se vez por outra em um município do Salgado.

Ouve-se o vozeirão:

— Elejo governador até um caboclo da calça furada! Basta que eu ponha o dedo na cabeça!

— O Deputado Santelmo anda com cara de cachorro fazendo cocô na chuva...

Ouve-se uma risada discreta, de um ou outro, pois ninguém tem coragem de tomar liberdades com o Chefe. Trata à distância. Nada de intimidades, mão no ombro, nem brincadeira de mau gosto.

Ouve-se mais:

— Quem? O Janjão? Aquele de boca mole? Para vereador? Não. Não serve...

Emanuel observa:

— O Chefe agora está mudando. Já ficou bem-humorado... É o homem mais engraçado e inteligente do mundo. Você já viu ele discutir direito com o Senador Carivaldo?

— Não...

— Pois encosta o senador na parede, apesar de ser este advogado, professor... Encosta... Tem o raciocínio rápido, como um relâmpago... Sabe tudo... Nunca vi homem igual...

Enquanto fala, Emanuel examina a relação de nomes e endereços no interior, centenas de correligionários a receberem pacotes e pacotes de material de propaganda pré-eleitoral.

— É o homem mais inteligente que já conheci... Outro dia, veio um velho correligionário, Dr. Madureira, pedir um cargo importante para o Segadas. Conhece o Segadas? Aquele do cartório... Pois bem, o Chefe não gosta do Segadas... Sabe qual foi a resposta? Foi esta: “Ora, Dr. Madureira, tenho um candidato melhor para esse lugar, muito melhor... É seu filho...” E mandou nomear o filho do Dr. Madureira, por sinal, excelente rapaz, boa escolha, competente e correligionário firme.

Ouve-se, na outra, sala o vozeirão do Chefe:

— Esse candidato da oposição não é paraense, é um forasteiro... Quero ver ele comer tucumã sem sujar a boca...

Logo depois:

— Licença para gestante só na véspera do parto... Gravidez não é doença, se adquire por gosto... Que lei que nada, Dr. Silvério, lei é potoca!... A gente muda a lei... Faz outra!

A seguir, em outro tom, tratando de novo assunto:

— O jornalista Besouro inventou uma história de um ângulo. Quer a demolição do quiosque porque não combina com a Basílica de Nazaré, um tal de ângulo... não entendo.

Senador Carivaldo, interrompendo o trabalho, gotejando suor na face macerada, sorriso permanente nos lábios, dirige-se a Estêvão:

— Meu caro Estêvão, vamos conversar. Passemos para aquela saleta, é mais tranquila.

Abrindo uma alta porta, passa os dois para a pequena sala com sofá e duas poltronas apenas. Mal se sentam, vai logo falando:

— O Chefe já conversou com o amigo. Agora, é a minha vez. Sua candidatura está certa. Precisamos afinar os ponteiros. A contribuição para o partido e a escolha do rodízio. Tem preferência por algum município?

— Estou às suas ordens.

— A quota individual para o partido, deputado estadual, é de cem mil cruzeiros. Deve ser paga de uma vez até o dia 15. Há muita despesa. Como vê, todo esse material que está lá fora custa dinheiro. Tipografia, embalagem, transporte, propaganda de jornal, rádio, televisão, o diabo. É preciso muito dinheiro. Isso não é problema para o amigo, que, se quiser, pode fazer alguma outra concessão maior ao partido.

— E o rodízio?

Carivaldo aponta para o enorme mapa do estado na parede.

— Aí, estão os municípios. Santarém e Cametá já têm dono. O amigo pode ser votado na zona bragantina. Precisa entrar em ligação com os cabos eleitorais e dar-lhes ajuda. É preciso evitar os furões, os paraquedistas, que quebram o rodízio. Tem aí Ananindeua, Igarapé-Açu, Capanema, Bragança e ainda a zona do Guamá e a do Salgado. Escolha os municípios que quer. Depois, lhe darei as credenciais e recomendação aos prefeitos e diretórios para que descarreguem a votação. Precisa, também, entrosar com os candidatos a federal. Entrose com o Delegado Carlindo, demônio de gente, quando perde na urna, ganha no mapa... Vai ser candidato a federal.

Acertado o pagamento da quota e escolhidos os municípios, estava encerrada a entrevista. Na sala principal, Emanuel continuava o serviço, com os quatro auxiliares. Os deputados já se haviam retirado. Grande número de pessoas aguardava, alguns homens do povo, gente rude, vindos talvez do interior ou dos subúrbios, cada qual com a sua mágoa e a sua pretensão. Questões de terras, vizinhanças, auxílios, partos, queixas policiais, tudo convergia para o Chefe. Um auxiliar melífluo se dirige a Emanuel:

— O Chefe ordenou que dê um auxílio a esta senhora. É de Capanema. Correligionária. A filha está de parto. E para este senhor, é de Canudos, quer comprar palhas para cobrir a barraca. E para este outro, deseja uma passagem para Vizeu. E esta mocinha foi nomeada professora em Itaituba e solicita passagem para a mãe. Este velhinho precisa de uma muleta nova. Aquele menino quer vaga no grupo, mas não tem uniforme.

Na outra sala, ouve-se novamente o vozeirão do Chefe, dirigindo-se (segundo informou Emanuel) a uma senhora do interior, que vinha pedir proteção contra um sedutor da filha menor:

— Me diga uma coisa: esse homem arrancou a sua filha à força de dentro de casa ou ela foi com os pezinhos dela, porque quis?

— Bom, Chefe, ela foi andando...

— Ah! Foi assim? Então, não posso fazer nada... Não posso... Tenha paciência...

— Mas esse homem está acostumado a desgraçar as filhas dos outros... Esta é a quarta... Fez mal para a Marocas, a Nenê, a Morena...

— Minha senhora, esse cabra deve ter uirapuru... Não posso fazer nada...

Volta o auxiliar melífluo, com ares de oficial de gabinete e dirigindo-se ao Senador Carivaldo, muito aflito:

— O Chefe mandou fechar o posto médico de São Brás e prender o médico... Esteve aqui um correligionário se queixando. Foi ao posto e não o atenderam... Não havia ninguém na ocasião...

Carivaldo dá de ombros:

— É cumprir a ordem. O chefe de polícia sabe o que faz, o Pastoral...

— Mas ele mandou recolher o médico no Presídio São José... No presídio!

— Deixa o Chefe acalmar um pouco. Depois vou falar-lhe...

— Fiz sindicância e verifiquei que não deram verba para o posto, não há remédios por culpa da secretaria, não do médico. Não há sequer servente... O médico é que abre as portas e varre o posto, todos os dias...

— Merece promoção... E quando o Chefe souber disso, é capaz até de elogiar em portaria e promover... Vocês vão ver... O Chefe é justo, não pratica arbitrariedades...

Estêvão se despede e ainda escuta por trás dos ombros as palavras afáveis do Senador Carivaldo, um encanto de pessoa:

— Até logo, deputado! Felicidades!... Ótimo!... Ótimo!...

Enquanto o automóvel Chrysler desliza pela avenida toda arborizada de mangueiras, o pensamento de Estêvão se concentra nas três figuras estranhas: o Senador Carivaldo, Emanuel Melchior e o Chefe. E pergunta mentalmente: qual dos três é o mais poderoso? Para o vulgo, o mais forte é o Chefe. O protetor dos humildes, o que distribui empregos, mandatos, favores, acima dos outros dois. Para alguns, o mais poderoso é Emanuel, o que manobra o dinheiro, milhões e milhões do jogo do bicho, domina um império. Arretada sem investir, o melhor negócio do mundo. E sem risco financeiro. Mas na realidade, o mais poderoso a Estêvão parece ser o senador. Manobra o Chefe, com habilidade, arranca-lhe as ordens de que necessita. Distribui rodízios, faz e desfaz deputados e vereadores. Fingindo-se humilde, submisso, o sorriso suave nos lábios, a inteligência revolvendo os olhos pequenos e luminosos, tem nas mãos os cordéis da máquina política e administrativa do estado. Um julga que manda, o outro só visa o lucro. O senador tem nas mãos o poder e o lucro.

O pensamento de Estêvão fixa-se no nome de Emanuel. Um nome bíblico, recorda. Sinônimo de Messias, o enviado, “Deus conosco”, previsto pelo profeta Isaías, também chamado Admirável, Conselheiro, Deus forte, Pai do futuro século, Príncipe da Paz (Isaías, 9:6). E, mentalmente, repetiu o trecho do Evangelho de São Mateus, que decorara no tempo do seminário: “Eis que uma virgem conceberá e parirá um filho; e apelidá-lo-ão pelo nome de Emanuel, que quer dizer: ‘Deus conosco’”. E ainda mais Melchior, um dos três Reis Magos... É muita santidade reunida num homem só!

Os heróis e a heroína



Acapulco. Hotel del Prado. Estêvão, que chegara na véspera, cedo desperta e contempla, ainda do leito, através da larga janela envidraçada, a praia e o mar. O interior do apartamento conservava-se muito frio, ar-refrigerado ligado a noite toda, sem necessidade. Preferia abrir de par em par o janelão, deixar entrar o ar morno, àquela época do ano, ao longe a areia beijada pelas ondas debruadas de espumas, como rendas muito alvas que mãos invisíveis estirassem na distância. Coqueiros muitos coqueiros. Hotéis, muitos hotéis. Casas grã-finas, balneário preferido de americanos, ocupantes prioritários dos melhores hotéis. Cassinos, jogo, dinheiro muito, dólar, quase só dólar, nada de pesos mexicanos, a não ser para as despesas pequenas de rua, indispensáveis. Os funcionários da portaria já saúdam em inglês, como se todos os que chegam só falassem essa língua.

Estêvão tem encontro marcado com Mr. Levinsohn, negócios violentos em vista, um pulo a mais para o alto (ou para o abismo). Não sabia bem por que o americano preferira Acapulco, em vez de Miami ou outra localidade dos Estados Unidos. Balneário grã-fino, Estêvão desprezara a bela viagem por terra, com oportunidade de conhecer cidades e lugares típicos do México — como Puebla e Cuernavaca — restos da velha civilização imposta pelos espanhóis de mistura com a contribuição asteca — para realizar a viagem aérea. Não dispunha de tempo para turismo. Convinha regressar ao Brasil. Cuidar da eleição. Vinha o mês de outubro, o do Círio de Nazaré, e em novembro a eleição. Precisava também desenvolver ainda mais as empresas de pesca e drogarias. Viajava mais a negócios, apesar de ser, ele próprio, dono de dois grandes escritórios de turismo — a Caribetur e a Paranorte Tours. Isso lhe proporcionava acesso fácil a qualquer lugar do mundo, boa recepção e reservas feitas nos melhores hotéis, sem problemas. O silêncio, a solidão, a paisagem maravilhosa, o azul do céu se confundindo com o azul



do mar, permitiam-lhe realizar um retrospecto de toda a sua vida. Seus sucessos. Seus problemas, o maior deles, agora, a vida repartida entre Mônica e Linda. Já se cansara daquelas duas vidas sem se fixar nunca. Lembrava a expressão francesa: *la pierre qui roule n'amasse pas de mousse...* A pedra que rola não cria musgo, pelo contrário, se desgasta. Tudo fizera para desligar-se de Mônica, as raízes do amor ainda o prendiam a Linda. E o futuro de Betinho, agora crescido, já entendendo as coisas, levava-o a romper com Mônica, de uma vez por todas. Mas esta não se conformava. Era absorvente, dominadora, exclusivista, agressiva, influência talvez do sangue gaulês do norte, da fronteira com a Bélgica. Vem-lhe, então, à lembrança o estudo do seminário, a leitura de Júlio César — na *Guerra das Gálias* — quando diz, singelamente, que a Gália antiga era dividida em três partes, mas os mais agressivos e brutos eram os habitantes do norte, correspondente à França setentrional e à atual Bélgica. Mônica devia ter sangue gaulês do norte, de mistura com negro e índio, estes em menores proporções. Um coquetel. Dera uma liga forte. Carinhosa e agressiva ao mesmo tempo, avassaladora. Ultimamente, fazia ameaças:

— Qualquer dia, vou a Belém te buscar... Não demora a regressar! Vou te buscar de qualquer forma, *mon chéri*...

De outra feita, irritada, invocou o nome de Salomão:

— Queres que eu volte para *Salomon*? Ele ainda me ama...

Salomão tornara-se, agora, um espantalho para Estêvão. Mônica queria que abandonasse Linda, Betinho, os interesses em Belém. Já estava rico, dizia. Ela lhe dera o primeiro impulso para progredir. Tinha o direito de exigir a sua presença, a sua alma e o seu corpo. A alma! Sim, ela não se conformava com o corpo, os prazeres físicos, a companhia, agora, pretendia mais: a alma!

Que era feito da alma de Estêvão? Não tivera tempo ainda para pensar nisso. Mas agora, naquele luxuoso quarto de hotel, tapetes de veludo no assoalho, imensa e repousante cama, televisão colorida, rádio, telefones, três (sendo um só para ligações internacionais, outro para o México e um terceiro para uso interno do hotel, microfone que o punha em contato direto com a portaria, a copa, os bares, tudo elétrico e automático), o conforto total, ofereciam a Estêvão oportunidade de repousar, pensar, refletir, relembra episódios distantes, fazer um balanço. Equiparava aqueles momentos aos

retiros do tempo do seminário, os seminaristas todos em silêncio, mas em jejum, enquanto ele agora fazia um retiro especial, no luxuoso hotel, as melhores bebidas à sua disposição no colorido congelador, *scotch* do mais caro, bom para contrabando!

Como iria abandonar Linda e Betinho? Como? Tinham raízes profundas em seu coração. Arrancá-las seria destruir o coração mesmo. E os negócios? E o escândalo? Na hora da desgraça, ninguém o pouparia. Os amigos começariam a desaparecer. Os jornais e o rádio concorrentes iniciariam uma campanha difamatória. O próprio partido talvez lhe retirasse o apoio. Seria o fim. Ainda mais, não era só abandonar! Teria que dividir todos os bens. A metade das empresas eram de Linda, o futuro de Betinho. Isso seria o de menor importância. O principal é que a queria, amava ainda, num estranho conúbio mental em que Mônica se fazia presente, a toda hora. Sempre se julgara forte, imune a sedução, mas caíra nos braços de Mônica de forma imprevisível. Qual o homem que, em idêntica situação, teria recusado? Morreria de fome nas ruas de Caiena. Ninguém socorreria. Seu mal fora prosseguir nas viagens, alimentar os contatos, manter o intercâmbio. Aí, sua fraqueza... Mas quem não tem fraquezas? Qual o homem tão forte, que pode afumar, mirando-se no espelho da alma: eu não tenho fraquezas! Às vezes, voltava ao seu segundo eu, tentava rezar, rezar, mas a prece saía de seus lábios como palha, sem substância, não o comunicava com a divindade. E se consultasse um médico, um psicanalista? Afastava logo a ideia, não estava enfermo, era um homem seguro de si, metido em negócios de vulto, equilibrado em tudo... exceto no amor. Mônica, o Demônio em figura de gente, olhos de brasa, cabelos negros, pele macia, Mônica, agora, queria a sua alma, depois de ter o seu corpo. Sentia-se como um novo Fausto, vendendo a própria alma por tanta riqueza, tanto luxo, tanto poder. Tudo indicava que ainda cresceria mais. A compra do Banco Industrial do Setentrião S. A. bem encaminhada, uma proposta escrita para transferência de um milhão e seiscentas mil ações, suficientes para manter o controle acionário.

— Banco é o melhor negócio do mundo! — dissera-lhe, certa vez, um de seus muitos advogados, o Dr. Segismundo Frontal. — Sua mercadoria é o dinheiro. Todos vão levá-la ao guichê. E quem for emprestá-lo tem de pagar

juros, com mil garantias. Um trouxa entrega e outro trouxa vai buscar. O banco, entre os dois otários, ganha.

— Mas de vez em quando, um estoura. — ponderou Estêvão.

— Quando mal administrado. E isso era no passado. Vê agora. A época é dos bancos. Dentro de dez anos o Brasil estará entregue aos bancos. Você já observou? Antigamente o cliente depositava o dinheiro, recebia uma caderneta e exigia juros. Somava juros. Agora, o cliente deposita, recebe uma papeleta, não lhe pagam juros. Ainda debitam os talões de cheque, comissões, taxas de remessa, o diabo. Dão expediente curto e não trabalham sábado. Estão tomando conta do Brasil. Vencimentos federais, auxílios do INPS e Ipase, proventos de aposentadorias, imposto de renda, imposto do Incra, imposto predial, serviços de água, luz, telefone, até taxa de expediente, tudo, tudo agora se faz por intermédio de bancos. Estamos caminhando para a ditadura dos bancos. É uma meia dúzia, os grandes, que estão devorando os pequenos. Montesquieu, escritor francês, combatia as ditaduras do Executivo, do Legislativo e até do Judiciário. Nunca pensou que pudesse haver uma dos bancos. Seu livro, o *Espírito das leis*, merecia mais um capítulo. Antigamente, eu pensava que os institutos iriam engolir o Brasil, mas com a unificação no INPS, esse perigo acabou. Agora, os bancos é que vão engoli-lo. Os maiores da política financeira são ligados a eles...

— Não exagere tanto, Dr. Segismundo! — observava Estêvão.

— Não exagero, não. Os bancos estão comprando empresas de navegação, indústrias diversas, terras, muitas terras, milhões de hectares na Amazônia, fazendo pecuária e revenda de imóveis, penetraram em tudo. E se for examinar a fundo, muitos deles têm capital que vem de fora, controle estrangeiro...

E mirando bem a Estêvão:

— Você sabe o que é metástase?

— Sei, sim, como leigo. Quando o câncer agrava, aparece em todo o corpo, no pé, nos braços, no estômago, na cabeça...

— Pois é isso mesmo, estamos caminhando para a metástase bancária em nosso país.

— Mas eles desenvolvem, são fator de progresso... O país está crescendo! É preciso arejar a mentalidade... Progresso!

— Açambarcam tudo! Inventaram, agora, administrar ações de sociedades anônimas. Sabe o que fazem? Seguram as cautelas dos acionistas e não devolvem. Dão uma papeleta sem nenhum valor, sem rubrica ao menos. Deixam em custódia forçada, contra a vontade do acionista. Estes se chateiam e acabam vendendo por qualquer preço...

— Isso para os otários...

— Aí é que está! A maioria dos acionistas particulares, minoritários, que aplicam suas economias em ações, sem participar da diretoria, é constituída de otários, gente de boa-fé, que vai na onda. Funcionários modestos, donas de casa, comerciários...

— Isso começou faz alguns anos, quando altos figurões tinham interesses em bancos poderosos, até parentesco com presidentes e diretores. Homens honestos, mas de boa-fé, foram na conversa...

— O melhor, Dr. Segismundo, é passar para o lado deles. Comprar um banco.

— Isso mesmo, Estêvão, compre o seu! Está à venda o Banco Industrial do Setentrião S. A... As ações ainda mantêm o valor nominal de trinta anos atrás, cem cruzeiros. Hoje, valem vinte vezes mais. Se pagar cada ação a mil e quinhentos, está comprando barato... Com cerca de três milhões de cruzeiros, toma conta do banco.

— Mas aquele presidente é carne de pescoço...

— Carne de pescoço também cozinha, Dr. Estêvão, também amolece. Bota-se um pouco de bicarbonato...

— Vá lá! Vá lá! Pode fazer uma sondagem...

Estêvão possuía vários advogados, um só para consultas. Dois para casos forenses cíveis e comerciais. Um para questões trabalhistas. Outro para problemas fiscais. Outro para o foro criminal, um turuna, o Dr. Carvajal. Um recém-formado para contatos nas repartições. Seria uma equipe, sem trabalhar em equipe. Estêvão dividia para governar. Cada qual possuía o seu escritório próprio e sua atividade autônoma.

Onde fora buscar tanta intuição comercial? (pensava Estêvão). Na disciplina do seminário, respondia-lhe o seu ego, disciplina que marca para toda a vida. Aliada ao conhecimento da alma humana. A alma! Ele, pensando em alma, sem saber o que fazer da sua!

A praia. Os coqueiros. O ar puro. O vento entrando livremente pelo janelão aberto, arrastavam Estêvão para o devaneio, lembrança de todos aqueles diálogos travados em Belém. Realizava um balanço de sua vida.

Bruscamente, seus pensamentos são cortados pela campainha do telefone. A portaria avisa que Mr. Levinsohn chegou. Aguarda no bar. Não, é melhor subir, apartamento com vários compartimentos — tipo suíte — há sala de espera, sala de leitura e para reuniões, com mesa, blocos de papel, lápis e máquina de escrever. Tudo com requinte. Mr. Levinsohn pede desculpas. Prefere esperar embaixo. No bar. O americano é desconfiado. Receia conversas reservadas em apartamentos, pode haver aparelho escondido, gravar toda a entrevista, ter complicações futuras. Pois não foi assim em Watergate? Escolhe o local, no bar, espera o tempo suficiente para Estêvão tomar banho de ducha, quente e fria, fazer a barba e tomar um cafezinho.

Estêvão era rápido de movimentos. Aprendera no seminário. Apostava com os colegas, quem despertaria primeiro e no menor tempo tomaria banho, faria a barba, vestiria a batina e desceria para o café da manhã. Ainda bem que a batina não tinha braguilha nem botões. Com a diferença de que no seminário devia rezar primeiro, pedir a proteção divina e humildemente agradecer a Deus tanta bondade.

Em Acapulco, não havia prece (a não ser a do vento nas palmeiras), mas a lição do seminário servira. Estêvão muitas vezes ganhava as apostas com os companheiros. Um ficava de relógio em punho, contando os minutos. Fazer a barba e tomar banho em três minutos; em dois, até em um. Fazia mesmo, a água escorrendo veloz pelo rosto ensaboado, banho completo, a toalha esfregada com rapidez incrível. No tirar da barba, já contara todos os movimentos necessários. Vinte. Com vinte movimentos de mão fazia uma barba, cada um em três segundos, a barba estaria pronta em sessenta segundos, isto é, um minuto. Com outro minuto do banho, dois minutos. O mesmo para vestir-se. No início levava cinco minutos, depois quatro, três, até dois. Exercício bom e prático. Odiava esses homens que levam uma hora no banheiro fazendo barba, arrancando cabelinho com pinça.

Por isso, Mr. Levinsohn se surpreendeu quando, abrindo a porta larga do elevador, o *boy* fardado de azul e vermelho apontava para Estêvão o local em que estava o amigo, no extenso bar, próximo à saída, onde uma

grande cobertura de lona, com largas riscas vermelhas e brancas, protegia do sol uma imensa *terrace*, que envolvia parte do prédio. Além, se viam os gramados, depois coqueiros, muitas flores, o sol rateando, as árvores, os edifícios, as consciências, tudo muito claro, misto de azul celeste.

Mr. Levinsohn procurara local meio isolado, longe do movimento, onde poderiam conversar à vontade, salvo quando se aproximavam os garçons.

Àquela hora, pouca gente frequentava o bar. O sol forte, lá fora convidava ao banho de mar. Passavam à distância muitos banhistas, de todas as raças, mais americanos, senhoras com chapelões de palha, crianças com bolas coloridas. Aquilo era Acapulco. O cassino, não muito longe, fechado pela manhã, tinha a tristeza de um mausoléu de luxo. Mesas, roletas, fichas, caça-níqueis, tudo parado. Nem parecia o mesmo local e que, durante as noites e madrugadas, remava a alegria, o ruído sonoro de fichas e gargalhadas, jogo e bebidas conjugados.

Mr. Levinsohn pergunta a Estêvão em que língua prefere falar: inglês, espanhol ou português. Ambos optam pelo português, porque ninguém ali entende.

— Nosso assunto é secreto. Português os garçons não pegam — falou o americano em razoável português, sem conseguir, no entanto, esconder o sotaque.

— É preciso cuidado. Às vezes, um garçom desses é cearense... — responde Estêvão.

Garçons se aproximam, de dois a dois. Servem. Ficam a distância, contemplando embevecidos. Levinsohn, com um gesto, pede que se retirem.

— Nosso negócio é de grande vulto, d'agora por diante. Gostei muito dos primeiros que fiz com o senhor. Deu certo. É preciso, antes de tudo, muita confiança nas pessoas.

Estêvão escuta, deixando que Levinsohn tudo expusesse. Mas o americano era prudente. Fazia rodeios. Entremeava a conversa com assuntos estranhos.

— Esse café é muito bom. Da Colômbia. Brasil bem poderia dominar o mercado. Mas nem sempre a qualidade é boa. Varia muito.

— Hoje em dia, estamos partindo para outros produtos. Acabou-se o tempo da monocultura. Brasil já produz muita coisa. Não é só café.

— Sr. Estêvão, tenho um grande negócio para nós dois. Se prepare para não cair da cadeira: cocaína e heroína, de várias procedências. O senhor deve ter estranhado porque quis falar-lhe no México e justamente em Acapulco. México está entre o Ocidente e o Oriente. Entre o norte e o sul. É o que os franceses chamam um *carrefour*. Uma encruzilhada. Olha para o Atlântico e para o Pacífico, a pequena distância. Estados Unidos é muito vasto e a distância de Nova Iorque a São Francisco é imensa. Aqui não, de Veracruz a Acapulco é um pulo. Já planejaram um novo canal, melhor que o do Panamá. Além do mais, a fiscalização nos Estados Unidos é dura e rigorosa. As leis são muito fortes. O México pode servir de ponto de apoio para negócios com a África, o Japão, a Indonésia, a Austrália, a América do Sul, a Europa e o Oriente Médio.

— Prossiga, Mr. Levinsohn. Quero apenas escutá-lo. Falarei ao final.

— Este açúcar do México não é grande coisa. Bem que o Brasil podia dominar o mercado de açúcar aqui! Cuba está fora de combate...

Mais uma vez, Levinsohn se desviava do assunto. É que passavam na ocasião dois nipônicos, máquinas fotográficas a tiracolo, binóculos, aparência de turistas.

— Não se pode confiar nessa gente! — fala Levinsohn. — Podem ser turistas ou espiões, comerciantes, policiais. Sei lá! Usam gravadores até nas sobranceiras.

Os japoneses se afastam.

Levinsohn prossegue:

— No nosso negócio, tudo deve estar previsto. Nos mínimos detalhes. Há países que devemos evitar, tanto quanto possível: a França, a Inglaterra e a Alemanha.

— Por quê, Mr. Levinsohn? — indaga Estêvão, curioso.

— Ah! Ah! Ah! — gargalha o americano. — Bem se vê que o senhor, como se diz no Brasil, está por fora. Meus advogados informaram que o tráfico de entorpecentes tem tratamento diferente na legislação de cada povo. Na França, a pena máxima é de vinte anos de cadeia; na Inglaterra, de catorze anos; na Alemanha, de dez anos. Tudo isso legislação recente... Enquanto isso, na Áustria, a pena é de cinco anos, na Dinamarca, de seis; os mesmos seis anos na Suécia e na Noruega...

— E na Itália?

— Oito anos... Na França, a pena é quatro vezes maior do que na Áustria. Já pensou? No Líbano, a penalidade também é severa... Quinze anos de detenção. E no Irã, punem até com a morte...

— O senhor devia ser advogado...

— Tenho alguns bons. Eles me orientam. Vários países podemos evitar, como intermediários. Outros, mesmo com a penalidade pesada, não devem ser desprezados, pois são produtores...

— Quais os maiores produtores?

— Depende, Sr. Estêvão. Depende...

Passa lindo automóvel americano vermelho, dirigido por uma mulher muito loura.

— Bonito automóvel... Brasil vai se tornar grande exportador de carros. Estados Unidos já estão sentindo isso. Fecham fábricas em Detroit e o desemprego aumenta. O senhor quer saber de uma coisa?

O americano fixa os olhos nos de Estêvão:

— Brasil, em pouco tempo, vai ser uma grande potência! — e batia com a mão direita na mesa.

— Sim, Mr. Levinsohn, e os grandes produtores, quais são?

— Ah! Já até me esquecia. Depende do tipo de entorpecente. Há uma grande variedade. Os chamados “eufóricos”, como o ópio e seus sucedâneos, e a cocaína; os “fantásticos”, como o LSD, a mescalina e a maconha; os que embriagam, como o álcool, o éter, o clorofórmio; os “hipnóticos” são os barbitúricos e os cabamídeos; e finalmente, os simples excitantes, como a cafeína e o tabaco.

Levinsohn oferece a Estêvão charutos, de uma bela caixa enfeitada de marfim, que um dos garçons antes depositara na mesa...

— E por falar em tabaco. Brasil possui um muito bom, da Bahia. Melhor que o de Cuba! O senhor sabe por que charuto cubano é gostoso e tem fama?

— Não...

— É porque o tabaco é enrolado a mão, por moças, esfregando nas coxas...

— Isso é brincadeira, Sr. Levinsohn...

— Não, é verdade... Mas voltando aos entorpecentes, como o senhor verifica, a variedade é grande. No Brasil, usam mais a maconha, que os cientistas chamam *Cannabis sativa*, e os barbitúricos. Cocaína e morfina ainda não entraram bem... Essa é a razão da nossa conversa.

E fixando novamente os olhos nos de Estêvão:

— Vamos introduzir algumas toneladas de cocaína e morfina em seu país... A tal maconha não é grande coisa, é a mesma diamba ou liamba, chamada também marijuana, erva maldita ou erva-do-diabo... Os brasileiros preferem a maconha porque não conhecem bem a coca e seus derivados. Produzem as tais bolinhas, que são estimulantes do sistema nervoso, mas fazem perder o apetite e levam à loucura... Há milhares de brasileiros viciados em Pervitin, Stanamina, Dexedrina e Dexamil. Isso é remédio. O Brasil possui aproximadamente cem mil consumidores de entorpecentes. É muito pouco, de acordo com as estatísticas. Na verdade, devem ser uns duzentos mil. Mas esse número pode ser aumentado para quinhentos mil, no dia em que eles conhecerem o ópio, a cocaína e a heroína. Você já pensou, Estêvão, quinhentos mil clientes certos? O viciado, quando se acostuma, não larga mais. É cliente seguro. Capaz de assaltar farmácias para obter o produto.

— E o senhor acha que esses tóxicos vão substituir a maconha, nacional, cultivada com certa facilidade?

— Como não? É como perfume, *champagne*, *scotch*, o senhor prefere o produto nacional ou o estrangeiro? Os países sul-americanos são bons fregueses. Brasil pode servir de entreposto para outras nações...

— Continuo escutando, Sr. Levinsohn... e aprendendo muito... Quais as nações produtoras?

— Depende... A cocaína se obtém em grande quantidade no Peru, na Bolívia e na Colômbia...

— Até aí estou informado... Já comprei alguma em Bogotá... e Caracas... De origem boliviana e peruana... Um quilo custa aproximadamente três mil e trezentos dólares...

— Certo! O ópio é extraído da papoula, o senhor sabe, que os franceses chamam *pavot*. Vem muito da Ásia, China, Japão, Coreia... O melhor é a morfina, derivado do ópio. Médicos, farmacêuticos, enfermeiros, às vezes, de tanto manipularem o artigo, acabam usando... E gostam. Finalmente, a

heroína, a heroica heroína, também derivada do ópio, de efeito mais poderoso, é produto para milionários. Cada quilo custa cerca de três mil e quatrocentos dólares... Esse é o nosso negócio!

E como se tivesse esquecido algo:

— A produção da Bolívia e do Peru de cocaína se aproxima de quinze toneladas por ano. Toneladas! Sr. Estêvão. As indústrias farmacêuticas só consomem entre três e cinco por cento dessa produção, em todo o mundo. Há um saldo enorme disponível. Já a produção mundial de *Cannabis*, a maconha, é de cerca de mil e duzentas toneladas, muito menos que a cocaína. Grandes produtores de morfina e heroína são também o Afeganistão, a Turquia e o Líbano. É bem possível que a matéria-prima, o ópio, venha do Oriente, através daqueles países. O México desempenha, no caso, o papel de *carrefour... carrefour du monde!*, como dizem os franceses. Um entreposto. Uma encruzilhada.

— O México mesmo não tem a sua produção?

— Sim, sem dúvida, mas se limita à marijuana. A mescalina, princípio ativo do que os mexicanos chamam *peyotl*, um cacto alucinógeno. Mas é cinco mil vezes inferior ao LSD e cem vezes inferior à psilocibina.

— Que é a psilocibina?

— É extraída do chamado “cogumelo mágico”, do México. Os antigos astecas o utilizavam nas cerimônias religiosas. Um grande cientista francês, Riger Heim, o redescobriu, juntamente com Gordon Wasson. Foi sintetizado nos laboratórios europeus. Já o LSD é semissintético e provém da cravagem do centeio. Existe ainda o DMT, nome científico complicado *dimetiltriptamina*, sintético, semelhante ao LSD, mas seus efeitos duram apenas meia hora. Já o LSD se conserva de oito a dezesseis horas...

— O senhor está bem-informado...

— Tive que estudar o assunto... Os antigos indígenas do México usavam alguns vegetais que produziam alucinações. As chamadas plantas divinatórias. Eram adoradas pelos índios. Não apenas o *peyotl*, havia também o *yagé* e a própria *coca*, que é semelhante à da Bolívia e do Peru. Os antigos as ingeriam e chamavam-nas de venenos sagrados, drogas divinas etc. Os *champignons* alucinógenos também são abundantes no México, cogumelos que fazem maravilhas... Até as curandeiras os manipulavam. Houve uma famosa, cha-

mada Maria Sabina. Vou lhe emprestar um livro a respeito, escrito por René de Solier, edição de Jean-Jacques Pauvert, na França... Alguns autores usam a expressão complicada *psicodislépticos*... Recomendo-lhe também uma obra de Jean-Marie Gubault, intitulada *As drogas da felicidade (Les drogues du bonheur)*, edição Hachette. É preciso conhecer o assunto sob todos os ângulos... Se quiser, lhe darei várias obras em inglês, de Weston la Barre, *The peyotl cult* da Shoestring Press; o de Robert S. de Roop, *Drugs and the mind*, de Grove Press; o de David Salomon, *Marijuana papers*, editor Bobb Nerill, uma verdadeira antologia sobre o haxixe... Tudo literatura científica...

O nome de Salomon trouxe lembranças desagradáveis a Estêvão. Associou-as logo à Mônica. Seu pensamento voou para Caiena. Coisa fantástica, o pensamento! Percorre o universo em segundos, sem precisar de passagens, fios, nem aparelhagens transmissoras e receptoras. Basta o cérebro, o delicado cérebro humano para tanto, obra misteriosa de Deus... que os homens destroem...

Estêvão balança a cabeça como que pretendendo afastar ideias desagradáveis.

— Que foi, Sr. Estêvão? O senhor está tão distante...

Responde Estêvão:

— Pensava em Baudelaire, poeta francês, viciado em drogas, autor de *Flores do mal*... Em seu tempo, criaram na França o clube dos haxixins, isto é, dos que utilizavam o haxixe...

— Pois então? Gente de bom gosto...

— O senhor já experimentou?

— Deus me livre, Sr. Estêvão... Deus me livre...

Levinsohn, retirando o imenso charuto da boca, sorriu largamente:

— Deus me livre... “Sou um homem normal”... Apenas negocio, faço comércio, vendo mercadoria...

— Mas e o negócio em si?

Passa nessa ocasião uma banhista, com duas crianças. Envolve-se em bela toalha colorida.

— Olha, Sr. Estêvão, toalha de fabricação brasileira... De Santa Catarina... Estão em toda parte, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França... Brasil está exportando muito...

Aproxima-se uma criança pedindo esmolas. Logo, um garçom a expulsa. Levinsohn comenta:

— Apesar de toda esta aparente riqueza, existe muita pobreza. Basta sair um pouco de Acapulco. O senhor sabe que aqui se vendem crianças? Muitos americanos que não possuem filhos os têm comprado aqui. Não vendem, propriamente, por serem seres humanos, mas as mães pobres, coitadas, quase sempre de sangue índio, os trocam por dólares. Há poucos dias, li no jornal uma campanha do governo contra isso. Mas é difícil de acabar...

O vento sussurrava nas folhas dos coqueiros baixos, o sol mais forte, música suave começa a dominar o ambiente, reproduzida e transmitida por todo o imenso hotel, calipsos, rancheiras, boleros, sambas... Levinsohn, parece que entusiasmado pela música, pede uma garrafa de *scotch*...

— E o nosso negócio, Sr. Levinsohn? — pergunta Estêvão.

— Calma, calma, amigo! — deu entonação forte à palavra “amigo!”, como fazem os exuberantes mexicanos. E em espanhol: *Llegamos al puerto de nuestro destino, después de una muy longa viaje... Amigo!*

— Seu país já possui maconha. Temos que introduzir ópio, cocaína e heroína. Parte vem da China e Japão, parte vem da Turquia e Afeganistão, por muitos caminhos diferentes, para despistar... Uma remessa da China via México... Outra da Turquia... via Roma para o Rio de Janeiro; outra do Japão, via Lima ou Panamá. Existem poucas linhas diretas do Japão para o Brasil. Da China, nenhuma. É preferível utilizar o México como entreposto. Há linhas aéreas de todo o mundo diretas para o México. Não é conveniente transportar heroína da Turquia, do Líbano e outros países do Oriente Médio. Ficaria na dependência de aeroportos intermediários, às vezes, com transbordo em países que devemos evitar. Para trazer a mercadoria da Turquia, por exemplo, teria que passar por Beirute, ou por Atenas, ou Roma, ou Paris, ou Madri, aeroportos desaconselháveis. Ao passo que as linhas do Japão não têm intermediários numerosos. Entre a América e a Ásia, estende-se o Pacífico. Quando muito em algumas rotas, fazem pequenas paradas em São Francisco ou Los Angeles, sem necessidade de descer do avião. Desembarcar em qualquer aeroporto dos Estados Unidos é perigoso. É melhor esperar no México, onde já tenho meu esquema todo montado.

— Sim. — pondera Estêvão. — Mas vindo diretamente para o México,

do Oriente, há, de qualquer forma, o problema do transbordo para remeter ao Brasil.

— Aqui, é mais fácil. Muito perto do Caribe, onde há milhões de orientais chineses. E você, Estêvão, tem a chave na mão...

— Como assim?

— Caiena! Está repleta de chineses... Tenho amigos lá... E no Brasil há muitos milhares de japoneses... Também tenho amigos em São Paulo, o Michiro Katakana, o Toru Kaneko e outros...

— Quer dizer que não adianta “importar” da Turquia, nem do Irã, ou Líbano?...

— De forma alguma... A matéria-prima é oriental... Sai mais caro... É mais perigoso. Imagine um voo de Istambul para México, ou Rio de Janeiro, as paradas, os transbordos, a possibilidade de ter de trocar de aeronave... Eu já não lhe disse que a penalidade na Itália é de oito anos, na França de vinte, na Inglaterra de catorze anos? Quer correr o risco? Vindo diretamente do Japão, da China ou de outro ponto do Oriente para o México, eu me encarrego, aqui, de reembarkar para o Brasil... Via Caiena, Paramaribo, Caracas, Bogotá, Lima... São aeroportos em que possuo amigos, tudo é mais fácil, as autoridades são menos rigorosas... *etc.*

Levinsohn mete a mão no bolso do paletó e retira um pacote com várias cartas geográficas, contendo rotas aéreas. Só agora, Estêvão observa que o americano se veste de maneira extravagante, calça creme, paletó azul-forte com riscas retangulares brancas, gravata branca, sapatos também brancos.

— Observa as rotas, Estêvão.

Abre sobre a mesa uma das cartas com o mapa-múndi à vista, em pequena escala, os riscos coloridos assinalando as rotas de voo e os nomes das empresas.

— Observa e compara... O que é mais fácil... Istambul-Beirute-Atenas-Roma-Madri-Rio de Janeiro ou Japão-México-Rio de Janeiro? Esta outra: Istambul-Atenas-Paris-Nova Iorque ou Tóquio-Los Angeles-México? Esta outra: Istambul-Roma-Londres-Nova Iorque ou esta outra: Tóquio-São Francisco-México? O problema não está na remessa México-Brasil e sim na chegada ao México. O trajeto e as paradas intermediárias. Sobre o Pacífico, ninguém chateia... Além do mais, é mais fácil remeter do México para

Caiena e de lá entrar no Brasil do que mesmo fazer a linha Japão-Los Angeles-Lima-Rio de Janeiro ou São Paulo... A entrada pelo Rio ou São Paulo é mais difícil e perigosa do que pelo norte do Brasil, quase deserto... Mata, só. De Manaus ou Belém, o senhor sabe como distribuir... Manaus, então, em plena selva, é o lugar ideal! Melhor mesmo do que Belém, sob certos aspectos. Neste caso, poderia ir via Caracas ou Bogotá...

Ouve-se o som de um pequeno gongo. Um *boy* fardado chama a atenção dos hóspedes, gritando: Mr. Estevan... Mr. Estevan, apartamento 1202...

— É comigo? Que é que há?

— Telegrama...

Estêvão recebe, numa bandeja prateada, o telegrama. Pede licença a Levinsohn e abre, curioso. É de Mônica:

“*Mon chéri* — Eu te aguardo ansiosa pt muitas saudades beijos

Monique”

— Vamos prosseguir. — diz Estêvão, guardando o telegrama no bolso. — Estou impressionado com o seu plano. As minúcias. Mas gostaria de saber como se pode fazer o transbordo da mercadoria no México.

— Tenho velhos conhecidos aqui. No aeroporto, nas empresas aéreas, na fiscalização. Além disso, podemos mandar algum produto mexicano, extraído dos tais cogumelos e cactos do país... São muito apreciados. Mas o grosso do negócio deve ser a heroína... Três mil e quatrocentos dólares o quilo. O que há de mais fino.

— Como repartiremos os lucros?

Levinsohn não respondeu logo. Do outro lado, brilhava ao sol a piscina do hotel, banhistas se espreguiçavam em longas cadeiras, jovens ensaiavam saltos, crianças gritavam...

Passa alguém com sapatos rangendo.

Levinsohn observa:

— Esses sapatos são mexicanos... Veja como rangem... Sapato brasileiro não faz isso. A produção do Brasil é fantástica e de primeira qualidade! Estados Unidos estão importando muito do Rio Grande do Sul e São Paulo... Um colosso!... Você já viu como a América já está fazendo legislação

protecionista, criando barreiras alfandegárias?

Estêvão compreendera que Levinsohn era um homem frio. Pensava muito antes de responder. Só, vez por outra, quando queria impressionar, golpeava a mesa com o pulso forte.

— Precisamos entrar em acordo... O melhor é o senhor comprar a mercadoria... Vende no Brasil pelo preço que quiser. Pode pagar também em gêneros, em Caiena... Por exemplo: pedras preciosas do Brasil... Os chineses aí vão cooperar muito. Está vendo por que escolhi o México? O senhor só deve pensar em quatro pontos de referência: Oriente, México, Caiena e Belém. Ou então: Oriente, México, Bogotá e Manaus. O transporte de Caiena para Belém pode ser por mar, muito barco disponível, costa abandonada. Cinquenta quilos de heroína cabem num tambor de óleo. Quem vai pegar? Em cinquenta tambores, um apenas é de heroína. Com o valor dela, em alguns anos, o senhor compra uma cidade inteira... Faça o cálculo, cinquenta vezes três mil e quatrocentos são cento e setenta mil dólares, cerca de um milhão duzentos e cinquenta mil cruzeiros... Isso apenas numa viagem, num volume que pode ocupar um espaço de um metro quadrado... Vai ficar podre de rico, Estêvão... Em doze viagens, isto é, uma por mês, são dois milhões e quarenta mil dólares por ano, cerca de quinze milhões de cruzeiros... Sim, Estêvão, não são quinze milhões antigos, são novos... Bilhões antigos... Mais de um milhão por mês.... Você manobra Caiena, Belém e Manaus... Eu manobro o México e as fontes produtoras... Deixe essa parte comigo...

Enquanto Levinsohn falava, Estêvão fazia cálculos mentais. Quantos anos levaria para ganhar igual quantia no contrabando de automóveis, bebidas e perfumes? Agora mesmo, fechara negócio em Tampa, na Flórida, com vinte automóveis que, àquela hora, deveriam estar viajando para Paramaribo, porto livre. Ezequiel fora avisado em telegrama cifrado:

“Ezequiel

Rua General Andréa 1102

Belém — Pará — Brasil

Seguiram vinte turistas nossa empresa pt chegarão Paramaribo dia 20
pt seguirão Belém dia 21 prepare boa acolhida

Estêvão”

As empresas de turismo permitiam que telegramas assim fossem passados. Paranorte Tours e Canbetur estavam por trás de tudo.

Levinsohn já bebera quase toda a garrafa de uísque. Era como se houvesse ingerido água. Apenas um pouco mais alegre, falando com desenvoltura, mas perfeitamente lúcido. Entram hóspedes. Avança o dia. É quase hora de almoço.

Passa uma mulher elegantemente vestida, fazenda rósea vaporosa, até os pés, conhecida de Levinsohn, o qual logo levanta e apresenta:

— Srta. Indra Ramdim... É indiana... Professora, poliglota... Conhecida em recepções na embaixada...

A jovem era de boa estatura, elegante, olhos negros, cabelos também negros, bem presos, formando um rolo na nuca, seguro por belo alfinete dourado.

Retirou-se logo, alegando pressa, tinha um convite qualquer...

Levinsohn se senta e prossegue:

— Nosso negócio deve ser à base de muita confiança, quanto ao preço. Vendo-lhe a heroína pela cotação do mercado do dia aqui, em dólares... Desde o momento em que penetre em seu país, fica logo valendo duas ou três vezes mais... O senhor bem sabe disso... O que custa três mil dólares aqui, lá vale seis, oito ou nove... O senhor é que faz o preço lá... Não perde nunca. Não vê, por exemplo, nos automóveis? Compram carros usados em Miami, que já iam para o cemitério, à razão de dois ou três mil dólares e os revendem no Brasil por dez mil... Conheço todos os ângulos pela importação...

Estêvão sabia que Levinsohn estava bem-informado. Era verdade o que dizia. Produto estrangeiro no Brasil valia muitas vezes mais do que nas fontes exportadoras. E com os entorpecentes, o problema ainda era mais grave: impunha o preço, sem qualquer controle.

Levinsohn pede mais uísque. Bebe-o com pouca soda, quase puro.

Estêvão não pode acompanhá-lo em toda linha. Disfarça, aumentando a dose de soda. O americano prossegue:

— Há dias certos para chegadas e partidas em que a mercadoria pode ser encaminhada. Telegrafarei em código. O senhor paga, em Caiena mesmo, ao chinês Lao Ming, da Importadora Chino-Guianense. É de minha inteira confiança. Tenho outros negócios com ele. Conta corrente. Nós dois estamos

um na mão do outro. Negocia com pedras preciosas e semipreciosas. Pode pagar em pedras. Ele é perito na avaliação. Tudo assim fica mais fácil. Ok? O senhor manda pedras do Brasil, eu mando heroína do México.

Estêvão sentia que a entrevista estava chegando ao fim. O dia avançava. Hóspedes regressavam ao hotel com a aproximação do almoço. Levinsohn esgota a segunda garrafa de uísque. O homem parece de ferro. Nunca vira tanta resistência à bebida, que ingeria, às vezes, pura. Apenas transpirava, queixando-se:

— Hoje, o dia está quente... Como se diz no Brasil: puxa vida!

Ouve-se música brasileira, irradiada por todo o hotel, em tonalidade suave, controlada: “Brasil, meu Brasil brasileiro”.

— *Aquarela do Brasil!* — exclama Levinsohn, eufórico. — Viva o Brasil!

Estêvão admirava-se como aquele homem conhecia tão bem o Brasil.

— Passei muitos anos em São Paulo e no Rio... Adoro Ipanema... Copacabana... Gávea... Leblon... Santa Teresa... Tudo!

O uísque ajudava a euforia de Levinsohn. O êxito das negociações parecia infundir-lhe exuberância e vigor.

— Onde está hospedado? — indaga Estêvão.

— No Holiday Hotel... Ah! É verdade, tenho um presente para o senhor. Soube que o senhor é católico...

— Sim. — responde Estêvão, um tanto desconsolado.

— Está no automóvel. — e aponta para o local de estacionamento de carros. Um motorista de boa presença observa de longe.

— Aquele carro está sempre à minha disposição, quando venho a Acapulco. É seu também. Vou lhe apresentar o motorista.

Com um gesto, chama o motorista mexicano, que se apressa cheio de mesuras:

— Juan Cabrón Bonilla...

— *Si, señor, as ordenes... Encantado, señor... Si, señor... Mucha honra en conocerlo... Para servirlo.*

Estêvão graceja:

— *Si usted fuera argentino, su nombre si pronunciaria Bonija.*

Levinsohn ordena a Bonilla que traga um volume na mala do carro, um pacote, de cerca de meio metro. Oferece-o a Estêvão.

— É uma recordação deste encontro...

Estêvão lentamente desfaz os laços, uma delicada caixa de papelão, dentro uma imagem:

— *Es Nossa Señora de Guadalupe, señor...* — fala Juan Bonilla. — *Mui milagrosa!... Es preciosa!...*

Estêvão agradece. Convida Levinsohn para almoçar, o qual recusa.

— Preciso ir. Está ficando tarde.

E remata:

— A primeira remessa, Estêvão, deverá chegar a Caiena no dia 25... Esteja atento... Ou então autorize alguém de responsabilidade a receber... Mônica... Por exemplo... Ou Mr. Crooks, meu amigo...

Antes de despedir-se, balbuciou ao ouvido de Estêvão:

— Dentro da imagem, há trezentas gramas de heroína... Deixe para abrir quando chegar ao Brasil... Dou-lhe um prêmio se conseguir abrir sem quebrar a imagem. Depois, ensino-lhe o segredo...

Estêvão ficou contemplando o corpulento americano, enquanto se afastava em direção do automóvel. Juan Bonilla, de longe, fazia medidas e dizia *hasta luego*, com promessa de voltar com o veículo, agora à disposição de Estêvão...

Levinsohn não parecia perturbado... Serenamente, se precipitou no banco traseiro, fazendo com a mão um último gesto de despedida.

A radiofonia do hotel irradiava o “Cucurucucu paloma”.

Surge, repentinamente, Indra Ramdim, vem da rua, um buquê de rosas na mão direita, ao ver *Estêvão*, fala-lhe em bom espanhol:

— *Usted está solo... Adonde se fué Mr. Levinsohn?*

Estêvão apresenta uma desculpa qualquer. Elogia as flores. Talvez, por força do uísque, oferece-lhe um galanteio:

— *Usted está más bela que todas las flores que tiene em la mano...*

Indra ri com simpatia, uma linha de dentes alvos e bonitos brilha em sua boca.

— *Es verdad?*

Estêvão sentia-se só. Convida Indra a sentar. Oferece-lhe algo a beber. Entendem-se bem. A indiana transpira ternura, suavidade. A pele branca, ligeiramente amorenada, como se fosse queimada de sol, um tipo di-

ferente, esbelto, enquanto o vento agitava o finíssimo tecido envolto no pescoço fino...

Conversam longamente. Sobre tudo e sobre nada. Sobre Acapulco, a Índia, o Brasil. Sobre o clima, o sol, a praia, as crianças, as viagens, as estradas, automóveis, festas, cassinos, estudos. Sobre universidades, comércio, religião.

Indra pareceu a Estêvão altamente preparada. Curso em universidade de Nova Déli e de Londres. Missões no exterior. Uma mulher diferente, capaz de conversar sobre a última marca de automóveis e sobre budismo e bramanismo.

Diz-lhe Estêvão, cortesmente:

— Seu nome é muito bonito... Indra.

— Era uma divindade de nossa religião. Tenho uma irmã que se chama Shiva, uma deusa. Sucedem que Indra era um deus... Meu pai, muito religioso, quando nascemos (gêmeas) achou por bem dar-nos os nomes de Indra e Shiva... Indra era o soberano do céu, senhor do raio...

— A religião na Índia é muito profunda. — aventura Estêvão.

— Você se interessa pela religião? — indaga Indra, fitando nos olhos de Estêvão.

Mal sabia ela que estava em frente de um quase padre. Estêvão sorri, inclinado a confessar que estudara para ser sacerdote. Mas não conhecia ainda bem a interlocutora, tinha que abrir o coração aos poucos...

— Tenho um irmão Arjuna... Outra divindade (o mesmo que Jishnu ou Bibhatsu). Você não conhece as histórias de Arjuna? Há uma muito bonita, vou lhe contar...

Estêvão sentia-se atraído. Esquecia momentaneamente o ambiente luminoso do céu azul, a praia, a piscina, alegria dos que passavam perto, todos contaminados no mesmo otimismo, o sorriso nos lábios.

— Arjuna, sendo vítima de uma trapaça, ficou muito zangado (*samkrud-da*) e, por esse motivo, cobriu o céu com uma multidão de flechas velozes, a fim de lutar contra Indra, o deus todo-poderoso. Indra tinha mil olhos...

— Não valiam os seus... — interrompe Estêvão, com galanteria...

— Espera... Deixa eu contar toda a história. É bonita. Ora, o rei dos deuses, vendo Arjuna encolerizado, aceitou a luta. Lançou seu próprio as-

tro e com ele cobriu todo o céu. Ouviu-se, então, um ruído enorme, todos os oceanos se agitaram, juntaram-se nos céus massas de nuvens negras, ameaçando tempestade e chuva (*jaladhara*). Essas massas de nuvens começaram a vomitar raios, trovões e relâmpagos, que infundiam terror... Arjuna, que sabia como se comportar em tais situações, lançou o astro excelente chamado *Vayavya*, pronunciando palavras e exortações apropriadas para espantar as nuvens. Com essa arma, foram destruídas a energia e a força do raio de Indra e das nuvens. As torrentes de chuva, de que essas nuvens estavam carregadas, secaram todas e o brilho do relâmpago foi também desfeito. Em poucos momentos, o céu ficou limpo da escuridão. Uma brisa fresca e deliciosa começou a soprar e o sol (*arka mandala*) retornou ao seu aspecto normal. Então, o devorador de oblações, feliz por ver que ninguém o dominava, tomou formas variadas; banhado com as ondas de óleos e sangue que se desprendiam dos despojos dos seres animados, o Luminoso lançou chamas e encheu o universo com o seu rugido.

— Quanta imaginação! — exclama Estêvão.

— Todas as religiões têm uma grande dose de imaginação! Sem ela, não existiria o mundo. A imaginação é uma segunda existência. Os gregos conversavam com seus deuses no Olimpo! O céu na Grécia tem *teto baixo*, como dizem os aviadores, é carregado de nuvens que envolvem as montanhas. Os homens conviviam com os deuses.

— A religião indiana se baseia na lenda e no mito. Ela é mais profunda e vasta do que muitos sistemas filosóficos. Procura oferecer à sensibilidade humana um panorama, o mais completo possível, do mundo cósmico. Abrange não apenas o que nossos sentidos apreendem, mas também o que está fora dos sentidos, sem excluir as relações de causalidade, as origens e os fins últimos. Ela é complicada e suave, mas coerente. O número de mundos concebido pelo hinduísmo não é fixo (*Vyâhritis*). Varia segundo o grau do detalhe que se quer conhecer. Geralmente, se enumeram catorze mundos.

A música irradiada cessa. É que acaba de chegar um grupo de músicos e cantores, que animam o almoço do luxuoso hotel. Oito homens gordos, morenos, misto de asteca com sangue espanhol, chapelões enormes de palha, guitarras, saxofones reluzentes, violões coloridos, um deles mais alto, abdômen proeminente, outros de várias estaturas, rotundos. Nos chapéus,

vinha escrito o nome do conjunto *Los Muchachos de Oaxaca*. Antes de entrarem no hotel, se compõem na *terrace*, não muito longe a piscina, mesas, muitas mesas, agora quase todas ocupadas, com a aproximação do almoço. O do saxofone rasga o ar com um forte sopro. Os demais o acompanham com as guitarras, as mãos velozes, como se porfiassem em desabalada carreira. Sucedem-se músicas regionais, um deles canta, compõe versos, improvisa, utilizando os nomes dos hóspedes. Um garçom se acerca da mesa de Estêvão e pergunta o seu nome e o de Indra, discretamente. Mas logo os cantores se aproximam. Um canta, o mais alto e barrigudo, os demais acompanham com os dedos vibrando, como se fossem elétricos:

*“Nesta tierra mexicana,
Brasil está en el corazón...”*

E repete, como a procurar inspiração, alterando a letra:

*“Nesta tierra mexicana,
Tenemos todos corazón;
El Brasil es nuestro amigo,
Es una patria ‘bacana’,
Del caro Señor Concepción...”*

As guitarras completam o canto violentamente. Aplausos! Gritos! Vivas! Depois, dirigem-se a Indra. Primeiro, tocam as guitarras, seguidamente, enquanto Uribe, o cantor, improvisa:

*“Señora que es tan hermosa,
Es criatura preciosa,
Tiene las faces de rosa,
Como el sol de la mañana
En la bella patria indiana...”*

Novamente, todas as guitarras, maciçamente, erguem seus sons estri-

dentos. Mais vivas! Mais aplausos! Todos se viram para a mesa de Estêvão, o Sr. *Concepción*, Estêvão da Conceição!

Algumas vozes pedem músicas preferidas: *La bamba! Las mañanitas! Malagueña!*

Estêvão se dirige a Indra:

— Os povos de língua espanhola não conseguem pronunciar o nosso -ão português. Aqui, eu sou Esteván de la Concepción... Língua dura, a nossa...

E rematou, lembrando as leituras do tempo do seminário:

— Quando tivemos conflitos de fronteiras com os povos vizinhos, embora amigos, mal se distinguiam os brasileiros dos estrangeiros. Na fronteira, a semelhança é incrível, o mesmo tipo racial, mistura de guarani com ibérico. Quando vinham prisioneiros, sem identidade, para fugirem à prisão ou ao fuzilamento, se diziam brasileiros... “Eu sou brasileiro!”

Indra escutava atentamente.

— Como resolviam o problema? — indaga.

— Um oficial brasileiro, muito inteligente, encontrou solução. Mandava o prisioneiro dizer a palavra “coração”. Se o pobrezinho dizia “*corazón*” ficava preso... Os próprios soldados assim agiam, na refrega. Diga “coração”. “*Corazón*”, bumba! Era mais um morto ou prisioneiro.

— Sim, mas se o senhor for a Veracruz, porto do golfo do México, vai encontrar algumas pessoas que dizem coração, portão, religião...

— Influência talvez dos navegadores portugueses, que devassavam tudo. O Caribe está cheio de nomes lusitanos por todo lado, especialmente no comércio. Em geral, os habitantes dos portos sofrem influência. Veja Marselha, a língua é uma misturada até de grego; em Gênova, entendem o português. Na Sicília, em vez de “*dello*” dizem “*do*”, etc.

Os músicos agora se dirigem para o grande salão de refeições. O saxofone berra desesperadamente. Estêvão observa:

— Quando ouço essas músicas, me lembro da infância. O circo. Os saxofonistas entravam na frente tocando músicas assim, atrás vinham os elefantes, os anões, os trapezistas, o palhaço... A música marca fases da vida. Tenho um amigo que costuma dizer que pertence à geração da *Cumparsita*...

— Qual é essa geração?

— A da década de 1930, quando o famoso tango estava em toda parte...

Ouve-se, lá dentro, a voz do cantor anunciando:

— *Ahorita vamos cantar algo brasileiro: “Amada amante”, de Roberto Carlos.*

Vivas! Redobrados aplausos! Estêvão comenta:

— Esse moço, Roberto Carlos, já fez mais pelo Brasil do que muitos embaixadores. Suas músicas estão em toda a parte. Escutei-as em Caracas, Bogotá, Lima, Panamá. Na Argentina, em cada esquina se ouvia uma canção de Roberto Carlos em espanhol...

— E não fizeram uma estátua para ele? — indaga Indra.

— Não!... No Brasil, para ter estátua ou nome de rua, é preciso primeiro morrer. Ou, como dizemos lá, *bater o pau*...

— Mas se o homem tem valor, tanto faz estar vivo ou morto...

— Sim, mas, se facilitarem, quem vai ter estátua nas praças são os salafrios, alguns poderosos. Não se pode facilitar. Você não conhece a história de Carlos Gomes?

— O grande compositor lírico, Carlo Gomez? Não era italiano?

— Italiano nada. Brasileiro. Da escola italiana. Discípulo de Verdi. Fez sucesso na Itália. Quando voltou ao Brasil, sua própria terra fez para recebê-lo. Foi um estado do Norte que o abrigou. Criou conservatório, que até hoje tem seu nome. Ali morreu, cercado do carinho dos meus conterrâneos... Um outro, pintor brasileiro, Oswald, é registrado nos dicionários como italiano...

— Pelo que vejo, seus conterrâneos são muito carinhosos...

— Sim, como dizem os mineiros: nem tanto, nem tão pouco, muito pelo contrário...

— Que quer dizer isso?

— Você não entendeu? Eu também não...

Estêvão observa aquela mulher diferente. Culta, moderna, elegante, com algo de místico. De onde saíra aquela Indra, em pleno Acapulco? Ali tantas raças se encontram nos meses ensolarados de verão, ou melhor, durante todo o ano, pois o sol está sempre presente. Raças, costumes, tipos, uma babel.

— Que embrulho é esse? — indaga Indra, vendo sobre a mesa o presente de Levinsohn.

— Ah! Você vai se surpreender. É uma santa da nossa religião... Nossa Senhora de Guadalupe.

Estêvão desfaz lentamente o laço, abre a caixa, de onde retira a imagem bem trabalhada e colorida.

— Uma bela imagem...

— A Ordem de Guadalupe é muito antiga. — explica. — Foi fundada aqui no México no século passado. A santa é milagrosa...

Estêvão ainda acreditaria em milagres? Àquela altura, já esquecera Levinsohn e o vultoso negócio que entabulara. Mal lembrava que dentro daquela imagem havia trezentas gramas de heroína, no valor de oitocentos dólares... Uma amostra apenas. Um presentinho, galanteio original de Mr. Levinsohn. Havia um segredo qualquer na imagem, algum ponto em que se podia abrir e retirar o conteúdo. Nenhum fiscal conseguiria pôr o dedo no local sensível, uma espécie de calcanhar de Aquiles vulnerável...

O movimento do hotel aumenta. Chega Bonilla, motorista, muito apressado:

— *Desculpas señor, por la demora...*

E apontando para o automóvel:

— *El coche se encuentra del otro lado de la calle... À disposición...*

Estêvão convida Indra. Passear. Espairar. Ver outras paisagens. Em breve, o veículo se desloca conduzindo os dois, contornando a praia, ao longe o azul do mar, sol intenso, vento forte agita o leve lenço de gaze que envolve o pescoço de Indra. Esta o retira. Solta os cabelos, que caem negros sobre os ombros. Estêvão mentalmente analisa aquela mulher, estranha, diferente, suave. Não lhe inspira nenhuma atração física. Apenas um bem-estar espiritual, tranquilizante. É como se fossem dois irmãos ou velhos amigos. Tudo nela é delicadeza e suavidade. Recorda Linda, seu amor. Por Mônica, possuía atração física, orgânica, irresistível. Sua presença o dominava, a ausência fazia desvanecer-lhe a lembrança. Percorreram a nova e a velha Acapulco, ruas estreitas às vezes, já distantes, restos da velha civilização espanhola e indígena, em contraste com a parte litorânea, moderna, americanizada, olhando sempre para o mar... Mulheres com tipo índio ofereciam coisas regionais para venda: tecidos, rendas, confecções, cerâmicas, chapéus de praia... Durante toda a tarde, os dois se esqueceram do mundo, parando

aqui e ali, sem qualquer malícia, comendo comidas regionais picantes, caldo *talpeño* temperado com *chile*, comprando *souvenirs*, vivendo a vida...

Quando regressaram ao hotel, já era noite. Indra, ao se despedir, comentou:

— O senhor é um perfeito cavalheiro. Muito obrigado pelo dia agradável.

Estêvão encontrou sobre a mesa da antessala do apartamento um telegrama:

“Estêvão Conceição

Acapulco – México

Hotel del Prado

Não demore pt Betinho enfermo pt morrendo saudades

Linda”

A mensagem continha duas palavras — enfermo e morrendo — que não o deixaram dormir a noite toda. Impossível viajar àquela hora. Madrugou.



Estêvão já se encontrava em Belém. Deixara Acapulco tão logo soubera da doença de Betinho. A noite toda passara em claro, preocupado. Se pudesse, teria viajado de noite mesmo. Mas era tarde. Não havia mais voos àquela hora para a capital do México. Só no dia seguinte, cedinho. O regresso via Bogotá-Manaus seria mais fácil, trocando de avião nos aeroportos. Não houve nenhum problema com a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, lembrança de Levinsohn, recheada de heroína. Na Cidade do México, ainda se encontrara com Levinsohn, que confirmara todo o negócio acertado anteriormente. Uma remessa seria via Paramaribo, outra via Bogotá-Manaus. O esquema estava montado. Foi deixá-lo no aeroporto, explicando-lhe, à última hora, que o segredo da imagem estava no pescoço, era só comprimir um pouco a cabeça para baixo e torcer para a direita. Saía fora como se fosse uma rolha, deixando à mostra o depósito interior. Quem não soubesse, dificilmente conseguia abrir. Era preciso primeiro comprimir, para depois girar.

Estêvão chegou a Belém de madrugada. Sempre regressava de madrugada. Todos os seus comparsas, aliás, pareciam aliados das noites. Ezequiel costumava dizer: — Nós somos como caborés, só aparecemos de noite. Quando chegavam em casa, em geral, as mulheres e os filhos dormiam. Entravam de mansinho. Precisava cuidado para não despertá-los. O motorista de Estêvão já estava esperando no aeroporto, contando as novidades. Histórias da política. Campanha acirrada. O jornal *Rebate* atacava sem medidas os candidatos do PRD. Estêvão estava com sorte, ainda não levava nenhuma ripada. Os mais violentos eram o Parcifal Feitosa e o Orivaldo Sena.

O motorista comentava:

— Parcifal, o que tem de velho tem de valente. Escreve bem, mas não respeita nada. O outro é um moço descontrolado, meio biruta, dizem que



teve meningite quando criança. Um irresponsável. Por isso mesmo, é perigoso. Já o pai dele é um homem de bem.

— Quem? O Orivaldo?

— Esse mesmo! Está procurando encrenca. Escreveu um artigo violento em cima do Chefe.

Estêvão não estava para muita conversa. Queria chegar logo em casa. Rever Linda e Betinho, este enfermo. Como estaria? Deixara de lado o pedido de Mônica. Nada de Caiena agora. Primeiro, devia atender o filho, o único que Deus lhe dera, seu sangue e por quem fizera tanto sacrifício.

A estrada apresentava-se lisa, luzidia, refletindo na superfície molhada as luzes dos postes recém-colocados.

Linda o esperava, intranquila, com a casa iluminada, àquela hora. Mal enxerga Estêvão, se lança em seus braços, na porta de entrada, enquanto o chofer manobrava o carro. Linda soluça. Uma crise de nervos a assalta. Chora, agarrada a Estêvão, sem dizer palavra. Inutilmente, tenta arrancar-lhe alguma coisa, uma explicação ao menos sobre o filho, como está, que tem feito, qual a doença. Linda chora, chora apenas, abraçada ao marido.

— Que foi, Linda? Nunca vi você assim... Que foi? Como vai Betinho?

Beija-lhe a testa, o rosto molhado, os cabelos longos úmidos de tantas lágrimas.

— Você está nervosa. Que foi?

Estêvão se desvencilha delicadamente dos braços da mulher e penetra na casa. O quarto à meia-luz. Várias amigas, da vizinhança, presentes. O médico, Dr. Renildo, sentado, observa o menino, o rosto pálido, respiração intensa, abdominal. A barriguinha sobe e desce em ritmo acelerado, sob os lençóis. Não se sabe se dorme ou se morre.

Linda chamara vários médicos. Um suspeitara de crupe. Mandou examinar o muco extraído da garganta. Negativo. Outro desconfiara de infecção intestinal. Exame mais exame. Negativo. Outro aventou a hipótese de o garoto ter engolido algum corpo estranho. Menino tem parte com o cão, faz travessura, engole borracha no colégio, morde lápis, come barro e sabão. Sugeriu chapa de raios X. Aquela respiração abdominal, diz alguém, revela algo no aparelho respiratório. Teve que vir uma aparelhagem enorme, manejo trabalhoso. Negativo. Tudo negativo. Negativo. Negativo. Ninguém

acertava. Era preciso mandar buscar oxigênio. A respiração cada vez se tornava mais difícil. Àquela hora mesmo, tudo foi providenciado. Estêvão à beira da cabeceira, segurando o tubo de borracha, o bico de oxigênio no nariz do menino, na luta terrível contra a morte. Mais médicos, alguns eram amigos da família, vinham fazer visita, davam o seu palpite discreto, como quem quer ajudar, mas ao mesmo tempo, sem interferir no tratamento, problema de ética.

— Já é uma sorte ainda estar vivo! — diz alguém. — O oxigênio é que está aguentando!

Surge o dia sem mensagens de esperança. A luz do sol a pouco e pouco se insinua através das vidraças cobertas de cortinas delicadas. Rostos macerados contemplam o corpezinho sobre a cama, o lençol muito alvo, os brinquedos abandonados ao canto do quarto. A respiração, sempre a respiração abdominal, a barriguinha subindo e descendo, cada vez mais depressa, como se os pulmões tivessem baixado para o ventre.

Que fazer? É o que parecem indagar os olhares de todos, olhares já desvairados pela incerteza.

Uma das vizinhas, Dona Tita, peruana, mal vê a imagem que Estêvão depositou sobre o armário, fez logo uma promessa para Nossa Senhora de Guadalupe.

Toca o telefone. Querem falar com Estêvão. Quem será, tão cedo assim? É Dorivaldo Viscoso, deputado, da direção do partido:

— O Chefe vai chegar hoje. Estou transmitindo convite do Senador Carivaldo para irmos incorporados ao aeroporto, deputados e candidatos. Todos!

— Não sei se posso ir! Estou com o filho doente, muito doente...

— Faça um esforcinho. O Chefe gosta...

E antes de desligar:

— O Chefe repara quando se falta... Disciplina partidária é o que ele mais exige... Vá logo se acostumando.

Disciplina partidária! Para ir ao aeroporto! Para bater palmas! Para dar vivas! Disciplina partidária para frequentar banquetes! Para assinar subscrições, dar o dinheiro, ou firmar abaixo-assinados com doações, solidariedades, moções de confiança, o diabo. Sim, disciplina até para aprovar o inaprovável.

Enfim, precisa evitar encrenca. Perguntaria ao médico se convinha afastar-se por alguns momentos, muito embora seu coração não pedisse. A chegada seria às dez horas. Era preciso encher o aeroporto. Dar demonstração de prestígio. As eleições estavam perto. Vários ônibus foram postos à disposição por amigos, alguns fretados por Melchior, que pagava as despesas. O jogo do bicho sustentava tudo.

Durante todo o dia, Betinho se mantinha entre a vida e a morte. Uma batalha surda, mas desesperada. Mais uma noite de vigília, cuidados, corre-corre, de vez em quando, como se estivesse agonizante.

Dr. Renildo aconselhou Estêvão a ir ao aeroporto. Era melhor até. O menino estava medicado, embora sem diagnóstico certo. Vários medicamentos que “cercavam” a enfermidade, qualquer que ela fosse. Um dos remédios devia estar produzindo efeito, em outras condições, teria falecido. Podia ir, fazer presença e regressar logo. Havia muita gente em torno do enferminho, a cooperação do pai tinha mais efeito moral, não podia fazer nada mais do que já fora feito. E o garoto nem sequer tomara conhecimento da existência paterna.

O aeroporto regurgitava de gente. Automóveis às centenas, quase sem vagas para estacionamento, ônibus em fila, alguns fretados, outros colocados à disposição. Gente de todas as categorias sociais, grandes e pequenos, políticos, funcionários, chefes de repartições, povo humilde dos subúrbios, homens, mulheres, até crianças, vindos de todos os lados. Foguetes espocavam no ar. Uma banda de música da polícia executava músicas marciais. Representantes do comércio, da indústria, das profissões liberais, a legião feminina (que o jornal *Rebate* chamava *legião fax menino*). Até ônibus de cidades do interior, as mais próximas, com prefeitos, delegados, vereadores, magistrados, um ou outro padre de batina preta, professoras, gente pobre, todos procurando um lugar onde pudessem ao menos apertar a mão do Chefe. E faixas, grandes e pequenas, algumas coloridas, com inscrições e legendas: “Viva o nosso Chefe, o amigo do povo”, “Homenagem dos correligionários do Jurunas”, “Os amigos da Pedreira saúdam o Chefe invicto”, “Ananindeua o grande líder”, “Capanema está presente”, “Seja bem-vindo, Chefe amigo”, faixas e mais faixas, algumas pregadas nos ônibus, outras em postes, algumas em varas, que homens humildes seguravam, vários veículos

só com crianças, algazarra, gritaria, foguetes. Era o Chefe que chegava. O dia se tornava feriado. Ninguém mais ia trabalhar.

Deputado Viscoso, vendo Estêvão, foi logo gritando, braços abertos:

— Ora viva! Fez bem em vir! O Chefe vai gostar!

E ante a atitude reservada de Estêvão, baixando a voz:

— É verdade, como vai o garoto? Melhorou?

— Melhorou um pouco. — fala Estêvão, aflito, sem comungar daquela alegria, que transbordava de todos os olhares.

— Por que não chama o Dr. Acilino, grande médico, além do mais, nosso correligionário? Salvou o Chefe de uma terçã. Estavam tratando como se fosse infecção intestinal. Ia morrer. Dr. Acilino o salvou à última hora. Todo mundo sabe disso. Os jornais noticiaram.

Dr. Acilino era famoso. Professor com mais de trinta anos de experiência, clínico reputado, já velho, mas respeitado entre os próprios colegas, que foram seus alunos...

Enquanto espocavam foguetes, mulheres e crianças gritavam: viva! viva! O pensamento de Estêvão se focava em Dr. Acilino. Ainda não se lembrara dele, uma das mais conceituadas figuras de clínico da cidade. Famoso. A ida ao aeroporto tivera essa vantagem. Fora providencial! “Chegou o avião”, dizem alguns, “Não, não chegou”, afirmam outros. É outro aparelho. Todos se acotovelam, cada qual querendo ser o primeiro. Acaba a hierarquia. A gente humilde do subúrbio empurra os figurões, homens de alpercatas, mulheres mal vestidas, alguns descalços, operários, vendedores ambulantes, gente do mercado, feirantes, uma mistura de tipos humanos, de todas as categorias sociais, predominando, numericamente, os de baixa condição social. — Agora é ele! — grita uma mulher. — É ele! É ele!

Carrega uma criança nos braços para que veja melhor:

— Olha, meu filho, é o Chefe! Lá vem ele!

Senador Carivaldo se desmancha em sorrisos. Deputado Everdosa, voz rouca, pede solenemente que deixem o Chefe passar. Deviam ter colocado uma corda de isolamento, como se faz na procissão com a santa. Os braços estalam, as mãos nas costas, o Chefe risonho, bem-humorado, aquela gente toda, a sua gente, espetando-o, os seus caboclos, como costumava afirmar uma apoteose. Não chega para todos. Aperta a mão de um a um, grandes,

pequenos, conhece pelo nome a todos, as mulheres suburbanas, os cabos eleitorais do interior, pergunta pelo marido de Dona Noca, pela mulher de Seu Venâncio, pelo filho de Dinorah, pelo afilhado da Vigia, pela comadre de Curuçá, pelo farmacêutico da Pedreira, pelo telegrafista de Marituba, pelo porteiro do Serviço de Águas. Só faltam esmagar o Chefe, muito forte, peito grosso como um touro. Só não tolerava bêbados, que empurrava para o lado.

Abraça Estêvão, um riso largo nos lábios.

Deputado Everdosa trepa num banco, pede silêncio e começa o discurso, de improviso:

— Chefe! Aqui está o teu povo!

Vivas, gritos, aplausos, foguetes, uma algazarra enorme de aprovação às palavras do orador, inflamado, voz rouca (apelidado “Pata Rouca”, nos meios mais íntimos, afetuosamente). Prossegue a oração:

— Povo! Aqui está o teu Chefe!

Vivas de novo, aplausos, foguetes. O homem mal pode falar. Cada palavra é interrompida por palmas, que se estendem sobre a multidão, milhares de cabeças, como se fosse o ruído das ondas sobre o mar. As palmas vão e vêm sob aquela multidão de rostos, olhos fixos no orador e no Chefe, o qual, olhando em redor, ou baixando a cabeça, sorve uma a uma as palavras do deputado.

Deputado Everdosa continua:

— Um chefe que tem um povo como este a seu lado pode contar como certa a vitória no pleito eleitoral!

Vivas, foguetes, aplausos.

— Um povo que tem um chefe como esse, pode estar tranquilo, porque tem a comandá-lo um líder autêntico, filho da terra, amigo dos caboclos, capaz de todos os sacrifícios. Não é...

Interrompem-se as palavras com mais vivas, mais foguetes, mais aplausos.

— Não é um forasteiro...

Ouvem-se gargalhadas. Muito bem! Muito bem! Bravo!

— Não é um forasteiro como esse candidato da oposição que aqui chegou sem conhecer a terra e, agora, quer ser governador do estado...

— Viva o deputado! Viva o Chefe! Viva o Pará!

Os foguetes se misturam com os gritos. Dá a impressão de que o ruído do foguetório entra pela boca do orador, forçando-o a parar, vitorioso, o rosto vermelho, buscando fundo a inspiração.

E repete:

— Chefe! Aqui está o teu povo! Povo! Aqui está o teu Chefe amado!

O mundo parece que vem abaixo. O Chefe responde em poucas palavras:

— Meus correligionários e minhas correligionárias. Meu povo. Meus caboclos. Aqui estou eu para lutar ao lado de vocês e expulsar da terra paraense o candidato forasteiro... Não é paraense. Não sabe comer tucumã sem sujar a boca... (Gargalhadas.)

Mais gritos, mais vivas, mais foguetes, foguetes, foguetes. Vozes finas de mulheres se entremeiam com as dos homens.

— Não vou fazer discurso. Falarei quando chegar em casa, falarei nos comícios, falarei para todo o meu povo, que nunca me abandonou! Governarei com os humildes. Abaixo os carcomidos e os casacudos... (Risos.) Não deixarei que os ladrões tomem conta do estado. Nunca. É preciso que todos estejam unidos, que todos compareçam às urnas, que todos trabalhem e, principalmente, que todos sejam disciplinados... Quem não for disciplinado, não tem lugar no partido. Dê o fora! Viva o Pará! Viva o PRD! Viva a gente boa da minha terra! (Vivas! Vivas!)

Dentro de momentos, Estêvão sente que alguém o puxa pelo braço. Vira-se. É o Deputado Viscoso:

— Chefe quer falar com você antes de tomar o carro...

Estêvão é empurrado no meio da multidão. Viscoso vai abrindo caminho: “Dá licença, dá licença, dá licença, ele vai falar com o Chefe”. A palavra do deputado parece mágica, homens e mulheres se afastam, como que abrindo alas, com dificuldade, pois não há quase espaço.

— Pronto, Chefe! Aqui está o homem! — fala triunfante Viscoso, apresentando Estêvão.

— Dr. Estêvão. — fala o Chefe, voz rouca e metálica ao mesmo tempo. — Dr. Estêvão, soube que o senhor está com um filho muito doente. Vá para casa, homem! Vá para casa! Atenda seu filho primeiro! Quando o menino melhorar, me procure.

Estêvão agradece, rompe novamente a multidão. Localiza o automóvel. Vencendo as dificuldades de manobras, retorna para casa. Intimamente, dentro de alma atribulada, comenta para si próprio:

“Homem estranho, o Chefe! Aparentemente violento e rude. Foi de um carinho surpreendente para comigo e o meu filho. É por isso que esse povo pobre está de seu lado. Está explicado o fenômeno”.

Mais um dia de apreensões. A noite toda ficaram vibrando em sua alma as palavras do amigo:

— Por que não chama o Dr. Acilino? É competente. Salvou o Chefe!

Já de madrugada, resolveu aceitar o conselho. Por que não chamar o Dr. Acilino, velho médico, professor, encurvado pela longa vida dedicada à profissão? Mas chamar àquela hora? Tão cedo? Ele tão velhinho! Não queria incomodar. Profissão dura essa, ter que deixar a cama cinco horas da manhã para atender chamado. Dr. Renildo já sugerira uma junta médica, questão de responsabilidade, em caso tão delicado, com todos os exames negativos. Podia chamar Dr. Acilino, velho mestre de Remido e de toda sua geração, com quem muito aprendera durante o curso.

Dentro de poucos minutos, entra Dr. Acilino, muito baixo, branco, recurvado, nariz adunco, o olhar vivo e inteligente por cima das lentes dos óculos quando dialogava, baixando-os quando lia.

— Que tem o moço? Que tem o moço? Que tem o moço? — vai logo perguntando, a voz anasalada. E antes de examinar o doentinho, ainda à distância, só de olhar, foi logo fazendo o diagnóstico:

— Estertores de broncopneumonia... Estertores de broncopneumonia...

Todos se entreolham. Como é possível? Nem sequer auscultara a criança, não lera os resultados dos exames, não vira a chapa de raios X, como poderia afirmar, com tanta segurança, que aquela era a doença?

— Estertores de broncopneumonia. Tragam-me uma bacia com água quente. Uma toalha.

Mirando vidros e vidros de remédios sobre a mesa de cabeceira, exclamou meio irritado:

— Joguem fora isso tudo! Mandem buscar depressa estas injeções...

Escreveu rapidamente, letra larga e firme como larga e firme era a sua inteligência. Uma pequena receita. Um só medicamento. Antibiótico. Penicilina. Ficou aguardando, enquanto o motorista com rapidez incomum providenciava o medicamento. Estêvão chama, discretamente, Dr. Acilino a um canto do quarto e lhe pergunta, aflito, sem que os demais escutassem:

— Dr. Acilino... Como pôde acertar tão depressa? Estiveram aqui sete médicos antes... Todos bons, competentes. Nenhum resolveu...

— Eu explico. É muito simples. Um dos sintomas da broncopneumonia é a febre alta, altíssima. Mas em alguns casos, nos velhos senis e nas crianças tenras, às vezes ela vem sem febre. É raro. Como o garoto não tinha febre, mas com a respiração abdominal, não deram pela coisa...

E soltou uma sonora gargalhada, anasalada, como era de seu feitio, gargalhada que ecoou por toda a casa, qual mensagem de vitória e de alegria... A morte, carregando a sua foice, se retirou envergonhada do recinto, expulsa pelo velho esculápio...

— Amanhã o menino estará bom... — foram suas consoladoras palavras, enquanto se despedia e buscava a saída, com recomendação de Estêvão ao motorista que fosse deixar aquele precioso velhinho em casa, com todo cuidado.

E antes de entrar no automóvel, virando com dificuldade a cabeça, o tórax recurvo pela idade:

— Com aquela injeção, ele vai melhorar depressa...

Linda, menos confiante, fez promessa para Nossa Senhora de Nazaré, a padroeira do estado: acompanhar o próximo Círio, a pé, descalça, carregando uma reprodução de Betinho, em cera, que mandou logo encomendar à Casa Círio, especialista no ramo.

Sob o manto da noite



Maracacuera. Meia-noite. Escondida na mata, a casa de Joventino, de madeira e cavacos, olha para o rio noturno, àquela hora. Escuro, muito escuro, nada de lua. Aproxima-se sorrateiramente — como se fora um ladrão noturno — o *Santa Maria de Belém do Grão-Pará*, barco de nome mais comprido da região. E errado.

— Não é *Santa Maria de Belém*! — protestou certa vez um vereador estudioso da história. É *Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará*... Nossa Senhora! Nada de Santa Maria! Essa turma não estuda e vive dizendo bobagens! Em toda a parte, só se ouve isso: Santa Maria de Belém! Não é Santa Maria, é *Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará*, denominação que vem dos primeiros dias da colonização, quando aqui chegou Caldeira Castelo Branco! O Forte do Presépio, embrião da cidade, primeiramente chamada Feliz Lusitânia...

Ezequiel, no barranco de Maracacuera, observa o barco, que vem direto de Paramaribo com seis automóveis americanos, parte dos vinte adquiridos por Estêvão em Tampa, Flórida. Comanda a embarcação o Alim, que vai logo gritando:

— Viagem boa pacas! Não tem ninguém aí? Pô...

A manobra fácil, parece que o barco, de tanto descarregar contrabando, já conhecia a rota, dava a impressão de fazer a curva sem precisar de comando. O mesmo se dizia do navio *Almirante Alexandrino*, o qual durante trinta anos realizou diariamente a viagem Belém-Mosqueiro, carregado de veranistas. O Comandante Ernesto envelhecera no comando. Diziam que o velhinho já nem precisava manobrar. O barco andava só se preciso, saía na hora certa, chegava na hora certa, carregadinho. Quando apontava a proa em direção da ilha, dava ideia de que se dirigia para a foz do Amazonas. Em dado momento, quando passava em frente à vila, manobrava para a direita, numa curva garbosa, como que se mostrando para as centenas de pessoas na



ponte, fazendo sinais, dando pulos, gritando, esperando os parentes. Navio bom, aquele! Navegou trinta anos quase sem dar defeito. Navio funcionário público, dos bons, pé-de-boi! Agora, os novos, feitos na Holanda, muito bonitos, mas fracos que só! O que veio para substituí-lo, em menos de dez anos, afundou em frente a Soure, caiu a hélice, entrou água e o lindíssimo navio foi imergindo, afundando, afundando, todos os tripulantes se salvando às carreiras, depois olhando de longe os funerais da embarcação nova, já velha. Parecia assistência de touradas, espetáculo gratuito como as de Vila Franca de Xira, em Portugal. Também pudera! Quando chegou da Holanda, era um luxo: cadeiras estofadas, louças, lavatórios, torneiras tudo reluzente, de primeira qualidade, música em todo o navio, bar luxuoso, digno, o navio, de fazer o trajeto do canal da Mancha. Em menos de um ano, as cadeiras foram cortadas à navalha; os cabides de metal inoxidável arrancados, o rádio não funcionou mais, o ar refrigerado, que servia a toda embarcação, parou também. Chão sujo. Cuspe de gente velha e urina de criança. Um chiqueiro. É isso. Cada povo tem os navios que merece.

Voltou à linha o *Almirante Alexandrino*, repintado, repolido, poderoso de máquinas, “bravo, pequeno e forte”, como diria Tobias Barreto se pudesse ser comparado a um barco.

Na noite escuríssima, o *Santa Maria de Belém* imitava o *Almirante Alexandrino*, atracava macio no barranco úmido, terra encharcada demais, pois chovera de dia e para secar era preciso muito sopro de vento. Vaga-lumes tentavam em vão prestar serviços: iluminar o breu noturno. Carapanãs zuniam nos ouvidos. Outros insetos, piuns, mutucas, faziam Ezequiel pular de susto e de dor. Ferroadas terríveis. Trabalho *sacrificoso*, aquele, o do contrabando. Expondo a saúde na noite úmida. Expondo a vida, capaz de sair uma onça da mata e comer o pobre do Ezequiel. Pensava. Devia ser permitida a contribuição para o INPS, desconto, auxílio-enfermidade, hospital, montepio e tudo. Pois não estavam contribuindo para o intercâmbio comercial, a movimentação de dinheiro, o progresso da região? O Deputado Quaresma, amigo de Estêvão, lhe dissera certa vez:

— Estou estudando a possibilidade de oficializar o contrabando! O movimento está parado, como diz meu colega. Valorização da Amazônia, meu amigo! Ninguém quer vir para cá. Ninguém. Nem o brasileiro do sul. Conheço

servidores que, transferidos para a Amazônia, se apavoram. A esposa de um deles mandou preparar uma grande caixa com leite condensado, arroz, açúcar, feijão, remédios, até pasta de dente, pensando que em Belém não havia nada disso para comprar. Só índios na rua, de tanga. Jacaré perturbando o trânsito. Menino correndo atrás de onça pelas esquinas sombreadas de selva. Também! De vez em quando, o jornal do Rio dá um telegrama: “Encontrada uma cobra de dez metros no bairro do Jurunas, em Belém”. Todo o mundo lê e acredita.

Ainda mais a história da chuva de hora certa. Ninguém usa relógio. Chuva das nove da manhã, chuva das três da tarde, chuva das oito da noite. Os encontros marcados: antes e depois da chuva. Até os namorados deixavam cair a infeliz, por três vezes. Sim, o aguaceiro desabava sempre por três vezes, com pequeno intervalo. Depois da terceira tempestade, todo o mundo saía à rua, estremunhados da sesta forçada, arrotando açaí com farinha-d’água.

Ezequiel se põe de cócoras, tentando tapear os mosquitos, que zunem sobre a sua cabeça, como se fossem esquadrilhas de guerra. Guerra na selva, no mundo dos carapanãs! (Pensa Ezequiel). Quão terrível deve ser uma guerra, pois se não suporta o bombardeio dos mosquitos, as picadas, o zunido, imagina então o que seria o zunido de uma formação de Mirages, as picadas representadas por bombas que, antes de ouvir-se o ruído, vê-se o clarão rasgando a noite, a chama crescendo, o napalm assando corpos vivos, seres humanos, cheiro de carne churrascada, alguns ainda correndo, tochas de fogo com braços e pernas, correndo, correndo, para vários lados, sem salvação, até caírem sobre o solo como pedaços de brasa! Ser humano, feito à imagem de Deus! Tanta reza nos templos, os sacerdotes ainda ajudam a enterrar, encomendam os corpos, quando há corpos, ou cinzas, quando há cinzas, contidas nas urnas de metal, às vezes trocadas. Horrível! Morrer assim deve ser terrível. A família vem rezar em frente a uma urna que deveria conter as cinzas de Manoel e dentro estão as de Francisco. Podem estar as de Gordon ou as de Yang-Tsé, conforme o campo de luta!

Os pensamentos de Ezequiel são cortados pela atracação do barco. O trapiche é tosco, mas forte. Feito de madeira própria para resistir aos turus: a acariquara, cor amarelada, e o acapu-pixuna, ambas resistentíssimas dentro d’água. Maçaranduba não aguenta. Os bichinhos, os turus e as caracas

a devoram logo. Só o acapu-pixuna e a acaciquara os turus respeitam, não furam, não corroem. Também é por isso que o animalzinho tem tanto cálcio. Caboclo gosta de chupá-lo com cachaça. Santelmo Marcos, brilhante jornalista, filho da Vigia, os comia à vontade, puxava com os lábios aquele bichinho muito branco, parecendo um filhote de cobra, e depois cobria com pinga! Por isso, era tão inteligente. Uma pena respeitada. Cálcio, só cálcio. Uns diziam que turu era remédio para fraqueza. Curava anemia, tuberculose. Cálcio quase puro. Medicamento que as farmácias não vendiam e a natureza punha à disposição do homem da Amazônia. Turu só respeitava aquelas madeiras, usadas também para fazer os cavernames das embarcações, resistentes como ferro, ou mais que ferro, pois não enferrujavam. A região, por pertencer ao encontro das águas doces dos rios com a salgada do mar, é campo propício a certas espécies de peixes, mariscos e moluscos, próprios daquele ambiente, principalmente em certas épocas do ano, quando o Amazonas desce de nível e o mar penetra, cobrindo de verde e amarelo o barrento das águas fluviais. Um conúbio que dura vários meses.

Terra encharcada. Umidade de entrar pela pele, até os ossos. Diabo de vida dura e sem qualquer assistência dos institutos! Risco de vida. Insalubridade. Sim. Insalubridade. Pensava Ezequiel, meio revoltado. Enquanto, muito malandro, estava sem fazer nada, ele ali, de cócoras, posição feia, meia-noite, pegando chuvisco fino, resfriado na certa, malária talvez, se defendendo dos mosquitos.

O cachorro late. Late por tudo. Por uma cobra. Pelos mosquitos entrando-lhe pelas orelhas. Late de metido, puxa-saco, para e recomendar ao patrão, o Joventino, que alguns chamam Jovelino, outros Jove, alguns Lino, poucos Jó, principalmente os crentes, que o equiparam à figura do grande bíblico, depois reduzido à miséria. Não gostava que lhe chamassem Jó. Parecia pobre como Jó! Preferia ser José, que o Professor Malaquias dissera ser o mesmo que Júpiter. Logo ele, que queria ser rico, dando cobertura ao contrabando, recebendo vinte cruzeiros por volume pequeno, cem por automóvel! Dez automóveis, mil cruzeiros antigos, sem fazer força, só espionar, espionar, ver se vinha estranha, fazer sinal com o candeeiro, quando de noite, ceder o trapiche, receber logo a grana, na hora, negócio à vista, senão denunciava. Sim, havia caboclos safados que, além de receberem dinheiro

dos contrabandistas, ainda denunciavam. Depois, pleiteavam parte da multa. Era da lei. Iam assistir aos leilões de automóveis, aquela fila enorme de carros, uns sem porta, outros de pneus vazios, uns novos, outros velhos, tudo na chuva, se estragando. Leilão de rádio, televisão, uísque, caixas e caixas, amontoadas, os fiscais levando as deles (não todos), fazendas, baralhos, ventiladores, de um tudo.

Os jornais diziam que a fiscalização estava se tornando eficiente. Publicavam fotografias de montões de caixas. Mal sabiam que aquilo era apenas amostra. O grosso passava. Fiscal não via. Rodovias abertas, Belém-Brasília, chamada a obra do século. De que adiantava tanto caixote amontoadado, se tudo aquilo vendido não valia um pacotinho de heroína de cinco quilos, escondido em algum lugar, dentro de uma imagem, no fundo falso da maleta de mão, embrulhada num vestido de madame, numa bengala oca. Trezentas gramas de heroína valiam seis rádios ou quatro televisões.

O cachorro late. Diabo de cachorro besta. Sempre respeitou o movimento ilegal. Nunca fez isso. Sempre esteve de acordo, cooperou, inteligentemente, recolhendo-se ao porão palafita do barracão, sem criar caso, como se soubesse que contrabando é contrabando e cachorro não perturba, é cachorro.

Mas agora estava assim. Latia, latia. Nem ao menos havia lua cheia que justificasse. Cão amigo-da-onça (pensava Ezequiel fazendo ironia mental), ou melhor, amigo dos fiscais, sem dúvida, cão traidor, sem lealdade partidária, não podia ser político e, se o fosse, iria integrar as hostes do Movimento de Renovação Popular, o famoso MRP. Cão sem *pedigree*, sem currículo, sem ficha bancária, sem CPF, cadastro com três cruzeiras vermelhas, incapaz de qualquer crédito. Até seu nome revelava sua condição: TETÉU, pássaro inferior, esquisito, que vive nos alagados e dorme com uma perna para cima. À proporção que mergulha no sono, a perninha vai descendo até tocar o solo. Nesse momento exato, o bichinho grita: *tetéu, tetéu, tetéu...* Passa a noite toda naquela agonia. Dorme, acorda, dorme, acorda.

O cachorro continua latindo, como se tivesse visto visagem, mas, na verdade, não via, ouvia. Deitado sobre a terra úmida, a cabeça colada ao solo, seus ouvidos deviam escutar ruídos distantes. Vez por outra, levantava, latia, latia, deitava de novo. Ou então, mordida o ar, tentando comer os mosquitos.

O barco já atracara. Alim descera, mais três homens na tripulação com

dois de terra, Joventino e Ezequiel ajudavam a descarga. Seis automóveis, novos, tambores com relógios e outros artigos miúdos, trezentas caixas de uísque, rádios, ventiladores, pacotões de cigarros americanos, cem fardos com tecidos, especialmente cortes para homens. Os caminhões ainda não haviam chegado. Algum atraso. No negrume da noite, trabalhavam à luz de candeeiros e lanternas, no barco e em terra. Vez por outra, a água marulhava no casco da embarcação, uma leve brisa dedilhava estranhas sinfonias nos galhos das árvores. Pequenas folhas caíam. O baque surdo de algum fruto sobre a terra dava sustos, pingos de luz dos vaga-lumes riscavam, em curvas e recurvas, o fundo negro da mata.

Ouve-se o ruído de motores, cada vez mais forte.

— Devem ser os caminhões. — fala Ezequiel. — Hoje estão demorando.

— Ficou tudo acertado. — retruca Alim. — Mandeí mensagem de Paramaribo dando aviso da hora e dia da chegada, local, tudo em ordem.

— Recebi o aviso. — explica Ezequiel. — Por isso, estou aqui. O atraso é do Brito, o Joca Brito, motorista novo no trabalho.

— É de confiança?

— Toda. Em pouco tempo, já fez outros serviços, em Marapanim, no Guamá, na Vigia. Não é desta vez que irá fazer cachorrada...

— Putz! — protesta Alim. — Respeita os pobres dos cachorros! São fiéis! Olha aí esse vira-lata! Está acordado pondo sentido nas coisas!

O barulho do motor aumenta. Luzes iluminam a mata e a estrada estreita, barrenta, irregular, de difícil acesso, projeta-se em ladeira na proximidade do rio. Os holofotes encandeiam. Não podem distinguir sequer o veículo. Só quando ele estanca e apagam-se as luzes, é que se convencem do engano. Não era nenhum caminhão. Nem Brito. Mas uma possante camionete. Seis homens descem. Corpulentos. Um deles grita:

— Alfândega! Não se mexam!

Estão armados, todos seis, sendo dois soldados. Um conflito, àquela hora da noite, seria de consequências imprevisíveis. Mas Ezequiel não era de briga. Alim e os demais, surpresos, estavam desarmados. Não teriam tempo de apanhar os revólveres e espingardas, os dos tripulantes a bordo, os de Joventino no interior da casa. Ezequiel poderia esperar tudo. Menos aquilo. Há muito não passava por um vexame tão grande. Estêvão possuía amigos,

boa proteção dentro da própria alfândega. O seu grupo, desta vez, falhara.

Talvez já fosse consequência da política. Estêvão, antes, era apolítico. Agradava a todos os partidos. Agora, definira-se como candidato. Fortalecia uma das correntes. Os adversários começavam a tirar a forra, a pegar pelo ponto fraco. Os fiscais constituíam grupos, de um lado ou de outro. O grupo amigo não fora avisado, ou falhara na cobertura. Na emergência, melhor seria parlamentar: Alim tenta uma aproximação, conversa a meia voz, insinua propina, ao que o mais corpulento, já famoso, Adeovaldo, exclama:

— Não adianta conversa mole! Vamos ficar quietinhos e nada de tentar subornar! Do contrário, não apreendo apenas as mercadorias, apreendo o barco e prendo todos. Ouviram?

— O senhor manda, fiscal. — responde Alim.

— Só queria saber quem denunciou. — fala Ezequiel.

— Isso é segredo de Estado, meu amigo. — diz Adeovaldo. — Segredo de Estado. Governo é governo.

E com voz autoritária:

— Passem-me a documentação do barco e o que tiverem sobre as mercadorias! Temos que lavrar o auto e relacionar tudo.

Em plena madrugada, à luz de lamparinas, os fiscais lavram os autos. Ezequiel confia no prestígio de Estêvão. No dia seguinte, procurará logo o advogado. Mandado de segurança para cima deles! Nada de resistência, nem de violência, são as instruções. Estêvão dispunha de outras armas, mais eficientes. Possuía o partido do seu lado. Ainda iria conseguir a demissão daqueles fiscais, como corruptos. Quatro fiscais e dois soldados. À luz bruxuleante, Ezequiel reconhece, agora, os outros agentes do fisco: Godofredo Pontal, enorme, barrigudo; Esperidião Soutello, pequenino, cara bexigosa, apelidado “Cerveja Quente”; Emerenciano Figueiroa, ruivo, nervoso, pisca-pisca, conhecido por “Ruço”. Os pobres dos soldados tinham a expressão indefinida de todos os subalternos: caboclos corpulentos, morenos, alimentados a feijão e jabá na caserna, prontos para qualquer briga. E armados de fuzis, dispostos a tudo. Ansiavam, talvez, por um atrito, um tiroteio a fim de quebrar a monotonia, terem oportunidade de usar aquelas armas pesadas, que alisavam, limpavam, lustravam todos os dias, sob pena de cadeia. Ezequiel, observando os fuzis, se lembrava de seu tempo de serviço militar,

como sentinela, uma vontade doida de puxar aquele gatilho, ouvir o estrondo do *bicho* ecoando na escuridão. Nunca teve tal sorte. Era só ordem-unida, direita-volver, esquerda-volver e fuzil no ombro, nenhuma chance de dar um tirozinho. Recalcava a vontade. Uma tentação olhar a arma e não poder usá-la! Já parecia neurose.

— Os soldados ficam aqui montando guarda! — ordena Adeovaldo. — Não se retira nada!

E dirigindo-se a Alim:

— O senhor me entrega os injetores do barco. Ou então, retira a bomba injetora!

— Assim não poderia navegar. Era preciso prevenir tudo.

— Senhor fiscal. — pondera Alim, simploriamente. — Libere, ao menos, as caixas de uísque. São para a festa de Nazaré... Vão fazer falta...

— Que bebam uísque nacional! É melhor e não faz mal!

Em poucos momentos, a camionete rolava pela estrada arenosa, cheia de curvas, galhos batendo de encontro ao teto, até atingirem a estrada principal, asfaltada, rumo de Belém.

Eram quatro horas da madrugada. Silêncio em tudo. Morcegos e bacuraus vojavam, vez por outra, à frente do veículo. Tetéus, na mata, choravam.

Mesmo àquela hora, Adeovaldo obteve novos reforços para o Maracacuera. Mais quatro guardas armados de fuzil e vários caminhões para transporte — o mais rápido possível — de toda a mercadoria. Motoristas da alfândega providenciaram a remoção dos seis automóveis para o pátio central do velho edifício fazendário, ao lado da Igreja das Mercês, prédio que no passado abrigara a Ordem dos Mercedários, monumento tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional. Dezenas de automóveis ali se encontravam, à espera de leilão.

Os autos estavam lavrados. Por não ter havido resistência, Adeovaldo não quis levar a extremos suas medidas, liberando os infratores, que descoroçoados procuraram as suas casas, em bairros diversos, quando o céu, de negro, já se fazia cinzento, sinal de sol no horizonte.

Mas advertiu, ameaçadoramente:

— Da próxima vez, recolho todos ao xadrez.

Uma fera, esse Adeovaldo. E incorruptível.



Era necessário que alguém fosse falar com o juiz. As mercadorias continuavam apreendidas pela alfândega. Estêvão envolvido com a política, mais a doença do filho e a compra do banco, não dispunha de tempo para pequenas coisas. Jaime seria bom para isso, bem-relacionado, acostumado a tratar de casos semelhantes. Dr. Carvajal avisaria quando fosse oportuno procurar o magistrado, de preferência em casa, à Rua Governador Montenegro, número 4655, quase no subúrbio.

Jaime mantinha bons contatos, pertencia a várias associações, possuía círculo regular de amigos. Estêvão entregou-lhe a missão, depois de autorizado pelo advogado.

— É chegada a hora, Jaime! Preciso liberar aqueles seis automóveis e tanta mercadoria! Vem mais por aí com o Farid.

Fala Estêvão e completa:

— Só em tecidos e relógios há um dinheirão! E vocês têm parte nisso.

Jaime telefonou para o Dr. Altamirando Condeixa, no exercício da Vara da Fazenda, no próprio Palácio da Justiça... O juiz não possuía telefone em casa. Marcou à noite, na residência, pelas vinte horas.

Chovera muito, a Avenida Governador Montenegro estava cheia de buracos e lama. Os sapos já coaxavam, tão cedo, tudo muito escuro. As luzes do jipe iluminavam o solo irregular, balançando e rangendo, como se fora embarcação no alto-mar. Na esquina com a Rua Governador Eneias Martins, era difícil passar no momento. Muita gente. Que seria? Uma procissão, àquela hora? À distância, viam-se muitas luzes, de candeeiros e velas, a multidão se deslocando, mas, em vez de preces, o que se ouvia eram gritos, berros, gargalhadas, ecoando longe.

Jaime, na direção, e Ezequiel, ao lado, observavam aquele burburinho estranho. Tanta gente reunida, à noite, com luzes, só poderia ser procissão

ou comício político. Mal se aproximam, Ezequiel mostra a Jaime:

— São botas, Ezequiel. Bandalheira do Dr. Leonildo, aquele homem é de morte. Não gosta do adversário político, o Alkidenor — apelidado “Boi-de-Botas”, e faz isso...

O pobre animal, puxado por uma corda, era catucado pelas crianças, às vezes jogavam-lhe pequenas pedras, balançava o rabo. Quatro enormes botas de couro cru, uma em cada perna dificultavam-lhe a marcha...

— Se fosse na Bahia, não seria boi-de-botas... seria boide-Brotas... — diz Ezequiel, gracejando.

— Política suja, essa! O Pará está caminhando para dias difíceis. A campanha cada vez está mais violenta! Daqui a pouco, estão matando gente...

— Dizem que quebraram a cara do Orivaldo...

— Bom, aquele até que merece... É um (solta um palavrão)...

— Isso é democracia, Jaime. Democracia! Vale tudo!

O boi mugia... muito manso, boi de carroça, mas gordo, marrom-avermelhado, sua marcha era lenta, perturbada por tanta gente em redor.

Até que enfim, passa o sinistro cortejo em direção da Avenida Governador Eurico Vale. Os sons diminuem, abafados pela distância. Ezequiel religa o motor e dispara pela Rua Governador Montenegro, em direção da residência do juiz.

Casa modesta, pobre mesmo. Uma porta e duas janelas, teto baixo, amiga, pequeno jardim na frente com cerca precária, pés de perpétuas de mistura com sorrisos-de-maria e papouleiras.

Dr. Altamirando recebe Jaime vestido de pijama muito ralo e chinelas. Ezequiel ficara no jipe, aguardando. Era conveniente entrar apenas um.

— Já estou com o processo. — fala o juiz. — Vou despachar hoje à noite. Trouxe para estudar melhor.

Jaime conhecia o magistrado, estava acostumado a lidar com ele, sem cerimônia. No início, a desconfiança fora recíproca, com o tempo tornaram-se amigos cordiais, entravam no assunto diretamente, sem nenhum constrangimento.

— Vocês estão dando pouco, Jaime. Afinal de contas, seis automóveis e mais esse mundo de mercadorias. É muito dinheiro. Cinquenta mil por um alvará não dá para nada.

— Cem mil, Dr. Altamirando, cem mil. Estão aqui.

Coloca sobre a mesa pequena e desarrumada a quantia.

— Estêvão vai aprovar! Podíamos até organizar uma tabela, de acordo com o valor.

— Da última vez, foram dois automóveis. Agora, são seis. — fala o juiz...

— Cem está bom?

— Sim, mas reestude o assunto.

Jaime lança os olhos em redor. Casa pobre. Sala com móveis velhos, precários, cadeiras sem polimento. Vencimentos miseráveis, os do juiz. As paredes caiadas de branco já estavam amarelas de sujo. Sobressaíam apenas uns quadros a óleo na parede, um retrato de mulher, muito bonito, antigo, do outro lado um quadro grande, também a óleo, representando paisagem amazônica...

— Está gostando dos quadros? Esse aí é a minha mãe quando nova. Foi feito em Portugal...

— Era bonita...

— Sim, muito bonita... O pai dela, meu avô, podia mandá-la, quando solteira, passar temporadas em Lisboa... Era português... Rico... Esse outro quadro grande, o da paisagem, foi pintado por minha sobrinha... Ela pinta muito bem... Tem quadros para vender... Veja se Estêvão não quer comprar alguns... São bons...

No canto da sala, um grande rádio alemão, novo. Fora presente de Jaime noutra oportunidade.

— Quando sai o alvará, doutor? — indaga Jaime...

— Procura amanhã no cartório, com o escrivão...

Um cachorro esquelético entra, cheira os pés de Jaime, dá uma volta na sala e, levantando uma das pernas traseiras, urina no pé da mesa...

— Fora, Dragão!... — grita o magistrado. — Esse cachorro é um problema. Outro dia, me estragou várias folhas de papel com versos e uma sentença inteira...

— O senhor faz versos, Dr. Altamirando?

— Não sabia? Tenho publicado tantos!...

Tira da gaveta um caderno e lê:

“Minh’alma vive triste, amargurada e aflita,
Morre o mundo em redor, a natureza, a flor,
Apesar disso tudo o coração palpita...
Não se entrega à tristeza, ao desespero ou à dor...”

— Está bonito...

— São versos alexandrinos, doze sílabas. Observou a cesura? Sabe o que é cesura, Jaime?

— Tenho a vaga ideia, do tempo do ginásio, com o Professor Marcelino ensinando gramática com o Camões na mão...

— Cesura é representada pela sexta sílaba... O alexandrino tem doze... É como se cada verso se compusesse de dois... Isso dá ritmo, harmonia, beleza... Veja só:

“No mundo só se salva a probidade e o amor...”

— A cesura está no *salva*, no meio do verso, que o parte em dois...

O juiz era baixinho, magrinho, feinho, meio vermelhinho, os olhos pequenos brilhantes, bom bebedor de batidas.

Quando Jaime já se dirigia para a porta de saída, ainda exclamou:

— Veja se me arranja umas garrafas de uísque!... Do bom!... Daquele escocês que veio de Barbados...

Dentro de vinte e quatro horas, cumpria-se o mandado da Justiça. A alfândega fazia entrega dos seis automóveis, os milhares de relógios, as centenas de fardos de fazendas, baralhos, ventiladores, toda a carga do *Santa Maria de Belém do Grão-Pará*.

Alim, ao ter a notícia, gracejou:

— Eu queria ver a cara do Adeovaldo, agora...

— Cara de *cachorro fazendo cocô na-chuva*... Como diz o Chefe do Deputado Santelmo...

O negócio do banco estava fechado. Estêvão adquirira o controle acionário do Banco Industrial do Setentrião S. A. O advogado agira com habilidade,

consequira fechar negócio à base de mil e quinhentos cruzeiros cada ação do valor nominal de cem cruzeiros. Quinze vezes mais.

— Um negócio da China! — dizia ele para Estêvão. — O banco tem um patrimônio enorme, bens por todo lado, prédios em Belém, em Manaus, seringais no Acre, o diabo... É banco antigo, ronceiro, ainda possui patrimônio imobiliário. Você vende esses imóveis todos, deixa apenas o da sede, que vale só ele o que você está pagando pelas ações.

— E o presidente, relutou muito?

— Quem? O presidente *carne de pescoço*? O Adrenalino? Fez careta pra burro, mas acabou fechando negócio... É um sabidão... Pegou procuração de vários acionistas. Mentiou. Deu-lhes o preço de mil e cem cruzeiros. Passou as ações para o nome dele e revendeu, ganhando quatrocentos cruzeiros em cada uma. E ainda cobrou comissão, como intermediário... Os acionistas pensam que o comprador é o Dr. Estêvão e, no entanto, o presidente é que se beneficiou... Um dos acionistas descobriu a trama e quis quebrar-lhe a cara...

— E que aconteceu?

— Não sei! Parece que acomodaram. A turma do deixa-disso. O homem está podre de rico, não só com as próprias ações, que vendeu, como as dos outros, que papou. Prevaleceu-se da situação de presidente para colher as procurações... Depois deu o golpe, foi, ao mesmo tempo, comprador, procurador e vendedor, ganhando dos dois lados...

— Não é sabido, não... Esse cara é ladrão...

— Deixa pra lá, homem! O banco agora é seu...

Agora, o banco é seu! Já não bastavam as drogarias, as empresas de turismo, os barcos de pesca, uma frota de quinze embarcações...

— Putz! — dizia Alim. — Estêvão está ficando rico pra cachorro... Não nasceu, foi... (Disse uma inconveniência)

Tudo aquilo fazia Estêvão demorar-se em Belém. Chega telegrama de Mônica, entregue na direção do banco, à Avenida Governador Eneias Martins:

“Estêvão Conceição

Belém

Sem notícias pt aguardo tua vinda imediatamente pt saudades

Mônica”

Que diabo de estória era aquela de *imediatamente*? Estêvão nunca previra que Mônica se tornasse tão autoritária. Possuía compromissos em Belém, negócios, família, não poderia abandonar tudo e seguir para Caiena, naquele momento. Betinho se restabelecendo da doença. Problemas por todos os lados. As viúvas dos naufragos chateando, querendo sempre dinheiro, ajuda, mais isso, mais aquilo; os correligionários procurando a toda hora. Pediam auxílios para a campanha. Precisava contactar com cabos eleitorais do interior. Dar dinheiro para propaganda, cartazes, rádio, televisão, jornais, compra de bois para matança no dia da eleição, roupas para os caboclos, comida variada, transporte para não sei quantos municípios! Caminhões. Eleitor não vota sem transporte, festa e comida... São as três forças que sempre os fazem vibrar de patriotismo no dia do pleito. Transporte que os tire do interior da mata, pelas estradas rústicas, em viaturas ou barcos, motores, canoas, que os conduzam da beira do rio, do furo, do lago, no âmagô da floresta, para o primeiro povoado onde tem assento a mesa eleitoral. A festa também é necessária, durante a propaganda, comícios com palanques mal armados (vez por outra cai um), foguetes e mais foguetes; música de graça e bebidas, principalmente a cachaça, em larga escala. Dançavam a noite toda, no dia seguinte, a calçada amanhecia cheia de bêbados, mas bêbados de categoria, não eram bêbados de rua... E comida, para o dia. A matança dos bois, a fogueira, os panelões com carne cozida, jerimum, batata, feijão, arroz, farinha, banana, tipo ração de quartel, em bota menos cuidada...

Estêvão não chegava para as encomendas. Batiam à sua porta pessoas que nunca vira. Vinham pedir auxílio. Uma passagem. Dinheiro para comprar uniforme do filho, que ia para a escola. Para comprar remédio. Para a avó paralítica. Para a irmã gestante. Quase todo o mundo tinha na família uma paralítica, uma estropiada ou uma gestante...

— Mas eu nunca vi essas caras! — dizia Estêvão.

— É bom dar! É bom dar! — aconselhava-o o Deputado Viscoso...

— É preciso cuidado, Estêvão. — advertia o Deputado Castelar. — São pessoas velhacas, se aproveitam da eleição para tomar dinheiro... Não vá largando tanto assim.

Mas aos cabos eleitorais não podia negar. Um da região do Salgado queria cem mil, o da Bragantina outros cem mil, um do Salgado, mais modesto, se

contentava com oitenta... Estêvão, em poucos dias, já despendera cerca de quinhentos mil sem saber como... Precisava se eleger. Desse no que desse! Agora, era questão de capricho. Seu prestígio estava em jogo muito mais que o de Melchior.

Com toda aquela azáfama, Mônica ainda vivia passando telegramas, mais telegramas! Como poderia sair, agora, com tanta coisa a fazer, e mais a doença do Betinho e a promessa de Linda, de acompanhar o Círio de Nazaré a pé, com uma reprodução em cera do menino, para ofertar à santa?

Deveria ficar! Paciência! Teve vontade de telegrafar a Mônica dizendo assim: “PA-CI-ÊN-CIA”. Mas tinha medo dela. Sim, já estava ficando apavorado. Ela ameaçava, ora com Salomão, ora com a possibilidade de vir a Belém, ora com outras coisas mais, ditas como se fossem brincadeira, mas que Estêvão suspeitava que poderiam ser de verdade. Reconhecia que lhe devia muito. Abrira-lhe as portas de todo aquele sucesso, embora por alguns caminhos do crime. Mas fora sua amiga. E mal se lembrava de seu corpo, sua pele, seus olhos, Estêvão sentia vontade de tê-la junto, por algumas horas, nunca para sempre.

Linda ainda era a latifundiária de seu coração, ocupava três quartas partes, deixando para Mônica apenas uma quarta parte daquele original condomínio... Além do mais, sua ida a Caiena deveria coincidir com o aviso de Levinsohn, para recambiar a heroína... O seu maior negócio, maior que o turismo, as drogarias, a pesca, o próprio banco... E o mais cômodo, também, sem pagar impostos, sem precisar de uma infraestrutura poderosa, empregados, contribuição para institutos *etc.*

Melchior pedia mais dinheiro para o tal rodízio. Senador Carivaldo também, assegurava-lhe votação maciça em três bons municípios, suficientes para elegê-lo. Era questão fechada. Disciplina partidária! O companheiro que se infiltrasse naqueles municípios seria considerado traidor. Estêvão devia fazer umas visitas aos redutos eleitorais, ver de perto o eleitorado, apertar a mão daquela caboclada de pé no chão e chapéu de palha na cabeça, fazer comícios, tomar parte em festinhas, puxadas a cavaquinho ou com eletrola, ligada ao motor à gasolina, pipocando em cima do caminhão, vez por outra apagando as luzes, para alegria dos pares já de olhos vermelhos de tanta cachaça... Só assim, subiria os degraus da carreira política, naquela demo-

cracia, pois do contrário seria marginalizado, não conseguiria coisa alguma. Mas isso é que é democracia? (Pensava de si para si.)

Linda já não sabia o que fazer. A toda hora batiam na porta. Eram mulheres pedindo coisas em nome do partido e das eleições. Homens também, em menor número. Uma caravana de párias, de roupas ralas e dentes podres, pedindo dinheiro, roupa, remédios... Este queria um gerador de luz... Aquele uma eletrola... um jogo de chuteiras para o clube... Outro pedia o troféu com o nome de Estêvão... Uma roupa nova... O frete de um caminhão... Uma canoa... Todos desejavam alguma coisa, em troca da arma democrática do voto. Sim, o voto! Com milhares de votos, se elegiam os representantes do povo nas casas legislativas. E assim, se fazia a depuração para escolha dos melhores, inclusive dos pais da pátria...

— Porcaria de política!... — dizia Linda, já irritada.

E rematava:

— Para que você foi se meter nisso? Você não vê que essa gente toda é falsa?

A velhacaria era recíproca, dos eleitores querendo sugar o candidato e do candidato querendo sugar o eleitorado, fazer com ele uma escada de Jacob pela qual subiria até o céu...

— Depois de eleito, dá-se uma banana! — costumava dizer o compadre Sandoval. — Bota todo o mundo pra correr! *Desavergonhice...*

— *Desavergonheira*, compadre, essa é a palavra certa... — emendava a mulher, professora primária.

As pedras do xadrez

Estêvão só poderia viajar para Caiena (e assim mesmo por poucos dias), após a grandiosa procissão: o Círio e Nossa Senhora de Nazaré, que, desde o ano de 1873, realiza-se, cada vez maior, no segundo domingo do mês de outubro. A promessa de Linda devia ser cumprida. Ela abrangia os dois. Promessa séria, da qual dependera a saúde do filho. Além do mais, na maior festa católica do norte do país, convinha que Estêvão, candidato a deputado, estivesse presente. Em geral, vinham pessoas de toda a parte, ex-governadores, senadores, deputados federais, antigos comandantes, que serviram na região e, embora residindo em outros Estados, queriam rever a terra acolhedora e comungar da mesma santa alegria dos paraenses. Os hotéis costumavam ficar repletos. Casas de família abrigam parentes e convidados. Massas humanas se deslocam do interior, através de todos os meios de transporte, ricos e pobres, na maioria os pobres, que constituem o *background* interiorano. Negócios, religião, política absorviam as atividades de Estêvão, frio e reflexivo, empurrando os acontecimentos como se fossem pedras no jogo de xadrez da vida, avançando primeiro com os peões, dando cobertura com os cavalos, atacando depois com os bispos e as torres, em busca de xeque-mate no rei imaginário: o futuro. Com uma diferença, que nesse jogo problemático a que se submetera, havia duas rainhas, em vez de uma. Duas rainhas de um lado só, elas em luta subterrânea: primeiro e que ameaçava se tornar ostensiva, com o passar dos dias. Aprendera a ser frio e reflexivo com o sofrimento, com a vida disciplinada do seminário, com a refrega do dia a dia, que exige calma e prudência, sem covardia. Vinha sempre à memória de Estêvão uma sentença que lera em escritor francês, nos tempos do aprendizado: *par un peu d'impatience on perd son avenir*. Sim, por um pouco de impaciência põe-se a perder o futuro. Um ato impensado, comandado pelo coração e não pela mente; um impulso inesperado,

guiado pela paixão, poria a perder muita coisa. O cérebro, esse sim, é que deveria comandar os nervos e a vida. Não se recordava bem se o tal autor dizia *un peu* (um pouco) ou *trop* (muito), isto é, por muita impaciência se joga no mato o futuro. Tradução livre, que dizia melhor das intenções do pensador: jogar no mato.

Assim, estavam colocadas as pedras do xadrez, de difícil solução, ambos os reis encalhados, ameaçados de xeque. Duas rainhas de um lado só. Os peões comidos, em parte. Isto é, soldados derrotados, de lado a lado. A cavalaria entrara em cena, aos pulos, ameaçada também pelas torres.

Telegrafou para Mônica:

“Impossível viajar agora pt Só depois do Círio, dia 10 saudades
Conceição”

Nos telegramas, em vez de assinar *Estêvão*, firmava *Conceição*. Quem lesse podia saber se era homem ou mulher? Precaução velhaca, mas que dava resultado, mesmo em assuntos de negócios. Mônica, pensava, ia ficar zangada. Mas que fazer? Viajar de mãos vazias, antes do tempo? Teria que levar também as pedras preciosas, já encomendadas de Minas Gerais, ao Levinski. Uma grande maleta cheia, capaz de compensar, em preço, alguns quilos de heroína, vindos do Oriente, via México, intercâmbio acertado com firmeza com Levinsohn, em Acapulco, troca com o chinês, em Caiena. Era preciso não errar em nada. Realizar tudo com segurança e sem falhas de datas, certinho, para não perder o crédito. Sim, não perder o crédito junto a Levinsohn e todos os demais mexicanos e americanos (ou supostos americanos, pois alguns não nasceram na América, eram imigrantes). Tornaram-se os donos das Américas, inclusive a Central e a do Sul (refletia, às vezes, Estêvão), aqueles gringos, nascidos na Rússia, na Áustria, na Alemanha, na Polônia, na Itália, corridos da Europa pela guerra e recebidos de braços escancarados pelo Novo Mundo. Eram duas psicologias diferentes que se encontravam. Em geral, possuíam dois passaportes: na América, eram americanos; na Polônia, poloneses; no México, mexicanos; na Itália, italianos; e assim por diante, uma chusma de aventureiros, que enricaram (e não pouco). Começaram, às vezes, como camelôs nas ruas das grandes cidades, como

Nova Iorque, México ou Buenos Aires, ou vendendo confecções e tecidos de porta em porta. Geralmente, frequentavam os grandes portos São Francisco, Nova Orleans, Nova Iorque, Colón (no Panamá), Buenos Aires, Lima. Compravam e vendiam. Seguiam o conselho que Estêvão lera numa autobiografia de Henry Ford: compravam barato e vendiam caro. De um momento para outro, passavam de marreteiros a pequenos comerciantes, agora, já estabelecidos. Punham a seu serviço um considerável número de homens, mulheres e crianças, para revenda, nas ruas, de artigos contrabandeados, desde canetas e lâminas a rádios e gravadores. Depois, mudavam de cidade. Surgiam como grandes comerciantes ou industriais. Nos balcões, ficavam as mocinhas da terra, para despistar. Ninguém perguntava de onde vieram. Frequentavam a melhor sociedade, que os recebia, com o dinheiro à frente, em recepções, notícias nos jornais e homenagens.

E assim se transformava um marreteiro num *gran señor*. Só não recebiam títulos de conde e duque porque a monarquia já não existe nestas bandas do mundo. Mas em vez de condes preferiam ser comendadores, receber medalhas por benemerência, caridade, a Grã-Cruz da Ordem de Benemerência Oriental da Sociedade Atlética e Artística da Gloriosa Comunidade dos Amigos Fraternos... A que Vitorino, amigo de Estêvão, sarcástico, completava com voz baixa e rouquenha... “Dos Amigos do Alheio, dos Amigos do Alheio...” e Eusébio retificava: “Dos Amigos-da-Onça... Dos Amigos-da-Onça...”

Estêvão não sabia por que havia tanta prevenção com as onças! Bicho valente. Elas o haviam ajudado a enriquecer. Não tinha conta dos fardos de peles de onça que enviara para Caracas e Miami. Dariam para organizar um rebanho inteiro, se é que se pode falar em rebanho de onça, não apenas de ovelhas. Mas a verdade é que as onças lhe deram muito dinheiro a ganhar. Mais as pintadas, peles preferidas aquelas que os filhos de Caracas, os caraquenhos (Eusébio chamava *caraquentos*) denominavam *fantasia*, isto é, o couro malhado, mais caro que o liso. Ganhou muito. Era só receber os fardos vindos de Marabá, Almeirim e Monte Alegre e remetê-los para o exterior: de barco, para Caiena e Paramaribo; de avião, para sírios mais importantes. Despachava dez, para não dar na vista, mandava duzentos... Passava tudo, macio, sem qualquer obstáculo. Deve ter esvaziado as matas. Onça estava

ficando rara. Pois se os homens não protegiam nem a si mesmos, como iriam dar cobertura para bicho feroz, no meio da floresta? Era passar fogo, de preferência no olho, ou na testa, para não estragar o couro. Um tiro no lombo punha a perder às vezes um bonito tapete rajado. Tapete que iria ser pisado por pés delicados de mulheres de todo o mundo, em todos os continentes, inclusive os de Mônica, em Caiena.

E as coisas se complicavam na política. Ezequiel telefona para Estêvão, muito aflito, ainda cedinho:

— Quebraram a cara do Orivaldo...

— Do jornalista?

— Sim, dele mesmo. Escreveu um artigo horrível no jornal de hoje, no *Rebate*, procure ler. Chama de ladrão todo mundo. O certo é que quebraram a cara dele... Não se sabe quem...

— Sou contra isso, Ezequiel, não adianta... A violência gera violência...

— Mudando de assunto, Ezequiel, preciso falar com você, vão chegar novos *turistas*, venha aqui em casa... Até logo...

Desliga o telefone. Os turistas a que se referia eram novos automóveis das compras feitas em Tampa, mais seis, já em pleno oceano no barco *Nossa Senhora de Loreto*...

Toca o telefone novamente. É o Deputado Viscoso:

— Você já soube, Estêvão? Deram uma surra no Orivaldo, aquele moleque do *Rebate*.

— Quem foi?

— Não se sabe. Querem culpar o Chefe. Vai haver reunião hoje para prestar solidariedade ao Chefe. Ele não tem nada que ver com isso. Você deve vir, às dezesseis horas, em ponto.

— Certo. Irei...

— Não vá chegar atrasado... o Chefe não gosta... Até à tarde...

Desliga.

Retine novamente o telefone. É o Vereador Amaralino, amigo novo:

— Estêvão, meu querido, a coisa está ficando preta. Querem empastelar o jornal, o *Rebate*. Vai ser o diabo... O Chefe não mandou dar surra em ninguém, mas se se fizerem de bestas, ele assume a responsabilidade... É bastante homem para isso...

— Mas se não mandou, para que assumir a responsabilidade?

— Ora! Ora! É sempre assim... Você não viu a raspagem da cabeça do Cantídio, ele não mandou, mas no fim estourou tudo em cima dele.

— Vou lá hoje, na reunião do partido. Mas fiquem certos de que sou contra essas pancadarias... É melhor usar de outros processos... Montar um jornal maior, por exemplo. O nosso está muito mixuruca... Comprar novas máquinas e sentar a caneta em cima deles... Xingar o pai, a genitora, a vovozinha...

— Deixa pra lá, rapaz!... No fim tudo dá certo! Até logo!

O telefone não parava. Ligavam dos jornais querendo saber a opinião de Estêvão. Entrevista. Não podia falar. Os repórteres perguntavam o que ele pensava a respeito da surra no Orivaldo. Estêvão evitava comentários, com receio que alterassem as respostas. Se dissesse que era contra a surra, sairia no dia seguinte em manchete: DR. ESTEVÃO CONDENA AS VIOLÊNCIAS DO GOVERNO! Mas ele não falara em governo! Não referira nenhuma autoria! Que história era aquela de pôr na sua boca o que não dissera! Nossa mãe de Deus! Era preciso muito cuidado. Mais difícil lidar com aquela gente do que com os tubarões do mar alto. O *Rebate* saiu no dia seguinte quase todo em tinta vermelha. Retrato de Orivaldo com a cara quebrada. Um enorme tapa-olho, aumentaram as consequências, encheram o homem de esparadrapo e ligaduras sem a menor necessidade. Era preciso exagerar a coisa, dizer que ele estava de costela quebrada, olho furado, estado de coma, o diabo. Safadeza de parte a parte. Orivaldo não fizera nada de mais, usara de seu direito, garantido pela Constituição Federal, liberdade de imprensa e de pensamento, direito do homem, chamara de ladrão ao Chefe, levantara suspeita de amor proibido sobre uma distinta dama da sociedade, só porque era do partido, dissera que o prefeito só não andava de quatro pernas para não injuriar os equinos e que o Delegado Carlindo usava óculos escuros para não comer a grama da praça. Só isso. Coisas tão inocentes. Liberdade de pensamento, sim, pois se ele assim refletia, tinha o direito de dizê-lo. Direito humano, bolas! Consagrado por várias cartas mundiais, desde a Revolução Francesa...

— O pau vai cantar! — falava baixinho Viscoso. — O Chefe está que é uma fera!... Quando ele amarra a cara, saiam de perto...

Os *turistas* que deveriam chegar, isto é, os automóveis contrabandeados, vinham no barco *Nossa Senhora de Loreto*, sob o comando de Farid, integrado agora no grupo, que deixara Salomão, para trabalhar com Estêvão. Já fora avisado, através de mensagem enviada por um teco-teco, de que deveria desembarcar em lugar seguro, ante as violentas investidas do fiscal Adeovaldo, da alfândega, com sua equipe. Adeovaldo estava furioso com as permanentes concessões de mandados de segurança, liberações através de simples liminares... Ainda havia mais, um outro grupo de contrabandistas contratara como advogado o Dr. Ferrúcio Mosca, homem que parecia ter parte com o Demo. Estudou, estudou, estudou e saiu-se com uma ideia genial:

— Nada de mandado de segurança!... Tenho arma melhor, mais simples, rápida: *interdito*. Sim, interdito proibitório... É mais violento...

O primeiro caso caiu em mãos do Juiz Kerginaldo Vinhedo, já velho e cansado, o Dr. Ferrúcio escreveu a sentença à máquina, magistrado assinou. Passou tudo, firmou jurisprudência...

Por esse motivo, Adeovaldo estava furioso. Queria meter contrabandistas no xadrez. Escolheram para o comando do *Nossa Senhora de Loreto* o Farid, por ter longa amizade com Adeovaldo. Mesmo assim, fora ordem, via aérea, jogada em pleno oceano, dentro de uma lata: “Furo das Marinhas”, perto de Benevides, caminho aberto pela estrada larga para a Belém-Brasília. Os carros já traziam a quarta via falsificada, números raspados e trocados, tudo bem planejado.

Noite clara de lua, o céu límpido como se fora de ágata. Mal o barco atracou, chegam duas grandes viaturas. É Adeovaldo. Desta vez, mais prevenido. Vários soldados armados de fuzil, uma meia dúzia. Não adiantava resistir. Nem invocar amizade. Adeovaldo estava sendo avisado por alguém. Algum inimigo oculto de Estêvão. Talvez político, talvez concorrente, fiscal talvez. O certo é que parecia bem-informado, não só de local como da hora exata, com detalhes impressionantes. Logo mais, chegam caminhões da alfândega. Também os motoristas estavam a postos, prontos para conduzir os seis veículos novos, um de cada cor, produção americana com destino ao depósito.

A consideração de Adeovaldo para com Farid se resumiu em não prender os homens, como prometera, apenas as mercadorias: perfumes e bebidas na maioria, quantidade que dava para abastecer um supermercado.

— Vocês estão brincando com fogo! — ameaçou Adeovaldo. — As coisas agora mudaram.

Farid pondera:

— Mas companheiro, contrabando hoje em dia é normal. Vá ao Rio Grande do Sul, na fronteira, veja aquele mundão de gado passando de um lado para outro. Vá ao porto de Santos. Os navios entram e saem. Quem controla? Você compra artigo estrangeiro na Avenida Rio Branco, no Rio, em plena rua... Oferecem uísque na porta das casas... Você quer ser mais realista do que o rei?...

— Não se trata disso, Farid. Cada um no seu lugar. Ponha-se no meu... Cumpro meu dever. Você precisa é mudar de amizades e de patrão... Está mal acompanhado...

Na verdade, jamais acontece aquilo com Farid. Sempre fora sortudo. Ouvia notícias de muitas apreensões de outros barcos, nunca dos que estavam sob seu comando. Alguém se mantinha por trás daquilo tudo movimentando as cordas, revelando os segredos das embarcações de Estêvão, as horas de saída, as de chegada, os locais, tudo. Gente bem-informada.

Nova investida do advogado. Desta vez, Dr. Carvajal requereu o interdito, pegava. O juiz já despachava automaticamente, quase todos os casos iguais. Todos os dias saíam mandados e alvarás, modelo uniforme, tudo bem-preparado, a cinquenta mil cruzeiros cada um para o Dr. Altamirando, taxa menor para Dr. Kerginaldo, já muito velho, triplicada para Dr. Clodoveu, ainda moço, cheio de ambições, começou com o preço de vinte, subia para quarenta, sessenta, oitenta, cem, agora já queria mais, sempre mais. Esse não vivia no misererê do Dr. Altamirando, pelo contrário, luxava, possuía automóvel novo, casa de férias, não bebia água. Dr. Carvajal sorvia bons uísques na casa do juiz, ambos amigos do puro, nada de mistura, que estraga as duas: o *scotch* e o guaraná.

Dr. Carvajal proclamava em voz alta:

— O contrabando está realizando a verdadeira valorização econômica da região! Observem o movimento! Todo mundo alegre. Corre dinheiro. A gente vê caboclo de pé no chão no Ver-o-Peso, com bolos de dinheiro no bolso, só nota de quinhentos!... Até as indústrias surgem, florescem... O governo devia oficializar o contrabando... (ideia que já ouvira de outro amigo e que

fizera sua). Antes do contrabando, nós vivíamos aqui no maior misererê do mundo. Tudo vinha de São Paulo, tecido, bebida, eletrodomésticos frutas, o charque do Rio Grande, o estado era escravo do sul... Agora, não! Fizemos a nossa independência! Pela primeira vez na vida, eu sou a favor do contra...

— Que história é essa de ser a favor do contra?...

— Sim, do contra... bando! Tem gente aí construindo casas e edifícios, a cidade cresce à custa dele. Trabalho para operários. Vê só quanto carro americano desfilando pelas avenidas. Nas festas, só se usa uísque careca...

Mas o grosso do contrabando, bem sabia Dr. Carvajal, não era apenas aquele movimento de barcos com bebidas e perfumes... Havia coisa mais séria, mais oculta, de muito maior valor, passando por Belém de raspão e seguindo para São Paulo e Rio: os entorpecentes. Passava mesmo. Por cima da floresta. Nos aviões. Bem escondido em qualquer lugar, até dentro de imagens!

Mas os barcos chegavam, desovavam no barranco ou na praia. Alguns juízes expediam os mandados... Estava tudo de acordo com a lei.

Juízes bons e honestos havia também, mas não trabalhavam naquela vara, a não ser raramente. Era a mais movimentada. Questão de sorte. Quando iam para a vara, acontecia sempre qualquer coisa que os deslocava para outra, sem poderes sobre o comércio ilícito.

O certo é que os *turistas* de Estêvão foram novamente liberados. Duas, dez, vinte, cem vezes ocorreu o mesmo com mercadorias de todos os tipos, vindas especialmente por mar. Adeovaldo já ameaçava atirar, derrubar contrabandistas... Estes se conservavam sempre armados, embora, por prudência, jamais tivessem usado as armas. Seria pior, refletiam... Pelo menos, enquanto contassem com a proteção de um outro juiz, de fácil manéio...

Às vezes, Dr. Sombra aconselhava:

— Vocês tomem cuidado! Nem todos os juízes são assim. Há os honestos, que se pegarem vocês de jeito, nunca mais saem da cadeia! São pobres, às vezes, mas não vergam... Cuidado! Não pensem que a Justiça e Dr. Altamirando, Kerginaldo ou Clodoveu!... Estes constituem minoria insignificante...

Os negócios de Estêvão prosseguiam e prosperavam, em todos os ramos. As empresas de turismo inventavam viagens para todos os continentes, fretavam aviões para temporadas na Europa ou navios para excursões pelo Caribe. Mascaradas pelo turismo, várias atividades se desenvolviam, como a remessa de mulheres para boates de Caiena e outras cidades e o comércio clandestino. As drogarias cresciam também, filiais por todo lado, a matriz acobertando o principal negócio de Estêvão, a heroína, que os auxiliares imediatos julgavam ser vitamina B₁₂. Os barcos de pesca permaneciam em movimentação constante. Recebera proposta para vender a empresa a americanos ou então, dar-lhes sociedade. Agora, o banco, atividade limpa, já era tempo de ir tirando o pé do contrabando miúdo, ficando apenas com a heroína, até chegar ao ponto almejado: ser rico! Mas não se fartava nunca. Parecia, sempre, que possuía pouco. Lia nos jornais notícias a respeito dos magnatas americanos ou dos árabes dominadores de petróleo e exclamava:

— Isso, sim, é que é ser rico! Não se compara com essa meia dúzia de tostões que se consegue ganhar por aqui!



Terceira parte

“É horrível viver entre os homens.”

Thomas Mann

(*Recordações de meu pai*, de Golo Mann)

“Pierre qui roule n’amasse pas de mousse.”

(“A pedra que rola não cria musgo.”)

(Provérbio francês)





Estêvão recebeu chamado, em papel timbrado da Assistência Judiciária, pela mão de um oficial de justiça. Deveria comparecer no dia seguinte, às dez horas da manhã, sem falta. Não quis logo entregar o caso ao seu advogado. Afinal de contas, não custava nada comparecer, olhar de frente aquela mulher a quem socorrera em tantas ocasiões. Dera-lhe dinheiro para comprar uma pequena casa. Inúmeras vezes, passara às suas mãos notas de cem cruzeiros. Tudo somado, iria a alguns milhares. Além disso, Linda sempre atendia as três viúvas. Ficara penalizada. Era justo socorrer. Dinheiro. Roupas. Alimentos.

— É muito cedo! — disse-lhe um homem de voz rouquenha, já bem velho, tão velho o pobrezinho, que o pescoço torcia baixando a cabeça quase até o meio do peito. Ao falar, levantava os olhos com esforço. — É muito cedo! Só chega lá para o meio-dia o Dr. Perdonaldo. Esteve aqui o Dr. Tranquilino, mas foi tomar café...

A repartição se apresentava internamente quase vazia, algumas mesas antigas, envernizadas de uso e sujas, duas máquinas de escrever, que bem poderiam servir para museu de antiguidades.



Na porta, uma fila enorme de mulheres, crianças, velhos, como se fora a entrada de um hospital.

Uma das mulheres, esquelética, vestido ralo de chita barata, conversava com outra, negra. Três crianças nela se grudavam, uma abraçada nas pernas, menina, o dedo na boca, outra, maiorzinha, vez em quando mexia com a maçaneta da porta. Um garoto no braço direito chupava pipô, a baba escorrendo pela face encardida, nariz sujo.

— É isso, Dona Safira, aquele patife do meu marido me abandonou. Me deixou com essas três crianças e está vivendo com outra, diz que mais nova do que eu...

— E mais bonita... Dona Zefa... E mais bonita... — gracejava a negra, mostrando uns dentes perfeitos e amarelados.

— Pedi pensão, com desconto na folha de pagamento da Aeronáutica. Recebi uns meses, depois parou. Só estavam descontando do fixo. Dizem que ele recebe gratificações e extras... Veja se posso viver com o que me davam... Nem pareço a mulher de um sargento!...

— E por que não descontaram mais?

— Foi transferido, para longe, Paraná ou Minas Gerais, não sei bem. Tudo é demorado. Diz que o dinheiro tem que vir pela Caixa Econômica... Ele se defende como pode, perturba... Agora, inventou que eu traí *ele* e o meu desconto foi suspenso, só vem o das crianças... Você já viu, um *caco* como eu pode trair mais ninguém?

Um velho se queixava que o vizinho invadira o quintal e sua casa, estava construindo em terreno que ocupava há mais de vinte anos, no subúrbio.

— Tem mais de vinte anos que moro naquela barraca. Comprei quando cheguei do Ceará, com uns restos que trouxe... Tenho o recibo... Pois o dono da padaria, o Joaquim Português, agora afirma que o terreno é dele.... Está construindo no quintal e quer indenizar a barraca com dois vinténs. Diz que tem título da prefeitura... Não sei como pode ter título se eu possuo o recibo.

O velho puxa do bolso, com mão trêmula, embrulho em papel grosso, retira uma folha amarelenta, manuscrita, algumas letras já borradas, pela ação do tempo, ou de suor. Suor, sem dúvida.

— Diz que isso é recibo da barraca, não é do terreno, diz o Dr. Perdonaldo. Querem dar razão ao padeiro... Eu nem *ao meno* sei ler...

Uma legião de marginais do direito ali se acumula, uns pedem pensão, alguns defendem a palhoça, outros se batem por direitos imaginários. Uma velha gorda e alta se queixa de ter sido ofendida em sua honra, pela vizinha. Possui três filhas e um filho. As meninas se chamam Zezete, Zitinha e Candinha, o filho é Gitinho.

— Pois não é que o diabo da vizinha — queixa-se ela, para a outra. — *impinimou* comigo! Rouba as galinhas de noite. Me persegue. E agora, deu para criar cachorro... Ninguém pode dormir... Latem a noite toda...

— E é por isso que você vem reclamar? Por causa dos cachorros?

— Não, isso não é nada. A peste da mulher botou nome nos cachorros, exatamente os nomes de meus filhos... Chama Candinha para uma cadela... Zitinha para outra, Zezete para outra... De vez em quando, ouço ela gritar: sai daí, Gitinho... Tudo isso para me humilhar...

— E que disse o Dr. Perdonaldo?

— Diz que eu tenho direito a uma indenização... Prejuízo moral... Ou então *metê ela* na cadeia... sei lá!

Chega um homem de muletas, ofegante. Pergunta ao porteiro de cara sonolenta:

— Onde é o curador de acidentes?

— Mais adiante, a terceira porta à esquerda. Mas é muito cedo! Não tem ninguém lá esta hora.

— Co's diabos! — exclama o homem. — Pensei que estava atrasado. Ele marcou dez horas!

— Só depois das onze, só depois das onze... e se vier hoje. Há dias em que não vem. Mas pode falar com ele no escritório... Na Rua Coronel Fontoura, 65.

O relógio bate a pancada das dez e meia. Colocado no alto da parede caiada, o velho relógio, caixa de madeira rendilhada e mostrador com algarismos romanos, parece também um funcionário público, com mais de trinta anos de bons serviços.

— Dez e meia... — fala, bocejando, uma das velhas.

— Dez e meia nada, são quase onze! O relógio também está atrasado. Aqui, tudo anda atrasado, quando anda. — exclama, com ares de censor, o porteiro.

Estêvão contempla aquela matula de maltrapilhos, marginais da vida e do direito. Uma réstia de sua segunda natureza se fixa por um momento no quadro. Aprendera no seminário muita coisa a respeito da caridade. Como realizá-la neste mundo? Aquele grupo de marginais era apenas a miniatura de uma legião de outros marginais, clamando, pedindo, implorando... justiça! Ouve ao longe um grito:

— Estêvão! Estêvão!

É o Dr. Maldonado, advogado novo, membro do diretório municipal do partido.

— O senhor por aqui! A estas horas! Que prazer!

— É um caso sem importância. Por isso mesmo, preferi vir pessoalmente.

O assunto é mais pessoal...

Um escrivão se acerca:

— Dr. Estêvão, bom dia!

Logo mais, passam dois advogados:

— Ora viva! Dr. Estêvão, nosso candidato! Está eleito! — diz um dos causídicos.

E baixando a voz, quase ao ouvido de Estêvão:

— Quando tiver um casinho de mandado de segurança, se lembre do seu amigo.

O outro, muito simpático, abriu o paletó, mostrando o peito gordo, do lado do coração:

— Você está aqui! Bem dentro!

O movimento começava a aumentar. Entravam juízes, advogados, mais advogados, litigantes, autores ou réus, testemunhas, peritos, cada qual com a sua missão, o seu rumo, o seu destino.

— Dr. Perdonaldo não vem hoje. — fala o porteiro. — Acaba de telefonar informando que vai realizar serviço de advocacia em Marabá. Só depois de amanhã...

O grupo aumenta em torno de Estêvão. Alguém convida para tomar café. Atravessam o pátio interno do palácio do fórum em direção do pequeno bar, do outro lado. Os sanitários, quatro portas abertas, exalam desagradável odor, restos de urina se espalham no chão. É preciso arregaçar as calças, passar na ponta dos pés para não molhar.

Estêvão perdera toda a manhã na Assistência Judiciária, sem resultado. Lucrara apenas com os encontros, os abraços, o cafezinho.

Três dias depois, recebe outro aviso. Agora não era mais da Assistência Judiciária, mas de um advogado, Dr. Samambaia, no escritório, dizia o convite, às onze horas, do dia seguinte (gente apressada), não referia o assunto, mas Estêvão previu logo. Mandou o Dr. Carvajal tratar do caso. Era ainda a viúva do Jacinto. Procurara Dr. Samambaia, companheiro de escritório do Dr. Perdonaldo. Desistira da Assistência Judiciária. Queria indenização. Quanto vale um homem? X cruzeiros. E sendo casado? Mais Y cruzeiros. E tendo filhos? Mais N cruzeiros. $X + Y + N$ cruzeiros. Dr. Samambaia foi somando, somando, somando, queria alguns milhões pela vida e obra de Jacinto, tripulante do barco *Nova Esperança*, naufragado nas pedras do Carnapijó, na noite do dia tal do mês tal, do ano tal. Ameaçava com ação e escândalo.

— Quanto? — perguntou Estêvão surpreso.

— Quinhentos mil, isto é, meio milhão...

— Está doido...

— Nisso tudo, há um *porém*...

— *Porém* o quê?...

— Se fizer acordo, deixa pela metade, duzentos e cinquenta...

— ?...

— Se pagar os honorários, reduz mais, fica por cento e cinquenta...

— ??...

— Se dobrar os honorários, arranja a coisa por menos, a combinar...

— Deixa entrar com a ação, deixa entrar com a ação... — exclama Estêvão.

— Mas, Estêvão — pondera Dr. Carvajal. —, você precisa se lembrar de que uma ação dessas, nesta hora, vai prejudicar a sua eleição!... Os jornais da oposição exploram. O *Rebate* não perdoa. Você vai ter que publicar desmentidos. Sabe quanto custa um desmentido, em duas colunas, na primeira página? Aumentam tudo, acabam dizendo que você afundou o barco de propósito, vai ter que entrar com uma ação de calúnia. Sabe quanto custa uma ação de calúnia? Custa mais caro do que um acordo com a viúva...

— Está bem, está bem. Ofereça cinquenta mil à viúva do Jacinto....Mas você vai ver que as outras vêm atrás...

Carvajal, num gesto muito de seu feitio, deu de ombros as mãos para o alto, à moda italiana:

— Deus dá mais... Estêvão! Deus dá mais!... É uma caridade...

— Sim, mas já dei muito dinheiro a essas mulheres...

— Falei sobre isso ao Dr. Samambaia. Sabe o que ele respondeu? “Onde estão os comprovantes, os recibos? Você tem provas? *Allegare et non probare non allegatum est...*”

Estêvão meditou um pouco e confirmou:

— É verdade, dei tudo de mão beijada. Não tenho um recibo sequer... Hoje em dia, até a caridade precisa de recibo.

— Pois é! Se alegar isso, ainda vão dizer que você mentiu... e se disser algum desaforo, lhe processam por injúria... Sabe quanto custa a defesa em processo de injúria?

— Acabe com isso, Carvajal... Já e já... Antes que saia nos jornais. Só uma coisa me intriga. São passados tantos anos! Não está tudo prescrito?

— Pode-se alegar... mas o Dr. Samambaia diz que é direito pessoal, só depois de trinta anos. Levanta a questão, recorre pro tribunal. Além do mais, há filhos menores, o prazo se contaria da data em que os menores atingirem vinte e um anos. Já pensou?... Nem sequer começou a correr, para os menores. Apenas para a mulher. E ainda mais: vai querer juro e correção monetária... Lucros cessantes... O diabo! Pode perder, mas chateia. E ainda pede a proteção da lei para não fazer despesas, atestado de pobreza e justiça gratuita... Só para a viúva. Já pensou, a manchete do *Rebate* assim: “ESTEVÃO CONCEIÇÃO DESAMPARA A VIÚVA DO NÁUFRAGO”?

— Cinquenta mil, Carvajal. Pode fechar negócio. Compre o meu sossego. Cinquenta mil.

É noite. Hospital da Santa Consolação. Dois homens estranhos entram, apesar de encerrado o horário de visitas. O portão ainda está entreaberto, conseguem penetrar, com qualquer justificativa. Precisam ir a uma enfermaria, com urgência, buscar qualquer coisa que o porteiro nem sequer pergunta o que é. A camioneta chapa-fria ficara lá fora, aproveitando a sombra de um pé de benjamim. Penetram rapidamente. Rapidamente, regressam conduzindo

um volume envolto em jornais. Algo como se fora uma panela, um jarro, um vaso. Podia ser um vaso de flores. O disfarce, com os jornais, não permitia identificar o volume. Era uma lata. Mas lata de quê, com quê, para quê? O hospital se conservava tranquilo como um sepulcro. Silêncio geral, só cortado, raramente, em alguma de suas alas, por gemidos ou gritos súbitos de enfermos. Pesadelo talvez. Estertores de morte de alguém. Queda da cama. Mau jeito. Como se podem explicar os gritos noturnos de um hospital? Ora são rápidos, estridentes. Algum operado que se virou no leito e rebentou um ponto. Qualquer enfermo que sonhou mal, ou bateu com o pé ou a perna engessada na borda da cama. Às vezes, não são gritos, mas gemidos, gemidos, gemidos, que lembram passagens infernais, com ranger de dentes. Em toda a parte, as imagens, algumas iluminadas, Cristos pendentes, sangrando, Nossas Senhoras serenas e acolhedoras, os braços estendidos, símbolo de paz e ternura de amor e fé. Acompanhantes despertos, inquietos. Outras vezes, em vez de gritos ou gemidos, ouvem-se roncos, dos que dormem, os que conseguiram adormecer, mais felizes. Noutras oportunidades, há soluços, correrias, olhos desvairados, lágrimas, alguém que acabou de falecer. Ouvem-se vozes. “Como pôde ser? Estava tão bem ontem! Falou, riu, comeu tudo! Contou até anedota!...”

— Visita da saúde. — diz alguém. — Na véspera, é sempre assim.

Os circunstantes nunca aceitam. Inacreditável! Impossível de aceitar, mesmo depois de longa enfermidade.

Os dois homens atravessaram os corredores semidesertos, transportando sua original carga. Muito normal, num hospital: homens conduzindo coisas, embrulhos estranhos podem ser roupas sujas, móveis, fetos, cadáveres mesmo. Conduzir embrulhos nos hospitais é fato normal, comum. Ninguém olha. Deixa passar. Pode ser uma perna ou um braço amputado.

Conseguem chegar à porta, descem a escadaria alta, até a camioneta cor verde sob a copa do benjaminzeiro, que mesmo à noite oferece sombras...

— Fede pra cachorro! — diz um dos desconhecidos...

— Mas vale a pena, compadre...

— Carlindo que teve a ideia... Se a moda pega...

A camioneta se desloca em direção da Praça Governador Souza Castro, perto da igreja, morada dos santos...

É fim de sessão do Cinema Cosmopolita... O silêncio da noite se interrompe de repente. Acabou o espetáculo. O cartaz anuncia o filme do dia: *Frankenstein*. Muitas pessoas saem estremunhadas, sonolentas, a praça mal-iluminada, a usina de luz *pregando* a toda hora, por acaso ou de propósito, não se sabe, luzes se apagam de repente em bairros inteiros, quando voltam, ouvem-se gritos coletivos, que parecem de um só.

— Parcifal tem coragem. Sair sozinho à noite. Frequentar cinemas, depois de atacar meio mundo pelo *Rebate*...

— Vá ser macho assim no inferno! — pragueja um dos homens da camioneta, agora estacionada perto do cinema... lugar sombreado.

Descem rapidamente, o volume na mão, isto é, a lata, repentinamente despejam o seu conteúdo sobre a cabeça de Parcifal que, surpreso, só tem tempo de exclamar, recuando:

— Canalhas!

Fogem, lançando a lata longe, o mau cheiro se espalha em manchas sobre as pedras de lioz... Aquelas pedras, vindas de Portugal em caravelas, se pudessem falar, protestariam contra a infâmia. Nunca pensaram (se é que pedra pensa) merecer tal destino, arrancadas das minas lusitanas, atravessaram o oceano no fundo dos porões há mais de um século, para serem duas vezes maculadas: pelas fezes do hospital e pela indignidade da represália.

No dia seguinte, o *Rebate* noticiava em manchetes vermelhas, como pingos de sangue tipografado: BANDIDOS LANÇAM FEZES SOBRE UM BRAVO JORNALISTA... DELEGADO DE HOJE EM DIANTE SE CHAMARÁ CARLINDO TRAMPA!

— A coisa está ficando preta! — dizia Deputado Viscoso a Estêvão pelo telefone, bem cedo. — Lançaram fezes no jornalista. É um erro. Mas que fazer? Vão culpar o Chefe, que tem costa larga. Ele nem está sabendo de nada... No caso do Orivaldo, ele apenas disse, sem segunda intenção: “Esse sujeito bem merecia uns tapas”. Mas não mandou. Falou por falar... à toa... Pois não é que deram mesmo?

Estêvão começava a sentir que um mar de lama crescia de nível, ameaçando submergir a todos num naufrágio bem pior do que o do Carnapijó...

25

Os marginais



O telefone tocou muito cedo, despertando Estêvão. Quase todos os dias havia uma novidade, em pleno alvorecer.

— Que será hoje? — pergunta Estêvão em voz alta, falando sozinho, antes de alcançar o telefone, porquanto Linda ainda dormia.

Era Farid, muito aflito:

— Prenderam o Epaminondas! O Nondas...

— Prenderam por quê? Quem prendeu?

— Foi o juiz, Estêvão. O juiz!

— O juiz? Dr. Cota, nosso amigo, boa-praça?

— Não, Estêvão. Não foi o Dr. Cota, quem prendeu foi outro, o Dr. Motta.

— Mas por que o Dr. Motta? Que foi que houve, Farid? Desembucha logo, já estou ficando nervoso...

— Foi o negócio dos quatro Chevrolets da última viagem. Ezequiel ficou de levar a gaita para o Dr. Cota. Não pôde, teve de viajar para Caiena. Encarregou o Epaminondas.

— E daí?

— O Epaminondas não tem experiência. Não conhecia bem o Dr. Cota. Foi procurá-lo no fórum. Disseram que o juiz tinha a cabeça branca, por azar, em vez de falar com o Dr. Cota, procurou o Dr. Motta, uma fera. Até o nome parecido. Juiz virou bicho. Lavrou flagrante. Prendeu Epaminondas... E agora?

— Agora? É entregar o caso ao advogado. Requerer *habeas corpus*, dizer que houve engano, alegar que o Epaminondas é biruta, arranja-se um atestado médico afirmando que ele é doente mental.

— Juntou gente, Estêvão, juntou gente, no fórum. Foi um escândalo desgraçado. O juiz dava murros na mesa. Ora, você já pensou? Epaminondas



chegar com um pacote de dinheiro e botar em cima da mesa do Dr. Motta, dizendo que era a comissão dele para conceder o mandado de segurança?

— Mas foi muita burrice, Farid...

— Foi não, azar! Cota parece com Motta. Todos dois têm cabeça branca. A diferença é que um come mole e o outro é honesto. Foi azar do Epaminondas. E quando o juiz reagiu, ele pensava que era brincadeira, ainda saiu com gozação, perguntando se achava pouco, podia aumentar a comissão. O homem quase pega fogo. Todo mundo respeita ele. Outro dia, o governo atrasou o pagamento dos vencimentos, ele fechou o fórum, fez greve. É homem direito. Não se vende. Tá difícil de safar o Nondas dessa bronca...

— Está nada! O juiz que vai dar *habeas corpus* é outro... Temos um amigo no tribunal que quebra o galho. Jogo o partido em cima...

— Estêvão, o negócio está ficando feio! Os fiscais dão duro. Quase todo dia, estão apreendendo mercadoria. É preciso cuidado.

— Você quer ensinar padre-nosso a padre, Farid? Deixa comigo...

— Quando o pobre do Nondas viu que o juiz falava sério, que havia errado o pulo, só faltou se borrar todo... Juntou gente, uma vergonha. Juiz chamou escrivão, mandou lavar auto de flagrante, com testemunhas e tudo. Tomou depoimento de Nondas na hora, de surpresa, o cabra acabou confessando. Você vai ver que o jornal vai explorar. Lê o *Rebate* amanhã.

— Logo agora que foram jogar fezes no Parcifal... Ele vai se vingar. Retrato de Nondas vai sair de cabeça pra baixo no *Rebate*. É como costumam fazer. Vão dizer que não eram cinquenta e sim quinhentos mil...

— Esse juiz é fogo. Todo mundo respeita.

— O pior é que o burro do Nondas, pensando que o juiz achava cinquenta pouco, ainda disse que da próxima vez dobrava a parada... O juiz só faltava engolir vivo o homem... Sabe o que ele disse? Falou assim: tenho trinta anos de serviço, sendo vinte no interior, onde passei até fome, ganhando duzentos mil-réis, no tempo em que juiz ganhava duzentos mil-réis por mês!... Nunca encontrei nenhum atrevido para querer me subornar!... Não é agora, depois de velho, que vou me vender!... Pobre do Nondas começou a tremer, felizmente acudiram alguns colegas do juiz e ele se conteve... Mas o Nondas agora está no xilindró... Bonito!

— Vou falar com o Dr. Carvajal... E com o Dr. Carlindo... Da polícia...
Dá-se um jeito. Amanhã, estará solto...

— É preciso cuidado. Não entregar missões dessas a homens como Epaminondas. Há muito juiz direito e honesto, que não se vende. A maioria.

— O azar foi o nome quase igual e todos dois terem cabeça branca...

— Sim, mas não são parecidos. Um é baixinho, parece um langancho, o Dr. Cota; o outro é alto e magro. Não se justifica a confusão a não ser pela precipitação do Nondas.

E depois de uma pausa:

— Antes que me esqueça, Estêvão. Amanhã chega o *Santo Eusébio*. Traz mais carro. Vai desembarcar naquele furo que você sabe qual é...

— Acho melhor mandar mensagem mudando de local... Os fiscais estão sabendo de tudo... É preciso despistar. Manda uma mensagem em código pelo rádio informando que “o pai de Eusébio vai passar as férias em Marudá”... Assim, eles mudam de destino, em vez da Vigia, Marapanim... Um desses carros é para o Levinski em São Paulo... Estou esperando por ele a qualquer momento...

Quando Estêvão deixou o telefone, Linda já estava desperta. Era sempre a mulher dedicada, companheira de todas as horas...

— Você precisa tomar cuidado, Estêvão. Quando viajou a última vez, telefonaram muitas vezes para cá. Vozes estranhas. Não diziam nunca quem falava. Quando eu perguntava o nome, desligavam. Queriam saber tudo a seu respeito. Onde estava, que fazia, uma porção de perguntas. Uma noite parou um carro na porta, cheio de homens. Ficaram olhando a casa durante muito tempo. Soltei o cachorro no jardim com receio que fossem assaltantes. Além do mais, o *Rebate* já começa a meter o pau em você...

— Sim, mas eu tenho o *Radical* para me defender... O que eles querem é dinheiro. Faço a defesa pelo próprio *Rebate*, matéria paga, custe o que custar...

— Não adianta... Você não leu outro dia? Tiveram a audácia de criticar as filhas de Maria... No dia seguinte, o Parcifal escreveu que mexia até com a mãe, quanto mais com as filhas... Veja só que falta de respeito... Não respeitam nada... Nem as coisas sagradas...

— É por isso que o Dr. Carlindo manda logo surrar...

— Mas está demais, Estêvão... Jogaram cocô no homem... Isso não se faz... Ele agora foi apelidado de Carlindo Trampa...

— Véspera de eleição vale tudo... Você não vê o que aconteceu em São Paulo? Deram milhões de votos para um rinoceronte, o Cacareco...

E mirando Linda nos olhos:

— Você não entende de política, mulher!... Agora, que já entrei no cano, tenho que ir até o fim...

— Saia disso, Estêvão. Meu coração me diz que não vai dar certo... Esse seu Chefe é bruto como quê... Qualquer dia, lhe dá um coice...

— Dá não. O homem é explosivo, mas tem coração de criança... É preciso saber lidar com ele. Você não vê o Senador Carivaldo? O Deputado Viscoso? Conseguem tudo. Formam o chamado “estado-maior”.

— Antes que eu me esqueça. Telefonaram ontem convidando você para um comício-monstro e um banquete de desagravo ao Chefe por causa dos ataques do *Rebate*... Vão mandar a lista para assinar... Quase todos os dias, tem uma lista...

— Quem foi que telefonou?

— O Dr. Pastoral... Ligou também o Dr. Viscoso, aquele que o teu Chefe chama de “ombro de garrafa”... Disse que a tua encomenda já chegou. Que encomenda é essa?

— Ah! Já sei. Outro dia no partido, ele estava com um revólver marca Taurus, calibre 38, enorme, negro... tomava nota de pedidos para compra... preço de fábrica... O Chefe recomendou que todos os candidatos andassem armados... Botaram meu nome na lista... Tenho que pagar e receber o “bicho”... Todos compraram...

— Você antigamente não andava armado, Estêvão...

— Sim, mas agora é preciso. Todos andam. É para defesa. Ninguém está livre de ser atacado. Você mesma não disse que andam rondando a casa?

— Pois é, foi o Dr. Viscoso quem telefonou.

— Esse homem tem sorte. Quando chegou aqui, era um simples funcionário federal... O Chefe, no começo, não simpatizou com ele. Não sabia nem o nome dele direito, Dr. Ariolino Viscoso... só o chamava de “turco do ombro de garrafa”... Já foi uma porção de coisas no estado, agora é deputado estadual, vai entrar na federal... Acaba governador... Está cotado para presidente

da Assembleia... O Chefe é assim, tem repentis. Pois não é que prendeu certa vez o Januário, depois se arrependeu, mandou soltar e o nomeou delegado de polícia? Saiu do xadrez e assumiu a delegacia... Cabra bom, o Chefe... Se não existisse, tinha que ser inventado... Faz muita caridade... A pobreza gosta dele... É como um deus dos humildes... E honesto... Todo o mundo enriquece e ele continua pobre.

— O Emanuel aguenta o baque... É quem controla o dinheiro do jogo.

— Dali, todo o mundo come... O pobre do Emanuel é atacado por todos os lados. Todo mundo quer dinheiro... Mas o Chefe não participa disso não. Nunca.

— Abre o olho, Estêvão, que você vai no mesmo caminho do Emanuel... Tenho meus pressentimentos, em todo caso, sabe o que faz...

Outro dia...

Estêvão despertou muito cedo. Não era possível dormir. Desde as cinco horas da madrugada, começaram os foguetes. Primeiro um ou outro, ao longe, nos subúrbios. Depois foram se tornando mais numerosos, como se a cidade tivesse sido cercada por um exército atacante que, pouco e pouco, se aproximasse do centro. Ninguém conseguia dormir com tanto foguetório. Explodiam no ar como um bombardeio, que fazia lembrar a Estêvão os dias da primeira infância, a Revolução de 1930, o sibilar das balas sobre o telhado, os filhos pequenos agarrados à mãe, todos em torno, como se, com a simples proteção de seus braços, pudesse impedir o impacto das balas. O amor de mãe faz desses milagres. A própria natureza parece dar-lhe forças para envolver num abraço só a todos os filhos. Pois não é assim até com os animais? A leoa defende com mais bravura os filhotes do que o próprio leão; as aves estendem as asas como um manto indevassável sobre os filhos recém-nascidos, ainda trêpegos. Assim fora com Estêvão na infância, as explosões lá fora, as balas assoviando sinistras, ele, a irmã e o irmão, ambos mais novos, agora distantes, ela casada no Rio de Janeiro e ele, independente, no Rio Grande do Sul. Aqueles foguetes, como todos os foguetes noturnos, traziam à memória de Estêvão os tiroteios que ouvira na infância, faziam emergir de seu inconsciente, como do fundo de um lago, velhas coisas mer-

gulhadas. Vinham à tona. Subiam momentaneamente, quais se estivessem vivas, mas como os objetos do fundo das águas se cobrem de líquenes, musgos e caracas, assim também as suas recordações boiavam cobertas de líquenes, musgos e caracas. Líquenes do tempo, musgos acumulados, caracas de desesperos guardados durante muitos anos. Acordara pelas cinco da madrugada. Linda antes um pouco. Seus olhos grandes e negros o fitavam firmemente, quando despertou. Tivera todo o cuidado a fim de não perturbar o sono de Estêvão, mas os foguetes, os malditos foguetes, punham para fora da cama uma cidade inteira.

— Hoje é aniversário do Chefe! — explicou Estêvão a Linda. — Os cor-religionários estão comemorando. É a alvorada. Vão repetir o foguetório ao meio-dia e às seis da tarde.

— Você já pensou quanto custa isso tudo? Se aplicassem o dinheiro gasto com esses foguetes em coisas mais úteis, daria para construir um hospital, uma escola, posto de saúde pública...

— Mas o Chefe gosta. Você já pensou se, no dia dos anos dele, ninguém soltasse foguete? Fica brabo... Além do mais, há muita gente que faz isso por prazer, são fanáticos por ele. Nunca vi coisa igual. Há pessoas pé no chão que são capazes de deixar de almoçar hoje para, com o dinheiro, comprar foguetes... Se você for ao interior do estado, é a mesma coisa. A esta hora, em todos os municípios, cidades e vilas estão soltando foguetes... No baixo Amazonas, no Xingu, no Tocantins, na zona bragantina... Hoje é dia de festa no estado inteiro... São os amigos, ou, como ele costuma dizer, “os meus caboclos”.

— E os caboclos são dele?... Desde quando?

— É maneira afetuosa de expressar... Quando, em comício, fala “nos meus caboclos”, o pessoal do interior vibra...

— Vai haver um comício-monstro... o jornal deu notícia... telefonaram...

— Na capital, a opinião é dividida... Aqui, ele conta mais com o subúrbio, a pobreza... Nas ruas calçadas, perde sempre... Ele não topa muito os ricos, os chamados “casacudos”.

— Mas tem muitos amigos endinheirados...

— Há, sem dúvida, alguns por amizade, outros por interesse... Por amizade, por exemplo, o Zefa Radiante...

— Que história é essa de Zefa Radiante?

— Quando ele foi eleito da última vez, o Nazalino passou-lhe um telegrama em que informava que a mulher, Dona Josefa, ficara radiante com a vitória... Dizia assim: “Parabéns Chefe querido pt Josefa radiante pt abraços do velho amigo Nazalino”. O jornal transcreveu. Pegou o apelido: *Zefa Radiante*...

— Ele é meio grosso, Estêvão, você não acha?

— Bom, mulher, ele é homem de luta... sofreu... foi muito atacado, principalmente pelos grã-finos... Por isso, é que se diz sempre que faz governador até um caboclo de... Calça rasgada...

— E faz mesmo... você não está vendo o foguetório? Há uma hora que queimam foguetes... Não sei onde vão buscar tanta pólvora... Um povo faminto...

— Ninguém consegue dormir... Não posso ouvir foguetes... Me lembram da Revolução de 1930... Você não era nascida...

— Papai contava... fizeram homens honestos conferir contas nos bancos com o pessoal do inquérito... Humilharam muita gente...

— É verdade, e os mesmos que realizaram os inquéritos, depois, muito depois, foram pegados (ou *pegos*, como se diz) em ladroeiras. Passaram pelos mesmos vexames...

— Eu já lhe disse, Estêvão... Larga essa droga de política... Isso não adianta nada para você...

— Agora não posso mais, mulher... Estou atolado até o pescoço... Já soltei muito dinheiro... Primeiro para poder ser candidato, a cota; depois, para ajudar na compra do jornal, mais para auxiliar a aquisição da sede, sem falar nas despesas miúdas, banquetes, presentes, passagens de avião, cotas para os cabos eleitorais do interior... Cada qual quer mais... Dizem que é para comprar boi e gêneros no dia da eleição, transporte e outras coisas mais. Ninguém presta contas de nada. O Emanuel Melchior ao menos tem o jogo do bicho, onde ganha sem trabalho... Mas o meu vem do comércio... Arrisco a vida nessas viagens...

— Eu ainda não entendi bem esse comércio... Outro dia, o Castraldino publicou uma notícia desagradável... Chamava você de contrabandista...

Você estava viajando... Ora, há tanto contrabandista graúdo por aí, no entanto, ele só citou o seu nome...

— O Castraldino é aquele do *Rebate*? Esse sujeito não gosta de mim... é meu inimigo gratuito... Um dia ele vai ter a paga... Basta o Chefe dizer na hora do almoço: “Deviam quebrar a cara do Castraldino”... No dia seguinte, sai a notícia...

Tilinta o telefone.

É o Deputado Viscoso, que informa:

— Hoje à noite é o banquete do Chefe... No Hotel da Paz... Será orador o Dr. Pastoral... Antes *tem* umas danças regionais, demonstração de siríá, um grupo que veio de Cametá... Amanhã, é o comício-monstro. Você está escalado para falar...

— Está bem, está bem...

— Você já sabe como é que o Chefe gosta de discurso... Tem que falar no nome dele várias vezes... Também, vale a pena, porque cada vez que você pronunciar o nome do Chefe, arranca palmas... *Tem* cabra aí que quando não consegue ser aplaudido, dá um jeito de citar o nome dele...

— Está bem, está bem...

— É verdade, vou lhe mandar uma lista para assinar... É para comprar uma lancha para o partido... Vem aí a eleição e é preciso correr o interior... O Emanuel já entrou com a cota dele...

Deputado Viscoso se despede.

Linda escutara a conversa, ou melhor, as palavras de Estêvão apenas.

— Amanhã, vou falar no comício-monstro.

— Que é que você vai dizer?...

— Ora, o que o povo gosta: “Chefe, aqui está o teu povo! Povo, aqui está o teu Chefe!” Comparo ele com Napoleão. É o seu ídolo. Depois, desanco o pau na oposição, sem referir nomes... Vou citar umas frases latinas que ainda recordo do tempo do seminário...

— Mas vai ter que traduzir...

— É lógico... Outro dia, o Chefe passou pelo auditório da Sociedade Artística, atrás do ginásio... Lá está escrito AVDITORIVM... Pois ele se virou para mim e perguntou:

— Que história é essa de *aviditorivim* que está escrito ali?

— Expliquei com jeito, para não melindrar. Sabe o que ele respondeu? “Vou mandar o secretário de Obras consertar esse latim errado...”

Os foguetes continuavam a especar. O telefone tilintava novamente. Era o Emanuel que queria uma conversa reservada com Estêvão.

O dia já estava claro. Novamente o telefone. Ezequiel informava que o carregamento de perfumes, relógios e uísque desembarcara bem, sem atropelos. Batiam na porta. Era Levinski. Até que enfim, o Levinski chegando de Minas Gerais, curioso e apressado, com duas malas na mão!

— Trouxe as pedras, Estêvão. Duas malas. Há de tudo: água-marinha, safiras, ametistas, turmalinas, só pedras boas, limpas. Tem uma fortuna aí.

Enquanto Estêvão escondia as duas malas em armários, no próprio quarto, compunha mentalmente o discurso do dia seguinte: “A figura do Chefe lembra as expressões do Evangelho de São Mateus, porque alivia a dor dos aflitos, dos humildes, dos pobres, daqueles que estão sobrecarregados. *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis et ego reficiam vos. Vinde a mim todos vós que trabalhais e estais sobrecarregados e eu vos aliviarei.* Assim fazia Cristo. O Chefe segue o seu exemplo: dá teto aos pobres, socorre os enfermos, ouve os humildes do interior, aqueles que, com muita razão, chama sempre, ternamente, carinhosamente, coraçõemente, os meus caboclos!”

— Esse “coraçõemente” não está bom. Parece que o coração está mentindo. — ponderou, mais tarde, Linda.

Estêvão já ouve os aplausos. A multidão gritando, os mais baixos pulando, com a cabeça espichada para ouvi-lo, as mulheres tendo chiliques e, afinal, o Chefe, no momento do abraço, lhe dizendo abertamente:

— Você daria um bom senador da República!



Estêvão ainda escutava, mil vezes repetidos, em seu subconsciente, os discursos do comício-monstro da véspera. Não conseguira dormir. Os foguetes espocavam em sua lembrança, como se fossem reais. Os discursos também. Dezenas. E os gritos: “Já ganhou! Já ganhou! Já ganhou!” Senadores, deputados federais, estaduais, vereadores, candidatos, prefeitos do interior, todos queriam falar, o Chefe é que escolhia e autorizava, dando preferência a alguns, mais ovacionados pelo povo. Quando o Deputado Viscoso apareceu no palanque, foi aquele nunca acabar de vivas e aplausos: “Chefe, aqui estão teus soldados! Soldados disciplinados, prontos para a batalha! Povo, aqui está o teu general, o invicto”.

Um sujeito, muito entusiasta, dava pulos, pulos e gritava histérico: “Invicto como o Papão!” Ora, “Papão” era o apelido do clube de futebol, o Paissandu, pelo qual torcia fanaticamente o aparteante. E repetia: “Invicto como o Papão da Curuzu!” A multidão estrugia: “Já ganhou! Já ganhou! Já ganhou!”

Aquela estória de “aqui estão os teus soldados” trouxe logo à lembrança de Estêvão o *Hino do apostolado*, que tanta vez cantara no seminário:

“Levantai-vos, soldados de Cristo!
Sus! Corre! Sus! Voai à vitória
Desfraldando a bandeira de glória
O pendão de Jesus redentor”.

A palavra “redentor” também foi usada e abusada. Era a religião a serviço da política.

No caso, não eram soldados de Cristo, mas soldados do Chefe, o invicto. Todos aplaudiam, os discursos repetiam quase sempre a mesma coisa. Chefe *pra cá*, chefe *pra lá*, chefe *pracolá*.



Linda aguardara inquieta. Escutara pelo rádio todo o comício, ansiosa por ouvir a fala de Estêvão. Quando Estêvão se referiu ao Evangelho de São Mateus, foi um delírio. O Chefe era assim, aliviava os aflitos, os sobrecarregados, os pequeninos, vindos de todos os quadrantes do estado, alguns a pé, outros de ônibus, muitos de canoa, curvados sobre o remo ou eretos ao lado do jacumã, remando, remando, remando, horas a fio, as águas barrentas, a mata em redor, deserto e silêncio, ansiosos por ouvir a palavra de comando do Chefe amado.

O sol ainda não surgira de todo quando tilintou o telefone: era o Deputado Varlindo, da região das ilhas.

— Você sabe da última? Deram uma surra no Esmeraldo, quase matam o homem e a polícia ainda o prendeu... Foi posto no xadrez no baixo Amazonas, creio eu, com um negro do Caribe, esses de olho vermelho... Uma coisa horrível...

— Não deviam fazer isso, é pior... Violência gera violência, já disse muitas vezes...

— Tem coisa mais grave... Parece que o negro *agrediu ele... abusou dele...*

— Nossa mãe!... Vou falar com o Chefe sobre isso!... Assim não se ganha eleição... É uma violência, um absurdo! O Pará deixou de ser terra civilizada?

— O Chefe não tem nada com isso... Foi o Delegado Carlindo, dizem... O Esmeraldo deu para atacá-lo, chamar de ladrão e outras coisas... O resultado foi esse... Quem semeia ventos, colhe tempestade... Ele semeou, Estêvão, semeou... Você acha que a gente vai ficar de braços cruzados, eles só malhando, malhando, malhando? Inventando calúnias?

— Mas esses processos não resolvem... Por que não respondem pelo jornal?

— Não adianta... Caluniam, ofendem, você não viu o que fizeram com a senhora do nosso colega Zamora, uma criatura virtuosa, digna, só porque tem o mesmo nome de uma outra safada, inventaram coisas contra a sua honradez? Você acha que essa gente merece consideração? Só jogando fezes, Estêvão, ou fazendo como quer o Carlindo... Pau neles!...

— Mas essa história do negro do Caribe é demais... Todos os jornais do Brasil vão protestar!... O Chefe precisa tomar providência, estão enterrando *ele...*

— O Chefe não mandou, mas é tão macho que é capaz de assumir a responsabilidade...

— Não creio, Varlindo, não creio, irei falar-lhe hoje... Vou sugerir que mande demitir o Dr. Carlindo... Isso não pode continuar... É demais...

Estêvão não aceitava aquelas violências. Queria o mar manso, nada de ondas revoltas. Uns restos da educação eclesiástica vibravam ainda em sua consciência, sua segunda personalidade emergia do fundo do inconsciente, como se ressuscitasse das profundezas de um mar.

— Você precisa de cuidado, quando conversar com o Chefe. Cuidado. Ele não gosta muito de quem quer ser mais do que ele... Você quer p... mais alto que a b...?

— Mesmo assim, vou falar... Não apenas sobre esse caso... Outros, vários outros semelhantes... Se continuar dessa forma, vamos perder a eleição...

— Perde nada! Chefe sempre ganhou. Já ganhou. Já ganhou. Já ganhou.

Estêvão conseguira entrevista com o Chefe. Nas antessalas, havia sempre muita gente, de todas as procedências.

— Você hoje está com sorte! — disse-lhe o Deputado Varlindo. — O Chefe acordou bem-humorado. Quando ele está com a *cachorra*, ninguém pode chegar perto.

É que estava presente uma delegação numerosa do baixo Amazonas para hipotecar-lhe solidariedade. Fora introdutor o Setembrino Bulbosa (que alguns caboclos pronunciavam *Bolhosa*, outros *Bulhusa*, conforme a região), cabo eleitoral com influência em vários municípios do baixo Amazonas, a começar por Monte Alegre. Cara de chinês, os olhos apertados, a voz macia, Setembrino vinha vindo na política desde a juventude, subindo, subindo, devagar, devagar, macio, não cheirava nem fedia, de vereador a prefeito, de prefeito a deputado estadual, já falavam no seu nome para a federal, naquela marcha (diziam) iria à presidência da República: o Chefe gostou da manifestação, os seus soldados ali presentes, um cabo eleitoral que, na hierarquia, devia ser capitão, pelo menos, nem que fosse *capitão de barranco*, mas de qualquer forma *capitão*, ora essa!

Estêvão queria entrevistar-se a sós com o Chefe. Tanta gente assim, preferia ficar para o fim. Entrava um, saía outro, o Chefe explodia em gargalhadas, eufórico, nem parecia o mesmo de outras vezes, quando dava murros na mesa, que estrondavam na casa toda. Já entrava pela noite quando Estêvão conseguiu penetrar. O Chefe o recebeu com um sorriso largo, charuto na mão direita, o abraço franco, aquele abraço! Vestia terno branco, sapato duas cores, gravata vistosa.

— Como vai, Estêvão?! Você tem andado sumido... Muitas viagens? — e piscou um olho.

— Ultimamente poucas, Chefe. A política, os negócios, isso tudo me prende aqui. Também ando muito preocupado...

— Você preocupado, homem de Deus? Isso é *chiquê*, Dr. Estêvão, *chiquê*... deixe disso.

Nessa ocasião, Estêvão entrou direto no assunto. Sim, andava preocupado. Aquelas violências, quase todos os dias. Jogaram fezes na cabeça do jornalista Parcifal, surraram o Esmeraldo e, não satisfeitos, colocaram-no num xadrez com um negro ou chinês, não sabia bem a raça, as prisões, na capital e no interior, as ameaças, sim, as ameaças, as mortes, tudo aquilo era uma coisa horrível, não podia prosseguir.

Chefe ouvia calado. De vez em quando, soltava uma baforada de fumo...

Estêvão continuava. Agora mesmo, estavam ameaçando os deputados. A oposição, numa democracia, tinha o direito de falar, gritar mesmo. Não se podia abafar a sua voz com pancadaria. Não ficava bem. Falsos amigos, afinal de contas, comprometiam o partido, principalmente o Chefe, sobre o qual recaíam todas as acusações.

O Chefe mirava a ponta do charuto... Não dizia uma palavra.

Estêvão prosseguia desfiando o seu rosário. Os jornais de todo o país atacavam sem piedade. Seu nome estava ficando com uma imagem negativa. Era sinônimo de violência. No entanto, tudo aquilo poderia ser remediado. Alguns homens apenas eram responsáveis. Um deles, o Delegado Carlindo, que chamavam de “Moleque Carlindo”, capaz de tudo, mostrava-se sádico, mandava surrar e ainda achava graça, o riso nervoso. Agora mesmo, aquele caso com o Esmeraldo tivera uma repercussão nacional, horrível! Afinal de contas, o Pará era ou não era uma terra civilizada?

O Chefe acabara de fumar o charuto. Mirava Estêvão sem dizer uma palavra.

Já decorriam quinze minutos e o Chefe não dizia nada. Estêvão não sabia mais como encerrar a conversa. Resolveu parar para ouvir alguma coisa.

O Chefe se levantou, bateu duas palmadas amistosas no ombro de Estêvão e disse, apenas:

— Estou satisfeito, Dr. Estêvão. Mas saiba que eu brigo com todo mundo, menos com o Dr. Carlindo...

À noite, Estêvão não conseguia conciliar o sono.

Deitado ao lado de Linda, confidenciava com certa amargura:

— Eu não entendo esse nosso Chefe. É um homem estranho. No seminário, estudei muita psicologia humana, mas esse homem é diferente de todo o mundo. Em tudo. Quando fala. Quando come. Até quando transpira. Sua diferente, fica alagado, molha a camisa e paletó. Tudo nele é nos extremos, até nas demonstrações de afeto. Às vezes, parece uma criança, tem manifestações de carinho tão suaves, quase femininas. Ainda outro dia, o Varlindo me mostrou uma carta dele, em papel azul, manuscrita, parecia de namorado... Também quando explode é um cavalo...

— Eu não lhe disse que tomasse cuidado? Sou mulher. As mulheres têm mais intuições do que os homens. A mulher pressente aquilo que vocês, homens, não enxergam nunca. Vocês homens às vezes são uns bobos... Caem como uns patinhos.

— Falei com ele quase meia hora a respeito das violências. Não disse nada. Só no fim, declarou que briga com todo mundo, menos com o Delegado Carlindo. Que força tem esse Carlindo para dominá-lo assim?

— É a subserviência, homem. Faz tudo o que ele quer, adivinha o pensamento. Você mesmo já falou que basta o Chefe, mesmo brincando, dizer que alguém merece umas bordoadas e, no dia seguinte, acontece?

— É verdade. Mas ele nunca dá uma ordem dessas...

— Aí é que está o segredo... O Carlindo sai dali e vai executar depressa... Você não faria isso. O seu Chefe (sim, *seu*, porque *meu* ele não é) é ladino... Joga o pessoal no fogo, depois se faz de vítima...

— Bem, mulher, você até certo ponto tem razão. Já o observei muito. Tem algo de tigre. Os tigres são ardilosos no salto e na emboscada. Criatura estranha. Quem tem razão é o Dr. Capistrano, o psiquiatra. Costuma dizer que há homens em que a metade da alma é de santo e a outra metade de demônio.

— Mas ele disse isso se referindo ao Parcifal...

— São parecidos, inimigos embora. Talvez, por essa razão, são inimigos... Entram em choque. A natureza tem desses mistérios... Só aproxima os contrários...

Depois de uma pausa, Estêvão completa o pensamento:

— Às vezes, Linda, tenho arrependimento de ter estudado tanto no seminário. Há coisas que eu não sofreria se fosse ignorante, rude, sem sensibilidade. Sofro muito. O rumo de minha vida mesmo já começa a me preocupar, com toda a riqueza acumulada. O seminário deixou em mim um lastro moral do qual não consigo me libertar totalmente. De vez em quando, ele me volta, entro na igreja, rezo, até às escondidas, peço perdão a Deus, mas, agora, é tarde demais para regressar. A política tem dessas contradições: corri risco defendendo o Esmeraldo junto ao Chefe. No *Rebate* de ontem, Esmeraldo me ataca...

Em frente, sobre o armário, via-se a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, presente de Levinsohn.

Lá fora, um leve chuveiro retinha sobre as telhas e as janelas. Silêncio geral na madrugada, a cidade totalmente adormecida. Só raramente passava um ônibus ou um automóvel, como se fossem fantasmas, projetando os faróis sobre as janelas, e logo desaparecendo na curva da esquina.

Estêvão prossegue:

— É muito difícil ao homem conquistar a felicidade, saber ao menos em que ela consiste. Muitos atribuem à riqueza, fartura; outros a põem na prática do bem; muitos são indiferentes, se fazem felizes como os animais, comem, bebem, dormem. Cada vez me convenço mais de que a felicidade está apenas na paz de espírito, na tranquilidade interior, que decorre de vários fatores. Os mandamentos explicam isso. É não fugir aos mandamentos. Honrar pai e mãe. Não matar, não furtar etc. Como foram sábios os que conceberam a religião, desde Moisés...

— É, Estêvão. Um dos mais bonitos mandamentos é aquele que diz: “Não cobiçarás a mulher do próximo”.

Estêvão fitou Linda longamente. Que queria dizer ela com aquilo? Saberia algo de suas viagens a Caiena? Mas, se soubesse, já teria falado! Linda não tocava em tal assunto. Somente seus olhos se envolviam de olheiras negras, de vez em quando, e miravam Estêvão de forma estranha, como se não fosse ele presente, mas um fantasma, que chegasse pela madrugada, de mansinho.

— Infelizmente, a nossa vida é como um caminho longo e tortuoso. Nem sempre se pode regressar. Vou te fazer uma confissão, Linda...

— ???

— Se eu voltasse ao dia do naufrágio no Carnapijô, escolheria outro tipo de vida. Mesmo que fosse na pobreza, mas no trabalho diário, honesto, profícuo. O trabalho é como a prece. Não cansa, pelo contrário, alivia. É um modo de se chegar a Deus. Quando vejo essa luta de ódios na política, uns querendo estrangular os outros, física e moralmente: surras, homicídios, calúnias, injúrias, tenho vontade de largar tudo, mas falta-me o poder de decisão. Afinal de contas, não sou só, tenho você e Betinho. Qualquer atitude minha impensada reflete sobre vocês dois... e eu não desejo que sofram por minha causa.

— Por mim, não, Estêvão. Fico solidária com o que você fizer de bom. E respondo pelo meu filho. Deus me dará forças para vencer. Não faço questão nenhuma de riquezas e ostentações. Tudo isso que você tem me proporcionado me agrada, é natural. Mas não constitui a razão de ser da minha vida. Você sabe que tive boa formação. O que viesse de você eu receberia, na alegria ou na tristeza... Por isso, o aceitei e prometi no altar...

Estêvão, que tanto se dedicara à pesca na juventude, às vezes se sentia como aqueles peixes fogados em alto-mar, estrebuchando nas redes, querendo sair, aos pulos, mas não o conseguindo. Era como um peixe preso à rede, almejando voltar para o oceano, sem o alcançar. O mar, àquelas horas, estava muito longe. Os caminhos do mundo eram muito diversificados e Estêvão, agora, percorria alguns que jamais julgara existirem. Um outro mundo, cheio de veredas, sombras, choros e ranger de dentes... gargalhadas também, que não eram de alegria.

A aurora clareia a janela. Um passarinho notívago bate de encontro à vidraça, assustando Estêvão e Linda, indormidos. Novo dia, nova aurora, novas emoções. O passarinho volta, penetra pela janela entreaberta, sobrevoa o leito procurando saída, em desespero. Bate contra outra janela, as asas agitadas, julgando talvez que o clarão da vidraça seja a amplidão do céu.

Assim se sentia Estêvão, como aquele passarinho prisioneiro.

O bem e o mal



As viúvas de Pedro e Carmelo mal souberam da indenização amigável paga à de Jacinto, seguiram-lhe o exemplo. Habilitaram-se, aliás, através do mesmo advogado, agora patrono das três. Cento e cinquenta mil cruzeiros foi quanto pagou Estêvão para ver-se livre de discussões com viúvas de antigos companheiros de naufrágio. Preferiu não discutir. Tinha defesa, afirmava Dr. Carvajal. Nada havia a indenizar, fora um acidente, apenas o seguro cobriria riscos e o Instituto de Previdência dar-lhes-ia o pecúlio ou montepio a que tivessem direito. Estêvão ainda se recordava, no último dia, ao anoitecer, do jantar alegre que os reuniu sobre o tombadilho da embarcação. O *Nova Esperança* vinha carregado de peixe, muito gelo, comiam ao relento, os pratos de metal esmaltado de branco, as colheres, facas e garfos com cabo de alumínio, a farinha-d'água amarela e grossa, o peixe fresco chiando sobre as brasas, vento, muito vento, o desejo de chegar, as velas soltas, todos despreocupados. Deveriam forçosamente passar pelo canal, contornar a ilha das Onças. Durante o jantar, mostravam-se todos bem-humorados. Descera a noite, cobrindo de negro as demais cores: o verde das matas, o amarelo esverdeado das águas da foz do rio Amazonas e o azul do céu. Era o luto da natureza. O evento aumentara de intensidade. Malditas pedras do Carnapijó! Perigosas. Vez por outra ali, ocorria um naufrágio. O *Nova Esperança*, no primeiro impacto, começou logo a fazer água. Ainda houve tempo a Estêvão de agarrar a sua boia, Carmelo se apoiara em qualquer coisa que flutuava, Pedro e Jacinto disputando a mesma boia como dois desesperados. Deve ter sido a sua desgraça. Ambos afundaram. De Balbino, não tivera mais notícia. Vira-o ainda sobre o barco a fazer água, jogado pelas ondas sobre as pedras, como se fora um brinquedo. Depois o silêncio, a noite, o frio.

Tudo isso vinha à lembrança de Estêvão. Como poderia lutar contra aquelas mulheres, mesmo que não tivessem direito? Há um direito que



está acima das leis. Direito natural. A sorte lhe fora propícia, dava graças a Deus de poder atendê-las. Muitos cento e cinquenta mil ganharia de uma só vez com uma permuta de pedras preciosas por heroína. E Deus ajuda quem dá aos pobres.

Preocupavam-no mais, muito mais, a política, os ataques desabridos da imprensa, a violência generalizada, tudo aquilo pondo em perigo os seus negócios.

Sempre na alvorada. Sempre! Veem-lhe as más notícias com o nascer do sol. É o maldito telefone! Estêvão desperta e, como de seu hábito, atende pessoalmente:

— É o Varlindo, Estêvão. Você já sabe da última?

— Não, o que houve?

— Mataram o Sezefredo em Santarém!

— Quem matou?

— Não se sabe. Houve tiroteio de parte a parte, muita gente atirando, uma bala pegou e... Pronto! Foi-se! Aconteceu ontem à tarde.

A voz de Varlindo parecia trêmula.

— E o Chefe?

— Ah! O Chefe já falou para os jornais, ontem à noite mesmo. Diz ele que não tem nada a ver com o caso. Foi bala pra lá, bala pra cá, morreu um, não se sabe quem foi. É enterrar. Não assume nenhuma responsabilidade...

— Bala pra lá, bala pra cá?...

— É isso mesmo, o Chefe tem umas saídas monumentais... Bala não tem letreiro, diz ele, quem vai adivinhar qual o revólver que atirou? Bala pra lá, bala pra cá...

De vários municípios, vinham notícias inquietantes. Em Alenquer, a Câmara instaurara processo para cassar o mandato do prefeito, em Bragança, um vereador fora preso incomunicável, em Santarém, agora, matava-se à bala o Sezefredo, cabo eleitoral da oposição.

O *Rebate* deu a notícia em letras vermelhas sob o título “ASSASSINOS”, e subtítulo em letras verdes: “Bandidos do governo matam líder oposicionista”. Culpava o governo, o Chefe, o partido. A arma encontrada no chão era um revólver Taurus calibre 38. Cada palavra pingava como uma gota de sangue ou de fel, multiplicada por quarenta mil exemplares da tiragem de

domingo. As agências transmitiam para o Rio de Janeiro e demais capitais, o noticiário alarmante. No Senado e na Câmara, falava-se sobre o assunto, na hora do expediente. O Chefe se limitava a explicar: foi *bala pra lá, bala pra cá*, ninguém tem culpa de nada. Não há criminoso a prender.

Os negócios de Estêvão prosseguiram e cresciam. Mais uma drogaria seria aberta em Amapá, filial, e outra em Manaus, pontos estratégicos para o contrabando de heroína. As empresas de turismo se estendiam com representações no exterior, em todos os continentes. Paranorte Tours e Caribetur eram nomes já conhecidos nas grandes capitais. O banco aumentara o capital. Fora sugestão do contador. As ações estavam valendo muito. Bom lastro de imóveis. Grande fundo de reserva. Uma clientela certa e tradicional. No aumento de capital, Estêvão se beneficiou com as *sobras*, isto é, as ações não subscritas por uma infinidade de pequenos acionistas, donas de casa, funcionários modestos, comerciários, os quais, por falta de recursos, por ignorância ou por não lerem os editais, deixaram esgotar-se o prazo sem subscrever as ações a que tinham direito. Estêvão ficou com quase todas, pelo valor nominal, quando no mercado dariam o dobro.

— O rio corre para o mar... — dizia-lhe Eufrosino, o contador, muito alegre, esfregando as mãos. Vá pela cabeça do seu amigo que tudo sai bem. Faz-se o aumento de capital com a publicação do edital em letra bem miúda no jornal, num canto qualquer. Ninguém lê. Quando os acionistas souberem, o aumento está feito. Boa época do ano é o começo, passaram festas de fim de ano, depois vem carnaval, ninguém pensa em negócios. Os editais, ninguém lê. E saíra bem, mesmo. Cerca de trezentas mil ações deixaram de ser subscritas. Para não dar na vista, Estêvão abriu mão de algumas para os demais membros da diretoria. Ficou tudo em casa. Atas lavradas. Publicação no *Diário Oficial*. Arquivo na Junta Comercial. A lei das sociedades anônimas estava respeitada. A lei! Um amigo de Estêvão, professor de direito, dissera-lhe ser essa a lei mais velhaca do Brasil. Como é que uma lei pode ser velhaca? E sugeria que as subscrições de aumento de capital fossem compulsórias, descontando-se dos dividendos.

Estêvão já não fazia conta do que gastara com o partido, as propagandas, as subscrições: lista de banquete, para comprar jornal, adquirir lanchas, ajuda a correligionários pobres, enterros, passagens aéreas e marítimas,

além das doações diretas, uma camioneta para o partido, outra para a Legião Feminina. Até então, Estêvão julgava que o Chefe e demais correligionários desconheciam as suas atividades no contrabando. Agora, se convencera de que todos sabiam, estavam bem-informados, comentavam em voz baixa. Pois o Chefe, dias atrás, lhe batera amistosamente no ombro e lhe dissera, piscando um olho:

— Tem que fazer como os crentes, Estêvão. Pagar o dízimo ao partido. O dízimo! Está na Bíblia... Você não lê os Livros Sagrados?

Antes que lhe exigissem dez por cento, o que seria uma fábula, Estêvão preferia soltar muito dinheiro-gota-d'água de todo aquele oceano por ele dominado.

As agitações no estado prosseguiram, por todos os lados. Quase diariamente chegavam notícias de mortes, um espancamento, um tiroteio, com baixas de lado a lado. Câmaras não podiam reunir porque a polícia não deixava. Prefeitos ameaçados. Demissões injustas. Com a morte de Sezefredo o povo fora para as ruas em Santarém.

Estêvão resolvera criar equipe sua, alguns homens que lhe inspirassem confiança para percorrerem o interior, sondarem os cabos eleitorais. Novas amizades surgiam, alimentadas pelo dinheiro. Para o baixo Amazonas despachara Cantídio, experiente em lidar com os filhos da região; para a bragantina preferira um jovem universitário, agitado, discursador, rato de igreja, Emerenciano; para a região das Ilhas tinha o fazendeiro Penaforte, dono de barcos, vereador e prefeito muitas vezes. Para o Tocantins o velho Custódio, controlador de castanheiros e castanhais. Vivia a dizer:

— Se ganharmos a eleição, Dr. Estêvão, quero controlar a política dos castanhais! Já prometi título para uma porção de gente. É o melhor negócio do Estado. Você não vê o Capistrano?

Estêvão gostaria de meter-se até nos negócios de castanhais, exportação do produto para o exterior, lucro de dez por um. Encontrou resistência:

— Não se meta nisso, Dr. Estêvão. Confidenciava-lhe Custódio. Esse negócio está controlado por uma meia dúzia. São libaneses e hebraicos. Têm contatos internacionais. Quem meter a cara leva desvantagem. O senhor aplica milhões numa safra, eles baixam o preço de tal forma que o destroem. O senhor não entra a segunda vez. Fazem descer e subir o preço como febre

artificial. A matriz da negociata está em Nova Iorque, com filiais em Londres e Hamburgo. Quer fazer um teste? Compre uma partida agora, vinte mil hectolitros e procure brechar o negócio. Castanha não aguenta muito tempo. Apodrece. Quando o mercado reagir, o seu estoque já ficou podre.

Para o alto Tapajós, Estêvão despachara Alexandrino, filho da região, habituado a garimpagem nas minas e nas consciências. O estado é muito grande. Só um município, Itaituba, maior que São Paulo! Havia o espaço para extenso trabalho. Organizou pequeno escritório eleitoral à Rua Arquiteto Landi, número 17. Fachada com placa enorme, luz fluorescente, retratos por todos os lados. As paredes recobertas de cartazes. Durante algumas horas do dia fazia presença. Abraçava e apertava mãos de gente que nunca vira, como se todos fossem velhos amigos, o sorriso nos lábios, as palminhas nas costas, com a mão direita, enquanto a esquerda segurava a lista de auxílios. Depois lavava as mãos várias vezes com sabonete Phebo.

No seu escritório principal, as coisas marchavam normalmente. Os funcionários faziam rodar a engrenagem administrativa como se fora máquina nova e bem-azeitada. A correspondência se acumulava sobre a mesa. Eram cartas, telegramas, cartões de todos os lados. Mensagens dos Estados Unidos, do México, da Colômbia, do Peru, da Venezuela, das Guianas. Entre eles um telegrama:

“Aguardo ansiosa sua presença saudades beijos

Mônica”

Já era a terceira ou quarta mensagem que recebia de Mônica, cada qual no seu estilo, de acordo com o estado de alma no momento. Algumas vinham agressivas e ameaçadoras:

“Venha urgente não posso mais esperar

Monique”

Nem sequer se lembrara de colocar a palavra “saudades”, ou “beijos”. E assinava “Monique”, quando estava zangada.

De outra feita, no mesmo dia, recebera duas mensagens contraditórias:

“Não espero mais vou viajar não me procure

Monique”

Logo depois outra, bilíngue:

“Morro saudades querido *Je t’attends mon amour* beijos

Mônica”

Como se pode mudar tão depressa?

Estêvão pressentia que Mônica estava ficando perturbada, ou então aquilo era assim mesmo, próprio da natureza feminina, instável e sensível. Certa vez se queixara de que ela estava ficando agressiva, ao que respondeu carinhosamente: “Isso é amor demais, *chéri*.”

— Antes não me amasse tanto... me odiasse...

A vida prosseguia. Os emissários regressavam do interior com notícias renovadas de êxito. Apenas Cantídio chegou indignado, a barba enorme, a cara inchada, viera rapidamente a Belém. Surgira-lhe abscesso em um dente, mal pudera trocar de roupas, saltara no Ver-o-Peso, calça velha e chinelas, desgrenhado, o rosto inflamado, febre, precisava urgentemente de um dentista. Entrara no primeiro que encontrara, perto do mercado, a placa no alto:

DR. NAPOLEÃO CAMINHA

Que nome bonito! (Pensou). Deve ser bom dentista. Subiu as escadas às pressas. Não conhecia o homem. O aspecto de Cantídio não devia ser muito atraente, depois de viajar de barco, indormido, barba grande, rosto tufado de um lado só. Nem sequer tivera tempo de cortar o cabelo no famoso Salão Pacheco. Ao sentar-se na cadeira, o dentista foi logo perguntando:

— O senhor é seringalista ou criador?

— As duas coisas doutor, as duas coisas... Dê um jeito nesse dente que não aguento de dor... Não posso nem abrir a boca...

Dr. Caminha sugere em tom doutoral, o polegar e o indicador da mão direita em forma de O:

— Calma, amigo! Vamos primeiro fazer uma chapa de raios X... Ver onde

é o abscesso... Suas proporções... Não pode ser assim tão depressa... Se arrancar como está pode surgir hemorragia... Sou homem muito escrupuloso na minha profissão... Vou buscar o aparelho para tirar a chapa...

Cantídio observa pelo rabo do olho os movimentos do tira-dentes, que busca no armário um aparelho qualquer:

— Você vai prender a respiração e olhar fixo neste ponto. E indicou com o polegar a lente circular, uma máquina preta, tipo caixão, onde Cantídio leu, bem visível, Kodak.

— Que vai fazer, doutor?

— Vou tirar a chapa de raios X, homem...

— Mas, espere lá! O senhor é dentista ou fotógrafo? Isso é máquina fotográfica Kodak, tenho uma igual...

Cantídio dá uma bofetada na máquina, para não endereçá-la a Caminha e só tem tempo de exclamar:

— O senhor está pensando que eu sou seringalista ou criador do interior, seu vigarista? Estou sujo e barbado, mas sou comerciante em Belém! Tenho curso secundário completo e o pré-médico... e vou estudar odontologia!...

Enquanto isso abriu a porta e desceu às pressas a escada íngreme, tendo ainda tempo de exclamar, olhando para o alto e com os punhos cerrados:

— Não sei onde estou que não lhe quebro a cara!...

E já na rua, falando sozinho:

— Esse Napoleão não caminha... galopa!

A essa altura uma campainha vibrava desesperadamente. O tira-dentes a usava para abafar os gritos e protestos dos clientes e cobradores.

Ao lado das tempestades políticas surgiam as tempestades da natureza. As águas estavam subindo assustadoramente na ilha do Marajá. Ilha com superfície de prato, qualquer inundação alagava logo o centro, o lago Arari, raso no verão, transbordava no inverno, ficava sem margens cobrindo os campos. Na povoação Jenipapo, sobre estacas, uma vila que fora fundada (contavam os fazendeiros) por ladrões de gado; ou por pioneiros desbravadores (narravam alguns de seus habitantes), tudo era miséria. Quando as águas cresciam, as casas ficavam todas como se fossem navios flutuando, navios fantasmas iluminados à noite, sem poderem sair do porto imaginário;

quando as águas baixavam, os cadáveres do cemitério começavam a boiar, as fezes desciam dos sanitários de uma altura de três a cinco metros por cubos rachados feitos de barro ou de madeira pregada em forma retangular. O mau cheiro inundava o ar. Era o perfume da região. As crianças brincavam no mesmo tijuco em que chafurdavam os porcos. A água, passada em três filtros, ainda se mostrava barrenta. No lago, milhares de piranhas eram um perigo permanente. Todos sofriam de verminoses e amebíase, a tez pálida, a alimentação deficiente — nenhuma verdura — comiam frutos do mato e carne, ao que diziam os fazendeiros, de gado roubado de suas fazendas. Fim do mundo! As notícias chegavam: inundações no Arari! Jenipapo debaixo d'água! Mal se via a margem do outro lado. Era aquele correcorre, campanha do governo, da prefeitura, os fazendeiros obrigados a socorrer, mas com vontade de que as águas liquidassem com a vila, perdida no meio da ilha, filial do inferno, coito de ladrões.

— Para que conservar essa vila? — dizia o Dr. Aguinaldo Moreno, ao mesmo tempo velho e velhaco fazendeiro e político, latifundiário de chão e gado. — É melhor botar abaixo. Transferir para outro local... Esse povoado cresce à custa das fazendas roubadas!

O pior não eram as fazendas roubadas, nem os políticos que pescavam no lago os votos dos habitantes de Jenipapo, nem os seus moradores adultos, homens e mulheres. O pior de tudo era a infância, rebentos da natureza, alminhas de Deus, puras flores jogadas na lama, como suínos! Os olhinhos das crianças demonstravam não conhecer maior horizonte, nem jamais terem visto outro sol nem outro céu. Era aquele sol de fogo, o ano inteiro; aquele céu de chumbo; as tempestades de chuva estalando de longe, primeiro nos ouvidos, para depois chegarem perto; aquela água amarela, que eram obrigados a beber, pois onde buscar outra? Nem poços poderiam cavar, porquanto entre a casa e a terra estavam a água no inverno e vários metros de lama, no verão. Quando a chuva chovia, não parecia chuva, mas praga caída do céu. Estêvão lembrava os versos de Rilke, que decorara há muito:

“Anseio pelos ventos, que virão, e devo senti-los
Antes mesmo que atinjam as coisas sobre a terra...

Aproximam-se as tormentas e me agito como o mar
E me desdobro e me recolho sobre mim mesmo,
E me deixo cair e fico solitário
Na imensa tempestade.”

As populações do Jenipapo pressentiam as tempestades a distância como as bandeiras de Rilke, nos mastros. Vinham elas pelos campos, chicoteando as várzeas, afugentando os bois, transformando o dia em noite. Vinham vindo. A ilha era como um prato ou uma bacia, sempre ouvira dizer. O gado com a água até a barriga, os cascos amolecendo. O rebanho morrendo. Só os búfalos resistiam. Mais de quinhentas mil reses em toda a ilha, fazendas seculares, nascidas do tempo dos jesuítas, as famosas Missões, de que participou Padre Antônio Vieira no século XVII. Naquela ilha mesma, perdido no deserto, Vieira encontrara tempo para escrever uma obra em latim. Estêvão se recordava de ter lido algo a respeito no seminário. No verão era o inverso, a seca, o campo ressequido, o capim ralo torrado, as reses morrendo de fome, os couros devorados pelos urubus, que carne quase já não existia.

— Mesmo assim — dizia Aguinaldo Moreno — uma fazenda em Marajó ainda é o melhor negócio do mundo, o primeiro quando bem administrada.

— E o segundo melhor negócio do mundo? — indagou-lhe Estêvão...

— Ainda é uma fazenda em Marajó, mal administrada... A vaca pare todos os anos... Cada bezerro aumenta o ativo. Eu tenho trinta mil cabeças, das quais pelo menos dez mil são vacas se a metade der cria tenho cinco mil bezerros por ano. Se morrer a metade ainda sobram dois mil e quinhentos bezerros, que logo mais serão bois... O mercado está aí: Belém e Caiena... São cálculos pessimistas, por baixo... Não preciso procurar comida para eles... Lambem o chão... Se vem a seca e falta a comida morre boa percentagem. Diminui o lucro... Mas falência, isso não, nunca jamais, em tempo algum se ouviu falar em falência de fazendeiro na ilha do Marajó... Nem mesmo aqueles que não iam lá, viviam viajando pela Europa, como velho Celestino Lobão, fracassavam. Quando lhe perguntavam quanto tempo iria passar em Paris, respondia:

— Vinte mil dólares, vinte mil dólares...

O tempo não interessava... Enquanto tivesse dólares, ficaria. O seu tempo era medido pelos dólares... nunca por dias ou meses. Seu cronômetro não pingava minutos, mas dólares... E Celestino conquistara fama de forreta.

Marajá era aquilo, medalha de duas faces, faca de dois gumes, cabeça de Janus, uma olhando para um lado, outra para outro... riqueza e miséria, fartura e penúria, companheiras, as duas, quase sempre de mãos dadas. Casa de fazenda e curral...

Havia que fazer justiça aos caridosos. Sim, os que davam um pouco, faziam caridade. Mas onde já se viu caridade resolver problema social? Caridade de compadre Eusébio, que prometia assinar cem mil cruzeiros na lista do hospital, depois baixava para cinquenta, pensava bem e resolvia só escrever vinte e na hora de dar desdobrava em prestações de cinco, só pagava a primeira... Caridade do velho que prometeu o barco para a santa e ficou com os dois, o barco e a imagem? Caridade, de cima para baixo, servia para dar a impressão de que ao morrerem iriam para o céu... Compravam a entrada, como se fosse bilheteria de cinema, com São Pedro ao guichê, retirando os talões, e recebendo a gaita... Olhada de baixo para cima era como uma transfusão de sangue em doente leucêmico... efeitos de alguns minutos... sem curar nada.

Estêvão no seminário estudara a caridade, agora estava vivendo a caridade. Assinava todas as listas que lhe enviavam. Pretendia até mandar construir um asilo para velhos, outro para crianças. Depois de prontos faria a doação a alguma sociedade ou ao governo, dentro de alguns anos veria lá dentro, não um hospital ou abrigo, mas posto eleitoral ou banca de jogo de bicho.

Os dois Estêvão viviam agora em luta. Anjo da guarda voltara à carga. Demônio também. Resolveram partir Estêvão em dois. Cada qual levou o seu. Vez por outra entravam em combate, um o Estêvão do contrabando, outro os restos da juventude, sombra de gente, que lhe fazia lembrar a passagem do Dante, quando o poeta avista um vulto de longe, que depois identifica como Virgílio:

*'Miserere di me', gridai a lui,
'Qual che tu sii, od ombra od omo certo!'*

Como poderia uma alma partir-se em duas, perguntava Estêvão a si mesmo? E qual haveria de vencer aquela batalha de todas as horas? Qual?

A imagem da vila de Jenipapo, inundada pelas enchentes, lhe fazia refletir sobre as forças espirituais do homem na resistência de que é capaz ante as desgraças. Mesmo assim o povo não perdia a fé, mingua o corpo, mas elevava as suas preces, realizava anualmente o seu Círio de Nazaré, uma pequena imagem à frente, carregada em andor nos ombros, seguida por multidão maltrapilha, atravessando muitos quilômetros dos campos de Marajá. Alguns acompanhavam a cavalo, um ou outro criador, chapéu largo de palha à cabeça, para enfrentar o sol. Homens de todas as idades, quando avistavam o Coronel Persiliano, velho fazendeiro da região, quase se ajoelhavam levantavam a mão direita e exclamavam humildemente:

— A bênção, padrinho? A bênção, padrinho?

Logo mais:

— A bênção, padrinho?

Aqueles homens barbudos, a mão em vertical sobre o peito, dirigindo-se ao patrão, pareciam crianças:

— A bênção, padrinho?

A multidão se alongava pelo campo, rezas, cantos, um sacerdote, realizando percurso a pé ou a cavalo, de Jenipapo Santa Cruz do Arari, pobre povoado, onde a esmirrada igreja, a porta aberta, aguardava a romaria. Na pequena praça de terra batida, em duas fileiras paralelas, algumas dezenas de vaqueiros, a cavalo, aguardavam a imagem e, à sua aproximação, retiravam os chapéus largos, em sinal de respeito. Persignavam-se, alguns preferiam desmontar e tocar com o joelho o solo áspero. A multidão acompanhava a Santa Virgem até o interior da igreja, multidão nascida e criada na vila de Jenipapo, coito de ladrões, como diziam alguns. Logo a seguir, os atos religiosos, o padre estrangeiro, a voz travada dava conselhos aos fiéis. A cena trazia à lembrança de Estêvão um outro sacerdote que andara pela Amazônia, talvez americano, alemão talvez, e que assim falava:

— *Nossa Senhor não querr* que os fiéis cordeiros abandonem o rebanho...

A assistência não sabia bem se ele queria se referir a Nosso Senhor ou a Nossa Senhora. *Nossa Senhor* isso, *Nossa Senhor* aquilo, *Nossa Senhor* aquilo outro...

O padre prosseguia:

— Moças devem *virr* missa todos os domingos, não *ficar* em casa, senão *pêca*...

E completava:

— Se não tem vestido *nuvo*, vem *cum u* da mãe... *Nossa Senhor* está prestando atenção *parra* todos os fiéis... Vem *cum* da mãe...

E pedia auxílio financeiro para a paróquia:

— A *peroca* é pobre, é fraca. Tem que *darr* auxílio, senão *peroca* se acaba... *peroca* morre. *Nossa Senhor* vê tudo, lê nos *corracões*...

Estêvão recordava a passagem do Evangelho, provérbios: Deus observa atentamente os caminhos do homem e acompanha todos os seus passos...

Já se tornara hábito, na vida de Estêvão, acordar com a aurora, o telefone tilintando, sinistramente, como um despertador fantástico.

Linda lhe propusera desligar o telefone, colocar barreta, se preciso, até retirar a linha, como fazia muita gente. Sujeitos sem importância nenhuma às vezes não atendiam, mandavam dizer que não estavam em casa, era preciso um cerimonial para conseguir falar-lhes.

Estêvão se acostumara a atender. Não deixar ninguém esperar. Nunca dizer que não se achava em casa. Só os novos ricos tinham a mania de dizer que não estavam em casa. Ele não agiria assim, embora fosse também um novo-rico. Mas antes disso fora seminarista, estudara o catecismo, os mandamentos da lei de Deus e neles está escrito que se deve “amar ao próximo como a si mesmo”. Mandamento duro, difícil de ser cumprido. Estêvão amava o próximo e o remoto, isto é, o que estivesse perto e o que se achasse além-fronteiras. E disso já dera muitas provas.

— É Varlindo, Estêvão... Lê os jornais de hoje. Estão horríveis. O *Rebate* vem arrasando com o Chefe e com todo o diretório do partido. Quem não é ladrão é c... ou v... O *Radical* por sua vez não deixa por menos. Está usando dos mesmos processos: retratos de cabeça para baixo, artigos de fundo terríveis, paga na mesma moeda. É a orientação: injúria responder com injúria, calúnia com calúnia! Ninguém toma a iniciativa. Mas se o *Rebate* diz que um de nós é ladrão, nós respondemos no mesmo diapasão, atingindo a

família inteira... Antigamente eles estavam soltos, não tínhamos jornal para responder. Agora é diferente, dá gosto ler o *Radical*. Pau neles!

Os dois jornais adversários pareciam duas fogueiras em que se jogavam as vítimas indefesas e com vida. “Uma covardia”, pensava Estêvão. “Quem tem jornal deveria ser controlado. Essa liberdade exagerada é um mal.”

— Aonde nós vamos parar, Varlindo? A imprensa devia ter um controle... Atacar pessoas indefesas, só por ódio, é uma covardia...

— Sim, meu caro, mas agora nós temos o nosso...

— Vamos fazer o papel deles... virar porcos?... caluniar também?... bonita coisa!

— Pois não tem outro jeito... Pau neles!

Estêvão manda buscar os jornais. O *Rebate* trazia manchetes assim:

“DESFALQUE NA RECEBEDORIA.” “O PARTIDO SITUACIONISTA REPARTE OS LUCROS DO JOGO.” “OS LADRÕES AGEM IMPUNEMENTE.” “É PRECISO CRIAR UMA POLÍCIA PARA A POLÍCIA.” “GOVERNO CORRUPTO.” “LADRÕES EM PALÁCIO.” “A ERA DOS CANALHAS.”

O *Radical* não se apresentava menos violento. Um editorial apresenta o título literário “O RETRATO DE DORIAN GRAY”, comparando Parcifal com a imagem famosa da personagem do escritor inglês. Estêvão lembra ter lido artigo polêmico, muito antes, com aquele mesmo título, agora plagiado. Noutra página se lia:

“‘REBATE’ COMPRA CONSCIÊNCIAS. SE PAGAREM, PUBLICO ANÚNCIOS ATÉ CONTRA MINHA MÃE (palavras de Parcifal). Os JORNALISTAS DO ‘REBATE’ QUEREM DINHEIRO PARA CALAR.”

— Esses jornais são duas cloacas... — exclama Estêvão, dirigindo-se a Linda.

E completou, enquanto a mulher, estremunhada, passando as mãos sobre os olhos, mal escutava:

— Um vale o outro... Há ladrões e interesseiros de lado a lado...

— Você está começando a entender... — replica Linda. — Eu não lhe dizia que não entrasse neste *furdunço*?

— Agora é tarde, mulher, Inês é morta... Isso passa logo. Depois da eleição tudo volta à calma. Só discordo do Chefe num ponto: ele devia soltar o dinheiro para o *Rebate* e tudo ficaria na santa paz do Senhor.

— E isso dava jeito?

— Como não? Todo o problema se resume numa palavra: dinheiro. O *Rebate* quer publicar notícias de palácio, das prefeituras, editais, avisos oficiais, cobrar dez mil por linha. É só mandar pagar e tudo fica em calma, eles são capazes de botar o retrato do Chefe na primeira página com uma legenda assim:

“O AMIGO DO POVO OU O CHEFE AMADO.”

E prossegue:

— Nesse ponto o chefe é burro. Deu ordem para que nenhuma repartição, nenhum correligionário publique nada no *Rebate*. Nem mesmo sobre assuntos particulares, notícias fúnebres, avisos de casamento, aniversário. Nada. Se sair alguma notícia paga de um correligionário no *Rebate* ele o expulsa do partido.

— Santo Deus!...

— Já pensei em soltar o dinheiro e dispensar o noticiário...

— Aliás você tem sido poupado... pensou ou já está soltando?

— Cala a boca, mulher, as paredes têm ouvidos... Os franceses gostam de dizer assim: *les murs ont des oreilles...*

E completou:

— Só quem não gosta de mim é o Esmeraldo, no *Rebate*. Inimigo gratuito. Mas qualquer dia destes mando-lhe uma geladeira de presente e fica bonzinho...

Estêvão estava ficando escravo do telefone. A toda hora eram avisos, convites, chamados, notícias ruins, seu coração vivia aos pulos com o simples tilintar.

Foi o que aconteceu de tarde no escritório. Abria mensagens. Uma de Levinsohn avisando que embarcara cinco *turistas* via Paramaribo e que a *gloriosa* já estava disponível. Ora, “gloriosa”, no código dos dois, era a heroína. Estêvão tivera nova ideia. Nem sempre recebê-la via Caiena. Poderia sair diretamente do México para o porto de Santos, embrulhada em couros

de carneiro, no porão dos grandes transatlânticos. Desviava a rota de Caiena e retiraria, a pouco e pouco, o controle de Mônica, já desesperada com a ausência prolongada de Estêvão. Seus telegramas prosseguiram inquietantes.

Tilinta o telefone. É o Deputado Viscoso:

— Acabaram de atacar dois vereadores à porta da Câmara... Quase matam os homens... Estão feridos...

— E o Chefe?

— Ele diz que não sabe de nada... Faz parte da política... Bala pra lá, bala pra cá...

— Não descobriram quem atacou?

— São capangas, Estêvão, capangas... capangas não têm nome. Dizem que o Carlindo está envolvido. O povo está nas ruas. A Câmara cercada... A polícia é impotente para conter...

— Essa é a polícia mais impotente do mundo...

— Que fazer? Bater no povo em véspera de eleição?

— Pergunta ao Chefe, ele que deve saber a resposta...

Desliga o telefone. Ainda mais essa complicação acima de tantas outras! Estava involuntariamente envolvido naquilo tudo e não sabia como sair da embrulhada. A política! Quanta miséria! pensava Estêvão. Arte de dirigir os destinos de um povo! O fim da tarde foi todo de inquietações. A cidade agitada. Os automóveis corriam mais depressa, buzinaavam à toa. Os ônibus davam a impressão de estar mais cheios. O ar parecia vibrar, como se subitamente se impregnasse de eletricidade. Conversas pelos cantos das ruas. Telefones tocando sem parar. Carros da polícia silvando inesperadamente, *black-out*, e este veio, com o descer da noite, a habitual paralisação da usina de luz, velha usina obsoleta, trazida pelos ingleses no início do século e movida a lenha... *Black-out* completo, nas ruas e nas consciências, tudo escuro, por fora e por dentro. Negra noite.

— Essa usina de luz não vale mais nada — observa Linda.

— Usina que consome lenha, numa região que possui quedas-d'água a trezentos quilômetros com cerca de três milhões de quilowatts! — responde Estêvão. E depois de refletir um pouco:

— O pior é que já falam em nova usina a óleo, quando a energia hidráulica está aí desprezada. Gente burra! Ou sabida demais!

Até as cigarras querem a liberdade



No escritório de Estêvão da Rua 13 de Maio, a correspondência se acumulava sobre a mesa. As atividades políticas, o banco, o turismo, as drogarias, a radioemissora, mil e uma preocupações não lhe permitiam dispensar atenção a tudo e a todos. Bons funcionários faziam as suas vezes, mas havia certo tipo de trabalho ou certo tipo de correspondência, muito pessoal, a que só Estêvão poderia atender.

Entre as missivas comerciais, se misturavam telegramas de Mônica e agora, mais do que nunca, cartas, muitas cartas amorosas, vindas de distintas moças ou senhoras. Estêvão nunca pensara na possibilidade de despertar tantas paixões! Paixões? Por quê? Lembrava quando era pobre, mal deixara o seminário, mais moço e forte, sentira dificuldades em encontrar namoradas. Linda lhe caíra do céu, com espontaneidade, como se tivesse nascido para ele. Nunca fora assediado. Jamais recebera bilhetes ou telefonemas femininos. Mas agora! Não havia mãos a medir, agora, que estava mais maduro, comprometido, com família e filho, não cessavam telefonemas para o escritório, e cartinhas, bilhetinhos, mensagens às vezes pungentes de tantas apaixonadas! Como explicar isso?

Estêvão abre um dos envelopes ao acaso, papel fino azulado, letra delicada, e lê, surpreso:

“Meu querido:

Como tenho pensado em ti! Como? De inúmeras maneiras. A minh'alma está impregnada de tua lembrança, de tua pessoa, de tua ternura... Imaginei tudo como num sonho diferente... estar a teu lado, sentir-me feliz, por alguns instantes...

Às vezes, sinto-me angustiada e cheia de dúvidas. Em relação a ti, há em mim sempre uma dolorosa interrogação: ‘Como estará ele interpretando



o meu gesto? Como me definirá em pensamento?” Querido, procura compreender-me. Eu te quero muito, e te admiro acima de tudo.”

Havia sempre aquela preocupação. Que juízo fará de mim? Que estará pensando a meu respeito? Nunca fiz isso com ninguém... é a primeira vez... não sei onde fui buscar forças para agir dessa forma... Umas inocentes, coitadas!

Estêvão põe de lado a carta. Remexe sobre a mesa envelopes outros, com timbre dos Estados Unidos, México, Venezuela, Guianas, Bolívia. Há um envelope especial, delicado, cor rósea, que logo abre curioso. Aquilo era uma trégua nas preocupações, uma modalidade de higiene mental. Distraía.

“Sempre que te vejo, que te ouço, tudo significa riso, felicidade! É como se a vida ainda me proporcionasse tudo isso. É uma doce fuga à solidão que tortura e que mata.

Embora sabendo que estamos correndo perigo de mais uma ilusão, de mais um sofrimento, entregamos toda confiança e estima. Temos sempre necessidade de estendermos os braços para outros braços...”

Muita correspondência sobre a mesa, assuntos comerciais de permeio com missivas amorosas, de pessoas que mal conhecia, que encontrara nalguma reunião social, fora apresentado e logo esquecera. Mas elas não esqueciam. Telefonavam. Mandavam bilhetes, cartas caprichadas, letras bonitas, belas páginas literárias. Uma outra, que surpresa! Vira essa mulher de mãos dadas com o noivo na véspera:

“Os sentimentos que nascem espontaneamente são mais puros e sinceros. Por isso merecem compreensão e respeito. São puros, porque possuem a sutileza de uma simpatia sem artifícios...

Sempre que te falo, tanto teria a te dizer! É como se tudo de repente desaparecesse de minha mente...”

De repente, pensa Estêvão, não mais que de repente, da alegria fez-se o pranto silencioso e branco como a bruma. Tudo começava assim de re-

pente, um encontro fortuito, formal muitas vezes, sem segundas intenções, mas já se sentia marcado. Comentando com o Dr. Carvajal, este lhe falou francamente:

— É a posição social, Estêvão! O prestígio! O dinheiro! As mulheres adoraram os homens poderosos, ricos, vencedores na vida... Você é um vencedor...

Carvajal pisca um olho e conclui:

—... E bonito!... Você não se olha no espelho, homem?

— E por que, quando eu era mais novo e solteiro, elas não queriam nada comigo?

— Você era novinho, verdinho, como se diz do carro LTD, liso, teso e duro... agora não. Está madurão, ricão, bonito... Conquista qualquer uma daquela galeria do cronista Salim Fuad...

— Do cronista social do *Rebate*?

— Sim, homem! Gente caixa-alta... *High-society*... As cocadinhas, os moranguinhos... Elas querem presentes, dinheiro, aventura.

— Mas, Carvajal, eu não entendo! Essas criaturas estão loucas! São cartas de mocinhas, filhinhas do papai ou de senhoras respeitáveis... Escrevem mesmo... só não assinam... põem no final uma inicial ou um EU... Há louras, morenas, altas, baixas, de tudo...

— E daí?

— A letra, Carvajal... A letra revela a pessoa... Eu não tenho nada com essas criaturas. Não dou troco, não respondo... mas não se passa um dia sem que surja pelo menos uma carta dessas sobre a mesa...

— E agora vai receber mais!... Acaba de comprar o banco!... Prepare a cuca...

— Você já pensou se essas cartas caem na mão de Linda? E estou totalmente inocente... Não provoqueei nada nem retribuo...

Estêvão, as duas mãos enfiadas nos cabelos bastos, relembra o diálogo com o advogado. Seus olhos se fixam em outra carta, vinda pelo correio, registrada. Abre e lê:

“Desde que te conheci, agora com intensidade, trago carinhosamente o teu semblante suave, quase grave, seguro... vejo, mesmo com os olhos fechados, o teu imperceptível sorriso... sinto, quando me deixo ficar

sozinha, os teus lentos gestos de carinho, afago teus cabelos, vejo-os lindos na cor mesclada e fartos...

Tudo isso é maravilhoso para mim. É como o silêncio de uma prece, a paz que buscamos, na suprema centelha da comunicação, que só se transmite à luz da clara sensação interior de ter afeto para doar. Doação pura de sentimentos, vital aos que veem e valorizam a beleza das coisas simples, que nascem surpreendentemente em nós convertidas na felicidade de querermos alguém com profunda ternura.”

E virando a página:

“Pode ser ilusão... não aquela ilusão estéril, mas sim aquela capaz de motivar a esperança de um bem, que não permite sentir o mundo por transparências. Desejaria, sim, sentir a sinceridade de teus sentimentos... eu saberia entender a reciprocidade, seria essencial. Seria para mim como possuir todas as estrelas do céu, essa preciosa ‘flor única do mundo’... ‘O essencial é sempre invisível para os olhos... só se vê bem pelo coração... minha vida é monótona, mas, se me cativas, ela será como que cheia de sol...’ (Exupéry)

Um beijo nós teus cabelos.

(EU)”

Quem seria aquela criatura que assinava simplesmente EU? Eu quem? Leitora de Saint-Exupéry? *Eu*, ao que recordava Estêvão, era um livro de versos de Augusto dos Anjos, tenebrosos e belos versos, repletos de paixão, desengano, ciência e podridão... “Venho de outras eras/ do cosmopolitismo das moneras/ pólipos de recônditas reentrâncias/ larva do caos telúrico, procedo/ da escuridão do cósmico segredo/ da substância de todas as substâncias”. Estêvão repetia mentalmente os versos de Dos Anjos, claudicando aqui e acolá, mas repetia, numa associação e sucessão de ideias que se enlaçavam, se enroscavam, uma puxando a outra, como crianças brincando de roda nas praças de Barcelona. Ou como um novelo de cobras.

Outra missiva era mais pungente, alguém em solidão desesperada, im-

plorando um pouco de amor. Não, essa não podia ter interesse, era rica. Faltavam-lhe outros bens.

“Despertei com o corpo dolorido, a boca amarga, a sua lembrança presente na minha memória e uma saudade enorme de você. Saudade? Perguntará você. Como sentir saudades do que não se teve? Mas eu o tive. Eu o criei. Talvez eu o inventei, sem que você exista realmente... E me apaixonei pela imagem que minha fantasia criou. Caminhei de mãos dadas com você por ruas floridas de cidades imaginárias. Por lindas praias caminhamos descalços sentindo a areia sob os pés nus, vigiados pelas estrelas, envoltos pelo luar. Tontos, ouvimos músicas, cuja melodia eu jamais escutara. Tanto vivi esse sonho que não conseguia distingui-lo da realidade. Daí o choque do despertar.”

Estêvão não tinha condições de atender a todas. Seria demais. Nem poderia. Não se adaptava ao seu feitio. Recebia com certa melancolia aquelas mensagens vindas do fundo da alma. Seriam sinceras? Algumas talvez, outras não. Ilusão. Revelavam, porém, uma grande verdade: quanta gente em desespero pelo mundo! Sepulcros caiados mostrando o exterior esbranquiçado diante do sol e guardando ruínas em seu âmago. Aquelas cartas provinham de um outro mundo, inaparente, do inconsciente de almas inquietas à procura de algo que não encontravam, e que não podiam encontrar em Estêvão, já tão atribulado por seu problema maior: Mônica. Bastava-lhe uma experiência arriscada e de difícil solução para não querer aventurar-se em outras. Todavia não desejava ser indelicado, ou grosseiro, com aquelas criaturas. Melhor seria não abrir mais os envelopes suspeitos, os cor-de-rosa, os azuis-celestes, os que cheiravam a perfume, às vezes enfeitados com florezinhas coloridas... Queimá-los simplesmente. E os diminutivos! *Benzinho, amorzinho, queridinho...* Gostavam de falar a respeito de seus cabelos e de seus olhos. Estêvão se mirava no espelho. Não via nada de mais. Até se achava feio. Carrancudo. Cara de padre, pois, como diz a Santa Madre, *uma vez padre, sempre padre...* Fica a marca na cara. Não adianta enriquecer, criar barriga, usar roupa da moda, pecar, beber uísque... A marca fica *ad perpetuam rei memoriam*. Cara de padre.

Que viam nele, Estêvão, aquelas moças ou senhoras, viúvas, desquitadas, comprometidas ou não, algumas bem-arrumadas na vida, aparentemente? Por que não apareceram dez ou quinze anos antes, quando era solteiro, livre, disponível, mais forte, embora pobre? Agora era tarde, Inês estava morta e enterrada.

E refletia: o mundo tem dessas desigualdades, dessas injustiças. Em certas fases da vida, não oferece nada. Noutras, é aquela inflação, aquele enjoo, de fazer indigestar qualquer um... Mundo errado, errado!... Sempre ouvira falar na divisão da riqueza... tese de economistas... devia haver também uma divisão de outras coisas... das alegrias... dos prazeres... das felicidades de todos os dias... assim a vida não teria altos e baixos... haveria gente menos infeliz sobre a terra... *Mondo cane*, dizem os italianos... ou *vita da cani*, vida dura, de cão... num mundo canino...

Todos esses pensamentos acodem a Estêvão, aliviam um pouco a tensão, constituem uma original higiene mental... Intimamente aquelas cartas lhe fazem bem, dão-lhe a ilusão de que é querido ou pelo menos desejado por alguém. E são tantas! Um consolo! Podem ser forçadas ou hipócritas, como sorriso de aeromoça ou recepcionista, mas de qualquer forma é sempre agradável receber um sorriso como saudação, em vez de uma careta ou um grunhido. O homem precisa de ilusões. Experiente e psicólogo, aceitava com serenidade todas aquelas manifestações de falso afeto, aliadas a outras, de correligionários, falsos à sua maneira, estes pedindo dinheiro, mais dinheiro, com chapas, mais chapas, para as eleições. Daí Estêvão descobrir certa semelhança entre algumas mulheres e os cabos eleitorais, sempre a querer dinheiro, mais dinheiro!

No meio de tantas mensagens, havia um envelope americano, com recomendação de urgência. Vinha de Levinsohn, carta escrita em código em que anunciava a partida de cinquenta automóveis (*turistas*) no navio *Abraham Lincoln*, a sair de Nova Orleans. Não dava perigo, porquanto cada veículo era acompanhado pelo respectivo proprietário com passaporte e documentação em ordem. Pois quem pode impedir que um turista traga seu veículo para rodar no país que deseja conhecer? Havia prazo certo para permanência, mas esse seria outro problema a resolver oportunamente. O essencial era a entrada dos carros no país, fato consumado. Cinquenta veículos, calcula

Estêvão, todos novos, já possuíam freguesia certa. Era só mudar a numeração, obter quartas vias falsas, rodar pelas estradas para São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Cuiabá, país muito grande, oito milhões e meio de quilômetros quadrados, pois quem iria apreender e identificar tanto automóvel? Além do mais ali estavam Dr. Carvajal para requerer mandado de segurança e Dr. Sombra para obter interditos, tudo em forma legal e de acordo com a jurisprudência mansa e pacífica! Quem teria coragem de dizer que a Justiça estava errada, a Justiça de olhos vendados, espada na mão direita e a balança na esquerda? Ou a Justiça como alegorizara Rafael, que além da espada e da balança e olhos não vendados se fazia acompanhar de quatro anjinhos, dois do lado direito e dois do esquerdo? E bonita, a Justiça de Rafael, uma mulher formosa italiana.

Que viessem os automóveis, cinquenta, e respectivos proprietários simulados, com passaportes visados, tudo em forma legal, carreiras internacionais de trânsito, etcétera e tal.

O navio podia entrar livremente, barra adentro, em direção ao cais do porco. Atracar bem em frente à alfândega, que perigo não havia nenhum. Parecia uma afronta, ponderava Estêvão, mas, afinal de contas, não era culpa sua terem colocado a alfândega junto ao porto, no velho prédio dos padres e mercedários, monumento histórico, mas cheio de galhos de apuízeiros nas paredes e goteiras por todos os lados. O velho casarão olhava a baía, suas numerosas janelas eram como olhos para o cais do porto. Olhos mortos, todavia. Do outro lado, a ilha das Onças, uma linha verde de mata tingindo o horizonte, separando o amarelo barrento do rio Pará do azul do céu. Uma fita verde, como que lançada no painel da natureza pelo pincel de um pintor gigante, Criador de todas as coisas. Era assim. A alfândega em frente ao cais, o porto raso e extenso, os navios estrangeiros ou nacionais atracados, cada qual com um lugar que lhe era indicado pela capitania. Ia ser uma farra, imaginava Estêvão, a chegada de tantos automóveis novos, uns brancos, outros verdes, outros azuis ou vermelhos, vários com teto de vinil, acessórios desde rádios a toca-fitas. As malas com quatro pneus sobressalentes, todos novos. Contrabando legal, tudo de conformidade com as normas superiores da jurisprudência. E aí de quem ousasse levantar cabeça contra a espada da Justiça! Tê-la-ia cortada. Espada afiada, em mãos

hábeis do Dr. Cota e do Dr. Camporal, enquanto estivessem na vara e não fossem corridos à vara.

Estêvão devaneia, toca o sino da Igreja das Mercês, por sinal bem ao lado da alfândega, sino plangente, como que repetindo o nome da cidade heroica: “Bem-Belelém...”, o que lhe faz lembrar ainda a Carifesta da Guiana, a negrinha declamando poetas brasileiros em inglês:

*“Bell of Bethlehem,
Bell of the Passion...
Bell of Bethlehem,
Bell of the Passion...”*

*Bell of Bethlehem you await all of them!
Bell of Bethlehem tolls bem-bem-bem.*

*Bell of the Passion, for those who go away!
Bell of the Passion tolls bão-bão-bão.*

Bell of Bonfim, for whom weep you that way?...”

O sino redobrava em melancólica saudação ao crepúsculo... dezoito horas... Estêvão se retira em busca do lar, o automóvel desliza rapidamente, o chofer diligente, as mangueiras sombreadas, cigarras cantando nos troncos caiados — “Zi-zi-zi-zi-zi” — o que lhe fazia relembrar a infância, quando perseguia as cigarras, aqui e acolá, esvoaçantes “Zi-zi-zi-zi-zi” — agarra-das ao tronco áspero. Às vezes, com mais sorte, conseguia pegar alguma, que vibrava em seus dedos, as asinhas presas, estrebuchava querendo a liberdade, a liberdade! Até as cigarras querem a liberdade. Entre os dedos infantis não cantavam mais, preferia soltá-las, para o alto, como se fossem dádivas da natureza, e logo recomeçava o zunido: “Zi-zi-zi-zi-zi”. O sol poente filtrava raios sanguinolentos pelas folhas verdes. Cidade original a sua, pensava Estêvão, plana, coberta de verdura, acolhedora e morna, cheia de sons estranhos, ora os zunidos das cigarras nos fins das tardes ou, em algumas manhãs, as revoadas das andorinhas e, em certas épocas, raras

embora, a invasão de tucanos ou araras, desviados da selva por algum temporal, arrastados inconscientemente para o inferno dos homens: a cidade. O apito, sim, o apito do jornal *Folha do Povo*, às dezoito horas, anunciador das noites ou dos grandes eventos nacionais: quedas de governos, revoluções, cataclismos, desgraças, feitos memoráveis.

— A *Folha* está apitando! — diziam vozes nas ruas. — Que será?

— Que será? — indagam outros.

— Que será? — dizem todos. — Que será? Que será?

A pergunta se multiplica pelas esquinas como um eco.

— Morreu o papa...

— Morreu o ministro...

— Morreu o rei da Inglaterra...

— Foi declarada a guerra...

— Assaltaram o presidente dos Estados Unidos...

— Jogaram a primeira bomba atômica...

Só notícias assim, caixa-alta, mereciam o apito da *Folha*... outras, as menores, não. Nada de apito. Bastavam as manchetes dos jornais... pretas ou vermelhas, conforme a gravidade ou a gravidez.

O apito do jornal e os sinos de Nazaré eram as imagens sonoras da cidade; o perfil da caixa-d'água, negro, quase sinistro, a imagem visual, pictórica, da capital.

Por isso, quando um secretário sugeriu ao governador mandasse demolir e vendê-la como ferro velho, este logo protestou:

— Nunca! Não quero passar à história como o governador que vendeu a caixa-d'água!...

Homem esperto, aquele. Deixou que outro depois a vendesse, a bom preço, enquanto os portões e grades muito artísticos, vindos da França, eram aproveitados.

O carro desliza pela Avenida Nazaré. Estêvão medita. Tudo lhe vem ao pensamento. A sua cidade, a infância, o passado, o presente, Mônica, Levinsohn, Tanderini, Levinski, Crakowiasky, Jobson, Jaime, Mr. Crooks, Marcial, Farid, Ezequiel, Abdon, Alim, Viscoso, Carivaldo, Pastoral, o Chefe, sim, o Chefe! Salomão (balança a cabeça para afastar a imagem de Salomão). Saudade de Caiena, de Mônica, naquele crepúsculo morno, a Rua General

de Gaulle, a Belle Monique, a escada íngreme, o segundo andar, o quarto luxuoso, Mônica, seus cabelos, sua imagem, seu perfume...

A tarde morna tem alguma coisa de Mônica... aquela ternura... aquele sombreado luxuriante, o verde das copas das mangueiras como um leito suspenso, o céu de tinta, os sons, tudo era convite ao repouso e ao amor. Mônica! Mulher ou demônio! Não lhe saía do pensamento, agora! Voltava forte como uma tempestade.

Estêvão gostaria de ter asas para voar naquele momento até Caiena. Uma força estranha, inesperada, de repente o atraía. Força mesmo, como um ímã. Todo o seu pensamento voava e se dirigia para a Rua General de Gaulle, a imagem de Mônica presente, como se fosse real. Aquele fim de tarde, aquela penumbra, a melancolia das folhas caindo das mangueiras copadas, tudo aquilo inesperadamente lembrava Mônica, o seu abraço, a sua ternura, o seu calor, o seu saber-amar sem medidas.

Precisava ficar, todavia. Chegariam os cinquenta turistas anunciados por Levinsohn. Todo um navio cargueiro traria tantos automóveis, fato inédito nos anais do contrabando. E no dia previsto aportou a Belém o *Abraham Lincoln*, sem a menor cerimônia, barra adentro, como se fosse o dono da casa, receando mais a lama dos canais entupidos na baía do que a lama fiscal. Aportou garboso, armazém número 2, a alfândega bem perto.

O delegado fora avisado por algum delator. Delegado duro. Guardas numerosos se encaminharam para o porto, armados. Um grande aparato. Foi requisitado um pelotão da polícia. Os fiscais estavam atentos, tendo à frente Constantino, o corpulento e temido guarda-mor, assessorado por vários outros agentes, magros, gordos, baixos ou altos. Cinquenta automóveis! Uma mina para a fiscalização. Cinquenta por cento no que fosse apurado! Bonito leilão! A lei desabaria com todo o seu peso sobre a cabeça dos infratores, já pensavam até em apreender também o enorme navio cargueiro, com destino a Rio e Buenos Aires e com outras cargas menores nos porões. A lei o permitia. Contrabando às claras, à luz do sol. Era apreender tudo, automóveis e navio.

Estêvão comandava do escritório. Não podia se expor. Mandou Ezequiel e Jaime observarem o movimento do porto, contactarem com o comando, enquanto avisava o Carlindo que garantisse a proteção policial para quem

estivesse *dentro da lei*. Sim, dentro da lei. Para aqueles homens, a lei era alguma coisa oca dentro da qual se entrava. E dela também se saía.

Por isso antes de o navio atracar, o pessoal da alfândega foi o primeiro a ter acesso a bordo, em lancha vermelha, um cordão de isolamento no cais, com proibição de entrada a qualquer pessoa estranha. E qual a surpresa de Constantino, quando, se dirigindo ao comandante e ao comissário de bordo, pediu a documentação e esta lhe foi apresentada, tudo em ordem.

— Estamos *dentro da lei*. — Falou o comissário, gorducho, rotundo, vermelho de tanto beber.

Como conseguira entrar na lei aquele homem tão corpulento?

Na verdade, os automóveis se faziam acompanhar de cinquenta proprietários, todos negros de Nova Orleans, com passaportes em ordem, vistos do consulado, pelo prazo de seis meses, prorrogável, direito de entrar e sair no país, sem quaisquer restrições. Eram turistas. Queriam conhecer esse maravilhoso país, “terra de sol”, como o chamam alguns, “pátria de heróis”, como afirmam outros, terra “onde a primavera nunca cessa”, como o definiu o poeta Modesto de Abreu, modesto em tudo, até nos conceitos. Queriam rodar pela estrada Belém-Brasília, mirar o sol ardente, o céu azul, a mata cor de esmeralda, os rios, as montanhas, as praias, tudo, tudo, tudo, regalar-se ou embriagar-se de paisagem!

Os cinquenta automóveis desembarcaram com os respectivos motoristas negros. Tomaram rumos diversos, de acordo com as preferências turísticas de cada um. Os negros, como as pombas de Raimundo Correia, voltaram ao país de origem, o seu pombal, mas os automóveis, como os sonhos da adolescência, não voltaram mais... Gostaram do país tropical, inigualável, do qual todos nos ufanamos, tendo à frente Afonso Celso. Deputado Visoso ficou com um carro verde, Senador Carivaldo preferiu o vermelho. O gabinete adquiriu um preto executivo. Os demais se desintegraram.

Tudo concorreu para ajudar o desembarque. Um enorme estrondo reboou nos ares. O que foi? o que não foi? A *Folha do Povo* apitou freneticamente. As casas tremeram, as vidraças (algumas) partiram, como num terremoto.

O rádio anunciou:

— Acabava de voar pelos ares a pequenina ilha, com a Fortaleza da Barra, depósito de pólvora há três séculos!

A explosão desviou a atenção pública para o inesperado evento.

...Estêvão recebe a visita de Balbino.

— Há quanto tempo, homem! Que fim você levou?

Balbino trabalhara em barcos de pesca de Estêvão durante vários anos. Um belo dia deixara espontaneamente, apesar dos convites insistentes para realizar viagens para as Guianas.

— Não, Estêvão. Não! — respondeu com firmeza o velho marinheiro. — Contrabando, não!

Com essas palavras secas, Balbino se despedira da firma. Abrira negócio próprio, modesto embora, uma mercearia no bairro do Umarizal. Nome sugestivo: Nova Vida.

— Prefiro ganhar pouco, mas honestamente. — Confidenciara Balbino à mulher, ao se desligar da empresa de pesca.

Os anos haviam passado.

Agora voltava a Estêvão. Que queria? Era sempre bem-vindo, o único auxiliar de Estêvão sobrevivente do naufrágio do Carnapijô. Sua figura estava presente na memória do amigo, lutando sobre o barco em perigo, o último a abandonar o posto.

— Homem firme, esse Balbino! — costumava dizer Estêvão. — Firme e correto.

Por isso constituiu surpresa para Estêvão receber a visita do velho amigo, depois de tantos anos.

Balbino foi logo falando:

— É um convite, Estêvão. Um convite. Minha filha vai casar. Quero que seja testemunha. Ainda é a nossa velha amizade que pesa. Afinal de contas, não ficamos inimigos.

— Você vai bem de negócios? — indaga Estêvão, curioso.

— Vou tranquilo — responde Balbino. — Negócio pequeno, mas seguro. Não naufraga. Vai dando para educar os filhos. No próximo ano formo um filho em medicina... o outro estuda engenharia...

A visita foi rápida. Balbino, o homem do mar, agora estava em terra, pé firme, vencedor à sua maneira.

Quando a sua figura baixa e atarracada desapareceu no portão, Estêvão ficou meditando: quanta grandeza naquele homem! Quanta firmeza, capaz de fazer-lhe inveja! Recusara todas as propostas para ingressar no contrabando. Quando a pressão se tornara forte demais, largou a empresa sem exigir indenização. Abriu pequena casa comercial. Criara e educara os filhos. Um esteio da nação, como tantos.

Estêvão, naquele momento, se sentiu mais pobre que Balbino, homem do mar...

Sangue e fogo na antemanhã



Quase meia-noite. Estêvão e Linda dormem, tudo é silêncio em casa, ouve-se apenas o tique-taque do relógio alemão, no alto da parede da sala, digerindo o tempo. Silêncio e penumbra, esta só quebrada pela pequena luz vermelha sob a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, que Linda pendurara desde a doença do Betinho. Fixara a imagem com suas próprias mãos e fizera promessa de acompanhar a pé, descalça, o Círio de Nazaré, conduzindo uma reprodução de Betinho em cera. Já providenciara a encomenda na Casa Círio, especialista de fama e a melhor da cidade. Vez por outra se apaga a luzinha vermelha. Escuridão total. É que a velha usina, de surpresa, corta a energia de bairros inteiros. Raciona a eletricidade. Desliga no Umarizal para ligar na Pedreira, desliga da Pedreira para fornecer no Jurunas, desliga do Jurunas para atender a Cremação. Doze sonoras badaladas ecoam, límpidas. Ambos dormem. Nem o ruído do relógio seria capaz de despertá-los.

Subitamente algo estranho acontece. Um ruído diferente vem de longe, cresce a pouco e pouco. Linda agora desperta, sem entender bem de que se trata. “São foguetes” imagina ela, algum aniversário de político ou comício pré-eleitoral. Mas os estouros lhe soam de forma extravagante. Que seria aquilo? Vagarosamente desperta Estêvão, que pula estremunhado, como se acordasse de um pesadelo:

— Que é? Que é?

— Está ouvindo, Estêvão? Que é isso?

Estêvão fica imóvel, fixa o olhar em um ponto indefinido.

— Comemoração a esta hora? — pergunta Linda. — Meia-noite?

Estêvão sente remoer-lhe as entranhas. Aquele não é barulho de foguete, nem de bombas de clorato, é coisa mais séria, um ruído que se tornou muito familiar, vem da infância, se encontra guardado no porão da memória há muitos anos, como uma chaga secreta.



— Isso não é foguete, mulher — murmura como se o escutassem do lado de fora. E baixando ainda mais a voz:

— É bala! São tiros!

Os dois sentam à borda da cama. Estêvão passa o braço direito sobre o ombro de Linda. Ambos escutam. Os estouros prosseguem, amiudadamente, à distância, cada vez mais nítidos, mais sinistros, dentro da noite.

— É bala, muita bala! Que será?

— Você não faz ideia? — pergunta Linda, fitando-o nos olhos. — Nenhuma?

— Sinceramente, não. Mas as coisas vão ficando azedas. O *Rebate* está violentíssimo. Trata o Chefe de canalha para baixo. Ainda ontem publicou um artigo: “Abaixo os canalhas!”, pregando a desordem e a insurreição. Não há mais respeito a nada. O governo está ficando fraco para controlar a anarquia. A polícia recorre à violência. É pior. Eu sempre disse que a violência gera violência. E o resultado é esse. Você está ouvindo?

O tiroteio parecia intensificar-se, muito embora, vez por outra, houvesse pequenas tréguas. Recrudescia sempre depois de intervalos.

Na rua passam automóveis em alta velocidade. Estêvão espreita por uma fresta da janela. Tudo deserto. Não há valima, apenas os veículos, como se tivessem enlouquecido, passam rapidamente, sempre na mesma direção.

— Eu bem que lhe pedi para não entrar em política. Você ainda vai ter dores de cabeça.

— Que fazer, mulher? É o destino... Afinal de contas há muita gente metida nisto. Desgraça de muito consolo é... Arrepentido estou, não só de ter entrado na política, mas de outras coisas mais. Arrepentido de quase tudo que fiz até hoje, depois do naufrágio do *Nova Esperança*... com exceção do que se refere a você e Betinho... O homem às vezes é arrastado pelo destino... *Livre-arbítrio* ou *determinismo*, é uma velha questão que não vou lhe explicar agora a esta hora, e debaixo desse barulho de balas... Você não entenderia.

Os tiros espocam secos. Os ouvidos de Estêvão bem conhecem esse tipo de ruído. Recorda a infância a mãe trancada com os filhos pequenos no quarto sem janelas, os meninos agarrados em sua saia como pintainhos sob asas. Vinha à tona da memória toda a infância. O pai. A mãe. Os irmãos. A

vida modesta, mas tranquila, honrada. Depois o seminário. A fé. As preces. As meditações. O estudo. Bons tempos!

Lembrava agora expressão que ouvira insistentemente no seminário: “*Benedictio patris firmat domos filiorum*”, a bênção do pai reforça a casa dos filhos (Ec. 3:11). Àquele tempo a casa possuía duas bênçãos, a do pai de Estêvão, ainda vivo, e a do Pai, Nosso Senhor... E o pensamento de Estêvão voava para o seminário, as preces, as expressões latinas ainda vivas: “*Benedictus Dominus per singulos dies: portat onera nostra Deus, salus nostra*”. Bendito seja o Senhor, dia a dia! Ele nos alivia de todo o nosso peso, o Deus da nossa salvação (Salmos 68:19).

A campanha do telefone interrompe as divagações de Estêvão.

— A esta hora? — diz Linda. — Quem será?

Estêvão atende pressuroso:

— É Varlindo, Estêvão. Você está ouvindo o tiroteio?

— Estou, sim. Mas onde é isso? O que está acontecendo?

— É no *Rebate*, estão assaltando o jornal.

— Mas quem está assaltando? Fala, homem.

— Ora quem!... É o povo!... O diabo é que houve uma surpresa. O pessoal do jornal está armado também e o tiroteio é de lado a lado. Já há gente morta. Houve dois homens eletrocutados... Os portões de ferro estão ligados na energia elétrica...

— Mas a cidade está às escuras... não há corrente...

— Eles têm gerador, estão prevenidos. Mas não vão resistir por muito tempo... acaba a munição. Consta que os atacantes são em grande número e estão dispostos a incendiar o jornal... O Parcifal é macho pra burro...

— E a polícia? Que faz? E o governo?

— Consta que saiu um pelotão da Polícia Militar comandado pelo Capitão Manfredo... Sucede que o *Rebate* já atacou o Manfredo, dizendo horrores dele e da família inteira... Não sei como vai ter ânimo para impedir que prossiga o assalto.

— E as forças federais?

— Ora, Estêvão, o estado é autônomo... Está na Constituição... Para os federais intervirem há muita formalidade... É preciso que o presidente au-

torize e o ministério determine... tudo isso demora... Enquanto o pau vai e vem, o assalto prossegue... Você não quer dar uma olhada por lá?

— É imprudência, Varlindo... Se nos veem por perto podem acusar-nos de participação nesse assalto...

— Deixa de ser apavorado, homem...

— Não se trata disso... Já enfrentei situações bem difíceis... Mas por que vou me expor numa briga que não compreí? Nem fui consultado antes...

— Pois eu vou para lá... Quero ver de perto a cobra fumar...

Varlindo desliga. Durante duas horas o tiroteio prossegue com intervalos irregulares. Às vezes parece ter cessado definitivamente. Quando menos se espera recomeça, com maior intensidade. Duas horas de expectativa, Estêvão e Linda sem poderem mais dormir, vão ao quarto de Betinho, que ressona tranquilamente, expressão de ternura e inocência. Estêvão abraça Linda na presença do filho e lhe confia em voz baixa:

— Você e Betinho são tudo para mim...

Linda não diz nada. Põe em ordem o lençol protegendo o filho de corrente de ar. Fecha totalmente a janela, antes semiaberta.

— E se vier alguma bala perdida? — indaga ela, aflita.

— Não é possível, Linda. Está muito longe. A briga é no centro. Não chega por aqui.

Passam, nesse momento, com espantoso estrondo, carros de bombeiros, as campainhas tilintando doidamente apesar da madrugada, quase três horas...

O tiroteio cessa a pouco e pouco. Silêncio. Tilinta novamente o telefone:

— É Viscoso, Estêvão. Já sabe o que está acontecendo?

— Sim, atacaram o *Rebate*. E como vão as coisas? Quem atacou?

— Não me pergunte quem atacou. Foi o povo. É o que eles queriam. Insultavam todo o mundo. Mas o tiroteio cessou. Conseguiram incendiar o jornal. O pessoal está saindo como barata do braseiro... Você não quer ir ver?

— Não é prudente, Viscoso...

— Não apresenta perigo, homem. Não há mais bala. É só fogo. Além do mais o que é que você fez daquele revólver Taurus que lhe vendi? Não me diga que colocou no armário...

Estêvão, por um impulso natural, gostaria de ver de perto o incêndio. A passagem dos carros dos bombeiros era sinal de que o tiroteio cessara e caberia agora debelar as chamas.

— Quem comanda os bombeiros é o Coronel Bermuda, nosso amigo... E inimigo de morte do Parcifal. Tempos atrás houve um problema com alguém da família do Bermuda e o Jornal botou o escândalo pra fora, com retrato e tudo. Fez um escarcéu horrível. Agora o Bermuda vai apagar o fogo... Você acha que vai?

— Sei lá, homem...

O capitão da polícia e o coronel dos bombeiros eram inimigos de Parcifal e do *Rebate*. Que resultaria daquele sarilho todo?

— Você sabe, Viscoso, que o Capitão Manfredo saiu com a tropa?

— Sei sim, mas consta que antes de se dirigir para o jornal fez uma volta enorme pela Pedreira, depois pela Cremação, levou mais de uma hora rodando à toa, dando tempo para o assalto... O mesmo deve estar fazendo agora o Coronel Bermuda... Os bombeiros estão passeando pela cidade... não encontram nunca o incêndio...

— Por aqui já passaram duas vezes... — diz Estêvão.

— Vão passar mais duas... só chegarão lá quando o fogaréu tiver destruído tudo...

Viscoso insiste:

— Vamos lá, Estêvão! Não há mais perigo. Vou buscá-lo no meu carro chapa fria... Vamos disfarçados. Veste um macacão de operário, eu vou com a minha farda da reserva, para o que der e vier...

Estêvão concorda. Movia-o uma imensa curiosidade. Queria contemplar aquele espetáculo, horrível embora, mas seria testemunha dos fatos.

Linda discordava. Era loucura sair àquela hora. Já passava das três. Podia levar uma bala. Lembrasse que possuía mulher e filho... E abraçava-o angustiada.

— Confia em mim, mulher... Afinal de contas, não posso bancar o covarde... Vou só observar...

Estêvão prepara-se para sair. Passa para a copa. Acende a luz. Numa gaiola dourada o canário-belga canta, “talvez acreditando o pobrezinho, que a luz da sala seja a luz da aurora”. Por que cantam os pássaros? É a pergunta

mental que assalta Estêvão... Em plena madrugada o pássaro canta, enquanto os homens rangem os dentes ou choram. Cantam mesmo prisioneiros, à luz artificial, que lhes deve refulgir nos olhos como um sol repentino.

Tocam a campainha. É Deputado Viscoso à porta. Veio depressa. Em poucos momentos ambos percorrem a cidade..

— Estou conhecendo esse carro, Viscoso, é o do gabinete?

— Ele mesmo, o Impala preto...

Estêvão recorda que o trouxe de Caiena num desembarque espetacular no Maracacuera. O gabinete o comprara. Carro bonito, negro, digno de uma repartição.

— Está com chapa fria — explica Viscoso. — É para não dar na vista.

O motorista veste calça e blusão comum. Viscoso está fardado e Estêvão à vontade, para não dar na vista. Com a rapidez própria dos veículos oficiais, o Impala engole distâncias.

— Cessou o tiroteio — fala Estêvão.

O motorista, Genaro, sem virar a cabeça, vai informando:

— Passei por lá quando fui buscar o carro. É um fogaréu... Morreu gente de lado a lado. O que dificultava o assalto eram as portas eletrificadas. Mas parece ter havido interrupção de corrente. Dizem que o gerador pregou. Aí a macacada aproveitou para arrombar e invadir o jornal.

— E quem comandou o assalto?

— Não se sabe ao certo. Havia uns capangas por lá. O Chico Cego, mais conhecido por Dezoito, apelido que trouxe da caserna. Mau elemento. O João Pernalta, vulgo Pudim de Cachaça. Gente assim...

O motorista conta a história de Dezoito, de nome Pancrácio.

Fardara-se de major e andara pelo interior amedrontando os caboclos, levando em sua companhia dois malfeitores, um vestido de capitão e outro de tenente. Dizia-se encarregado do recrutamento militar. Tipo vistoso, forte, farda nova, impressionava bem. Os caboclos pagavam uma taxa pela dispensa do serviço dito obrigatório. E o faziam com alegria. Dinheiro entrava a rodo. Prefeitos incautos recebiam oficialmente o *major* e seus dois comparsas. Ofereciam almoços, homenagens. Major Pancrácio arrebanhava boa receita. Ninguém dava pela história. Tudo longe. Falta de comunicação com a capital. Quem poderia suspeitar que aqueles três pândegos não

eram oficiais de verdade? Somente um prefeito suspeitou. Fora suboficial da ativa, estava na reserva. Conhecia bem o trato, o “jeitão” dos oficiais. Suspeitou e telegrafou para Belém indagando da autoridade competente se havia três oficiais correndo os municípios, a serviço do recrutamento. Resposta negativa. Prisão. Quando os três penetraram no quartel, presos, mas ainda fardados, a guarda prestou continência, não para eles, mas para os fardamentos que envergavam. Despidos dos uniformes foram para o xadrez. Pancrácio, melhor aquinhado, mereceu a “cela”. Seu apelido Dezoito fora anterior, soldado convocado e expulso como mau elemento. A folha de alterações não tinha mais uma linha em que escrever.

Dezoito e Pudim de Cachaça agora eram capangas.

Estêvão nunca tivera contato com essa fauna humana. Que poderia ocorrer com a alma de um homem para tornar-se capanga? Ignorância? Fanatismo? Vocação? Ainda não surgiu um psicólogo (pensava Estêvão, enquanto o carro deslizava) que realizasse estudo completo, da personalidade do capanga, essa figura sinistra? O capanga é o homem capaz de tudo, mata friamente, incendeia, assalta, comete qualquer crime a um aceno do chefe a que está subordinado. Mas subordinado por quê? Por dinheiro? Por ambição? Prazer de servir? Há uma dependência moral inexplicável entre o agenciador e o capanga. O Chefe às vezes trata o capanga brutalmente, diz-lhe desaforo, insulta, maltrata, o capanga tudo aceita, como cachorro feroz que atende aos gritos e pontapés do dono. Raramente reage e quando o faz é para matar, repentinamente. Há como que um amor mórbido entre o capanga e o chefe. Soma de ignorância, fanatismo e ambição.

Dezoito deixara m   fama nos quartéis. Muitas prisões. Pudim de Cachaça era   brio habitual. Essa espécie de gente endeusava Carlindo. A vida policial o aproximara dos marginais. Criara-se uma simpatia recíproca entre o delegado e os fac  noras, um *modus vivendi*, até admiração!

Na madrugada sem atenuantes,    proporção que o Impala se aproximava do local do incêndio, o clarão dourava o céu. Dir-se-ia uma aurora de fogo, um sol de fogo, um horizonte de fogo.   quela hora já havia cordões de isolamento. Não seria possível avançar de carro até as proximidades. As ruas estreitas dificultaram as manobras.

— Temos que parar por aqui — diz o motorista. — Salvo se o deputado quiser se identificar.

— Não. Prefiro descer incógnito. Estacione adiante, naquela sombra, longe do lampião.

Os dois descem. Infiltram-se pela noite. O clarão aumenta à proporção que se aproximam.

— Esse prédio é muito antigo, três andares, construído há mais de cem anos — explica Viscoso.

— Fácil de pegar fogo. Uma raridade arquitetônica do século passado. Você já entrou lá, Estêvão?

— Sim, faz muito tempo. Lembro que tinha uns salões amplos, forro de estuque, azulejos portugueses na fachada...

— O assoalho era todo de pranchas largas de acapu e pau-amarelo. Mármore por todo lado. Uma beleza, por dentro.

— Faz pena, pegar fogo! — pondera Estêvão.

— Pena nada... Você já viu casa de maribondo? Não é uma obra de arte? Os buraquinhos como janelas de arranha-céu? Os maribondos são artistas... No entanto toca-se fogo... *O Rebate* é como casa de maribondo...

Muita gente se aproxima do local. A cidade inteira despertara. Dir-se-ia uma romaria na antemanhã, pessoas estremunhadas mal vestidas, homem com blusas de pijamas, senhoras apavoradas, despenteadas, todos querendo ver, olhar o monstro devorado pelas flamas. Faltava apenas uma quadra. Guardas raquíticos, com fardas amarelas, armados de fuzis, impediam a passagem.

— Não pode... não pode... não pode...

Viscoso fala para Estêvão:

— Agora vou ter que me identificar para poder passar.

Aproxima-se de um dos guardas e discretamente mostra-lhe o cartão de identidade:

— Pode passar...

— Estamos juntos...

Logo mais os dois vencem a barreira sob as vistas de pessoas do povo curiosas, os olhares se projetando naquela aurora imprevista e de consequências imprevisíveis.

Já se ouve o crepitar das chamas. Gritos. O incêndio se mostra todo aos olhos de Estêvão como uma fornalha imensa aberta na noite. O calor lambe-lhe as faces.

— Santo Deus! Vai devorar tudo...

— E os bombeiros? E a polícia civil e militar?

Chegara a polícia militar com enorme atraso, depois de consumada a tragédia. Os assaltantes se evadiram. Cinco ficaram estirados no chão, três mortos e dois gravemente feridos... Os bombeiros só agora apareciam, o ruído das sirenas e sinos alarmando os habitantes do bairro comercial. Chegavam tarde. O fogaréu levantava labaredas irregulares para o céu, como línguas de sangue, paredes rufam com estrondo, os que puderam salvar-se eram conduzidos em ambulâncias para os hospitais. Havia mortos internamente, os cadáveres cremados pelo fogo incontrolável. Macas transportavam alguns mortos e feridos, retirados a tempo.

Estêvão e Viscoso andam pelas sombras. Não querem ser reconhecidos. Num pequeno grupo alguém comenta:

— Os assaltantes usaram latas de gasolina, por isso o fogo subiu logo...

— Nem precisava isso. — Responde outro desconhecido. — O prédio é velho e dentro estava cheio de papel, um carregamento novo que receberam ontem. Pega fogo como folha de bananeira.

Traves desabam levantando fagulhas de fogo, como pingos de ouro, de mistura com fumaça negra.

— Chegou o carro-tanque dos bombeiros...

— Mas falta água... a válvula não funcionou...

De que adianta aquele aparato todo se não funciona a bomba, não existe água na cidade, por acaso ou de propósito?

— Tudo isso é plano de Carlindo — comenta Viscoso.

— A usina de luz falhara com a corrente elétrica, a água não aparecia nas tubulações, a polícia chegara depois do assalto e, agora, mesmo que água houvesse, o prejuízo se fazia total. Tornava-se necessário salvar os prédios vizinhos, o quarteirão inteiro, tudo construção velha, de madeira, pedra e cal, madeira ressequida há mais de um século, para extasiar os olhares dos que apreciam tragédias.

— Chegou a água! — grita alguém.

As mangueiras dos bombeiros começam a esguichar o líquido para o alto, atingindo em cheio a fornalha. Nuvens de fumo negro se elevam para o céu. Só agora conseguiram a água, quando o prédio do *Rebate* estava praticamente destruído e todo o seu recheio queimado, oficinas, redação, depósito de bobinas de papel, arquivo, móveis, tudo.

— Calcula-se o prejuízo em sete milhões de cruzeiros — diz alguém. — As linotipos eram novas. Acabaram de receber um prelo moderno, alemão.

Os bombeiros tentam isolar as edificações vizinhas, casas de tecidos, bancos, uma confeitaria. A rua enche-se de água e lama, detritos e cinzas. Vez por outra desaba uma janela, as vidraças se espatifando de encontro ao solo. Os soldados do fogo começaram a penetrar nos prédios vizinhos, tentativa heroica dos proprietários em fazerem a retirada de móveis, cofres, mercadorias, máquinas registradoras, tudo o que podem salvar.

— Ladrões! É preciso cuidado com os ladrões!

Apesar do esquema de segurança, só agora armado pela polícia, muita gente estranha invadira a quadra, penetrara sorrateiramente: curiosos, parentes vagabundos, ladrões.

— Estão assaltando a Casa Cornucópia...

Eram ladrões, alguns de pouca idade, penetraram na casa comercial e de lá retiravam máquinas de escrever, liquidificadores, rádios pequenos, tudo o que podiam transportar com relativa facilidade.

Aproxima-se um grupo de homens com máquinas fotográficas, batem fotos.

— São jornalistas — diz Viscoso para Estêvão. — Vêm dar cobertura. Amanhã todos os jornais do mundo vão publicar essas fotografias com a legenda: “ASSALTO CRIMINOSO A UM JORNAL”. Ou então “SANGUE E MISÉRIA NO NORTE DO PAÍS”.

Bombeiros carregam corpos de feridos, semimortos, homens, mulheres, crianças. Do alto das janelas mulheres gritam histéricas. Querem atirar-se. Bombeiros recomendam calma. Colocam escadas. Chega um carro enorme.

— É o novo carro-escada. Foi comprado no sul. Ferro velho.

A escada de cinquenta metros enguiça. Os bombeiros lutam para fazê-la funcionar, até que conseguem apoiá-la em uma janela do prédio vizinho ao do jornal. A edificação do *Rebate* não oferecia mais segurança. As portas e

janelas eram imensos buracos negros por onde saía fumo e fogo. Nenhuma possibilidade de entrar, nem de salvar bens ou pessoas. A ordem agora era livrar os vizinhos. Jatós d'água abrandavam o fogaréu. Fumo. Muito fumo.

— E Parcifal e seus jornalistas? — indaga Estêvão a um oficial dos bombeiros.

— Salvou-se em tempo. Tem fôlego de sete gatos. Morreu um jornalista, parece que é o Vitorino Carvalhosa. Há vários feridos.

Deslembrados do tempo Estêvão e Viscoso mal notam que surge a aurora. São quase seis horas da manhã quando resolvem retirar-se. O local do antigo *Rebate* lembra a cratera de um vulcão em atividade. Pela tua só há lama, restos de objetos queimados, móveis a serem transportados, alguns caixotes, todos molhados, os salvados do incêndio memorável.

— Enquanto viver recordarei essa cena — diz Estêvão. — Nunca pensei que um incêndio fosse tão horrível quanto um naufrágio. Os dois extremos.

O automóvel ficara longe. Descem pela Rua Governador Souza Castro. A Igreja de Santana mantém as portas abertas, iluminada. O sacerdote, muito cedo ainda, tomando conhecimento da desgraça, abre o templo. Veem-se fiéis rezando, rezando, rezando.

Estêvão demonstra desejo de penetrar no templo. Viscoso não faz questão, mas acompanha.

A alma de Estêvão se sente envolver pela luz de um novo incêndio: aquele altar, aqueles círios, aquelas imagens, um Cristo sanguinolento, à direita da entrada a monumental reprodução em bronze do São Pedro existente na Basílica de São Pedro, no Vaticano, o pé liso e dourado de tantas mãos que ali passam, embaixo a inscrição latina:

TU ES PETRUS
ET SUPER HANC PETRAM
AEDIFICABO ECCLESIAM MEAM
ET PORTAE INFERI
NON PRAEVALEBUNT
ADVERSUS EAM

Estêvão traduz mentalmente: “Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei

minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”.

Aquele São Pedro de bronze conquistara fama de milagroso. Milhares de devotos passavam pela sua frente, as mãos nos lábios, o toque no pé reluzente, a fé a rebrilhar nos olhos. As promessas. Os agradecimentos. Todos de joelho.

Estêvão não sabia bem explicar por que não perdera atração pelos templos, pelas imagens, pela oração.

Despertou de seu embevecimento com Viscoso puxando-o pelo braço:

— Vamos, Estêvão! O Chefe vai precisar de nós hoje!

Lá fora era a aurora. Neblina. Andorinhas, às centenas, pousavam sobre os fios de iluminação elétrica da pequena praça.

O sino da igreja tocava, reboava. Eram como um novo *Rebate*, alertando os fiéis.

Na edição matutina do *Radical*, na primeira página, vinha uma nota oficial do partido, firmada pelo Chefe, reprovando o atentado antidemocrático e um artigo de fundo de solidariedade aos colegas de imprensa, embora adversários, na hora da desgraça.

Pequenos jornalheiros já apregoavam pela rua: “Incêndio no *Rebate*! Assalto à mão armada! Leia o *Rebate*!”

— Como pode ser isso, Viscoso? Os jornalheiros estão anunciando o *Rebate*?

— Vamos comprar.

O *Rebate* saíra assim mesmo, impresso nas oficinas de outro jornal, por solidariedade. A *Folha do Povo* cedera as suas máquinas e dois ou três jornalistas se encarregaram de improvisar um jornal, inclusive com fotografias do incêndio. As manchetes se apresentavam violentas:

“GOVERNO SEM ARGUMENTOS USA DE VIOLÊNCIA. ASSALTADO NOS-
SO JORNAL POR UMA QUADRILHA SITUACIONISTA. REAÇÃO A BALA.
AS GRAVES OCORRÊNCIAS COMUNICADAS AO GOVERNO FEDERAL,
SENADO E CÂMARA DOS DEPUTADOS. PEDIDA INTERVENÇÃO PARA
O ESTADO. O GRANDE RESPONSÁVEL ESCONDIDO NA TOCA, COMO
UM COVARDE”.

Quando Estêvão chega em casa Linda vai logo avisando:

— O telefone tocou pelo menos dez vezes. Senador Vivaldo deixou recado. Vai haver manifestação de desagravo ao Chefe. Você deve estar lá às onze horas.

Estêvão marcara vários compromissos comerciais para as onze horas. Banco, turismo, rádio, drogarias. Pedras e heroína. Heroína e pedras. Um número considerável de homens estava a seu serviço, mas necessitavam de comando. A máquina não poderia parar. Cancelou tudo. Tinha que estar presente. Se não comparecesse cairia no desagrado do Chefe.

Na sede do partido, desde as sete horas da manhã, chegava gente. Ouvia-se apenas a voz metálica do Chefe falando com alguém:

— O senhor nunca viu um juiz punir um juiz, por mais safado que seja! O honesto protege o desonesto. Nós punimos os colegas faltosos, arrancamos os galões e mandamos para casa ou para a cadeia! O senhor já viu um juiz condenado por outro juiz?

Estêvão não se interessava pelo assunto. Mas soube logo que a conversa se relacionava com medida enérgica do tribunal punindo o Dr. Cota. Representação do Dr. Motta provocara o debate. Cota fora afastado para responder inquérito. Outro juiz que concedera *habeas corpus* a contrabandista preso fora também advertido pela Corregedoria e suspenso pelo Conselho Disciplinar.

Surgiam pessoas de todos os lados, a manifestação de desagravo crescia, o povo transbordava pelas portas do prédio amplo, tomava toda a rua, o trânsito teve de ser desviado. O Chefe falou sob aplausos frenéticos. Vários deputados também, principalmente Viscoso: “O Chefe não tinha nada a ver com aqueles acontecimentos lamentáveis. O assalto ao *Rebate* fora realizado pelo povo indignado com a orientação do jornal”. E rematava: “Chefe, aqui está o teu povo! Povo, aqui está o teu Chefe!”

Foguetes. Gritos. Palmas. Risos quando o Chefe disse que os “carcomidos queriam voltar ao poder”.

A cabeça de Estêvão fervilhava. Precisava enviar duas maletas de pedras preciosas para o chinês de Caiena. Deveria controlar a heroína, em duas partidas, uma via Caiena outra diretamente para Levinski e Tanderini, em São Paulo. Ezequiel era esperado com quatro automóveis e um mundo de

bebidas e perfumes. Farid fora a Paramaribo buscar mercadorias e realizar negócio com ferro velho, mil toneladas, compradas no Suriname, à razão de trinta dólares cada uma, com frete e tudo poderia sair por oitenta dólares, preço certo de venda no Brasil por cento e vinte dólares. Com lucro líquido de quarenta dólares em cada tonelada, em mil toneladas, carregamento exato de um navio, ganhariam quarenta mil dólares. Havia muito ferro velho no Suriname, máquinas, acessórios, engrenagens antigas vindas da Holanda, em depósitos, por todos os lados. Negócio seguro. Tudo era pretexto para ganhar dinheiro, com a cobertura da política e das sociedades a que Estêvão já pertencia, de âmbito mundial. Tornara-se um cidadão do mundo, conhecido em numerosos países e grande prestígio em sua terra. Por essa razão, quando terminou a manifestação de desagravo, o Chefe lhe disse amistosamente, sem testemunhas:

— Estou satisfeito com o seu comportamento, Dr. Estêvão. Outro dia, quando o senhor fez aqueles protestos contra violências, não quis dizer-lhe nada na ocasião. Mas fiquei-lhe muito grato. Eu sou um homem rude, tive uma vida de lutas e sofrimento, fui perseguido, andei preso, não tenho a sua formação intelectual. Vou fazer-lhe um pedido: aja sempre assim comigo. Quando eu quiser fazer qualquer coisa errada proteste como fez outro dia. Sou-lhe muito agradecido.

E com um sorriso largo:

— Estou pensando fortemente em candidatá-lo a federal, em vez da estadual. Ainda há tempo. Estamos dentro do prazo.

Estêvão saiu meio tonto. Estaria falando a verdade? Aquele homem, tão forte e tão humilde agora em sua presença, confessando suas falhas e fraquezas, pedindo críticas e censuras, seria o mesmo ferrabrás pintado pelo *Rebate*?

Mais uma vez aflorou ao espírito de Estêvão a pergunta que o perseguia, há muito tempo: “De que será feita a alma humana?”

30

A romaria



Muito cedo, ainda madrugada, Estêvão e Linda já estavam despertos. Movimento em toda a cidade. Dia do Círio de Nossa Senhora de Nazaré! Deviam cumprir a promessa, acompanhar a romaria a pé, levando nos braços reprodução de Betinho em cera, desde a saída, na catedral, até a chegada, na basílica, onde as “promessas” são lançadas em um grande depósito, para aproveitamento posterior pela igreja.

Betinho não poderia acompanhar. Ainda se restabelecia, fraquinho, não suportaria os repuxos da multidão e a longa distância a percorrer, às vezes sob sol intenso.

Seis horas da manhã, em frente à catedral, já há muita gente. A praça cheia, o povo circundando a estátua de Frei Caetano Brandão. Os sinos tocam. Do outro lado, a velha Igreja de Santo Alexandre, o palácio arqui-episcopal, o quartel de uma unidade militar depois a Cidade Velha, ruas esmirradas, lembrando cidadezinhas portuguesas, com casas antigas e baixas, resistentes à ação do tempo.

A catedral, apesar da alvorada, apresenta-se toda iluminada. A luz dos círios mede forças com a luz do sol, que se insinua pelos vitrais e pela porta principal, aberta de par em par. O tapete de veludo vermelho se estende até o altar-mor vendo-se, no alto, o imenso órgão e, em pintura a óleo, a imagem de Nossa Senhora.

Estêvão e Linda resolvem entrar no templo, enquanto, lá fora, se fazem preparativos para a romaria. Há tempo suficiente, alguns minutos que sejam, para rever a velha catedral no seu maior dia, dia em que parece renascer, depois de mais de dois séculos de existência. Estêvão conhecia toda a sua história. Em frente, do outro lado da praça, sobressaía o casarão do velho seminário em que estudara, olhando a baía, ao lado da residência do arcebispo. Estêvão explicava a Linda: aquela catedral nascera em 1723, por



ordem de Dom João V, rei de Portugal, o qual “desejava se lhe desse toda a magnificência possível”. A primeira pedra só se assentou muito depois a 3 de maio de 1748, sob o plano do arquiteto italiano, filho de Bolonha, Antonio José Landi. Para Estêvão, tudo são recordações. Mergulha no passado. Ergue-se do fundo de seu inconsciente a sua alma miga. Alma de padre, sem dúvida. Observa o nicho com a imagem de Nossa Senhora de Belém, tão sua conhecida. O amplo recinto abrange trinta braças e seis palmos, desde o limiar da portada até o retábulo do altar-mor. A nave principal alcança seis braças de largura. Sem a nave do presbitério, a medida é de treze braças e meia. Entre o vestíbulo e as grades do cruzeiro veem-se cinco altares de cada lado. A cornija é de cor pedra lioz e corre por cima de capitéis dourados, que coroam as pilastras dos intervalos dos altares. Lá fora, as duas enormes torres possuem dezoito braças e meia de estatura, coroadas de zimbório e lanterna fingida. Quantos anos se levaram para edificar o templo! Ficou pronto a 8 de setembro de 1771. Tudo dentro é bom gosto e austeridade. Estêvão revê as pinturas conhecidas, a decoração da abóbada e algumas telas de autoria de Domênico de Angelis, o painel sobre o altar-mor de Lotini, a tela em que se vê o Padre Eterno de Silverio Capparoni. Sob o piso do coro, até onde vai Estêvão, embevecido pelas lembranças, seus olhos se fixam na inscrição, que assinala a reforma realizada pelo arcebispo Dom Macedo Costa:

“INSTAURATA ANNO DOMINI
M DCCC L XXX VIII”

1888! Mais de um século depois de seu acabamento fora restaurada. Dali, desde o século XVIII saíam, todos os anos, em manhãs ensolaradas, os Círios de Nossa Senhora de Nazaré. A mesma imagem, os mesmos rituais, com modificações que o tempo vinha acrescentando a pouco e pouco, servidas pela fé. Nos primórdios partia da capela do Palácio do Governo.

Começam a chegar as autoridades. Primeiro o governador, os componentes da diretoria da festa, o chefe do partido, os comandantes militares, secretários de Estado, senadores, deputados, vereadores, prefeito da cidade, diretores de repartição e alguns convidados ilustres, todos em lugares

especiais, no início do cortejo, tendo à frente o arcebispo metropolitano. A berlinda está pronta para receber a imagem, à porta do templo, repleta de flores naturais. A santa é transportada pelo próprio arcebispo, nas mãos, com os aplausos da multidão. Antes de introduzi-la na berlinda, eleva-a nos braços para que seja vista por todos. Os aplausos aumentam, senhoras se ajoelham, muitos rezam. Ordena-se o cortejo, ainda confuso no início. Estende-se a corda de isolamento, longa e vigorosa, amarrada à carreta, arrastada a braços pelos fiéis. Sinos e sinos. Foguetes. Estêvão é chamado para dentro da área defendida pela corda de isolamento, lugar protegido, junto às autoridades, antes da berlinda. À frente está a banda de música da Polícia Militar, fardas de gala. Linda caminha descalça, pisando nos paralelepípedos duros, mas satisfeita, tendo nos braços um Betinho de cera, incômodo de transportar, não tanto pelo peso, pois é oco, mas pelo tamanho. Aquele garotão de cera vai dar o que fazer durante o trajeto, que dura muitas horas. Vez por outra transfere-o para as mãos de Estêvão e assim, dividindo a carga, chegarão ao fim.

— Nisso é que está o valor da promessa! — diz Linda. — No sacrifício... dedicado à Virgem de Nazaré...

Carrega o boneco de cera com alegria, pisa no chão sujo com prazer, recebe a luz do sol no rosto com gosto, tudo nela é satisfação, porquanto Betinho está salvo. Tem oportunidade, assim, de pagar à santa o grande milagre...

Os carros que compõem a romaria em geral são colocados distantes uns dos outros. Um dos primeiros é o dos *foguetes*, onde três homens têm por missão projetar para o alto, de vez em quando, foguetes em varas que espocam espalhando fumaça azulada, desfeita lentamente. Vão à frente. Transcorrido algum tempo surge o carro do Anjo Custódio. Depois de passar grande massa humana, vem o carro de Dom Fuas Roupinho, representando o milagre da Virgem de Nazaré, Portugal. Dom Fuas montado num cavalo, este com as patas dianteiras para o ar, as traseiras apoiadas no rochedo. A caça perseguida projeta-se no abismo e a imagem da santa se vê, no alto, na visão de Dom Fuas, ao operar-se o milagre. A seguir aparece o carro chamado dos *milagres*, onde se depositam velas e objetos de cera simbolizando as curas. Muitos romeiros preferem transportar as suas ceras até a basílica. Alguns

carros coletores de oferendas passam também. São tantas as promessas, que apenas um veículo seria insuficiente. Às vezes têm o formato de canoa, com marinheiros. Finalmente a carreta com a berlinda, puxada a braços, a corda de isolamento espichada no meio da multidão.

Surgem pessoas de todos os becos, da Cidade Velha, da Cidade Nova, pela Praça Dom Pedro II, onde sobressaem o Palácio do Governo e o da prefeitura. Cresce a massa. Sinos enchem o ar. O cortejo começa, timidamente, autoridades à frente. A banda toca. Foguetes explodem. Às centenas. O povo reza cantando:

“Oh, Virgem mãe amorosa
Fonte de amor e de fé,
Dai-nos a bênção bondosa,
Senhora de Nazaré”.

Há rezas indefinidas. Lembra, a praça, um lago revolto pelo vento, que cada vez mais se agita, até transbordar pela outra praça vizinha, bem maior, transformando-se num verdadeiro oceano. Oceano de pessoas que se movimentam, cabeças que se agitam, braços, vestes de todas as cores, em conjunto multicolor derramado serenamente, ora sob as mangueiras verdes, ora ao relento, tendo o céu azul como teto. O céu. Geralmente nessas manhãs de outubro não chove. Não há lembrança (em terra tão dada a chuvaradas) de um único Círio sob chuvas. A Trasladação, romaria que se realiza na véspera, à noite, em que a santa é transportada do seu altar no Colégio Gentil Bitencourt para a catedral, às vezes é salpicada de chuviscos. O Círio, não. Começa a se alastrar desde as seis horas da manhã, na movimentação que só termina ao meio-dia, quando penetra na basílica e se espalha pelo largo, como um rio que transbordasse de seu leito.

As casas estão enfeitadas. Todas as janelas abertas. Tapetes de veludo, toalhas rendadas se estendem em algumas janelas, ouvem-se foguetes a toda hora. Até nas obras em construção há pessoas trepadas nos andaimes. À proporção que o cortejo se desloca, as multidões se ajoelham e oram, oram e se ajoelham, quando passa a imagem, em sua berlinda dourada e de cristal, arrastada por centenas de braços humanos, que porfiam na preferência, os

homens vergados, como se fossem cair ao solo, quase uns sobre os outros, disputando um palmo de corda para puxar. A carreta avança. Para. Avança de novo. Para. Torna a avançar. Estanca. E assim, infinitas vezes, vai sendo conduzida pelas artérias principais: Praça Dom Pedro II, Rua Conselheiro João Alfredo ou o Ver-o-Peso, os barcos com os mastros enfeitados, Boulevard Castilhos França, no velho comércio, Avenida Presidente Vargas, moderna, cheia de edifícios novos, à entrada da cidade e do porto. Quando passa pelo Sindicato dos Estivadores, a procissão estanca. Há uma homenagem especial por parte dos trabalhadores do porto. Explodem ao mesmo tempo centenas de foguetes, ensurdecendo a todos. Na fachada do sindicato uma enorme faixa com os dizeres:

“HOMENAGEM DOS ESTIVADORES À VIRGEM DE NAZARÉ”.

Os navios, no porto, apitam. As explosões se sucedem por longo tempo, maciçamente, ininterruptamente, como se não quisessem mais acabar. Do outro lado, o cais do porto, os velhos e negros armazéns das docas, construção provisória dos ingleses em 1907, e permanente até hoje. Os navios continuam apitando. Estêvão lembra já ter lido que, naquele espaço, entre o sindicato e o cais, tudo fora água no século passado. Aterraram-no os ingleses. Seu pensamento logo se desvia para Linda, que começa a cantar, o boneco de cera nos braços. Não podem acompanhar no mesmo ritmo as autoridades. Vão ficando para trás. Das janelas das casas veem-se braços saudando o Chefe, que, cercado de correligionários, vai na frente da berlinda, chamando a atenção, distribuindo saudações para a direita e para a esquerda, como se fosse o dono da festa.

Todos o querem ver. Ou melhor, os correligionários, porque os adversários preferem observar de esguelha. Se pudessem até fechariam as janelas. A não ser a berlinda, é quem mais atrai os olhares. Prestígio! dizia o Deputado Viscoso ao ouvido de um senador. Prestígio do Chefe! Todo mundo olha para ele. Algumas senhoras levantam crianças no braço e dizem baixinho:

— Olha o Chefe, meu filho!... Lá vai ele, entre o governador e o Senador Vivaldo...

Quando a romaria atingiu a Praça da República, de vastas proporções a

massa humana se espalhou sob as alamedas e túneis de mangueiras. Mangueiras seculares, enfileiradas como colunas de navios de uma catedral criada pela própria natureza. Fogos, sempre fogos. Preces, sempre preces.

Muitas freiras, em disciplinadas filas, oram em voz alta:

“Virgem de Nazaré, Mãe de concórdia,
Derrama sobre nós misericórdia!”

E o coro:

“Virgem de Nazaré, luz que nos guia,
Ave Maria! Ave Maria!”

Novamente as preces se elevam para o alto:

“Virgem de Nazaré, Mãe carinhosa,
Oscula a nossa frente, generosa!

Virgem de Nazaré, graça e poder,
Livra o nosso mundo do sofrer!”

As preces e os cantos são perturbados por foguetes ao longe, os que assistem das janelas se ajoelham. Os que contemplam das calçadas se curvam, joelhos sobre a laje fria.

“Virgem de Nazaré, força e esperança,
Alcança-nos de Deus, paz e bonança!”

Logo a seguir:

“Virgem de Nazaré, contempla o mundo,
Que jaz perdido em lodaçal profundo!”

Estêvão se sente mal. Aquelas vozes parecem dirigir-se a ele, como se

fosse culpado de todos os males do mundo. Seu pensamento rodopia, pula de Caiena para Miami, de Miami para Acapulco, de Acapulco para Caracas, de Caracas para o seminário, do seminário para a infância, da infância para a figura do pai, da lembrança do pai para o *Nova Esperança*, o naufrágio, a água gelada endurecendo as pernas, o céu sem esperança no mar alto, a aurora, o barco americano, Bob, o contrabando.

“Virgem de Nazaré, salva esta terra
Da mor calamidade: o fogo, a guerra!”

Depois:

“Virgem de Nazaré, há um céu de anil...
Abençoa este céu, é o meu Brasil.”

Mônica, Caiena, México, Indra, Linda, Betinho, Crakowiasky, Levinsohn, Farid, Levinski, Tanderini, Ezequiel, Vida! Alim, Carlindo, Emanuel, Melchior, Benaiol são figuras que vêm ao seu pensamento, quase que ao mesmo tempo, compondo um quadro interior fantasmagórico, quais retalhos pregados num painel. Contrabando, a saída das pedras preciosas (lembrava que Levinski voltaria com novas cargas de pedras), a heroína, sim, a heroína, entorpecente, responsável pela ruína de milhares de almas.

O cântico-prece continua:

“Ampara este Brasil do brasileiro,
Mandando a paz e a fé ao mundo inteiro!”

E finalizando:

“Socorre o nosso povo, aumenta a fé,
Mãe do Brasil! Oh, Mãe de Nazaré!”

Mil formas toma a procissão, em nenhum momento se faz igual, a cada minuto muda de figura, como um caleidoscópio de proporções desmedidas,

enchendo os olhos. Verde das árvores, túneis verdes, azul do céu, branco das nuvens, sol dourando as fachadas das casas, milhares de cabeças, pontos negros a perder de vista, vestes de todos os matizes, um conjunto heterogêneo a se deslocar, ora lentamente, ora célere, apertado nas ruas estreitas e transbordando nas praças.

Mais adiante alcança o Largo da Memória. Estêvão recorda a infância. Ali brincara muitas vezes. Revolução de 1930. Criança ainda, mal sabendo andar, fora olhar, às seis horas da manhã, vestido de camisa, um soldado morto na esquina. O sangue deixou marca na pedra de lioz por muito tempo. A noite toda a fuzilaria assoviara sobre os telhados. Não entendia o que era aquilo. Sentia, todavia, terror ante o terror alheio. Todos recolhidos em um quarto, sem falar, escutando lá fora aqueles silvos sinistros, alguns terminando bruscamente, como num sopro: pluf, outros se prolongando, indefinidamente, como um assovio do Diabo. Sim, o ruído das balas sibilando no ar lembrava assovios do Demônio. Sua imaginação se encheu quando a romaria atingiu aquela pequena praça, também chamada Largo da Memória, depois Largo do Redondo, mais tarde Largo da Redenção, depois Praça Caldas Brito, agora Praça Infante Dom Henrique. Afinal de contas aquilo não chegava a ser uma praça. Era uma praceta, como se diz em Portugal. A praceta que maior número de nomes tivera. Nomes que dariam para encher um *boulevard*. Algum dia poderá chamar-se Largo Estêvão Conceição, ou Deputado Viscoso, ou Senador Vivaldo. Quem sabe? A história, como a vida, dá tantas voltas, se enrosca toda! Fora naquele largo, no passado, que surgira o hábito de usar-se a corda no Círio de Nazaré, para arrastar a carreta com o andor da santa. Não era pavimentado. A Estrada de Nazaré, barrenta, apresentava locais úmidos ou pantanosos. Aquele era um. Toda a vez que a carreta ali chegava, mergulhava no atoleiro. Não podia sair. Os braços dos romeiros tornavam-se insuficientes. Precisavam usar cordas. Corre-corre à procura de cordas, que amarradas à carreta arrastavam-na para o solo duro, fugindo à terra encharcada. De exceção passou a ser regra, todos os anos. Prevendo outras atolações, o povo instituiu o uso da corda, que a Igreja aceitou, pacificamente, até 1926, sendo arcebispo Dom João Irineu Jofilly. Estêvão rememorava tudo isso. Estudara no seminário a história da santa, dos milagres e da romaria, esta iniciada em 1793, ao dia 8 de setembro, levada nos braços do bispo. Inicialmente a imagem era

transportada em carro de boi. Dom João proibiu o uso da corda. Não havia necessidade. Os atoleiros haviam desaparecido com o tempo. A praça agora estava pavimentada de paralelepípedos portugueses. Para que corda? Mas o povo não aceitava a ordem do bispo. Já se habituara. Entrara na tradição. A corda fazia parte da festa. Caboclos se debruçavam sobre ela, gingando, alguns até em passos que pareciam de dança, ao som da banda de música, suados, vermelhos do sol ou de alguma pinga, o suor escorrendo pelas faces, puxavam, puxavam a corda, como se estivessem na pesca do arrastão nas praias de Nazaré, em Portugal. Havia uma semelhança, imaginava Estêvão, entre o arrastão das praias lusitanas, a portuguesada em fila puxando a rede, dizendo palavrão, e aqueles caboclos humildes arrastando também uma outra rede, em que a carreta com o andor constituíam a carga principal. A própria massa humana lembrava o mar da praia de Nazaré. Quem sabe não haveria alguma razão de ser naquela parecença, que só agora lhe ocorreria, vendo a cabroada gemendo no esforço de arrastar, enquanto as freiras e os padres cantavam e rezavam, e o povo circundante se ajoelhava e se persignava com fé? Quem sabe? A verdade é que Dom Jofilly sofreu campanha terrível do povo e da imprensa. Estêvão lembrava o que lera em um velho exemplar do jornal *A Gazeta do Povo*, já desbotado pelo tempo, que publicava versos firmados por “*Um paraoara*”, violentos, atacando o bispo:

“Vai embora, Dom João!
Sai do mato o javali,
O tatu sai do buraco,
Da folha sai o tabaco,
Só não sai Dom Jofilly.”

O diabo do poeta rimava Jofilly com javali! O professor de literatura citava os versos como mau exemplo de rimas infelizes... E prosseguia:

“Não sejas tão renitente,
Batinudo esconjurado,
Sai ligeiro, de repente,
Vai saindo, endiabrado.”

Ora, como se atrevia aquele poetastro a chamar de endiabrado ao bispo?!
O representante maior da Igreja, o dono da festa afinal de contas, o antístite!

“Cantar n’outra freguesia
Deves ir sem mais demora
Será hora de alegria;
Vai, que por ti ninguém chora.”

Como deve ter sofrido o pobre Dom João! Afinal de contas, o que desejava era apenas disciplinar a romaria, dar-lhe caráter religioso, afastar o profano. A corda às vezes era pretexto para empurrões, gritos, quedas, ferimentos, cachaçadas de um ou outro caboclo. Um governador temperamental *impinimou* com a ordem do bispo. Queria a corda de volta.

“Do teu palácio cercado
Por essa guarda civil
Não estás desamparado,
Abandona o teu covil.”

E logo mais:

“Vai-te embora do Pará,
O povo não te perdoa;
Tens ali o Guajará,
Mas não sai sozinho à rua...”

O poeta rimava perdoa (que devia pronunciar *perdua*), com rua, autêntico filho da terra, até no estilo, e na pronúncia, fechando os *oo*.

“Senão castigo terás,
Como já teve um judeu...
Vai-te embora ferrabrás,
Hoje quem manda sou eu...”

Dom Macedo Costa sofrera também campanha semelhante. Proibiu o Círio, como festa profana. O povo fez a romaria por conta própria e quando passava pelo arcebispado largava gestos feios e palavrões para o antístite.

Dom João, também chamado Dom Irineu, sofreu demais! Injustiça aquela campanha toda! De que valia, pensava Estêvão, todo o sacrifício do santo bispo para servir àquele mesmo povo? As orações, os jejuns, as meditações! Povo de cerviz dura! Recebia pedras em lugar de flores. Horrível! Às vezes Estêvão não se arrependia de ter abandonado o seminário. Pelo menos agora, que estava rico, respeitado, poderoso, futuro deputado! Quando que, na carreira eclesiástica, ofereciam-lhe uma deputação? Aquela multidão, aparentemente cheia de humildade e mística, tornava-se feroz em certos momentos. Incontrolável. Ali mesmo, naquele Largo da Memória, foram incendiadas a casa e a biblioteca de um grande poeta, Tenreiro Aranha. Queimados os livros. Cabanagem. Guerra intestina terrível. Sentimentos soltos, em fúria. Os livros estalavam nas chamas, com cupim e tudo.

E o episódio de Antônio José de Lemos, o prefeito que transformou a cidade, que antes fora de feio aspecto, em metrópole chamada “Pequena Paris”? Praças, como as melhores da Europa, bulevares, ruas largas, palácios, escolas monumentais, um mundo de realizações, tudo com fino gosto, tudo. As publicações da prefeitura, naquele tempo chamada intendência, faziam gosto. Álbuns magníficos. O mobiliário era o que havia de mais fino. Estêvão às vezes se deliciava contemplando aqueles álbuns impressos em Paris, revendo as fotografias das repartições, tudo luxuoso e caro, quadros de artistas famosos, e agora? Desaparecera tudo, como por encanto. Furtaram, aos poucos. Os móveis, os lustres, os tapetes, os quadros. Furtaram. Era dar de ombros. Caso encerrado. Por isso o Chefe certa vez lhe disse:

— Amigo Estêvão, este é o país dos fatos consumados! Qualquer escândalo dura apenas três dias, suficientes para o noticiário dos jornais! Três dias!

E era verdade. A obra do Velho Lemos, assim chamado pelo povo, desaparecera em parte. Só não desaparecera aquilo que não se podia meter nos bolsos, como os quiosques franceses das praças, os prédios monumentais, o Orfanato de Santa Isabel, o Asilo de Mendicidade, os jardins e as flores. Pois foi aquele mesmo povo, a que ele servira, que o trouxe para as ruas, de pijama. Apupavam-no, jogavam-lhe pedras e outras coisas mais infamantes.

Cuspiram-lhe no rosto. Era de ver aquela multidão empurrando o ancião pelas avenidas que ele embelezara — como agora fazia o pessoal da oposição com o boi de botas. Com uma diferença, que o boi era apenas um símbolo grotesco, até engraçado, carnavalesco, enquanto o Velho Lemos foi arrastado pela turbamulta, humilhado como ninguém. Ah! Aquelas pedras do chão, as pedras de lioz, vindas de Portugal, foram testemunhas de muita indignidade! Por que o Velho não reagira à bala para morrer lutando? Por quê?

Dizia-se também que, no início do século, quando os nordestinos, acosados pelas secas, procuravam o Pará (e não vinham apenas os famintos lavradores, mas homens de saber, formados em Recife, promotores, juízes, advogados, escritores, filósofos, como Farias Brito, Carlos Dias Fernandes, Quintino Cunha, Domingos Olímpio e tantos outros), houvera forte reação. Atribuíam a Lauro Sodré palavras injustas. Teria dito ser preciso arrancar as pedras do chão para jogar naqueles aventureiros, emigrantes dentro da pátria. O Pará era dos paraenses, isto é, dos tais que *comiam tucumã sem sujar a boca*, os descendentes dos primeiros habitantes, falavam fechando os *oo*, *canua*, *pessua*, *perdua*, e abriam os *ee*, *dé bubuia*, *dé mulho* (em vez de *de molho*). Assim, por exemplo, “*Coroné Pessua naufragu dé noite é ficu dé bubuia no fôro da Laura, acabou perdendo a canua*”. E o mais engraçado é que, enquanto fechavam os *oo*, abriam os *uu*, pois onde já se viu dizer *fôro* em vez de *furo*, *curoja*, em vez de *coruja*, *curnocópia* em vez de *cornucópia*? Dizem que o velho político propôs isto: arrancar as pedras do chão, ir todo mundo para o cais do porto esperar os navios que vinham do Ceará, e quando a arigozada começasse a desembarcar, trouxa nas costas, amargura no olhar, a pedra *comia* na cabeça deles. Pedra pra cá, pedra pra lá. Estêvão não acreditava naquilo. Infâmia! Lauro Sodré fora um grande homem, com virtudes raras (a não ser a imprudência da tal revolução da vacina), mas fora homem digno. E o exemplo é que, quando o Velho Lemos foi arrastado pelas ruas e levado para a casa de um tal Horácio, arrasado, humilhado, destruído, o anfitrião que lhe oferecera bondosamente hospedagem sugeriu que o levassem de barco para Marajó e, na viagem, o jogassem n’água... Anfitrião das Arábias, esse. Um grande precursor, esse Horácio (nada de poeta), precursor de Mussolini, Stalin e outros bichos da fauna internacional. Lauro protestou! Não se humilha o hóspede nem se aflige o aflito!

Uma atitude digna, essa do velho Lauro, dava a medida de sua grandeza moral, que o fez chegar a candidato a vice-presidente da República! Mas a verdade é que a campanha existiu, no começo do século com o nome de *antiarrivismo*. Outro governador, Paes de Carvalho, foi contra a restrição aos irmãos nordestinos, abriu-lhes de par em par as portas do estado e da Amazônia. Colonizou. Botou sangue novo, de mistura com o antigo que ali existia, cor de açaí. Tudo isso vinha ao pensamento de Estêvão e plena romaria, à proporção que passava pelos locais e revia cenas e episódios do passado, tão seus conhecidos. Quanta miséria e quanta desgraça se derramavam sobre aquelas lajes! Quanta fúria alimentara a alma daquele povo, em momentos de agitações políticas, nos albores da Independência, cerca de um ano ligada a região a Portugal, depois do 7 de setembro de 1822. Só a 15 de agosto de 1823 aquele chão tornou-se Brasil. E logo depois a Cabanagem. Sangue ainda. O corpo de Malcher arrastado pela praça, o Largo do Palácio, que também já mudara de nomes de acordo com a burrice oficial das épocas, até se fixar num, o de Pedro II, com justiça, embora que tardia. A procissão prossegue. Estêvão vez por outra desperta de suas lembranças e relembrações. É um amigo que acena. Alguém que o chama pelo nome ou Linda que fala. Desperta.

O movimento mais intenso se concentra junto à berlinda. Homens, na ânsia de segurarem a corda, são por ela arrastados, caem. De vez em quando um ou outro pode sair ferido por alguma queda desastrada. Ali só se veem homens, não é possível, nem a mulheres, nem a crianças, tomarem parte no violento arrastão da carreta. Alguns tentam calcular o número de romeiros: quinhentos mil! Seiscentos, setecentos mil... Impossível avaliar toda aquela avalanche.

Passada a refrega, prossegue a multidão, a perder de vista, espalhando-se pelas esquinas em direção de outras ruas, como uma enchente que extravasasse descontrolada. Vêm outros carros, mais um, o dos milagres, repleto de oferendas, ex-votos, promessas, mãos, braços, pernas de cera, cabeças, algumas ostentando, tintas de vermelho, feridas, contusões, cânceres. Velas, de todos os tamanhos, se misturam com aquelas figuras anatómicas repelentes, feitas de cera, mas simbolizando os sofrimentos humanos aplacados pelos milagres da Virgem. Não apenas objetos de cera, algumas

peessoas carregam nas cabeças toda sorte de oferendas como rodas, lemes, barras, cadeiras, canoas em miniatura, cada uma simbolizando a natureza do acidente sofrido, se num carro, em barco, nas fábricas. Alguns se vestem com mortalhas. Vários conduzem melancias grandes e verdes, frutos talvez de sua colheita pessoal. Cada coisa tem a sua significação, o seu sentido, a sua finalidade. Muita gente descalça, pés habituados a meias delicadas e a tapetes de veludo, pisam e repisam a pedra dura. Tudo parece muito natural, naquele dia. Nenhuma casa permanece fechada. Nenhuma janela vazia. Desde a véspera as cozinheiras trabalham, no sacrifício de aves, principalmente patos e perus. Milhares são degolados, holocausto que lembra os tempos do paganismo. Mais tarde, aliviada a procissão, virão os almoços e banquetes, famílias inteiras reunidas, mais agregados e convidados. Enquanto isso os sinos repicam. A procissão passa, lentamente, horas a fio, como se não tivesse fim.

No arraial, em frente à basílica, numerosas barracas foram montadas, às pressas, feitas de madeira, em caráter provisório. Bares, lojas, sorteios, cavalinhos, olas, rodas-gigantes, tacacazeiras, uma variedade imensa de brinquedos, pendurados ou expostos ao chão, gritos, apitos, silvos, música, uma barulheira de ensurdecer. Teatrinhos populares nas laterais da praça, algumas empresas locais ou do Sul, especialmente contratadas para temporada, com os letreiros: “Não te mete nisso...”, “A casa da viúva Costa...”, “Naqueles palcos brilharam no passado Açucena Banhos e Mara Rubia...”. Balões, muitos balões, de todas as cores, de vez em quando um se desprende e sobe, rapidamente, levado pelo vento, para longe.

— Vai para a China! — grita um garoto — Chinou!...

Quando o cortejo atinge a Praça Justo Chermont, chamada Largo de Nazaré, onde se encontra a basílica, gera-se O tumulto. O largo é insuficiente para conter aquela avalanche de gente, que transborda pelas ruas laterais. Quem se aproximar da santa corre o risco de ser esmagado pela incontrolada massa humana. Dir-se-ia, agora, não apenas um oceano encrespado, mas um redemoinho violento tragando pessoas, jogando-as para longe. Todos se defendem como podem. Parece uma luta, não uma romana.

Estêvão e Linda cada vez se distanciavam mais da berlinda e das auto-ridades. Saíam da corda, deixando passar o grosso da romaria, protegidos

por uma porta de garagem, na Avenida Nazaré, antiga Estrada de Nazaré.

Quando aquele rio-mar humano já parecia mais calmo, mais rarefeito, retomaram a caminhada, o boneco de cera, ora nas mãos de um, ora nas mãos de outro, Linda rezando quase o tempo todo, fé verdadeira.

Na entrada da praça, veem-se os arcos, cobertos de centenas de lâmpadas, com a imagem da santa no meio. À noite, iluminada, produz efeito feérico. Todo o largo aliás se apresenta repleto de lâmpada, em várias direções, ali colocadas somente para os quinze dias de arraial. A fachada da basílica recebe semelhante ornamentação recoberta de luzes...

Os pés de Linda doem no contato com o chão asfaltado, ou com paralelepípedos. Os de Estêvão também, ele mais resistente do que ela, mas o pensamento em devaneio, lembrando, ante aquele espetáculo fantástico, os tempos do seminário.

Numerosas ordens religiosas, em longas filas, à direita e à esquerda, caminham lentamente. As filhas de Maria, todas de branco, entoam o canto, que o povo secunda, num rumo coletivo, que sobe para o céu:

“Vós sois o lírio mimoso
Do mais suave perfume
Que ao lado do Santo Esposo
A castidade resume...

Oh... Virgem Mãe amorosa...”

Mal as vozes das filhas de Maria cessam, o povo recomeça o canto:

“De vossos olhos o pranto
É como a gota de orvalho,
Que dá frescura e encanto,
À flor pendente do galho...

... ..

Dai-nos a bênção bondosa
Senhora de Nazaré...”

Estêvão relembra o seminário, as rezas matinais e vesperais, os colegas, alguns hoje padres virtuosos, cheios de fé. A mãe desejando que fosse sacerdote, o pai aconselhando-o a explorar a pesca. Atividade rendosa. O *Nova Esperança*, o naufrágio no Carnapijó, em plena noite. Se tivesse seguido a carreira eclesiástica, imaginava, não estaria ao lado de Linda, nem teria Betinho... E a riqueza que acumulara, em alguns anos de atividade, ilegal embora, mas riqueza, em suma! Prestígio, dono de um banco, numerosos barcos, drogarias por todos os lados, radioemissora, futuro deputado! No partido o Chefe dissera, na véspera:

— Bem que Estêvão poderia ter sido candidato à federal...

E o Senador Vivaldo, batendo-lhe no ombro com um leve riso, que tanto poderia ser de afeto como de mofa:

— Se prepare para ser senador da República! Sim. Na próxima. Com tanto prestígio, dinheiro a valer e cultura, daria um grande senador da República, um pai da pátria!

Estêvão nunca sabia quando Vivaldo falava sério, nem quando gracejava. Uma figura indefinível e impenetrável. O pensamento de Estêvão voava, às vezes se fixava na romaria, nas imagens, rezava, dava um mergulho na sua segunda natureza. Outras vezes se arrependia de ter-se envolvido em tanto negócio ilícito, mas afinal de contas o dinheiro é a mola do mundo! Era o Demônio que se acercava melífluamente de seu coração, entrava sem pedir licença, enxotava o anjo da guarda. Pobre do anjinho vinha há muitos anos perdendo sempre, diante da arrogância e da malícia do Demônio. Às vezes sentia saudade da vida reclusa, as quatro paredes, pensamento em Deus, silêncio, ninguém para perturbar, dedicação exclusiva e tempo integral para salvar a alma. Vida suave, refeições na hora certa, rezas também, bons companheiros, estudo, muito estudo, meditação, mergulhava os olhos e o pensamento nos textos latinos, decoraque-te-decora, mas algo ficava daquilo tudo: o perfume, as ideias altas, o raciocínio exato e profundo. Por isso, todo egresso de seminário é culto e vivo (diziam-lhe). Os que não são vivos são *vivaldinos*, afirmava Carlindo, com ironia. E não perde o jeito, fica com cara de padre para o resto da vida. Não adianta vestir roupa de tergal, camisa listrada, gravata vermelha, sapato branco. Quanto mais estapafúrdia a indumentária, mais sobressai o padre, daquele conjunto de

cores extravagantes. Via às vezes Cônego Adamor, gravata roxa e camisa amarela. Mas olhava na cara e via o sacerdote, a maneira de andar, de falar, de dizer as coisas, suavemente. Uma vez padre, sempre padre... Estêvão quase se ordenara. Jogado no mundo acabara ficando com duas naturezas sobrepostas. Aquele Círio, aquela romaria grandiosa despertava em sua alma sentimentos há muito sepultados. Era como se fizesse uma escavação, encontrava fósseis. Sentia a sua alma como o solo de Óstia ou de Pompeia, devassado, revirado, vindo à tona todas as relíquias sepultadas pelo tempo. Nem observava que, de vez em quando, correligionários lhe acenavam das janelas, alguns o cumprimentavam com as duas mãos apertadas no ar, outros levantavam o polegar da mão direita, sinal de vitória no próximo pleito eleitoral. Estêvão caminhava, lentamente, nos momentos de maior aperto, o povo se comprimia nalguma passagem mais estreita, os carros paravam, Linda se asfixiava, perdia o ar, passava o boneco de cera para Estêvão, que o levantava sobre a cabeça, as duas mãos para o alto, a fim de evitar que fosse esmagado pela turbamulta.

— É preciso cuidado, Estêvão — recomendava Linda. — Num desses empurrões podem amassar todo o Betinho.

Aquele boneco de cera, para ela, não era um boneco, mas o próprio Betinho representado, são e salvo da terrível broncopneumonia, que quase o liquidara.

Só raramente o pensamento de Estêvão se dirigia para Mônica. Sim, ali ela não tinha vez, havia muita prece por perto, seria até descaramento estar ao lado de Linda, com Betinho nos braços, e perto da berlinda da Virgem, e ainda pensar em Mônica. Só o Demônio, vez por outra, tentava forçar a porta do coração. À força não conseguia entrar. Valia-se então de outros meios, fazia-o suavemente, como quem desliza, como quem se insinua pelo buraco de uma fechadura. Quando Estêvão mal se apercebia, já o Demo se achava lá dentro tendo Mônica pela mão.

Mônica, Mônica, Mônica... Estêvão não sabia bem o que era aquilo, se visão, sonho, alucinação, coisas do Demo, Mônica, Mônica, Mônica. Apertou a cabeça com as duas mãos depois de passar o menino de cera para Linda. Talvez fosse uma alucinação. Mônica, Mônica, Mônica... Não, não era alucinação, era ela, ela, ela, viva, viva, viva, só enxergava dois olhos como brasas,

dois olhos de gato, tão seus conhecidos; era ela, Mônica, em pleno Círio de Nazaré, não acompanhando, mas observando, na beira da calçada, com os olhos fitos na multidão como se fossem dois faróis em alto-mar. Era ela, a medonha! Bem que ameaçara! Telegrafara várias vezes chamando Estêvão. Ameaçara. Agora cumpria a promessa, ou melhor, a ameaça. Mônica também tinha uma promessa a satisfazer no Círio de Nazaré, mas uma promessa diferente, promessa de ódio, de rancor, de vingança. Fazia muitas horas que se postara ali, naquela esquina, em plena Avenida Nazaré, certa de que, naquele trecho, passariam as autoridades e Estêvão poderia ser encontrado. Não esperava que Estêvão estivesse acompanhado de Linda, aquele bonecão nos braços, tanta gente em redor. Não dormira. Viera num avião da noite, voo especial, as olheiras negras contrastavam com o verde luminoso dos olhos. Parecia mais bonita assim, apesar da expressão de desespero que irradiava no olhar. Mônica, Mônica, Mônica... Sua fisionomia parecia feroz. Linda não a conhecia. Qual a sua intenção, em plena romaria, tantos conhecidos por perto? Vir de Caiena só para olhar o Círio? Não havia tempo para coordenar os pensamentos, tão brusco foi o aparecimento daqueles dois olhos de fogo. Estêvão vinha tão absorto nas suas rezas, lembrando o seminário, a mulher feliz ao lado, jamais imaginara tal surpresa. Tudo ocorreu com a rapidez de uma explosão. Explosão, que não se espera, que faz voar tudo pelos ares, quando se dá fé, passou. Mônica foi assim, como uma — explosão. Aqueles dois olhos se aproximavam de Estêvão, já não eram olhos, eram pontas de fogo, ou chamas napalm. Sentiu o braço direito puxado violentamente, quase derruba Linda. O boneco de cera cai ao chão. Não há tempo de apanhá-lo. A romaria não conhece gentilezas, nem boas maneiras. Todos empurram para a frente. As mãos às vezes nas costas de um desconhecido tentando afastá-lo. O que vem atrás empurra também. Segue como uma avalanche. É incontrolável. Estêvão tenta abaixar-se para apanhar Betinho de cera. Já é tarde. Dezenas de pés passam por cima, um lhe pisa a cabeça, outro lhe amassa um dos braços, outro lhe chuta a perna; dentro de minutos o boneco se transforma numa farinha de cera jogada por todos os lados, de mistura com a poeira do chão. Não é mais Betinho, é pó apenas, misto de lama, num pedaço que se projetou na sarjeta cheia de água de esgoto. Linda grita. Milhares de olhos se viram e a contemplam. Estêvão não consegue mais coordenar os pensamentos. Mônica, o vulcão, desapareceu. Sumiu em meio

à multidão, desesperada, na loucura instantânea de seu gesto, testemunhado por milhares de pessoas. Não havia tempo para nada. Estêvão, agora, não vê mais os pedaços de Betinho. A multidão o arrastou. Linda está segura em seu braço esquerdo. Soluça. As lágrimas lhe banham o rosto. Quer falar e não consegue. As preces coletivas sobem para o alto:

“Ave Maria cheia de graça,
O Senhor é convosco...”

Logo mais o canto recomeça:

“Oh, Virgem Mãe amorosa...
Fonte de amor e de fé...”

Já estão próximos da praça da basílica. Foguetes explodem. Os sinos numerosos, numa verdadeira orquestração, encham o ar. Variados sinos, grandes e pequenos, em todos os tons, saúdam a aproximação da berlinda com a imagem dentro, imagem suave, o Menino Deus nos braços, realizando aquela peregrinação desde 1793...

Linda chora. Estêvão quer chorar, mas não consegue. Esqueceu. Não sabe mais como se chora, nem o que é o pranto. Sua alma enrijeceu com os anos. Seu coração parece de pedra. As fontes secaram. A pouco e pouco retira Linda da romaria, pede um copo d'água na primeira janela em que vê pessoas apinhadas contemplando o espetáculo. Os dois espetáculos, o da romaria e o proporcionado por Mônica.

— Ela se sentiu mal... — justifica. — Um copo d'água, por favor.

A romaria prossegue como uma torrente incontrolada.

O canto domina o ruído indefinido dos pés arrastados no chão, e se mistura com o ribombo dos foguetes:

“Da nossa fé, oh, Virgem
O brado abençoi
Queremos Deus, que é nosso rei,
Queremos Deus, que é nosso pai!”

Mundo, vasto mundo



Logo agora que Estêvão deveria viajar para Caracas, atendendo a solicitação de Crakowiask, é que haveria de acontecer aquele incidente com Mônica e Linda, em pleno Círio de Nazaré!

A mensagem de Crakowiasky viera cifrada, misteriosa, desejava encontro urgente, urgentíssimo, em Caracas, assunto de alta responsabilidade. Quando usava aquela palavra “responsabilidade”, Estêvão já sabia que era sinônimo de dinheiro. Indo à Venezuela poderia regressar via Caiena, rever Mônica e abrandar-lhe os nervos, a fim de evitar consequências maiores. Felizmente o incidente do Círio ficara circunscrito a uma pequena área. Multidão não tem nome. Não vira por perto nenhuma pessoa conhecida, só estranhos, romeiros vindos talvez do interior. Aquele empurra-que-te-empurra em que tudo se justifica e a rapidez da investida não deram aos assistentes a imagem exata da agressão. Fora como lufada de ódio, qual chicotada de vento na face. Mônica soubera fazer a coisa. Produziu o efeito desejado, mas não sofreu nada. Alguns espectadores podem ter pensado tratar-se de uma louca, ou adversária política. Quem sabe? Em véspera de eleições acontece de tudo! E foi essa a versão que o jornal *Radical* divulgou em lacônica notícia. Alguma partidária do MRD havia tentado perturbar Estêvão durante o cortejo, sem resultado, porém. Outros atribuíam a incidente comum em aglomerações daquela natureza. Um pisa no pé do outro. Reação. Desaforo. Falta de respeito não podia ser, porquanto Estêvão escava acompanhado da esposa e ainda mais com um filho simbólico nos braços, todo de cera. Foi a sua salvação! A atenção que procurou dispensar ao boneco caído ao solo, os pés passando por cima, desviaram os seus olhos de Mônica. Quando levantou a vista ela já havia desaparecido. Soube depois que Mônica teria dito duas palavras ofensivas a Linda, mas que Estêvão na ocasião nada escutou. Palavras soltas às pressas, que saíam como agulhões,



ferindo de perto: “Sua...” Linda não sabia o que fazer, não esperava por um ataque tão insólito, não entendia nada mais. Nem socorria o boneco de cera, nem reagia. Entre as duas atitudes preferiu a primeira. Por isso também não se alastrou o incidente. Ficou limitado àquele pequeno trecho da romaria. A todo momento aconteciam fatos semelhantes. Ora era um homem que, sem querer, empurrava uma senhora. Esta, ou o marido por ela protestava. O que dera o empurrão às vezes pedia desculpas; noutras, não; xingava. Dava outro. Saía insulto. Briga. Falta de respeito. A confusão se fazia maior se se tratasse de bêbados, irresponsáveis. Muitos demonstravam a sua fé ingerindo bebidas, desde manhã cedo, batidas de maracujá ou bacuri, até mesmo a cachaça pura. Se os figurantes fossem bêbados havia necessidade de chamar a polícia. Mas onde andava a polícia, àquela hora? Difícil de encontrar um guarda ao menos. Polícia esmirrada, comissários franzinos, guardas que mal se aguentavam em pé, dizem que de fome, com salários tão baixos, que mal ultrapassavam o mínimo. Quando surgia o barulho alguém gritava, à moda de Alim: “*Eta, rebu do escaramba!*”. Enquanto isso a berlinda passava, os carros dos milagres, o do Anjo Custódio e outros iam seguindo indiferentes à algazarra. Naquela confusão geral predominava sempre a fé. Fora por motivos de anarquia que Dom Macedo Costa, bispo famoso na questão religiosa com a maçonaria, proibira indignado o Círio de Nazaré. Mas como é que um bispo pode proibir uma romaria religiosa? Perguntavam todos. Como? Proibiu mesmo. Bispo durão, sem meias medidas, que teve coragem de enfrentar a Justiça e até o imperador. Proibiu. Era “direito contra direito”. O povo urrava, protestava, excomungava (se é que o povo pode excomungar um sacerdote), chamavam nome feio, como se diz que ocorria até com os santos, quando não atendiam às súplicas. “Seu Santo Antônio filho disso!” “Sua Santa Cecília aquilo outro!” (Saíam palavrões horríveis.) Povo ignorante, pensava Estêvão, duro de dirigir, no corpo e na alma. O melhor era deixar que ele se manifestasse na sua rude pureza. Fazia-se a romaria assim mesmo. Com fé de mistura com anarquia. Havia muita gente com alma limpa, espírito para o Alto, a prece nos lábios, sem se aperceber que estava rezando, como bem o recomendava Santo Tomás. Prece direta, que comunicava com a divindade, sem intermediários, sem corretores sem se preocupar com o chão duro, nem com a algazarra em

derredor. Assim devia estar Linda no momento exato em que Mônica investiu como onça na mata. Até seus olhos pareciam de fera. Linda pairava muito alto, seu fervor a elevava do solo, quase não pisava, como se um estado de levitação a mantivesse suspensa. Por essa razão só deu acordo de si quando Mônica já desaparecera, de mistura com a multidão, desesperada, incógnita. Preferia que, em vez do boneco de cera, Mônica fosse pisada pelo povo, pisada, esmigalhada, sem deixar farelo. Estêvão estranhara a atitude. Mônica sempre se mostrara educada e inclinada à religião, possuía imagens em sua casa, estudara em colégio de freiras, o famoso Sainte-Genève de Paris, escola de primeira, capaz de formar moças puras, quanto o possa ser pura uma moça moderna. Aquela reação brutal só encontrava uma explicação: era o amor, que cega as criaturas e faz com que cometam desatinos. Sim, desatinos! Agitado pelo amor, tudo pode acontecer neste mundo. Pois Dante não falava na força que movia as estrelas e astros no céu? Como poderia deixar de mover aquela mulher, desesperada, como animal feroz, disposta a tudo? Movia mesmo. Amor fazia mulher abandonar o marido, homem abandonar mulher, atravessar oceano a nado. Não fora assim com Anita Garibaldi? Fazia pular janela, passar por cima de muro de noite, debaixo de chuva, cachorro latindo atrás rasgando a calça como se fosse um ladrão. E o pior era quando o povo, vendo aquele indivíduo descendo do muro a horas mortas, saísse atrás correndo e gritando: “Pega o ladrão! Pega o ladrão!” Tinha sorte, muita mesmo, quando ninguém alcançava. Mas se viesse a patrulha e segurasse de rijo, ia ter uma surpresa danada, um *rebu do escaramba*: “Solte esse homem, seu delegado! Solte esse homem!” Exclamava alguém que o reconhecera: “É o escritor Purpurina da Silva”. “É o Dr. Sacarino da Fonseca.” “É o Deputado Evangelino da Purificação!” Delegado soltava depressa, antes que a imprensa soubesse e desse em escândalo. Ah, amor! Fazia padre largar batina, acabar com tonsura, deixar crescer cabelo, pintar até de louro, com água oxigenada e tudo, vestir roupa apertadinha, camisa amarela e gravata roxa. Fazia mulher desprezar riqueza, luxo, automóvel último modelo, fugir com um servente de pedreiro só porque lhe proporcionava certa tranquilidade, era a sua outra metade que procurava há muito tempo. Fazia médico trocar a mulher, tão linda olhos grandes, pele limpa, instruída, bonita mesmo, pela enfermeira

amarela, perna fina, *rusagá*. Por quê? A enfermeira lhe ofertava pequenas coisinhas, que a bonita e rica não proporcionava. Carinho. Paciência. Não se irritava nunca. Não chateava. Mulher-cibalena. Adivinhava-lhe os pensamentos. Tomou o lugar da outra. Estêvão se propunha a reler o trecho de Santo Tomás, grande santo, um verdadeiro *doutor angélico*, em que refletia sobre o amor. Relembrava os seus estudos do seminário, procurava explicar coisas inexplicáveis, como a atitude de Mônica, e não conseguia! Lera nos jornais, nos últimos tempos, tantos casos de amor: a mocinha rica, riquinha mesmo, se jogara do décimo andar de um edifício! “Loucura!” Diziam muitos. “Estava tantã.” Estaria mesmo? E o homem maduro, cheio de vigor, bem na vida social, vitorioso, contas nos bancos, bonitão, muita saúde, por que fizera o mesmo? “Devia ter algum desequilíbrio”, afirmava um médico amigo de Estêvão. Mas desequilíbrio de quê? Do corpo ou da alma, ou dos dois? Era assunto a desafiar sábios, objeto de um livro que Estêvão lera há muito: *Os que amam e matam*. Só que o título deveria ser outro: *Os que amam e se matam*. Isso de amar e matar o próximo ou a próxima não tinha justificativa. Aí devia haver alguma *tantãsice*, alguma neurose, como se diz atualmente. Mônica, todavia, parecia mulher normal. Exuberante de vida e beleza. Dinheiro a valer! Que lhe faltava afinal? Interrogava mentalmente Estêvão. Que lhe faltava? Estêvão quase se orgulhava da resposta. Falta-lhe Estêvão, a sua metade, o seu par, o seu aquecedor nas noites frias.

O vento uivava lá fora. Vendaval e chuva, daquelas paraenses, de pingo grosso, capaz de furar telhado. Casa que não fosse bem-feita virava peneira. Era goteira por todo lado. Linda, depois do incidente do Círio, ficara meio apatetada. Muda. Olhar fixo. Não falava nem ria. Chorava, talvez, às escondidas. Estêvão não sabia mais o que fazer. Noites em claro. Até que recebe a notícia desagradável, como se fora um morcego que entrasse pela porta (em vez de janela), um morcego embrulhado em envelope branco e preto, com timbres e tudo: Convite do Dr. Tolentino da Paz, entrevista marcada para o dia seguinte, onze horas, no escritório da Rua Governador Eurico Valle, número 19. No primeiro momento, Estêvão julgou tratar-se de alguma reclamação das três viúvas de preto, agora de vermelho e azul, as de Pedro, Jacinto e Carmelo. Não, não era. Homem de mil negócios, sua imaginação perscrutava o horizonte para saber do que se tratava. Qual aquela tempes-

tade em formação? Logo o Tolentino da Paz, seu desafeto, a quem negara, certa vez, um empréstimo e que, daí por diante, mal o cumprimentava? Obra do Demo, aquilo. Alguém procurar um advogado inimigo, ou pelo menos cheio de má vontade, com reservas mentais! Dr. Tolentino, àquela hora, devia estar esfregando as mãos de alegria e exclamando diante do espelho:

— Até que enfim te peguei, Estêvão! Até que enfim! Vais me pagar o novo e o velho!

Estêvão dispunha de armas, também. A rádio para anarquizar com aquele doutor de meia-tigela. Dinheiro para pagar páginas inteiras de noticiário. O jornal do partido. Em último caso, alguns capangas. Era apelar para a ignorância, quando não houvesse para quem recorrer. Umas bordoadas à noite, nalguma esquina deserta. Mas logo lhe vinham à lembrança as suas críticas aos correligionários violentos, especialmente ao Chefe, os seus protestos contra arbitrariedades, pancadarias. Agora já começava a dar um pouco de razão (não toda) aos seus colegas de partido. Umas taponas, dadas com jeito, não faziam mal. Ensinavam a cabra ruim o bom caminho. Pois não apanhavam as crianças dos pais e nas escolas primárias, de palmatória? Homem grande, crescido, que não tomara chá na infância, tomava-o depois de adulto. E chá de canela, ou de peroba, ou de piquiá, madeiras fortes, boas para tunda. O acapu não servia, deixava marca, soltava farrapos que podiam ferir. Boa mesmo era piquiá, maciça, dura, pesada, sem fibras aparentes.

Estêvão, coração dominado, procurou Dr. Tolentino no local e hora marcados. Fez esperar na antessala um tempo enorme. Mostrava-se importante. A mocinha que atendia só fazia dizer: “Espere um pouco, Sr. Estêvão, espere um pouco, doutor está muito ocupado com um caso grave”.

Caso grave! Que é caso grave? Os profissionais falam sempre em “caso grave” ou “caso bonito”. Para o médico o “caso bonito” é o mais feio possível: um câncer bem escondido, difícil de localizar, uma doença que ninguém sabe diagnosticar, com sintomas de três ou quatro diferentes, o paciente fica bom e não se descobre a causa. Para o advogado o caso bonito deveria ser o mais tenebroso possível. O filho enganando o pai, a mãe dando veneno para os filhos pequenos e se jogando debaixo do trem, o velho que faz um testamento deixando tudo para uma loura que o traía, em suma, “caso

bonito” e “caso grave” deveriam ser sinônimos para aquela mocinha sem graça, que atendia os clientes no escritório do advogado Tolentino da Paz.

Dr. Tolentino foi direto ao assunto.

— Fui procurado por sua senhora. Meu dever é chamá-lo para um acordo... um desquite amigável!

Desquite amigável! Palavras contraditórias, horríveis, aquelas, pois se desquite significava separação, afastamento, como é que podia ser amigável? Os próprios léxicos apresentavam a palavra como sinônimo de divórcio.

Dr. Tolentino prosseguiu:

— Estou autorizado a requerer a separação de corpos...

Separação de corpos era algo que soava aos ouvidos de Estêvão como um insulto. Corpos só se separam quando querem, quando um não pede o outro. Que é que juiz tem que ver com isso? Lembrava o caso de um seu antigo vizinho. Desquitara, com todas as formalidades, no dia mesmo do tal desquite saíra com a mulher, de braço dado, mano a mano (como se diz no tango) e foram ambos ao cinema! Como poderia ser aquilo? E o seu compadre Vizulino, não se desquitara também, alegando adultério da mulher, filhos em penca? Tudo comprovado. Uma semana depois rondava a casa do sogro, a mulher lá dentro. Passava de ônibus, descia na esquina, fazia “adeusinho”, ficava horas e horas, até alta noite, defronte, esperando que se abrisse a janela e a antiga esposa, a adúltera, pusesse a carinha mimosa de fora. A família já andava preocupada. Pois não é que o Vizulino estava namorando a mulher de novo, começando tudo da estaca zero? E ela retribuía, se julgava importante, gostosona ou gostosoia (como dizem os colunistas sociais), a maior, capaz de despertar um novo amor no coração do mando ultrajado! A semente renascia das cinzas. Coisas do mundo e da vida! “*Vá julgar!*” Gritava nos ouvidos de Estêvão o Demônio. “*Vá julgar!*” Quem é você para julgar, sua besta! Mônica está esperando em Caiena, Mônica a bela, ‘la belle Monique’, a crioula, a francesa, a negra, a índia, tudo isso ao mesmo tempo, aquele vulcão humano, um Chimborazo, capaz de fazer tremer continentes! Anjinho da guarda se mantinha discreto. Soprava no ouvido de Estêvão que deveria socorrer Linda. Precisava de ajuda, como se fosse uma enferma, coitada, vítima, pura vítima, pura criatura, agora em perigo, nas mãos daquele Tolentino da Paz, capaz de armar a pior guerra do

mundo. Além do mais, o Tolentino tinha fama de conquistador, sem muito escrúpulo, disposto a aliar-se ao Diabo contra Estêvão e o anjo da guarda.

As palavras do advogado ecoavam no coração de Estêvão como se fossem pedradas. Seu coração sangrava. Estava sendo vítima do destino, de forças ocultas, que vinham não sabia de onde afinal de contas sempre amara Linda, praticamente abandonara Mônica a uma aventura apenas em sua vida, a única, aliás, da qual já está se libertando. E logo agora, na hora de gritar o seu “Independência ou morte!”, eis que tudo se transforma e explode a bomba. Como convencer Linda de que ela é a mulher de sua vida? Como apagar de seu coração aquela impressão tenebrosa? Como fazer renascer os sentimentos anteriores, como? Não acreditaria em nada. Mônica fora certa em sua arremetida. Uma só, para fazer desabar toda a vida de Estêvão, como edifício sobre areia. Juiz nenhum lhe daria razão. Advogado como Tolentino encontraria mil temperos para azedar ainda mais o caldo. Estêvão só teve uma pergunta:

— Quais os motivos, doutor? Quais?

Tolentino parece que esperava aquela pergunta. Abre a gaveta e retira um pacote de cartas, que entrega a Estêvão, dizendo simplesmente:

— Isto. Leia estas cartas.

Estêvão passa as vistas rapidamente sobre várias missivas. Procura assinaturas. Algumas não têm assinaturas, embora manuscritas, outras são feitas à máquina, várias com pseudônimos.

— Mas essas cartas não merecem fé. O senhor é advogado e sabe disso. São cartas anônimas, apócrifas...

Nunca pensara que, durante sua ausência, Linda recebesse tantas cartas anônimas. Eram missivas terríveis, inventando histórias e estórias amorosas de Estêvão. Em algumas havia fatos verdadeiros, referentes a Mônica. Só alguém muito chegado a Estêvão poderia ter conhecimento de vários acontecimentos, verdadeiros, passados em Caiena, descritos naquelas cartas. Davam o nome de Mônica, seu endereço, sua atividade, descreviam seu tipo, tudo, tudo, tudo. Quem seria?

Ao alegar que as mensagens eram anônimas, Estêvão ficou aguardando a reação de Tolentino. Esse, muito calmo e frio, abriu novamente a gaveta e entregou novo pacote a Estêvão:

— Estas aqui estão assinadas.

Estêvão abre sofregamente uma das missivas. Era dirigida a ele, Estêvão. Uma apaixonada morrendo de amores... Todas elas no mesmo diapasão, cartas de mulheres que se dirigiam a Estêvão com ternura inexcedível...

— Como estas cartas foram parar nas mãos de Linda?

— Isso é segredo, Sr. Estêvão. Alguém as colecionou, talvez no seu escritório, talvez nas drogarias, talvez na rádio, talvez no turismo, e sem segunda intenção, mandou entregar em sua casa... Além do mais, o senhor é homem muito conhecido... O próprio carteiro, procurando-o no escritório e não o encontrando, ou mesmo para sua comodidade, preferiu entregar na residência... Isto é natural, numa cidade pequena e com um homem tão importante como o senhor...

Estêvão não sabe o que dizer para aquele advogado e inimigo à sua frente. Explica apenas:

— Cartas como essas, Dr. Tolentino, homens que estão em evidência recebem a toda hora. São pessoas que se insinuem... O senhor mesmo, talvez, não seja exceção à regra... Isso não significa que eu tinha dado troco... retribuído... Pelo próprio número, dezenas, o senhor há de compreender que seria impossível ter tal intercâmbio... Não sou nenhum xá da Arábia... Há mulheres que escrevem, telefonam, perseguem...

Dr. Tolentino abre mais uma gaveta e retira pequeno envelope. Entrega-o a Estêvão. São fotografias, algumas em Caiena. Estêvão e Mônica abraçados, numa delas beija-a no rosto, noutra estão os dois em roupas de banho, à beira de uma piscina, água muito azul, no Hotel Fontainebleau, em Miami.

— E que me diz destas fotografias? O senhor está em companhia de Monique Beauregard, em Miami, nesta; naquela em Caiena numa recepção; nesta outra na praia... Já levantei toda a vida de Monique Beauregard. Tenho amigos em Caiena, em Bogotá em Caracas, em Miami... correspondentes internacionais... Sei coisas sobre Monique que o senhor mesmo não sabe, e que lhe interessam...

Tolentino esboça um leve sorriso de Satanás impregnado de ironia, quando afirma que sabe coisas a respeito de Monique, que o próprio Estêvão desconhece...

— Que coisas são essas, Dr. Tolentino?

— Não sei se devo revelá-las. Meu caso com o senhor refere-se à sua esposa. Desquite amigável. Monique figura aqui como terceira pessoa, útil para o meu caso judicial...

— Mas o senhor agora me deixou curioso... que sabe de mais a respeito de Monique?

— O senhor conhece Salomão Abinador Begossian?

— De nome... nunca falei com ele... *era* amigo de Monique antes de me conhecer...

— *Era* ou *é*?

— Que quer dizer o senhor com isso?

— É que Salomão nunca perdeu contato com Monique. Nunca. Ou o senhor os julgava separados definitivamente?

Estêvão apertou os lábios, único sinal de reação para conter a tempestade dentro da alma. Tolentino deve ter percebido. Advogado experiente, olhava nos olhos para ver a impressão, mirava as mãos da parte contrária, sabia que, mesmo as pessoas muito controladas, revelam seus sentimentos nas mãos. Elas tremem, elas suam, elas esfriam, elas se enlaçam, elas se apertam, as mãos! Quando os lábios não expressam, nem os olhos, as mãos falam.

— O senhor pode me explicar melhor, que espécie de contato Monique mantinha com Salomão? Era muito natural, ambos são comerciantes...

— Comerciantes, em termos... são contrabandistas... de alto coturno... tenho elementos que posso fornecer à Interpol e à federal... O senhor já pensou, Dr. Estêvão, se certos detalhes ultrapassam o estado e caem nas mãos da federal?

— Não sei o que quer dizer...

— No estado o senhor é poderoso... controla polícia... alfândega... até juízes... mas na área federal o senhor leva a pior...

Aquelas ameaças começavam a irritar Estêvão. Lembrava que estava armado. Passara a portar o revólver Taurus, que o Depurado Viscoso lhe vendera. Precisava, no entanto, manter a linha, não pôr tudo a perder com uma reação brusca.

— Mônica continuou amante de Salomão desde o dia em que o senhor a conheceu até hoje... Seu gesto, vindo perturbá-lo em pleno Círio de Nazaré, foi mais de vingança do que de amor... Não se iluda... Ou o senhor tem

dúvidas a respeito?

Estêvão não sabia o que dizer... Aquele homem o estava acuando como uma fera na toca... Atingira-o fundo, duas vezes, duas feridas, uma à conta de Mônica, outra à conta de Linda...

— Dona Linda, sua esposa, é uma santa criatura...

— Não tenho dúvidas a respeito... E peço que evite comentários em torno dela... Por favor. Farei tudo o que for preciso para o bem dela e do filho. Digo-lhe mais: não quero me desquitar...

— É pior, Sr. Estêvão. É pior. Dona Linda está irredutível. Não quer mais conviver com o senhor. Se não aceitar o desquite amigável terei que propor o judicial... Sabe o que significa isso? Mais despesa, escândalo, nome no jornal, teremos de ouvir testemunhas, juntar essas fotografias e cartas ao processo, mandar carta-rogação para a Justiça de Caiena. Será cem vezes pior para o senhor... Perde a mulher e perde a reputação... Com um desquite amigável a coisa se faz discretamente... Alega-se incompatibilidade de gênios e pronto! Tudo acabado! No desquite litigioso terei que provar o adultério e outras coisas mais, como o comércio ilícito... O desquite amigável facilita uma reconciliação posterior...

Estêvão observa em redor, como quem deseja uma tábua de salvação. Lembra-se do naufrágio do Carnapijó, quando também olhava em torno, procurando uma boia. Faltava-lhe, naquela ocasião, uma outra boia, para salvar-se daquele naufrágio iminente.

Sobre a parede, em frente, pendia um crucifixo; do outro lado, bem no alto, um retrato de Rui Barbosa, a mão direita no queixo, o *pince-nez*, a expressão séria e inteligente.

— Estou sendo crucificado, Dr. Tolentino... — falou Estêvão. — Meu desejo é libertar-me de Mônica definitivamente. Já o havia conseguido, pelo menos em meu íntimo. A presença dela no Círio foi precisamente uma reação contra a minha indiferença. Queria Linda, só Linda, mais ninguém. Se eu lhe contar como conheci Mônica o senhor me dará razão... Estava só, sem recursos, sem roupa, sem documentos... Não tinha para quem apelar... Ela me socorreu... Foi boa... Sou-lhe grato... Nunca porém pensei em abandonar Linda por Mônica... embora esta sempre o tentasse... Nós somos seres humanos, não somos santos...

— É de estranhar — fala Tolentino. — É de estranhar, porquanto em suas ausências ela recebia Salomão... Realizaram até pequenas viagens a Bogotá e Caracas. O senhor não sabia disso?

Estêvão preferia não responder. Certas perguntas de Tolentino não permitiam resposta.

— Quanto ao desquite amigável, acho melhor o senhor concordar. Vou mostrar-lhe o que diz a lei.

Tolentino abre um volume grosso e com rapidez encontra o dispositivo.

— É o artigo 318 do Código Civil, permite que se faça o desquite por mútuo consentimento se os cônjuges forem casados por mais de dois anos, manifestado perante o juiz e devidamente homologado. Não precisa acusar um ao outro. Mútuo consentimento, vulgarmente chamado desquite amigável. Incompatibilidade de gênios é apenas um pretexto, uma alegação, nunca uma acusação.

Tolentino continua a sua exposição:

— Pelo artigo 315 a sociedade conjugal termina pela morte, pela nulidade ou anulação, pelo desquite, amigável ou judicial.

Estêvão indaga:

— Todas essas causas de dissolução estão no mesmo artigo?

— Sim, no 315.

— Quer dizer que o desquite é equiparado à morte e à nulidade?

— Sim.

— Então não é desquite, é divórcio. O senhor quer ler de novo o artigo 315? Ele diz que termina a sociedade conjugal?

— Sim, o título é “Da dissolução da sociedade conjugal” e mais: “A sociedade conjugal termina...”

— Dr. Tolentino, perdoe-me o palpite de leigo. Mas entendo que o legislador, ao usar a palavra “desquite”, o fez como sinônimo de divórcio. Procure nos dicionários o sentido de desquite e o senhor vai verificar que é o mesmo de divórcio. Ninguém ainda levantou essa questão?

— O senhor é muito perspicaz... Não nega que estudou em seminário... Mas é preciso lembrar que a Constituição, lei maior, estabelece que o casamento se efetiva pelo vínculo indissolúvel... e o Código Civil não pode destruir a Constituição, que está acima dele... hierarquia de leis...

— Mas, bem pensando, Dr. Tolentino, se não houvesse esse preceito na Constituição, pelo Código Civil, como está, desquite e divórcio seriam a mesma coisa. Já temos o divórcio no país sem o saber... O senhor quer informar quais as causas de desquite litigioso?

— Pois não, elas se encontram no artigo 317: adultério, tentativa de morte, sevícia ou injúria grave, abandono voluntário do lar conjugal durante dois anos consecutivos. O senhor está enquadrado no item primeiro: adultério. Pode também ser acusado de injúria grave... Quanto à sua alegação de que o desquite vale como divórcio quero explicar-lhe que cessa a sociedade conjugal, mas o vínculo permanece... Não há divórcio *a vínculo*...

— Mas o Código não fala em dissolução? Como pode dissolver uma coisa e manter a outra? Dissolução de sociedade? O casamento civil não é uma sociedade? Dissolvida a sociedade e partilhados os bens, que resta?

— Viva a dialética! — exclama Tolentino. — O senhor daria um bom advogado. Ainda não encontrei um ex-seminarista que fosse burro. Creio que é de tanto estudar latim... E viva a hermenêutica!

— Sim, o latim ajuda a desenvolver o raciocínio... mas o que nos aguça a inteligência é a teologia... a busca da Verdade Eterna. Latim hoje está por baixo... Ninguém estuda... Há padre por aí que não sabe nem português... quanto mais latim!

Estêvão saiu do escritório do Dr. Tolentino destroçado. Lembrava o que costumava dizer Farid, nos momentos de dificuldades: “Além de queda, coice”. Sim, Tolentino, com sua frieza com sua experiência, não satisfeito com a queda, dera-lhe um formidável coice. Estêvão, vez por outra, passava a mão pela cintura, apalpando o revólver Taurus e recalcando um pensamento terrível. Além de tentar separá-lo definitivamente de Linda, jogava veneno com aquela história de que Mônica nunca abandonara Salomão e com ele se encontrava frequentemente. Como poderia ser isso? E aqueles abraços de não acabar mais? E aquelas reclamações de toda hora: “Venha! Venha! Venha!” Se estivesse nos braços de Salomão não teria razões para chamar Estêvão com tanta insistência. Relembra todas as cenas que vivera intensamente em Caiena, desde o primeiro dia, o Demônio soprando no ou-

vido, o quarto bem-arranjado, as noites intermináveis que se prolongavam pelos dias, sol forte lá fora, escuro no aposento, as janelas com as cortinas cerradas. Só olhando o relógio se poderia saber a hora exata, se era noite ou dia. Nessas ocasiões o crepúsculo para Estêvão começava às dezoito horas, mas a sua aurora, na realidade, se aproximava das doze horas do dia seguinte. Aurora agressiva, súbita. Era abrir a janela e ver o sol escaldante, contemplar o relógio e soltar uma exclamação:

— Quase onze horas, Mônica! Levanta, *chérie*!

Ele também já estava pegando aquela mania de falar nas duas línguas, dizer, por exemplo: “Eu te amo, *mon amour*. Eu te quero, *ma belle*. Me dá *un baiser*”. Às vezes misturava não só as palavras, mas as sílabas, assim: “Me dá *un baiser petitinho*”. Linguagem que o dois compreendiam, criada no tálamo. Só o coração entenderia aquele intercâmbio, “tu, só tu, puro amor, com força crua/ que os corações humanos tanto obriga...”, lembrava Estêvão as aulas de português, o padre com os *Lusíadas* na mão, perguntando onde estava a oração principal e o sujeito. Procurou tantos sujeitos que até já parecia polícia especial. “O sujeito está aqui!” quase gritava, quando encontrava o infeliz, escondido às vezes entre dois objetos, um direto e outro indireto, ordem inversa, dura de decifrar. O professor exultava. Vinha-lhe também à memória o soneto decorado há muito:

“Erros meus, má fortuna, amor ardente,
Em minha perdição se conjuraram”.

Quanta saudade daqueles tempos, quanta! O destino lhe armara várias peças. Agora era aquela do Dr. Tolentino, de difícil solução. Só consultando Dr. Carvajal, homem experiente, dar-lhe-ia bom conselho.

— É preciso evitar que inicie a ação judicial — explicou Carvajal. — Se requerer a separação de corpos e fizer a sua citação a briga está armada. Seria melhor você viajar um pouco, evitar a citação, enquanto as coisas serenam. Tenho experiência de casos assim. Começam como uma tempestade e terminam em lago azul. É preciso dar tempo ao tempo. Deixar que Linda reflita, reflita, reflita. A ferida cicatriza, Estêvão...

Dr. Carvajal insistia...

— No primeiro momento, é como se o mundo tivesse acabado. Depois a ferida vai sarando. Você não sabe que as feridas morais também saram? O tempo é o grande bálsamo...

— Sei, sim — responde Estêvão. — Mas deixam cicatriz...

— Faz-se plástica, homem. Plástica na alma.... Dá um presente bonito, compra um carro novo, ou uma pulseira italiana... uma nova casa na praia... A cicatriz desaparece depressa... É preciso dar tempo para que Linda caia em si e recue... Tem o filho... o futuro... Tudo depende do advogado que procurou...

— Desse não espero nada de bom... Ameaçou com a separação de corpos...

— Então é melhor dar o fora... Uma pequena viagem enquanto se ganha tempo... Se entrar com alguma ação judicial terá que esperar o seu regresso para a citação... Não vai publicar editais... Está viajando, não fugiu, voltará... Enquanto isso verei se convengo Linda a desistir...

— Linda está impenetrável... Não fala, não ri, não come... Temo pela sua saúde física e mental... — pondera Estêvão. — Já tentei tudo, em vão. Não reage... Penso que a sugestionaram... A ideia da viagem parece-me boa. Tenho encontro marcado em Caracas...

— Pois vá, homem... vá!... É melhor do que estar aqui se mortificando... Pode ser que com sua ausência Linda volte ao normal... Tenha saudades... Vou falar com Tolentino para aguardar o seu regresso... Casos como esse nenhum advogado sensato precipita...

Tolentino ficara impressionado com a argúcia de Estêvão. Pois não é que a lei equiparava o desquite à morte? Ambos no mesmo artigo, em pé de igualdade? E se com a morte o viúvo podia casar de novo, por que o desquitado não poderia? A vedação constitucional era válida, mas o código, quando foi redigido, estava sob o regime doutra Constituição... mas a indissolubilidade vinha de longe. Estava em todas as Cartas. Além do mais, a sua redação era muito clara, falava em *dissolução*, em *término* da sociedade por que o vínculo não haveria de romper-se também? Mas o artigo 322 já dizia outra coisa, falava em *término* do regime matrimonial, como se o casamento fosse dissolvido. Lei contraditória, essa! O diabo é que, no artigo 180, referente à habilitação para casamento, exigia, quando fossem

segundas núpcias, certidão de óbito do cônjuge falecido ou da anulação do casamento anterior. Não referia desquite. Bastavam duas palavras naquele inciso quinto do artigo 180 para resolver o problema; dizer, por exemplo: certidão de óbito do cônjuge falecido, da anulação do casamento anterior ou do desquite. Duas palavras: “do desquite”, para ficar esse artigo coerente com o outro, o 315!

Tolentino se rejubilava com o novo caso. Iria logo agredir Estêvão com o pedido de separação de corpos. Ataque a baioneta, direto no coração, como na guerra.

Estêvão seguiu o conselho de Carvalho. Viajou para a Venezuela, embora com o coração em sobressalto, o pensamento em Linda e Betinho.

Crakowiasky já aguardava ansioso no Hotel Tamanako, bem no centro da cidade. Caracas, afirmam entendidos, estaria em uma cratera vulcânica. Os horizontes de montanhas não muito altas, circundavam ao longe a extensa capital. No Hotel Tamanako, à noite, o céu pontilhado de estrelas e a terra repleta de luzes, como que se encontravam. Estendia-se um extenso lençol de luminárias em todas as direções, dando a impressão de que o hotel era o centro da capital e do mundo. As luzes da cidade se confundiam com as do céu.

Crakowiasky preferiu conversar ao ar livre. Cadeiras ao relento. Noite de verão. Americanos por todos os lados. A piscina rebrilhando, mesmo à noite, sob a luz clara do luar e a das lâmpadas acesas.

— Prefiro neste local — explica Crakowiasky. — Em La Guaira só se vê depósito de petróleo. Faz mal à vista. Aqui, pelo menos, temos poesia...

E estende as mãos apontando para o horizonte repleto de luzes na encosta das montanhas.

— O senhor hoje está poético... — ironiza Estêvão...

— A poesia faz parte da vida, Sr. Estêvão, mesmo quando se trata de assuntos como o que nos aproxima hoje.

Crakowiasky pede vodca. Não aceita outra bebida. É hábito de infância, graceja, tomava vodca em mamadeira, na Ucrânia.

Depois de alguns rodeios entra forte no assunto:

— Nosso negócio agora vai mudar um pouco, Estêvão. Não venho lhe falar só de cocaína, nem de pedras preciosas. Mas de sangue...

— Como assim? — pergunta Estêvão, surpreso.

— O senhor sabe que o mundo está pegando fogo. Guerra por toda parte. Guerra no Oriente, no Ocidente, no norte, no sul. Quando cessa o conflito num local, rebenta em outro. É como um câncer generalizado. Essas guerrinhas locais substituíram a mundial. Como o conflito mundial seria a destruição de todos, os homens se distraem armando conflitos aqui e ali. Ora é na Hungria, ora na Coreia, no Vietnã, em Israel, na África, na Índia, em toda parte. Termina aqui, continua adiante... E todos ganham... vendem armas, aviões, munição...

— E o sangue?...

— Sim, sangue humano. Os hospitais precisam. Não há mãos a medir. Há gente morrendo por falta de transfusão... E sangue não é coisa que se importe regularmente, com guias, despachos e impostos... Vem em pequenos frascos. Os hospitais precisam de sangue e placenta...

— Quer explicar melhor, em detalhes?

— No seu país há muita população, gente pobre, podem doar sangue e ainda ganham dinheiro. Vem tudo de avião...

— Qual será o destino?...

— Por enquanto é segredo. Não adianta nada, para nosso negócio, dizer quem vai comprar. Sou o intermediário. Pagamento é por minha conta. Basta que o senhor obtenha tantos mil litros de sangue com as características que lhe der. Pagaremos por unidade. Avião vai buscar. Não precisa se preocupar com meios de transporte. Isso é por nossa conta...

— Esse é um negócio novo, Crakowiasky. Preciso sondar em meu país...

— A sondagem eu já fiz, homem. Dou-lhe todas as informações que quiser. Seu trabalho vai ser apenas o de contactar com as pessoas que lhe indicar, em São Paulo e Rio. O mais virá a seu tempo. Quando dispuser de cinco mil litros avise, que mandaremos buscar. Será a primeira remessa... Quanto mais, melhor.

— É muito sangue, Crakowiasky...

— Sim, e muito dinheiro também... Cada litro desse pode representar uma vida humana salva e quanto vale uma vida humana? Além do mais, o avião que for buscar o sangue levará cocaína... Ganha pelos dois lados... Entendeu?

Crakowiasky passa a Estêvão um envelope e esclarece:

— Dentro desse envelope encontrará todos os cálculos de preços de revenda, condições de embarque, prazos, pessoas a contactar. Tudo. Deixe para ler no apartamento, mais tarde.

Enquanto isso, sorve de um só gole um cálice de vodca...

— Você só precisa é dar destino à cocaína. Possui prática. Deve recebê-la em São Paulo. Tem seus homens lá: o Tanderini e o Levinsky, meu patrício.

O negócio estava apalavrado, com bom *embasamento*, faltava apenas *implantá-lo*, pensava Estêvão em economês. E haveria de dar resultado. Nada que Crakowiasky arquitetara, até aquele momento, deixara de dar certo. O homem possuía antenas em todos os continentes.

Crakowiasky se despede. Passam pela boate do hotel. A orquestra toca música brasileira e um cantor razoável berra para os assistentes embevecidos, em mau português se mistura com mau espanhol:

*“Las águas vão rolar,
Botella llena yo no quiero ver sobrar
Pego o saca, saca, saca, saca-rolha
y bebo até
el sol raia...
Deixa las águas rolar!...”*

O som se perde na distância, enquanto Crakowiasky apanha o elevador e desaparece.

Estêvão mal dormiu, ora pensando em Linda, tão distante, ora pensando em Mônica, em Caiena, ora em Crakowiasky. Intenso pesadelo, via um cantor, chapelão mexicano, cantando “deixa o sangue rolar... o sangue vai rolar...” e uma cascata de sangue caía da montanha. Depois lhe aparecia Dr. Tolentino dando gargalhadas e gritando que Mônica e Salomão continuavam amantes, por toda a vida.

Precisava viajar. Regressar. Fazer pouso em Caiena. Tomar pé na situação, por mais dura que fosse a consequência.



Chegada a Caiena. Aeroporto repleto. Que seria aquilo? Manifestação política! Homens, mulheres, crianças, negros quase todos com bandeirinhas na mão, bandeirinhas verdes e amarelas, uma estrela vermelha no centro, gritando, dando vivas, cantando. Que cantavam? Músicas patrióticas falando em independência, liberdade, separação da França. Que diria daquilo o velho, o general valente, que os ameaçara de morrerem de fome sem o auxílio da mãe-pátria? O diabo é que o sangue gaulês não se misturara, não havia quase mestiços e estes, em geral, mostravam-se os mais ferrenhos separatistas. Em rigor não existia mãe-pátria. Num cartaz manifestavam o desejo de seguir o exemplo das Guianas Inglesa e Holandesa, esta agora chamada Suriname... Independência! Estêvão não tinha nada a ver com aquilo. Seu coração vinha aos pulos. Não tivera tempo de avisar Mônica, como das outras viagens, para que seu automóvel com o chofer Mariel, viesse buscá-lo no aeroporto. Chegaria de surpresa. Mesmo não sabia qual o estado de ânimo de Mônica, a leoa ferida, agora recolhida à sua toca da Rua General de Gaulle...

A cidade lhe trazia evocações. Recordava os primeiros dias, que ali passara, cerca de dez anos atrás. Perambulava pelas ruas como um mendigo, cinquenta francos no bolso, dados por Mônica, o desespero no olhar. Onde andaria, àquela hora, a Simone do Hotel des Enfants? E a negra da Boate Chicago, que lhe furtara aqueles cinquenta francos? Onde se encontraria aquela gente toda, M. Condorcet, o das mulheres, M. Planchard, Mr. Crooks, da poderosa empresa, o guarda vermelhão que o retirara do xadrez? Onde? Via agora Caiena com outros olhos, como se fosse sua, como se a tivesse conquistado: quanto sofrera por aquelas ruas, durante dias, à procura de ajuda! Apenas Mônica se apiedara, fora seu anjo da guarda. Uma imensa ternura lhe penetrou no coração por aquela criatura que o socorrera na hora da desgraça. Afinal de contas ela possuía suas razões para estar irritada. Era



mulher. Queria-o sempre a seu lado. Ele, Estêvão, é que errara, vacilando, sem decisão definitiva, entre Linda e Monique. Devia ter cortado o mal pela raiz, logo em começo. Fizera o contrário. Alimentara esperanças, brincara com sentimentos como quem se diverte com pólvora. Agora estava ali o resultado.

A tarde era morna. O movimento inusitado do aeroporto atrasara o desembarque da bagagem, apesar de nunca ser aberta. As amizades de Estêvão e a sua força financeira estendiam os seus tentáculos por vários aeroportos muito mais importantes, quanto mais o de Caiena! Apanhou o primeiro táxi, dirigido por mulher, Madame Ginette, velha conhecida. Ginette procura conversar, sem que Estêvão consiga sustentar a palestra. Seu pensamento vai longe. Antes de atingir o centro da cidade a noite começa a descer, uma onda de melancolia invade o coração de Estêvão. Nunca chegara assim. Vinha sempre eufórico, Mônica costumava esperá-lo de braços abertos, a alcova perfumada, tudo perfumado, a velha empregada, Eugénie, prestimosa, oferecendo cafezinho, ou licor... Que o aguardava agora? Como estaria Mônica? Quais os rumos que iria tomar sua vida ante o incidente inesperado em plena romaria? Dois sentimentos lutavam dentro de Estêvão: o amor e a gratidão. Um terceiro se insinuara entre os dois: a luxúria. Seu amor por Linda não cessara, sua figura agora triste e sofredora mais aguçava em seu íntimo uma imensa ternura. Sua imagem e a do filho apareciam sempre juntas. Não conseguia separá-los. Nutria por Mônica uma natural gratidão. Gratidão aliada a luxúria, companheira de difícil combate. Suas carnes se pediam, seu perfume o atraía, sua pele muito limpa, ligeiramente morena, seus cabelos longos e lisos (que por vezes lhe cobriam o rosto), seus olhos o prendiam, como se estivesse hipnotizado, sentia-se bem em sua companhia. Dispunha de qualidades que faltavam em Estêvão e o completavam: audácia, atitudes corajosas e repentinas. Ele era o homem prudente, mas indeciso, pensava demais, enquanto Mônica resolvia em segundos o que Estêvão levaria semanas para solucionar. Mônica possuía personalidade totalmente diferente da de Linda. Esta mantinha-se plácida e serena, aquela lembrava um vulcão. Isso fazia bem a Estêvão, dava-lhe forças, empurrava-o para a frente, para o sucesso, a riqueza e o poder.

Quantas vezes chegara a Caiena vacilante, sem saber se devia ou não fechar um negócio, ou realizar viagem, e Mônica, na mesma hora, tudo

decidia, incentivando-o. Dava-lhe verdadeiros empurrões. Vencera assim, a golpes de audácia, arrastado por aquela mulher fora do comum.

“E agora, Estêvão?” Perguntava-lhe o Demônio, enquanto o táxi rodava pela estrada parcialmente asfaltada, ainda em obras. “E agora, Estêvão?” Anjinho da guarda também não perdia a oportunidade e indagava: “E agora, Estêvão? Eu, não te avisei? Por que não seguiste meus conselhos? Chegaste às portas do inferno de onde dificilmente se regressa. Em todo caso ainda é tempo. O arrependimento abre-te novos horizontes. A bondade de Deus é infinita e vela por ti”.

Caiena morria com a tarde. Rua General de Gaulle, número 1666, segundo andar.

Estêvão sobe ansiosamente a escada. Silêncio. Abre a porta. Silêncio. Onde andaria Mônica àquela hora? Penetra na alcova. Ninguém. Silêncio. Sobre a mesa de cabeceira um enorme buquê de flores vermelhas, flores que foram lindas, agora quase murchas, no meio um envelope delicado. Abre e lê:

“Monique, *mon amour*:

Estas flores vermelhas significam que meu amor ainda está vivo e ardente por ti, só por ti. Espero-te em Miami, para nova vida. Junto encontrarás a passagem, só de vinda. Não haverá regresso. É hora de decidir. *Je t'attends, mon amour*.

Salomon”

Je t'attends, mon amour, “eu te espero, meu amor”, exatamente as mesmas palavras que Mônica escrevera, cerca de dez anos antes, na delegacia, destinadas a Estêvão.

Mônica decidira. A casa era silêncio só. Sobre a parede o retrato do Capitão Beauregard olhava para Estêvão com severidade, parecia vivo, acusando-o com os olhos, como o era o guarda vermelhão, há muito tempo, no Hotel de Police. Os objetos continuavam nos mesmos lugares: o vaso de porcelana chinesa, a imagem do Buda, os perfumes intactos sobre o toalete. Ouve ruído no interior da casa. É Eugérue, que fala nervosa:

— O senhor por aqui? Mônica partiu. Não disse quando voltará. Deixou uma carta.

E passa a Estêvão um envelope lacrado.

Eugénie, fixando longamente os olhos em Estêvão, informa, aflita:

— Estiveram aqui uns senhores brasileiros. Eram jornalistas. Fotografaram a casa e a Mônica, de surpresa.

— E como conseguiram entrar?

— Disseram ser comerciantes, queriam fazer compras de perfumes. Traziam uma carta de recomendação de Jaime... Mônica acreditou, mostrou tudo... Fotografaram de surpresa. Mônica botou-os para fora, mas já era tarde. Tiraram chapas da casa, por fora e por dentro, da loja... dizendo que queriam recordações... *Souvenirs*...

— E como souberam que se trata de jornalistas?

— Quando já estavam com as fotos tiradas, depois de beberem licor servido por mim, um deles confessou que era do jornal... do jornal... não me lembro bem o nome que deu... *Oh Dieu!*

— *Rebate*...

— Isso mesmo, *Rebate*... Ainda deixaram recado para o senhor... mandando que lesse o tal jornal... Mônica só faltou matá-los... Mas eram três... Fugiram depressa... Fotografaram até o retrato grande de Mônica e aquele que está abraçada com o senhor... Também quem havia de suspeitar, com toda aquela apresentação de Jaime?...

Estêvão jamais pensara em sofrer tal surpresa. Jaime o traía, fornecendo informações à imprensa. Por isso é que, de vez em quando, o *Rebate* publicava notícias com ataques a Estêvão e que muito o surpreendiam. Continham minúcias, que só um amigo íntimo poderia revelar. Amigo íntimo!

Os olhos de Eugénie falavam mais que os lábios. Estêvão continuou mudo, mirando em redor, como quem não quer entender. Lembrou apenas as palavras sarcásticas do Dr. Tolentino da Paz:

— “Foi ou é? O senhor pensa que Salomão deixou de ser amante de Monique?”

Estêvão desce a escada mais arrasado do que quando a subira, dez anos antes, sem dinheiro, mal vestido e sem documentos. Fora derrotado numa batalha, pensa, mas ainda não perdera a guerra. Restava-lhe Linda, Linda, cuja imagem crescia pouco a pouco em seu coração, era algo que renascia e a que poderia agarrar, não mais com as mãos, mas com a sua alma, para salvar-se daquele novo naufrágio.

Sofregamente abre o envelope, que lhe entregara Eugénie. Lê um trecho apenas:

“Obstinada por natureza, não desisto facilmente das lutas. Luto mesmo as lutas perdidas. Por obstinação. Por teimosia. Lutaria por você, *mon amour*, até as últimas consequências. Lutaria por seu amor, por seu carinho, sua amizade. Não sei com que armas, mas lutaria. Poderia inventá-las. Criar truques. Forçar atitudes. Lutaria *por você*. Mas como lutar *contra você*?”

Estêvão amarrota a carta e a lança no meio da rua. Não lera toda. Que diria o restante? Pergunta mentalmente. Retrocede da esquina, perturbado, curioso, apanha a missiva quase desfeita, vai lendo, aqui e ali, um trecho:

“Só me resta, eu creio, a saudade do que não existiu. Do que eu não tive. Saudade de um sonho. Saudade inútil, mas saudade...”

Pula alguns períodos, lendo no final:

“Enfim o homem é responsável por tudo que ele cativa. E você me cativou. Não se sente nem um pouquinho responsável?”

Estêvão interrompe a leitura. Passara alguém conhecido que o cumprimentara. Homem ou mulher. Não prestou atenção, tão aéreo se achava. Desta vez rasgou a carta em pedaços, sem lê-la por inteiro, jogando-a nos ares.

Antes de dobrar a esquina ainda olhou para trás. O leito da rua ficara coberto de pedacinhos de papel, de mistura com a lama, alguns em menor número na calçada, difícil de recompor, agora. O amor por Mônica, desde aquele momento, estava em pedaços como aquela mensagem. Nunca mais poderia ser refeito em sua integridade primitiva.

Novamente virou para trás, como se se despedisse de Mônica, através daqueles fragmentos de papel, expostos ao tempo. O vento se encarregou de levá-los para longe.

Na praça, a igreja mostrava-se aberta e iluminada. Estêvão entrou, tentando rezar. Seus lábios se mantinham como que petrificados. Sua mente

não encontrava os caminhos que levam à oração. Insistia, todavia. Sentia-se novamente um estranho naquela terra, um exilado, longe da pátria. Um náufrago. Para quem apelar, agora, se a sua maior amiga desaparecera?

Só lhe cabia regressar, quanto antes, a Belém... ou então, sussurra-lhe ao ouvido o Demônio: “Por que não vais atrás de Mônica? Ela te ama, a ingrata! Está provocando ciúmes. Tira-a dos braços de Salomão... Mata Salomão... Mata os dois, se for preciso. Para que queres esse revólver?” Estêvão passa a mão direita sobre a cintura, apalpa o pesado Taurus. Dera para isso ultimamente. Quase instintivamente, vez por outra, acariciava a arma, pensamentos tenebrosos revolvendo o cérebro: “Não! Não! Não!” Protesta o anjinho da guarda. “Estás louco! Não cometas pecado sobre pecado! Deixa Mônica seguir seu destino ao lado de Salomão, são dignos um do outro. Linda espera, a tua esposa, a mãe de Betinho, a de olhos grandes e negros, Linda, tua mulher... teu verdadeiro amor.” Desta vez anjinho da guarda parece ter levado vantagem.

O templo iluminado, verbo do sacerdote ecoando no vazio da alma, davam-lhe novas forças. Estêvão traduzia mentalmente as palavras do pregador: “Humilhemos, pois, as nossas almas, debaixo das mãos de Deus, em qualquer tentação ou tribulação, porque aos humildes salvará e exaltará”.

Começava a sentir-se mais leve, como se retirasse pesado fardo das costas. O destino se encarregara de decidir por ele. A figura de Monique começava a minguar em seu coração e em sua memória. Tão depressa! Como poderia a alma humana, em tão pouco tempo, passar de um sentimento a outro, de uma recordação a outra, de uma paixão a outra? Quando chegara, só Mônica dominava-lhe a alma, agora tudo mudara, rapidamente, um milagre parecia operar-se de repente. Era preciso regressar. Tinha a impressão de que voltara a ser o mesmo de dez anos atrás. Aquele momento se identificava com outro idêntico, da primeira viagem, como se o tempo não existisse. Renascia o antigo Estêvão, o que fora preso no *Santo Izidro*, conduzido pela patrulha costeira, recolhido ao Hotel de Police, agora, só agora, livre, o mesmo, que subia à tona, talvez purificado. Seria verdade, tudo aquilo, que sentia? Ou uma nova ilusão passageira? Linda o receberia? Teria grandeza suficiente para perdoar? Eram perguntas ainda sem respostas, palpitando uma a uma como pancadas do coração.

Os alegres suicidas

Estêvão abandonava Caiena como se ali nunca tivesse estado. Tornara-se subitamente uma cidade estranha, apesar de toda uma existência de peripécias e emoções. Tudo parecia tão distante, tão deserto, tão alheio à sua vida íntima! O pensamento retrocedia no tempo. Sentia-se como se acabasse de sair do xadrez do velho Hotel de Police, perto da Praça des Palmistes, onde amargara horas de tristeza e saudade, no passado. Julgava ter-se libertado da lembrança de Mônica, ao sair da igreja, mas vez por outra ela realizava incursões em sua alma. Fazia-se presente. Sem querer, se insinuava como sombra pelos desvãos do inconsciente. Balançava a cabeça procurando afastar a imagem da mulher, mas ela voltava sorrateira, quando menos esperava já estava todo concentrado na lembrança dos seus olhos (aquelas brasas), dos seus cabelos (aquele feixe negro e macio que tantas vezes envolveu o seu rosto), daqueles braços, das mãos, ela toda, inteira. A seguir vinham outras recordações más: a agressividade de Mônica, a deslealdade, sim, deslealdade que só agora se revelara. Abandoná-lo sumariamente para viver em Miami com Salomão! Razões tinha Dr. Tolentino da Paz ao dizer-lhe afrontosamente palavras, que ouvia repetidas a toda hora, como uma obsessão: “Foi ou é?” “Foi ou é?” “Foi ou é?” Palavras que ecoavam na sua alma como um coaxar noturno de sapos no pantanal: “Foi ou é?” “Sim, Mônica foi ou é amante de Salomão?” Continuara, por todos aqueles anos, amante dos dois, enganando a ambos, dizendo a Estêvão que não queria mais nada com Salomão, e afirmando a Salomão que mal conhecia Estêvão, com ele só mantinha entendimentos comerciais, contrabando, sem maiores intimidades. Controlava habilmente as presenças e ausências.

A carta de Mônica lembrava a Estêvão o bilhete de uma suicida famosa, irmã do escritor Thomas Mann. Lera-o recentemente, em uma de suas viagens (pois só tinha tempo para ler nos aviões), em que dizia amargurada: “Je

t'aime. Une fois je t'ai trompé, mais je t'aime”. Eu te amo. Eu te enganei uma vez, mas te amo... Mônica todavia não era mulher para se suicidar. Lutaria até o fim, mesmo contra a morte. Nascera para viver. Estêvão era o seu oposto. A morte às vezes o atraía inexplicavelmente. Talvez por isso muitos suicidas se mostram alegres antes do ato extremo, pensava.

Estêvão nunca vira Salomão de perto. Salomão jamais conhecera Estêvão pessoalmente. Parecia inacreditável que os dois jamais se houvessem encontrado em tantos anos. É que na verdade Salomão espacava as suas idas a Caiena, possuía muitas mulheres, uma em cada cidade. Mas se libertara de todas, queria apenas Mônica, a melhor e a maior, a inesquecível.

Uma onda de ódio invadia de vez em quando o coração de Estêvão. Amor e ódio de mistura, como poderia acontecer isso? Mais uma vez lhe aflorava ao espírito a pergunta que frequentemente formulava: — de que é feita a alma humana? De quê? Qual a substância imponderável, a essência etérea, que lhe permite assumir tantos aspectos diferentes, tantas faces, aos milhões como um caleidoscópio? Não sabia bem se alimentava amor ou ódio por Mônica, em certas horas. Era um amor ódio, ou um ódio-amor, algo parecido com sentimentos violentos, contrários, extremos, que se identificavam. Lera cerca vez um livro que o impressionara muito: *Os quatro gigantes da alma*, do psicólogo Mira y López. Os quatro gigantes da alma: o amor, o ódio, o dever, o medo. Quatro gigantes! Chegava à conclusão de que o amor possui graus de intensidade, ora é doce, ora é amargo, se identifica com as cores, com o sabor, com os sons. Assim como pode haver a música das cores, sim, o verde com uma tonalidade suave, o vermelho agressivo e brutal, o azul suavíssimo, deveria existir identidade imponderável entre o amor, as cores e sons. Linda lhe inspirava amor puro, sem sombra de rancor ou amargura, amor que às vezes se alimentava de piedade. Era uma sinfonia. Como poderia um amor azul por Linda concorrer com um amor rubro por Mônica, mais próximo este do ódio, nas suas inquietações de todas as horas? Enquanto Linda fazia-se submissa, Mônica se mostrava rebelde; Linda o chamava para a paz, a tranquilidade; Mônica o arrastava para a luta, a aventura, o desconhecido. Uma lembrava-lhe o lago de Como, azul e liso, outra o mar das Caraíbas, revolto, cheio de surpresas e redemoinhos, tempestades. Gostaria de viver a vida toda com Linda, a companheira integral. Mônica no entanto se tornara

uma necessidade, completava o seu eu refletido e seguro, balançando-o em roda a sua estrutura, como quem agita uma árvore para colher frutos. Linda todavia continha reservas imensas, de ternura, de resignação, de resistência, de bravura silenciosa, que só se revela nas horas necessárias. Mônica não conhecia resignação. Lutava mesmo as lutas perdidas, como afirmava na carta. Ah! A carta! Àquela hora onde andariam os pedacinhos de papel, arrastados pelo vento roçando a calçada dura ou de mistura com o lamaçal das ruas esburacadas! As palavras se perdiam assim, ficaram apenas sons no íntimo de Estêvão: “Lutaria *por* você, mas como lutar *contra* você?” Revelava ao menos, naquele trecho, muito amor, porquanto não lhe desejava o mal, seria incapaz de combater *contra* Estêvão, apesar de todo o fogo de sua paixão. Talvez Mônica estivesse tocada do mesmo amor-ódio que empojava Estêvão. Mas por que fizera aquilo, aquela traição, aquelas mentiras no leito: “Não *querro* mais saber de *Salomon* eu te amo, *mon amour*”? Mônica mentira anos a fio. Na presença e na ausência. De que seria capaz a alma da mulher, mentir com tanta graça, com tanta classe, como se representasse em um palco, chorando ou rindo, sem sentir nada do que dizia ou fazia? Não havia lógica naquilo tudo, refletia Estêvão. Se Mônica o traísse, não teria ido a Belém perturbar a romaria de Nazaré, o maior dia da cidade e do povo. Fora o seu amor próprio ferido, talvez, ou paixão verdadeira, ou a cartada final, como quem vacila, numa opção difícil e ingrata.

Demônio se insinua no pensamento de Estêvão e lhe pergunta à queima-roupa: “Não fizeste o mesmo, Estêvão? Estás pregando moral exigindo tudo de Mônica, quando a enganaste durante tanto tempo? Não ludibriaste também a Linda? Que história é essa, agora, de querer bancar o puritano, como uma personagem de teatro? Devias chamar-te Tartufo, isso sim... criatura de Molière. Mônica te amava e te ama ainda. Está com o amor próprio ferido. Sua fuga para Salomão é represália de leoa ferida que busca a fumaça. Vejo-a agora nos braços de outro, mas pensando em ti... Não acreditas?” “Nos braços de onero?” Indaga mentalmente Estêvão. “Sim, de outro.”

— E Linda — pergunta Estêvão ao Demônio. — Que é feito de Linda?”

— É mais uma vítima tua, coitada! Chora os dias inteiros! Fiel e pura, não seria capaz de procurar outro homem como represália, mas não duvides de

sua capacidade de reação. Se eu não fosse Diabo, mas ser humano, seria capaz de temer mais Linda do que a Mônica.

Anjinho da guarda sopra no ouvido de Estêvão: “Não leves a sério. Volta para Linda, tua esposa, mãe de teu filho santa criatura”. E depois de dar voltinhas no ar como passarinho que busca pouso: “Esquece o passado. Foge de Mônica que representa o Mal, o Demônio, o crime, tudo que é negativo na vida humana. Mônica é uma natureza negativa. Sua beleza foi criada para tentar e destruir”.

Estêvão agora queria regressar ao Brasil, à pátria. Nas outras viagens, às vezes, esquecia que possuía uma pátria, tão absorvido se achava pelos negócios, preocupações, passeios, aventuras. A pátria, para ele, no momento da dor, era como um ninho, um refúgio, um regaço materno. Sentia as mesmas impressões de dez anos atrás, quando procurara a companhia francesa de aviação, tentando passagem para voo inexistente. Agora já havia voo direto Caiena-Belém, uma vez por semana, às terças-feiras. Corria a quarta-feira, teria que aguardar seis dias. Não suportaria. Seis dias de Caiena sem Mônica! Novos voos, aviões velhos, os que estavam caindo no Brasil, sobra e sucata, só mesmo para as Guianas, pois se desabassem não se perdia grande coisa e seguro pagava. Teria que escolher outra rota, como fizera antes tantas vezes, Caiena-Bogotá-Manaus-Belém; ou Caiena-Caracas-Rio-Belém; ou ainda Caiena-Paramaribo-Miami-Belém. Não, Miami não! Faria a viagem pelo trajeto mais simples, sem necessidade de aguardar tantos dias, via Bogotá, pequena parada em Manaus para transbordo, logo estaria na sua cidade, onde era conhecido, estimado, grande senhor, industrial, magnata, banqueiro, candidato a deputado pelo partido da situação! Poderia também regressar via Caracas, consolidar o negócio do sangue, sim, a exportação de sangue humano e plasma para os hospitais de guerra. Mas as suas preocupações também cheiravam a sangue, eram mais importantes do que rodos os negócios do mundo. Mônica deixara-lhe um vácuo na vida, apesar de tudo. Seu pensamento se voltava agora para Linda, tão distante, e a ameaça do advogado, uma tempestade se formando no céu, sem que Estêvão pudesse calcular as suas proporções. Procuraria esquecer totalmente Mônica, concentrar sua atividade no banco, nas drogarias, vender as empresas de turismo, abandonar o contrabando, agora que estava rico, tirar o pé da lama

e viver vida honesta, como tantos faziam, representante do povo na Assembleia Legislativa, talvez na Câmara Federal, ou no Senado, como tudo era de prever. E os amigos, os subalternos, todos aqueles homens engajados no comércio ilícito, vivendo dele, sem outra possibilidade de mudar de rumo? Farid, Ezequiel, Salim, Alim, João, Rufino, Vidal, Tarquínio, Jaime, grandes e pequenos, todos dependendo daquela atividade? Eram homens alegres, apesar de atolados em aventuras suicidas. Alegres suicidas. E os poderosos, como Levinski, Tanderini, Levinsohn, o Chim, e tantos outros, habituados a comerciar através de Estêvão? Como desvencilhar-se daquela teia de fios internacionais, ligada a vários continentes, agora na transa mais perigosa do mundo, o tráfico de entorpecentes? Surgiam novas propostas da Bolívia, um tal Hernández de la Vega, comerciante em Santa Cruz de La Sierra, prometendo cocaína mais barata do que a heroína chinesa, transporte fácil via Mato Grosso, saída para o Brasil, com possibilidade de ser recambiada para todos os continentes, através da máquina montada, em pleno funcionamento. Havia muita gente engajada na aventura, comerciantes, políticos, enfermeiras de hospitais, até médicos. Tudo servia para transportar as drogas, desde cadáveres, até crianças ou animais de carga. Contaram-lhe a história do paraguaio que colocou camadas de folhas de coca sob a cela e montou no cavalo. O contato das folhas com o corpo do animal, o sacolejo, o suor, fizeram-no assimilar o entorpecente pela pele. Disparou como louco, dava pinotes, lançando longe o contrabandista apavorado. Atravessou a fronteira aos pulos, fazendo loucuras, para espanto dos assistentes, que nunca tinham visto um cavalo doido.

A ansiedade de Estêvão obrigava-o a submeter-se a vários transbordos. Viajar primeiro de Caiena para Paramaribo, via Air France. Depois de Paramaribo para Bogotá, pela KLM, finalmente de Bogotá para Manaus e Belém pela Varig, com transbordo. Se pudesse voaria direto. Gostaria de ter asas. Já pensara em comprar um avião pequeno. Estava nos seus planos. Mr. Levinsohn lhe sugerira isso, seria mais prático, não dependeria de companhias aéreas. E a coisa mais fácil do mundo era trazer um avião dos Estados Unidos, novo em folha, dezenas de pilotos o tentavam, voando diretamente de Houston para Caiena e desta para o sertão brasileiro. Já estava em entendimentos para a compra de uma fazenda, no centro de Goiás,

lugar de difícil acesso, fiscal passava longe, terras boas para plantar e criar, e melhores ainda para receber contrabando, a mais vantajosa profissão do mundo, em termos de lucros. Quem iria localizar a muamba lá nos cafundós do Judas? Quem descobriria, nos ares, um aviãozinho voando de Caiena para o município de São José do Piripirioca, lá onde a civilização se acaba e a selva começa? Quem? Passavam aviões a valer via Caiena com destino ao sertão homens corajosos, voando às vezes sozinhos, embora contrariando as leis que exigiam a tripulação completa. Quantas e quantas operações novas, planos novos, faziam reverter a mente de Estêvão: comprar a tal fazenda, adquirir aviões, libertar-se das empresas internacionais, ficar mais perto de São Paulo e Rio, grandes centros e não muito distantes da capital, ele que aspirava ao Senado Federal, eleição garantida para o futuro, favas contadas! Pois o Chefe já não lhe dissera abertamente: “Você dará um bom senador da República!” Daria mesmo, melhor que Incitatus, pelo menos, eis que lera na história romana, um imperador dera ao seu cavalo de estimação o título de senador. Pelo menos sabia falar, enquanto Incitatus apenas relinchava. Às vezes Estêvão confundia os nomes, não se lembrava bem se Calígula era o nome do imperador ou o do cavalo. Afinal de contas, ficava melhor, para um imperador, chamar-se Incitatus. Calígula soava melhor como apelido de alimária. Pois o eleitorado de São Paulo não descarregara duas vezes no Cacareco, num do zoológico e noutro de verdade? Estêvão já se via na tribuna do Congresso, pedindo a palavra, usando a retórica aprendida no seminário, nas aulas nada saudosas do Padre Campesino: os gestos, o uso teatral dos braços, às vezes abrindo os dois como se fosse um crucificado, às vezes apertando as mãos, ora olhando para o alto como se estivesse vendo Nosso Senhor, outras mirando o chão com humildade, embora pensando em fealdades, ou batendo no peito, com toda força: *mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa!* Haveria de fazer sucesso. Via tanto orador mixuruca nos Congressos, falando besteira com ar solene, que para ele, orador sacro, embora gorado, tudo havia de sair às mil maravilhas. E ainda dispunha de uma arma: o latim.

E agora? Que fazer diante da vida incerta? Fora-se Mônica, estava ameaçado de perder Linda. Havia de salvar a mulher, a esposa, a mãe de Betinho. Ela compreenderia, perdoaria, afinal de contas resistira a muitas tentações!

Nunca se ligara a outras criaturas! Jamais dera troco a tantas cartas recebidas, a tantas propostas, que vinham pelo correio ou pelo telefone. Resistira sempre. Mônica fora uma fatalidade, inexorável, atravessara-se em sua vida como um tufão inevitável. Fora enviada pelo Demônio para desviá-lo do caminho do bem. Outros homens, em situação idêntica, ficariam atormentados? É a indagação que de repente aflora no cérebro de Estêvão. Por que tanta sensibilidade?... Era dono do mundo com toda a imensa fortuna que conseguira amealhar, podendo escolher a mulher que desejasse em qualquer país. Demônio lhe confidenciava ao ouvido: “Se Linda não te quiser mais, levar-te-ei a Pasárgada. Lá serás rei e dormirás com a mulher que quiseres. Estás te preocupando com algumas coisas sem valor. Olha o mundo de frente e aprende a usar o dinheiro! Dinheiro!”

Estêvão recordava que deixara enorme depósito em banco americano, em plena Wall Street. Dólares, alguns milhares... Quem sabe se a América não seria a sua Pasárgada? Demônio recita baixinho, de forma que só Estêvão escutasse, os versos do grande poeta:

“Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
lá tenho a mulher que eu quero
na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada”.

Estêvão às vezes tinha a impressão de que renascia, sua alma ressurgia das ruínas como certas plantas que brotam e crescem naturalmente entre os escombros, florindo. Aprendera no seminário que o sofrimento ascendente descreve uma curva, como um perfil de montanha, em que se sobe por uma encosta e desce pela outra. Não fosse assim jamais haveria conformação. O mundo seria só desespero e dor. Em seu interior ressoa parte do coro da *Antígona* de Sófocles, que ouvira, há tempos, na Ópera de Nova Iorque:

“Muitas maravilhas haverá
No entanto nada é mais maravilhoso do que o homem!”

O homem! Feito à imagem de Deus! O homem, que renascia das cinzas, como ele esperava renascer, agora que regressava à pátria, a Linda, ao lar.

Estêvão viajava pela Air France até Paramaribo. Seu pensamento voava para Belém. Como estaria Linda? Tinha suas dúvidas quanto ao êxito daquela retirada estratégica recomendada por seu advogado. Dar tempo ao tempo. Deixar que Linda refletisse. Evitar que a ação judicial, se iniciada, prosseguisse por falta de citação. Que estaria acontecendo? Não conseguia repousar, nem dormir. Voo noturno. Teria que fazer transbordo em Suriname para avião da KLM ou da Pan American, via Bogotá. Um transtorno. Já lera todas as revistas que lhe chegaram às mãos. Tomara todos os drinques e cafés. Agora era um jornal, *Le Temps*, de Paris, uma bela reportagem a respeito do escritor Georges Simenon, vitorioso na velhice e disposto a renunciar a todas as riquezas deste mundo. Dizia Simenon: “Aos setenta e dois anos começo a pensar que ser pobre é uma virtude”. Renunciara a todas as riquezas, dizia o noticiário, vendera o Rolls-Royce, guardara todos os quadros de grandes pintores no porão e abandonara sua luxuosa residência, para habitar humilde casa nos arredores de Lausanne, na Suíça. Tivera infância de menino pobre, sofrera ao lado da mãe, enriquecera escrevendo. Satisfazia assim a vontade materna...

Estêvão permanece durante longo tempo com o jornal à sua frente, meditando nas palavras daquele homem e nas verdades que encerravam... Quanta renúncia! Demônio se insinua e pede um aparte: “Simenon não renunciou a coisa alguma. Mora numa casa pobre para esnobar, mas sabendo que se tiver uma dor de cabeça vêm os maiores médicos do mundo salvá-lo. Não tem problemas com as contas do fim do mês... Os depósitos no banco garantem-lhe até o luxo de viver na pobreza”. Solta uma gargalhada infernal e prossegue: “Eu acreditaria nisso se ele fizesse doação de todos os seus bens para um hospital, oferecesse de mão beijada os quadros para o Louvre... Mas o que ele fez? Mandou encaixotar e guardou no porão... Não deu a ninguém... Continuam sendo dele... seu patrimônio... Além disso, só morar na Suíça já é uma riqueza... Manda *ele* para o sertão do Cariri...”

O avião sacoleja, chuva, relâmpagos, copos caíam e tilintavam, uma criança despertou assustada. O avião rasgava a noite negra como se ela fosse líquida na rota Caiena-Paramaribo. Estêvão recordava a primeira viagem empreendida, por mar, com igual destino, no *Monique 1*, quanto tempo de-

corrido! Quanto! Vinha-lhe à memória todo o atribulado passado. Nova Amsterdã. O porto de Chim. O Cassino do Hotel Torarica, onde ganhara rapidamente, deixando os parceiros e o crupiê espantados. O recomeço, a ascensão, como um balão, ou melhor, como um foguete nas alturas. Agora olhava o mundo de cima para baixo. No entanto, sentia-se inseguro. Toda a fortuna amealhada não lhe trazia o fundamental: a paz da alma. Era como se não tivesse nada. Que daria para recobrar o amor de Linda? Dinheiro posição, prestígio. Ela valia mais do que tudo. Era o ancoradouro seu e em que esperava repousar, agora ameaçado pela tormenta.

Paramaribo à noite lhe parecia uma cidade de cacos. Revê o Hotel Torarica, tão seu conhecido. Não procuraria ninguém. Tantos amigos antigos, chineses, negros, americanos, homens de altos negócios. Viriam logo as propostas. Nunca mais percorrera o *bas-fond* do contrabando do Suriname. Voava agora em outros ares. Só a necessidade inelutável o obrigava a passar em trânsito por aquela cidade, a alma amargurada à espera do outro avião que julgara ser da KLM, mas à última hora surgiu um voo da Avianca, talvez extra, vindo de Nova Iorque para Bogotá, com escala em Paramaribo, e que poderia aproveitar. Larga às pressas o Hotel Torarica de madrugada, ainda havia luzes nas ruas em busca do aeroporto. Estêvão revia apressadamente, enquanto o automóvel disparava pelas ruas desertas velhos lugares seus conhecidos, onde realizara encontros no passado, no começo da atividade contrabandista: o pequeno Johnny's Hotel, na Keizerstraat, o Surinam Palace Hotel, na Oranjeplein, número 6, o Hotel Krasnapolky, no centro comercial da cidade, os restaurantes ou casas noturnas que frequentara, Javanese Restauram, na Molenpad, 92, o The Taj Mahal, na Watermolenstraat, o Palace Hotel Casino, o Paradise Inn, na Maagdenstraat, o restaurante do Chim Tjien, na rua de nome mais comprido do mundo, a Zwarzennovemberbrugsstraat, que significa Rua das Pontes Pretas de Novembro. Vida alegre, a antiga! Frequentara os cassinos do Torarica, dando-se ao luxo de hospedar-se às vezes em Safari Suites, com diárias superiores a cinquenta dólares. Gostava de permanecer até alta hora da noite no Saramaca Bar, ponto de encontro para acertos comerciais de toda ordem.

Tudo agora lhe parecia tão diferente! Tudo! Contemplava o mundo exterior de acordo com as luzes que lhe vinham do mundo interior. A mesma rua, a mesma casa, a mesma paisagem poderia parecer-lhe linda ou sem graça

de conformidade com estado d'alma do momento. Estêvão, recordando aquelas peripécias noturnas, deixa avião toma avião, mudava o ambiente, novas caras de aeromoças risonhas, quase sempre bonitinhas, expondo no corredor as graciosas minissaias e adjacências. Paramaribo ficava para trás, a cidade que lhe dera muito dinheiro a ganhar nas suas aventuras com Schlanger, Van Kraus, Ming, Peter. Holandeses, crioulos, americanos, chineses tornaram-se fregueses habituais, e à proporção que Estêvão subia na vida novos conhecimentos surgiam, em esferas mais altas. O avião da Avianca levantou voo. Estêvão tentaria dormir um pouco. As preocupações permanentes o impediam. Passaria a ler todos os jornais e revistas do avião. O *New York Herald*, o *Time*, outras publicações em inglês ou espanhol lhe eram oferecidas. Lia tudo. Numa das revistas localizou longa reportagem sobre o tráfico de entorpecentes e as medidas propostas pelo governo americano ao Congresso, o problema do abuso de drogas, *"The problem of drug abuse"*. O trecho final da mensagem, lido sofregamente, punha em realce o perigo que representava para a sociedade o tráfico de narcóticos, a sua penetração lenta nas casas, afetando a juventude e a infância, desfibrando a comunidade:

"The thrust of narcotics among our people is one which properly frightens many Americans. It comes quietly into homes and destroys children, it moves into neighborhoods and breaks the fiber of community which makes neighbors. It is a problem which demands compassion, and not simply condemnation, for those who become the victims of narcotics and dangerous drugs".

Referia a necessidade de destruir o mal, para o combate havia forças morais que necessitavam todavia de meios materiais:

"We have the moral resources to do the job. Now we need the authority and the funds to match our moral resources. I am confident that we will prevail in this struggle as we have in many others. But time is critical. Every day we lose compounds the tragedy which drugs inflict on individual Americans".

Preocupado com a leitura, Estêvão mal se apercebia que algo de anormal se passava no avião. Luz vermelha todo o tempo. Sumiram as aeromoças. Um pisca-pisca de luzes estranho e o aviso aos passageiros, que o avião retornava à base de Paramaribo, o Aeroporto Zanderij. Havia rostos apavorados, alguns estremunhados. Vários passageiros dormiam. Se o aparelho explodisse morreriam dormindo, “boa morte”, pensava Estêvão, que mesmo assim não deixou de fazer ironia mental, lembrando a anedota do Manoel da esquina: “Quando acordar está morto”. Morrer dormindo, uma delícia, talvez...

Desceram todos os passageiros. Uma hora de espera no pequeno aeroporto. Estêvão fugia das pessoas. Não queria encontrar conhecidos. Se pudesse mudaria de cara, para não ser reconhecido. A empresa, para compensar os incômodos, mandou servir verdadeiro banquete, frango assado, saladas, bebidas. Um americano já embriagado segurava uma garrafa de uísque para que o garçom não a levasse. Ingeriu-a toda. Ordem de embarque. Voltam todos para o avião, fartos daquele jantar inesperado, tão tarde da noite. Muito tempo para decolar, os transmissores do avião emitiam músicas agradáveis, uma delas, de Roberto Carlos, em castelhano, nem parecia o mesmo, só a beleza da melodia:

*“Solo ahora yo sé
Lo que aconteció
El que sabe menos las cosas
Sabe mucho más que yo...”*

Uma mocinha ao lado repetia embevecida a música de Roberto Carlos e, virando-se repentinamente para Estêvão, indaga, desinibida:

- *Usted es brasileño, señor?*
- *Si, señorita...*
- *A mi me gusta mucho la música de su país... es mui romantica... preciosa...*
- *La de Colombia también es mui bonita...* — responde Estêvão.
- *Si, señor... pero... pero yo no soy... colombiana... yo soy mejicana... de Oaxaca.*

— *La mejicana también me gusta mucho... La Bamba... Camino de Guajajuato... Cucurricucu... Cancion Mixteca... tiene movimiento... es caliente...*

A mocinha parou um pouco, virando o rosto para ouvir melhor a melodia:

*“Cuanto tiempo
De sueños perdidos
Cuanto tiempo olvidado
Es mejor ni pensar...*

*Y ahora
Mi camino es incierto
Y mi mundo es deserto...*

*.....
Pero ahora sé
Lo que sucedió...”*

— *El Brasil debia contruir un monumento a Roberto Carlos... Hace su pais conocido en todo el mundo...*

Era a segunda vez que, no exterior, escutava tal sugestão.

Ao que Estêvão completa:

— *Y otro a Pelé, por las mismas razones...*

— *Sí, como no? Los dos juntos, de manos dadas, uno negro otro blanco, ambos artistas, simbolización de la fraternidad de las razas en Brasil... ejemplo para todo el mundo...*

Estêvão vira-se para a menina-moça e indaga:

— *Que hace usted? Es estudiante o profesora...*

— *Yo soy estudiante... de psicologia... a mi me gusta la comunicaci3n, conocer personas extranjerias, hacer investigaciones con respecto a la alma humana...*

A conversa distraía um pouco Estêvão, enquanto a aeronave se mantinha em terra, logo mais se movimentou, levantando voo, agitada, como se tivesse nervos e pulmões. Estêvão não podia falar, mas pensava:

Quanta injustiça, nos julgamentos. Afirma-se que um eminente homem público brasileiro certa vez teria dito que “quem *habla* não gosta de quem *fala*”. Como aquela mocinha mexicana (carinha de asteca, com pingos de

andaluza, olhos negros vivazes, rosto redondinho), deveria haver milhares de pessoas que falavam castelhano e admiravam o Brasil, adoravam Roberto Carlos, ouviam Sérgio Mendes, Nelson Ned, Jorge Ben, torciam por Pelé nas competições com os times europeus, vibravam ante tudo o que era brasileiro! Falavam com amor. O que faltava (pensava Estêvão) era maior aproximação, propaganda. Não havia representações à altura. Certa vez levava encomenda de amigo, um livro para a biblioteca da embaixada num país da América Central. Uma ministra aconselhou-o a não deixar o livro, era melhor, já havia muito livro, tinha que registrar, uma série de dificuldades, a biblioteca estava em obras! Não existia adido cultural há vários anos. Acabou trazendo o livro de volta. Depois procurou certo adido dito cultural noutra república de língua espanhola, um nome pomposo, só nome, cheio de WW e KK, não fazia nada nem representava coisa alguma. Havia representantes que prestariam melhor serviço se não existissem. A amizade vinha de baixo, do povo. Aquela mocinha mexicana, por exemplo, olhos negros, saltitante, inteligente, era admiradora espontânea do Brasil.

O avião já está em pleno voo.

Estêvão pergunta à mocinha:

— Como é seu nome, minha filha? *Como se llama usted?*

— *Xochitl... significa flor... Xochitl Amores Reyes... el apelido...*

— *Amores?*

— *Sí, como no? Es nombre de familia... de mi padre... en nuestra casita todos son enamorados...*

Aquela conversa fora um bálsamo na alma de Estêvão. Esquecera um pouco as preocupações... O destino aproximava e afastava as pessoas de maneira estranha. O acaso constrói mais do que a disciplina e a reflexão, pensou Estêvão. Ah, o acaso! Toda a vida da humanidade foi construída pelo acaso. O acaso permitiu que se descobrissem leis naturais como a da gravidade... Deve-se ao acaso a descoberta de medicamentos como a penicilina... um simples bolor... por acaso se descobriram continentes... se realizam invenções... Há uma inteligência no acaso... Pensa Estêvão, se fosse escritor escreveria um livro: *A inteligência do acaso...* Por isso talvez é que os muçulmanos são fatalistas... O acaso edifica mais do que roda a força dirigida. Naturalmente. Aproxima os homens e as nações. Cria o amor. O acaso levava Estêvão a Caiena e lhe fizera conhecer Mônica. Toda a sua vida

se orientara em função de uma parcela de segundo... o que Stefan Zweig chamava “momentos decisivos da humanidade”... obra do acaso!

Todavia, a ocasião não era para filosofar. Estêvão se via em um avião da Avianca, rota Paramaribo-Bogotá, com um redemoinho de ventos lá fora e um outro, de sentimentos contraditórios, corroendo-lhe a alma: intranquilidade, ansiedade, amor, ódio, saudade, tristeza, tudo de mistura, com uma pausa apenas de sossego, proporcionado pela mexicanita de Oaxaca, flor e amores no nome. Xochitl, nomezinho indígena, anterior à destruição de Cortez, *el monstro*. Xochitl, nome que nunca ouvira em sua vida, tão singelo, e ao mesmo tempo tão expressivo, bem de acordo com a sua portadora, a mocinha *mignon*, mimosa, olhos negríssimos.

Voltara a tranquilidade aos passageiros, tão bem atendidos, o retorno do ar fora medida de precaução, por motivo técnico, muito comum nos voos, explicava o comandante. Antes prevenir que remediar. Bogotá. As montanhas. O verde. Saudade do verde-esmeralda da Colômbia, que enchia os olhos de Estêvão, menos, no entanto, do que o verde puro das suas esmaldas. Necessitava de aguardar voo para Manaus, no dia seguinte. Hotel Tequendama, maravilha que Estêvão não poderia desfrutar com aquela amargura que lhe dominava a alma. Xochitl se despedira com euforia, como se já fossem velhos conhecidos, estalando um beijo no rosto de Estêvão, deu endereço e telefone em Oaxaca. Queria revê-lo, *bueno amigo!* Estêvão prometeu-lhe enviar uns discos de Roberto Carlos, especialmente aquele que ela indicara, cantando baixinho:

*“Yo quiero apenas mirar el campo
Yo quiero apenas cantar mi canto
Solo non quiero cantar aflicto
Yo quiero un coro de pajarito
Quiero tener un millón de amigos
Y bién más fuerte poder cantar...”*

Em poucos momentos Xochitl passara a ser uma das mais suaves recordações de sua vida.



Quantas vezes Estêvão regressara, por vários itinerários, pelo mar e pelo ar! Quantas! Todos os caminhos traziam à pátria. Dezenas, ou centenas, em rotas variadas, nas incursões iniciais pelas Guianas e Caribe, via marítima. Começara de barco, enfrentando as ondas e a corrente marinha terrível na costa norte da América do Sul, que arrasta as embarcações rumo ao golfo do México. Caiena, St. Laurent, Sinnamary, Nova Amsterdã, Paramaribo, Georgetown, Curaçau, Port of Spain, Barbados, Martinica, Barranquilla, Veracruz, Panamá, Las Bahamas, aquele mundo de cidades continentais ou de ilhas estava vívido em sua lembrança. Possuía amigos e conhecidos em todas aquelas localidades. Depois passara para o avião, viagens intermináveis, conhecendo numerosas rotas, novas ou velhas — via Lima, Caracas, Bogotá, La Paz, Panamá, Colón, São José de Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Acapulco, Miami, Tampa, Nova Orleans, São Francisco, Los Angeles, Las Vegas, Nova Iorque —, nas viagens comerciais, sem contar os voos à Europa, estes mais a passeio do que por interesse. O contrabando possuía pontos de apoio nas Américas, pontos nevrálgicos, como La Paz, Santa Cruz de la Sierra, Caracas, Bogotá, México, Miami e as Guianas. Com o tempo, o que parecia difícil e complexo tornava-se fácil. Quantas viagens realizara nem sequer podia calcular! Mônica guardava muitos bilhetes usados. Uma gaveta cheia. Linda, por sua vez, colecionava capas das passagens, que Estêvão trazia nos bolsos, sem preocupação de esconder. Uma cesta de vime repleta. E de todas as companhias, grandes e pequenas, desde a Pan-Am e a TWA até a Viasa e Avianca ou uma da Guatemala, cujo nome tentara recordar qualquer coisa terminado em *teca*. Só não fora a Cuba passar ao largo com medo de ser agarrado e fuzilado.

Sua área de ação se estendia mais pela Bolívia, Venezuela, Colômbia, México e Guianas. Através do México se comunicava com o Oriente. Receava



o Paraguai, não pelo país em si, porta aberta ao comércio de entorpecentes, mas pelos concorrentes. Gente feroz. Uma *gang* de traficantes capazes de tudo não deixariam Estêvão penetrar em seus domínios. Respeitava também Santa Cruz de la Sierra, base de outra quadrilha que, através do Brasil, transferia cocaína para os Estados Unidos. Vira, certa vez em Cochabamba, fardos enormes de folhas de coca vendidos à luz do dia, como quem vende couve no mercado. O povo se habituara, desde o tempo dos incas, a mascar as folhas da coca. Espantavam a fome, sentiam alívios de dores, dormiam melhor, embora o organismo se debilitasse progressivamente. Povo do interior subnutrido amarelo-escuro, indiferente, fatalista, a cocaína circulando nas veias há séculos, de geração em geração.

Estêvão se tornara o instrumento da penetração de entorpecentes em grandes áreas de sua própria pátria. Por isso, poucas vezes se lembrava dela, da pátria, e quando essa palavra lhe subia do inconsciente para o consciente, sentia o remorso de um filho que magoasse a própria mãe. Pátria! Dela se recordava raramente, só na hora de amarguras, de dor, como aquela, que estava vivendo, na longa viagem de Bogotá a Manaus e Belém. Olhava a cerra embaixo. Não era terra. Um tapete espesso de mataria qual veludo verde se estendia a perder de vista. Vez por outra o rasgão de um rio recurvo, cortando a selva em fatias. Aquele chão verde-oliva era um pedaço da pátria. Deserto. Um habitante por vários quilômetros quadrados em certos trechos, noutros nenhum. Algumas cidades com a concentração doentia de gente empurrada pela mata, com medo de entrar. Canoas às vezes se viam do alto, pontos ou linhas negras circulando nos rios, parecendo veias do corpo imenso. E canoas com nomes festivos: *Esperança, Nova Vida, Flor do Camará, Bela Vista*. População subalimentada, enfraquecida pelo rigor do clima, a alimentação deficiente, a falta de recursos. Por cima o céu às vezes totalmente branco, um ou outro ponto azul, como se tivesse vergonha de se mostrar, se encobria para não ver o cenário de miséria que se desdobrava embaixo. A chuva lambia o dorso do avião como se quisesse devorá-lo, principalmente na altura de Óbidos, local de muita turbulência, as mães abraçadas aos filhos pequenos, algumas mulheres rezando em voz alta, homens de olhos fechados, rezando talvez, ou pedindo a Deus que chegasse logo a destino a aeronave suspensa nos ares. Estêvão novamente pensava no

acaso. O acaso poderia fazer mudar o destino de todos aqueles passageiros. Bastava cair o avião. Um que perdera o voo, com imprecações e nomes feios na boca, dando murros no ar quando recebesse a notícia do acidente, em vez de chorar de dor choraria de alegria. Fora Nossa Senhora que o salvara! Um jovem que sentara junto a uma desconhecida já se fizera íntimo, parecia a Estêvão que até se beijavam. Daí poderia surgir romance, companheirismo ou casamento. Uma família tranquila para o futuro. Também poderiam ocorrer tiros, bofetadas, mortes, se um deles já tivesse compromisso. Não, não podia ser, a moça era muito jovem, bonita, ares de estudante de economia, sorriso largo, olhos brejeiros, amaciava a mão do rapaz, bem-trajado, gravata vistosa, pasta James Bond ao lado, com aparência de vendedor comercial ou bacharel recém-formado. Nem sequer notavam que Estêvão os observava desde o início da viagem. Ela sentara primeiro. Ele viera depois. Perguntara se o lugar estava ocupado, pedira licença, sentara, olhara o relógio de pulso, ao que a moça indagou as horas. Dali surgiu o diálogo, depois a intimidade, mais logo era como se fossem recém-casados. Não pareciam casados, pois se acarinhavam muito. Ela trazia uma aliança na mão direita. “Noiva”, julgou Estêvão, se é que ainda valem os símbolos convencionais. Devia ser noiva, jovem ainda e tão bonita. Mas aquele sabidão que agora beijava a sua mão e a testa, de vez em quando, não poderia ser o noivo. Conhecido talvez. Não, não podia ser. Ele indagara se o banco estava ocupado, pedira licença. Estêvão ouvira bem quando perguntou o nome da companheira de viagem: “Milene Barnard”, respondeu ela revirando os olhos. Ao que o rapagão, logo mais, aproveitara para dizer-lhe que “gostaria de dar-lhe *milênios* de beijos”. “*Milênios*, não, *milhares*”, emendou ela. Ouvindo de pronto a resposta: “Para Milene, só milênios, milhares não tem poesia”. Galanteador, o maroto. Estêvão se lembrou de Xochitl, e da música de sua admiração: *Yo quiero tener “millones”* de amigos, e seu pensamento começou a variar no tempo e no espaço, fixando-se em futilidades, em nonadas da vida. Estêvão parado, olhos fechados, era como se estivesse morto. Seu cérebro, todavia, funcionava intensamente. Demônio e anjo da guarda representavam nele como num palco. Saía brincadeira, anedota, molecagem, briga, desgraça, tudo. Por isso, vez por outra, Estêvão ria sozinho. Os que estavam perto julgavam tratar-se de algum doido. Por que rir assim? É que Estêvão se deliciava com

o teatro que assistia na ribalta íntima, cheia de muita graça... e *de graça*, sem pagar entrada. Fora assim quando se lembrou da música de Roberto Carlos, cantada na Argentina, com sotaque portenho. Malícias do Diabo, sempre em luta com o Anjo Custódio, persistente. Depois voltava ao sério. Recordava a sua querida cidade, a mulher, o filho, mil interesses gravitando em torno de sua vida: empregados, correligionários, aderentes, gente de toda espécie e de toda categoria, tendo-o como apoio. A sua desgraça seria a desgraça de centenas de pessoas, muitas engajadas na atividade ilícita, outras, no entanto, servidoras de boa fé em empresas legalmente organizadas.

Seus devaneios foram cortados pelo ruído da aterrissagem.

A chegada a Belém, de tarde. Aeroporto de Val-de-Cães pouco movimentado. Estêvão viu bem quando Milene desceu apressada, saindo pela porta lateral, estava sendo esperada por um moço claro e baixo, barba negra, boa presença. Assistiu ao abraço, muito apertado, com beijos seguidos nos lábios. Um, dois, três, quatro... Ainda ouviu quando ela, entre um beijo e outro, exclamava: “Quanta saudade! Quanta saudade!” Devia ser o noivo, calculou Estêvão. O latagão do avião, cara de vendedor comercial, sumira. Talvez viajasse só com a maleta de mão, não possuía bagagem. “Quanta saudade! Quanta saudade!”.

O motorista já esperava Estêvão, o carro luzidio à disposição. Geraldo se mostrava apreensivo, a cara amarrada, falando pouco, não querendo dar notícia ruim a Estêvão.

- Como vão as coisas? — indaga Estêvão.
- Vai tudo como Deus quer... — responde o chofer, habilmente.
- E lá por casa?
- Sei não, doutor. Sei não. Senhor vai já para lá...

O carro deslizava pelo asfalto rapidamente. Passara a primeira chuva da tarde. Deveria desabar a segunda. Estêvão revia aquela paisagem tão sua, mas era como se fosse um estranho. A vista de outras terras, outras gentes, como que retirava a visão local. Toda vez que chegava surpreendia-se com uma novidade, uma construção nova, uma rua asphaltada, um desabamento, um incêndio, um crime, um escândalo, o trânsito revirado, com delegado querendo apresentar serviço para cobrar multas e comprar fazendas de gado em Paragominas.

— Há novo rebuliço no trânsito — explica Geraldo. — Mudaram várias mãos.

— É sempre assim. Todo delegado que entra muda as mãos do trânsito para dar a impressão de que está trabalhando. O anterior já fez o mesmo.

— Agora *tem* aí um técnico que veio do Sul. Vão pagar alguns milhões. Está fazendo o que qualquer um daqui faria melhor. Enche a cidade de gelo baiano, coloca sinais novos, muda as mãos e multa todo mundo.

Uma grande aglomeração impedia o trânsito na Avenida Antônio Tavernard.

— Que é isso? — indaga Estêvão.

— É enterro... Foi um crime horrível... o rapaz matou a própria mãe... Estava emacanhado... Matou com tesoura...

O povo se acumulava em plena rua. Maior número de mulheres, solidárias com a vítima, coitada.

— Quando foi isso? — indaga Estêvão.

— Ontem... o jornal de hoje dá todo o noticiário... O moço era viciado em entorpecentes... Teve acesso de loucura e matou a própria mãe... Só sendo louco... Mãe não é coisa que se mate... O pobrezinho é irresponsável... Tenho até pena...

— Como sabem que tomava entorpecentes?

— Os legistas fizeram exame... Fumava maconha... Tomava cocaína... O moço estivera internado várias vezes... Fugiu do sanatório para matar a mãe... está no presídio.

— Isso está errado. Se é louco não se põe no presídio, mas no manicômio.

Estêvão escutava as palavras do motorista, parecendo-lhe punhaladas. Ele fora talvez responsável por aquele crime, por centenas de crimes semelhantes ocorridos em todo o país ultimamente... filhos matando mães... irmãos ferindo irmãos... homens eliminando mulheres... mulheres matando homens... em São Paulo, no Rio, em Brasília, por todo o lado, crimes hediondos como jamais haviam acontecido no país mais bonito do mundo, Terra de Santa Cruz, “onde a brisa fala amores”... Que horror! Estêvão parecia escutar vozes que o acusavam. Anjinho da guarda, fiel até o fim, tentando afastá-lo daquela vida; Demônio gargalhando, convencendo: “Tem nada não! Isso é assim mesmo! O moço pelo menos teve alguns momentos de prazer. Fugiu

da realidade. O que é melhor, viver a vida real, dura, ou sonhar?... sonhar?... sonhar?..." Estêvão se lembrava de Balbino, naufrago do Carnapijó, bem mais feliz, embora sem riquezas. Invejava Balbino! Trocaria a sua vida pela dele, se pudesse. Mas era tarde demais. Penetrara muito fundo no caminho do crime e da perdição.

A imagem de Balbino estava sempre presente na sua memória, em dois momentos decisivos da vida: quando naufragara, sendo o último a abandonar a embarcação; quando recusara convites para ingressar no contrabando. Homem de aço, digno de inveja! Formando os filhos. Crescendo dentro da lei e dos bons princípios. Era mais feliz que Estêvão.

A pouco e pouco o motorista conseguiu vencer a multidão. O enterro ainda não saíra e o povo se acumulava em frente à modesta morada. Velhas choravam, como se fossem irmãs da vítima. Vários correligionários identificaram Estêvão, fazendo-lhe saudações com os braços para o alto, a alegria nos olhos. Alegria de eleitor, diferente de todas as alegrias do mundo.

Estêvão respondia os cumprimentos, forçando um sorriso. Seu pensamento se fixava no drama daquele jovem, vítima da cocaína. Algumas gramas apenas. Calculava mentalmente o número de vítimas que poderia ter feito até aquele momento. Avaliava em quilos, às centenas, talvez toneladas, o que já introduzira no país, por várias vias, terrestres, marítimas e aéreas, de combinação com Levinsohn, Levinski, Crakowiasky, Tanderini, Padovano e outros sócios em vários pontos do país e do mundo. Como sair daquele desfiladeiro? Como retornar às origens? Gostaria de regressar no tempo, viver novamente o drama do naufrágio do Carnapijó, ver-se em pleno oceano sobre a boia, morrer, sim, morrer, seria melhor. Antes morrer na aurora, em pleno mar, avistando embora a embarcação salvadora, o *Florence*. Pecer, para não passar por tantas peripécias desagradáveis, o remorso remoendo a alma, como um câncer secreto, "invisível chaga cancerosa". Relembrava as aulas do seminário. O padre Giscard de dedo em riste ameaçando com o purgatório e o inferno. Os trechos bíblicos que decorara. A leitura da *Imitação de Cristo* e os princípios da teologia, que a pouco e pouco se esfumaram nos campos da memória, quais fogos-fátuos no pantanal.

Por que não morrera na aurora em vez de decompor-se em vida, durante tantos anos, lentamente? O automóvel deixa a Avenida Antônio Tavernard,

entra pela Avenida Santa Helena na Magno, depois passa pela Rua José Veríssimo, até atingir a Travessa Inglês de Souza e finalmente penetrar na Avenida dos Cabanas.

Estêvão se mostrava ansioso por chegar em casa, a bela casa, o jardim florido (um largo *flamboyant* que Linda plantara com suas mãos), duas entradas para automóveis, estilo colonial mexicano, construída a capricho, mansão digna de um magnata, futuro representante do povo, talvez pai da pátria. O motorista permanecia reservado, só respondendo às perguntas que lhe eram formuladas. Estaciona o carro e pressuroso faz a volta pela frente, abrindo a porta traseira, para que Estêvão descesse, com ligeira inclinação de cabeça, o boné na mão esquerda.

— Bom dia, Dr. Estêvão. Vou recolher o automóvel. Seja feliz — murmura Geraldo. Acompanha longamente com os olhos o patrão, que abre o portão principal, atravessa o jardim e penetra na casa, silenciosamente.

Logo na antessala Estêvão chama aflito:

— Linda! Linda!

Nada responde ao seu apelo. Penetra no salão, tudo em seus lugares, mas um silêncio de chumbo pesa sobre as coisas:

— Linda! Linda! — repete.

Apressa o passo. Sala de jantar. No alto o relógio parado: marcava dezoito horas.

— Linda! Linda!

Aumenta cada vez mais o tom da voz, quase corre, penetra na biblioteca, depois sobe a escada, procura o amplo quarto de dormir, a seguir o de Betinho. Ninguém. Ao canto um monte de brinquedos do filho, enorme urso de molas, presente antigo, os braços abertos, parecia chamá-lo, oferecendo-lhe o único amplexo de boas-vindas. Desce para o primeiro piso, a cozinha deserta, apenas o passarinho pulando na gaiola, talvez com sede e fome; as *terraces* vazias. Silêncio total. Estêvão contempla todo aquele luxo. Tapetes persas, vasos de porcelana oriental, pratarias sobre os móveis, cristais, quadros de pintores famosos (comprados em leilões de raridades), tudo aquilo lhe parecia sem nenhum sentido, sem qualquer valor, sem alma. Exaspera-se e grita:

— LINDA! BETINHO!

Pela larga porta divisa o jardim, as flores quase roçando a vidraça, como se quisessem penetrar na casa para socorrê-lo. As flores. Tantas! Roseiras que Linda plantara, enchendo o tempo nas ausências de Estêvão. Tudo parecia morto, menos as flores, vermelhas, róseas, brancas, de variados tons. Só elas eram um sinal de vida naquele universo de tristeza e desolação.

Estêvão sobe novamente e penetra mais uma vez no quarto. Já sem esperança clama desesperado:

— L-I-N-D-A!

As duas mãos cobrem o rosto. Era como se de dentro de sua alma se desatasse uma catarata incontrolável. Repetia para si próprio, desvairado, os dois nomes: “Linda! Betinho! Betinho! Linda!”. Senta na cama para não cair.

Sobre o armário contemplava-o a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, presente de Mr. Levinsohn, que ninguém imaginava contivesse trezentas gramas de heroína. Estêvão a enxergava mal, através da vista turva. Sobre a mesa de cabeceira, percebe um jornal. Datado de poucos dias. O *Rebate*. O seu retrato em primeira página. A manchete terrível:

“AÇÃO DE DESQUITE CONTRA ESTEVÃO DA CONCEIÇÃO, MAGNATA DO CONTRABANDO”.

E o subtítulo:

“A esposa pediu separação de corpos, já decretada pelo juiz. Ausentou-se do estado, autorizada pelo magistrado”.

Estêvão não pensava sequer em orar. Como poderia fazê-lo naquele estado, a alma desvairada, o olhar inquieto, sem qualquer poder de concentração? Como?

A imagem da santa não lhe despertou interesse pela prece. Aprendera no seminário a atingir verdadeiros estados de êxtase. As orações matinais. As meditações, tudo o que dispusera a uma outra vida, que não se sentia capaz de reconquistar.

Sabia que em seu íntimo havia um verdadeiro castelo luminoso, qual imenso diamante, mas para atingi-lo teria que passar por sete estágios,

desde a oração *vocal*, a *mental*, a oração *recolhimento*, a oração *quietude*, a oração de *união*, a de *deslumbramento*, a da *unificação* com Deus. O êxtase. Nem todos os seres humanos são capazes de compreender essa ascensão lenta, disciplinada, gradual, através de sete fases diferentes, como se realizasse uma viagem longa ao centro da própria alma. No último estágio, o sétimo, o êxtase, só alcançado pelos dotados, os santos, os puros. Santo Tomás, em levitação, São Francisco falando ao Crucificado foram exemplos.

Estêvão não estava em condições, sequer, de tentar o segundo estágio, o da prece mental, caminho da divindade. Não sabia mais orar, anjinho da guarda não encontrava mais forças para enfrentar a batalha com o Demônio, vitorioso.

Anoitecia. Recomeçara intensa chuva, lá fora, perturbando o frescor das flores de Linda. As biqueiras passavam a despejar água, muita água sobre as *terraces* e o jardim. Relâmpagos vez por outra rasgavam o negrume. O ruído dos trovões se multiplicava, dando a impressão de que brincavam no céu, correndo de um lugar para outro, para pavor dos cães e das crianças.

Tilinta o telefone. Estêvão vacila. Deve atender? Não, não deve. Talvez fosse Linda, sim, Linda, deveria ser Linda... Segura nervosamente e fala:

— Alô, quem é?

— Um seu amigo... jornalista... que não pode revelar o nome...

— Que deseja? Fala!... fala!...

— Uma entrevista... tenho informação reservada... O *Rebate* mandou a Caiena dois jornalistas e um fotógrafo... Tem documentário terrível contra o senhor... contrabando de entorpecentes... quer denunciá-lo à federal. Vai destruí-lo, na vida privada e na pública... adeus candidatura...

— Quem está falando? — indaga Estêvão, nervoso... — Quem é? Quem é?

— Não posso dizer... sou do *Rebate*, também... Possuo duas cartas de um tal Levinski sobre contrabando de pedras preciosas e cocaína... endereçadas ao senhor... fui a Caiena... as fotos estão comigo... posso destruir tudo e conseguir que a reportagem não saia... mas custa dinheiro... só um milhão... isso não é nada para o senhor... tenho que dividir com outros...

Estêvão escuta desesperado a notícia daquela nova chantagem... O fone colado ao ouvido, nada consegue dizer, de momento... A voz prossegue, do outro lado:

— Seu chefe me perseguiu, Dr. Estêvão... fui preso e humilhado pelo Delegado Carlindo... na guerra é como na guerra... Dou-lhe duas horas para pensar... telefonarei mais tarde... pega ou larga, tá? Pergunte ao seu advogado quantos anos de cadeia dá contrabando de drogas...

— ????

— Tem ainda um *porém*: nada de pagamento em cheques... dinheiro vivo, no local que eu indicar... Trocarei os originais e negativos pela gaita... um milhão!... Vou dar-lhe um conselho: não pense muito... senão vai se arrepender...

Estêvão desliga bruscamente o telefone. Aquela voz não lhe era estranha. Parecia a de Jaime. Chantagem, sempre chantagem... dinheiro, sempre dinheiro... Golpe sobre golpe... Dia aziago... primeiro o enterro da mulher assassinada pelo filho viciado em entorpecentes, agora aquele aviso torpe e o pior de todos os sofrimentos: a ausência de Linda, a casa deserta, como se fora imenso mausoléu! Sim, um mausoléu de luxo, agora, a bela casa de Estêvão, morada da morte. Levanta. Toma nas mãos a imagem da Santa de Guadalupe e com ela percorre mais uma vez a casa, gritando sempre, no escuro, ora tropeçando nas cadeiras, ora esbarrando na mesa e no enorme piano: Linda! Betinho! Betinho! Linda!... Penetra na cozinha. Aquela imagem presente de Levinsohn em Acapulco, talvez lhe trouxesse a almejada paz. Que fazer da vida, agora? Perdera Linda, perdera Betinho, Mônica se fora, a traidora, os amigos em breve se afastariam. “Para que viver?”, soprava-lhe o Demônio aos ouvidos: “Para que viver assim nesse mundo louco? Antes morrer...”

Mr. Levinsohn lhe ensinara o segredo para retirar a heroína. Torce a parte superior da imagem, fazendo pressão para baixo. Pula fora a cabeça, impulsionada por pequena mola, e cai ao chão, os olhos brilhantes da santa fixos em Estêvão como quem implora. Lindos olhos azuis, cheios de suavidade.

No dia seguinte, bem cedo, no lusco-fusco da aurora, pequenos jornaleiros gritavam pelas ruas, acordando a população estremunhada e surpresa: “Leiam o *Rebate*, o *Rebate*, o *Rebate*, a morte do rei do contrabando! Suicídio! Suicídio”; “leiam o *Radical*, morreu o amigo dos pobres”; “*Folha do Povo* e a morte do milionário”.

Cada jornal narrava o acontecido à sua maneira. O *Radical* estampava enorme retrato de Estêvão, na primeira página, dizendo benevolmente ter falecido de colapso cardíaco, quando regressara de longa viagem, exausto. O *Rebate*, na folha policial, colocara fotografias de Estêvão, Linda e Betinho e uma caricatura de Mônica, com a notícia terrível: “*Suicidou-se o rei do contrabando. Abandonado pela esposa, eliminou a vida*”. A *Folha do Povo* noticiava o evento, sem maiores comentários, exaltando a capacidade de trabalho e de organização industrial de Estêvão, matéria paga.

A Avenida dos Cabanas bem cedo começou a encher de gente, vinda de todos os lados da cidade. Pareciam fantasmas. Todos queriam ver, despedir-se talvez, acompanhar o enterro. Correligionários aflitos, velhas desgrednhadas dos subúrbios. Algumas choravam e falavam em voz alta:

— Foi um santo...

— Era tão bom, Dr. Estêvão... A casa que tenho devo a ele... ajudava os pobres...

— Um pai para mim... — dizia outra... — me dava remédio de graça... salvou meu filho...

— Deus leva logo os bons... se fosse mau morreria de velho...

Comissões da Assembleia e Câmara, de entidades de classe da indústria e comércio; banqueiros, comerciantes, industriais, políticos, professores, advogados, médicos, engenheiros, sacerdotes se fizeram presentes.

Um dos maiores enterros da história local, dizia o *Radical* do dia seguinte.

Cobria o ataúde vistosa bandeira vermelha e branca.

Balbino compareceu, com toda a família, silencioso, sereno, os olhos vermelhos, segurou em uma alça do caixão, levando o antigo companheiro de naufrágio do Carnapijó ao último destino. Do outro lado, o Chefe, muito calado, também solidário com o poderoso correligionário que desaparecia. Quebrava-se um esteio do partido.

Na Praça de Nazaré, perto da basílica, ao passar o cortejo, milhares de andorinhas levantaram voo dos galhos das mangueiras, dos fios elétricos, da torre da igreja, como se fosse a última homenagem da natureza àquele que não soubera viver, nem morrer.

As viúvas de Pedro, Carmelo e Jacinto não compareceram.

Qual o ser humano capaz (em condições) de julgar Estêvão?

O autor e sua obra

Realista, talvez se dissesse melhor naturalista, Silvio Meira se filia àquela corrente literária do quase documento, em que a variedade e universalidade de informação servem como fundamento da criação literária. E a leitura de “Os naufragos do Carnapijó” nos arrasta para o convívio com um submundo violento, predatório, sem escrúpulo, marcado por uma ousadia e uma ambição quase sem limites; é uma parcela social de que no resto do Brasil só se tem uma notícia muito ténue — mas assim mesmo suficiente para se poder aquilatar o interesse e a realidade do depoimento oferecido pelo romancista.

Silvio Augusto de Bastos Meira nasceu em Belém do Pará, a 14 de maio de 1919. Descendente de antiga e tradicional família do norte brasileiro, formou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Pará, em 1942, onde atuaria também como professor e catedrático na cadeira de direito romano. Fez diversos cursos de aperfeiçoamento no exterior, foi membro da Sociedade Brasileira de Romanistas e do Conselho Consultivo da revista “Romanistas”, elegendo-se deputado pelo Pará por duas oportunidades.

Autor de diversos trabalhos sobre legislação e direito romano, Silvio Meira trocou os escritos jurídicos pela ficção, voltando-se para os problemas da Amazônia brasileira com seus livros iniciais “A conquista do rio Amazonas”, “A Epopeia do Acre” e “O Ouro de Jamanxim”, menção honrosa no concurso do Instituto Nacional do Livro, em 1972.

Premiado também pela Academia Brasileira de Letras e pelo governo da República Federal da Alemanha pelas traduções diretas de “Guilherme Tell”, de Schiller, e “Fausto”, de Goethe, prossegue na linha do romance regional com “Os naufragos do Carnapijó”, definindo com propriedade o interior da região norte-nordeste do país, onde, segundo ele, “ficção e realidade valorizam-se mutuamente, concorrendo para a solução dos diversos problemas em bases estritamente humanas e realistas”.

Secretaria de Editoração e Publicações

Rafael André Vaz Chervenski
Diretor

Luiz Carlos da Costa
Coordenador-Geral

Ricardo Abril Marinho
Assessor Técnico

Rodrigo César de Melo Barbosa
Gestor de Atendimento

Tatiana Nassif Derze
Coordenadora de Pré-Impressão

André Said de Lavor
Coordenador de Impressão

André Luiz Rodrigues Santana
Coordenador de Acabamento e Expedição

Aloysio de Britto Vieira
Coordenador de Edições Técnicas

Márcio de Holanda Meireles Viana
Gestor de Produção



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Sílvio Meira foi um dos primeiros escritores brasileiros a dar voz literária à Amazônia profunda, longe dos estereótipos exóticos ou idealizados. Sua escrita nasce do chão da floresta e das histórias silenciadas dos que nela vivem e resistem. Advogado, professor, jornalista e romancista, Meira dedicou sua obra a iluminar conflitos sociais, ambientais e humanos esquecidos pelo centro do país. Com *Os Náufragos do Carnapijó*, ele construiu um romance de rara força narrativa, que expõe, com lirismo e crueza, os dilemas de uma região marcada pela cobiça e pela luta por sobrevivência. Ao lado de *O Ouro do Jamanxim* e *Os Balateiros do Maicuru*, este livro integra a Trilogia de Romances Amazônicos, conjunto premiado que marcou a literatura brasileira com sua densidade ética e literária. Mais que um retrato do passado, esta obra nos lança ao presente — um presente em que a Amazônia ainda arde e precisa ser ouvida. Meira nos convida, com lucidez e beleza, a não desviar os olhos.

A TRILOGIA DE ROMANCES AMAZÔNICOS DE SILVIO MEIRA

Silvio Meira, com sua escrita profundamente enraizada na realidade amazônica, nos presenteia com a Trilogia de Romances Amazônicos, composta por *O Ouro do Jamanxin*, *Os Náufragos do Carnapijô* e *Os Balateiros do Maicuru*. Cada obra oferece uma janela única para o universo amazônico, destacando as riquezas, os desafios e as histórias humanas que emergem desse cenário de beleza e contrastes. Esses três romances formam um conjunto literário indispensável, que dialoga com questões contemporâneas relativas à preservação da Amazônia e aos impactos da exploração sobre as comunidades locais. A trilogia se consolida como um marco na literatura brasileira, lembrando-nos da urgência de proteger tanto os recursos naturais quanto as histórias humanas que moldam essa região única.

SILVIO MEIRA: Professor catedrático e emérito da Universidade Federal do Pará. Membro-fundador da Academia Brasileira de Letras Jurídicas (ABLJ). Laureado com o Prêmio Machado de Assis (ABL), o Prêmio Teixeira de Freitas (IAB) e o Prêmio Pontes de Miranda (ABLJ). Condecorado com a Medalha “Verdienstkreuz”, em 1ª classe, da República Federal da Alemanha, e com o Diploma “Ami de Paris”, do Conselho Municipal de Paris. Além de jurista, jurisconsulto e advogado.

Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: livraria.senado.leg.br



SENADO FEDERAL

